VENCEDOR DO PRÊMIO PULITZER DE BIOGRAFIA

intrínseca



O PAPA E MUSSOLINI

A conexão secreta entre Pio XI e a ascensão do fascismo na Europa

DAVID I. KERTZER

leLivros

DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

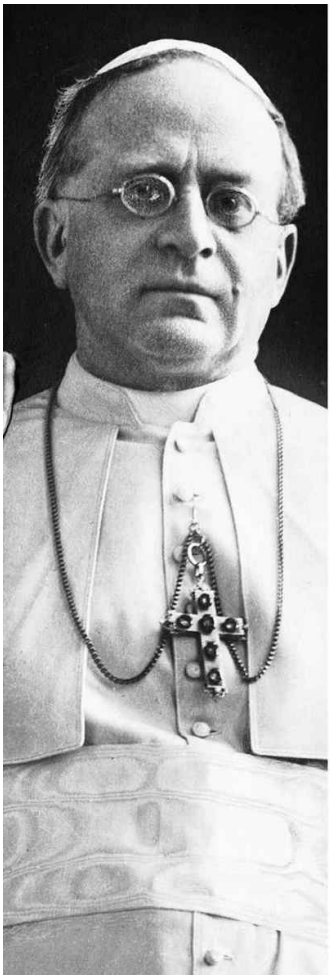
SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMINIO PUBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

"QUANDO O MUNDO ESTIVER UNIDO NA BUSCA DO CONHECIMENTO, E NÃO MAIS LUTANDO POR DINHEIRO E PODER, ENTÃO NOSSA SOCIEDADE PODERÁ ENFIM EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."

---

leLivros





DAVID I. KERTZER

O papa e Mussolini

A conexão secreta entre Pio XI e a ascensão do fascismo na Europa

TRADUÇÃO DE BERILO VARGAS

intrínseca

Copyright © 2014 by David I. Kertzer

TÍTULO ORIGINAL
The Pope and Mussolini

PREPARAÇÃO
Carolina Rodrigues
Nina Lua

REVISÃO
Rayana Faria
Juliana Pitanga

ARTE DE CAPA
Andrea Geremia

FOTO DE CAPA
© Jeffrey Barry/Flickr/Getty Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

REVISÃO DE E-BOOK
Marina Góes
Manuela Brandão

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0010-6

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA. Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Para os três Ursos
Sam, Jack e Charlie
nipotini straordinari
De seu Zaide

SUMÁRIO

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Elenco de personagens
Lista de publicações e organizações
Mapas

PRÓLOGO

PARTE UM

O PAPA E O DITADOR

1. **Um novo papa**
2. **A marcha sobre Roma**
3. **O abraço fatal**
4. **Nascido para comandar**
5. **Levantar-se do túmulo**
6. **A ditadura**
7. **Assassinos, pederastas e espiões**
8. **O pacto**

PARTE DOIS

INIMIGOS EM COMUM

9. **O salvador**

10. **Comer uma alcachofra**
11. **A volta do filho nativo**
12. **O cardeal Pacelli aguenta firme**
13. **Mussolini tem sempre razão**
14. **O inimigo protestante e os judeus**
15. **Hitler, Mussolini e o papa**
16. **Atravessando a fronteira**
17. **Inimigos em comum**
18. **Sonhos de glória**

PARTE TRÊS

MUSSOLINI, HITLER E OS JUDEUS

19. **Ataque a Hitler**
20. **Viva Il Duce!**
21. **Hitler em Roma**
22. **Uma missão surpreendente**
23. **O acordo secreto**
24. **As leis raciais**
25. **A batalha final**
26. **Fé no rei**
27. **Uma morte conveniente**
28. **Uma nuvem negra se dissipa**
29. **Rumo ao desastre**

Epílogo

Nota do autor
Agradecimentos
Notas
Referências
Créditos das imagens
Sobre o autor
Leia também

ELENCO DE PERSONAGENS

BALBO, ITALO (1896-1940) Intrépido e galante chefe fascista da cidade de Ferrara, Balbo foi um dos líderes da Marcha sobre Roma, de 1922. O presidente Roosevelt condecorou-o com a Cruz Voadora por Serviços Relevantes, em 1933, por ter encabeçado uma expedição de vinte e quatro hidroaviões aos Estados Unidos. As proezas aéreas que lhe granjearam popularidade dos dois lados do Atlântico deixavam Mussolini enciumado.

PAPA BENTO XV (GIACOMO DELLA CHIESA) (1854-1922) Nascido numa família aristocrática de Gênova, Giacomo Della Chiesa tornou-se arcebispo de Bolonha em 1913. Apesar da aparência nada papal, foi eleito sucessor de Pio X em 1914. Desmontou a feroz cruzada antimodernista e a força de espionagem clerical de seu antecessor, mas não teve êxito em seus esforços para desempenhar um papel eficaz de pacificador durante a Grande Guerra e após seu término.

BAUDRILLART, ALFRED (1859-1942) Erudito católico e reitor da Universidade Católica de Paris durante muitos anos, Baudrillart foi nomeado bispo em 1921 e cardeal em 1935. Mantinha um diário precioso e se preocupava com as intrigas em torno do adoentado papa Pio XI enquanto Mussolini consolidava sua aliança com Hitler.

BORGONGINI-DUCA, FRANCESCO (1884-1954) Nascido em Roma, Borgongini foi nomeado, em 1921, secretário da Congregação de Assuntos Eclesiásticos Extraordinários, um dos dois cargos de comando da Secretaria de Estado da Santa Sé. Cuidava de assuntos internacionais, apesar de jamais ter morado fora de Roma. Em 1929, Pio XI o nomeou o primeiro núncio apostólico, ou embaixador, da Santa Sé na Itália, cargo que ocuparia por mais de duas décadas. Devoto e desinteressado das coisas mundanas, Borgongini era alvo irresistível das provocações de Mussolini.

BUFFARINI GUIDI, GUIDO (1895-1945) Eleito prefeito fascista de Pisa em 1923, aos vinte e oito anos, Buffarini assumiu o cargo de subsecretário de Assuntos Internos de Mussolini dez anos depois, tornando-se responsável pela política nacional. Gordo, intimidador e corrupto, tornou-se ainda mais poderoso no fim dos anos 1930, deixando Mussolini livre para se dedicar à ampliação do seu recém-adquirido império italiano.

CACCIA DOMINIONI, CAMILLO (1877-1946) Nomeado prefeito da casa pontifícia de Bento XV, em 1921, Caccia tinha conhecido Achille Ratti no começo do século, quando ele e o futuro papa

estavam em Milão. Foi mantido no cargo por Pio XI e era encarregado de organizar a programação diária do papa e determinar quem seria recebido por ele, por isso estava ao lado do pontífice todos os dias. Caccia tinha um terrível segredo, amplamente conhecido no Vaticano e na polícia fascista, que o ameaçava lançar em desgraça.

CERRETTI, BONAVENTURA (1872-1933) Um dos principais diplomatas do Vaticano, Cerretti tornou-se núncio papal na França quando Pio XI o nomeou cardeal, em 1926. Contrário à parceria do papa com Mussolini, ficou ainda mais furioso quando Pio XI passou por cima dele e nomeou um rival seu para a Secretaria de Estado, em 1930.

CIANO, GALEAZZO (1930-1944) Filho de um ministro do governo, Ciano se casou com a filha mais velha de Mussolini, Edda, em 1930. Autodeclarado mulherengo, profundamente antipatizado pela mulher de Mussolini, logo se tornou o príncipe-herdeiro do sogro, para desespero dos outros líderes fascistas. Depois que Ciano serviu brevemente como ministro de Imprensa e Propaganda, Mussolini estarreceu o mundo diplomático ao nomeá-lo ministro das Relações Exteriores, em 1936.

COUGHLIN, CHARLES (1891-1979) Nascido e ordenado padre no Canadá, Coughlin usou sua paróquia em Detroit para transmitir um programa de rádio que chegava a dezenas de milhões de americanos nos anos 1930. De início partidário de Franklin Roosevelt e da reforma social, deu uma violenta guinada para a direita, acusando o presidente americano de ser agente comunista. Defensor da cruzada de Hitler contra os judeus, Coughlin vivia também ansioso para prestar serviços ao ditador italiano.

DE VECCHI, CESARE (1884-1959) Monarquista de Turim, De Vecchi foi um dos quatro líderes da Marcha sobre Roma. Serviu como primeiro embaixador da Itália na Santa Sé, de 1929 a 1935. Arrogante, mesquinho, burro e facilmente reconhecido por seu bizarro bigode, era alvo de muitas zombarias, até mesmo da parte de Mussolini. Embora De Vecchi fosse vítima de muitos ataques de cólera de Pio XI, o papa acabou demonstrando certa afeição por ele.

GASPARRI, PIETRO (1852-1934) Filho de uma família pobre de pastores das montanhas da região central da Itália, Gasparri tornou-se erudito em direito canônico e um dos mais influentes diplomatas do Vaticano. Como secretário de Estado, primeiro do papa Bento XV e depois de Pio XI, o baixo e roliço Gasparri disfarçava seu senso político afiado com uma fachada de bom humor sociável.

GÖRING, HERMANN (1893-1946) Um dos líderes nazistas mais próximos de Hitler, fundou a Gestapo e ocupou muitos cargos de governo na Alemanha nazista. De início, Mussolini o julgava um lunático sem grande importância.

GRANDI, DINO (1895-1988) Subsecretário do Interior e, depois, de 1929 a 1932, ministro das Relações Exteriores de Mussolini. Com seu cavanhaque, Grandi integrava de início o grupo dos fascistas mais radicais. Mas a vida de embaixador italiano em Londres (1932-1939) lhe cairia bem, afetando sua opinião sobre o crescente entusiasmo de Mussolini pela Alemanha nazista.

HITLER, ADOLF (1889-1945) Durante anos Hitler conservou um imenso busto do seu grande herói, Benito Mussolini, em seu escritório em Munique. Depois que se tornou chanceler alemão, em janeiro de 1933, buscou se aproximar do Vaticano numa tentativa de conquistar o apoio dos católicos. Apesar de vê-lo com desconfiança, o papa foi, a princípio, estimulado por sua resoluta postura anticomunista.

LEDÓCHOWSKI, WŁODZIMIERZ (1866-1942) Filho de conde polonês e sobrinho de cardeal, em 1915 Ledóchowski foi eleito superior geral — chefe mundial — da Companhia de Jesus, cargo que exerceria até sua morte, vinte e sete anos depois. Virulento antissemita com um fraco pelo fascismo, era um homem a quem Mussolini procurava para pedir ajuda.

MONTINI, GIOVANNI (1897-1978) Como padre, ingressou em 1922 na Secretaria de Estado, onde trabalhou durante anos. Em 1933, Pio XI o demitiu do cargo cumulativo de capelão da organização universitária Ação Católica da Itália, mas o convocou em 1937 para ser um dos seus subsecretários de Estado. Em 1963, Montini subiria ao trono de São Pedro como papa Paulo VI.

MUNDELEIN, GEORGE (1872-1939) Nomeado arcebispo de Chicago em 1915 e cardeal em 1924, Mundelein presidiu uma Igreja Católica em expansão e tornou-se amigo e partidário político de Franklin Roosevelt. Seu ataque verbal a Adolf Hitler em 1937 deixou o Führer furioso.

MUSSOLINI, ARNALDO (1885-1931) Depois de crescer dividindo uma cama de palha de milho com Benito, Arnaldo se tornou editor do jornal do irmão mais velho, *Il Popolo d'Italia*, em 1922, quando Mussolini assumiu o cargo de primeiro-ministro. Benito lhe telefonava todas as noites para conversar sobre a edição do dia seguinte e qualquer outro assunto em que estivesse pensando. Arnaldo — que, diferentemente do irmão, considerava-se católico devoto — era a única pessoa em quem Mussolini confiava sem reservas.

MUSSOLINI, BENITO (1883-1945) Nascido em uma família modesta numa pequena cidade da Romanha, o centro do anarquismo e do socialismo italianos, Mussolini tornou-se um dos mais destacados socialistas radicais do país nos primeiros anos do século XX. Em 1912, foi nomeado editor nacional do jornal *Avanti*!, pertencente ao Partido Socialista e sediado em Milão. A Grande Guerra o levou a romper com os socialistas, estabelecendo o movimento fascista em 1919. Inicialmente feroz adversário da Igreja Católica, reconheceu que negociar com o Vaticano traria benefícios para suas ambições políticas.

MUSSOLINI, EDDA (1910-1995) Edda era a filha mais velha — e favorita — de Mussolini. Voluntariosa, impetuosa e temperamental, gostava de andar a cavalo e dirigir carros velozes. Era muito parecida com o pai. Sossegou um pouco em 1930, ao se casar com Galeazzo Ciano.

MUSSOLINI, RACHELE (1890-1979) Nascida numa família de camponeses pobres que viviam perto dos Mussolini, abandonou a escola aos oito anos e foi trabalhar como criada. Benito se sentiu atraído pela moça loura de olhos azuis, cuja mãe fora amante do pai dele. Descrita por sua filha Edda como "o verdadeiro ditador da família", a obstinada e semianalfabeta Rachele nunca se

sentiu à vontade entre pessoas ricas e bem relacionadas, e também nunca abandonaria sua profunda aversão à Igreja e aos padres.

ORSENIGO, CESARE (1873-1946) Homem de inteligência limitada e com uma visão de mundo ainda mais restrita, Orsenigo era padre em Milão quando Pio XI o nomeou núncio na Holanda, em 1922, e depois na Hungria, em 1925. Ao designá-lo para substituir Eugenio Pacelli como núncio na Alemanha, em 1930, o papa ignorou homens muito mais qualificados do corpo diplomático da Santa Sé.

PACELLI, EUGENIO (1876-1958) Frágil, porém muito inteligente, filho de uma família romana estreitamente associada aos papas por gerações, Pacelli ingressou na Secretaria de Estado da Santa Sé logo após ser ordenado. Enviado como núncio papal para Munique, em 1917, e depois para Berlim, morou doze anos na Alemanha. Pio XI o chamou a Roma em 1929 para se tornar cardeal e, no começo de 1930, designou-o para substituir Pietro Gasparri como secretário de Estado. Pacelli, cauteloso e de fala mansa, e Pio XI, autoritário e temperamental, desenvolveram uma relação curiosa. Com a morte do papa, em 1939, Pacelli foi eleito para o posto, adotando o nome de Pio XII.

PACELLI, FRANCESCO (1872-1935) Irmão mais velho de Eugenio, Francesco Pacelli seguiu os passos do pai, tornando-se um dos mais proeminentes advogados do Vaticano. Pio XI procurou-o em 1926 para conduzir negociações secretas com o governo fascista, visando acabar com o estado de hostilidade que existia entre a Santa Sé e a Itália desde a fundação do país, em 1861.

PETACCI, CLARA (1912-1945) Filha de um médico do Vaticano, Clara, mulher atraente, de olhos verdes e cabelo ondulado, tinha vinte e quatro anos quando começou a ter um caso com Mussolini, então com cinquenta e três anos. Vivia cada dia à espera da ligação que a chamaria para o ninho de amor do casal no escritório dele no palácio Venezia, no centro de Roma. As milhares de páginas dos seus diários oferecem preciosas informações que ajudam a compreender Mussolini.

PIGNATTI, BONIFACIO (1877-1957) Filho de conde e conceituado diplomata de carreira, Pignatti era embaixador da Itália na França quando substituiu Cesare de Vecchi como embaixador na Santa Sé, em 1935. Como quase todos os membros do corpo diplomático italiano pré-fascista, Pignatti não pensou duas vezes antes de fazer a transição para servir à ditadura de Mussolini.

PAPA PIO XI (ACHILLE RATTI) (1857-1939) Filho de um supervisor de uma fábrica de seda em uma pequena cidade ao norte de Milão, Ratti decidiu, ainda criança, que seria padre. Nomeado professor do Grande Seminário de Milão aos vinte e cinco anos, logo assumiu um cargo na famosa Biblioteca Ambrosiana de Milão, da qual se tornaria diretor. Em 1914, foi nomeado prefeito da Biblioteca do Vaticano, cargo que supunha ser o último que ocuparia na vida. Mas, de modo inesperado, Bento XV o escolheu, em 1918, para ser seu enviado à Polônia, onde ele presenciou a invasão do Exército Vermelho na esteira da Revolução Russa e desenvolveu um desprezo pelo comunismo que duraria até o fim da vida. Chamado de volta a Roma em 1921, foi nomeado cardeal e arcebispo de Milão. Mal assumira o cargo quando, depois da morte de Bento, os colegas cardeais o elegeram papa na décima quarta votação, em fevereiro de 1922.

PAPA PIO XII (ver Eugenio Pacelli)

PIZZARDO, GIUSEPPE (1877-1970) Nascido perto de Gênova, Pizzardo ingressou na Secretaria de Estado da Santa Sé logo depois de se ordenar. Saiu de Roma por apenas três anos (1909-1912), para servir na nunciatura (embaixada) do Vaticano em Munique. Nomeado secretário de Estado suplente em 1921, assumiu o lugar de Borgongini como secretário de Assuntos Eclesiásticos em 1929, cargo que exerceu até ser nomeado cardeal, em 1937. De 1923 até que o novo papa, Pio XII, o substituísse, em 1939, foi também capelão nacional da Ação Católica italiana, o que o colocava com frequência na mira da ala anticlerical do movimento fascista. Pizzardo era um dos favoritos de Pio XI, mas impopular entre muitos no Vaticano, que atribuíam seu poder de influência ao acesso que tinha ao dinheiro dos católicos americanos.

RATTI, ACHILLE (ver papa Pio XI)

ROSA, ENRICO, S. J. (1870-1938) Membro desde 1905 do grupo editorial que publicava a revista quinzenal jesuíta *La Civiltà Cattolica*, amplamente tida como a voz não oficial do Vaticano. Rosa se tornou diretor da publicação em 1915. Conselheiro íntimo de Pio XI, foi chamado pelo papa para explicar a posição da Igreja com relação aos judeus. Seguindo instruções do Vaticano, Rosa, apesar de a princípio ser hostil ao fascismo, acabou usando as páginas de sua revista para advertir os católicos que não deveriam abandonar o ditador.

SARFATTI, MARGHERITA (1880-1961) Nascida numa rica família judia de Veneza, desenvolveu uma paixão pela literatura e pelas artes. Casada aos dezoito anos com um advogado judeu, mudou-se com o marido para Milão, onde ela se envolveu com o movimento socialista e conheceu Mussolini, ainda recém-chegado à cidade. Quando Mussolini voltou da guerra, em 1917, os dois se tornaram inseparáveis. Mussolini não só era amante de Margherita, como também buscava seus conselhos. Pelo fim dos anos 1920, ela começou a perder seu poder de sedução.

SPELLMAN, FRANCIS (1889-1967) Filho de imigrantes irlandeses de Massachusetts, em 1925 tornou-se o primeiro padre americano a servir na Secretaria de Estado da Santa Sé. Ali se aproximou de Francesco Borgongini e, mais tarde, fez amizade com Eugenio Pacelli. Foi nomeado arcebispo de Nova York em 1939.

STARACE, ACHILLE (1889-1945) Um dos poucos líderes fascistas provenientes do sul da Itália, Starace tornou-se diretor nacional do Partido Fascista italiano em 1931. Mestre do mau gosto, desprovido de inteligência e sem qualquer vestígio de sofisticação, o bajulador Starace elevaria o culto à personalidade de Mussolini a um nível assustador.

TACCHI VENTURI, PIETRO, S. J. (1861-1956) Nascido numa próspera família da região central da Itália, Tacchi Venturi preparou-se para o sacerdócio em Roma, onde ingressou na ordem jesuíta. No começo de 1923, Pio XI e Mussolini decidiram que precisavam de um mensageiro secreto e o escolheram para a posição. Durante os dezesseis anos seguintes, ele teve mais de cem encontros privados com Mussolini, a quem transmitia os pedidos do papa.

TARDINI, DOMENICO (1881-1961) Pertencente ao clero romano, passaria boa parte de sua vida adulta na Secretaria de Estado da Santa Sé, onde ingressou em 1921. Nomeado subsecretário de Assuntos Eclesiásticos em 1929 sob o comando de Pizzardo, tornou-se secretário de Estado suplente em 1935 e, em 1937, assumiu o cargo de secretário de Assuntos Eclesiásticos. Moderado, não atribuía a culpa pelos atritos com o regime fascista a Mussolini, mas sim aos anticlericais que o cercavam.

VÍTOR EMANUEL III (1869-1947) Em 1900, aos trinta anos, tornou-se rei da Itália depois que o pai foi assassinado, mas nunca se sentiu à vontade como monarca. Alvo de muita zombaria por sua baixa estatura, era inteligente e bem informado, porém fraco. Duas vezes por semana Mussolini botava a cartola para ir ver o rei no palácio do Quirinal, em Roma, e obter a indispensável assinatura real para as novas leis. Vítor Emanuel sempre fazia suas vontades. Embora a união dos dois se desse por conveniência, o turbulento Mussolini e o diminuto monarca acabaram encontrando um ponto de convergência. Acima de tudo, compartilhavam uma visão sombria da humanidade e uma antipatia visceral pelo clero.

LISTA DE PUBLICAÇÕES E ORGANIZAÇÕES

Publicações

L'AVVENIRE D'ITALIA Fundado no fim do século XIX em Bolonha com a bênção do papa Leão XIII, *L'Avvenire d'Italia* foi o único jornal nacional verdadeiramente católico durante o fascismo.

LA CIVILTÀ CATTOLICA Editada por uma cooperativa de jesuítas italianos, a revista foi fundada em 1850 a pedido do papa Pio IX logo que o pontífice voltou ao poder em Roma após a revolução de 1848-1849. O diretor da publicação era designado pelo papa. Antes do lançamento de cada número — duas vezes por mês —, as provas eram revisadas e aprovadas pela Secretaria de Estado da Santa Sé. No mundo católico, a revista era lida como a expressão das opiniões do papa sobre as questões do momento.

L'OSSERVATORE ROMANO O jornal diário do Vaticano. Foi publicado pela primeira vez em 1861 como parte dos esforços para defender os territórios papais que haviam restado do recém-formado reino da Itália. Embora a publicação fosse supervisionada de perto pelo papa, o fato de *L'Osservatore Romano* não ser formalmente o órgão oficial do Vaticano funcionava como um artifício para negar suas afirmações. Depois que Mussolini consolidou sua ditadura, em meados dos anos 1920, o jornal passou a ser o único da Itália não sujeito à censura fascista. Apesar disso, quando artigos que Mussolini reprovava eram publicados, exemplares vendidos fora dos muros do Vaticano eram passíveis de confisco. *L'Osservatore Romano* cumpria a missão de jornal semioficial do Vaticano ao noticiar os mais notáveis encontros e comentários do papa e divulgar as atividades da Igreja no mundo inteiro. Já a revista *La Civiltà Cattolica* combinava análises bem mais extensas das questões políticas com resenhas regulares de livros e um resumo dos principais acontecimentos italianos e internacionais de interesse da Igreja.

IL POPOLO D'ITALIA Benito Mussolini fundou o jornal diário em Milão logo após ser expulso do Partido Socialista, em 1914. Cinco anos depois, ele usaria *Il Popolo d'Italia* como veículo para lançar o movimento fascista. Quando se tornou primeiro-ministro, em 1922, Mussolini passou a

direção editorial para o irmão Arnaldo. Em 1931, com a morte de Arnaldo, seu filho, Vito, tornou-se editor.

Organizações

AÇÃO CATÓLICA Criada por Pio X em 1905 como uma estrutura para organizar o laicismo católico, nos anos 1920 a organização tinha grupos separados na Itália para homens e mulheres, meninos e meninas e estudantes universitários. Com um diretor laico nacional designado pelo papa e um supervisor eclesiástico no Vaticano, a Ação Católica italiana era organizada tanto no nível das dioceses quanto no das paróquias. Mussolini via a organização com desconfiança, pois ela era o único grupo de filiação em massa no país que não estava sob seu controle. Pio XI, conhecido como o "papa da Ação Católica", considerava-a essencial para seus esforços de cristianização da sociedade italiana.

PARTIDO FASCISTA Fundado em 1921, o Partito Nazionale Fascista (PNF) foi idealizado por Benito Mussolini. Quando transformou o que tinha sido um movimento político informal e uma coleção de bandos violentos em partido político, Mussolini abandonou as raízes anticlericais e antimonárquicas do movimento fascista inicial e deu uma clara guinada para a direita. Durante os primeiros anos no poder, ele lutaria para impor disciplina aos chefes fascistas locais. Em 1928, o PNF tornou-se o único partido político legal da Itália.

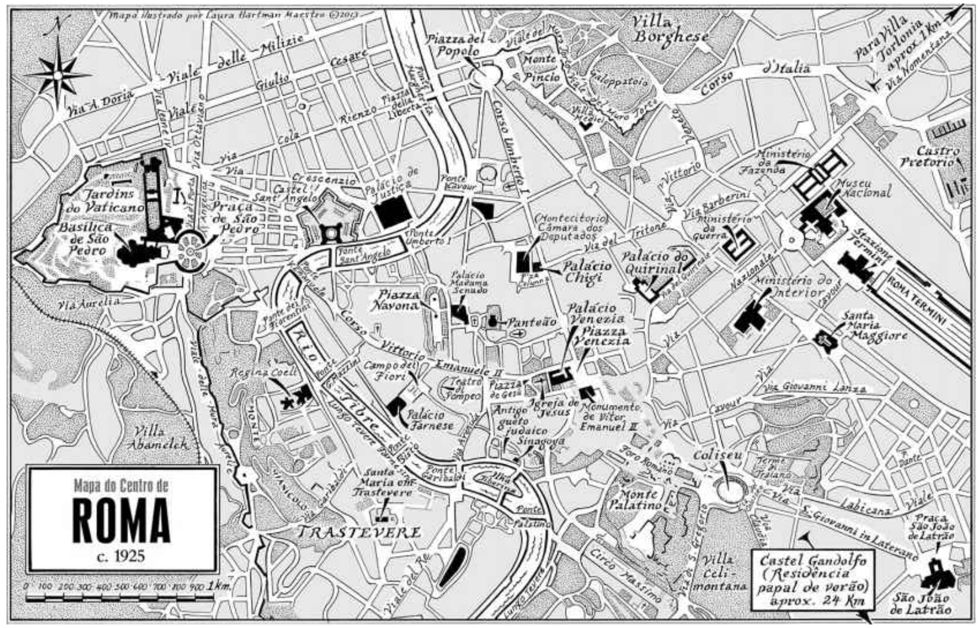
SANTO OFÍCIO Também conhecido como Inquisição Romana, teve sua origem em 1542, como a Congregação da Sacra, Romana e Universal Inquisição, fundada pelo papa Paulo III e destinada inicialmente a combater a Reforma Protestante. Em 1908, mudou de nome para Santo Ofício (Sant'Uffizio). Encabeçado pelo papa, consistia de um grupo de cardeais auxiliados por uma miscelânea de prelados. Seu secretário, um cardeal, tinha encontros regulares com o papa para discutir os casos que lhe eram apresentados. A missão do Santo Ofício era impor a ortodoxia doutrinária e erradicar a heresia.

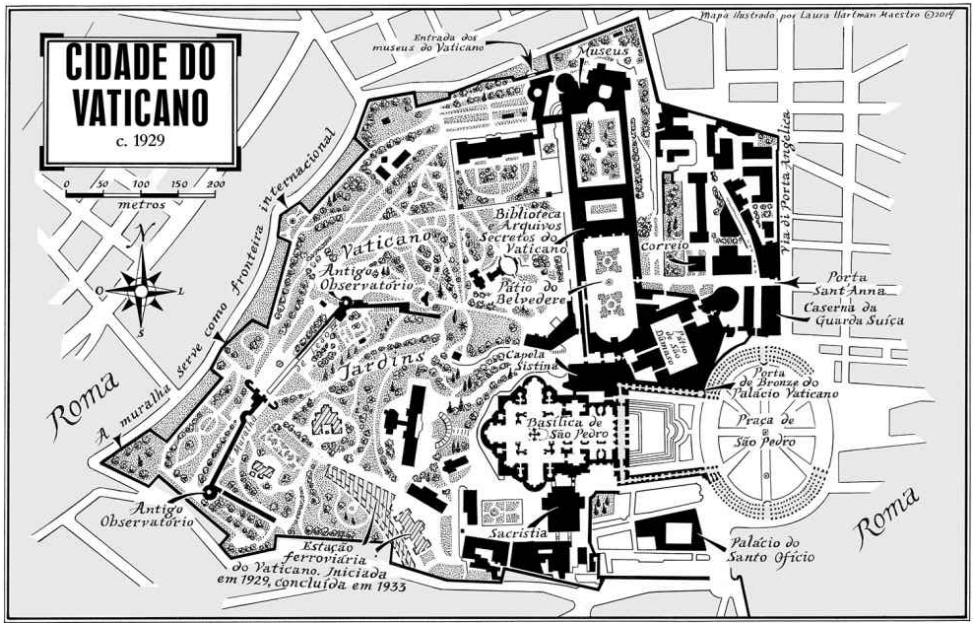
OPERA NAZIONALE BALILLA A ONB, ou Organização Nacional da Juventude, foi fundada em 1926 para integrar os jovens da Itália nos termos da nova ideologia fascista. Era dividida em dois grupos etários, separados por sexo. Os meninos mais novos (8-13 anos) eram conhecidos como Balilla e os mais velhos (14-18), como Avanguardisti. Os respectivos grupos femininos eram chamados de Pequenas Italianas e Jovens Italianas. Os grupos da juventude fascista ameaçavam enfraquecer as organizações da juventude católica e, depois da criação da ONB, o governo dispersou os Escoteiros Católicos. Entretanto, foi estabelecida uma vasta rede de padres para que todos os grupos locais da juventude fascista tivessem um capelão católico, de modo a serem guiados rumo à adoração religiosa enquanto eram submetidos à doutrinação fascista e ao treinamento paramilitar.

PARTIDO POPULAR O Partito Popolare Italiano (PPI) foi fundado em 1919 pelo padre siciliano Luigi Sturzo, com a aprovação do papa Bento XV, como um partido político católico. Nas

eleições parlamentares de 1921, o PPI elegeu mais de vinte por cento dos deputados. Era um dos principais obstáculos à imposição de uma ditadura fascista, mas ficou enfraquecido quando Pio XI deixou claro que apoiaria Mussolini. Foi disperso em novembro de 1926, embora Mussolini nunca deixasse de suspeitar que elementos do PPI estivessem tentando se reorganizar secretamente na Ação Católica.

PARTIDO SOCIALISTA Fundado em 1892, o Partido Socialista italiano viria a dominar a esquerda na Itália, com mais força no norte e no centro do país. Formada por uma ala reformista e outra que defendia a revolução — Benito Mussolini foi um dos líderes desta última —, a organização se dividiu em 1912, quando houve um expurgo dos reformistas. O partido teve seu ponto alto nas eleições parlamentares de 1919, obtendo quase um terço dos votos e conquistando o controle de muitas cidades, tanto grandes quanto pequenas. Em 1921, uma facção dissidente saiu e formou o Partido Comunista. No ano seguinte, o partido sofreu outro racha, quando a ala reformista formou o Partido Socialista Unido. Em 1924, seu líder, Giacomo Matteotti, foi assassinado por rufiões fascistas liderados por um ítalo-americano. Em 1926, Mussolini baniu o Partido Socialista e seus diversos rebentos.


Mapa do Centro de
ROMA
c. 1925
Mapa ilustrado por Laura Hartman Maestro ©2013
Villa Borghese
Piazza del Popolo
Monte Pincio
Corso d'Italia
Para Villa Torlonia aprox. 1 Km
Via Nomentana
Castro Pretorio
Ministério da Fazenda
Museu Nacional
Stazione Termini
ROMA TERMINI
Ministério do Interior
Santa Maria Maggiore
Via Giovanni Lanza
Palácio do Quirinal
Ministério da Guerra
Via Barberini
Palácio Chigi
(Montecitorio) Câmara dos Deputados
Corso Umberto I
Ponte Cavour
Palácio de Justiça
Castel Sant'Angelo
Ponte Sant'Angelo
Ponte Umberto I
Piazza Navona
Palácio Madama Senado
Panteão
Palácio Venezia
Piazza Venezia
Monumento de Vítor Emanuel II
Igreja de Jesus
Antigo gueto judaico
Sinagoga
Campo dei Fiori
Teatro di Pompeo
Palácio Farnese
Corso Vittorio Emanuele II
Rio Tibre
Regina Coeli
Santa Maria em Trastevere
TRASTEVERE
Villa Abamelek
Via Aurelia
Jardins do Vaticano
Basílica de São Pedro
Praça de São Pedro
Viale delle Milizie
Via A. Doria
Coliseu
Monte Palatino
Circo Massimo
Villa Celimontana
Castel Gandolfo (Residência papal de verão) aprox. 24 Km
Praça São João de Latrão
São João de Latrão
Via S. Giovanni in Laterano
Labicana
Cavour
0 100 200 300 400 500 600 700 800 900 1 km


CIDADE DO VATICANO
c. 1929
0 50 100 150 200
metros
Mapa ilustrado por Laura Hartman Maestro ©2014
Entrada dos museus do Vaticano
Museus
Via di Porta Angelica
Biblioteca
Arquivos Secretos do Vaticano
Correio
Vaticano
Antigo Observatório
Pátio do Belvedere
Porta Sant'Anna
Caserna da Guarda Suíça
Jardins
Capela Sistina
Porta de Bronze do Palácio Vaticano
Roma
A muralha serve como fronteira internacional
Basílica de São Pedro
Praça de São Pedro
Antigo Observatório
Sacristia
Palácio do Santo Ofício
Roma
Estação ferroviária do Vaticano. Iniciada em 1929, concluída em 1933

PRÓLOGO

ROMA, 1939

Doente, idoso e com problemas de insuficiência cardíaca que quase o haviam matado no ano anterior, o papa Pio XI suplicava a Deus que lhe desse mais alguns dias de vida. Trajando sua túnica branca, sentou-se à mesa no escritório no terceiro andar do Vaticano, com uma bengala encostada na parede mais próxima. Em um dos lados, estavam a bússola e o barômetro enferrujados que usava para escalar os mais altos picos da Itália, lembranças de um passado longínquo. Um velho diapasão permanecia na gaveta. Muitos anos haviam se passado desde a última vez que o tirara dali. Orgulhoso de sua voz melodiosa e receoso de perder o senso de afinação, treinava sempre que podia, mas só quando tinha certeza de que ninguém o ouvia. Nesse momento, sabendo que o fim estava próximo, examinou todas as gavetas para se certificar de que os documentos estavam em ordem.

Durante anos o papa gozara de boa saúde, impressionando os observadores com sua árdua rotina. Fazia questão de se inteirar dos assuntos do Vaticano nos mínimos detalhes e de decidir pessoalmente todas as questões que tivessem alguma importância. Agora cada dia era um desafio, cada passo causava dor. À noite, incapaz de dormir, ficava acordado na cama, com as pernas latejando por conta das veias varicosas,

a asma transformando a respiração numa luta, e, o que era pior, incomodado com um sentimento de que algo dera terrivelmente errado.

Durante o dia, a claridade jorrava em seu escritório pelas três janelas que davam para a praça de São Pedro. Mas já era noite, e a pequena lâmpada de cabeceira lançava uma luz amarelada sobre os lençóis à sua frente. O Senhor o mantinha vivo por alguma razão, pensava ele. Ele era o vigário de Deus na terra. Não poderia morrer antes de dizer o que precisava ser dito.

O papa convocara todos os bispos da Itália a Roma para ouvir sua derradeira mensagem. O encontro estava marcado para 11 de fevereiro de 1939, dali a uma semana e meia, na basílica de São Pedro. Era a comemoração do décimo aniversário do Tratado de Latrão, o histórico acordo que Pio XI firmara com o ditador da Itália, Mussolini, encerrando uma década de hostilidade entre o governo do país e a Igreja Católica Romana. Com esse tratado, a separação entre a Igreja e o Estado, que marcara a Itália moderna desde a sua fundação, sessenta e oito anos antes, tinha chegado ao fim. Uma nova era começara, com a Igreja como parceira solícita do governo fascista de Mussolini.

Dezessete anos antes, em 1922, Achille Ratti, recém-nomeado cardeal, fora surpreendentemente escolhido para suceder o papa Bento XV, adotando o nome de Pio XI. Ainda naquele ano, em meio à violência generalizada, Benito Mussolini, o líder fascista de trinta e nove anos, tornou-se primeiro-ministro da Itália. Desde então os dois homens passaram a depender um do outro. O ditador precisava do papa para assegurar o apoio católico ao seu regime, dando-lhe a legitimidade moral de que tanto necessitava, e o papa contava com Mussolini para ajudá-lo a restaurar o poder da Igreja na Itália. Agora, com a pena na mão, relembrando todos aqueles anos, Pio sentia um arrependimento profundo. Ele se deixara desencaminhar. Mussolini parecia achar que era um deus e aceitara com entusiasmo Hitler, um homem que o papa desprezava por ter enfraquecido a Igreja na Alemanha e patrocinado uma religião pagã pessoal. A dolorosa cena que Roma testemunhara na

primavera anterior ainda o incomodava: um mar de bandeiras nazistas vermelhas e negras inundara a cidade quando o Führer alemão passara pelas ruas históricas numa procissão triunfal.

Dois meses depois da visita de Hitler, Mussolini chocou o mundo ao proclamar que os italianos eram uma raça pura, superior. Apesar de viverem em Roma desde antes da época de Jesus, os judeus passaram a ser oficialmente considerados um povo estrangeiro pernicioso. O papa ficou horrorizado. Por que, perguntou ele numa audiência pública, o líder da Itália ansiava tanto por imitar o Führer? A pergunta deixou Mussolini furioso, pois nada o chateava mais do que ser chamado de fantoche de Hitler. Os homens do círculo íntimo de Pio XI correram para reparar o dano. Mais à vontade com os regimes autoritários do que com as democracias e temerosos de perderem os muitos privilégios que Mussolini havia assegurado à Igreja, eles achavam que o papa estava ficando negligente em sua velhice. Pio já tinha alienado os líderes nazistas; e seus homens temiam que agora estivesse pondo em risco os laços do Vaticano com o regime fascista de Mussolini.

Em seu escritório do outro lado do rio Tibre, o ditador esbravejava contra o papa. Se os italianos ainda iam à missa, era só porque ele assim ordenava. Não fosse por ele, os anticlericais estariam fazendo baderna pelas ruas do país, saqueando igrejas e obrigando os padres acovardados a tomarem óleo de rícino. Se todas as salas de aula e todos os tribunais tinham um crucifixo na parede, se padres lecionavam religião em todas as escolas públicas, era por ordem de Mussolini. Se generosos fundos estatais eram usados em apoio à Igreja, era porque ele queria que assim fosse, tudo no esforço para consolidar uma aliança proveitosa tanto para o governo fascista quanto para o Vaticano.

Pio ficou acordado até tarde na noite de 31 de janeiro, como ficara na noite anterior, anotando seus comentários para o encontro de bispos. O outrora atlético e corpulento papa "alpinista" estava emaciado; o rosto, que já fora cheio, tornara-se encarquilhado e encovado. Mas quem o visse não teria a menor dúvida de que estava muito determinado a

pronunciar aquele discurso. Não queria morrer antes de alertar os bispos a respeito da existência de espiões fascistas em toda parte, inclusive nos salões da Igreja. Seria sua última oportunidade de denunciar a adesão de Mussolini ao racismo nazista.

Na semana que precedeu o discurso, porém, as últimas reservas de força do papa começaram a se esgotar. Incapaz de se manter em pé, ele permanecia na cama. O cardeal Eugenio Pacelli, que, como secretário de Estado, era o segundo homem do Vaticano, suplicou-lhe que adiasse o encontro. Pio não queria nem considerar essa possibilidade e ordenou que o jornal do Vaticano informasse que estava bem de saúde. Em 8 de fevereiro, com medo de não ter forças para proferir o discurso dali a três dias, mandou a gráfica do Vaticano imprimir uma cópia para cada bispo. Na noite seguinte, seu estado de saúde piorou. Nas primeiras horas da manhã de 10 de fevereiro, a respiração ficou mais difícil. Com cuidado para não deslocar o barrete branco da cabeça, assistentes prenderam-lhe à boca uma máscara de oxigênio. Às quatro da madrugada acordaram o cardeal Pacelli, que correu para o leito papal e ajoelhou-se para rezar. Estava com os olhos vermelhos de lágrimas.

Deitado em sua cama simples de ferro, extinguindo-se rapidamente, Pio XI não demorou a soltar seu derradeiro suspiro. Deus não lhe concedera o último pedido. Os bispos não o veriam na basílica de São Pedro, e sim na capela Sistina, onde, na tarde de 10 de fevereiro, seu corpo arruinado foi exposto numa plataforma alta. Aqueles que o tinham visto no auge de suas forças quase não o reconheciam. Era como se outra pessoa estivesse ali, sob os afrescos de Michelangelo, usando a batina de seda branca do papa e o barrete com forro de arminho vermelho.

Do outro lado do Tibre, Mussolini recebeu a notícia da morte do pontífice com um grunhido de alívio, torcendo para que a onda papal não interferisse em sua vindoura união com Clara Petacci, sua jovem amante de olhos verdes. Mas ainda lhe restava uma preocupação. Ao longo dos anos, o ditador criara uma extensa rede de espionagem no Vaticano, cujos relatórios lia com avidez. Alguns dias antes, os espiões o

tinham advertido de que o papa planejava fazer um inflamado discurso de aniversário denunciando a campanha antissemita de Mussolini e seus laços cada vez mais estreitos com o Führer. Ele temia que, se fosse divulgado naquele momento, o texto ainda causasse algum estrago, um profético apelo papal vindo do túmulo.

O ditador acreditava que havia um homem em condições de ajudá-lo. Entrou em contato com o cardeal Pacelli, que, na função de camerlengo, ficou encarregado de cuidar de tudo o que Pio XI deixara para trás, inclusive das páginas escritas à mão em sua escrivaninha e as pilhas de folhetos recém-impressos e prontos para serem distribuídos aos bispos. Mussolini queria que todas as cópias do discurso fossem destruídas.

Tinha motivos para achar que Pacelli lhe obedeceria. Oriundo de uma importante família romana estreitamente associada aos papas por gerações, o cardeal passara os meses anteriores com medo de que Pio XI viesse a contrariar Mussolini. Havia muita coisa em jogo, pensava ele. Era verdade que tinha uma imensa dívida de gratidão com Pio XI, que o nomeara secretário de Estado e o promovera de muitas outras formas. Mas julgava que tinha uma responsabilidade ainda maior de proteger a Igreja. Mandou limpar a mesa do papa e apreender as cópias impressas do discurso.

Três semanas depois, uma grande multidão aguardava impaciente na praça de São Pedro enquanto os cardeais se reuniam em conclave. Quando a reveladora fumaça branca surgiu na chaminé do palácio Apostólico, a multidão aplaudiu. "*Habemus papam*", anunciou o cardeal diácono da sacada sobre a entrada principal da basílica de São Pedro. Logo uma figura alta, magra, de óculos, trajando o manto papal branco e a tiara adornada de joias, saiu para dar sua bênção. Eugenio Pacelli adotaria o nome de Pio XII, em homenagem ao homem por quem chorara junto ao leito de morte recentemente.

PARTE UM

O PAPA E O DITADOR

CAPÍTULO UM

UM NOVO PAPA

Fora do portão do Vaticano, um grupo de pessoas se reuniu para aplaudir os sedãs pretos que entravam lentamente pela muralha medieval. Em sinal de reconhecimento ou de estima, ou por mero hábito, cada cardeal acenava do banco traseiro, numa bênção eclesiástica. Em pé de cada lado do portão havia um guarda suíço, em seu colorido uniforme de arlequim, a mão enluvada tocando o capacete refulgente numa continência. Pouco depois, quando o último cardeal já havia ocupado seu lugar no palácio Apostólico, seis funcionários percorreram os longos e frios salões às pressas, cada qual sacudindo uma campainha. Uma voz berrou "*Extra omnes!*" quando os últimos leigos saíram. Segurando um sólido chaveiro antigo, um príncipe da Casa de Chigi, marechal da cerimônia do conclave, trancou a pesada porta pelo lado de fora. O cardeal Pietro Gasparri, o camerlengo, trancou-a por dentro. As janelas foram lacradas. Era terça-feira, 2 de fevereiro de 1922. As portas só seriam abertas outra vez quando houvesse um novo papa.

★ ★ ★

APENAS DUAS SEMANAS antes, uma tosse persistente começara a incomodar o papa Bento XV. Apesar de ser um homem baixo, frágil e que mancava desde criança — os mexeriqueiros do Vaticano chamavam-no de "o pequeno" —, não era velho e gozara de boa saúde durante os setes anos

em que ocupara o trono de São Pedro. Mas o que de início era uma bronquite transformou-se em pneumonia, e Bento, aos sessenta e oito anos, recebeu a unção dos enfermos. Na tarde do dia seguinte, deitado em sua cama de ferro simples, perdeu a consciência. Na manhã de 22 de janeiro, estava morto.[1]

Giacomo della Chiesa fora uma escolha inusitada depois da morte do gentil porém repressivo Pio X, em 1914, bem no início da Grande Guerra. Quando os cinquenta e dois cardeais se reuniram no fim de agosto daquele ano para eleger um sucessor, Della Chiesa era cardeal havia apenas três meses. Nascido numa família aristocrática, mas de forma alguma rica, respeitado pela inteligência e pelo bom discernimento, não parecia talhado para a função de pontífice. Apesar do porte distinto e do trato cordial, era baixo demais e dentuço, além de ter uma pele amarelada e um emaranhado impenetrável de cabelos negros. Tudo nele parecia ligeiramente torto: o nariz, a boca, os olhos e os ombros.[2]

Como jovem padre, Della Chiesa tinha trabalhado na Secretaria de Estado do Vaticano, que cuida das relações da Santa Sé com governos do mundo inteiro. Ali galgou posições até 1913, quando foi mandado para Bolonha como arcebispo.

Havia quem acreditasse que a saída de Della Chiesa do Vaticano tinha sido obra do cardeal Rafael Merry del Val, secretário de Estado do papa Pio X e seu principal parceiro na cruzada para erradicar qualquer vestígio de "modernismo" do clero. Pio X temia que ideias modernas substituíssem os ensinamentos passados pela Igreja havia séculos. Na opinião do papa, as crenças em direitos individuais e liberdade religiosa — além das noções heréticas de que Igreja e Estado deveriam ser separados e de que a fé deveria conciliar as lições da ciência — eram particularmente perniciosas. Acreditando que Della Chiesa era um moderado, Merry del Val queria vê-lo longe da sede do poder da Igreja.[3]

Na décima votação, Della Chiesa conseguiu — por pequena margem — os dois terços exigidos. O cardeal Gaetano de Lai, um dos colegas

linhas-duras de Merry del Val, humilhou o novo papa ao exigir que os votos fossem contados para ter certeza de que ele não tinha votado em si mesmo.

Pio X falecera numa época assustadora para os italianos, mas a morte do seu sucessor, em 1922, ocorreu num clima de agitação ainda maior. Muitos temiam que a revolução estourasse a qualquer momento, embora não soubessem se seria provocada pelos socialistas ou pelos fascistas. A Grande Guerra, que era a esperança da elite para unir os incorrigivelmente divididos italianos e conseguir que a população apoiasse o governo, não fizera nem uma coisa nem outra. Mais de meio milhão de italianos tinha morrido, e um número ainda maior de feridos retornara ao país. Um Exército desmobilizado encontrou poucos empregos ao voltar para casa. Os líderes políticos da Itália pareciam incapazes de encontrar uma saída para a crise.

Os socialistas — cujo número crescera ao longo das décadas — esperavam aproveitar a maré de indignação popular para chegar ao poder. Operários ocuparam fábricas em Turim, Milão e Gênova. Trabalhadores da agricultura fizeram greves, ameaçando a velha classe de proprietários rurais. Apenas dois anos antes, em 1917, uma revolução comunista conduzira os bolcheviques ao poder e destruíra a velha ordem czarista na Rússia. Incentivados por esse exemplo, manifestantes italianos sonhavam com um futuro em que operários e camponeses dariam as ordens.[4]

Mas os socialistas, por sua vez, tiveram que enfrentar uma ameaça violenta. Pouco depois da guerra, Benito Mussolini, de trinta e nove anos, antes um dos mais destacados socialistas do país, fundou um novo movimento fascista. Isso exerceu forte atração sobre veteranos de guerra insatisfeitos. Bandos fascistas logo apareceram em cidades por toda a Itália. Assim como Mussolini, os primeiros recrutas eram oriundos da esquerda e, também como ele, odiavam a Igreja e os padres. Mas Mussolini logo deixou de atacar os padres e os capitalistas que lucravam com a guerra

para denunciar os socialistas, culpados por se oporem à entrada da Itália no conflito. Assim, recrutas começaram a fluir da extrema-direita.

De suas sedes nas cidades do norte e do centro da Itália, fascistas de camisas negras amontoavam-se em carros e saíam pelo interior em violentas incursões, incendiando sindicatos, salas de reuniões de socialistas e redações de jornais de esquerda. Mussolini tinha pouco controle direto sobre esses *squadristi*, encabeçados por chefes fascistas locais conhecidos como *ras*. Durante três anos, a partir de 1919, esses bandos cada vez mais numerosos passaram a atacar com frequência funcionários e militantes socialistas, espancando-os e forçando-os a tomar óleo de rícino. Os *squadristi* tinham um prazer sádico em usar o óleo, que provocava não apenas náusea, mas também uma diarreia humilhante e incontrolável. Prefeitos e vereadores socialistas fugiam em pânico, deixando grandes porções da Itália nas mãos de rufiões fascistas.[5]

Essas "expedições punitivas" também tinham como alvos os membros do partido político católico da Itália. O Partido Popular foi uma nova tentativa dos católicos do país de competir na disputa por influência política. O fato de o Vaticano ver com benevolência a criação de um partido católico italiano era novidade. Em 1861, Vítor Emanuel II, rei do Estado saboiano baseado em Turim, no noroeste do país, proclamara um novo reino da Itália, anexando boa parte da península italiana. Ele adquiriu diversos territórios num misto de rebelião e conquista, entre eles uma grande porção das terras governadas havia séculos pelos papas. Só Roma e seu interior continuavam a fazer parte dos Estados papais. Então, em 1870, o Exército italiano também tomou Roma, declarando-a como a nova capital da nação. O papa Pio IX bateu em retirada para o Vaticano, jurando que dali não sairia até a restauração de seus domínios.

O pontífice excomungou o rei e proibiu os católicos de votarem nas eleições nacionais ou se candidatarem ao parlamento. Com isso, esperava ganhar apoio internacional à devolução de Roma ao controle papal. Mas, à medida que o século XIX avançava, essa possibilidade se tornava cada

vez mais remota. Enquanto isso, uma nova ameaça surgiu, com o rápido crescimento do movimento socialista. Desde a época de Pio IX, em meados do século XIX, os papas haviam condenado o socialismo. Em 1891, em sua famosa encíclica *Rerum novarum*, o papa Leão XIII acusou os socialistas de explorarem "a inveja que o pobre tem do rico". Criticou ferozmente a proposta deles de abolir a propriedade privada. No alvorecer do novo século, o Vaticano já deixara claro que o socialismo era um dos mais formidáveis inimigos da Igreja.

No começo do século XX, com a ampliação do direito ao voto na Itália, a proibição de votar imposta pelo Vaticano ficou insustentável. Se a Igreja não tomasse alguma providência, os socialistas provavelmente chegariam ao poder. Em novembro de 1918, Luigi Sturzo, um padre siciliano, teve um encontro com o secretário de Estado do Vaticano, o cardeal Pietro Gasparri, para conversar a respeito de seus planos para a criação de um partido católico, a ser chamado de Partido Popular Italiano. Ele ofereceria um programa progressista, com o objetivo de afastar camponeses e operários dos socialistas. Foi lançado formalmente no início do ano seguinte, com a bênção de Bento XV. Em 1922, já era um dos maiores partidos do país.[6]

★ ★ ★

O CONCLAVE DAQUELE ano se transformou num confronto entre duas facções. De um lado havia os cardeais apelidados de *zelanti*, os intransigentes. Eles viam os dias de Pio X de forma nostálgica e ansiavam por retomar a cruzada da Igreja contra os males dos tempos modernos. Do outro lado, os moderados, conhecidos como os "políticos", esperavam dar continuidade às políticas de Bento XV, menos radicais e mais em consonância com o mundo para além da Igreja. O secretário de Estado de Pio X, Rafael Merry del Val, encabeçava os *zelanti*. Pietro Gasparri, secretário de Estado de Bento, comandava os moderados. O

conclave tomou a forma de uma batalha épica em torno dos rumos que a Igreja Católica seguiria no século XX — uma batalha que se tornou ainda mais dramática pela incerteza do resultado. Parecia impossível que qualquer das facções obtivesse os dois terços necessários para ganhar a eleição, e não havia nenhum óbvio candidato de conciliação.[7]

Se o cardeal Gasparri era por vezes chamado de *pecoraio*, pastor, não era no sentido idílico. Com sessenta e nove anos à época do conclave, vinha de uma família camponesa que vivia em uma pequena aldeia de criadores de ovelhas nos montes Apeninos, na região central da Itália. O apelido — que ele adorava — se devia às conotações italianas de ser um caipira, um *parvenu* entre os sofisticados da hierarquia eclesiástica. Quando Gasparri era criança, sua família seguia os rebanhos para as montanhas na primavera, voltando no outono para o vale, onde Pietro era enviado à escola paroquial. Menino inteligente, ingressou em seminários católicos para completar sua instrução, mas, ao contrário de muitos outros integrantes do serviço diplomático do Vaticano, não estudou na prestigiosa Pontifícia Academia de Nobres Eclesiásticos, tradicionalmente destinada aos filhos da aristocracia.

Gasparri tornou-se um homem baixo e rotundo, um sacerdote que parecia se mover sem que os pés saíssem do chão. Suas roupas "mostravam uma inusitada indiferença ao asseio". Mas era popular no corpo diplomático, compensando em bonomia o que lhe faltava em verniz. Muito gesticulador, com olhos brilhantes e riso fácil e frequente, estava sempre ajeitando o barrete na cabeça. Gasparri se via — e era visto por outros — como detentor da astúcia, da intuição, da tenacidade e da capacidade de trabalho próprias de um camponês. "Os olhos negros e tenazes", notou um observador, "traíam sua sutileza."[8]

O conclave começou na noite de 2 de fevereiro, na capela Sistina. Cada um dos cinquenta e três cardeais recebeu uma cadeira diante de sua pequena mesinha pessoal. Entre os ausentes estavam os dois cardeais dos Estados Unidos, ainda num navio em algum ponto do Atlântico. Os

trinta e um italianos eram maioria, e qualquer candidato só conseguiria ser eleito com forte apoio deles. No altar na frente da capela havia um grande crucifixo com seis velas acesas. A cada vez que um voto era anunciado, os cardeais se aproximavam do altar, um de cada vez, por ordem de precedência. Ao pé do altar, eles se ajoelhavam, passavam um momento rezando e recitavam um voto em latim prometendo escolher o homem que, na sua opinião, Deus queria que fosse eleito. Em seguida, depositavam o papel dobrado com seu voto e então se curvavam diante da cruz antes de voltar para o seu lugar.

Duas votações eram realizadas de manhã e duas à tarde. Três cardeais, escolhidos por sorteio, contavam os votos. Nos dias que se seguiram, o solene ritual foi repetido catorze vezes, perturbado em apenas uma ocasião, quando, ao se levantar da cadeira, um cardeal dominicano esbarrou na mesa, derramando um vidro de tinta na batina branca.[9]

Doze cardeais receberam votos. No segundo dia, Merry del Val obteve o que seria seu recorde, dezessete. Gasparri recebeu vinte e quatro na sexta votação, mas empacou nesse número na sétima e na oitava. Em frente ao Vaticano, uma grande multidão de romanos — tanto curiosos quanto devotos — aguardava com ansiedade. "Só uma coisa é certa: ninguém sabe de nada", informou o jornal francês *Le Figaro*.[10] O cardeal Gasparri passou a noite depois da oitava votação acordado na cama, convencido de que jamais seria papa. Pela manhã, antes que o terceiro dia de votação começasse, ele foi ver o mais novo participante do conclave, Achille Ratti. Para surpresa do cardeal, nomeado poucos meses antes, Gasparri disse que insistiria para que seus eleitores votassem no jovem prelado.

★ ★ ★

RATTI NASCEU EM 1857, na pequena cidade de Desio, na região profundamente católica de Brianza, ao norte de Milão, onde o pai

comandava uma fábrica de seda. A mãe, católica devota, era uma mulher organizada e intimidadora, dessas que parecem nascidas para administrar algo maior do que uma casa. Posteriormente, Ratti costumava falar nela com profundo afeto e respeito, mas nunca mencionava o pai. Na época em que o cardeal nasceu, Desio e Milão faziam parte do Império Austro-Húngaro, e as lembranças mais antigas que ele guardava eram de quando tinha dois anos e o pai lhe contara que forças francesas e saboianas estavam lutando contra o Exército austríaco ali perto.[11] Dali a algumas semanas, a colcha de retalhos de ducados e reinos que havia muito compunham a península italiana foi dissolvida, e uma nova e unificada nação italiana ganhou forma.

Como não havia escola em Desio, aos dez anos Achille foi morar com o tio, um pároco da minúscula cidade de Asso, perto do lago de Como. A presença frequente de padres das redondezas, um grupo muito sociável, animava a casa do tio. Achille decidiu que queria ser padre e logo partiu para um seminário. No verão, ele não voltava para a casa dos pais, e sim para a do tio. O seminário impunha uma disciplina feroz. Os padres tinham que obedecer sem questionar, e as regras eram seguidas ao pé da letra. Nada disso incomodava o menino estudioso.[12] Os colegas chamavam-no de "o velhinho", pois Achille preferia ficar sozinho meditando a sair para brincar com os outros meninos.[13]

Em 1875, Ratti ingressou no seminário em Milão para se tornar sacerdote. Lia vorazmente, não apenas os clássicos italianos, como Dante, mas também literatura inglesa e americana. Manifestava tanta preocupação com os desafios enfrentados por Jim, o parceiro escravizado de Huckleberry Finn na história de Mark Twain, que os colegas o apelidaram de *l'africano*. O apelido não pegou, mas Achille se declarava muito feliz com ele, dizendo que um dia haveria de servir como missionário na África. O autor predileto de Ratti era o escritor milanês Alessandro Manzoni. Um dia, muitos anos depois, quando Achille já era papa, o mestre de cerimônias entrou no seu estúdio e, como era de

hábito, ajoelhou-se à espera de instruções. O papa andava de um lado para o outro, absorto na leitura em voz alta de um trecho do romance *Os noivos*, de Manzoni. Só vinte minutos depois parou e notou a presença do sacerdote ajoelhado. Pediu desculpas pela demora, mas acrescentou com um sorriso: "São páginas que merecem ser ouvidas de joelhos, monsenhor!"[14]

Depois de quatro anos em Milão, Ratti se mudou para Roma, a fim de continuar seus estudos na Faculdade de Lombardo, recém-aberta. Roma tinha sido governada por papas por mais de um milênio, mas nove anos antes fora conquistada e passara a ser a capital da recém-unificada nação italiana.

Com um metro e setenta e três de altura, tronco robusto e ralos cabelos louros, Ratti já usava os óculos redondos que se tornariam sua marca registrada e lhe davam a aparência de um jovem erudito. Ordenado em Roma, na grande basílica de São João de Latrão, em dezembro de 1879, ele permaneceu mais três anos na Cidade Eterna, estudando na Universidade Gregoriana, onde os jesuítas do corpo docente lecionavam em latim.

Em 1882, voltou para Milão e logo foi nomeado professor de oratória sacra e de teologia do Grande Seminário da cidade. Apesar da matéria que lecionava, ele não era muito eloquente. Preocupado demais em ser completamente claro, falava muito devagar, lutando para encontrar as palavras certas e corrigindo-se quando dizia algo que não lhe parecia perfeito.[15] Nunca muito sociável, Ratti de certa maneira se sentia mais à vontade entre livros do que entre pessoas. Depois de seis anos como professor, tornou-se assistente da Biblioteca Ambrosiana de Milão, que, entre suas inigualáveis coleções de manuscritos antigos, possuía tesouros como o *Codice atlantico*, de Leonardo da Vinci. Ratti sabia não apenas latim, mas também grego, francês e alemão.

Porém, Ratti não era apenas um rato de biblioteca. Quando jovem em Milão, desenvolveu uma paixão por alpinismo e ingressou na seção

local do Clube Alpino Italiano. No inverno, junto com o companheiro de escaladas, um colega sacerdote, ele pesquisava tudo que pudesse encontrar sobre a melhor forma de abordar as montanhas que escalariam no verão seguinte. Estava convencido de que o êxito era uma questão de planejamento. De 1885 a 1911, participou de cem escaladas alpinas, todas com mais de dois mil e quatrocentos metros de altura.[16] O choque do ar frio, o poder dos penhascos alpinos e a paisagem que se estendia lá embaixo, tudo isso era um testemunho da glória da criação de Deus.[17]

Quando o prefeito da Biblioteca Ambrosiana morreu, em 1907, o cinquentão Ratti assumiu seu lugar. Quatro anos depois, o chefe da Biblioteca do Vaticano decidiu que era hora de encontrar um sucessor. Como diretor de uma biblioteca que só perdia em reputação para a do próprio Vaticano, Achille Ratti não chegou a ser uma escolha surpreendente. O jornal de Milão deu a notícia da nomeação acompanhada de uma fotografia. Nela aparecia um prelado calvo, mas a característica mais notável de Ratti continuava a ser os óculos redondos. Junto com sua postura séria — alguns diriam melancólica —, os óculos lhe davam um ar de austero intelectual da Igreja. Mas ele tinha um interesse paternal pelos funcionários da biblioteca. Para ajudá-los a alimentar suas famílias durante a Grande Guerra, pediu permissão a Bento XV para transformar o pátio da Biblioteca do Vaticano numa horta para uso deles. Quando um funcionário adoecia, Ratti ia pessoalmente levar-lhe doces ou um bom vinho.[18]

Se tivesse continuado como bibliotecário do Vaticano, como supôs que aconteceria, Ratti jamais estaria numa posição que lhe permitisse tornar-se papa em 1922. Mas em março de 1918 recebeu um pedido surpreendente: Bento XV queria que ele fosse imediatamente a Varsóvia como seu representante pessoal. Ainda não está claro por que o papa o escolheu para a delicada missão. Ratti não tinha experiência alguma em diplomacia e nenhum conhecimento especial sobre a Polônia. Estranhamente, ao discutir sua nomeação, os cardeais da Congregação

para Assuntos Eclesiásticos Extraordinários se enganaram e pensaram que ele falava polonês.[19] Aos sessenta e um anos, Ratti ficou apreensivo com a nova tarefa, mas, obediente, partiu em maio. Fora levado a supor que se ausentaria por apenas alguns meses, com a incumbência de preparar um relatório para o papa sobre a situação polonesa.

A carnificina da Grande Guerra mal terminara quando ele chegou a Varsóvia, no momento em que os poloneses se preparavam para o renascimento de seu país independente. Fazia um século que a maior parte da nação vivia sob domínio russo, e o restante passara muito tempo sob controle alemão ou austríaco. A missão de Ratti era delicada, pois as fronteiras do novo Estado polonês ainda não estavam assentadas, e a tensão era grande.

Viajando pelo país, um dos sentimentos que o bibliotecário do Vaticano ouvia os sacerdotes expressarem com mais frequência era o ódio contra os judeus, vistos como inimigos da Polônia católica. Enquanto o contingente judaico na Itália era minúsculo — apenas um habitante em mil —, na Polônia um décimo da população era de judeus. Dez anos antes, Ratti tivera aulas de hebraico com o rabino-chefe de Milão, e a população judaica da cidade, amplamente assimilada, não lhe dava qualquer preocupação.[20] No entanto, embora suas próprias relações com a pequena comunidade judaica de Milão fossem cordiais, ele sabia que o Vaticano tinha uma visão muito mais negativa dos judeus.

A história da demonização dos judeus pela Igreja é antiga, remontando a pouco depois das origens do cristianismo como seita judaica. Em 1555, o papa Paulo IV baixou uma bula papal, *Cum nimis absurdum*, ordenando que todos os judeus em terras sob seu controle vivessem em guetos. O contato de judeus com cristãos deveria ser severamente limitados e eles só poderiam trabalhar nas funções mais servis. O papa argumentava que os judeus haviam sido condenados por Deus à "eterna escravidão" pelo pecado de terem assassinado Jesus e rejeitado seus ensinamentos. Só em

1870, com a conquista italiana de Roma, a população judaica foi plenamente libertada dos guetos da cidade.[21]

Nas duas últimas décadas do século XIX, *La Civiltà Cattolica*, a revista jesuíta quinzenal supervisionada com rigor pelo Vaticano, atacara os judeus de modo implacável. A publicação não era lida pelas massas católicas, pois era destinada a um público mais intelectualizado. Na verdade, sua principal função era oferecer aos formadores de opinião católicos, aos editores de jornal e às camadas superiores do clero o acesso à perspectiva do Vaticano sobre assuntos do momento. Alguém na posição de Achille Ratti na Biblioteca Ambrosiana podia ler todos os números publicados.

"Os judeus", advertia a revista em uma de suas inúmeras denúncias, "crianças eternamente insolentes, obstinadas, sujas, ladras, mentirosas, ignorantes, pragas e flagelo dos próximos e dos distantes (...) conseguiram pôr as mãos em (...) toda a riqueza pública (...) e praticamente sozinhos assumiram o controle não apenas de todo o dinheiro (...) mas da própria lei nos países onde têm permissão de ocupar cargos públicos." A revista supervisionada pelo Vaticano insistia que fazia muito tempo que a Igreja ensinava que os judeus deveriam continuar separados dos cristãos. Caso contrário, a população judaica reduziria os católicos a escravos: "Ah, como estão errados e iludidos aqueles que acham que o judaísmo é apenas uma religião (...) e não uma raça, um povo e uma nação!" Em sua condição de pernicioso grupo estrangeiro, acusava a revista, os judeus jamais poderiam ser leais ao país em que viviam, pois planejavam explorar a generosidade daqueles que tolamente lhes concediam direitos iguais.[22] Poucos meses depois de Ratti ser eleito papa, a publicação daria prosseguimento à campanha numa série de artigos que responsabilizavam os judeus pela Revolução Russa e faziam soar o alarme contra uma vasta conspiração judaica destinada a governar o mundo.[23]

Imerso em uma Igreja na qual essas opiniões sobre os judeus estavam profundamente enraizadas, Ratti não poderia deixar de ser afetado pelo

arraigado antissemitismo que encontrou na Polônia. Os vários relatórios escritos que recebeu mostravam como os membros da elite católica polonesa estavam preocupados com a ameaça judaica. Os judeus eram acusados de terem se aliado aos invasores alemães na guerra que ocorrera pouco tempo antes e de atuarem como agiotas gananciosos em cidades e vilarejos do país. Ratti ficou particularmente impressionado com a acusação de que o movimento bolchevique era obra dos judeus.[24] Em outubro de 1918, ele atribuiu a mais recente agitação na Polônia aos "partidos extremistas empenhados em provocar a desordem: os anarcossocialistas, os bolcheviques (...) e os judeus".[25] Uma onda de *pogroms*, atos de violência em massa, levou ao assassinato de muitos judeus e ao incêndio criminoso de suas casas na Polônia. Incumbido por Bento XV — menos simpático às teorias conspiratórias antissemitas do que seus antecessores — de verificar se as histórias dos *pogroms* eram verídicas, Ratti respondeu que era difícil dizer. Mas insistiu em afirmar que a população judaica do país era um elemento perigoso: embora os poloneses fossem católicos bons e leais, ele temia "que pudessem cair nas garras das más influências que lhes preparam armadilhas e os ameaçam". Ratti não deixou dúvidas sobre quem eram esses inimigos, acrescentando: "Uma das piores e mais fortes influências sentidas aqui, talvez a mais forte e a pior de todas, é a dos judeus."[26]

No outono de 1919, o Vaticano reconheceu oficialmente o novo Estado polonês. Ratti teve sua missão prorrogada e foi designado núncio papal. No verão seguinte, depois de uma série de batalhas contra as forças polonesas no Báltico e na Ucrânia, o Exército Vermelho avançou Polônia adentro e chegou perto de Varsóvia. Homens, mulheres e crianças se armaram, prontos para defender a cidade. Muitos estrangeiros fugiram, mas Ratti se manteve firme. Em 15 de agosto, enquanto os habitantes armados aguardavam, nervosos, uma contraofensiva polonesa expulsou as tropas bolcheviques. Para Ratti, a experiência foi traumática. A convicção

de que as democracias ocidentais eram incapazes de compreender a ameaça comunista o acompanharia pelo resto da vida.[27]

Em 1921, Bento XV chamou Ratti de volta à Itália, nomeando-o arcebispo de Milão. Com pouca experiência pastoral, pois atuara como bibliotecário durante a maior parte da vida, Ratti foi uma escolha inusitada, mas Bento ficara impressionado com sua competência, sua devoção à Igreja e seu desprendimento.[28] O fato de que Ratti vivera a maior parte da vida em Milão sem dúvida pesou na balança. Com a nomeação veio o chapéu cardinalício, tradicionalmente concedido ao chefe da maior e mais rica arquidiocese da Itália.[29]

★ ★ ★

NO MEIO DO conclave, quando perceberam que nem Merry del Val, nem qualquer um de seus próprios candidatos levaria a melhor, os *zelanti* também decidiram marcar um encontro secreto com Achille Ratti. Pareciam ter achado que ele poderia ser um bom candidato de conciliação, uma vez que não se identificava com qualquer das duas facções. Também pensavam que seria mais fácil influenciar alguém com tão pouca experiência na hierarquia da Igreja, em especial se ele atribuísse sua eleição ao apoio deles. O cardeal De Lai, chefe da congregação do Vaticano encarregada de escolher bispos, procurou Ratti com uma oferta, falando em nome dos doze cardeais do seu grupo.



2. Achille Ratti, arcebispo de Milão, 1921

— Votaremos em Vossa Eminência, se prometer que não escolherá o cardeal Gasparri como secretário de Estado — disse-lhe De Lai.

— Espero e rezo para que, entre tantos cardeais de alto mérito, o Espírito Santo escolha outra pessoa — respondeu Ratti. — Mas, se eu for escolhido, é de fato o cardeal Gasparri que vou nomear como meu secretário de Estado — acrescentou.[30]

Não se sabe se Ratti já tinha feito uma promessa para Gasparri, embora isso pareça provável. Principiante em assuntos do Vaticano, é

possível que desejasse ter o experiente diplomata ao seu lado. Ou talvez fosse mais astuto do que pensavam, reconhecendo o valor de um secretário de Estado que o ajudasse a se proteger das demandas dos *zelanti*.

— Vossa Eminência cometeria um erro grave — advertiu o cardeal De Lai.

— Receio que não seja o único erro que eu provavelmente cometeria se me sentasse no trono de Pedro, mas sem dúvida seria o primeiro.

Na décima segunda votação, a última do terceiro dia, vinte e sete cardeais deram seu apoio ao arcebispo de Milão.[31] No dia seguinte, bem cedo, os cardeais se reuniram mais uma vez na capela Sistina. Às dez da manhã começaram a depositar o décimo terceiro voto, que mais uma vez foi inconclusivo. Só na votação seguinte Achille Ratti ultrapassou a marca dos dois terços.

Cinquenta e dois cardeais formaram círculos concêntricos em torno do atônito prelado, sentado com as costas retas na cadeira e a cabeça inclinada, como se os ombros suportassem um novo peso. O cardeal diácono fez a pergunta obrigatória, numa voz que até os quase surdos seriam capazes de ouvir e entender. "O senhor aceita a eleição que o escolhe canonicamente para ser o sumo pontífice?"

Ratti não respondeu de imediato, e alguns cardeais ficaram nervosos. Depois de dois minutos, ele levantou a cabeça e respondeu em latim. A voz tremia de emoção. "Apesar de profundamente consciente do meu desmerecimento", foi o que disse. Os cardeais sabiam que tinham um novo papa.[32]

Enquanto isso, um trem vindo de Nápoles parava na estação de Roma, do outro lado do Tibre. Dele saíram os dois cardeais americanos, William O'Connell, de Boston, e Dennis Dougherty, da Filadélfia. Depois da longa travessia oceânica a bordo do navio Woodrow Wilson e de viajar o mais rápido possível de Nápoles para Roma, os dois ficaram muito chateados ao descobrir que haviam chegado tarde demais. O'Connell tinha um motivo especial para ficar descontente, pois devia

sua carreira em grande parte à proteção do cardeal Merry del Val. Se ele e Dougherty estivessem lá para lhe dar apoio, talvez as coisas tivessem sido diferentes. Mais irritante ainda era o fato de que a mesma situação ocorrera quando Pio X morrera, sete anos e meio antes: nenhuma providência fora tomada para dar aos americanos tempo de chegar a Roma. Naquela ocasião, O'Connell também só chegara quando o novo papa já estava eleito.[33]

Da capela Sistina, Ratti foi escoltado para um provador, onde vestiu o manto papal branco pela primeira vez. Três mantos tinham sido preparados, para fazer face a qualquer eventualidade: um pequeno, um médio e um grande. O de tamanho médio lhe serviu com perfeição. Ele usava uma batina branca, meias brancas de seda e sandálias vermelhas de seda com uma capa vermelha de veludo, as bordas forradas de arminho. Na cabeça, sobre um barrete branco, pôs um camauro, um chapéu papal com acabamento de arminho, enfiado até as orelhas. Quando ele voltou para a capela Sistina e caminhou para o trono em frente ao altar, os cardeais se ajoelharam. Então se aproximaram dele, um de cada vez, beijando-lhe o pé e pedindo a bênção. Se seguisse a prática de seus quatro predecessores, o homem que adorava caminhar pelas montanhas nunca mais deixaria os claustrofóbicos confins dos palácios do Vaticano.[34]

O mundo assistia ansioso para ver quem emergiria do conclave. Os quarenta milhões de italianos, dos quais noventa e nove por cento eram católicos, eram os mais interessados, mas os duzentos e sessenta milhões de católicos romanos fora da Itália aguardavam a notícia com igual ansiedade.[35]

Multidões aguardavam na praça de São Pedro desde o início do conclave, os olhos voltados para a chaminé, onde a fumaça produzida pela queima dos votos de papel depois de cada votação lhes diria se um novo pontífice tinha sido eleito.[36] Em quatro dias, a chaminé soltara treze vezes uma fumaça negra. No entanto, perto do meio-dia do quarto dia, enquanto a multidão ensopada se apinhava sob um céu chuvoso, braços

começaram a apontar para a fumaça branca que subia do palácio Apostólico. Quarenta e cinco minutos depois, um cardeal surgiu na sacada central da igreja de São Pedro, de frente para a praça, e ergueu lentamente o braço direito. "*Habemus papam*... temos um papa." Achille Ratti escolhera o nome de Pio XI, explicando que Pio IX fora o papa da sua juventude e Pio X o chamara a Roma para dirigir a Biblioteca do Vaticano.[37] O homem que até poucos anos antes presidira um pequeno grupo de bibliotecários agora era responsável pelos trezentos milhões de católicos do mundo.

As multidões delirantes começaram a avançar para a porta da basílica de São Pedro. Desde 1870, quando tropas italianas tomaram Roma e os papas se proclamaram "prisioneiros do Vaticano", nenhum pontífice havia aparecido ao ar livre, nem mesmo numa das janelas que davam para a praça de São Pedro. Todos os três papas eleitos desde a morte de Pio IX tinham dado a bênção aos fiéis dentro da basílica.

Algo surpreendente atraiu os olhares da multidão. Membros da nobre guarda papal apareceram no balcão em cima da imponente porta central de São Pedro, de frente para a praça, e penduraram um tapete vermelho com o brasão papal na balaustrada. Quando o pontífice emergiu no balcão, vestido de branco, para abençoar o povo, o silêncio se espalhou pela vasta praça e todos se ajoelharam. Nenhum dos presentes esqueceria a visão de soldados italianos, posicionados na praça para manter a ordem, apresentando suas armas junto com a Guarda Suíça. Juntos eles saudaram o novo papa.[38] Foi um raro momento de paz numa cidade tomada pelo pânico. A violência e o caos se disseminavam pelo país, e o governo estava paralisado. Antes do fim do ano, o novo pontífice teria que tomar uma decisão de enorme importância.

CAPÍTULO DOIS

A MARCHA SOBRE ROMA

Predappio, a pequena cidade da Romanha onde Benito Mussolini nasceu, fica a menos de trezentos e vinte quilômetros da terra natal de Achille Ratti na Lombardia. As experiências de infância dos dois não poderiam ter sido mais diferentes. O fato de Ratti ser mais rico não era o mais relevante, mas sim a diferença entre uma família conservadora, religiosa, e outra imersa nos entusiasmos insurrecionais da Romanha. Os heróis de Ratti eram santos e papas; os de Mussolini eram agitadores e revolucionários.

Achille Ratti já era um padre de vinte e seis anos quando Mussolini nasceu, em 1883. A Romanha era então o centro dos movimentos anarquista e socialista da Itália, e o pai de Benito, Alessandro, um ferreiro falastrão, pregava avidamente sua fé revolucionária para quem quisesse ouvir. Deu ao filho o mesmo nome de Benito Juárez, índio empobrecido que se tornou presidente do México, flagelo das potências coloniais da Europa e inimigo da Igreja. Batizou o filho mais novo de Arnaldo, em homenagem a Arnaldo de Bréscia, padre que encabeçara um levante que expulsara o papa de Roma no ano de 1146 e acabara morrendo na forca. A sofrida mãe dos meninos, Rosa, não compartilhava o ardor revolucionário do marido. Frequentadora da igreja, lecionava na escola primária local. Todas as noites, quando os filhos dormiam, ela fazia o sinal da cruz sobre suas cabeças.[1]

A família morava numa quitinete no terceiro andar de um prédio. Benito e Arnaldo dormiam na cozinha, numa cama de ferro forjada pelo

pai, cujo colchão era um grande saco de palha de milho. Os pais dividiam o quarto com a irmã deles, Edvige. Para entrar no apartamento, era preciso passar pela sala de aula da mãe, que ocupava o restante do andar.

O casamento de Alessandro e Rosa era tempestuoso. Ele não só tinha amantes, como também costumava chegar em casa bêbado à noite, vindo dos bares locais, e brigar com a mulher. De alguma forma, ela venceu um bate-boca, e Benito, com dez anos, foi estudar numa escola interna próxima, dirigida por monges salesianos. Não ficou lá por muito tempo. Durante uma briga com um colega, puxou uma faca do bolso e feriu o menino na mão. Os salesianos expulsaram-no. Benito não abandonou os modos ruidosos e violentos, mas, garoto inteligente, conseguiu concluir a escola secundária. Começou a trabalhar como professor substituto em 1901, porém perdeu um dos seus primeiros empregos quando o relacionamento que mantinha com uma mulher casada foi descoberto.

Incapaz de arranjar outro emprego, foi para a Suíça à procura de trabalho. Ali ingressou no mundo dos socialistas e anarquistas, atraído pelas animadas conversas sobre revolução. A polícia suíça logo produziu um relatório sobre ele, deixando para a posteridade uma descrição de Benito quando jovem: um metro e sessenta e oito de altura, atarracado, com cabelo e barba castanhos, longo rosto pálido, olhos negros, nariz aquilino e boca grande.[2]

Em Lausanne, no ano de 1904, Mussolini concordou em debater com um pastor protestante sobre a existência de Deus. Depois de tentar impressionar a plateia com citações que iam de Galileu a Robespierre, subiu em uma mesa, tirou um relógio do bolso e berrou que, se Deus existisse, Ele o faria cair morto em cinco minutos. A primeira publicação de Mussolini, intitulada "Deus não existe", saiu no mesmo ano. Nela, continuava seus ataques à Igreja, rotulando os padres de "micróbios negros, tão desastrosos para a humanidade quanto os micróbios da tuberculose".[3]

Mussolini era apaixonado pelas polêmicas e pela política, e logo passou a dedicar-se às duas coisas. Em 1910, estava de volta a Forlì, na Romanha, perto da casa da família, como editor do semanário socialista local e secretário do Partido Socialista da cidade. Naquele mesmo ano se aventurou como ficcionista, publicando um romance sensual, *A amante do cardeal*.[4]

No começo de sua carreira política, Mussolini impressionava como uma mistura de esquerdista indisciplinado e Don Juan. Ostentando um bigode que usaria pelos dez anos seguintes, sempre parecia saber como se tornar o centro das atenções. Tempestuoso e transgressor, mais do que um simples provocador, era alguém que qualquer um gostaria de ter como aliado, e não inimigo. Um dos seus traços mais memoráveis já se exibia: o olhar duro como aço. Ao mesmo tempo ameaçadora e hipnótica, a mirada de Mussolini trespassava os ouvintes. Os olhos pareciam saltar das órbitas. Em 1910, um sindicalista local descreveu a experiência: "Olhou para mim com aquele seu jeito de arquear as sobrancelhas que revela o branco dos olhos, como se quisesse captar uma visão fugaz distante, e que dá aos seus olhos e ao seu rosto o ar pensativo de um apóstolo."[5]

Em 1912, com menos de trinta anos, Mussolini foi nomeado para um dos cargos mais influentes do Partido Socialista, o de editor do *Avanti!*, o jornal nacional do partido, com sede em Milão. Mudou-se do modesto posto avançado provinciano de Forlì para a agitada capital financeira e cultural da Itália.

Como editor do *Avanti!*, Mussolini se lançou contra a facção reformista do Partido Socialista. Insistia que só a ação revolucionária traria uma nova ordem e que a política parlamentar era inútil. Em 1913, quando a polícia ao sul de Roma matou sete agricultores durante um protesto, clamou por vingança: "Morte aos que massacram o povo! Viva a Revolução!", disse ele num comício em Milão. Em seu jornal,

escreveu: "É o nosso grito de guerra. Os que massacram sabem que, por sua vez, podem ser massacrados."[6]

Quando a guerra começou na Europa, em agosto de 1914, os socialistas a denunciaram como obra de imperialistas belicosos e capitalistas satisfeitos pela possibilidade de usar o proletariado como bucha de canhão. Os operários do mundo deveriam se unir, e não trucidar uns aos outros em nome de Deus e da pátria. Mas, para a surpresa de seus camaradas, dois meses depois do início da guerra, Mussolini publicou um artigo pondo em dúvida a sabedoria da neutralidade italiana. O pacifismo não estava em sua natureza, e ele se irritava ao pensar na Itália observando, de braços cruzados enquanto o resto da Europa brigava. Não está claro se julgava possível convencer os camaradas socialistas a seguirem sua liderança. Se era isso o que pensava, logo descobriu como estava enganado: dentro de um mês ele não só foi tirado do *Avanti!*, mas também expulso do partido.

Nos anos seguintes, naquilo que seus antigos camaradas consideraram uma transformação inexplicável e pérfida, Mussolini se tornou o pior inimigo dos socialistas. Mantinha o desdém revolucionário pela democracia parlamentar e o encanto pelas possibilidades da ação violenta. Mas se desfez de boa parte do restante da ideologia marxista. Ele percebeu que o caos que cercava o fim da Grande Guerra tinha criado um vazio, e sua intenção era preenchê-lo. Sempre fora dedicado, acima de tudo, a si mesmo e à crença na própria capacidade de chegar ao topo. Então começou a enxergar um novo caminho que talvez lhe permitisse realizar esse sonho.

Quatro anos antes, em 1910, Mussolini tivera uma filha, Edda, com uma amante conterrânea, Rachele Guidi, que mais tarde viria a ser sua esposa. Na época, os três moravam numa quitinete infestada de pulgas em Forlì. Mas a vida amorosa de Mussolini era tão agitada que, durante décadas, circularam rumores de que a mãe de Edda não era Rachele. Mais tarde, Edda escreveria, um tanto irritada, sobre o boato de que sua

mãe era, na verdade, Angelica Balabanoff, uma socialista judia russa (e posteriormente secretária da Terceira Internacional Comunista) que se fixara na Itália e se tornara uma das mais importantes amantes e mentoras de Mussolini. "Conhecendo minha mãe como eu conheço", escreveu Edda em suas memórias, "sei muito bem que ela não ficaria comigo nem por cinco minutos se eu fosse filha de Balabanoff."[7]

Nascida numa família camponesa pobre, Rachele conheceu Benito aos sete anos, quando ele substituiu a mãe dele como professora na escola primária. Rachele não gostava muito de estudar. Além disso, seu pai morrera quando ela tinha apenas oito anos, e a menina fora posta para trabalhar como criada em Forlì. Embora mais tarde adquirisse um ar matronal, era atraente quando jovem — loura, baixa, magra e de olhos azuis.

Rachele achava que Edda era a primeira filha de Mussolini. Mas, poucos meses antes de a bebê nascer, uma garçonete dera à luz um menino, a quem batizara de Benito. Esse pequeno Benito morreu cedo, mas haveria outros filhos ilegítimos, e pelo menos mais um com o mesmo nome do pai.[8] É compreensível que se indague como Mussolini encontrava tempo para se dedicar à carreira jornalística e à política tendo que lidar com tantos casos amorosos. Suas mulheres eram tão diferentes entre si quanto se possa imaginar. Em 1913, ele teve um filho com outra judia russa que conhecera poucos anos antes, embora nunca viesse a assumir a criança.[9] Naquele mesmo ano, encantou-se com a improvável Leda Rafanelli, de trinta e dois anos, uma das autoras anarquistas mais conhecidas de Milão, que se distinguia por ter adotado o Islã anos antes, após passar alguns meses no Egito. Benito começou a fugir do escritório para visitar o apartamento impregnado de incenso de Rafanelli, um lugar em que as visitas se sentavam no chão. O caso durou até o outono de 1914. Décadas depois, já uma senhora, Rafanelli publicou quarenta cartas que o jovem Mussolini lhe escrevera naqueles tórridos meses.[10]

Em novembro de 1915, um segundo Benito nasceu, filho de outra amante de Mussolini, Ida Dalser, mulher que o idolatrava. Numa provável tentativa de repelir as alegações de Dalser, que insistia em dizer que era sua verdadeira esposa, Mussolini se casou com Rachele. A cerimônia civil, feita às pressas, ocorreu um mês depois do nascimento do filho de Dalser, apesar de, à época, Mussolini estar acamado numa enfermaria com febre tifoide. Quando o amante deixou de responder às suas cartas, Dalser conseguiu um mandado judicial para confiscar a mobília dele. Num acesso de fúria vingativa, ela juntou a modesta coleção de mesas e cadeiras que Mussolini mantinha no quarto de hotel onde morava e pôs fogo em tudo.[11]

Antes disso, em novembro de 1914, logo após ter sido retirado do cargo de editor do *Avanti!*, Mussolini anunciou o lançamento do seu próprio jornal, *Il Popolo d'Italia* [O povo da Itália].[12] O jornal, que contava inicialmente com o apoio de industriais italianos que se beneficiariam da entrada do país na guerra, permaneceria como o veículo de comunicação de Mussolini pelas três décadas seguintes.[13]

Mais ou menos na mesma época em que lançou o próprio jornal, ele organizou as *Fasci d'azione rivoluzionaria*, células revolucionárias ou, como ele as descreveria, "uma associação livre de subversivos" que apoiavam a entrada da Itália na guerra e pediam o fim da monarquia.[14] Os grupos fizeram sua primeira reunião em janeiro de 1915, quatro meses antes de a Itália entrar na guerra ao lado da Grã-Bretanha e da França. Logo Mussolini foi recrutado e enviado para o front nas montanhas do nordeste da Itália. Em 23 de fevereiro de 1917, seu serviço militar foi bruscamente interrompido quando um morteiro que ele tentava disparar explodiu no tubo, matando cinco dos seus próprios soldados e perfurando-lhe o corpo com estilhaços. Apesar da cirurgia, ou talvez por causa dela, ele teve infecção e febre, mas sobreviveu e voltou para Milão, onde sua mais importante amante e confidente política o aguardava.

Nascida em 1880 numa rica família judia veneziana, Margherita Sarfatti havia estudado em casa com professores particulares. Aos catorze anos, já sabia francês, alemão e inglês. Lia filosofia, decorava versos de Shelley, estudava crítica de arte e desenvolvera uma paixão pela literatura. Atraente, de olhos verdes e cabelos ruivos, aos dezoito anos se casou com um advogado judeu quase quinze anos mais velho.

Os recém-casados se mudaram para Milão, onde Margherita se aproximou do Partido Socialista e começou a escrever artigos culturais para o jornal da organização. Conheceu Mussolini quando ele chegou à cidade, no fim de 1912. O que a impressionou de imediato foram os olhos dele. Vivos e grandes, pareciam se mover febrilmente enquanto ele falava. Mais tarde, quando o viu em atividade num comício socialista, ficou maravilhada com a capacidade que ele tinha de conquistar a multidão com sua eloquência concisa e vigorosa. Benito lhe parecia um lendário herói de outras eras que, vestindo sua armadura enferrujada e amassada, sempre conseguia derrubar reluzentes cavaleiros em torneios reais. Ele também a fazia pensar em Savonarola, o dominicano do século XV. Mussolini compartilhava com o feroz padre o "estranho brilho fanático nos olhos e a imperiosa curva do nariz".[15]

O caso dos dois começou em 1913. Quando Mussolini voltou da guerra, em 1917, os dois se tornaram inseparáveis.[16] Em novembro de 1918, a irmã, Edvige, que estava em Milão para as comemorações do armistício, ficou surpresa ao ver que Benito tirara o bigode e usava um terno bom, com camisa de gola branca imaculada e até uma flor na lapela. O irmão lhe pareceu notavelmente arrumado e limpo, e Edvige adivinhou que estava apaixonado.[17]

Em contraste com o romance na vida de Mussolini, motins brutais aconteciam na Itália do pós-guerra. Em muitas cidades do norte, operários tomavam fábricas. A recente Revolução Russa estava fresca na memória de todos, e chamados para pôr fim à democracia "burguesa" e instalar um Estado operário se disseminavam. Na zona rural italiana, ligas

camponesas de esquerda atacavam. Proprietários de terras, habituados a ditar os termos para os camponeses, viam-se na defensiva. Centenas de milhares de veteranos não conseguiam encontrar emprego. O governo estava sem recursos e paralisado por pequenas disputas políticas e rixas pessoais. Os socialistas criavam uma espécie de Estado dentro do Estado, assumindo governos municipais e formando cooperativas de trabalho numa vasta faixa do norte do país, do sopé dos Alpes, no noroeste, ao mar Adriático, no leste.

Mussolini encontrou seu eleitorado natural entre os veteranos de regresso à Itália, explorando seu nacionalismo, sua ideia de que o país lhes devia alguma coisa e sua relutância em abandonar aquele tipo de camaradagem de que desfrutavam até pouco tempo antes, quando lutavam lado a lado. Ataques aos oportunistas que lucraram com a guerra, aos derrotistas, aos generais ineptos e aos políticos corruptos se revelaram uma mistura inebriante. Em 23 de março de 1919, ele convocou a primeira reunião do seu movimento fascista.

Junto com o restante do *establishment*, a Igreja foi um dos primeiros alvos dos fascistas. Mussolini pregava o confisco das propriedades de congregações religiosas e o fim dos subsídios estatais à Igreja. Num artigo de novembro de 1919 no *Il Popolo d'Italia*, convidou o papa a deixar Roma. Um mês depois, manifestou seu ódio a todas as formas de cristianismo.[18]

Os fascistas tiveram a primeira chance de apresentar candidatos ao parlamento naquele mesmo mês, mas o resultado foi um grande constrangimento.[19] Em Milão, obtiveram menos de dois por cento dos votos e não elegeram ninguém. Nacionalmente, só elegeram um deputado.[20]

Embora seu movimento ainda não recebesse grande quantidade de votos, Mussolini atraía muita atenção da política. Pouco antes da eleição, as autoridades prepararam um dossiê confidencial sobre Benito, no qual ele era apresentado como fisicamente imponente, mas sifilítico. A

alegação de que contraíra sífilis, doença comum na época, não chega a surpreender, levando-se em conta que ele tinha várias parceiras sexuais. Até o fim da vida de Mussolini se cochichava sobre o assunto, e alguns até atribuíam à sífilis o suposto declínio mental de seus últimos anos de vida. Contudo, a autópsia não encontrou vestígio algum da doença.

Mussolini levantava cedo todos os dias e saía para a redação do jornal por volta do meio-dia, porém só voltava para casa bem depois da meia-noite. Segundo relatórios da polícia, era impulsivo e movido pelas emoções, mas também tinha um lado sentimental, o que explicava um pouco a atração que tanta gente sentia por ele. Inteligente e astuto, possuía grande habilidade para avaliar os pontos fortes das pessoas e tirar proveito de suas fraquezas. Bom organizador, capaz de tomar decisões rápidas, era leal aos amigos, mas capaz de guardar um rancor crônico contra quem fizesse pouco dele. Sem compromisso com qualquer conjunto de convicções em particular, abandonava as velhas crenças e abraçava as novas num piscar de olhos. Acima de tudo, era extremamente ambicioso, convencido de que seu destino era forjar o futuro da Itália.[21]

No começo de 1920, Mussolini já tinha descartado boa parte da ideologia socialista que até então havia proclamado ruidosamente. Percebendo que seu caminho para o sucesso estava em tirar vantagem do caos no país, apresentava-se como representante da lei, da ordem e do orgulho nacional.

Na primavera de 1920, ligas socialistas organizaram uma greve na agricultura no vale do rio Pó. Como o governo nada fez para intervir, os proprietários de terra locais procuraram os *fasci*. No outono, bandos fascistas armados — usando camisas e barretes negros — saquearam câmaras de trabalho socialistas e outros alvos de esquerda. A Itália moderna nunca tinha visto nada parecido. Embora presidisse de forma negligente a rede desses saqueadores, Mussolini não os organizava diretamente, recorrendo a chefes fascistas locais para executar o trabalho sujo. Em 21 de novembro, um desses bandos invadiu a prefeitura de

Bolonha, onde uma administração socialista recém-eleita tomava posse. Dez pessoas morreram na batalha subsequente, e o governo suspendeu a nova administração municipal. A violência se espalhou, com bandos fascistas atacando governos municipais de esquerda, sedes socialistas e sindicatos.

Presidente de um movimento com pouca estrutura, Mussolini lutava para manter controle sobre sua belicosa prole política, pois os chefes fascistas locais estabeleciam redutos próprios em suas cidades. A batalha para transformar um irascível conjunto de feudos violentos de base local numa organização política nacional, hierarquizada, que funcionasse sem problemas, consumiria suas forças pelos anos seguintes.[22]

★ ★ ★

COM O GOVERNO paralisado, o rei dissolveu o parlamento e convocou novas eleições para 15 de maio de 1921, apenas um ano e meio depois do pleito anterior. A campanha resultante disso se desenrolou em meio a uma orgia de violência fascista que engolfou as regiões do norte e do centro do país, além de áreas dispersas do sul. Os bandos — que dispunham de caminhões fornecidos por proprietários rurais — incendiavam clubes socialistas e sindicatos e atacavam seus líderes.[23]

Nas cinco semanas que precederam a eleição de 1921, cem pessoas foram mortas e centenas acabaram feridas. Mas os socialistas mantiveram a maioria das cadeiras, elegendo cento e vinte e dois representantes, aos quais poderiam ser acrescentados os dezesseis eleitos pelo Partido Comunista, uma facção do Partido Socialista que se separara no começo do ano. O católico Partido Popular, outro alvo de ataques fascistas, também conquistou várias cadeiras, elegendo cento e sete deputados. Mussolini e os fascistas tinham feito uma coalizão com membros da velha elite conservadora, mais notavelmente com o então primeiro-ministro Giovanni Giolitti, que via os camisas-negras como o porrete de que

precisava para manter os socialistas sob controle. Juntos, obtiveram maioria, com duzentos e setenta e cinco deputados, incluindo trinta e cinco fascistas, capitaneados por Mussolini.[24]

Logo depois que o novo parlamento se reuniu, Mussolini se levantou para fazer seu primeiro discurso. Seria memorável. Centenas de milhões de católicos do mundo inteiro consideravam Roma seu lar espiritual, disse ele. Essa era uma fonte de poder que a Itália não podia ignorar. O fascismo, afirmou, para espanto de muitos que o conheciam, ajudaria a promover a restauração da sociedade cristã. Construiria um Estado católico apropriado para uma nação católica.[25]

A surpreendente aceitação de Mussolini pela Igreja veio sem qualquer consulta prévia às autoridades do Vaticano. O católico Partido Popular atrapalhava seus esforços para se apresentar como a melhor chance de deter o avanço dos socialistas no país. Para que o papa abandonasse a organização católica, Mussolini teria que convencê-lo de que poderia ser de mais serventia à Igreja do que o Partido Popular. Em novembro, o movimento fascista tornou-se formalmente o partido político fascista, adotando um novo programa. Não se falava mais em expropriar propriedades da Igreja e separar o clero do Estado.[26]

Ao tentar garantir o apoio do Vaticano, Mussolini lançava uma isca ideológica — acabar com o regime democrático liberal e impor um Estado católico autoritário — ao mesmo tempo que se utilizava da força bruta. A rigor, já tinha literalmente um porrete, o temido *manganello*, o cassetete de madeira orgulhosamente brandido pelos camisas-negras. Na visão dos fascistas, o Partido Popular era parte de uma rede mais ampla de instituições católicas na zona rural que interferia em seus projetos. No nível local, essa obstrução incluía grupos da Ação Católica — católicos leigos que participavam de atividades religiosas sob supervisão eclesiástica — e várias cooperativas religiosas. Os *squadristi* viam todos como alvos legítimos de suas sangrentas incursões noturnas.

Em março de 1922, padres da região de Mântua, ao norte do país, mandaram uma carta para autoridades governamentais protestando contra o espancamento de membros e ativistas da Igreja pelos fascistas. No mês seguinte, em Bolonha, fascistas atacaram dois vereadores do Partido Popular. Ratti, que havia se tornado papa poucos meses antes, ficou especialmente irritado ao saber que camisas-negras tinham saqueado a sede da Ação Católica em sua região natal, Brianza.[27] Em maio, numa das muitas reportagens que descreviam a violência fascista, o jornal jesuíta de Roma, *La Civiltà Cattolica*, informou que, certa noite, um grupo de meninos saía de uma reunião do clube de jovens católicos em Arezzo quando um bando de fascistas atacou de porrete e chicote em punho. Nos meses seguintes, o jornal diário do Vaticano, *L'Osservatore Romano*, publicou uma série de matérias parecidas sobre ataques a ativistas do Partido Popular, clubes católicos locais e padres. Não houve menção a Mussolini, que mantinha publicamente uma distância calculada dessas incursões.[28]

Ninguém desempenhava melhor o papel de porrete fascista ao tratar com a Igreja do que Roberto Farinacci, chefe de Cremona, no norte da Itália, outro jovem veterano e ex-socialista das baixas classes médias que dominaram o movimento fascista em seus primeiros tempos. O mais fascista dos fascistas — título que adotou com orgulho —, Farinacci carregava um revólver enfiado numa liga debaixo da calça. Ele personificava não apenas a exuberância, a violência, a intolerância e o autoritarismo do movimento, mas também suas raízes anticlericais. Mais tarde, sempre que precisasse manter o Vaticano na linha, Mussolini recorreria a Farinacci. Mas, naquele momento, a mensagem de Mussolini era clara: ele era a única pessoa no país capaz de manter anticlericais violentos como Farinacci sob controle.[29]

Vendo que a polícia ficava de lado sem fazer nada enquanto bandos de saqueadores fascistas incendiavam seus centros locais e espancavam seus líderes, os socialistas resolveram agir. Em 29 de julho, convocaram uma

greve nacional, ameaçando não retornar ao trabalho enquanto o governo não pusesse fim à violência. Mas a greve teve um efeito bumerangue. Bandos fascistas incendiaram sindicatos e obrigaram os grevistas a trabalhar. Em 3 de agosto, os *squadristi* tomaram a prefeitura de Milão. Só os fascistas, proclamou Mussolini, impediriam que a Itália seguisse os passos da Rússia.[30]

Com o país em tumulto, o governo paralisado e a polícia e as forças armadas demonstrando simpatia pelos fascistas, o novo papa e seus conselheiros mais próximos começaram a duvidar da sabedoria de fazer oposição à cruzada de Mussolini. Pio XI nunca abraçara cem por cento o Partido Popular, que, apesar de fundado com a bênção de Bento, professava com orgulho sua independência em relação ao Vaticano. Pio tampouco era, por ideologia ou temperamento, um entusiasta do governo parlamentarista. Em sua opinião, a Itália precisava de um homem forte para liderá-la, livre da cacofonia das insignificantes disputas multipartidárias. Se pudesse ter certeza de que Mussolini trabalharia para restaurar a influência da Igreja na Itália, o pontífice não insistiria em mostrar ressentimento por seu passado anticlerical. Além dessa cautelosa esperança, porém, o papa tinha um receio: se ele se opusesse aos fascistas e desse o apoio da Igreja ao Partido Popular, Mussolini permitiria que os camisas-negras instalassem o reino do terror contra o clero? O papa temia que, por trás de Benito, houvesse muitos Farinaccis. Sem alimentar a ilusão de que Mussolini adotasse pessoalmente valores católicos ou se importasse com qualquer outra coisa que não o próprio enaltecimento, Pio XI até se disporia a pensar num acordo pragmático se pudesse ter certeza de que Mussolini honraria suas promessas.[31]

Em 2 de outubro de 1922, o cardeal Gasparri, secretário de Estado da Santa Sé, distribuiu uma circular para todos os bispos italianos dizendo-lhes que os padres não deveriam se alinhar com nenhum partido político. Enquanto os fascistas traçavam sua estratégia para chegar ao poder, o papa começou a distanciar a Igreja do partido católico.

A situação atingiu um ponto crítico ainda naquele mês. Em 16 de outubro, Mussolini convocou uma reunião dos chefes das milícias fascistas para finalizar os planos de insurreição. Bandos fascistas ocupariam prédios do governo nas principais cidades do país, enquanto outras forças do movimento se reuniriam em diferentes localidades para marchar sobre Roma e tomar os ministérios do governo central.

Como o homem que encabeçaria o novo governo, Mussolini permaneceria em lugar seguro, de onde receberia relatórios de todo o país e partiria para uma espetacular entrada em Roma quando a cidade caísse. Quatro líderes fascistas — Cesare de Vecchi, Italo Balbo, Michele Bianchi e Emilio de Bono —, destinados a se tornarem o "Quadrunvirato" da mitologia fascista, comandariam a marcha sobre a capital. Os outros chefes do partido voltariam para suas cidades e orquestrariam a tomada de prédios de governos locais.



3. Mussolini e o Quadrunvirato Fascista em Nápoles, em 24 de outubro de 1922. Na frente, da esquerda para a direita: Emilio de Bono, Michele Bianchi, Italo Balbo, Benito Mussolini e Cesare de Vecchi

O que Mussolini fez e onde esteve nas horas que precederam o levante ainda é matéria de debate. Segundo a versão mais aceita, divulgada pelo regime fascista, ele passou a noite de 27 de outubro na ópera de Milão com a mulher, tentando dar uma falsa sensação de segurança às autoridades do governo. Numa versão ligeiramente diferente da história, Margherita Sarfatti, e não Rachele, foi com Mussolini à ópera. E, de acordo com um relato menos lisonjeiro, Mussolini se escondeu na casa de veraneio de Sarfatti no lago de Como, pronto para cruzar a fronteira suíça se a insurreição fracassasse.[32]

Seria perdoável se Mussolini estivesse um pouco desconcentrado na época, pois uma semana antes nascera mais uma filha, Elena. Ele começara um relacionamento com a mãe dela, Angela Curti Cucciati, um ano antes, em meio a seu caso com Margherita Sarfatti. Elena seria um caso à parte entre seus filhos ilegítimos, conquistando a profunda afeição do pai. Anos depois, estaria ao lado de Benito enquanto ele aguardava seu sórdido fim.[33]

Mussolini podia estar ou não pensando na filha mas o fato é que teve dúvidas de última hora sobre o assalto a Roma, dando-se conta de que o Exército poderia destroçar com facilidade seus desorganizados rufiões se recebesse ordens para contê-los. Poucas semanas antes, um dos mais importantes generais da Itália tinha previsto, confiantemente, que o fascismo ruiria ao primeiro tiro do Exército.[34]

Margherita Sarfatti talvez tenha ajudado Mussolini a dissipar suas dúvidas. "É marchar ou morrer", teria dito ela. Seja como for, era tarde demais para recuar. Bandos fascistas já começavam a entrar nas cidades do norte e do centro da Itália.[35]

Embora a Marcha sobre Roma, em 28 de outubro, viesse a se tornar produto de uma elaborada mitologia fascista, os ataques a instalações de governos locais de todo país iniciados na noite anterior foram mais significativos. Em Perúgia, o prefeito se rendeu aos bandos fascistas. Em Cremona, pelotões de Farinacci cortaram o fornecimento de energia

elétrica e invadiram a delegacia de polícia, a prefeitura e outros pontos estratégicos.[36] Em diversos lugares, *squadristi* fascistas tomaram posição cercando batalhões da polícia, estações de trem e centrais telefônicas. Soldados italianos se preparam para o confronto, mas não atiraram, aguardando ordens de Roma.

Não mais do que vinte e seis mil homens armados com velhos fuzis do Exército, e muitos portando apenas cassetetes, chegaram aos arredores de Roma, seu entusiasmo amortecido pela forte chuva. Posteriormente, a lenda fascista diria que eles eram trezentos mil. Para enfrentar os desorganizados arruaceiros fascistas havia vinte e oito mil soldados italianos, com suas metralhadoras e seus carros blindados prontos para entrar em ação.

O primeiro-ministro Luigi Facta, percebendo que só a ação militar poderia conter a turba fascista, redigiu uma proclamação de estado de emergência. Tropas em todo o país receberam ordens para dispersar os *squadristi* e prender os líderes fascistas. Às seis da manhã do dia 28, Facta submeteu a ordem a uma reunião de gabinete convocada às pressas. Depois da aprovação unânime dos ministros, às dez para as oito da manhã, prefeitos em todo o país foram avisados de que o estado de emergência seria anunciado em breve. Às oito e meia, pôsteres proclamando o estado de emergência começaram a ser colados nos muros de Roma. Facta chegou ao palácio do Quirinal pouco antes das nove da manhã e colocou a ordem diante do rei. Mas Vítor Emanuel III se recusou a assiná-la. Facta ficou estupefato. Na véspera, tinha discutido a medida com o monarca, que parecia decidido a defender Roma do assalto fascista.[37]

O rei era uma figura curiosa. Seu avô e xará, Vítor Emanuel II, foi o festejado fundador da Itália moderna. Suas tropas saboianas tinham ajudado a derrotar os austríacos no norte e as forças que defendiam os Estados Papais no centro da península. Por privar o papa de suas terras, o rei fundador da Itália foi excomungado. Seu filho, Umberto I, foi

assassinado em 1900 por um anarquista ítalo-americano de Nova Jersey, e Vítor Emanuel III subiu ao trono aos trinta anos. Alvo de zombarias pela baixa estatura — cerca de um metro e meio —, o bigodudo monarca nunca se sentiu à vontade como rei. Inteligente e bem informado, detestava lidar com partidos políticos e com o parlamento. Tampouco morria de amores pelo papa ou pelo Vaticano. A seu ver, os padres serviam muito bem para serem capelães do rei. Achava desagradável compartilhar sua capital com outro homem que julgava ter autoridade sobre ela.

Como observou a jornalista americana Anne McCormick, ninguém na Itália causava menos problemas do que o rei, que fugia de qualquer publicidade, evitava interferir no governo e só saía em público quando não tinha escolha. Uma das poucas ocasiões em que aparecia em Roma era na abertura do parlamento, que exigia sua presença. McCormick o viu numa dessas circunstâncias, em 1921. Vítor Emanuel III chegou num coche de cristal puxado por cavalos brancos com arreios adornados de joias, um grupo de corneteiros abrindo caminho. Quando ele entrou na câmara e se sentou, ficou "diminuído pelo tamanho do trono (...) e, quando chutou o escabelo de veludo vermelho, (...) não era muito diferente de um menino infeliz balançando as pernas numa cadeira grande demais para si".[38]

O rei tinha um forte senso de dever, mas era cauteloso e tímido. Ao examinar as opções de que dispunha na manhã de 28 de outubro, teve medo de que enfrentar os fascistas pudesse levar a mais derramamento de sangue. Sabia que não tinha popularidade, pois carecia tanto da imperiosa confiança capaz de inspirar o temor e a admiração dos súditos quanto do fervor que pudesse despertar a boa vontade do povo. Pessimista inveterado, temia não poder contar com a lealdade do Exército. Também achava que talvez fosse mais prudente ter Mussolini no governo do que lutar contra ele. Depois de anos de agitação social, muitos oficiais

superiores e industriais achavam que o líder fascista era sua melhor chance de acabar com a ameaça socialista e restaurar a ordem.[39]

Humilhado, Facta renunciou. Primeiro, Vítor Emanuel III tentou nomear um ex-primeiro-ministro conservador para chefiar um novo governo e dar a Mussolini e a alguns dos seus colegas fascistas cargos no gabinete. Mas, com bandos fascistas ocupando pontos estratégicos em boa parte do norte e do centro da Itália e o rei tendo decidido não mandar o Exército combatê-los, Mussolini pôde rejeitar a proposta no ato. Sem escolha, o rei capitulou, convidando o líder fascista para voltar a Roma e formar um governo.

Mussolini pegou um trem em Milão, saindo do seu vagão-leito na capital na manhã do dia 30. Ao se apresentar no palácio real trajando sua camisa negra, consta que disse ao rei: "Majestade, venho do campo de batalha — felizmente sem sangue." Com a chegada do líder a Roma, os molhados e exaustos camisas-negras enfim tiveram permissão para entrar na cidade. Cabriolaram pelas ruas cantando, comemorando e saqueando as sedes socialistas locais que encontravam pelo caminho.

Nos dias que se seguiram, Mussolini formou seu gabinete, reservando os dois cargos mais importantes — ministro do Interior, encarregado dos prefeitos e da polícia, e ministro do Exterior — para si próprio. O gabinete incluía dois membros do Partido Popular, além de três fascistas e uma mistura de outros representantes da elite liberal. Ao apresentar ao rei sua lista de candidatos, o novo governante deu início a uma complexa relação que duraria duas décadas. O polido monarca tinha pouca coisa em comum com o campeão da arruaça e da violência, o homem que se gabava de "não ser sociabilizado".[40] Tampouco se sentia à vontade com o agitador filho de ferreiro que durante anos pregara o fim da monarquia. Mas aprendeu a respeitar a determinação de Mussolini, sua capacidade de acabar com o caos do país, sua falta de venalidade pessoal e seu sonho de restaurar a grandeza da Itália.[41]

Num dos primeiros atos como primeiro-ministro, Mussolini levou seu gabinete para uma missa perante o altar do Soldado Desconhecido, no monumento Vitoriano, em Roma. Ali, ordenou aos homens que rezassem de joelhos durante um minuto. Para muitos deles, "deve ter parecido um tempo extremamente longo" gracejou Gasparri, o secretário de Estado do Vaticano. Mussolini desejava convencer o papa de que agiria agressivamente para restaurar os direitos da Igreja. "Mussolini nos mostrou que era um bom católico", explicou o cardeal Gasparri para o embaixador da Bélgica.[42]

Em meados de novembro, Mussolini se apresentou à Câmara dos Deputados para um voto de confiança. Apesar de haver apenas trinta e cinco deputados fascistas naquele momento, trezentos e dezesseis membros votaram a seu favor. O ex-primeiro-ministro Giovanni Giolitti e outros integrantes do *establishment* político ainda achavam que seria possível usar Mussolini para destruir os socialistas ao mesmo tempo em que mantinham o controle definitivo do Estado. Membros do Partido Popular seguiram o exemplo, muitos de má vontade. E foi assim que Mussolini chegou ao poder, pelo voto legítimo, num parlamento livremente eleito.


L'ILLUSTRAZIONE
ITALIANA
Anno XLIX. - N. 45. - 5 Novembre 1922. Questo numero costa Quattro Lire. (Est., fr. 4,75.)
Per tutti gli articoli e i disegni è riservata la proprietà artistica e letteraria, secondo le leggi e i trattati internazionali.
L'AVVENTO AL POTERE DEL PARTITO NAZIONALE FASCISTA.
BENITO MUSSOLINI
PRESIDENTE DEL NUOVO GOVERNO NEL QUALE HA ASSUNTO IL MINISTERO DEGLI INTERNI E L'« INTERIM » DEGLI ESTERI.

5. Benito Mussolini, o novo primeiro-ministro italiano, novembro de 1922

Era uma figura ímpar, transpirando intensa energia. Ainda não adquirira o peito cheio que, mais tarde, adoraria desnudar para as câmeras, de preferência no alto de um palanque, montando a cavalo ou segurando uma enxada. O cabelo tinha recuado, conferindo-lhe uma testa imponente, os fios ralos penteados para trás; o bigode fora retirado havia muito tempo, e, como Mussolini não tinha suíças, seu cabelo era cortado em linha reta nas têmporas, alinhado com as orelhas. Contudo, seus traços mais impressionantes eram a extraordinária vitalidade e os olhos astutos e penetrantes.

Em seus primeiros meses como chefe do governo, Mussolini usava uma jaqueta preta curta e calças justas desfiguradas por um profundo vinco logo abaixo dos joelhos. "Deve ser um pobre coitado", observou um dos porteiros do palácio Chigi, quartel-general do primeiro-ministro.

"Não tem ninguém para passar suas calças." O contraste com chefes de governo anteriores, provenientes da elite liberal — homens mais velhos, de barba grisalha, em ternos escuros bem-cortados, habituados às finuras da vida —, não poderia ser maior. "Mussolini era um ministro incomum", disse Quinto Navarra, seu assistente durante muitos anos; "dava-nos a impressão de estarmos diante de um sem-teto, um jornalista de mangas manchadas de tinta e sapatos de salto gasto."[43]

Antonio Salandra, ex-primeiro-ministro, descreveu a enigmática figura de Mussolini: uma mistura esquisita de jovialidade e vulgaridade, expressão sincera de sentimentos nobres seguida por instintos baixos de retaliação e vingança, rudeza e teatralidade, afirmações tenazes seguidas por imediatas mudanças de rota, eloquência notável e eficaz polvilhada de referências cultas e ignorância presunçosa expressa em gíria de classe baixa. Mas o que mais impressionava o ex-primeiro-ministro e o que, na sua opinião, mais impulsionava Mussolini era a devoção ao culto da própria personalidade. O líder fascista demonstrava excepcional energia e vontade férrea, tentando compensar com intuição o que lhe faltava em instrução real para chefiar um governo. Era "uma força da natureza".[44]

Pouco depois de se tornar primeiro-ministro, Mussolini precisou comparecer a uma recepção oficial oferecida à família real espanhola, o tipo de ocasião que ele detestava. Quando Benito chegou com a costumeira barba de dois dias no rosto, a rainha Helena, a muito decorosa mulher de Vítor Emanuel III, lançou-lhe um olhar duro. Não foi a única ocasião em que ela notou suas deficiências em matéria de higiene pessoal. Mussolini jamais se acostumaria ao hábito burguês de tomar banho todos os dias, compensando a falha (exageradamente) com frequentes salpicos de colônia barata.

Preparando-se para um dos seus primeiros jantares diplomáticos, realizado na embaixada britânica, Benito aproveitou o conselho do barão Russo, ajudante do primeiro-ministro deixado pela administração anterior.

"É muito simples, Excelência", explicou o barão. "O senhor se senta ao lado da embaixatriz britânica. Preste atenção a cada movimento que ela fizer. Use a mesma colher, a mesma faca, o mesmo garfo que ela usar. Tudo o que ela fizer, faça também."

Chegando ao grande salão da embaixada, Mussolini foi o centro das atenções, mas se sentia pouco à vontade. Suas caretas e seus olhos saltados funcionavam bem nos comícios, mas eram recebidos com menos entusiasmo por diplomatas de smoking. O anfitrião do jantar, sir Ronald Graham, embaixador da Grã-Bretanha, já tinha notado a postura de Mussolini em ocasiões anteriores. Relatando a Londres as primeiras impressões que teve do novo primeiro-ministro italiano, Graham admitiu que não gostava nada do fato de que, em suas aparições públicas, Mussolini adotasse desnecessariamente "certas atitudes e maneiras que só poderiam ser descritas como napoleônicas". E explicou melhor: "Ele andava de um lado para o outro com a mão sobre o peito e enfiada na lapela do sobretudo; o olhar era fixo; nunca sorria e parecia envolto em uma melancolia feroz."[45]

Na recepção dada por Graham, Mussolini sobreviveu ao jantar de oito pratos observando atentamente lady Sybil, a mulher do embaixador. Ela logo percebeu o que ele fazia, imitando cada movimento de seu garfo e de sua faca. Apesar de ter ficado um tanto perplexo quando ela levou a tigela de sopa à boca, em vez de usar uma das inúmeras colheres para tomá-la, ele a seguiu à risca.

Quando finalmente se preparava para sair, agradeceu à mulher, que fez uma referência indireta à ajuda que lhe dera.

— Só fiquei confuso uma vez — disse Mussolini.

— E quando foi isso? — perguntou ela.

— Eu não sabia que os ingleses tomavam sopa como quem bebe cerveja.[46]

★ ★ ★

POUCO MAIS DE um ano depois de ter sido eleito para o parlamento, e oito anos após ser expulso do Partido Socialista, o filho de ferreiro tornou-se, aos trinta e nove anos, o homem mais poderoso da Itália. Os anos anteriores tinham sido marcados por uma violência dolorosa e uma incerteza assustadora. Para alguns, o líder fascista representava a possibilidade de retorno à normalidade. Para outros, ameaçava introduzir um novo tipo de guerra social. Mas ninguém poderia imaginar aonde ele levaria os italianos.

CAPÍTULO TRÊS

O ABRAÇO FATAL

Se o cardeal Gasparri e o cardeal De Lai esperavam que o novo papa fosse como uma massa a ser moldada em suas mãos, devem ter tido uma grande decepção. Pio XI não seria um papa fraco. O amor à ordem e o profundo senso de obediência à autoridade logo deram a tônica do seu reinado. "Ele usa sua mitra até quando vai para a cama", brincou um dos padres do Vaticano. Fazia questão de que suas ordens fossem cumpridas "não imediatamente, e sim mais do que imediatamente", como gostava de dizer. Não tinha a menor compaixão com clérigos que lhe pediam para ser isentados de alguma das muitas proibições da lei canônica. "As leis existem para serem obedecidas", afirmava. O prelado francês Eugène Tisserant, que conhecia Ratti desde quando ele era bibliotecário em Milão, viu uma mudança notável. Tinham sido muito íntimos, e Tisserant vira o lado mais gaiato de Ratti. Em 1918, quando o francês, de licença do Exército, visitou-o na Biblioteca do Vaticano, Ratti o apresentou a Bento XV dizendo: "Santo Padre, este é o meu adido militar." Mas já não parecia o mesmo homem. Ele estava "tão empolgado pela grandiosidade do novo cargo", observou Tisserant, "que nos parecia extraordinariamente distante".[1]

O apego do novo pontífice ao protocolo ficou claro na primeira audiência que concedeu ao corpo diplomático, duas semanas depois da eleição. Quando os embaixadores e delegados chegaram à Santa Sé, acompanhados de numerosos assistentes, descobriram que o trono papal ficava do outro lado do vasto salão, com apenas seis cadeiras dispostas

diante dele. Só os embaixadores, gozando de pleno status diplomático, tiveram permissão para sentar; o resto ficou em pé.[2]

Ratti tinha um senso tão desenvolvido da dignidade do trono papal que mantinha seus próprios parentes afastados. O modesto Pio X, ao se tornar papa em 1903, levara para Roma as duas irmãs solteiras, instalando-as num pequeno apartamento em cima de uma loja perto da praça de São Pedro. Elas o visitavam assiduamente para bater papo, bebericar vinho e rezar o rosário juntos. Ratti tinha sido muito chegado aos irmãos, mas, como papa, só os via se marcassem audiência com seu secretário e aguardassem na sala de espera. Nessas ocasiões, fazia questão de que o irmão o chamasse de "Santo Padre" e "Vossa Santidade". Deixava claro que não queria que essas visitas fossem muito frequentes, pois era o pai de uma família muito maior, que exigia sua atenção. Anos depois, quando o pontífice jazia mortalmente doente, a irmã mais velha suplicou que a deixassem ficar ao lado da cama para confortá-lo, mas foi barrada.[3]

Embora o novo papa enfurecesse os *zelanti* por permanecer fiel à promessa de nomear Gasparri secretário de Estado, a ala modernista da Igreja também não demonstrou muito entusiasmo. O fato de ter decidido honrar Pio IX e Pio X ao escolher seu nome lhes parecia um sinal aziago. Num momento de grande tensão internacional, escreveu um comentarista em Roma, necessitava-se de algo mais do que "a estreiteza mental de um paleógrafo que passou décadas trancado nas salas empoeiradas da Ambrosiana e do Vaticano". O enviado britânico à Santa Sé também não foi nem um pouco convencido por Ratti. Escreveu que o novo papa causava nos interlocutores a impressão de ser um professor pedante. "Basta trocar o solidéu e a batina pelo capelo e pela beca e temos o nosso diretor de escola, tal como representado nas histórias de estudantes da era vitoriana." O embaixador, acrescentou que não se podia negar que o novo papa era cordial, mas parecia ver todos os leigos como crianças que precisavam aprender e não como pessoas adultas com quem

poderia aprender alguma coisa. Com a Europa convulsionada por ameaças de revolução e a velha ordem em frangalhos na Itália, seria aquele o homem capaz de enfrentar os desafios que vinham pela frente?[4]

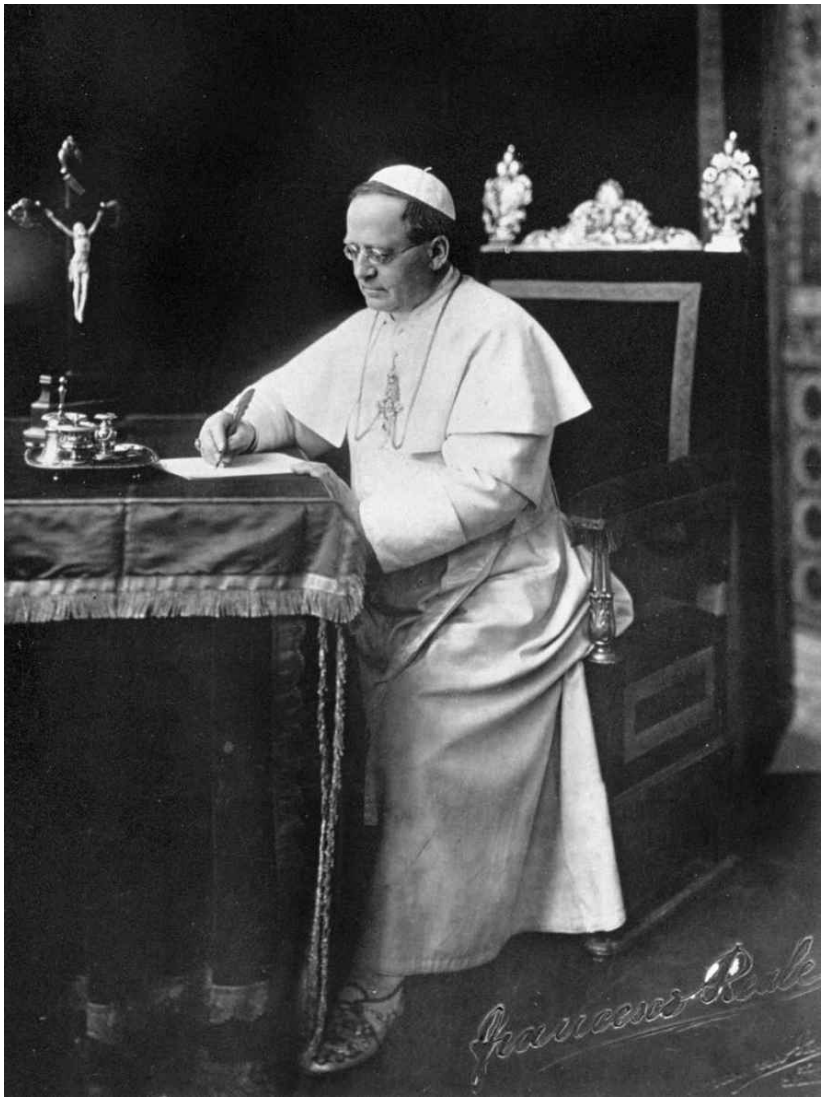
O novo pontífice cercou-se de funcionários em quem confiava, levando para Roma muitos de seus assistentes em Milão. Para cuidar das suas acomodações e da cozinha, designou Teodolinda Banfi, conhecida simplesmente como Linda: ela já o acompanhava havia trinta e seis anos, tendo, antes disso, trabalhado catorze anos para a mãe dele.[5] Também convocou o jovem padre milanês Carlo Confalonieri para servir como seu secretário particular, além de outro assistente de Milão, Diego Venini, e um homem de nome curioso, Giovanni Malvestiti (Malvestiti significa literalmente "malvestido"), para cuidar do seu guarda-roupa.[6] Apesar de ter gostos simples, Ratti adorava a comida de Linda. Em 1926, quando decidiu aposentá-la, avisou aos franciscanos alemães que deveriam substituí-la: "Não quero ter que lembrar vocês: precisão alemã, silêncio alemão, mas nada de cozinha alemã."[7]

Às seis da manhã o despertador o acordava. Depois de fazer as primeiras orações, ele celebrava uma missa em sua capela particular, seguida por um leve desjejum. Seu apartamento, formado por três cômodos no quarto andar,[8] ficava na ala esquerda do palácio Apostólico, o prédio em forma de U que envolve o pátio de São Dâmaso. Empoleirado sobre as colunas de Bernini, o cômodo dava diretamente para a praça de São Pedro. O quarto de dormir era simples, não muito diferente do dormitório de um pároco de aldeia, com uma cama de estrutura de bronze e uma cômoda antiquada coberta com toalha de mesa. Nas paredes ele pendurou fotografias dos pais e do irmão, além de quadros religiosos.

Depois do café da manhã, o papa descia um andar até o seu escritório — ou, como ele preferia dizer, sua "biblioteca" —, onde começava o dia lendo a correspondência e os jornais italianos, alemães, franceses, britânicos e americanos. Era uma sala grande, com pouca mobília e

apenas um pequeno tapete embaixo da escrivaninha. Algumas pinturas antigas pendiam das paredes. O papa sentava-se numa trabalhada cadeira Luís XV, a escrivaninha coberta por pilhas de livros e um grande crucifixo, além de uma bússola e um barômetro, testemunhos de sua nostalgia pelas expedições alpinas. Três janelas, com as cortinas abertas durante o dia para deixar o sol entrar, davam para a praça de São Pedro atrás dele. As visitas que adentravam o escritório viam a silhueta de uma figura branca contra a luz solar sentada atrás da escrivaninha. Havia cadeiras em frente à mesa. Um dos poucos toques pessoais que o papa se permitia era um suporte para livros, no qual mantinha sempre aberto um dos seus volumes favoritos.[9]

Pio XI iniciava sua ronda diária de encontros às nove da manhã, em geral com o secretário de Estado. Quando entravam, os visitantes se ajoelhavam sobre uma das pernas, muitas das quais já estavam trêmulas de antemão, pois raramente alguém ficava à vontade na presença do papa, por causa de sua natureza autoritária, seus modos bruscos e sua insistência em que suas ordens fossem obedecidas ao pé da letra. Em seguida, as pessoas se levantavam, davam dois passos e se curvavam outra vez, antes de avançar os dois passos finais e fazer uma terceira genuflexão. Por causa do espaço apertado e do nervosismo, alguns tropeçavam. Luigi Sincero, um dos cardeais mais graduados, comentou que se aprontar para ver o papa era como preparar-se para um exame nos tempos de estudante. Outros altos prelados admitiam recitar preces, nervosos, quando atravessavam a soleira da porta. Ao saírem, os visitantes mais uma vez dobravam um dos joelhos e repetiam as três vênias iniciais, agora de costas, enquanto recuavam.[10]



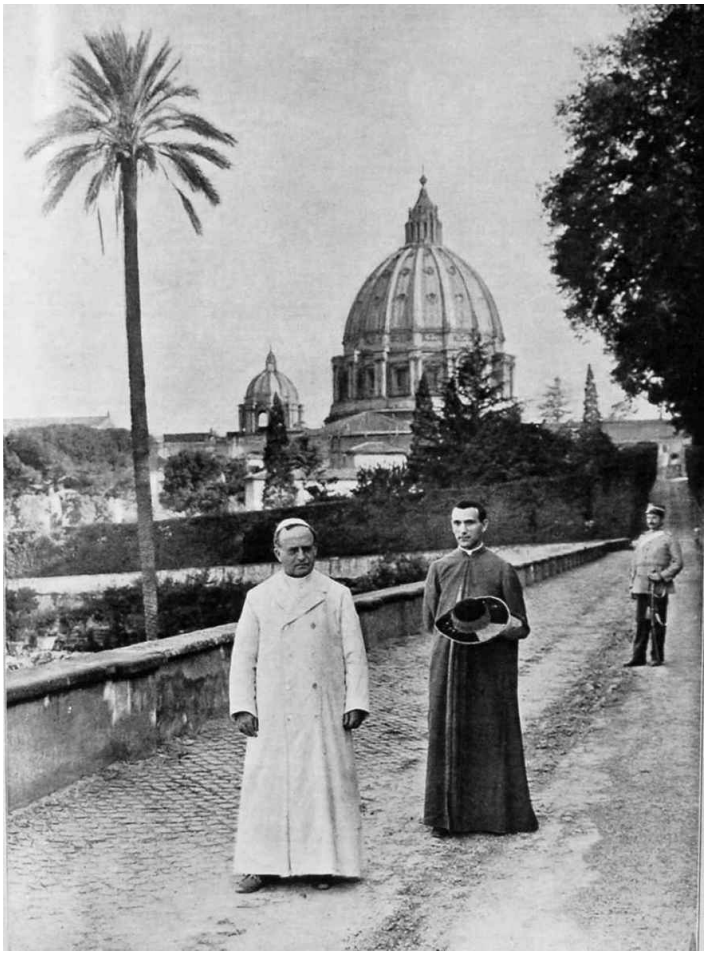
5. Pio XI em sua escrivaninha, 1922

Quando o último visitante da manhã saía, o que dificilmente acontecia antes das duas da tarde, o papa ia almoçar. Adorava risoto ao estilo milanês, com açafrão, ou uma espessa sopa italiana de vegetais e um pedaço de carne com vegetais cozidos, com frutas em seguida. Bebia meia taça de vinho e vários copos de água. Talvez não houvesse reflexo mais revelador da sua ideia da dignidade pontifícia do que a insistência em jantar sozinho. Enquanto Pio X e Bento XV faziam as refeições com seus assistentes ou chamavam convidados especiais para os acompanharem, Pio XI não permitia que ninguém comesse em sua

presença, embora fizesse os ajudantes ficarem em pé ao seu lado enquanto examinava relatórios e redigia ordens. Um dia, poucas semanas depois de sua eleição, seus cansados assistentes, desanimados com a perspectiva de ficarem anos em pé enquanto o papa comia, mas temerosos de dizerem qualquer coisa, sub-repticiamente levaram pequenos tamboretes e os puseram junto à parede. Quando terminaram seus relatórios, sentaram-se. Surpreso, o papa levantou os olhos do prato, mas nada disse. Os tamboretes ficaram.[11]

Depois de uma sesta, às quatro da tarde, o pontífice saía para o pátio, onde guardas suíços que já o aguardavam ajoelhavam-se, mão direita na boina, mão esquerda segurando a alabarda.[12] Naquelas primeiras semanas, um cocheiro idoso sentava-se com um longo chicote na mão direita, empoleirado em uma carruagem com dois belos cavalos negros. Em poucos meses, a carruagem foi substituída pelo primeiro automóvel do papa. Depois de uma volta de carro, o pontífice fazia uma caminhada de uma hora pelos jardins do Vaticano, geralmente com as mãos nas costas, chapéu de feltro preto sobre o solidéu branco na cabeça. Em dias mais frescos, usava um casaco branco trespassado que chegava aos pés. Não eram passeios vagarosos, mas marchas resolutas, condizentes com o "papa alpinista", que o levavam a circular repetidas vezes pelos jardins. Um ajudante, usando uma batina preta longa e colarinho clerical, esforçava-se para acompanhá-lo, vários passos atrás.

Finda a caminhada, Pio XI dedicava uma hora a preces particulares antes de retornar ao escritório. Às seis ou sete, iniciava uma nova rodada de encontros, basicamente com membros da Cúria, a administração central da Santa Sé. Depois do último compromisso, rezava o rosário com os secretários. Ceava às dez. A última coisa que fazia antes de dormir era voltar ao escritório e pegar um sólido livro de registros encadernado. Ali anotava todos os presentes que tinha recebido durante o dia e todas as despesas em que incorrera. À meia-noite, ia para a cama.[13]



6. Pio XI durante sua caminhada pelos jardins do Vaticano, acompanhado pelo monsenhor Carlo Confalonieri

★ ★ ★

NAQUELES ANOS, ROMA era um exemplo de contrastes, com o antigo e o medieval chocando-se com o moderno em sua fase inicial. Depois que tropas italianas tomaram a cidade, em 1870, o cenário social se transformou. Mosteiros foram convertidos em prédios governamentais e escolas. Homens do norte afluíam à cidade para assumir cargos públicos na nova capital da Itália, e camponeses empobrecidos do centro e do sul chegavam em carros de boi com tudo o que possuíam. A população crescente de funcionários públicos e empregados da construção civil criava novas oportunidade de trabalho.

Embora a Igreja não governasse mais a cidade, Roma ainda parecia ter um templo católico em cada esquina. Padres de batina negra, freiras de hábito, dominicanos tonsurados com seus mantos brancos, franciscanos de batina marrom, seminaristas católicos gregos de sotainas azuis e faixas vermelhas e um caleidoscópio de eclesiásticos de todos os tipos congestionavam as ruas da cidade. *Carabinieri* (policiais) de chapéu napoleônico e uma faixa vermelha na calça se misturavam a soldados e policiais. Babás a quem a classe média confiava seus bebês tentavam abrir caminho com seus pequenos encargos nas ruas movimentadas.

Ainda que os romanos ficassem impressionados com tudo o que fosse novidade — como o bonde elétrico, cujos trilhos cruzavam as ruas de paralelepípedo, e os automóveis que começavam a invadir as ruas incrivelmente estreitas, sinuosas e irregulares —, havia sinais abundantes de que a Itália era um país majoritariamente formado por camponeses semianalfabetos. Carroças cheias de vinho desciam da zona rural para entregar produtos às muitas *osterie* da cidade. Placas nos restaurantes mais elegantes prometiam *vini scelti* e *ottima cucina*. Ao lado deles, lojas mais modestas anunciavam simplesmente *pane* e *pasta*. Pequenas mercearias, que ostentavam uma profusão de cores graças aos estoques de frutas e hortaliças, ladeavam as ruas, com as minúsculas instalações servindo também como alojamento para os proprietários. No começo da primavera, pequenos tomates do tamanho de uvas chegavam do sul. Verdureiros arrumavam cenouras, nabos e brócolis junto à porta dos estabelecimentos, de modo quase artístico. Os romanos também costumavam fazer compras nas feiras que brotavam todas as manhãs nas pequenas *piazze* da cidade. Nelas, os feirantes montavam surpreendentes pirâmides de laranjas, maçãs e figos brancos. Vendedores de massas erguiam montes de macarrão e espaguete recém-fabricados. Galinhas depenadas, penduradas pelos pés, balançavam nos toldos das barracas. Fileiras de peixes reluzentes e densamente acomodados atraíam aqueles que tinham condições de comprá-los.

Os mercados maiores, com as barracas protegidas do sol e da chuva por grandes guarda-sóis, atraíam uma grande variedade de fregueses. Mordomos de príncipes, com seus casacos de pele, acotovelavam-se com mulheres pobres de xales tricotados. Depois de regatear o preço, as senhoras acomodavam as modestas compras em grandes lenços quadriculados. Floristas equilibravam imensos cestos transbordantes de asfódelos, mimosas, cravos e violetas na cabeça. Outros ambulantes cantavam as virtudes de sua mistura heterogênea de roupas, facas de bolso e cebolas, tudo pendurado nos ombros ou transportado em bandejas presas ao pescoço.

Aqui e ali, um homem de figura distinta e bem vestida podia ser visto sentado a uma mesa no meio de uma pequena *piazza*. Em bancos arrumados à sua volta, seus fregueses — na maioria homens e mulheres de idade — aguardavam a vez. Na mesa ele tinha um tinteiro, algumas folhas de papel e um mata-borrão. Escrevia cartas e preenchia formulários para os analfabetos. Os padres sabiam em que ruas ficavam as lojas que vendiam vestes clericais. Seminaristas sabiam onde encontrar quiosques de livros usados. Turistas consultavam seus guias de viagem para localizar as barracas que vendiam antiguidades e joias, nem todas necessariamente falsas. De vez em quando, senhoras de idade paravam numa igrejinha modesta em uma rua secundária para fazer uma prece à desbotada imagem da Madona com o Menino Jesus que adornava a parede de estuque.

Mulas e burros carregavam tijolos e barris, borlas vermelhas pendentes dos arreios e panos escarlates sobre o dorso. Roupas lavadas eram penduradas em cordas que se estendiam de um lado a outro das ruas estreitas. Sapateiros martelavam calçados e cortadores de pedra lascavam seu material em lojinhas minúsculas e escuras. Mulheres gritavam das janelas barganhando com vendedores ambulantes que passavam pelas ruas, em seguida depositavam o dinheiro numa cesta, que descia por uma corda. O ambulante, por sua vez, colocava os produtos e o troco para a

viagem de volta. Quando o sol escaldante dava lugar às nuvens e ao aguaceiro, Roma explodia em guarda-chuvas, dos verdes esfarrapados dos catadores de lixo aos negros reluzentes, segurados sobre a elite da cidade por criados de libré. Fora os automóveis, que não precisavam desse objeto, praticamente todos os veículos abriam seus guarda-chuvas. "Há poucas silhuetas mais grotescas em Roma do que os cocheiros, com seus cansados cavalos de pescoço fino e suas periclitantes vitórias, encolhidos debaixo de guarda-chuvas que lembram cogumelos velhos", escreveu um observador no início do século.[14]

O papa não via nada disso, pois nunca se aventurava para além dos muros do Vaticano. Durante décadas, todos os pontífices padeceram a ignomínia de viver num minúsculo pedaço de terra cercado pelo mesmo país que tomara os territórios da Igreja e reduzira drasticamente o seu poder político. A vizinhança do lado de fora dos domínios eclesiásticos, espremida entre os palácios do Vaticano e o Tibre, retinha qualquer coisa do cheiro, do barulho e da atmosfera do antigo regime, uma confusão maltrapilha e superpovoada de pequenas ruas e becos. Só quando os visitantes seguiam para o oeste, pelas ruas estreitas, repletas de vendedores de suvenires sagrados, a magnificência da basílica de São Pedro e da colunata de Bernini aparecia de repente.[15]

★ ★ ★

A DECISÃO DO papa de considerar a possibilidade de apoiar Mussolini surpreendeu muita gente na Igreja. Ninguém ficou mais constrangido do que o padre Enrico Rosa, editor de *La Civiltà Cattolica*, que, até que Mussolini chegasse ao poder, usara as páginas do jornal para denunciar o fascismo como um dos piores inimigos da Igreja. Dias antes da Marcha sobre Roma, Rosa tinha advertido que o movimento fascista era "violento e anticristão, encabeçado por homens sinistros (...) o esforço

falido do velho liberalismo, de maçons, proprietários de terras, industriais ricos, jornalistas, políticos insignificantes e coisas do gênero".[16]

La Civiltà Cattolica foi fundado em 1850, pouco depois do retorno do papa Pio IX a Roma após o exílio a que tinha sido forçado pelo levante de 1848. Duas vezes por mês, o editor levava as provas da edição seguinte ao escritório do secretário de Estado do Vaticano, para aprovação prévia.[17]

Rosa, de cinquenta e dois anos, ingressara na cooperativa editorial jesuíta dezessete anos antes e, em 1915, fora designado chefe do periódico pelo papa Bento XV. Apesar de sua experiência, por alguma razão o editor não percebeu os sinais da mudança de curso de Pio XI. Ao ler a última tirada antifascista de Rosa, o superior geral da Companhia de Jesus, homem para quem o fascismo se mostraria particularmente agradável, ficou furioso e instruiu o jornalista a mudar de tom.[18] Pior ainda: Rosa soube que o papa também havia mudado de opinião. O papa viu em Mussolini algo que lhe agradou. Apesar de todas as diferenças, os dois homens compartilhavam valores importantes: nenhum dos dois tinha qualquer simpatia pela democracia parlamentar; tampouco acreditavam na liberdade de expressão ou de associação. Viam o comunismo como uma grave ameaça.[19] Achavam que a Itália estava atolada numa crise e que o sistema político vigente não tinha salvação.

Uma conversa entre o papa e o padre Agostino Gemelli — à época recente fundador da Universidade Católica de Milão e homem íntimo do pontífice — oferece um vislumbre da posição de Pio XI diante de Mussolini nas primeiras semanas do novo governo. "Elogio, não", disse o papa a Gemelli. Mas "oposição abertamente organizada não é boa ideia, pois temos muitos interesses a proteger". Era necessário ter cautela. "Olhos abertos!", aconselhou.[20]

Pio instruiu Rosa a descartar o artigo crítico sobre o fascismo que redigira para o número vindouro da sua publicação e, no lugar dele, publicar um editorial mais amistoso.[21] "Quando uma forma de governo é

constituída de maneira legítima", escreveu Rosa na nova versão, "muito embora tenha sido, a princípio, defeituosa ou mesmo questionável em vários sentidos (...) é nosso dever apoiá-la, pois a ordem pública e o bem comum assim o exigem. Nem é permissível, seja a indivíduos ou a partidos, tramar para derrotá-la, suplantá-la ou trocá-la recorrendo a meios injustos."[22]

Embora *La Civiltà Cattolica* continuasse a denunciar episódios de violência fascista contra organizações da Igreja, nunca mais voltaria a denunciar Mussolini ou o fascismo. Pelo contrário: trabalharia pelos interesses do Vaticano de legitimar o movimento aos olhos de todo bom católico, na Itália e no resto do mundo.[23]

★ ★ ★

AS RECÉM-DESCOBERTAS ESPERANÇAS do papa em Mussolini ganharam novo impulso quando o primeiro-ministro concluiu seu discurso de estreia no parlamento pedindo a ajuda de Deus. Desde a fundação da Itália moderna, nenhum chefe de governo italiano tinha deixado escapar a palavra *Deus*. O secretário de Estado Gasparri também via motivo para ter esperança. "A Providência usa estranhos instrumentos para trazer boa sorte à Itália", disse ele ao embaixador belga. Mussolini não só era um "notável organizador", mas também tinha "um grande caráter". Abafando o riso, Gasparri acrescentou que estava claro que o novo primeiro-ministro nada sabia de religião: Mussolini achava que todos os feriados católicos caíam no domingo.[24]

Em dezembro de 1922, Pio XI estabeleceu as metas do seu papado na primeira encíclica de sua autoria, *Urbi arcano*.[25] Nela, ele lamentava as tentativas de tirar Jesus Cristo das escolas e das salas do governo. Lastimava a falta de decoro das mulheres na "crescente imodéstia de seus trajes e suas conversas e na participação em danças vergonhosas".

Advertiu que a noção de que a sociedade avançava ao se afastar da Igreja era equivocada: "Em face do nosso muito louvado progresso, assistimos com tristeza à recaída lenta, mas certa, da sociedade num estado de barbárie." Ressaltava a importância da obediência à autoridade apropriada e adotava o programa de Pio X de combate ao "modernismo". Depreciava a recém-formada Liga das Nações, na qual muita gente da Europa depositava suas esperanças de paz: "Nenhuma instituição meramente humana de hoje poderá ter o mesmo êxito em conceber um conjunto de leis internacionais em harmonia com as condições mundiais que a Idade Média teve na posse da verdadeira Liga das Nações, o Cristianismo." O plano do papa era criar o Reino de Cristo na terra. No fundo, era uma visão medieval.[26]

Enquanto isso, Mussolini rascunhava seu próprio plano autoritário. "Afirmo que a revolução tem seus direitos", disse ele em seu discurso inaugural no parlamento. "Estou aqui para defender a revolução dos camisas-negras e dar a ela o máximo poder (...) Com três mil jovens armados em todo o país, prontos para qualquer coisa e quase misticamente preparados para cumprir minhas ordens, eu poderia punir todos aqueles que difamassem e tentassem macular o nome do fascismo."[27]

No fim de dezembro, Mussolini convocou a primeira reunião do Grande Conselho do Fascismo, responsável por tratar das mais importantes questões da política de governo e da organização partidária. No mês seguinte, o conselho aprovou a transformação das diversas milícias fascistas na Milícia Voluntária para a Segurança Nacional. Essas unidades tinham sido criadas pelos chefes fascistas locais; agora, Mussolini estava ansioso para tirar deles o controle. Diferentemente das Forças Armadas regulares, que juravam lealdade ao rei, os milicianos juravam lealdade a Mussolini.[28]

Ele agiu com rapidez para cumprir suas promessas ao Vaticano, ansioso para mostrar que podia fazer o que o Partido Popular fora incapaz de

realizar: restaurar os privilégios de que a Igreja desfrutava antes da unificação italiana. Mandou colocar crucifixos em todas as salas de aula do país, depois em todos os tribunais e quartos de hospital. Tornou crime insultar um padre ou falar mal da religião católica. Reconduziu os capelães católicos às unidades das Forças Armadas; concedeu subsídios estatais mais generosos a padres e bispos; e, para especial deleite do Vaticano, exigiu que a religião católica fosse ensinada nas escolas primárias. Inundou a Santa Sé de dinheiro, concedendo três milhões de liras para restaurar igrejas arruinadas durante a guerra e subsídios para escolas italianas administradas pelo clero no exterior. Em cidades grandes e pequenas de todo o país, no decorrer das muitas visitas triunfais de Mussolini, bispos e párocos locais eram incentivados a lhe pedirem dinheiro para reparos de suas instalações. No fim de 1923, para polir ainda mais as credenciais católicas do novo primeiro-ministro, ele, a mulher e os três filhos — Edda, Vittorio e Bruno — foram batizados. Rachele, mais coerente em sua fé anticlerical do que o marido, relutou muito. Criada no coração da vermelha Romanha rural, aprendera desde cedo a desprezar os padres e a riqueza e o poder da Igreja.[29]

Muitos italianos e observadores estrangeiros não sabiam direito como reagir ao novo líder da Itália e ao seu violento movimento fascista, e a aprovação do Vaticano teve um papel importante na legitimação do novo regime. Em comentários amplamente citados, o cardeal Vincenzo Vannutelli, decano do Colégio de Cardeais, elogiou Mussolini como o homem "já aclamado por toda a Itália como reconstrutor do destino da nação, de acordo com suas tradições religiosas e civis".[30]

Mussolini queria cimentar o vínculo com o Vaticano em uma reunião com o secretário de Estado da Santa Sé, o cardeal Gasparri. Assim como Benito, Gasparri vinha de família humilde. "Nasci em 5 de maio de 1852, em Capovallazza, um dos vilarejos que formam a cidade de Ussita, no meio das montanhas Sibillini, cerca de setecentos e cinquenta metros acima do nível do mar. Ar limpo, vista encantadora, povo saudável,

honesto, trabalhador, com famílias numerosas, e a família Gasparri era a mais prolífica de todas", lembrava-se o cardeal em suas memórias datilografadas. Seus pais tiveram dez filhos. Como caçula, ele era o favorito natural. Os nove irmãos eram "especialmente robustos e cheios de energia", refletia o religioso, "mas eu era frágil, adoentado, de modo que muitos até previam, e talvez desejassem, que minha vida fosse curta, para tristeza da Mamma". Enquanto o pai passava noites dormindo no pasto com as ovelhas, o pequeno Pietro entretinha a família. Lia histórias de santos para os familiares, amontoados perto da lareira para se aquecer. Todos choravam juntos quando ele recontava as terríveis provações enfrentadas pelos mártires cristãos. "Mamãe tinha o dom das lágrimas, transmitido para todos os filhos, em especial para mim."[31]

O encontro entre Gasparri e Mussolini teve que ser planejado com extremo cuidado, pois o secretário de Estado do Vaticano não poderia ser visto com o chefe do governo — a Santa Sé ainda não reconhecia a legitimidade da Itália. O encontro secreto foi organizado por Carlo Santucci, velho amigo do cardeal. Membro de uma família aristocrática íntima dos papas, ele fora um dos primeiros membros do Partido Popular a romper com a organização para apoiar os fascistas. Sua casa tinha uma característica valiosa: ficava num prédio de esquina com entradas por duas ruas.

Em 19 de janeiro, Mussolini chegou de carro com o chefe da Casa Civil, que ficou esperando do lado de fora. Mussolini entrou por uma porta, onde foi saudado pelo pai de Santucci; o cardeal entrou pela outra, onde foi recebido pela mãe do dono da casa.



7. Cardeal Pietro Gasparri, secretário de Estado do Vaticano, 1914-1930

Naquele dia, a principal preocupação de Gasparri não era se a Santa Sé estaria disposta a acabar com a democracia na Itália; afinal de contas, o Vaticano não tinha muito apreço por governos democráticos. O que mais o inquietava era saber se poderia confiar na promessa feita por Mussolini de restaurar a influência da Igreja na Itália e qual era a probabilidade de ele, com o apoio do Vaticano, ser bem-sucedido.[32]

Para Mussolini — o antigo *mangiaprete*, ou come-padre, como era conhecido em seus primeiros anos —, havia muita coisa em jogo. Se pudesse ser o homem que restauraria a harmonia entre Igreja e Estado, se conseguisse a bênção papal para o seu governo e encerrasse o conflito, teria êxito onde seus antecessores haviam falhado. Seria um herói em todo o mundo católico.

Durante uma hora e meia, os dois homens conversaram a sós. Quando Gasparri saiu, parou para dizer a Santucci que estava muito feliz com o

encontro, chamando Mussolini de "um homem de primeira ordem". O líder fascista saiu às pressas pela outra porta sem dizer nada. No carro, o chefe da Casa Civil esperava ansioso para saber o que tinha acontecido. "Precisamos ser extremamente cuidadosos", disse Mussolini, "pois esses homens eminentíssimos são muito espertos. Antes de avançarem mesmo em discussões preliminares, querem ter certeza de que o nosso governo é estável."[33]

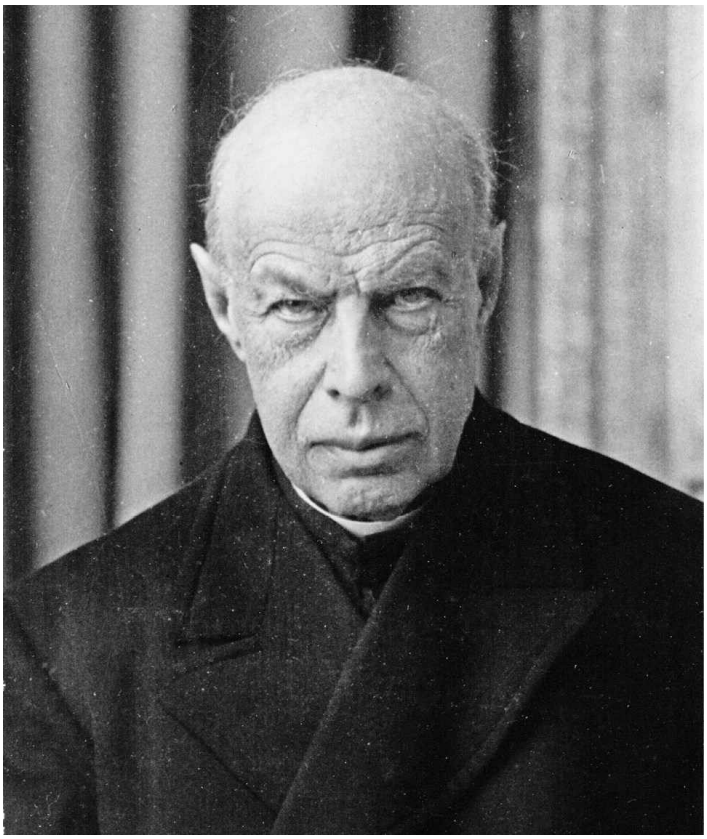
Os dois homens tomaram uma decisão naquele dia: concordaram em escolher um intermediário confidencial, uma pessoa em quem tanto o papa quanto Mussolini confiassem para transmitir suas mensagens nas questões mais sensíveis.

Até hoje não se sabe bem como foi que o velho jesuíta Pietro Tacchi Venturi, de sessenta e um anos, veio a ser selecionado para a função.[34] Ele nasceu em 1861, numa família próspera da Itália central. O pai, advogado, conservava com orgulho o fuzil que havia usado em 1849 para ajudar a derrotar as forças de Garibaldi e retomar Roma para o papa. Pietro deu início muito cedo a seus estudos para ser sacerdote em Roma, então recém-anexada ao reino italiano. Em 1896, começou a escrever a história oficial da ordem jesuíta e passou boa parte das duas décadas seguintes realizando pesquisas que o levaram a bibliotecas, arquivos e mosteiros em toda a Europa. Publicou o primeiro volume em 1910. Durante a Grande Guerra, Włodzimierz Ledóchowski, o superior geral jesuíta, polonês do Império Austríaco, foi expulso da Itália como estrangeiro inimigo. Tacchi Venturi, que havia sido nomeado secretário geral da ordem em 1914, ficou encarregado das atividades jesuítas em Roma.[35]

"Magro e severo", segundo a descrição de um colega, Tacchi Venturi era a própria imagem do jesuíta austero. Sua calvície criava o efeito de uma face oval; quando visto de trás, suas orelhas pontudas projetavam-se a partir dos limites dos cabelos grisalhos. Trajando a batina preta e o colarinho branco clerical, transmitia seriedade e vigor.[36]

Achille Ratti conheceu o erudito jesuíta em 1899, quando uma das viagens de pesquisa de Tacchi Venturi o levou à Biblioteca Ambrosiana.[37] Aparentemente, Mussolini tinha ouvido falar dele através do irmão, Arnaldo, que fizera amizade com o jesuíta nos meses que passava em Roma durante a guerra.[38] Então, pouco antes do encontro secreto com Gasparri, Mussolini conhecera Tacchi Venturi. Semanas depois de assumir o poder, Benito percebeu que uma das atitudes mais fáceis que poderia tomar para cair nas graças do papa seria dar a Biblioteca Chigi para o Vaticano. O governo havia comprado o palácio Chigi — na época, assim como hoje, a residência do primeiro-ministro — em 1918. Com o prédio tinha adquirido também a biblioteca particular que começara a ser formada no século XVII pelo papa Alexandre VII e guardava três mil manuscritos antigos e trinta mil livros. Achille Ratti, então bibliotecário do Vaticano, ficara sabendo que o governo estava comprando o prédio e tentara, sem êxito, adquirir a biblioteca. Em resposta à oferta de doação de Mussolini, o Vaticano mandou Tacchi Venturi avaliar a coleção. Ouvindo, certo dia, que o jesuíta estava no prédio, e talvez lembrando que o irmão tinha falado bem dele, Mussolini mandou-lhe um recado para que fosse ao seu gabinete. Aquele encontro, no fim de 1922, seria o primeiro de muitos entre o jesuíta e Mussolini nas duas décadas seguintes.[39]

As primeiras discussões contribuíram pouco para conter a violência fascista contra padres e ativistas católicos suspeitos de simpatizar com o Partido Popular. Três semanas depois de Mussolini se tornar primeiro-ministro, o bispo da cidade de Vicenza, no norte da Itália, denunciou publicamente os ataques mais recentes contra padres locais e declarou que os agressores seriam excomungados.[40] Em Ascoli Piceno, nas montanhas a leste de Roma, um bando fascista abordou um padre que editava um jornal local e o obrigou a tomar um litro de óleo de rícino.[41]



8. Pietro Tacchi Venturi, S. J.

Em dezembro, quarenta fascistas munidos de porretes invadiram uma reunião de um grupo de jovens católicos no terreno de uma igreja na cidade de Aosta, no noroeste do país, e quebraram portas e janelas, arrebentaram uma mesa de bilhar e atacaram a porrete o crucifixo e as imagens sagradas nas paredes. Quando um espectador indignado tentou contê-los, eles lhe deram uma surra.[42] Naquela mesma semana, em Pádua, arruaceiros fascistas mandaram um adolescente tirar o crachá da juventude católica. Quando ele corajosamente se recusou, um deles lhe encostou uma arma na cabeça enquanto outro arrancava o distintivo.[43] E, numa noite de dezembro, perto de Vicenza, um carro parou na frente da sede do clube da juventude católica. Sete camisas-negras saltaram do veículo, armados de fuzis. Alguns ficaram do lado de fora, e três entraram na sala. Com suas armas, os homens ameaçaram os vinte jovens apavorados ali reunidos e lhes ordenaram que calassem a boca. Então,

apontaram os fuzis para os dois padres que dirigiam a reunião, obrigando-os a beber garrafas de óleo de rícino.[44] Durante todo o ano de 1923, esses ataques continuaram, registrados e lamentados sem muito destaque pelo jornal diário do Vaticano. Nos anos seguintes, durante os quais a violência viria à tona periodicamente, a imprensa católica passaria a repetir um mesmo refrão: os ataques eram obra de extremistas isolados, sobre os quais Mussolini não tinha controle.[45]

Sedes locais da Ação Católica, criada por Pio X em 1905 para servir de estrutura ao laicismo católico, estavam entre os alvos mais frequentes desses ataques.[46] Nenhuma organização era mais cara a Pio XI, que adquiriu a reputação de ser "o papa da Ação Católica". Homens e mulheres, meninos e meninas, cada um tinha o próprio grupo. Os universitários tinham uma unidade, separados em divisões independentes de acordo com a universidade. As atividades da Ação Católica eram, em teoria, religiosas e educacionais, mas iam muito além disso, pois o papa via seus membros como tropas terrestres para a recristianização da sociedade italiana, o que exigiria bem mais do que rezas e lições. Para vigiar de perto a organização, ele nomeou o monsenhor Giuseppe Pizzardo, secretário de Estado suplente e um dos dois subsecretários de Gasparri. A hierarquia da Igreja estaria no comando. "Vocês só precisam seguir os conselhos e as instruções que vêm de cima", explicou o pontífice a um grupo de líderes laicos da Ação Católica.[47]

O papa estava insatisfeito e indignado com os ataques contra sacerdotes locais e clubes da Ação Católica. Mas Mussolini estava acostumado a tirar vantagem da violência e convenceu o pontífice de que era o único homem na Itália capaz de manter os arruaceiros sob controle. Quase todos os artigos de *L'Osservatore Romano* que noticiavam episódios de espancamento e administração de óleo de rícino terminavam com respeitosas súplicas a Mussolini para que os responsáveis fossem punidos. Em certas ocasiões, quando as reações locais eram particularmente intensas, o primeiro-ministro mandava prender alguns rufiões, mas era

raro que os culpados fossem levados aos tribunais, e mais raro ainda que fossem condenados.

No começo de 1923, Mussolini tinha boas razões para achar que sua estratégia estava dando resultado. Um acordo com o papa ia tomando forma. Embora não abandonasse a violência que se mostrara tão eficaz para intimidar os adversários, ele não queria enfurecer Pio XI sem um motivo forte para tal. Continuou a restaurar privilégios de que a Igreja não desfrutava havia décadas. Em troca, precisava que o pontífice acabasse com a oposição católica que perdurava contra o seu governo.

CAPÍTULO QUATRO

NASCIDO PARA COMANDAR

Na primavera de 1923, o Partido Popular estava numa posição insustentável. Acima de tudo, dependia do apoio da Santa Sé, mas Pio XI tinha decidido deixar de apoiá-lo. Em abril, por instrução papal, o jornal diário do Vaticano disse aos seus leitores que, devido aos esforços de Mussolini em favor da Igreja, não havia mais necessidade de um partido católico. No fim do mês, *La Civiltà Cattolica* adotou a nova linha do papa, cantando loas ao governo fascista. "Os berros dos pelotões de Mussolini, 'abaixo o bolchevismo!', estão atraindo adeptos e simpatia de uma ponta à outra da Itália (...) No pensamento, no sentimento e na ação, o fascismo consiste simplesmente em protesto e revolta contra o socialismo", declarou a revista, entusiasmada. A publicação também elogiou Mussolini por seus esforços para restaurar a ordem, a hierarquia e a disciplina. "O fascismo procura colocar os valores espirituais de volta no lugar de honra que já ocuparam, como requer em especial a batalha contra o liberalismo, e restaurar os mais evidentes deles: a criação religiosa e a inspiração católica do país", proclamou em suas páginas.[1] Animado por esses sinais de que o papa achava a organização política católica dispensável, Mussolini lhe deu um ultimato: ou o Partido Popular lhe dava apoio incondicional, ou ele demitiria os dois ministros católicos de seu governo e expulsaria o partido de sua coligação. Quando o fundador do partido, Don Luigi Sturzo, e seus colegas recusaram a proposta, os ministros foram obrigados a abandonar seus cargos.[2]

Pio passou a achar intolerável que Don Sturzo continuasse a servir como líder do Partido Popular. O jornal católico de Roma, *Corriere d'Italia*, publicou um apelo de um prelado próximo do papa solicitando ao padre que renunciasse. Os leitores entenderam que o pedido vinha do próprio pontífice.[3]

Nos bastidores, Pio de fato exigia a renúncia de Sturzo, mas o padre demorou a obedecer. Impaciente com a lentidão, o papa mandou que Tacchi Venturi, seu representante especial junto a Mussolini, conversasse com o fundador do Partido Popular.[4] Sturzo advertiu que, ao forçar sua saída, o pontífice estaria enfraquecendo o único partido "que é verdadeiramente inspirado por princípios cristãos de vida civil e (...) hoje serve para limitar (...) o governo arbitrário da ditadura". A súplica não comoveu Pio XI nem um pouco.[5]

Apesar de relutante, Don Sturzo concordou em obedecer à ordem papal. O pontífice encarregou Tacchi Venturi de discutir com Mussolini o momento certo de fazer o anúncio público e convencê-lo a minimizar a repercussão da notícia na imprensa. O papa disse que o governo não deveria "alardear vitória" em hipótese alguma.[6] Nas vinte e quatro horas seguintes, o jesuíta conferenciou estreitamente com Mussolini para orquestrar o afastamento de Sturzo.[7]

Pio esperava que apaziguar Mussolini dessa maneira ajudasse a pôr fim à violência contra ativistas do Partido Popular e padres, mas sua ação surtiu o efeito contrário. Quando ficou claro que o papa havia retirado seu apoio ao partido católico, seus membros se viram cada vez mais isolados e sujeitos a depredações dos *squadristi* locais. No fim de agosto, um jornal fascista proclamou que o maior inimigo do regime não era mais o socialismo, mas o Partido Popular. Bandos fascistas logo saíram à caça.

Giovanni Minzoni era o jovem pároco de uma pequena cidade perto de Ferrara, cerca de cinquenta quilômetros a nordeste de Bolonha. Durante a guerra, ficara conhecido por sua coragem como capelão militar

no front, e sua popularidade com a juventude da região e sua devoção ao Partido Popular atrapalhavam os esforços locais de recrutamento do Partido Fascista. Certa noite, quando seguia por um beco escuro a caminho do salão de lazer da paróquia, o padre percebeu que estava sendo seguido. Antes que pudesse voltar, dois homens saltaram em cima dele, deram-lhe porretadas na cabeça e fugiram. Sangrando muito, Minzoni conseguiu ficar de joelhos e caiu de novo. De alguma maneira, levantou e saiu cambaleando rumo à sua igreja, mas desmaiou antes de chegar. Paroquianos horrorizados encontraram-no esparramado no chão, o crânio esmagado, mas ainda vivo, e o levaram para dentro. À meia-noite o padre estava morto.

Como de costume, Mussolini atribuiu o ataque a "assassinos" desconhecidos, que seriam perseguidos de forma impiedosa e levados a julgamento. Mas, apesar de terem sido encontrados, os agressores nunca foram punidos.[8] O arcebispo de Ferrara preferiu não comparecer ao sepultamento de Minzoni, mandando um padre fascista em seu lugar. O jornal do Vaticano publicou uma breve nota sobre o assassinato, comentando que o episódio havia entristecido o primeiro-ministro.[9] Pio não tocou no assunto, aceitando a afirmação de Mussolini de que a violência era obra de "idiotas" e "camaradas indisciplinados".[10]

Em meados de agosto, durante a mais recente onda de violência, o embaixador belga na Santa Sé, Eugène Beyens, teve um encontro com o papa, que lhe pareceu mais preocupado com o perigo do comunismo do que com qualquer ameaça de violência fascista. "Nada é mais fatal para a civilização do que o comunismo. Em poucos dias, destrói a obra de séculos", disse-lhe Pio. A única forma de deter o avanço do comunismo seria a formação de uma aliança entre a França, a Bélgica e a Alemanha, inimigas acirradas de um passado nem um pouco distante. "Mussolini não é nenhum Napoleão, nem sequer um Cavour", comentou o papa, "mas só ele compreendeu o que era preciso para livrar o país da anarquia a que fora reduzido por um sistema parlamentar impotente e três anos de

guerra." E acrescentou: "Veja como ele conseguiu fazer com que o país o siga. Que ele reviva a Itália! São esses homens predestinados à grandeza que conseguem trazer a paz hoje ausente. Que Deus nos dê logo esses guias, para que conduzam e iluminem a humanidade!"[11]

★ ★ ★

MESMO NAQUELES PRIMEIROS anos, quando, sob o ponto de vista formal, era apenas o primeiro-ministro de um governo de coalizão, Mussolini procurava alimentar um culto à sua personalidade. Começou a aparecer com mais frequência trajando o uniforme de líder da milícia fascista, com camisa negra e botas de cavalaria.[12] A educação que recebera o levava a pensar que os esportes eram passatempo da elite, não de pessoas do seu nível social, mas passara a esquiar, esgrimir, dirigir carros de corrida, remar, cavalgar e jogar tênis. As lições de pilotagem haviam sofrido um revés em 1920, quando caíra com seu avião; por sorte, escapara apenas com ferimentos leves. Não era ruim como esgrimista, porém nunca foi um bom jogador de tênis, apesar de ter um campeão mundial como professor particular. Muitas fotos suas em estações de esqui mostram-no segurando bastões, mas sem camisa e até mesmo sem esquis, dando uma ideia de como se sentia confiante no esporte.[13]

Como a família tinha tendência a engordar, Mussolini receava o excesso de peso. Comia pouca carne, não bebia nada que tivesse álcool e verificava o peso todos os dias. Assustado com a cintura cada vez mais larga da irmã, tentava, com seu charme rude, convencê-la a fazer dieta, mas não parecia obter sucesso. "Vi as últimas fotos. Você está terrivelmente gorda. Precisa muito perder peso. Atenha-se ao essencial, como eu, porque a gordura não é apenas nociva, ela mata", escreveu-lhe em 1925.[14] Preocupado com o cabelo, que ficava cada vez mais ralo e recuava na testa, passou a esfregar todo tipo de loção no couro cabeludo, checando nervosamente, todas as manhãs, se tinham surtido efeito. Anos

depois, desistiu dessa batalha, raspando a cabeça para ficar parecido com um imperador romano.[15]

Quando Rachele o provocava sobre o seu hábito de borrifar grandes quantidades de água de colônia no rosto e no corpo todas as manhãs, ele respondia que um homem que não era atraente para as mulheres não servia para nada.[16] Rachele e os três filhos não tinham ido com ele para Roma, e Benito não estava nem um pouco ansioso para tê-los ao seu lado. De início, hospedou-se no Hotel Savoia, depois no Grand Hotel. Margherita Sarfatti fixou residência no Hotel Continental, não muito longe dele. Quando Mussolini saiu furtivamente de seu apartamento para visitar a amante pela primeira vez, seu motorista alertou os seguranças. Não demorou para que mensageiros do hotel, que mais pareciam policiais disfarçados, rondassem os corredores do Continental, vigiando as furtivas visitas de Mussolini.[17]

"Amado querido, meu amado!", começava uma carta com o logotipo do Continental que Sarfatti lhe escreveu no ano-novo de 1923, dois meses depois que ele assumiu a chefia do governo. "Quero começar o ano escrevendo seu nome numa folha de papel; Benito, meu amor, meu amante, meu amado. Eu sou, grito para os telhados, eu me regozijo em ser, apaixonada, inteira, devotadamente sua." Sempre que podia dar uma escapada, Mussolini ia ver Sarfatti na casa de veraneio dela, nas montanhas perto do lago de Como, ao norte de Milão. Ali faziam longos passeios, a pé ou a cavalo, seguidos discretamente pelos guarda-costas dele. As situações mais difíceis para a escolta policial do primeiro-ministro eram quando Mussolini, que adorava dirigir em alta velocidade, levava a amante e a filha de catorze anos dela para dar uma volta em seu Alfa Romeo.[18]

Margherita logo encontrou um apartamento para Mussolini em Roma, onde poderiam ter mais privacidade; ela lhe arranjou também uma governanta, Cesira Carocci. Mulher dura, de cabelos curtos, alta, magra e destituída de todas as graças sociais, a nova funcionária logo

passou a ser chamada de *la ruffiana*, a alcoviteira. Ferozmente dedicada ao patrão, ajudava a organizar não só as visitas de Margherita, mas também as de outras mulheres.

Mussolini não gostava de luxo, e seu apartamento minúsculo não tinha sequer cozinha. A sala de estar, que visitantes descreviam como impregnada por um cheiro enjoativo de água de colônia barata, tinha uma mesa com os violinos do líder fascista. Na época em que Edda ainda era bebê, enquanto aguardava o carro que o levaria ao seu escritório, ele por vezes acionava sua pianola e tocava um acompanhamento de violino.[19]

Levando em conta o número de casos duradouros que Mussolini manteve, além do desfile de companhias casuais de uma noite — ou, mais exatamente, de uma tarde —, é incrível que não só achasse tempo para comandar o país, mas também insistisse em examinar os detalhes mais triviais do governo. Só confiava no irmão Arnaldo, que ficara encarregado do *Il Popolo d'Italia* e com quem falava todas as noites por telefone, e, um pouco menos, em Sarfatti. Examinava todo dia uma pilha enorme de relatórios policiais e políticos, encontrava-se com um grande número de pessoas e lia um monte de jornais. "Tenho o hábito de ler todos os jornais italianos, incluindo aqueles que não merecem ser lidos", disse ele a um deputado.[20]

Oriundos da elite aristocrática, ou, mais comumente, da elite profissional, os primeiros-ministros anteriores não tinham base eleitoral nas massas, não contavam com o respaldo de nenhum partido político real e tinham pouco ou nenhum interesse por popularidade. A ideia de viajar pelo país fazendo comícios públicos era algo que, se fosse sequer concebível, eles teriam achado de mau gosto.

Foi nesse cenário que entrou o antigo agitador socialista de Milão, o filho de ferreiro que se gabava das origens humildes, o homem que transpirava um apelo popular viril. Em pouco tempo, Mussolini passou a viajar de cidade em cidade — para lugares que nunca tinham visto um

chefe de governo —, exortando as multidões curiosas com seus discursos lentos e hipnotizantes, proferidos em *staccato*. Estava se tornando um mestre em hipnose das multidões. O que ele percebeu, de uma forma que nenhum dos seus antecessores notara, foi que o povo era governado acima de tudo pela emoção, menos preocupado com o mundo externo do que com o universo simbólico que só Mussolini era capaz de criar.

Em Cremona, Mussolini usou aquela que se tornou uma das suas mais poderosas artimanhas retóricas, um pedido ritual de resposta da multidão.

— De quem é a vitória? — berrava ele.

— Nossa! — respondia a plateia. — De quem é a glória?

— Nossa!

— De quem é a Itália?

— Nossa![21]

De maio a outubro de 1923, Mussolini visitou cidades grandes e pequenas, de Veneza, Lombardia e Piemonte, no norte, passando pela Emília, pela Toscana e pelos Abruzos, no centro, até Nápoles, no sul, além das duas grandes ilhas da Itália: Sicília e Sardenha. Nas seis décadas transcorridas desde que a Sardenha passara a fazer parte da nação, nenhum primeiro-ministro fizera uma visita oficial à região. No ano seguinte, ele repetiu a ronda. As pessoas ansiavam por um líder forte, um salvador que trouxesse estabilidade, ordem e um futuro mais brilhante. Os mais abonados o viam como o homem que contivera a ameaça comunista. Para os demais, era o *figlio del popolo*, o homem comum, alguém como eles.[22]

Para a comunidade diplomática estrangeira em Roma, Mussolini era uma figura intrigante e enigmática. O embaixador da Bélgica na Santa Sé registrou suas observações sobre ele numa recepção diplomática: com os pés plantados no piso, o queixo projetado para a frente, o primeiro-ministro não disse mais do que duas palavras aos que foram cumprimentá-lo. "Sua face séria, altiva, seu jeito taciturno, eram impenetráveis. Tudo o que se decifrava em sua máscara de bronze, nos

olhos duros, era uma rara energia." Mussolini causava uma impressão indelével, lembrava o embaixador: "Desde aquela noite, guardei a visão assustadora de um homem que parece absolutamente imune ao medo ou a qualquer emoção."[23]

No trato com o papa, Mussolini manteve sua bem calibrada mistura de pressão e recompensa. Enquanto os camisas-negras continuavam atacando líderes e sedes locais do Partido Popular, o primeiro-ministro se apresentava como a única pessoa capaz de controlar os fascistas fanáticos. Ao mesmo tempo, cumulava a Santa Sé de dinheiro e privilégios. Forçou a aprovação de uma nova lei que permitia à polícia demitir qualquer editor cujo jornal falasse mal do pontífice ou da Igreja. Cedeu ao pedido do Vaticano de que só livros aprovados pela Igreja fossem usados para ensinar religião nas escolas. Concordou em fechar salões de jogos. Conferiu reconhecimento estatal à Universidade Católica de Milão, anunciou sua oposição ao divórcio e tomou providências para salvar o Banco de Roma, estreitamente ligado ao Vaticano e que estava à beira da falência. Os crucifixos voltaram às salas de aula, e os feriados religiosos foram incorporados ao calendário civil. Mussolini também contribuiu com generosos fundos para reconstruir igrejas arruinadas durante a guerra. A lista não parava de crescer.[24]

Como o papa bem sabia, o apoio que o líder fascista obtinha da Igreja em retribuição por essas medidas era inestimável. Foi o que declarou o Vaticano, em setembro de 1923, num "Programa de colaboração dos católicos com o governo de Mussolini". O documento informava que o primeiro-ministro tinha percebido que estaria em melhor situação se não ficasse tão dependente dos fascistas que o haviam levado ao poder. Tratava-se de um bando indisciplinado, que ele não conseguia controlar por completo. Mussolini precisava de uma "nova massa" de apoio, e os católicos poderiam oferecer isso melhor do que ninguém, pois estavam acostumados ao comando hierárquico. Era verdade que, a princípio, alguns membros da hierarquia da Igreja haviam se mostrado céticos com

relação a ele, mas precisavam confessar que tinham errado: "Tiveram que reconhecer que nenhum governo italiano, e talvez nenhum governo no mundo, teria conseguido fazer tanto em prol da religião católica em apenas um ano."

Mas essa não era a única razão para que o Vaticano apoiasse Benito: "Os católicos pensam com horror no que poderia ter acontecido na Itália se o governo do Ilustre Mussolini fosse derrotado, quem sabe por uma insurreição de forças subversivas, por isso têm todo o interesse em apoiá-lo." Em resumo, as instruções do Vaticano concluíam: "Em todos os sentidos, a constituição pelos católicos de uma massa de apoio ao governo do Ilustre Mussolini parece ser a mais confiável e tranquilizadora combinação imaginável na Itália."[25]

★ ★ ★

EM NOVEMBRO, POR ordem de mussolini, os fascistas saquearam a casa do antigo primeiro-ministro Francesco Nitti, no centro de Roma. A polícia nada fez para intervir, e os saqueadores desfilaram triunfantes pelas ruas da cidade. Em certa manhã do mês seguinte, Giovanni Amendola, que fizera parte do gabinete de ministros e era o muito respeitado chefe da oposição liberal no parlamento, foi atacado perto de casa, também no centro de Roma. Quatro fascistas esmagaram-lhe o pescoço e o rosto a porrete, depois pularam para dentro de um carro que os esperava e partiram em alta velocidade. Ao noticiar o ataque, o jornal de Mussolini, *Il Popolo d'Italia*, afirmou que Amendola havia recebido apenas o que merecia. Não se sabe se a ordem partiu do próprio primeiro-ministro, mas o ataque era parte de uma campanha mais ampla de intimidação que ele incentivava com veemência.[26]

Ao norte da Itália, em Munique, capital da Baviera, a revolução fascista incitava outros acólitos de Mussolini a cometerem atos de violência. Em 8 de novembro, Adolf Hitler, um bigodudo agitador de

trinta e quatro anos, esforçando-se para imitar a Marcha sobre Roma que ocorrera no ano anterior, anunciou uma revolução numa grande cervejaria local. O movimento nazista já tinha adotado a saudação do braço levantado dos fascistas italianos. Os seguidores de Hitler, berrando "Sieg Heil!" até ficarem roucos, conseguiram ocupar o quartel-general da polícia, mas fracassaram na tentativa de tomar o Ministério da Guerra bávaro. Dez pessoas morreram, e Hitler foi preso. Ele passaria um ano na cadeia, mas faria bom uso desse tempo, redigindo seu chamado às armas, *Mein Kampf*. Na época, Mussolini não fazia ideia de que, um dia, seu destino se vincularia estreitamente ao do feroz e insubmisso preso alemão.

Em abril de 1924, a Itália se preparava para uma nova eleição nacional, a primeira desde que Mussolini chegara ao poder. A violência fascista explodiu. Enquanto tratava os inimigos a porretadas e atos ainda piores, o primeiro-ministro continuou a tomar medidas em benefício da Igreja. Uma nova lista de feriados oficiais incluía vários dias santos católicos que o Estado jamais reconhecera. Mussolini também adotou suas primeiras medidas contra organizações protestantes, sabendo que, com isso, agradaria ao papa: negou permissão aos metodistas para erguer um grande templo em Roma e rejeitou propostas da Associação Cristã de Moços para construir centros na Itália. Seminaristas católicos foram isentados do serviço militar, e três semanas antes da votação Mussolini aumentou espetacularmente os pagamentos do governo aos bispos e padres da Itália, para grande regozijo deles.[27]

No começo de abril, *La Civiltà Cattolica*, a voz não oficial do Vaticano, publicou o último número antes da eleição, explicando que a má conduta de alguns membros anticlericais do Partido Fascista não deveria obscurecer o fato de que Mussolini vinha trabalhando de forma incansável para melhorar as relações entre o governo e a Santa Sé. A revista lembrou aos leitores todos os benefícios que os fascistas já tinham conseguido para a Igreja, em comparação com o pouco que o Partido Popular realizara.[28]

O dia da eleição caiu em 6 de abril. Em sua base em Ferrara, Italo Balbo, um dos membros do Quadrunvirato da Marcha sobre Roma, deu suas instruções aos camisas-negras. Em cada seção eleitoral, eles deveriam pegar o primeiro eleitor que saísse da cabine e dar-lhe uma surra aos gritos de "Seu safado, você votou nos socialistas". Era verdade que o pobre coitado talvez tivesse votado nos fascistas, mas, se fosse o caso, "pior para ele", disse Balbo.[29]

Na esteira do espancamento de candidatos, do incêndio de jornais e da destruição das cédulas de oposição, a bancada fascista — que incluía simpatizantes não fascistas — obteve dois terços dos votos; sozinhos, os fascistas conquistaram duzentas e setenta e cinco cadeiras, o que lhes dava maioria absoluta mesmo sem contar com os aliados. Dos partidos de oposição, o Partido Popular ficou com trinta e nove cadeiras, o Socialista, com quarenta e seis, e o Comunista, com dezenove. Alguns outros assentos foram distribuídos entre republicanos, liberais e vários grupos menores. Mussolini estava triunfante. "É a última vez que haverá uma eleição como essa. Da próxima vez, votarei em nome de todos."[30]

No dia seguinte, bandos fascistas atacaram os ativistas e padres do Partido Popular em lugares onde a organização tivera bom desempenho. Numa pequena cidade perto de Veneza, camisas-negras armados chegaram à noite à residência de um desses párocos. Encontrando apenas a irmã dele em casa, espancaram-na e, em seguida, para não deixar por menos, surraram também o padre ajudante.

Como reação à quantidade de ataques dessa natureza contra o clero e organizações católicas, alguém na secretaria de Estado da Santa Sé preparou uma circular para ser distribuída a todos os bispos da Itália, ordenando-lhes que não participassem das comemorações da vitória fascista e proibindo-os em particular de celebrar missas especiais de ação de graças para os fascistas. Contudo, embora tenha sido impressa, a circular nunca saiu do Vaticano. À margem do rascunho do documento (agora nos arquivos) há a seguinte anotação: "Isto não deve mais ser

distribuído. Por ordem do Monsenhor Secretário." Gasparri, sem dúvida depois de discutir o assunto com o papa, decidira que era melhor não fazer nada que pudesse ofender Mussolini.[31]

★ ★ ★

A ESSA ALTURA, Pio XI já tinha estabelecido sua rotina. Os subordinados viviam nervosos, com medo de suas repreensões. O papa era seco e rude com quem lhe desagradava e não se intimidava nem mesmo com os mais exaltados chefes de Estado. Ao visitar o pontífice no Vaticano, o rei da Espanha, Afonso XIII, cometeu o erro de pedir que Pio nomeasse mais cardeais sul-americanos; havia apenas quatro provenientes da região. Furioso com o que lhe pareceu uma tentativa de influenciá-lo, o papa decidiu cancelar a elevação do seu mordomo, monsenhor Ricardo Sanz de Samper, que era da Colômbia. Não queria dar a impressão de ter se curvado à vontade do rei.[32]

No entanto, um visitante ocasional poderia lhe despertar lembranças de antigas paixões. Pio convidou o intelectual francês Jean Carrère para uma audiência privada e pediu sua opinião sobre figuras literárias italianas e francesas. Enquanto Carrère respondia, o papa — segundo a descrição do intelectual —, olhava-o com uma grave expressão de "superioridade cortês". Mas então o francês mencionou Manzoni e definiu *Os noivos* como uma das obras-primas universais. Ao pronunciar essas palavras, "me pareceu que meu venerável interlocutor se transformou. Da polida benevolência que demonstrara até aquele momento, ele se desmanchou em sorrisos e afabilidades", recordou Carrère. Manzoni, disse-lhe o papa, não era apenas um grande romancista, mas também um grande poeta, e, para deleite do intelectual francês, o pontífice vestido de branco pôs-se a recitar versos de um poema do escritor que sabia de cor, numa cadência suave e musical.[33]

Enquanto Bento XV parecia esmagado pelo peso do cargo, Pio XI projetava o vigor de um alpinista. "Parecia nascido para comandar", disse Confalonieri, o padre levado por ele de Milão para servir como seu secretário particular. O papa irradiava autoridade, como diria mais tarde o embaixador da França.[34] Era também muito rigoroso quando se tratava de seguir os procedimentos adequados. Certa tarde, enquanto passeava pelo jardim do Vaticano, viu no chão um envelope endereçado com grandes letras de fôrma "Para Sua Santidade". Nesse dia, o arcebispo de Bolonha o acompanhava na caminhada. Sem pensar duas vezes, o arcebispo abaixou-se para pegar o envelope e entregá-lo ao papa.

"Deixe-o onde estava", repreendeu Pio XI. "Não é assim que se manda uma carta."

O arcebispo colocou o envelope de volta no chão, e os dois continuaram a caminhada.[35]

Apesar de ter passado muitos anos em bibliotecas, o pontífice não tinha, segundo o monsenhor Confalonieri, a personalidade de um bibliotecário, mas sim de um pequeno comerciante. O jovem sacerdote atribuía essa característica às origens do pontífice, pois a região industrial onde Pio nasceu era conhecida por produzir homens desse tipo. O papa pensava em termos concretos e não se sentia à vontade improvisando nada. Insistia em refletir muito sobre tudo e estudava com cuidado todos os relatórios que lhe chegavam às mãos. Uma vez tomada uma decisão, mantinha-se firme. As críticas serviam apenas para fazê-lo fincar pé. O antigo secretário de Estado, o cardeal Merry del Val, reclamava que Pio XI era "teimoso como uma mula".[36]

Apesar das óbvias diferenças, o papa e Mussolini eram parecidos em muitos aspectos. Não tinham amigos de verdade, pois amizade implicava igualdade. Ambos insistiam em ser obedecidos, e todos à sua volta tremiam de medo de dizer qualquer coisa que lhes desagradasse. Formavam uma dupla incompatível, mas o pontífice logo reconheceu as vantagens de vincular sua sorte à do antigo "come-padre". Como

resultado disso, menos de um ano depois da Marcha sobre Roma a revolução fascista se tornara uma revolução clero-fascista. Uma nova parceria tinha nascido. Mas essa aliança não tardaria a enfrentar uma ameaça inesperada, pois algo que quase derrubou Mussolini estava prestes a acontecer.

CAPÍTULO CINCO

LEVANTAR-SE DO TÚMULO

Em 30 de maio de 1924, o terceiro dia do novo parlamento, Giacomo Matteotti subiu à tribuna da Câmara dos Deputados em meio a vaias e ameaças da bancada fascista. Expulso do Partido Socialista dois anos antes num expurgo dos moderados, ele fundara um partido reformista, o Socialista Unitário. Naquele dia, tinha uma mensagem a transmitir: a eleição recente, marcada pela violência, deveria ser anulada. Enquanto narrava detalhes de casos de intimidação de eleitores em todo o país, deputados fascistas o interrompiam sem parar. "Mentiras!", gritavam. "Volte para a Rússia!" Um deles berrou: "Basta! O que estamos fazendo aqui? Precisamos tolerar esses insultos?" Uma falange enfurecida de deputados fascistas avançou ameaçadoramente para a frente da sala. "Você não deveria estar no parlamento!", gritou alguém. "Deveria estar em prisão domiciliar!" Quando Matteotti conseguiu terminar, depois de ser interrompido diversas vezes, assobios fascistas sufocaram os aplausos da oposição. "Agora é melhor se prepararem para escrever o meu obituário", comentou ele com um colega ao sair do prédio.[1]

Mussolini, que estava presente naquela sessão, ficou possesso. Virou-se para seu assessor de imprensa, Cesare Rossi, e resmungou: "Não se pode permitir que esse homem permaneça circulando."

Em 10 de junho, Matteotti deveria falar novamente no parlamento, dessa vez para denunciar o governo de Mussolini por corrupção. Depois do almoço, enquanto caminhava de sua casa, localizada perto da Piazza del Popolo, até a Câmara dos Deputados, dois homens o agarraram e

tentaram arrastá-lo para dentro de um sedã. Embora não fosse grande nem musculoso, Matteotti, de trinta e nove anos, era corajoso e rápido. Jogou um dos agressores no chão e estava quase se livrando do outro quando um terceiro caiu em cima dele, com um soco-inglês. Os homens arrastaram o deputado semiconsciente para o carro. Enquanto ele se debatia, quebrando a divisória de vidro que separava o motorista do banco traseiro, os sequestradores o espancaram brutalmente.



9. Giacomo Matteotti

O sedã disparou pelas ruas de Roma, com o motorista apertando a buzina sem parar para cobrir os gritos de socorro de Matteotti. Os berros logo pararam. Ele estava morto. Se os homens receberam ordem para matá-lo ainda é tema de debate, mas, uma vez com o cadáver no colo, os

assassinos procuraram um lugar onde escondê-lo. A cerca de vinte e cinco quilômetros de Roma, enterraram-no numa cova rasa no mato não muito longe da estrada.[2]

Quando Matteotti não voltou para jantar em casa, sua esposa descobriu que ele não tinha sequer chegado ao parlamento. O alarme soou. Na noite seguinte, relatos de testemunhas começaram a aparecer, descrevendo a cena do sangrento sequestro do socialista e a fuga frenética no carro em alta velocidade.

O fato de um destacado membro do parlamento criticar os fascistas num dia e ser violentamente sequestrado quase no dia seguinte era chocante para todo mundo, menos para os *fascisti* mais empedernidos. Em meio ao furor, Mussolini tentou se distanciar do assassinato. Até 14 de junho demitiu tanto o chefe de polícia quanto o subsecretário do Interior. As suspeitas recaíram em Cesare Rossi, que, além de servir como assessor de imprensa do primeiro-ministro, chefiava um bando secreto de valentões fascistas. Rossi se escondeu. Em pouco tempo, outras altas figuras do regime fascista se viram envolvidas na teia das investigações.

Indícios colhidos no carro usado no sequestro permitiram à polícia identificar os homens que tinham assassinado o deputado socialista. O líder dos sequestradores, Amerigo Dumini, gabava-se para os camaradas de já ter matado mais de dez homens por ordem dos altos escalões do regime. Dumini era americano. Nascido em 1894, em St. Louis, era filho de um imigrante italiano e de uma inglesa. Mudara-se para a Itália quando adolescente, ingressando no Exército italiano durante a guerra. Mais tarde se tornaria um dos fiéis escudeiros de Mussolini, trabalhando sob as ordens de Rossi.

Cinco meses antes, Mussolini tinha se reunido com seu assessor de imprensa e vários mandachuvas fascistas para criar um pequeno grupo secreto capaz de cumprir missões violentas. Dumini fora encarregado de

formá-lo. Em junho, recebeu a ordem, muito provavelmente de Rossi, para pegar Matteotti.[3]

O país entrou em rebuliço. As surras ocasionais e a administração de óleo de rícino a agitadores socialistas eram uma coisa, mas o assassinato do líder de um dos principais partidos de oposição no parlamento — encomendado, segundo todos os indícios, pelos mais altos níveis do regime fascista — era algo bem diferente. O fato de a ação ter sido executada em Roma, em plena luz do dia, só aumentava a indignação. No ano e meio anterior, Mussolini tinha ascendido de chefe de um movimento violento, mais conhecido por seus arruaceiros delinquentes, à condição de um chefe de governo cada vez mais respeitado. Muitos de seus partidários achavam que ele havia deixado para trás esse passado brutal — ou pelo menos esperavam que tivesse feito isso —, mas o assassinato de Matteotti sugeria o contrário. Nos dias e nas semanas que se seguiriam, toda a rede de apoio que Mussolini construíra com tanto cuidado — os velhos nacionalistas e liberais, os grandes industriais e os pequenos proprietários de lojas — começou a desmoronar.[4]

No fim de junho, com o corpo de Matteotti ainda sumido, deputados de oposição se reuniram e decidiram que não participariam de outra sessão da Câmara enquanto Mussolini não dissolvesse a milícia fascista e as outras organizações secretas que criara para aterrorizar a oposição.

Jornais conservadores se voltaram contra ele. *Il Giornale d'Italia*, que até então o apoiara, exigiu que os responsáveis pelo assassinato fossem identificados claramente. As classes médias, que tinham em grande parte abraçado Mussolini, também se afastaram: queriam um governo conservador e nacionalista, não um tirano sanguinário. As pessoas começaram a rasgar os cartões de filiação ao Partido Fascista, enquanto parlamentares de oposição eram aplaudidos por transeuntes nas ruas de Roma. Em algumas áreas, milicianos fascistas, que até pouco tempo antes desfilavam altivamente, agora tinham medo de aparecer em público

trajando seus uniformes.[5] O regime balançou. Não havia quase nada que o impedisse de cair.

Uma torrente de êxitos inflara o ego de Mussolini. Mas agora, irritado, ele se tornara alguém impossível de abordar. Seu humor estava tão sombrio que até os auxiliares mais próximos tinham medo de chegar perto. "Dentro do palácio Chigi" — onde Mussolini tinha o seu gabinete na época — "respira-se um ar de sepultura", disse Quinto Navarra, seu assistente.[6]

O silêncio era mais notável ainda porque os berros do tirano costumavam atravessar sua porta, quando ele repreendia e intimidava os subordinados. Agora nem um som saía de lá. Um dia, no auge da crise, Navarra encontrou o primeiro-ministro em seu gabinete: "Dizer que Mussolini, quando o surpreendi ao abrir um pouco a porta naquela manhã, estava apenas chateado, era pouco." O homem desconsolado sacudia a cabeça de um lado para o outro, batendo-a de encontro à moldura de madeira dourada de sua cadeira de espaldar alto, com os olhos arregalados, bufando e resmungando.[7]

Um grampo — pois aparentemente ele tinha mandado a polícia grampear o telefone da amante — capturou a conversa lamentosa de Mussolini com Margherita Sarfatti:

— Como você está? — perguntou ela.

— Como você acha que estou?

— Alguma novidade?

— Nada... a esta altura, não me surpreendo com mais nada... A coisa que mais me chateia é que não sei o que meus supostos amigos estão pensando... os que me traíram.

Margherita aconselhou-o a não deixar a raiva lhe toldar o julgamento.

— Não é uma questão de raiva — respondeu Mussolini. — Infelizmente o destino jogou a favor dos meus inimigos, e, se eu perder o jogo, o que é quase certo, não será sequer possível preservar a minha dignidade![8]

As tentativas de Mussolini de se distanciar do assassinato naufragaram quando a identidade dos homens responsabilizados pelo crime foi revelada, pois entre eles estavam algumas das pessoas mais chegadas ao primeiro-ministro. O fim do regime parecia próximo.

O Senado — cujos membros eram escolhidos pelo rei, não eleitos — reabriu duas semanas depois do assassinato. Mussolini se levantou para falar. Disse que estava tão ansioso para saber o que de fato acontecera quanto qualquer pessoa, mencionando a prisão dos supostos assassinos e a demissão de altos funcionários do governo como provas de sua sinceridade.[9] Enquanto muitos acharam seus comentários lamentavelmente inadequados, um homem correu para cumprimentá-lo. Numa carta floreada escrita à mão, o padre Tacchi Venturi, enviado secreto do papa, disse a Mussolini que tinha ficado muito impressionado com seu discurso. Despejou elogios ao bom trabalho do primeiro-ministro e pediu a Deus que assegurasse seu futuro êxito.[10]

Enquanto corriam rumores de que seu líder estava em estado de choque, preocupados chefes fascistas das províncias visitavam Roma para tirá-lo do estupor. Para seu horror, encontravam-no atordoado. Leandro Arpinati, o chefe fascista de Bolonha, ficou horrorizado ao ver Mussolini aparentemente febril, os olhos vermelhos, como se tivesse chorado. Parecia, segundo Arpinati, um homem de negócios em vias de decretar falência.[11]

Para o papa, o assassinato de Matteotti foi um desastre. Em Mussolini, o Vaticano enfim encontrara um líder italiano com quem poderia trabalhar. Agora, com as forças de oposição se unindo para boicotar o parlamento e pedir a restauração dos direitos constitucionais, a permanência de Mussolini no poder estava em perigo. Pio XI resolveu fazer o que estivesse a seu alcance para salvá-lo, concentrando-se na decisão do Partido Popular de se juntar à coalizão que pedia um novo governo. Embora, no sentido formal, o partido não dependesse da hierarquia da Igreja, era pouco provável que pudesse continuar

reivindicando a condição de partido católico da Itália se o papa o rejeitasse abertamente.[12]

No fim de junho, com os italianos desorientados e o destino de Mussolini incerto, o jornal diário do Vaticano, *L'Osservatore Romano*, publicou um editorial sobre a crise, lembrando aos católicos a recomendação da Igreja para obedecer às autoridades civis e advertindo-os contra qualquer "salto no escuro". *La Civiltà Cattolica*, a revista jesuíta supervisionada pelo Vaticano, reagiu com um artigo do editor, o padre Rosa, lembrando aos leitores a admoestação da Igreja para obedecer à autoridade do governo. Qualquer tentativa de enfraquecer o governo em curso, afirmava ele, corria o risco de provocar a anarquia. Rosa mirou em especial nos seguidores do Partido Popular, advertindo que não convinha aos bons católicos colaborar com socialistas.[13]

O Vaticano deixou claro para os líderes do partido católico que seus esforços para derrubar o regime fascista não eram bem-vindos. Apesar disso, eles continuaram a trabalhar com outros grupos de oposição para reconduzir a Itália à democracia parlamentar.[14]

Pio tentou levantar os ânimos de Mussolini. Na manhã de 20 de julho, um domingo, o papa pediu a Tacchi Venturi que informasse ao prostrado líder que ele ainda contava com o apoio do pontífice. Naquela tarde, o jesuíta mandou um bilhete a Mussolini: "Excelência, esta manhã foi do agrado de Sua Santidade falar-me de Vossa Excelência em tais termos que tenho certeza de que serão especialmente bem-vindos e consoladores." Sublinhou as últimas palavras e, dizendo a Mussolini que seria melhor se pudesse comunicar os pensamentos do papa pessoalmente, pediu para ter um encontro com ele o quanto antes. Quando, dois dias depois, abriu e leu o bilhete, o acuado chefe de governo escreveu por cima do papel com seu lápis de cor: "Quinta-feira de manhã às 12." E foi assim que, nos dias mais sombrios de Mussolini, o enviado de Pio XI apareceu para lhe oferecer o apoio papal.[15]

Mas o pontífice não se limitou a oferecer palavras de conforto. Mais uma vez recorreu à ajuda do padre Rosa. Encontrando-se com o editor jesuíta em sua biblioteca, o papa o instruiu a preparar um novo artigo sobre a crise. Dois dias depois, no fim de julho, o próprio cardeal Gasparri chegou à sede da *Civiltà Cattolica* em Roma para pegar o esboço redigido por Rosa. Nos dias que se seguiram, rascunhos viajaram entre o Vaticano e a redação da revista, agora já com as anotações de Pio XI a lápis preto. Após receber a aprovação final do papa, o artigo não assinado foi para a impressão.[16]

Depois de elogiar Mussolini por tudo o que fizera pela Igreja e de deixar implícito que ele nada tinha a ver com o assassinato de Matteotti, o artigo da *Civiltà Cattolica* advertia que uma ação violenta contra o governo jamais poderia ser aceitável. Até mesmo o uso de meios legítimos para derrubá-lo, como a convocação de novas eleições, deveria ser evitado, pois traria "grave infortúnio". E, o que era ainda mais importante, uma aliança entre o Partido Popular e os socialistas nunca se justificaria.[17]

O papa sofreu mais constrangimento quando a mulher e a mãe de Matteotti solicitaram várias vezes um encontro com ele. Suspeitando de que o pedido delas visava enfraquecer ainda mais Mussolini, o pontífice recusou. Mas não queria parecer alguém sem coração, então instruiu Gasparri a receber as duas mulheres e lhes dar de presente rosários que ele mesmo havia benzido.[18]

Se ainda havia alguma dúvida a respeito do apoio do papa a Mussolini, ela foi eliminada no começo de setembro daquele ano, quando ele se dirigiu a um grupo de estudantes universitários. Os católicos italianos, disse Pio, jamais poderiam cooperar com os socialistas.[19]

★ ★ ★

MUSSOLINI SABIA QUE o apoio do papa era crucial na sua luta pela sobrevivência. Em meio à crise, providenciou aulas de religião para os filhos. Edda, com doze anos, Vittorio, com oito, e Bruno, com seis, fizeram a primeira comunhão e foram crismados no mesmo dia.[20]

Quando recebeu a boa notícia, o pontífice deparou com outro problema. Embora tivesse renunciado como chefe do Partido Popular, Don Sturzo ainda escrevia artigos criticando o regime. Isso era motivo de irritação para Mussolini, e significava que Sturzo continuava a ser uma figura proeminente da oposição. Pio XI ordenou que ele parasse com os ataques.[21]

Em resposta, o padre siciliano propôs deixar o país, sugestão que agradou o papa. Não apenas Sturzo seria removido da cena política italiana, mas também se evitaria o que talvez fosse um grande constrangimento. Enquanto ele estivesse na Itália, haveria o risco de algum bando fascista acrescentar seu nome à lista de vítimas de assassinato, tornando mais difícil para o papa continuar dando apoio ao governo. No fim de outubro, Sturzo partiu para o que esperava ser um breve período no exterior, mas que se transformaria num exílio de vinte e dois anos.[22]

Enquanto isso, Mussolini enfrentava novas dores de cabeça, com os chefes fascistas nas províncias questionando sua determinação. No fim de 1924, um artigo intitulado "Fascismo contra Mussolini" foi publicado, afirmando que o único apoio verdadeiro com que o líder podia contar estava nos pelotões fascistas provinciais e denunciando sua decisão de prender os assassinos de Matteotti. Para piorar, três dias depois disso um relato do assassinato preparado por Cesare Rossi foi publicado na França — responsabilizando Mussolini diretamente pela morte. O editor do jornal mais respeitado da Itália, o *Corriere della Sera* de Milão, sugeriu que seria melhor Mussolini renunciar. Boatos de um possível golpe de Estado militar se misturavam a conjecturas de que o rei estava prestes a nomear um novo primeiro-ministro.[23]

Mussolini só não foi deposto como resultado da crise Matteotti porque a oposição não conseguiu oferecer uma alternativa viável — em parte devido aos constantes esforços do papa para evitar qualquer aliança destinada a pôr fim ao regime fascista. Na falta dessa alternativa, nem o rei nem o exército quiseram agir.[24]

Percebendo essa realidade, Mussolini recuperou a autoconfiança. O momento em que a queda do fascismo parecia certa tinha passado. Em 3 de janeiro de 1925, menos de sete meses depois que os valentões fascistas assassinaram Matteotti, ele se levantou para falar no parlamento. Seria o discurso mais dramático de sua carreira.

— Declaro aqui, diante da Assembleia e de todo o povo italiano — disse Mussolini — que eu, e somente eu, assumo total responsabilidade política, moral e histórica por tudo o que aconteceu.

— Estamos todos com você! — gritaram os deputados fascistas.

— Se o fascismo atuou como uma organização criminosa, eu sou o chefe dessa associação criminosa!

— Estamos todos com você! — Os aplausos aumentavam.

— Se toda a violência foi resultado de determinado clima histórico, político e moral — continuou Mussolini —, então assumo toda a responsabilidade, porque eu criei este clima histórico, político e moral. Senhores! Os senhores estavam enganados! Os senhores acreditaram que o fascismo estava arruinado (...) mas os senhores hão de ver. (...) A Itália, senhores, quer paz, quer tranquilidade, quer calma. Dar-lhe-emos essa tranquilidade, essa calma, através do amor, se possível, e pela força, se necessário.

Com essas palavras, começou o assalto fascista aos últimos vestígios de democracia na Itália.

CAPÍTULO SEIS

A DITADURA

No mesmo dia em que Mussolini discursou no parlamento, unidades da milícia fascista tomaram as sedes dos últimos grupos e jornais contrários ao movimento.[1] Líderes da oposição foram detidos e postos atrás das grades.[2] As surras a estes indivíduos foram retomadas. A mais notória ocorreu no verão, com o assalto fascista contra Giovanni Amendola, líder dos Liberais no parlamento, que já havia apanhado dos fascistas. Meses depois, ele morreu em consequência dos ferimentos.[3]

Reconhecendo o valor do apoio firme e contínuo do Vaticano, Mussolini pensava em maneiras de fortalecer a aliança com o papa. Depois de providenciar o batismo dos filhos e da mulher e, posteriormente, a primeira comunhão e a crisma dos filhos, ele já não tinha à sua disposição muitos ritos para exibir suas credenciais católicas. Mas ainda lhe restava um. Em julho, avisou a Tacchi Venturi que queria celebrar um casamento religioso com Rachele, provavelmente em setembro.

O jesuíta ficou muito feliz, sabendo que a notícia agradaria a Pio XI. Mas, quando metade de setembro passou sem que o assunto voltasse a ser mencionado, ele resolveu escrever para perguntar o que havia acontecido. "Não é que eu tenha qualquer dúvida sobre a sua boa vontade", explicou Tacchi Venturi num bilhete a Mussolini, mas, se o casamento pudesse ser arranjado nas semanas seguintes, ele avisou, "terá êxito em servir de consolo especial para o Santo Padre e para muitos

personagens eminentes que são sinceramente devotados a Sua Excelência."

O atraso pode muito bem ter sido provocado por Rachele, cuja antipatia pela Igreja era profunda. Quando insistira, poucos anos antes, em batizar a esposa, Mussolini quase precisara arrastá-la até a cerimônia. Senhor em toda parte, menos na própria casa, ele decidiu que seria melhor apanhar a mulher de surpresa. Em 29 de dezembro de 1925, Rachele estava na cozinha em Milão preparando *tagliatelle* quando a empregada avisou que o marido chegara com o irmão, Arnaldo, e um padre. Queriam que ela se juntasse a eles na sala de visitas. Desconfiada daquela aparição incomum do marido acompanhado de um homem de batina, Rachele disse que iria quando terminasse. Impaciente, Mussolini não aguentou mais esperar e entrou bruscamente na cozinha. "Vamos lá, Rachele. Chega, não me faça insistir." A esposa, que não era do tipo que recebe ordens insultuosas facilmente, tentou ignorá-lo. Audacioso, ele se aproximou por trás, desamarrou-lhe o avental e levou-a à pia para lavar as mãos. Em seguida conduziu-a à sala de visitas, onde o padre celebrou o casamento antes que ela pudesse fugir.[4]

As coisas voltavam a sair como Mussolini queria. Enquanto ele retomava aos poucos suas viagens pelo país, multidões entusiásticas o saudavam em toda a parte. Sempre pronto para uma frase de efeito ou para uma poderosa metáfora militar, Mussolini falava com emoção sobre sacrifício e fé.[5] Tinha uma misteriosa habilidade de aumentar o tom no momento certo, com uma voz que, como disse um observador, ia do "sibilo de uma cobra ao rugir de um leão".[6]

Mas logo ele teve que lidar com uma situação difícil dentro de suas próprias fileiras. Mais uma vez Roberto Farinacci, o mais fascista dos fascistas, lhe causava problemas. No ano anterior, pouco depois de anunciar a ditadura, Mussolini havia tentado uma manobra arriscada. Num esforço para controlar Farinacci, nomeou-o chefe do Partido Fascista.

Farinacci não era fácil de domar. A tensão entre os dois homens atingiu o clímax em março de 1926, quando ele insistiu em desempenhar um papel de alta visibilidade no julgamento dos assassinos de Matteotti. Quase dois anos tinham transcorrido desde o crime, e a última coisa que Mussolini desejava era fazer o povo lembrar daquele acontecimento. Na esperança de minimizar a cobertura jornalística, transferiu o julgamento para Chieti, uma cidade distante a nordeste de Roma. "Durante as sessões", escreveu à mão num memorando poucos dias antes do julgamento, "devemos evitar qualquer elemento de drama que possa inflamar a opinião pública, dentro e fora do país. Portanto, nada de incidentes ruidosos nem de excursões políticas."

Para consternação de Mussolini, Farinacci decidiu se juntar aos advogados de defesa e instruiu o chefe do Partido Fascista de Chieti a organizar um grande comício para recebê-lo. Furioso com essa manifestação de exibicionismo, Mussolini enviou-lhe uma carta ríspida: "Vejo que nenhuma das suas promessas foi cumprida, e o julgamento (...) se tornou político. Interpreto tudo isso com extrema severidade, e uma grande inquietação se espalha pelo partido (...) Aviso-lhe que não vou tolerar nenhum comício ou comemoração ao fim do julgamento."[7]

Com a ajuda de um promotor fascista, de um juiz fascista e do chefe nacional do Partido Fascista atuando como advogado de defesa, dois dos cinco acusados foram absolvidos. Dumini — o homem de confiança de Mussolini, que nascera nos Estados Unidos — e dois de seus camaradas foram condenados por homicídio culposo, ou seja, sem intenção de matar, e soltos menos de dois meses depois. Embora satisfeito com o veredito, Mussolini ficou furioso com Farinacci e logo o afastou da chefia do partido.[8]

Trabalhando com afinco para fortalecer sua imagem pública, Mussolini insistia em se apresentar como o novo César, o homem que reconduziria a Itália à sua antiga grandeza. Sua amante, Margherita Sarfatti, foi uma parceira importante nesse esforço. A biografia quase oficial que ela

escreveu em 1926 trazia o revelador título latino de *Dux*.[9] Uma italianização do termo, *Duce*, que significa "líder", era cada dia mais comum nas referências a Mussolini na imprensa e em ocasiões públicas.[10]

O primeiro-ministro também começou a se apresentar como uma figura semelhante a Cristo, numa fusão de imagens fascistas e católicas. Em escolas italianas na Tunísia, colônia francesa, alunos recitavam uma prece que, com uma ou outra variação, seria ouvida com frequência crescente também na península italiana:

"Creio no Duce supremo — criador dos camisas-negras — e em Jesus Cristo, seu único protetor. O nosso salvador foi concebido por uma boa professora e um ferreiro laborioso (...) Desceu a Roma (...)"[11]

Mussolini se deleitava com a adulação, mas continuava vigilante. Giuseppe Bottai, membro de longa data do Grande Conselho Fascista, falava de dois Mussolinis diferentes. Um era comunicativo e espontâneo, guiado pelos instintos; o outro, "egoísta, mesquinho, com os pequenos ciúmes e invejas dos homens comuns, que não hesitam em mentir e em usar de enganos e fraudes, fazedores de promessas que não têm a menor intenção de cumprir, desleais, traidores, desprezíveis, desprovidos de afeto, incapazes de lealdade ou de amor, sempre prontos a descartar os seguidores mais fiéis". [12] Na verdade, Bottai foi uma das poucas figuras principais do regime que Mussolini não substituiu. Mesmo naqueles primeiros anos, o Duce não tolerava concorrência, e qualquer indício de que um dos seus ministros estava recebendo muita atenção pública favorável bastava para determinar uma remoção para a África ou para os Bálcãs.

★ ★ ★

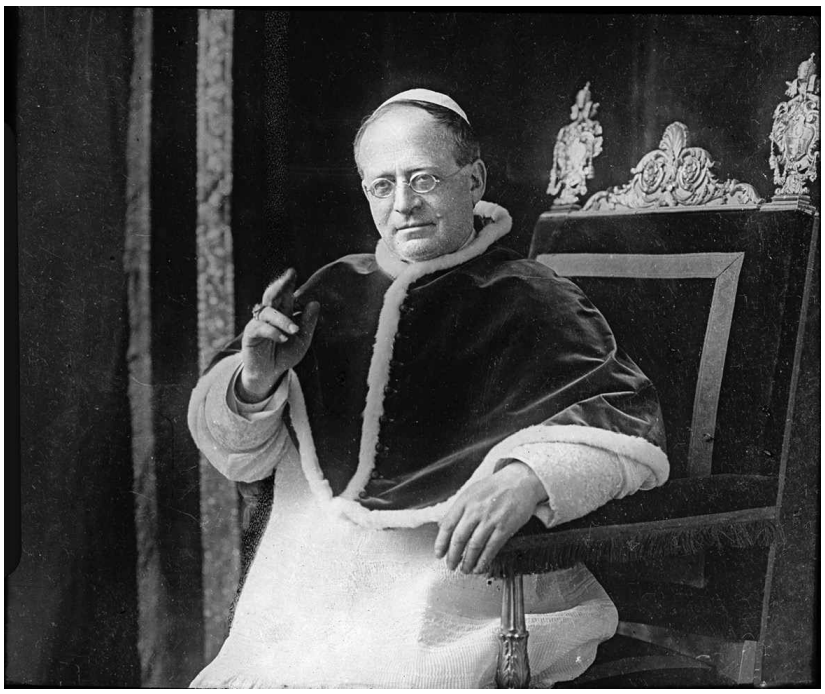
SE 1925 MARCOU o triunfo de Mussolini, o ano foi também uma grande época para o papa. Num esforço para fortalecer os vínculos dos católicos

com a Igreja, ele proclamou que aquele era um Ano Santo, o vigésimo terceiro desde que o papa Bonifácio VIII anunciara o primeiro, em 1300. Nesses anos, os católicos eram incentivados a fazer peregrinações aos lugares sagrados de Roma, e prelados, desde párocos a bispos, das Américas à Europa central, encabeçavam visitas ao Vaticano e às basílicas da Cidade Eterna. Pio XI ficou tão satisfeito com o resultado que, mais tarde, designaria outros dois Anos Santos: 1929, para marcar o quinquagésimo aniversário de sua ordenação, e 1933-1934, para assinalar os novecentos anos da ressurreição de Jesus.

Na véspera do Natal de 1924, o papa apareceu na praça de São Pedro e simbolicamente retirou o selo da Porta Santa, que ficaria aberta o ano inteiro. Ao longo dos doze meses seguintes, pronunciou trezentos e oitenta discursos, enquanto mais de um milhão de peregrinos afluíam de todos os cantos do mundo católico. Com frequência, Pio falava sem consultar anotações. Algumas vezes fazia listas com os temas principais, mas raramente escrevia o que ia dizer. Sua fala continuava notavelmente lenta e deliberada, com pausas quando ele olhava para baixo e para a esquerda. Depois de pensar no que dizer, levantava a cabeça um pouco para a direita e retomava o discurso, quase sempre repetindo a última palavra, como que para confirmar que queria de fato dizer aquilo.[13]

A programação pesada deixou suas marcas. Poucas semanas depois do início do Ano Santo, o chefe de polícia de Roma recebeu um relatório confidencial. Embora Pio desfrutasse de saúde razoável, dizia o documento, a vida papal o sufocava. Um homem que adorava atividades físicas ao ar livre agora vivia confinado aos minúsculos limites do Vaticano, sobrecarregado por constantes reuniões, audiências e cerimônias. Acima de tudo, o que mais lhe fazia falta era o ar puro das montanhas, e até no inverno o pontífice insistia em deixar aberta a janela do quarto em que dormia. O padre Venini, ajudante do papa, achou que ele parecia abatido. Talvez não estivesse dormindo direito, pois não

parava de pedir a Venini que desse um jeito nos camundongos que circulavam pelo assoalho à noite.[14]



10. Pio XI, 1925

A peregrinação a Roma, na opinião de Pio, era um dos atos mais sagrados que os católicos poderiam empreender.[15] Todo dia, centenas deles aguardavam ajoelhados nos grandes salões do palácio Apostólico, na esperança de beijar o anel do papa enquanto ele passava e ter a sorte ainda mais especial de receber de suas mãos uma medalha comemorativa.[16] Era difícil não ficar embevecido com o espetáculo que era a visão do pontífice, de branco, cercado por cardeais de escarlate, vários camareiros e gendarmes de capa e espada, trajando golas altas franzidas e calças bufantes.[17] Os enormes salões, com tetos cheios de pinturas belíssimas e paredes cobertas de arte renascentista, além das vestes singulares dos assistentes do papa, davam aos visitantes a impressão de terem viajado no tempo, voltando muitos séculos.

Numa audiência típica, Pio recebia centenas de peregrinos de uma vez, tanto religiosos quanto laicos. Os homens usavam roupas formais, embora os que não dispusessem desse luxo conseguissem se arranjar com um simples terno escuro. Mulheres usavam vestidos pretos com mangas. Uma mantilha preta ou um lenço rendado preto cobria-lhes a cabeça. O papa entrava no salão cercado por uma escolta de Guardas Nobres e camareiros, além do camareiro-mor, monsenhor Caccia Dominioni. Pio andava até um trono elevado, onde se sentava de frente para a multidão. O líder dos peregrinos falava primeiro, proferindo palavras de devoção e louvor. O pontífice respondia à sua maneira lenta, deliberada, precisa, referindo-se tipicamente à beleza do país de origem dos peregrinos e à piedade de sua população católica. Então fazia um louvor ao mais alto sacerdote que comandava o grupo. Enquanto dispensava suas bênçãos finais, os peregrinos se ajoelhavam.

Um pouco do impacto emocional do Ano Santo transparece num relato de autoria do popular escritor inglês Edward Lucas, um quacre que esteve na praça de São Pedro na cerimônia de encerramento, na véspera do Natal de 1925. Não havia nada como o ritual do Vaticano em qualquer outra parte do mundo, escreveu ele. O que mais impressionava era a procissão papal. A escolta de Guardas Nobres, fazendo as honras da casa, andava apressada de um lado para o outro, em seus trajes medievais, com deslumbrantes punhos de espada. Lucas se sentiu transportado para a à Idade Média não apenas pelo vestuário, mas também pelos rostos dos príncipes, prelados, padres e monges. Estes, segundo ele, pareciam imutáveis.

"Alguns desses sacerdotes estão de púrpura, outros, de preto, outros, de capelo; um ou dois usam barba; alguns se vestem austeramente de branco (...) Muitos são inacreditavelmente velhos; quase ninguém parece feliz, despreocupado; muitos têm rugas, marcados pela ansiedade. E depois os cardeais (...) e depois, carregado acima de todos, por serviçais de vermelho, e acompanhado de dois criados com altos leques de penas, o próprio Santo Padre, em sua cadeira, com uma grande mitra amarela na

venerável cabeça, fazendo um aceno discreto com a mão da direita para a esquerda, numa bênção."[18]

Pio XI encerrou o Ano Santo divulgando uma encíclica, *Quas primas*. A humanidade só poderia ser salva, dizia ele, se todos abraçassem a única religião verdadeira, o catolicismo romano. Como outros papas anteriores, denunciou a Revolução Francesa como a origem de muitos males, espalhando noções perniciosas de "direitos do homem".[19] Concluía advertindo que "governantes e príncipes são obrigados a honrar e obedecer publicamente a Cristo". Os que não prestassem atenção a essas palavras teriam um fim terrível, pois Cristo "se vingaria desses insultos de modo severo".[20]

O papa usou a encíclica para anunciar um novo feriado religioso, Cristo Rei, destinado a combater o que lhe parecia a grande praga dos tempos modernos: a propagação do secularismo. Embora os católicos tenham recebido a encíclica, e o novo feriado por ela anunciado, com entusiasmo, não se pode dizer o mesmo dos protestantes. Nos Estados Unidos, o Conselho Luterano Nacional criticou o documento, acusando-a de "sectário no pior sentido" e "hostil a grandes grupos de cristãos". O Conselho convocou protestantes de todas as partes a boicotarem o novo dia santo do papa.[21]

★ ★ ★

PIO XI VIA o cargo papal como uma fonte de grande dignidade, portanto se recusava a falar ao telefone e a ser fotografado com visitantes. Mantinha uma intensa programação de audiências públicas, mas nem sempre tinha pressa em atender a pedidos de encontros privados. Certa vez, quando o secretário de Estado lhe disse que uma personalidade importante solicitara uma audiência, ele demonstrou relutância: "Mas há

uma desculpa que você não pode dar", acrescentou o papa num dos seus momentos mais joviais. "Não pode dizer que não estou em casa."[22]

O clero de Roma achava Pio XI frio e brusco em comparação aos antecessores mais recentes, Pio X e Bento XV.[23] Durante um dos passeios diários do papa, um velho jardineiro do Vaticano desabou no chão, vítima de um ataque cardíaco. Enquanto outros jardineiros e um guarda que acompanhava o pontífice correram para ajudá-lo, alguém contou a Pio XI o que tinha acontecido. Ele continuou sua caminhada. O incidente alimentou a usina de fofocas do Vaticano.[24]

Preciosas amostras das lutas internas travadas em torno do papa transparecem nos volumosos relatórios de espiões da polícia enviados ao Vaticano. Depois que assumiu o poder, Mussolini estabeleceu uma vasta rede de informantes. Embora suas observações precisem ser lidas com cautela, por causa dos muitos motivos de queixa que tinham os informantes, os relatos oferecem uma visão inigualável do que acontecia na Santa Sé naqueles anos.[25]

As explosões de raiva de Pio XI se tornavam mais frequentes. Um monsenhor confidenciou a um informante que, quando tinha que ver o papa, tremia muito, "tão grandes eram as mortificações que sofria", obrigado a permanecer de joelhos. Pio também tratava mal Gasparri, escreveu esse informante, mas felizmente o cardeal "tem o couro grosso e finge não notar nada".[26]

O embaixador belga captou a forma como a maioria dos diplomatas estrangeiros que então serviam no Vaticano enxergava o papa. Pio XI era um homem culto e sem dúvida menos obcecado por questões de dogma e disciplina religiosa do que Pio X, que possuía um abominável serviço de espionagem. Mas o papa era tão teimoso quanto o xará e não tinha qualquer vestígio de habilidade diplomática: "Ele vai direto ao ponto. É um personagem dedicado aos ideais mais nobres e generosos, mas imune àqueles que recomendam paciência." O traço mais saliente da

personalidade de Pio XI, observou o embaixador, era a insistência em ser obedecido.[27]

Uma carta recém-descoberta, mencionada no próprio jornal do Vaticano, oferece um testemunho surpreendente, para não dizer desconcertante, da rigidez do pontífice. Em 1919, quando estava em Varsóvia como enviado de Bento XV, Achille Ratti escreveu ao seu assistente na Biblioteca do Vaticano pedindo que alguém lhe levasse uns documentos que tinha esquecido na escrivaninha, "junto com o pequeno revólver e a munição" que lá deixara. Em meio ao caos e às ameaças de revolução em Milão, Ratti havia comprado um revólver que mantinha em sua mesa na Biblioteca Ambrosiana. Quando se mudou para a Biblioteca do Vaticano, levou a arma consigo. Vendo-se em Varsóvia sob ameaça de invasão do Exército Vermelho, não queria ficar desarmado.[28]

★ ★ ★

DEPOIS DE DAR as boas-vindas numa convenção internacional de cirurgiões, Mussolini saiu para um dia luminoso em Roma. Diante da aparição inesperada do Duce, um entusiasmado grupo de fascistas ergueu os braços na saudação do partido. Sem pensar, Mussolini ergueu o braço em resposta. Quando inclinava a cabeça para trás, um tiro ecoou. Violet Gibson, uma irlandesa de meia-idade mentalmente desequilibrada, havia disparado com sua pistola na direção da cabeça de Mussolini. Graças à saudação, em vez de penetrar na têmpora, a bala atingiu seu nariz de raspão, produzindo muito sangue.

Mussolini insistiu em seguir adiante com o discurso programado para uma reunião do Partido Fascista ainda naquele dia, 7 de abril de 1926, aparecendo com um grande curativo branco sobre o nariz. Seus comentários finais — com referência indireta à tentativa de assassinato — tornaram-se lendários: "Se eu avançar, sigam-me; se recuar, matem-me; se morrer, vinguem-me."[29] No dia seguinte, ele tomou o avião para as

colônias africanas da Itália. Ao partir, teria dito, gracejando, que já ia com o nariz furado.[30]

Em todo o país, o clero fez seus rebanhos dizerem preces de ação de graças, assegurando aos fiéis que Deus estava tomando conta do seu líder. Poucos dias antes da tentativa de assassinato, a idosa irmã de Pio X havia presenteado o Duce com o solidéu papal do irmão. Muitos acreditaram que o antigo pontífice — que um dia seria canonizado — tinha realizado outro milagre.[31]

Mussolini precisaria de mais milagres naquele ano, pois, à medida que solidificava sua ditadura, antifascistas desalentados viam sua morte como a única esperança. Em setembro, um anarquista italiano de vinte e seis anos jogou uma bomba de fabricação caseira no carro do Duce. Mais uma vez, ele pareceu ter o corpo fechado — batendo na porta da direita, a bomba explodiu, ferindo várias pessoas, mas deixando incólume o homem que pretendia atingir.[32]

A mais dramática tentativa de assassinato aconteceu em 31 de outubro. Mussolini estava em Bolonha para inaugurar um novo estádio esportivo. Quando ele passava de carro pelas ruas cheias de gente, um tiro foi disparado. A bala errou por pouco, atravessando a faixa cerimonial que o Duce usava no peito. Vários homens no meio da multidão caíram em cima de um rapaz de dezesseis anos, o suposto atirador, matando-o ali mesmo. Em toda a Itália, fascistas indignados incendiaram o que ainda restava da imprensa de oposição e surraram qualquer um que fosse suspeito de ser simpático aos antifascistas.[33]

Aliviado por Mussolini ter escapado do perigo, o papa lhe transmitiu sua "imensa alegria" quando soube que estava "são e salvo graças à proteção especial de Jesus Cristo".[34] O clima estava favorável para o Duce firmar a sua ditadura. Em 5 de novembro, uma nova lei passou a punir adversários com o exílio interno. Muitos seriam arrancados de suas residências urbanas, mandados para ilhas remotas e aldeias nas montanhas e mantidos ali sob estrita vigilância policial. Quatro dias após a nova lei

ser anunciada, os deputados de oposição que ainda restavam foram expulsos do parlamento. Apenas os membros do Partido Fascista poderiam continuar no cargo. Pelo fim de 1926, só sindicatos fascistas eram permitidos, e as greves foram banidas. Prefeitos deixaram de ser eleitos, passando a ser nomeados pelo governo central. A censura à imprensa ficou mais rigorosa; um tribunal especial foi criado para eliminar a oposição remanescente, e a pena de morte foi restaurada.[35] Tal punição não tinha sido aplicada em Roma desde que o papa governara a cidade pela última vez, mais de meio século antes.[36]

CAPÍTULO SETE

ASSASSINOS, PEDERASTAS E ESPIÕES

Poucos homens tinham mais influência em Roma do que o padre Tacchi Venturi, enviado do papa a Mussolini. Presença comum nas salas do governo, ele corria de um escritório ministerial para o outro. Era um mediador extraordinário. Ao longo dos anos, faria centenas de visitas a ministros e funcionários do governo, buscando ajuda não apenas em nome do pontífice, mas de muitos outros que sabiam que a melhor maneira de obter favores do governo fascista era por intermédio dele.[1]

O jesuíta era discreto, mas sua ligação com Mussolini não passava despercebida. Os romanos o apelidaram de "confessor de Mussolini", "eminência parda" que, segundo se dizia, conversava com o Duce todos os dias.[2] Um jornal alemão chamou-o de Rasputin de Mussolini.[3]

Enquanto Pio XI via Tacchi Venturi como entregador de seus pedidos e de suas inquietações a Mussolini, o jesuíta tinha uma visão mais ampla da própria missão. Como outros no Vaticano, achava que o papa não estava preocupado o suficiente com o perigo que os judeus representavam para a Itália. Por isso, tomou para si a tarefa de alertar o Duce em relação à suposta ameaça, o que faria repetidas vezes ao longo dos anos.

Num documento que redigiu no verão de 1926, Tacchi Venturi identificou "a plutocracia judaico-maçônica mundial" como o maior inimigo da Igreja.[4] Pediu que o governo tomasse medidas fortes, incluindo a criação de uma "polícia secreta" especial para monitorar os

banqueiros judeus da Itália. O governo deveria também acabar com a bolsa de valores, que ele chamava de "o meio mais poderoso do império oculto". E, pelo fato de a imprensa mundial estar quase inteiramente nas mãos de judeus e maçons, era necessário que os governos cerceassem a liberdade de imprensa em todas as questões relativas a negócios e finanças. Era preciso reconhecer que a plutocracia judaico-maçônica estava na raiz de todos os problemas econômicos e políticos do mundo.[5]

Embora partilhasse a opinião geral do Vaticano de que o grande número de judeus na Europa central e oriental representava uma ameaça à sociedade cristã, o papa sempre abrira exceção para a minúscula comunidade judaica da Itália. Mas seu enviado jesuíta não fazia essa distinção. Em setembro de 1926, Venturi deu ao Duce o livreto *Sionismo e Catolicismo*, de quinze páginas, publicado havia pouco tempo e dedicado ao próprio jesuíta. O livreto, depois de lembrar que Deus condenara os judeus a vagar pela Terra e os amaldiçoara por rejeitarem Jesus, passava a tratar dos perigos mais imediatos que os judeus representavam. "Ninguém duvida da formidável, diabólica e fatal atividade judaica no mundo inteiro", advertia o autor. Os judeus buscavam a revolução, o bolchevismo, "para destruir a sociedade atual e dominar o mundo, como seu Talmude prescreve".[6] Mussolini ficou com o livreto, embora não se saiba se algum dia o leu.

O fato de Tacchi Venturi ter um encontro particular com o Duce quase todo mês não poderia deixar de suscitar inveja, até mesmo ódio. Em um sábado de 1927, ele entrou na Igreja de Jesus em Roma, onde se confessava toda semana. O sólido edifício barroco do século XVI, o mais importante templo jesuíta de Roma, ficava no centro da cidade. Ao entrar na penumbra do confessionário da igreja, o padre levou um susto ao ver um grande cartaz que dizia, em letras de forma:

VENTURI, VENTURI, VENTURI —

SE MATAREM TEU BENITO —

TEU IMPÉRIO TAMBÉM ESTARÁ FINITO

POR ISSO REZA A DEUS PARA QUE NÃO TENHAM PRESSA.[7]

Esses avisos anônimos não eram novidade para o jesuíta, que não se intimidava com facilidade. Mas, como se veria, não foi Mussolini, e sim Tacchi Venturi, o alvo seguinte da lâmina do assassino.

★ ★ ★

A NOTÍCIA SE espalhou depressa. O padre Pietro Tacchi Venturi, de sessenta e sete anos, confidente tanto do papa quanto do Duce, escapara da morte por pouco. Mais tarde, ele contou que estava trabalhando sentado à sua escrivaninha no prédio ao lado da Igreja de Jesus quando o porteiro veio lhe dizer que um jovem queria vê-lo. Ele pediu que o funcionário deixasse o visitante entrar. Quando adentrou o cômodo, o jovem puxou uma faca do casaco e, sem dizer nada, enfiou-a no pescoço do padre. O que salvou Tacchi Venturi foi o seu reflexo: ele recuou por instinto. O golpe quase lhe atingiu a jugular. O rapaz saiu correndo do prédio. Atordoado e sujo de sangue, o jesuíta cambaleou até o corredor, onde seus colegas o acudiram, a faca ainda enfiada no pescoço.

No dia seguinte, 29 de fevereiro de 1928, o *New York Times* deu a notícia: "O estudioso jesuíta padre Tacchi Venturi, intermediário nas negociações entre o papa e o primeiro-ministro Mussolini para uma solução da 'questão romana', foi ferido num misterioso atentado contra a sua vida realizado por um jovem que, sem motivo aparente, entrou em seu apartamento e o esfaqueou no pescoço com um abridor de cartas." E acrescentou: "As esferas do Vaticano demonstram extrema relutância em discutir o caso."[8]

Quem tentou matar Tacchi Venturi? E por quê? O *Corriere della Sera*, de Milão, conjecturou que os conspiradores queriam atacar a ala fascista da Companhia de Jesus, cujo líder seria Tacchi Venturi, antigo secretário-geral da ordem. Outros tinham certeza de que por trás do ato de violência estavam dissidentes jesuítas, insatisfeitos com o papel do padre na consolidação da aliança entre o Vaticano e o regime fascista.

Nas semanas seguintes, Tacchi Venturi fez o que pôde para convencer a polícia de que tinha sido alvo de um atentado internacional. Diante da descrença dos policiais, ele produziu sua própria prova, rapidamente divulgada pela imprensa. Uma reportagem de primeiro de março no *Washington Post*, intitulada "Complô anti-Mussolini visto em esfaqueamento em Roma", informava sobre a existência de uma "lista negra" de vítimas de assassinatos planejados, na qual o nome do jesuíta aparecia em destaque.[9]

Tacchi Venturi contou à polícia que tinha recebido, pouco tempo antes, um relatório confidencial de uma fonte confiável e muito bem informada. O documento revelava que o conhecido antifascista Gaetano Salvemini, exilado em Paris, havia preparado uma lista de líderes do regime que deveriam ser assassinados. Em segundo lugar na lista, logo abaixo de Mussolini, Tacchi Venturi encontrara o próprio nome. A identidade do homem a quem acusava não poderia deixar de chamar a atenção da polícia, pois Salvemini era um dos mais influentes críticos do Duce no exterior. Erudito conceituado, professor de história na Universidade de Florença, ele ingressara no parlamento como deputado socialista depois da guerra. Autor de várias obras denunciando a ditadura e preso por um breve período em 1925, tinha fugido do país.[10]

A polícia teve reservas a respeito da alegação de Tacchi Venturi de que um intelectual aclamado internacionalmente como Gaetano Salvemini estivesse organizando uma série de assassinatos. Era difícil de acreditar. Também parecia implausível que essa conspiração, se existisse, identificasse o jesuíta como o alvo mais importante depois de Mussolini.

Desalentado pelo fato de que a polícia não levava a sério a sua história e desesperado para impedir que a investigação policial entrasse em sua vida pessoal, Tacchi Venturi tentou fazer Mussolini intervir. Em 19 de março, ele foi ver o Duce, ansioso para convencê-lo de que tinha sido alvo de uma perigosa conspiração antifascista. Entregou a Mussolini as páginas datilografadas narrando a história que seu informante lhe contara.

Como observou o chefe de polícia de Roma num relatório posterior, mesmo à primeira vista era difícil acreditar na história do misterioso informante. A fonte afirmava que tinha arranjado um encontro em Paris com Salvemini ao dizer ao professor exilado que queria ajudá-lo. O erudito de cinquenta e quatro anos não apenas concordara em se encontrar com ele — apesar de não ter ideia de quem era aquele homem —, mas também lhe confidenciara de imediato detalhes da sua trama secreta de assassinatos.[11] Era difícil imaginar, comentou o chefe de polícia, que alguém tão inteligente e politicamente sofisticado quanto Tacchi Venturi acreditasse naquilo, ou, pior ainda, achasse que poderia convencer outras pessoas a acreditarem. Para o chefe de polícia, a única dúvida era se alguém havia preparado o relatório para o padre ou se ele mesmo o redigira.[12]

A polícia insistiu repetidas vezes com o jesuíta para revelar quem era o autor do relatório, mas Tacchi Venturi se recusava a fazê-lo. Por fim, os investigadores acabaram descobrindo a identidade do autor: era um conspirador notório que já tinha entrado em conflito com a lei por tentar passar adiante histórias absurdas.[13]

Tacchi Venturi, na opinião do chefe de polícia, estava tentando desviar o curso da investigação. Em 20 de março um informante da polícia reforçou sua suspeita. "Temos confirmação do Vaticano de que Tacchi Venturi não quis que seus agressores (que ele conhece bem, assim como as razões do ataque) fossem identificados", escreveu o informante.[14]

Dez dias depois, o diretor da polícia política, num memorando confidencial, afirmou que as últimas informações sobre o caso explicariam a estranha conduta do padre. Serviriam também para justificar o silêncio dos jesuítas da Igreja de Jesus, que não estavam cooperando com a investigação: o jovem atacara Tacchi Venturi porque os dois tinham "relações ilícitas".[15] Esse era o segredo que o padre tentava esconder tão desesperadamente.

Em junho, o chefe de polícia enviou seu relatório final, dando a investigação por encerrada. A versão apresentada por Tacchi Venturi sobre o que acontecera não fazia sentido. Se ele tinha de fato sido atacado por um assassino, por que não gritara pedindo ajuda e, em vez disso, permitira que o criminoso fugisse? Por que nenhum dos jesuítas notificara a polícia sobre o ataque? As autoridades só haviam sido informadas do atentado pelo hospital, onde o sacerdote levara pontos no ferimento.

O rapaz que atacara Tacchi Venturi tinha passado tempo suficiente sentado na sala de espera para ser visto por outras pessoas. Pouco depois, de acordo com um padre na sala contígua, gritos furiosos foram ouvidos na sala de Tacchi Venturi, que, no entanto, afirmou que o visitante desconhecido entrara e o atacara sem dizer nada.

E havia ainda a questão da arma usada pelo criminoso. Era um pesado abridor de cartas, de modelo facilmente identificável, com cabo de madeira escura e lâmina de metal afiada. Examinando a arma inusitada, a polícia ficou surpresa ao descobrir que era idêntica aos abridores de carta usados pelo próprio Tacchi Venturi, embora, de acordo com o jesuíta, o jovem tivesse levado o objeto até o local do ataque. Os investigadores acharam estranho que a arma escolhida por um grupo de assassinos políticos internacionais fosse um abridor de cartas, ainda que pesado e afiado.

A natureza do ferimento levantava mais dúvidas. De acordo com Tacchi Venturi, o quase assassino tinha segurado a arma como se fosse um punhal e tentado enfiá-la em sua garganta. Apesar de ter errado a

jugular, ele acertara no pescoço, produzindo uma grande quantidade de sangue. Mas os relatórios médicos não registraram nenhuma punhalada profunda, apenas um corte relativamente superficial, embora extenso. Aquele ferimento não poderia ser resultado de uma punhalada, menos ainda de uma faca enfiada no pescoço. Um exame das roupas do jesuíta revelou que, embora elas estivessem ensanguentadas, não havia muito sangue. E, apesar de Tacchi Venturi dizer que colegas jesuítas tinham encontrado a faca enfiada em seu pescoço, nenhum deles confirmou tal relato.

O que aconteceu de fato naquele dia de fevereiro? O chefe de polícia tinha certeza de que o ataque nada tinha a ver com um complô antifascista. O padre fora ferido em consequência de um desentendimento com alguém que ele conhecia bem; o agressor, num momento de fúria, pegara um abridor de cartas em cima da mesa de Tacchi Venturi e o arremessara contra ele. O motivo era pessoal, não político, e por isso o jesuíta havia feito o possível para impedir que a polícia descobrisse quem era o jovem.[16]

Houve uma linha de investigação que o chefe de polícia não explorou nesse caso. Em seu relatório final, ele admitiu que não examinara a possibilidade de o padre ter estabelecido relações ilícitas com o rapaz.[17] A polícia não estava nem um pouco ansiosa para mergulhar na vida pessoal de alguém tão chegado a Mussolini e ao papa, menos ainda para investigar suas possíveis relações com meninos ou rapazes. Uma vez eliminada a possibilidade de tentativa de assassinato político, as autoridades policiais ficaram satisfeitas e decidiram encerrar as investigações. O atacante nunca foi encontrado.[18]

Segundo informantes da polícia, o papa sabia que Tacchi Venturi estava tentando despistar as autoridades. Mas isso não diminuiu nem um pouco sua crença, ou a de Mussolini, no valor do jesuíta, que logo voltou a se encontrar com o Duce em nome do pontífice. Talvez a suspeita gerada pelo incidente tenha levado Tacchi Venturi a exagerar um pouco

sua solicitude, na ânsia de recuperar a confiança de Mussolini. Numa carta que escreveu para ele, em maio, o padre assegurou ao Duce que era ao mesmo tempo "um bom jesuíta e um bom fascista".[19]

★ ★ ★

A TORRENTE DE relatórios de informantes da polícia no Vaticano deixa claro que, na época, Pio XI lidava com numerosas acusações de pederastia contra alguns dos sacerdotes que lhe eram mais próximos.[20] O monsenhor Caccia Dominioni conhecia o papa desde sua juventude em Milão e agora servia como seu mestre de cerimônias, passando o tempo todo ao lado do pontífice. Vários relatos de informantes do governo fascista no Vaticano narravam com riqueza de detalhes supostas relações entre o monsenhor e meninos e rapazes.

O papa, contou o informante em 1926, tinha ordenado uma sindicância sigilosa para apurar as alegações mais recentes. Um jovem, entrevistado por investigadores da Santa Sé, informou que Caccia o atraíra a seus alojamentos para fazer sexo. Quando a história virou fofoca no Vaticano, Pio proibiu que se falasse sobre o assunto. Não foi a primeira vez que o pontífice precisou lidar com acusações dessa natureza. O monsenhor Ricardo Sanz de Samper, mordomo e prefeito da casa pontifícia, também tinha sido acusado de manter relações sexuais com meninos. Pelas costas do papa, os conhecedores do Vaticano gracejavam dizendo que, quando aparecia em público, Pio XI estava "dignamente cercado, tendo ao seu lado dois pederastas, Caccia e Samper". E, de fato, Caccia e Samper ficavam em pé nas audiências públicas, um de cada lado do papa.[21]

Mas os dois homens acusados de pederastia teriam destinos muito diferentes. Ao contrário do milanês Caccia, o sul-americano Samper não tinha laços preexistentes com o pontífice. No fim, não conseguiria sobreviver ao escândalo. Além de não dar a Samper o chapéu cardinalício

a que ele julgava ter direito, o papa o demitiu abruptamente no fim de 1928, sem dar qualquer explicação pública. Em consequência disso, o sul-americano, até então uma das presenças mais constantes no Vaticano, sumiu de vista.[22]

Durante anos, circulariam boatos sobre a queda de Caccia por levar meninos para o seu quarto no Vaticano. Uma série de relatórios secretos de vários informantes da polícia narrava os detalhes sórdidos.[23]

Sem a rede de espionagem de Mussolini, esses segredos da Santa Sé jamais seriam conhecidos. Ainda hoje, quando a Igreja disponibiliza seus acervos históricos a estudiosos nos Arquivos Secretos do Vaticano, funcionários removem aqueles que tratam de questões "pessoais". Mas a rede de espionagem de Mussolini dentro do Vaticano era robusta. Incluía não apenas três ou quatro sacerdotes bem situados, mas também funcionários laicos da Santa Sé e católicos com acesso a fontes de alto nível no Vaticano, entre eles Emanuele Brunatto, industrial estreitamente ligado ao cardeal Gasparri. Brunatto foi um dos muitos informantes que denunciaram as façanhas de Caccia.[24]

Depois dos atentados contra sua vida em 1926, Mussolini demitiu o chefe de polícia nacional e o substituiu por Arturo Bocchini, de quarenta e seis anos. Funcionário público de carreira, das fileiras dos prefeitos do interior, Bocchini não era um fascista fanático. Como muitos, simplesmente mudara de lado com o advento do novo governo. Porém, nos anos seguintes, ninguém seria mais inestimável para o Duce, pois Bocchini criou de forma silenciosa e magistral uma vasta rede de vigilância destinada a informar à polícia e a Mussolini sobre qualquer oposição ao regime.

Bocchini se encontrava com o primeiro-ministro todas as manhãs, mostrando-lhe os relatórios secretos dos informantes que ele julgava de maior interesse. Inteligente, eficiente e dedicado à sua tarefa, não era pessoalmente sádico, apenas meticuloso.[25] No fim de 1927, tinha concentrado todas as atividades de vigilância policial em suas mãos e

produzira arquivos sobre mais de cem mil pessoas. Sua função era não apenas ficar de olho em determinados indivíduos, mas manter o dedo no pulso da população. Seus relatórios permitiam ao Duce — em geral cercado de sicofantas — ter ideia do estado de ânimo do público.[26]

Bocchini formou sua rede de espionagem recrutando pessoas que serviam como o centro de suas próprias sub-redes de informantes, e esses chefes de sub-redes estavam sempre à procura de recrutas. À frente de um dos mais importantes desses nós estava a alta e atraente amante de Bocchini, Bice Pupeschi, mulher casada, mas já separada, catorze anos mais nova do que ele. Bocchini instalou-a num apartamento em Roma que funcionava não apenas como ninho de amor, mas também como ponto de encontro de alguns dos mais altos informantes de Pupeschi.[27]

Poucos deles eram mais valiosos para o chefe de polícia do que o monsenhor Enrico Pucci, recrutado em outubro de 1927.[28] Pucci servira na Santa Sé sob o comando de Pio X, tornando-se em seguida padre de Santa Maria em Trastevere, igreja não muito longe do Vaticano. Em 1919, voltou para o Vaticano como prelado doméstico do papa e editor do jornal católico de Roma, *Il Corriere d'Italia*. Foi um artigo de Pucci que, em 1923, tornou público o desejo do pontífice de que Don Sturzo renunciasse à chefia do Partido Popular. Ele publicava um boletim regular com notícias da Santa Sé. Cultivando um vasto círculo de contatos pessoais, na metade dos anos 1920 Pucci era amplamente visto como o principal assessor de imprensa do Vaticano. Tinha constantes encontros com o cardeal Gasparri, embora não com o papa, e era figura fácil nos cafés e restaurantes de Roma, bebendo ou jantando com cardeais e bispos.[29]

Foi graças a essa rede de informantes que Mussolini ficou sabendo dos apuros de Caccia. Em 1928, houve um inquérito sobre dois meninos que foram vistos saindo dos aposentos do monsenhor. Detidos e interrogados, eles contaram em detalhes suas relações ilícitas com ele, chegando a descrever o quarto em que o religioso dormia. O Duce soube disso pela

primeira vez por meio de um indivíduo identificado nos arquivos da polícia apenas como o "bem conhecido informante do Vaticano". A identidade dessa pessoa, claramente muito bem situada na Santa Sé, continua obscura. Entre 1925 e 1934, ele preparou dezenas de relatórios confidenciais. Muitos eram enviados para o secretário particular de Mussolini, e o Duce os lia com avidez.[30]

Ao relatar as notícias mais recentes sobre as façanhas de Caccia em 1928, o "bem conhecido informante do Vaticano" acrescentou que o chefe de polícia de Borgo, o distrito policial romano responsável pelo Vaticano, estava colaborando com funcionários da Santa Sé para impedir que as acusações vazassem.[31] Não seria a última vez que a polícia de Roma ajudaria a Igreja a esconder relatos constrangedores das relações do monsenhor Caccia com meninos.

CAPÍTULO OITO

O PACTO

A "questão romana" tinha causado problemas para os líderes do país desde que o Reino de Itália, formado das cinzas dos Estados Papais em 1861, engolira Roma, nove anos mais tarde. Durante um milênio, os papas haviam governado uma larga faixa da península italiana, que, na época da unificação do país, estendia-se de Roma para o norte, passando pela Úmbria e por Ferrara, até chegar à Bolonha. Em 1860, quando os Estados Papais estavam desmoronando, Pio IX excomungara o rei da Itália e anunciara que nenhum católico poderia reconhecer o seu governo.

Ao longo das três décadas seguintes, Pio IX e seu sucessor, Leão XIII, tinham procurado uma maneira de recuperar a Cidade Eterna. Mas, no fim do século, até os seguidores mais fervorosos do pontífice já percebiam que o esforço era inútil. O conflito contínuo criava complicações internacionais para o novo Estado italiano, pois líderes dos países católicos relutavam em visitar sua capital. O papa não os receberia se eles visitassem autoridades do governo italiano, mas ir a Roma e não prestar homenagem ao Santo Padre significava correr o risco de sofrer consequências desagradáveis ao voltar para casa.

Na virada do século, as coisas enfim começaram a mudar. Alarmado com o rápido crescimento do movimento socialista, Pio X revogou a norma que proibia os católicos de votarem e concorrerem a cargos públicos nacionais. Mas a Santa Sé ainda se recusava a reconhecer o governo italiano, e o status jurídico do Vaticano continuava obscuro.[1]

No verão de 1924, em meio à crise desencadeada pelo assassinato de Matteotti, Mussolini criou uma comissão especial para examinar as leis que diziam respeito à Igreja. Seu objetivo era reduzir as causas de atrito entre o clero e o Estado. Como a Santa Sé ainda não reconhecia formalmente a Itália, o papa não podia ser visto colaborando com seu governo. Mas nos bastidores, trabalhando por intermédio de Tacchi Venturi, o pontífice colocou três prelados na comissão.[2]

O grupo se reuniu trinta e cinco vezes em 1925. Em fevereiro de 1926, quando a comissão se preparava para anunciar novos projetos de lei, o papa escreveu à mão uma longa carta opinando sobre o trabalho realizado. Endereçada ao seu secretário de Estado, a mensagem foi publicada no jornal do Vaticano.

A Igreja, escreveu o pontífice, não podia aprovar qualquer acordo sobre seus próprios direitos que fosse produzido simplesmente por uma votação no parlamento. Só negociações diretas entre o governo e a Santa Sé poderiam conduzir a um novo entendimento.[3]

Mussolini ficou animado. A carta do papa, disse ele ao seu ministro da Justiça e da Religião, era "de importância capital". Tendo se livrado dos "preconceitos do liberalismo", explicou o Duce, o regime fascista "repudiara tanto o princípio do agnosticismo religioso de Estado quanto o princípio da separação entre igreja e Estado". Seu governo trabalhara com afinco "para restaurar o caráter de ser um Estado Católico e uma Nação Católica". Era hora de começar as negociações. Como Mussolini percebeu prontamente, Pio XI lhe oferecia a possibilidade de realizar um acordo histórico, que consolidaria o apoio ao seu regime de um modo inimaginável.[4]

Alguns diplomatas duvidavam que o papa algum dia pusesse fim à inimizade formal entre o Vaticano e a Itália. Apresentando-se como implacavelmente contrária ao governo da Itália, a Santa Sé evitava questões embaraçosas sobre o fato de que suas mais altas autoridades eram italianas. Se fizesse as pazes com o Estado, observou o embaixador dos

Estados Unidos no país, o papa — que era italiano e vivia cercado de outros italianos — arriscava-se a ser visto como capelão do rei. Uma instituição que deveria ser universal pareceria essencialmente italiana. "A Igreja está convencida", avisou o embaixador a Washington, "de que sua influência diminuiria em vez de aumentar se houvesse uma reconciliação formal com o Quirinal [o palácio do rei], e eu ficaria muito surpreso se isso viesse a acontecer nos próximos anos ou, melhor dizendo, nos próximos séculos".[5]

Indiferente aos céticos, Mussolini fez o possível para identificar o Estado com a Igreja Católica.[6] Descrevendo São Francisco de Assis como "o mais santo dos italianos, o mais italiano dos santos", declarou 4 de outubro feriado nacional em homenagem a ele. Pôs um trem especial à disposição do cardeal Merry del Val, representante do papa nos ritos inaugurais em Assis, providenciando honras militares ao longo da viagem; isso teria sido inconcebível antes da Marcha sobre Roma. O cardeal retribuiu o favor: Mussolini, disse ele à multidão em Assis, era "visivelmente protegido por Deus".[7] O ditador também decidiu que o país seria autossuficiente não apenas em agricultura, mas também em milagres. Insatisfeito com o fato de tantos italianos serem atraídos para Lourdes, lugar de peregrinação na França, promoveu o culto da Madonna de Loreto, sem grande sucesso.[8]

Em agosto de 1926, quando abriu as negociações com o governo da Itália, o papa escolheu um leigo, Francesco Pacelli, para servir como seu representante pessoal. Evitou recorrer ao seu secretário de Estado — ou mesmo a um clérigo — para essa tarefa porque o Vaticano ainda não reconhecia formalmente o Estado italiano. Nascido em 1872 — quatro anos antes do irmão mais famoso, Eugenio, futuro papa Pio XII —, Francesco Pacelli vinha de uma família romana que servia aos papas havia gerações. Quando Roma caiu em poder das tropas italianas em 1870, a elite da cidade se dividiu em duas facções. Os que adotaram o novo Estado foram apelidados de aristocracia branca, os leais ao pontífice, de

aristocracia negra. A família Pacelli pertencia à *aristocrazia nera*.[9] Seguindo os passos do pai, Francesco se tornou um advogado proeminente do Vaticano.

Mussolini designou Domenico Barone, advogado do governo, para representá-lo nas conversas. Embora tanto o papa quanto o Duce quisessem mantê-las em segredo, o que não faltava eram fofocas. Boatos chegaram a lugares tão distantes quanto Chicago, onde uma notícia de jornal se referia a uma suposta impaciência de Mussolini para criar "uma cidade do papa". Sensíveis aos rumores, os romanos começaram a examinar com atenção as transações imobiliárias, pois corria o boato de que o pontífice estava adquirindo propriedades em segredo, com o objetivo de criar um Estado papal que se estenderia de São Pedro ao mar.[10]

As negociações estavam longe de ser tranquilas. O grande obstáculo costumava ser a atitude ferozmente protetora do papa com a Ação Católica. Mussolini nunca se sentiria à vontade com um grupo que ele mesmo não controlasse. Como uma organização de filiação aberta para as massas sobre a qual ele não tinha autoridade, a Ação Católica lhe despertava suspeitas constantes. Ele tinha certeza de que remanescentes do Partido Popular encontravam guarida nesse movimento. Mas Pio via a organização como seu principal veículo para divulgar o evangelho católico para a população italiana.

Em geral, notícias de violência fascista contra grupos da Ação Católica provocavam a ira e a indignação de Pio XI. Em junho de 1925, num desses episódios, *squadristi* saquearam a sede da Ação Católica em Pádua; o papa despachou Tacchi Venturi para tomar uma providência qualquer a esse respeito. A investigação policial que se seguiu revelou detalhes sobre os estreitos vínculos entre a Ação Católica e o Partido Popular naquela cidade.[11] Nesse e em outros casos, o enviado jesuíta do pontífice fez o que pôde para acalmá-lo. Líderes da organização tinham sido aconselhados diversas vezes a manterem suas atividades separadas do

Partido Popular, lembrou ele a Pio. Os grupos da Ação Católica eram quem estava se metendo em encrencas. Como poderia o Vaticano, perguntava Francesco, permitir que uma organização da Igreja criticasse o governo fascista, "tão favorável à religião católica"?[12]

No começo de 1926, incomodado com as notícias de violência contra uma sede da Ação Católica, dessa vez na cidade de Brescia, no norte do país, o papa pediu mais uma vez a Tacchi Venturi que apresentasse uma denúncia. Depois de um encontro com funcionários do governo, o jesuíta novamente tentou convencer Pio XI e Gasparri a se colocarem no lugar de Mussolini. Muitos dos mais ativos membros da Ação Católica em Brescia, informou Tacchi Venturi, eram também conhecidos militantes do Partido Popular: "Disso vem a confusão e a quase identificação de uns com os outros." E continuou: "O governo tem provas claras de que a Ação Católica [de Brescia], junto com seu jornal semioficial, *Il Cittadino*, não são nada além do disfarce usado pelo partido político contrário ao governo."[13]

Embora fascistas locais atacassem com frequência grupos de adultos da Ação Católica, a grande preocupação de Mussolini era com o papel desempenhado pelos núcleos jovens. Enquanto consolidava sua ditadura, ele tinha visto como era importante moldar as crianças para convertê-las em fascistas leais. Poucos meses antes do início das negociações com o Vaticano, o ditador anunciou a fundação de sua própria organização nacional de juventude, a Opera Nazionale Balilla. A organização tinha quatro divisões. A Balilla era para meninos de oito a catorze anos, e a Avanguardisti, para jovens de catorze a dezoito; suas versões femininas eram as Piccolle Italiane (Pequenas Italianas) e as Giovani Italiane (Jovens Italianas). Os membros usavam uniformes quase militares.[14]

Para Mussolini, a rede nacional de grupos jovens da Igreja — dos escoteiros católicos às diversas organizações da Ação Católica para adolescentes — era uma concorrência indesejada. Assumir o controle da juventude lhe parecia tão importante que ele até se arriscou a enfurecer o

papa. Começou banindo os grupos de escoteiros. Indignado com a notícia, Pio mandou Tacchi Venturi adverti-lo de que deveria recuar.

No começo de 1927, preocupado não apenas com a dissolução dos escoteiros católicos, mas também com os indícios de que a proibição se estenderia a grupos de juventude da Ação Católica, o papa mandou suspender as conversas. Exigiu que a Ação Católica fosse excluída da regulamentação que só permitia grupos de juventude não fascistas cujas atividades fossem "predominantemente religiosas". O que mais atraía os jovens para os grupos católicos eram as atividades recreativas. Pio temia que o número de sócios diminuísse se os grupos oferecessem apenas orações e instrução religiosa. Mandou Tacchi Venturi dar um ultimato a Mussolini: ou cedia, ou podia desistir de chegar a um acordo sobre a questão romana. No fim de fevereiro de 1927, percebendo que corria o risco de exagerar na dose, o Duce ordenou a seus prefeitos que deixassem em paz os grupos de juventude da Ação Católica. Satisfeito, o papa mandou Francesco Pacelli retomar as negociações.[15]

Nos meses seguintes, com as conversas retomadas, o pontífice passou a se encontrar várias vezes por semana com Pacelli. Novos relatos de violência fascista contra grupos católicos locais chegavam de vez em quando, e o papa ameaçava mais uma vez romper as negociações. Contudo, àquela altura ele já tinha investido demais nas conversas e no apoio a Mussolini e ao regime fascista para correr o risco de fracassar. Atribuía a violência a indivíduos anticlericais que cercavam o Duce e que tentavam frustrar a vontade do ditador. Surgiram também outros pontos de discordância. Em abril de 1928, Pio XI reclamou da recente criação das organizações fascistas de meninas. Entristecia-o em especial sua prática de marchar com mosquete no ombro. Mas, nesse caso, o papa mais uma vez não atribuiu a culpa ao ditador. "Há muitas coisas que acontecem e que Mussolini nem sabe", disse Pio.[16]

O pontífice dissera aos cardeais da Cúria que as negociações com o governo estavam em andamento. Mas, temendo que uma oposição se

formasse, decidiu não os convocar até que houvesse um acordo. Preocupava-se em particular com o cardeal Bonaventura Cerretti, personalidade influente em questões internacionais, conhecida por sua hostilidade ao regime fascista. Para remover Cerretti de Roma durante os meses cruciais das negociações de 1928, ele mandou o cardeal para Sydney, na Austrália, como seu embaixador no Congresso Eucarístico Internacional. Cerretti só retornaria quando o acordo fosse firmado.[17]

Em outubro de 1928, quando as negociações pareciam quase concluídas, Pio recebeu uma notícia desagradável: o rei estava hesitante e talvez não assinasse o documento. Vítor Emanuel III — que recebera esse nome em homenagem ao homem que roubara os territórios do papa — não era amigo do papado, como o pontífice bem sabia. Dois anos antes, Pio XI hostilizara o rei quando sua mãe, conhecida pela devoção católica e pelas boas ações, morreu. Vítor Emanuel queria que o papa realizasse o funeral, ou pelo menos prestasse um tributo público, mas ele não fez nenhuma das duas coisas. O conde Dalla Torre, editor do jornal do Vaticano, havia preparado um lisonjeiro obituário da rainha-mãe, mas o texto nunca foi publicado — porque o pontífice proibiu.[18]

Pio agora temia que todos aqueles anos de duras negociações dessem em nada. Desesperado para encontrar um jeito de garantir a aprovação do rei, ele se concentrou no ponto que sabia que mais incomodava o monarca: a possível expansão das terras sob controle do papa. Resolveu desistir de sua demanda inicial para que os vastos jardins da Villa Doria Pamphili, na colina Gianicolo, acima do Vaticano, fossem anexados ao território da Santa Sé.[19]

Ao saber da notícia, Domenico Barone, negociador de Mussolini, disse a Pacelli: "Se não aceitarem nessas condições, é porque são idiotas."[20]

★ ★ ★

MUSSOLINI E O rei, de personalidades e antecedentes familiares tão diferentes, haviam, no fim dos anos 1920, estabelecido uma relação estável, ainda que peculiar. A certa altura, Mussolini disse que era como se os dois dormissem no mesmo quarto, mas em camas separadas. Tinham, porém, vários traços em comum, como o desconforto na presença de padres. Além disso, ambos costumavam fazer comentários mordazes sobre os homens que os cercavam. Certa vez, em uma de suas observações características, o rei descreveu o mais importante general da Itália, Pietro Badoglio (a quem, anos depois, escolheria para substituir Mussolini como primeiro-ministro) como alguém que tinha "o cérebro de um pardal e o couro de um elefante". Por sua vez, o Duce gostava de ridicularizar o monarca. Ele se queixava de que o minúsculo rei causava uma má impressão, indigna de uma grande nação. Era um "homenzinho desagradável, traiçoeiro". Em várias ocasiões, chamou Vítor Emanuel de "carruagem vazia", "árvore morta" e "galinha velha, cujas penas deveriam ser arrancadas". Mas não tolerava que outros ridicularizassem o rei, mesmo que fosse sua mulher. Oriunda do mesmo meio antimonárquico do marido, Rachele, pouco à vontade entre os ricos e bem-nascidos, nunca se sentia confortável perto da família real. Mussolini sem dúvida compreendia isso. No entanto, quando ela começava a contar sua piada favorita, dizendo que o rei precisava de escada para montar em seu cavalo, ele mandava a esposa se calar.[21]

Todas as segundas e terças-feiras às dez da manhã, o Duce, de sobrecasaca e cartola, ia se encontrar com Vítor Emanuel III no vasto e majestoso palácio Quirinal, onde o rei assinava vários decretos governamentais e nomeações pessoais. Nessas manhãs, observou Quinto Navarra, era como se ele fosse um Mussolini diferente. Nos outros dias da semana, o imperial e ditatorial Duce, que intimidava os ministros, aparecia com frequência trajando seu uniforme de miliciano, numa série infindável de desfiles e comícios em que desempenhava o papel de líder supremo na complexa coreografia de poder do regime. Entretanto, em

suas manhãs no palácio real, Mussolini se comportava como um primeiro-ministro respeitoso, ciente dos direitos do rei no que ainda era, formalmente, uma monarquia constitucional.[22]

★ ★ ★

EM 7 DE fevereiro de 1929, o cardeal Gasparri convocou os embaixadores na Santa Sé para lhes dizer que um acordo histórico não demoraria a ser anunciado, encerrando décadas de discordâncias entre a Igreja e o governo italiano. O cardeal estava prestes a se tornar a face pública do tratado que seria saudado por eclesiásticos mundo afora. Para ele, porém, era um momento agridoce. Nos anos anteriores, recebera sinais de que o papa já não apreciava seus serviços. Embora realista, Gasparri tinha seu orgulho. Ficara agastado em 1929, quando Pio XI, por ocasião do quinquagésimo aniversário de sua ordenação, esnobou-o. Seus assessores tinham planejado uma comemoração de gala, uma missa presidida pelo papa a ser celebrada em sua honra na capela Sistina; os cardeais da Cúria estariam todos presentes, assim como o corpo diplomático. Mas o pontífice não apareceu, e os dignitários que compareceram fizeram todo tipo de conjectura a respeito de sua surpreendente ausência.[23]

No começo de 1928, Gasparri já não era jovem. Sofrendo de diabetes e do coração, dormia mal. O outrora jovial secretário de Estado parecia cada vez mais deprimido e chorava com facilidade. Quando outros faziam comentários sobre sua palidez e sobre o tremor que surgira em suas mãos, ele respondia que estava bem. O papa insistia para que ele tirasse uma folga e descansasse um pouco, mas Gasparri, temendo que Pio aproveitasse sua ausência para substituí-lo, dizia que não era necessária.[24] Não sabia quanto tempo ainda aguentaria, mas queria compartilhar a glória de ver o fim de setenta anos de hostilidades entre a Itália e a Santa Sé.

Um dia depois de Gasparri reunir os diplomatas no Vaticano para lhes dar a notícia, Mussolini mandou um telegrama para todos os embaixadores da Itália com a mesma mensagem. A notícia da iminente cerimônia de assinatura foi publicada em jornais estrangeiros, mas a imprensa italiana ficou calada, e pouca gente no país se deu conta do que estava prestes a acontecer.[25]

"Que dias maravilhosos!", escreveu de Roma o monsenhor Francis Spellman — o único americano no escritório da Secretaria de Estado — para a mãe em Boston, em 8 de fevereiro. "Dias maravilhosos para se estar vivo, e mais maravilhosos ainda para se estar vivo em Roma!" E acrescentou: "Todos aqui estão radiantes de felicidade, e é para estarem mesmo. Este Santo Padre, o cardeal Gasparri e o monsenhor Borgongini têm lugar garantido na história e, é claro, Mussolini também."[26]

Os detalhes finais do Tratado de Latrão entre o Vaticano e a Itália foram acertados por Mussolini e Pacelli na noite de sábado, 9 de fevereiro de 1929.[27] O primeiro artigo especificava que o catolicismo era "a única religião do Estado". Os acordos se dividiam em três partes. A primeira, o tratado propriamente dito, estabelecia a Cidade do Vaticano como território soberano, sob governo papal, onde o governo italiano não tinha o direito de interferir. (Antes, os palácios e os jardins do Vaticano, assim como a basílica de São Pedro, estavam sob controle do papa, mas o governo da Itália sempre considerara que eles ficavam em solo italiano, e seu status jurídico era ambíguo.)[28] Os limites da Cidade do Vaticano deveriam coincidir basicamente com os muros medievais existentes; a praça de São Pedro, que não estava circunscrita pelas muralhas, seria considerada parte da nova cidade-Estado, mas ficaria aberta ao público e sob supervisão da polícia italiana. Ao todo, o território abrangia quarenta e quatro hectares. Ofender a dignidade do papa seria considerado crime equivalente a ofender o rei. Os embaixadores na Santa Sé teriam os mesmos privilégios e imunidades dos embaixadores na Itália. Além da soberania sobre a Cidade do Vaticano, a Santa Sé teria direitos especiais

sobre as basílicas de Roma e sobre o palácio de verão do papa em Castel Gandolfo, nas vizinhas colinas Albanas. Todos os cardeais em Roma seriam considerados cidadãos do novo Estado.[29]

A segunda parte do Tratado de Latrão, a concordata, regia as relações entre a Santa Sé e a Itália. O governo italiano não permitiria que nada acontecesse em Roma que pudesse interferir no caráter do Vaticano como centro sagrado do mundo católico. A concordata passava a considerar feriados nacionais vários dias santos católicos, e pela primeira vez o Estado italiano reconheceria casamentos religiosos. (Até então, os matrimônios realizados apenas na igreja não eram considerados válidos para fins legais.) O documento também especificava que a instrução religiosa católica, que o regime já tornara compulsória nas escolas primárias, seria estendida a todas as escolas secundárias. Apesar do fato de que apenas uma a cada cinco crianças italianas ia além do ensino primário na época, as que passavam desse nível formariam a elite da geração seguinte, e sua educação religiosa era de grande valor para a Igreja.[30] Em outra cláusula cara ao papa, o Estado italiano aceitava o direito de os grupos da Ação Católica operarem livremente.

A terceira e última parte do tratado consistia num acordo financeiro. A Itália pagaria setecentos e cinquenta milhões de liras, acrescidas de um bilhão de liras em títulos italianos (totalizando cerca de um bilhão de dólares americanos em valores de 2013), para que, em troca, a Santa Sé desistisse de todas as reivindicações relativas à perda dos Estados Papais.[31]

Às nove da manhã de segunda-feira, 11 de fevereiro, Dino Grandi, subsecretário de Relações Exteriores, chegou à casa de Mussolini. O Duce estava inusitadamente bem-humorado. No carro, a caminho do local da assinatura, o ditador cantou uma velha canção popular da Romanha. Mussolini podia estar feliz, mas Grandi estava nervoso.

"Devo beijar o anel do cardeal?", perguntou ele.

Era provável que o cardeal Gasparri esperasse que sim, respondeu o Duce. Animado, ele disse a Grandi que sabia qual era a melhor maneira

de resolver o assunto. Enfiou a mão no bolso, tirou uma moeda e jogou-a para cima. E, vendo o resultado, o ditador anunciou: "Beijaremos o anel!"[32]

No Vaticano, de manhã bem cedo, Gasparri e seu subsecretário, monsenhor Borgongini, tinham se reunido na biblioteca particular do papa, onde asseguraram ao pontífice que estava tudo pronto para a assinatura. Mostraram-lhe o texto do tratado, recém-saído da gráfica do Vaticano, junto com o mapa que mostrava as mudanças de última hora. Depois de examinar com atenção os documentos, Pio XI deu sua aprovação com um aceno de cabeça. Gasparri e Borgongini tinham que ir andando, mas antes de sair se ajoelharam e pediram a bênção do pontífice. Todos sentiam a grandeza do que estava para acontecer. Os olhos do cardeal Gasparri estavam marejados quando ele saiu da sala.[33]

A cerimônia foi realizada na Sala dos Papas no palácio de Latrão, no lado da cidade oposto ao Vaticano. O trono do pontífice como bispo de Roma não é a basílica de São Pedro, mas a arquibasílica de São João de Latrão. Durante mil anos, a partir do século IV (quando o imperador Constantino deu aos papas seu próprio palácio naquele sítio) até o século XIV (quando os papas foram exilados para Avinhão), os papas haviam morado em São João de Latrão.[34] Os vândalos arrasaram o palácio no século V, e ele fora em parte destruído por incêndios no século XIV, mas era sempre reconstruído, cada vez mais magnífico. Como "prisioneiros do Vaticano", porém, nenhum dos papas tinha posto os pés ali desde que as tropas italianas haviam tomado Roma, em 1870.

Gasparri e Borgongini já tinham chegado — num Chrysler novo doado por um americano rico — quando o carro de Mussolini estacionou. Chuviscava.[35] O Duce saiu do carro, segurando luvas brancas na mão esquerda. Usava terno formal completo, com cauda e cartola.[36] O cardeal cumprimentou Mussolini e Grandi, aos quais se juntaram o ministro da Justiça, Alfredo Rocco, e o subsecretário do Duce, Francesco Giunta, e os convidou para subirem com ele a imponente escada.

Atravessaram vagarosamente o que Grandi descreveu como um número "interminável" de salas enfeitadas do museu dedicado às missões da Igreja mundo afora. O exaltado Gasparri agitava os braços identificando os países de origem das exposições pela quais passavam, da Nova Guiné às Ilhas Fiji, da Mongólia à Índia e à Nicarágua. "Nomes de terras estranhas e distantes", relembrou Grandi, "que o Príncipe da Igreja pronunciava com um sorriso, como se quisesse acentuar para nós como eram vastos o poder e o alcance da Igreja Católica no mundo."

Por fim, chegaram ao seu destino. Num dos lados da grande sala havia uma mesa cor-de-rosa de cinco metros por um metro e vinte; oito cadeiras pretas com braços, bastante esculpidas, estavam arrumadas em fila do outro lado.[37] Mussolini e Gasparri se sentaram no centro. Ao se preparar para assinar o documento, o ditador, antes tão relaxado, pareceu pálido e pouco à vontade, enquanto o cardeal, sentindo-se em casa, sorria.[38]

Quando o Duce e Gasparri saíram do palácio de Latrão, a multidão, que se aglomerava depressa, irrompeu em aplausos. Nenhum aviso antecipado sobre a cerimônia tinha sido divulgado, mas a presença de tantos policiais e milicianos na frente da catedral, somada à chegada de Mussolini, havia deflagrado rumores, e jornalistas e fotógrafos apareceram rapidamente. Apesar da garoa, o ânimo era muito positivo. Padres e seminaristas cantavam em coro preces de ação de graças, intercaladas com berros de "Viva Pio, viva nosso papa e rei!", enquanto outros, aglomerados na *piazza* em frente à igreja histórica, davam gritos de "Viva Mussolini! Viva a Itália" intercalados com brados fascistas de "alalà!". Afastando-se de carro, o monsenhor Pizzardo ficou tão empolgado que respondeu aos gritos da multidão erguendo o braço na saudação fascista.[39]



11. Assinatura do Tratado de Latrão, em 11 de fevereiro de 1929. Da esquerda para a direita: monsenhor Francesco Borgongini-Duca, cardeal Pietro Gasparri, Francesco Pacelli, Benito Mussolini e Dino Grandi



12. Logo depois da assinatura dos acordos, no palácio de Latrão, 11 de fevereiro de 1929. Cardeal Gasparri e Mussolini, na frente, no centro; monsenhor Pizzardo na extrema esquerda;

Francesco Pacelli de cartola, à esquerda de Gasparri; monsenhor Borgongini, à direita de Mussolini; e Dino Grandi à extrema direita

Mussolini, de humor mais contido, permaneceu em silêncio durante toda a viagem de carro de volta ao seu gabinete. Embora aquele fosse o seu maior triunfo, ele nunca se sentia à vontade na presença de sacerdotes ou dentro de igrejas.[40]

Seria difícil exagerar a importância que o pontífice atribuiu aos acordos. Renato Moro, um dos principais historiadores da Igreja na Itália, observa que, apesar do estabelecimento do governo italiano no século XIX — com seus compromissos de separação entre clero e Estado e de democracia liberal, os papas jamais haviam abandonado a crença numa sociedade italiana hierárquica e autoritária, baseada em princípios da Igreja. Depois de anos nos quais esses sonhos de retorno à antiga autoridade do clero pareciam irreais, a aparição do fascismo trouxe uma nova esperança.[41]

Até a assinatura, católicos insatisfeitos com a ditadura podiam afirmar que o pontífice não demonstrava grande entusiasmo pelo regime fascista. Agora isso não era mais possível. Católicos italianos não poderiam mais ter dúvida de que, se apoiassem Mussolini, estariam cumprindo um desejo do papa. O próprio Pio, falando a um grupo de estudantes universitários dois dias depois da assinatura, explicou como o histórico tratado enfim se tornara possível. Disse-lhes que talvez o fato de um dos lados ser encabeçado por um bibliotecário, especialista em examinar à exaustão documentos históricos, tivesse ajudado, e que "talvez o que também fizesse falta fosse um homem como o que a Providência nos fez encontrar, um homem que não compartilha as preocupações da escola liberal". Nos anos seguintes, a referência do papa a Mussolini como o homem enviado pela Providência seria repetida por bispos, padres e leigos católicos milhares de vezes.[42]

Em Bolonha, edições especiais dos jornais locais se esgotaram num instante. O arcebispo anunciou uma missa especial de ação de graças para

o dia seguinte, convidando o governo e oficiais militares. O arcebispo de Chieti não esperou até o dia seguinte — uma multidão eufórica se espremeu na catedral para uma missa especial de ação de graças na noite da assinatura. As autoridades fascistas locais participaram com orgulho da cerimônia, carregando suas bandeiras e flâmulas, sem se intimidarem com a tempestade de neve lá fora.[43] Jornais em todo o país, incluindo o diário do Vaticano, martelaram no tema de que a histórica assinatura jamais teria acontecido se a Itália ainda estivesse sob um governo democrático. Só Mussolini e o fascismo haviam tornado o acordo possível.[44]

Em Roma, edifícios do governo e residências particulares se cobriram de uma combinação antes impensável: estandartes papais brancos e amarelos ao lado de bandeiras tricolores italianas. Na verdade, era o sétimo aniversário da coroação do papa, e estava previsto que ele presidiria a missa comemorativa em São Pedro. Doze homens de uniforme vermelho, seis de cada lado, carregaram o pontífice em sua *sedia gestatoria*, o trono coberto de seda vermelha, até o interior da imensa basílica. Dezenas de milhares de fiéis, após se acotovelarem durante horas de espera, enfim puderam ter um vislumbre do papa. A Federação Fascista de Roma havia convocado os fascistas para mostrarem o seu entusiasmo se reunindo na praça de São Pedro. Duzentas mil pessoas aguardavam na chuva torrencial. Quando Pio XI apareceu na sacada para abençoá-las, elas urraram de alegria. Abaixo dele estavam representantes de cada uma das unidades da milícia fascista de Roma, erguendo suas flâmulas enquanto a infindável multidão de fiéis e de curiosos se estendia para além dos limites da *piazza*. Mais para o fim da tarde, convocada pelo Partido Fascista e por milicianos, outra multidão se reuniu na frente do palácio do Quirinal, em cuja sacada o rei apareceu, com a rainha à direita e o chefe nacional do Partido Fascista à esquerda.[45]

Ao redor do mundo, o Duce foi saudado como um grande estadista.[46] No Vaticano, um alto assessor descreveu a emoção. Nem mesmo as comemorações da vitória na Grande Guerra se comparavam ao delírio da

Itália naquele dia: "A alegria era total, sem uma nuvem sequer. Todos sentiam que novos píncaros de grandeza e glória despontavam no horizonte da Itália." Em todo o país, de Turim à Sicília, bispos e padres ordenaram que suas igrejas repicassem os sinos em comemoração, honrando o homem que enfim trouxera a harmonia entre Igreja e Estado.[47] Para a maioria dos italianos, o fim de décadas de hostilidades foi um alívio imenso. Não havia mais conflito entre ser um italiano leal e um bom católico.

O acordo, como disse um enviado americano a Roma ao secretário de Estado dos Estados Unidos, foi "um triunfo para Mussolini ao encerrar a rivalidade e conquistar o clero para o fascismo". Em seu diário, o general Enrico Caviglia, herói da Primeira Guerra Mundial e confidente do rei, apresentou uma visão diferente daquele dia: "Esses homens que chegaram ao poder através de golpes de Estado precisam se legitimar por intermédio do Vaticano." Mas em vinte anos, perguntava ele, o que aconteceria quando o povo se ressentisse da ditadura que usurpara sua liberdade? "Como julgarão o Vaticano", indagava, "que deu apoio moral ao regime?"[48]

Mussolini ouviu apenas uma nota discordante da sua rede nacional de espionagem. O relatório de 13 de fevereiro, baseado em informantes em Roma, começava de forma promissora: "A notícia da Conciliação produziu alegria e entusiasmo indescritíveis em quase toda a população (...) As pessoas dizem que o acontecimento histórico representa um êxito sem paralelo do genial Duce (...) que o prestígio e a força do fascismo aumentaram enormemente." Mas havia alguns descontentes, "um punhado de liberais velhos e ressentidos, o que restou dos maçons e dos judeus". Para os judeus da Itália, o Tratado de Latrão trouxe nervosismo e medo. Pouco mais de meio século antes, o fim dos Estados Papais os tinha libertado dos guetos do papa. A unificação italiana e a separação entre igreja e Estado haviam sido a sua salvação. Agora, eles temiam o que o futuro poderia trazer.[49]

PARTE DOIS

INIMIGOS EM COMUM

CAPÍTULO NOVE

O SALVADOR

Choveram telegramas parabenizando Pio XI pelo acordo histórico. Um jornalista americano que se reuniu com o papa logo depois da assinatura encontrou-o muito sorridente e rejuvenescido, "tão jovial e dinâmico quanto no dia em que foi eleito".[1] Em 17 de fevereiro, a Guarda Nobre do papa ofereceu uma lauta recepção no Vaticano, onde a aristocracia negra de Roma confraternizou com altos prelados da Cúria. As luzes foram apagadas quando os convidados se juntaram diante de uma tela de cinema para assistir a um documentário comemorativo da cerimônia de assinatura. Quando a imagem do Duce apareceu, a sala irrompeu em aplausos e vivas.[2]

O ditador ficara ansioso para concluir o acordo, pois tinha pela frente uma votação importante. Uma vez que agora só havia um partido político na Itália, era preciso encontrar uma nova maneira de eleger o parlamento. Um comentário casual feito por Mussolini em 1924, quando do pleito anterior, acabou sendo profético: ele disse que aquela seria a última vez que sofreria a indignidade de disputar com uma oposição. No novo sistema, caberia ao Grande Conselho do Fascismo selecionar os candidatos para os quatrocentos assentos da Câmara dos Deputados. Os eleitores teriam que votar sim ou não na chapa como um todo. Mussolini não chamava isso de eleição, mas de plebiscito sobre o regime.[3]

O Vaticano deu todo o apoio à campanha de Mussolini. Em 17 de março, uma semana antes do dia da eleição de 1929, *L'Osservatore Romano*

publicou um apelo para que os católicos votassem "sim". Não era pouca coisa para o Duce, pois noventa e nove por cento dos italianos eram católicos. O resto da imprensa católica e padres de todo o país aderiram com avidez à campanha.[4]

Para a maioria dos observadores, parecia que um papa agradecido tinha mobilizado a Igreja para apoiar a lista de fascistas fiéis ao Duce. Nos bastidores, porém, outra coisa acontecia. O pontífice não queria apenas carimbar as escolhas de Mussolini.[5] Dos milhares de nomes apresentados ao Grande Conselho por várias organizações fascistas e governamentais, dentre os quais seriam escolhidos os quatrocentos candidatos, o papa julgava três quartos insuficientemente católicos. Com a assinatura da concordata, dizia Pio, a Itália passara a ser um "Estado confessional". A composição do parlamento deveria refletir aquela nova realidade.

O papa queria que o Duce descartasse sua lista e a substituísse por uma composta de pessoas "livres de laços com a maçonaria, com o judaísmo e, em suma, com qualquer dos partidos anticlericais". "Assim", concluía a carta em que Pio manifestava seus desejos, "o Duce coroará do modo mais belo e necessário a grande obra do tratado e da concordata. Mais uma vez mostrará que é (em conformidade com o modo como Sua Santidade recentemente se referia a ele) o Homem enviado pela Providência."[6]

Poucos dias depois, Tacchi Venturi levou para Mussolini uma lista de homens que Pio XI considerava "dignos representantes de um Estado confessional".[7] Fazia muito tempo que os papas condenavam a maçonaria, e uma das primeiras medidas de Mussolini para agradar ao Vaticano depois de assumir o poder foi declarar os maçons inaptos para filiação ao Partido Fascista.[8] Agora o pontífice exigia que judeus e maçons fossem expurgados da lista de candidatos e que fascistas de sólida fé católica fossem acrescentados. O Vaticano esperou que o Duce fizesse as mudanças antes de organizar uma gigantesca mobilização da Igreja para votar no sim.[9] No dia da eleição, um domingo, párocos de toda a Itália

literalmente conduziram seus fiéis para as urnas.[10] O triunfo de Mussolini foi completo, conquistando 98,3% dos votos.[11]

No dia seguinte ao plebiscito, um dos velhos protegidos do papa foi vê-lo. Stefano Jacini era um dos meninos da nobreza de Milão aos quais Ratti tinha, anos antes, servido como mentor espiritual. Ao passar pela porta de bronze ao longo da colunata de Bernini, à direita de São Pedro, Jacini foi saudado por guardas suíços em seus chamativos uniformes listrados. Os homens examinaram seu convite e permitiram que subisse a escadaria para os palácios do Vaticano. Jacini foi então escoltado através dos vastos e esplêndidos corredores por homens da Guarda Nobre do papa, italianos de famílias aristocráticas. Era como se ele tivesse entrado num drama renascentista. Ao passar pelos salões e corredores ricamente decorados, viu grupos de gendarmes papais — italianos trajando réplicas exatas dos uniformes usados pelos granadeiros de Napoleão — de sentinela. Um prelado doméstico do pontífice levou Jacini, de quarenta e dois anos, ao escritório do homem que ele conhecera como um simples padre.

Pio XI sorriu quando ele entrou. Na conversa de setenta minutos que tiveram, o papa adotou com frequência a primeira pessoa do singular, trocando o costumeiro "nós" pelo "eu". Os dois passaram boa parte do tempo discutindo o Tratado de Latrão.

"Situação resolvida!", disse-lhe o pontífice, muito feliz. "Sim, estou satisfeito, mas agora vem a parte difícil: fazer com que as cláusulas sejam aplicadas. Nunca precisamos tanto de preces quanto agora, mas o futuro está nas mãos de Deus. Não se pode esperar que eu seja capaz de adivinhar o que vem pela frente." Ele lembrou a Jacini versos de Metastasio, poeta italiano do século XVIII: "Não existe passado, a memória é que o pinta", recitou o papa. "Não há futuro, é a esperança que lhe dá forma. Só existe o presente, que sempre nos escapa."[12]

Sabendo que Jacini tinha sido um líder do Partido Popular, Pio fez questão de justificar o acordo com o Duce. Afirmou que não poderia

deixar passar a oportunidade pois, se o fizesse, a história o julgaria com severidade. "O Senhor me ajudou em tudo isso." Queixou-se dos que o criticavam por se entender com o regime fascista. "É como dizer que alguém deve parar de respirar porque está numa sala onde o ar é poluído." E explicou: "Para a Igreja, há revoluções e revoluções — aquelas que destroem a autoridade e a ordem existente e aquelas que as transformam. A revolução italiana é feita com a aprovação do rei e da monarquia. Não poderíamos querer mais que isso."

"Não foi uma revolução verdadeira", prosseguiu o papa, ainda tentando se justificar para o nobre. "Uma sublevação, sim. Precisamos ver o que vai sair disso." Palavras do seu amado Manzoni lhe vieram à memória: "A hora do crepúsculo não é nem luz, nem escuridão. O que virá dela? Dia ou noite? Espera um pouco e verás."

Enquanto falava, o papa ia ficando animado, ajeitando-se na cadeira, pondo os cotovelos na mesa, usando as mãos para corrigir a posição do *zucchetto* branco na cabeça. "Cabelos ainda louros, sorrindo atrás dos óculos de ouro", lembrava-se Jacini, "o rosto animado, um breve riso abafado pontuando seus comentários; parecia, por um momento, ter se tornado novamente o Don Achille dos velhos tempos."[13]

★ ★ ★

O ACORDO COM o papa fora um grande sucesso de relações públicas para Mussolini, mas isso não queria dizer que não tivera desvantagens. Nada o irritava mais do que ser chamado de bode expiatório do pontífice, e alguns o acusavam de ser exatamente isso. Homem orgulhoso e arrogante, cujo ego não parava de crescer, o Duce era sensível aos murmúrios de que estaria vendendo seus princípios e criando um Estado governado não por fascistas, mas por padres. O fato de *La Civiltà Cattolica* ter saudado a vitória de Mussolini no plebiscito como uma "restauração cristã da sociedade" não ajudava em nada.

Foi um momento delicado para o Duce. Havia insatisfeitos dentro e fora do parlamento. Fascistas de primeira hora — os que estavam no movimento desde os primeiros dias — viam o acordo como uma traição ao verdadeiro fascismo, cedendo uma influência indesejada ao papa. E outros da velha elite liberal estavam preocupados com o fato de Mussolini ter abandonado a separação entre a Igreja e o Estado.

Em 13 de maio, o ditador levantou-se na Câmara dos Deputados para encerrar os debates sobre a ratificação dos acordos. Aquele se tornaria um dos seus mais famosos discursos.

"Honrados camaradas", começou ele, perante as galerias lotadas. Muita confusão estava sendo propagada em torno do tratado recente. No Estado italiano, assegurou ele, "a Igreja não é soberana, nem sequer livre". Continuava sujeita às leis do país. A Itália tinha a grande vantagem de ser a sede de uma religião universal. Mas o êxito da Igreja Católica se devia muito à própria Itália: "Essa religião nasceu na Palestina, mas se tornou católica em Roma." Acrescentou, num comentário destinado a enfurecer o papa, que, se a comunidade cristã dos primeiros tempos tivesse permanecido na Palestina, "muito provavelmente não teria passado de uma das muitas seitas que floresceram naquele ambiente superaquecido (...) e muito provavelmente teria desaparecido sem deixar rastros".[14] O Estado italiano, concluiu ele, "é católico, mas também fascista; a rigor, é antes de tudo exclusiva e essencialmente fascista".[15]

No dia seguinte Pio mandou o advogado Francesco Pacelli ver Mussolini. Levava uma ameaça: o papa estava irado e poderia suspender as negociações para implementar os acordos. O Duce tentou acalmar o pontífice. Usaria o próximo discurso no Senado, disse, para esclarecer qualquer mal-entendido.

Três dias depois, quando o Senado submeteu a moção para confirmar os acordos, Pacelli sentou-se na galeria para ouvir a fala de Mussolini. Mas o que escutou foi pouco diferente do que ouvira na Câmara.

"Tenho a impressão", escreveu em seu diário, "de que [o discurso] não vai conseguir agradar inteiramente ao Santo Padre."

Embora poucos tenham percebido, nas duas semanas seguintes, tanto o Duce quanto o papa ameaçaram jogar por terra o laboriosamente construído Tratado de Latrão. Pacelli servia de ponte, indo e vindo sem parar, num esforço desesperado para evitar o desastre. No fim, os dois lados concluíram que tinham muito a perder. Em 7 de junho, Mussolini foi ao Vaticano e sentou-se nos aposentos do cardeal Gasparri para que os dois dessem a assinatura final.[16]

Com o Tratado de Latrão, o papa e o Duce iniciaram uma parceria peculiar. Cada qual se via como chefe de uma organização "totalitária", termo adotado por ambos. Ela só podia ter um líder e exigia lealdade absoluta. O pontífice estava ansioso para usar o poder dos fascistas a fim de ressuscitar um Estado católico, embora não fosse tolo de pensar que pudesse algum dia "cristianizar" Mussolini. Já o Duce queria usar o poder da Igreja com a finalidade de consolidar seu próprio governo, mas em sua opinião o clero católico deveria servir ao fascismo, uma ferramenta para garantir apoio popular ao regime.

Os dois lados tinham muito a ganhar com o acordo, mas nem Mussolini nem o papa jamais se sentiriam confortáveis com ele. Pio só ficaria satisfeito de fato se pudesse fazer o ditador respeitar o que ele considerava os direitos divinos da Igreja. Mussolini estava disposto a dar ao papa o que o Santo Padre queria, desde que as demandas não entrassem em conflito com sua ditadura e com seus sonhos de glória. Como Pio haveria de descobrir, só era possível pressionar o Duce até certo ponto. Ambos defendiam zelosamente os direitos que julgavam seus. Ambos eram propensos a explosões de ira. Havia muitas razões para suspeitar que a parceria talvez não fosse duradoura.



13. Mussolini e Gasparri depois da ratificação do Tratado de Latrão no Vaticano, em 7 de junho de 1929. O cardeal Gasparri e Mussolini sentados; o monsenhor Borgongini de pé entre os dois, tendo, à sua esquerda, Francesco Pacelli e o monsenhor Pizzardo

★ ★ ★

COM O ESTABELECIMENTO de relações diplomáticas, Mussolini nomeou Cesare de Vecchi, de quarenta e quatro anos, o primeiro embaixador da Itália na Santa Sé. Formado em direito, de uma família de classe média do Piemonte, De Vecchi comandara uma unidade de tropa de choque durante a guerra. Mais tarde, ele se tornara líder dos *squadristi* em Turim. Um dos deputados do Partido Fascista eleitos em 1921, seu momento de maior triunfo tinha sido como membro do Quadrunvirato que chefiara a Marcha sobre Roma.

A razão que levou o Duce a escolher De Vecchi para a delicada missão diplomática é um tanto misteriosa. Mussolini costumava zombar da afetação e da burrice do novo embaixador, queixando-se de que ele não tinha senso político. Em maio de 1923, demitiu De Vecchi do cargo de subsecretário do Tesouro, dizendo que era inapto para qualquer coisa que não fosse a vida de soldado.[17] Então, enviou-o à Somália italiana como governador, onde permaneceu cinco anos. Mas De Vecchi possuía algumas qualidades que o tornavam adequado para o cargo. Era católico devoto e tinha ligações com a família real e com figurões das forças armadas, duas esferas que resistiram muito ao controle fascista. Em agradecimento por sua devoção à monarquia, o rei concedeu a De Vecchi o título de conde de Val Cismon, que ele usava com orgulho. De acordo com Dino Grandi, sempre que alguém mencionava o nome do rei na presença de De Vecchi, um tremor involuntário percorria-lhe o corpo, como se ele fosse um soldado sendo repreendido.[18] Mas sua arrogância, sua falta de discernimento, sua voz tonitruante, a cabeça raspada, os olhos pequenos, o nariz grande e o bigode grotesco — que lhe davam a aparência de um pequeno esquilo — faziam dele uma das figuras do regime mais alvejadas pela zombaria popular.[19]

Na manhã de 25 de junho, o novo embaixador chegou ao Vaticano numa carruagem real puxada por dois cavalos arrumados de modo festivo. O cocheiro e três batedores em pé na parte de trás da carruagem estavam vestidos como se fossem para a corte de Luís XIV. Usando um uniforme diplomático que lembrava o almirante da ópera *HMS Pinafore*, De Vecchi apresentou suas credenciais ao papa. Foi conduzido à sala do pequeno trono, onde o pontífice estava sentado, rodeado por sua corte. O novo embaixador se curvou três vezes, como era costume e, depois da troca formal de cumprimentos, Pio XI o convidou à sua biblioteca para uma conversa particular. De Vecchi falou pouco, enquanto o papa — talvez inspirado pelas raízes nortistas do novo embaixador — recordou com prazer suas antigas proezas alpinas. Ao lembrar os anos de jovem padre na

Cidade Eterna, seu humor ficou sombrio por um momento. Ele falou a De Vecchi sobre a época em que rapazes zombeteiros o perseguiam pelas ruas de Roma atirando pedras e gritando "Barata!".

De Vecchi assegurou-lhe que aqueles dias haviam ficado para trás. Desde que o fascismo assumira o poder, os padres tinham passado a ser tratados com respeito.[20]

Um mês depois, o novo embaixador teve outro encontro com o papa, bem menos agradável do que o anterior. De Vecchi pisou na biblioteca do pontífice um tanto apreensivo, sabendo que ele estava furioso com a recente publicação dos discursos parlamentares de Mussolini. Quando entrou, um efeito da luz do sol que invadia o cômodo pela janela lhe deu a impressão de que os óculos de Pio emanavam fogo. O papa se dirigiu a De Vecchi em termos que o embaixador descreveu como "ásperos, ressentidos, por vezes rudes e contundentes". "Não dá para continuar assim", advertiu ele, sacudindo a cabeça, "de forma alguma. O comportamento dos senhores", disse Pio, referindo-se à publicação dos discursos pelo governo, "ofende a Igreja e a mim. Saí ao encontro da Itália de coração aberto e em troca da nossa lealdade o *signor* Mussolini atirou em nós pelas costas com uma metralhadora." Remexendo papéis em cima da mesa, o papa puxou relatórios sobre recentes maus-tratos contra sedes locais da Ação Católica. Em algumas regiões, funcionários tinham sido espancados, e as pessoas haviam sido avisadas de que bons italianos não faziam parte da Ação Católica.


L'ILLUSTRAZIONE
ITALIANA
Anno LVI - N. 26
30 giugno 1929 - VII
Per tutti gli articoli, fotografie e disegni pubblicati è riservata la proprietà artistica e letteraria, secondo le leggi e i trattati internazionali
S. E. IL CONTE G. M. DE VECCHI DI VAL CISMON, PRIMO AMBASCIATORE D'ITALIA PRESSO LA SANTA SEDE, SI RECA A PRESENTARE LE CREDENZIALI AL PONTEFICE. - 26 giugno.

14. Cesare de Vecchi, embaixador italiano na Santa Sé, 1929-1935

De Vecchi tentou defender o governo. Não se poderia esperar que ficasse de braços cruzados, disse ele, enquanto antifascistas se ocultavam atrás dos grupos católicos.

O papa reagiu como se tivesse sido picado por uma vespa, batendo na mesa com a palma da mão. "Não quero ouvir isto!" Dera ordens explícitas à Ação Católica para não se meter em política, e o governo não tinha o direito de intimidar os membros da organização.

Isso era muito bom, respondeu De Vecchi, mas uma coisa era dar ordens e outra, muito diferente, era elas serem obedecidas.

A noite caiu em algum ponto do encontro de duas horas e meia. Quando o embaixador se preparava para sair, o pontífice, mais calmo, falou: "Diga ao *signor* Mussolini, em meu nome, para não confundir amigos com inimigos e vice-versa, pois confusões dessa ordem podem limitar o lugar que ele ocupará na história (...) E diga-lhe que todos os

dias, em minhas orações, peço ao Senhor que o abençoe", acrescentou disparando.[21]

Em meados de setembro, Pio XI discursou para um enorme grupo de jovens católicos italianos. Ainda ofendido com o tratamento dado à Ação Católica, lamentou o "martírio" que a organização enfrentava. Logo depois, De Vecchi contou ao papa como Mussolini ficara chateado com seus comentários. Seria melhor, sugeria ele, que o pontífice calasse suas queixas sobre a Ação Católica, para que De Vecchi e outros pudessem resolvê-las pelos canais diplomáticos.

O embaixador deveria ter pensado duas vezes antes de falar. O papa deu um murro na mesa e perguntou, indignado:

— Então o senhor não quer que eu fale, não quer que eu diga o que é minha obrigação dizer?

— Não foi exatamente o que eu quis dizer, Vossa Santidade — respondeu De Vecchi. — Conheço a pessoa que está do outro lado e meu conselho visa apenas o bem comum.

— O bem comum — repetiu Pio. — Pois vou lhe dizer o que farei de hoje em diante para satisfazê-lo em determinadas ocasiões. Vou abrir esta janela — nesse momento o papa, alterando a voz, apontou para a janela atrás da mesa — e gritar para que todos na praça de São Pedro possam ouvir! — O embaixador ficou sem fala por um momento. — É isto que vou fazer, goste o senhor ou não, senhor embaixador! — ameaçou Pio.[22]

Mais adiante, no outono, o infeliz De Vecchi sofreu outro ataque de mau humor papal. O príncipe Umberto, filho e herdeiro do rei, estava ansioso para se casar em uma das mais importantes igrejas de Roma: São João de Latrão e a monumental basílica de Santa Maria Maggiore eram as opções. Mas Pio XI rejeitou o pedido. Como os reis saboianos tinham mantido os papas prisioneiros do Vaticano por tanto tempo, argumentou, ele mesmo ainda não visitara nenhuma das duas igrejas, e não seria

apropriado que o bisneto do rei que tirara as terras dos pontífices se casasse ali.[23]

De Vecchi foi pedir a Pio que reconsiderasse. "Ele está de péssimo humor", avisou Gasparri ao embaixador antes que ele entrasse.[24] Mas, sob pressão da família real, o monarquista de bigode insistiu assim mesmo.

Em resposta, o papa "teve um ataque de fúria, erguendo a voz e quase não me deixando falar", recordou De Vecchi. Incapaz de dizer uma palavra, o embaixador sentou-se reto, imóvel, num esforço para aguentar a invectiva até o fim. Tentou parecer impassível, mas era difícil apagar um sorriso nervoso do rosto.

O pontífice gesticulava dramaticamente. "Estou ofendido, mortalmente ofendido", repetia Pio, balançando a cabeça e revirando-se na cadeira. "O senhor abre a boca, e seu hálito ofende o papa; mexe-se e me humilha; o senhor mantém seu sinistro cérebro em movimento e o faz tramar coisas que insultam a Igreja. (...) Basta! Basta!"

Então Pio voltou a reclamar da maneira como os membros da Ação Católica eram tratados. Sobrepujado, o embaixador mais uma vez tentou defender o Duce, mas o papa ficou tão zangado que se ergueu de um salto. Os músculos de seu rosto pulsavam, seus dentes estavam cerrados. A pesada estátua de mármore de Cristo em cima da mesa oscilava enquanto o pontífice dava murros. "Mentiras! Mentiras!", gritava.

Pio andou pela sala, raivoso, como se estivesse falando consigo mesmo. Parava de vez em quando para dar mais pancadas na mesa. "Foi isso que os senhores fizeram", exclamou, aumentando o tom de voz outra vez. "Os senhores enganaram o papa! Todo mundo diz isso, todo mundo sabe disso, escrevem sobre isso em toda parte, dentro e fora da Itália!"

De Vecchi aguentou tudo, mas, quando o papa disse "Roma é minha", ele não se conteve.

— Roma — falou, às pressas — é a capital da Itália, lar de Sua Majestade o rei e sede do governo.

— Roma — retrucou o pontífice — é minha diocese.

— Sem dúvida — concordou o embaixador —, no que diz respeito a religião...

— Isso mesmo — interrompeu o papa. — O resto é só uma questão de manter as ruas limpas.[25]

★ ★ ★

OS CARDEAIS DA cúria confabulavam sobre o papa, cansados de suas explosões de raiva e insatisfeitos por não serem consultados a respeito questões importantes da Igreja. Ficaram particularmente chateados pelo fato de Pio não ter achado necessário consultá-los durante os dois anos e meio de negociações com Mussolini.[26] No fim de 1928, por instrução do pontífice, Gasparri havia convocado todos os cardeais de Roma a comparecerem aos seus aposentos, para informá-los de que um acordo estava prestes a ser alcançado. Bombardeado por pedidos de detalhes, ele respondeu que o papa lhes relataria tudo no momento oportuno. Na verdade, os cardeais só leriam o texto do Tratado de Latrão em 11 de fevereiro de 1929, dia em que o documento foi assinado e tornado público. O cardeal Cerretti, que estava a bordo de um navio de volta da Austrália, não escondeu sua indignação. Mussolini, disse com sarcasmo, tinha o papa comendo em sua mão.[27]

Entre os cardeais insatisfeitos com o acordo do papa com o Duce, nenhum era mais franco do que Basilio Pompili, cardeal vigário de Roma desde 1916. Como vários de seus pares na Cidade Eterna, Pompili, de setenta anos, via Mussolini como alguém tão indigno de confiança quanto os primeiros-ministros anteriores, e não mais católico do que qualquer um deles. Desde que os exércitos italianos haviam tomado Roma em 1870, a Igreja repetia que a Cidade Eterna não poderia ter outro governante que não fosse o papa. O fato de Pio XI abandonar essa reivindicação e receber, aos olhos do cardeal, tão pouco em troca era um

escândalo, e esse sentimento era partilhado não só pelos amigos íntimos de Pompili, mas por um círculo mais amplo de conhecidos. O que o irritava em especial era o fato de que o papa nunca chegara a pedir conselhos a ele, o cardeal vigário de Roma.[28] "Entregaram Roma, seu prestígio, sua importância histórica, seus monumentos, suas igrejas", reclamava, "como se estivessem lidando com uma aldeia abissínia."[29] Para Pompili, o pontífice era "incompetente, fraco, a praga e a ruína da Igreja que ele traiu ao se colocar à mercê de um governo que nem remotamente merece o nome de católico".

Pio insistiu reiteradamente com Pompili para mostrar mais respeito com o papado. Mas, como as notícias de seus veementes protestos continuaram, ele perdeu a paciência e lhe pediu que renunciasse.[30] O cardeal vigário, pertencente a uma das mais proeminentes famílias nobres de Roma, não se intimidou. "Santidade", respondeu, "o senhor tem o poder de me tirar do cargo, e faça isso se quiser. Mas até o dia da minha morte eu jamais me afastarei por iniciativa própria deste cargo que ocupo há tanto tempo e do qual nunca me mostrei indigno."[31]

Poucos meses depois, quando o papa lhe fez mais um apelo para renunciar, Pompili voltou a fincar pé. "Vou continuar gritando a mesma coisa até o senhor não aguentar mais: 'Não saio, não saio, não saio!'"[32] Na realidade, causas naturais acabaram resolvendo o problema de Pio XI. Em 1931, Pompili morreu.[33]



15. Monsenhor Giuseppe Pizzardo

★ ★ ★

TÃO LOGO MUSSOLINI nomeou De Vecchi o primeiro embaixador da Itália no Vaticano, o papa designou Francesco Borgongini-Duca, protegido de Gasparri, como primeiro núncio da Santa Sé na Itália. No papel de secretário da Congregação para Assuntos Eclesiásticos Extraordinários, Borgongini servira como um dos dois subsecretários de Estado de Gasparri.

Com a nomeação de Borgongini, Pio XI promoveu o secretário de Estado substituto, Giuseppe Pizzardo, de cinquenta e um anos, à vaga recém-aberta. Pizzardo vinha de uma família modesta das imediações de Gênova, mas de alguma forma abrira caminho até a Pontifícia Academia de Nobres Eclesiásticos em Roma, tradicional campo de treinamento dos

altos escalões da diplomacia vaticana. Ingressara na secretaria de Estado do Vaticano logo depois da ordenação. Em 1909, foi mandado para a Alemanha como secretário do enviado papal a Munique, mas acabou se sentindo um peixe fora d'água e deu um jeito de retornar para o Vaticano três anos depois. Seus próprios amigos, segundo um informante, viam nesse desejo desesperado de voltar tão depressa uma prova da sua "mórbida e elefântica obsessão pelo poder e pelo cargo burocrático".[34]

Na época do Tratado de Latrão, Pizzardo era o membro da Secretaria de Estado que tinha relações mais estreitas com o papa. No verão de 1929, um informante da polícia descreveu-o como o principal candidato para substituir Gasparri. De acordo com o relatório, Pizzardo, miúdo e magro, olhos negros dardejantes de energia nervosa, era "o verdadeiro árbitro do coração do papa e dominava todas as situações no Vaticano". Muitos na Santa Sé se ressentiam de sua influência. Os adversários chamavam-no de camaleão, homem sem caráter e dignidade, valentão com os subordinados e covarde diante dos superiores. Suspeito de intrigas e de se aproveitar do cargo, era pouco querido, menos ainda pelos que trabalhavam para ele.[35] Segundo um desses relatos, a ávida subserviência de Pizzardo era o que o recomendava ao pontífice, pois ele vivia "se encolhendo como um cãozinho" diante das repreensões constantes do papa.[36]

Como capelão dos Cavaleiros de Colombo, Pizzardo tinha acesso a dinheiro americano. Em 1924, reconhecendo a importância cada vez maior da Igreja nos Estados Unidos, Pio XI tinha dobrado o número de cardeais americanos, promovendo Patrick Joseph Hayes, arcebispo de Nova York, e George Mundelein, arcebispo de Chicago. "O dinheiro americano tem alguma coisa a ver com a promoção desses dois arcebispos", observou na época Odo Russell, enviado britânico à Santa Sé.[37]

Uma vez elevados a cardeais, os dois arcebispos americanos pouco fizeram para mudar a opinião de Russell. Em 1927, num espetáculo

deslumbrante de tão suntuoso, mesmo para quem vivia em meio aos esplendores do Vaticano, Mundelein foi anfitrião do Congresso Eucarístico Internacional em Chicago. Para transportar os cardeais que tinham atravessado o Atlântico para o encontro, contratou um trem especial da cidade de Nova York, que mandou pintar de escarlate e ao qual deu o nome do papa. Em 11 de junho, o trem chegou à estação de Chicago, levando a bordo dez cardeais, além de diversos bispos, arcebispos e o benfeitor que pagara por tudo. Nenhum dos dois cardeais seniores dos Estados Unidos quis fazer a viagem no Expresso Pio XI de Mundelein. O cardeal Dougherty, da Filadélfia, chegou em seu vagão particular, e o cardeal O'Connell, de Boston, desembarcou com quinhentos peregrinos de um iate próprio. Para coroar as cerimônias, o cardeal Mundelein enviou ao pontífice um presente no valor de um milhão de dólares.[38]

Pizzardo se tornou o principal canalizador desses fundos americanos. Corria o boato de que, recebia cinquenta mil libras de um revendedor de carros americano por ter ajudado a providenciar um automóvel de luxo para presentear o papa. As duas irmãs de Pizzardo moravam com ele no Vaticano e passeavam pelas ruas de Roma no próprio Cadillac, outro presente americano. "O carro", disse um informante não muito obsequioso, "carrega duas solteironas feias, as faces coloridas lambuzadas de cosméticos, à caça de maridos."[39]

Borgongini, de quarenta e cinco anos, que passara a vida inteira em Roma, era uma contrapartida à altura de Cesare de Vecchi, pois os dois eram homens de limitado conhecimento do mundo. O papa o teria nomeado por apreciar sua ortodoxia e dar mais valor à obediência do que à sofisticação. Para cuidar de questões mais delicadas, Pio continuaria a usar seu próprio mediador pessoal, Tacchi Venturi, que sobrevivera ao escândalo do esfaqueamento no ano anterior.[40] Os embaixadores estrangeiros gostavam da cortesia de Borgongini e de sua ânsia em servir, mas ele não se enquadrava no mundo social do corpo diplomático.

Recusava-se a frequentar jantares diplomáticos, explicando que, se comparecesse, seria obrigado a ficar acordado até tarde.[41] O corpulento, devoto e persistente Borgongini e o pequeno e garboso ex-comandante de artilharia fascista formavam um estranho par, embora viessem a desenvolver certa afeição um pelo outro. "No fundo", disse o núncio sobre De Vecchi, "é um bom homem. Desde que possa andar por aí usando seus penachos e sua grande medalha, para ele tudo bem!"[42]

O primeiro encontro do novo núncio com Mussolini se deu no começo de agosto, pouco depois da publicação dos discursos parlamentares que tanto chatearam o papa. O Duce o saudou com um sorriso e lhe perguntou, polido, como estava indo.

— Mais ou menos — respondeu Borgongini, explicando que o papa estava aborrecido com o Duce e dera a entender que talvez tivesse que "fazer alguma coisa muito séria".

— O que ele pode fazer? — indagou Mussolini.

— Se a situação não mudar, podemos acabar tendo uma ruptura, o que seria muito sério, apenas duas semanas depois do início das relações diplomáticas e faltando tão pouco para a ratificação.

Mussolini não achou graça nenhuma.

— Pelo amor de Deus! Num país onde acabamos de ter o casamento religioso reconhecido, a instrução religiosa adotada, o reconhecimento das ordens religiosas...

Tudo ia bem, explicou Borgongini, até o Duce fazer o discurso na Câmara dos Deputados.



16. Mussolini visita o novo núncio, monsenhor Francesco Borgongini-Duca, agosto de 1929

— Todo mundo ficou espantado. O Santo Padre perguntou quem tinha provocado aquele discurso. Ninguém entendeu por que Vossa Excelência falou daquela maneira.

O papa estava tão aborrecido, contou o núncio, que quase convocara o Sacro Colégio dos Cardeais para anunciar que não ratificaria o tratado. E então, quando a desagradável lembrança dos discursos parlamentares de Mussolini começava a se apagar, Pio soubera que o Duce mandara publicá-los. Ele ficara furioso.

— Ah, mas o papa não sabe das dificuldades em que me meti — respondeu Mussolini.

Críticos se queixavam de que os corpos de Cavour, Mazzini e Garibaldi, heróis da unificação italiana e defensores da separação entre a Igreja e o Estado, estavam se revirando no túmulo. Ele não teve escolha, disse a Borgongini, senão mostrar que não estava colocando o Estado à mercê do clero.

Era natural, acrescentou, que depois dos primeiros dias de exultação após a assinatura do pacto, alguns desentendimentos surgissem. "É como a primeira briga dos recém-casados quando voltam da lua de mel."[43]

CAPÍTULO DEZ

COMER UMA ALCACHOFRA

A Itália não tinha feriado patriótico mais importante do que 20 de setembro, data em que, no ano de 1870, tropas italianas conquistaram Roma. Mas, enquanto os patriotas comemoravam o dia, os leais ao Vaticano iam a missas especiais de luto. No começo de setembro de 1929, o papa mandou seu núncio ir ao encontro de Mussolini. Queria abolir o feriado e substituí-lo por um em 11 de fevereiro, para celebrar a assinatura do Tratado de Latrão.[1]

Mussolini não foi receptivo. "Com toda a franqueza", respondeu, "devo lhe dizer que os italianos não podem renunciar às comemorações de 20 de setembro." A concordata não falava em aboli-lo. O acontecimento que o feriado assinalava tinha sido bom para todos, incluindo a Igreja. Era tudo parte dos desígnios de Deus.[2]

Irritado com a presunção do Duce em querer lhe ensinar quais eram os desejos de Deus, Pio XI respondeu poucos dias depois, por intermédio do núncio, a concordata só não fazia menção explícita à abolição do feriado porque isso "era óbvio".[3]

As negociações prosseguiram até o último minuto, mas o feriado foi mantido naquele ano, embora sem muita fanfarra. Apesar disso, os esforços do pontífice foram recompensados. Numa tentativa de aplacá-lo, o Duce lhe prometera que a data nunca mais seria comemorada.

★ ★ ★

DURANTE SETE ANOS, Mussolini havia desencorajado Rachele e o resto da família a irem para Roma, mas em novembro de 1929 a mulher chegou à cidade com os cinco filhos, incluindo Anna Maria, nascida dois meses antes. Mudaram-se para a magnífica Villa Torlonia, palácio do início do século XIX com um vasto terreno, nas cercanias das antigas muralhas da cidade.[4]

A vida familiar de Mussolini era complicada por sua ligação com Margherita Sarfatti, cuja casa em Roma se tornara um salão onde artistas e escritores se misturavam com figurões do fascismo. Aos olhos de Margherita, Rachele era uma camponesa semianalfabeta. Não usava batom ou ruge nem frequentava salões de beleza. Possuía apenas dois casacos modestos, os quais alternava: um curto, de pele de foca, e outro de pele de raposa prateada que, de acordo com um observador, foi "o máximo a que se atreveu em matéria de extravagância feminina". Insistia em lavar a louça depois das refeições e se recusava a comparecer a cerimônias oficiais, o que sem dúvida era um alívio para o marido. Num canto dos elegantes jardins da propriedade, mandou construir um forno para assar pão, assim como um galinheiro e uma pocilga onde criava dois porcos.

Embora caseira, Rachele estava longe de ser acanhada no que dizia respeito ao marido e aos filhos. "O verdadeiro ditador da família", observou Edda, "era minha mãe." Se fazia qualquer coisa de errado quando criança, era da mãe que ela se escondia, temendo apanhar. Contava com a chegada do pai para salvá-la. Edda idolatrava Mussolini, que lhe parecia poético, indulgente e afetuoso, diferente da mãe. Mas era Rachele quem dava estabilidade à família. "Mesmo nas minhas lembranças mais antigas", dizia Edda, "eu a vejo como tenaz e inabalável." Rachele também não era de esquecer um rancor. Durante décadas se recusou a falar com a irmã, que tentara tirar proveito da ligação com o ditador. Depois disso, nenhum filho de Mussolini voltou a mencionar o nome da tia na presença da mãe.

Segundo relatou a filha mais velha, apenas meio de brincadeira, o que levou Mussolini a entrar na política foi o desejo de passar o mínimo tempo possível perto da esposa. Quando jovem, "ele preferia os golpes dos cassetetes da polícia e os porretes dos adversários às amargas recriminações da mulher". Mussolini tinha os próprios aposentos numa ala separada da Villa Torlonia. Embora de vez em quando recebesse uma amante em casa, achava mais seguro usar o escritório para seus encontros amorosos.[5]

★ ★ ★

EM DEZEMBRO DE 1929, em meio a grande pompa, o rei Vítor Emanuel III e a rainha Helena foram ao Vaticano prestar homenagem ao pontífice. Sessenta e oito anos depois da fundação do reino italiano, um papa enfim seria cumprimentado por seu monarca. Soldados postaram-se nas ruas para conter as multidões. Guardas suíços usando elaboradas armaduras medievais e capacetes de prata com altos penachos formaram duas filas para que o casal real passasse. Enquanto o séquito seguia até o coração da Cidade do Vaticano, a banda da Guarda Palatina tocou a marcha real. O rei, de uniforme militar, e a rainha, ao seu lado, de vestido branco rendado com véu e manto real brancos, foram escoltados pela escada real até o palácio Apostólico. Atravessaram salas de recepção lautamente decoradas até chegar à sala do pequeno trono, onde Pio XI os aguardava, sentado sob um dossel de veludo.



17. O rei Vítor Emanuel III e a rainha Helena visitam o papa, dezembro de 1929

Depois de uma conversa de vinte minutos, que incluiu uma troca de presentes, o rei e a rainha foram cumprimentar o cardeal Gasparri em seus aposentos. Ali foram tiradas fotografias do grupo. Pio XI achava indigno ser retratado com visitantes, fossem eles membros da família real ou não. O pontífice tampouco cederia à pressão do governo italiano para ir ao palácio do Quirinal retribuir a visita. Governantes iam ao papa. Depois das fotos, o secretário de Estado escoltou o casal real a São Pedro, onde o rei e a rainha se ajoelharam diante do Túmulo dos Apóstolos.[6] Aquele dia foi árduo para o monarca anticlerical, como notou a irmã de Mussolini, Edvige, que não estava entre os seus admiradores; durante toda a visita ao Vaticano, observou ela, o rei ostentou "uma expressão ainda mais austera e maliciosa do que de costume".[7]

Foi uma época agitada para Pio XI, que ainda naquele mês viajou para além da praça de São Pedro pela primeira vez desde que se tornara papa, quase oito anos antes. Pouco depois das seis da manhã de 20 de dezembro, sem qualquer anúncio público, uma fila de carros partiu do

Vaticano para São João de Latrão, do outro lado de Roma. O pontífice estava ansioso para rezar uma missa na igreja onde, cinquenta anos antes, tinha sido ordenado. Foi a primeira vez que um bispo de Roma entrou em sua sé desde que Pio IX se proclamara prisioneiro do Vaticano, em 1870.[8]

Pio XI, observou um bispo francês, é "o mais misterioso dos homens. Não se abre com ninguém, nem mesmo com os conselheiros mais próximos. É muito sensível e até emotivo, mas controla-se com sua força de vontade e não se submete a ninguém. É impossível prever que decisão vai tomar".[9]

★ ★ ★

ALGUNS MESES DEPOIS, a filha favorita de Mussolini, Edda, casou-se. Ele esperava que isso lhe trouxesse algum alívio. O Duce a adorava, mas ela parecia sentir prazer em atormentá-lo. De todos os filhos, era de longe a mais parecida com ele: voluntariosa, impulsiva, temperamental, aventureira, tensa e teimosa, com um comentário afiado sempre na ponta da língua e dona de um olhar fulminante, tinha paixão por cavalgar e nadar. Desafiando convenções, usava calça, dirigia carros de corrida e fumava. Com traços bem definidos, feições cinzeladas e porte atlético, contrastava bastante com os bochechudos irmãos mais novos, mais parecidos com a mãe.[10]

Apesar de ter apenas dezenove anos, Edda já se envolvera numa série de namoros breves e intensos — o que deixava o pai furioso. Em julho de 1929, ela o horrorizou ao declarar que estava apaixonada por um judeu. Casar a filha com um judeu, poucos meses depois de ser aplaudido pelo mundo católico por ter conseguido a conciliação com a Igreja, era algo terrível demais para se imaginar. Vendo que as invectivas de sua esposa contra a união não produziam efeito, Mussolini pediu à irmã, Edvige, que tentasse convencer a sobrinha a ter juízo. Edda diria mais

tarde que a decisão paterna de castigá-la tomando-lhe o carro foi a medida que mais a fez pensar. Mas ele não precisava se preocupar, pois a volúvel e teimosa Edda logo abandonou o namorado judeu e iniciou um caso com um jovem devasso, sifilítico e cocainômano filho de um rico industrial.[11] Meses depois, a "potranca maluca", como a família a chamava pelas costas, enfim tomou tento e anunciou o noivado com Galeazzo Ciano, de vinte e sete anos.[12]



18. Mussolini com Rachele e os filhos, 1930

O pai de Galeazzo, Costanzo, pertencia ao círculo mais íntimo de Mussolini; era o ministro dos Correios e Telégrafos. Fora capitão da Marinha na Primeira Guerra Mundial e, em 1925, o rei, cedendo ao desejo do Duce de criar uma nova aristocracia fascista, dera-lhe o título

de conde. Amplamente suspeito de receber propinas pelos imensos contratos que administrava, Ciano enriqueceu, e o filho, Galeazzo, foi criado num ambiente de grande conforto e ostentação. Cortês e atraente para as mulheres — ou pelo menos era o que pensava de si mesmo —, o jovem Ciano tinha cabelos pretos bem cuidados, penteados para trás. "Não gosto dele", segredava Rachele, "não é para nós. É um *signore*."

Galeazzo foi à casa de Mussolini pedir formalmente a mão de Edda, depois o Duce saiu de seu escritório com o jovem e deu a notícia à família. Rachele fez o que pôde para desencorajar Galeazzo. "O senhor deve saber", disse ela, "que Edda não sabe fazer nada. Não sabe cozinhar, nem mesmo um ovo, nem tomar conta da casa. Quanto ao caráter, é melhor nem tocarmos no assunto. Sou mãe dela, e é meu dever adverti-lo."[13]

O casamento, em abril de 1930, foi realizado numa igreja paroquial próxima. Após a cerimônia, centenas de convidados — mulheres de casaco com gola de pelos e homens de terno escuro — se reuniram na Villa Torlonia para a recepção. Diante de uma larga e longa escada que conduzia às grandes e reluzentes colunas da fachada da mansão branca, um documentarista capturou o núncio papal, Borgongini, papeando com o figurão fascista Dino Grandi. Mais tarde, no jardim, o núncio teria a honra de se sentar a uma pequena mesa redonda para comer com Mussolini, que estava sem chapéu, deixando evidente a calvície cada vez mais acentuada. Estudantes romanas de longos vestidos brancos, cada qual com um grande laço branco no pescoço, cantaram em coro. Os irmãos de Edda estavam presentes também, de calças curtas escuras e camisas brancas com o colarinho desabotoado, cabelos penteados para trás. Depois do concerto, as estudantes desfilaram em frente aos noivos. Enquanto Edda mantinha o braço direito erguido na saudação fascista, Galeazzo permanecia com as mãos para trás, segurando a cartola preta.

Os recém-casados e seus pais seguiram para a basílica de São Pedro. Galeazzo e Edda, de vestido branco e touca de renda branca num estilo

que lembrava o das melindrosas dos anos 1920, galgaram as imponentes escadarias da basílica, duas crianças pequenas carregando a ponta da longa cauda do vestido. Mussolini, assim como o novo genro, estava de fraque e cartola. Uma multidão entusiástica ergueu os braços na saudação fascista. Dentro da basílica, Borgongini ofereceu ao casal a bênção de Pio XI e deu a Edda um presente do papa, um esplêndido rosário de ouro e malaquita.[14] O jovem casal foi morar com os pais de Galeazzo, mas por pouco tempo, pois a independente e desinibida Edda não aguentava a corpulenta sogra, a quem passou a chamar de *la bertuccia*, a macaca.[15]

★ ★ ★

COM A CHEGADA do outono de 1930, o papa, por intermédio do núncio, lembrou reiteradamente a Mussolini de sua promessa de acabar com o feriado patriótico da Itália. Mas o Duce já não tinha tanta certeza de que o faria, temendo que abolir as comemorações o faria parecer fraco. O pontífice não cedia. Se o 20 de setembro voltasse a ser comemorado, ele tornaria público o seu protesto.[16]

Mussolini não ignorou a ameaça. Convocou o núncio ao palácio Venezia, o sólido edifício medieval para onde transferira seu gabinete no ano anterior. Construído pelo papa Paulo II no século XV, ficava numa grande *piazza*, em diagonal com o monumento a Vítor Emanuel II (ridicularizado pelos críticos por lembrar um monstruoso bolo de casamento). Em 1924, o Duce dera início ao seu programa para ressuscitar a Roma antiga, demolindo as casas e as igrejas — algumas da época do Renascimento — que cobriam o Mercado de Trajano e o Fórum Romano, nas redondezas. Logo destruiria mais construções para criar uma avenida imponente, com trinta metros de largura incluindo as calçadas, que ia da Piazza Venezia, passando pelas ruínas antigas, até o Coliseu.[17]

Assim que o núncio, de óculos e com uma pança que esticava um pouco a batina preta, entrou no gabinete de Mussolini, no primeiro dia de setembro, o Duce o cumprimentou com o costumeiro ar de áspera generosidade. Instalara seu novo escritório na vasta e profunda Sala do Mapa do Mundo. O cômodo tinha dezoito metros de comprimento por quinze de largura, com afrescos no teto doze metros acima. Toda a parede ocidental era coberta pelo mosaico de um imenso mapa-múndi. Mussolini estava de bom humor e parecia bem, a pele bronzeada destacando-se do paletó branco de lã.

Quando Borgongini mencionou a tez bronzeada, o Duce disse que tinha ido à praia todos os dias, para nadar e se submeter ao que chamava de *la cura dell'uva*, a cura da uva. "A uva", explicou ele para o atônito núncio, "é o remédio que a natureza deu aos homens, que apesar disso não sabem apreciar as suas virtudes. Um cacho de uvas comido de estômago vazio estimula o fígado, tem um ligeiro efeito laxante e dá uma sensação de fartura durante o dia inteiro."

O ditador padecia de um estômago nervoso. Em momentos de grande tensão, dores excruciantes costumavam fazê-lo se dobrar e confiná-lo à cama. Um desses ataques, anos antes, ocorrera logo após o Duce anunciar a ditadura e o fizera cuspir sangue. Apesar de especialistas terem sido chamados, nenhum dos médicos que o examinaram apresentou um diagnóstico conclusivo. Assim, o homem que antes era conhecido pela paixão por expressos duplos aderira a uma dieta baseada em chá de camomila, frutas e hortaliças. Em reuniões do Grande Conselho tarde da noite, enquanto membros engoliam um expresso atrás do outro para se manterem acordados, Mussolini bebia copos e mais copos de suco de laranja preparado na hora. Evitava café e álcool.[18]

— O senhor sabe por que estou aqui — disse Borgongini.

O Duce então pegou a carta recente do núncio com a ameaça do papa e mostrou os trechos que sublinhara com seu lápis azul. Não se cansava de rabiscar anotações nas margens dos documentos que examinava,

usando grossos lápis vermelhos ou azuis, que só substituía quando já tinham se transformado em meros tocos.[19]

O ditador balançou a cabeça. O feriado de 20 de setembro era estabelecido por lei, disse ele, e só poderia ser alterado por votação do parlamento.

— Assim sendo, para este ano, vamos minimizar mais ainda as festividades — propôs, conciliador. — Vamos nos livrar das luzes e das bandeiras, a não ser nos edifícios públicos, é claro. Na próxima reunião de gabinete, decidiremos sobre como terminá-lo, e eu apoiarei a decisão no parlamento.[20]

— Não, Excelência — respondeu o tenaz Borgongini. — Isto não é uma solução. O feriado tem que ser eliminado, e antes do próximo 20 de setembro. Do contrário, a consciência do Santo Padre o forçará a fazer um protesto público... E o mundo inteiro rirá de nós, dizendo: "Que grande conciliação esta!"

O artigo 6 do Tratado de Latrão, observou o núncio, revogava todos os atos prévios de governo que não se coadunassem com o documento, portanto bastava Mussolini anunciar que o feriado estava sendo abolido como previsto nas cláusulas do acordo.

O Duce pensou um pouco e concluiu que aquela talvez fosse a melhor saída. Conversaria com seus conselheiros jurídicos e daria uma resposta ao núncio o quanto antes.

Levantando-se para sair, Borgongini deu os pêsames a Mussolini pela morte recente de seu jovem sobrinho, filho de Arnaldo. Isso deixou o Duce pensativo, refletindo sobre os últimos dias de sofrimento do rapaz e sobre a profunda fé católica do irmão.

— Também sou crente. Como se não fôssemos! — assegurou o ditador ao núncio. — Mas os homens me tornaram mau — acrescentou.[21]

★ ★ ★

O DUCE NÃO demorou a chamar o núncio de volta. Embora fosse necessária uma lei para abolir formalmente o feriado de 20 de setembro, essa proposta estaria na agenda da reunião de gabinete seguinte. Ele seria substituído por um novo feriado em 28 de outubro, aniversário da Marcha sobre Roma.

O papa, respondeu Borgongini, talvez achasse esse acordo aceitável. Mas não ficaria nada satisfeito com a proposta de substituir o velho feriado por outro a ser comemorado em 28 de outubro, em vez de 11 de fevereiro, a data da Conciliação.

"Não vamos discutir isso", disse Mussolini, erguendo a voz. "Os senhores querem que eu elimine o feriado de 20 de setembro, portanto contentemo-nos com isso. Basta! Não vou permitir que comecem agora a me pedir para mudar o nome da via 20 Settembre, nem que reclamem porque os livros didáticos falam da entrada dos italianos em Roma no dia 20 de setembro."

Mussolini se levantou. "Tenho coisas mais importantes com as quais me preocupar", disse, dispensando o núncio.[22]

Difícil de intimidar, o papa ainda não estava satisfeito. Apesar de Borgongini lhe ter transmitido as palavras do Duce sobre trocar nomes de rua, ele insistia para que Mussolini mudasse o nome da 20 Settembre, umas das principais vias de Roma. Pio propunha que se chamasse 11 Febbraio, em homenagem à data do Tratado de Latrão.

Ao saber da exigência mais recente do papa, Mussolini convocou o núncio. "Os senhores devem estar querendo desencadear uma feroz reação anticlerical", disse-lhe o furioso ditador. "Arrependo-me do que fiz com o 20 de setembro (...) Mal concedo uma coisa, os senhores exigem outra, mesmo antes de o gabinete se reunir, mesmo antes de a lei poder ser aprovada, apesar do fato de eu lhe ter dito explicitamente para não falar no nome dessa rua."

O Duce explicou que havia uma razão para ter mencionado o nome da via no encontro anterior. "Conheço os senhores e já esperava que,

tendo conseguido que eu abolisse o feriado, pediriam a abolição da rua, e, depois de se livrarem da rua, quem sabe o que mais?" O que viria em seguida?, perguntou ele. Havia nove mil cidades na Itália, e quem sabia quantas tinham nomes que ofendiam o papa?

Levando o núncio até a porta, Mussolini se acalmou. "Estamos fazendo política como quem come uma alcachofra, uma folha de cada vez", explicou. "Porque este é meu ponto forte: faço as coisas à minha maneira, sem passos desnecessários. Tenho que seguir a lei ao pé da letra. Não quero ser o elefante na loja de cristais."[23]

★ ★ ★

NA ESTEIRA DO tratado de latrão, Mussolini entrou no que a história denomina era de consenso. Sem enfrentar qualquer oposição considerável, sua fome de adulação aumentou.[24] Não só passou a exigir que os jornais o chamassem de Duce, mas também insistia para que DUCE fosse grafado com maiúsculas.[25] Imagens suas proliferavam por toda parte, em edifícios públicos, residências e lojas. Jornais e revistas publicavam fotografias suas em poses heroicas, que ele examinava com atenção antes de serem impressas. Excluía todas as que o mostrassem em companhia de freiras, monges ou padres, convencido de que davam azar.[26]

Mussolini cultivava também sua imagem cinematográfica. Roma estava cheia de cinemas — um deles tinha até teto retrátil para permitir a entrada de ar —, e as pessoas formavam filas para ver os filmes mais recentes.[27] O Duce trabalhava de perto com a nova agência nacional de filmes, e uma lei de 1927 exigia que todos os cinemas da Itália apresentassem noticiários.

Um dilúvio desses documentários registrava o ditador inaugurando novos projetos, falando para grupos da juventude fascista, depositando coroas de flores para mártires fascistas e conferindo medalhas a

camponesas vestidas impecavelmente. Outros clipes mostravam-no de terno branco inspecionando projetos de obras públicas, ou montado num cavalo castanho, camisa desabotoada, pulando obstáculos arranjados às pressas no terreno da Villa Torlonia. Alguns vídeos se dedicavam a temas mais leves, a um olhar sobre a vida do povo. Alguns narravam os triunfos de famosos pugilistas e ciclistas italianos. Um deles mostrava um festival popular no Trastevere, em Roma, não longe do Vaticano. Frequentadores de cinema viam homens segurando a boca de grandes sacos de aniagem contra o peito, dando pulos pela rua rumo à linha de chegada. Seguia-se uma corrida do ovo, cada competidor (nenhuma mulher entre eles) lutando para manter um ovo numa colher enquanto acelerava pela rua. Uma divertida tomada dos paralelepípedos sujos de ovos depois do evento mostrava que muitos nunca alcançavam a linha de chegada. As risadas no cinema logo amainavam quando Mussolini aparecia na tela — as pessoas se levantavam.

Nem todos ficavam satisfeitos com essa homenagem compulsória ao ditador. Corria um boato de que um dia Mussolini resolveu ir ao cinema usando um disfarce. Quando sua imagem apareceu na tela e todos se levantaram, ele permaneceu sentado. Um homem em pé atrás dele deu um tapinha em seu ombro e sussurrou: "*Signore*, sinto a mesma coisa, mas eu o aconselharia a ficar em pé se não quiser que um desses capangas aí rachem a sua cabeça."[28]

Nas aparições públicas, os assistentes do Duce tomavam providências para que ele estivesse cercado por multidões embevecidas, ainda que fosse preciso recrutar policiais à paisana. Navarra, assistente pessoal de Mussolini, lembrava-se de que certa vez, quando uma foto do Duce valsando com uma camponesa foi publicada, espalhou-se o boato de que sua parceira de dança era na verdade uma policial disfarçada.

O ditador às vezes esquecia que os operários, camponeses e artesãos com quem se deixava fotografar eram seus próprios agentes policiais. Mas, na cerimônia de inauguração de um novo edifício, a ideia lhe veio à

mente. Virando-se para o "pedreiro" em pé ao seu lado, perguntou, em voz baixa, se ele era da polícia.

— Não, Duce! — respondeu o homem.

— Ah, bravo! — exclamou Mussolini, muito satisfeito. — E o que você é, então, o mestre de obras?

— Não, Duce — foi a resposta. — Sargento do Exército.[29]

CAPÍTULO ONZE

A VOLTA DO FILHO NATIVO

Na época em que o Tratado de Latrão foi ratificado, o cardeal Gasparri, então com setenta e sete anos, já era secretário de Estado havia quinze, sob o comando de dois papas seguidos. Em 1922, depois de ajudar a garantir a eleição de Ratti, ele podia ter certeza de contar com o apoio do pontífice, e Pio dava grande valor à experiência do secretário de Estado. Mas, com o passar dos anos, era talvez inevitável que conflitos surgissem entre os dois, pois o papa não toleraria qualquer outro bolsão de poder no Vaticano.[1]

Gasparri raramente saía de Roma, exceto para passar as férias de verão em sua cidade natal nas montanhas, a nordeste da capital. Ali sua família o tratava como uma celebridade, o menino da cidade que alcançara sucesso. Quando Gasparri estava em Roma, seus funcionários iam ao seu escritório todas as manhãs. Ele ficava sentado a uma grande mesa redonda, coberta com pilhas de documentos e correspondências. Gasparri dava uma pequena pilha de papéis a cada funcionário que chegava. Durante as temporadas no refúgio de verão, seus auxiliares se revezavam para lhe submeter documentos. Eles gostavam do cardeal baixo e rotundo, que trajava uma simples batina preta, mantendo o chapéu redondo de tecido de abas largas descansando a seu lado, e costumava passar o tempo sentado debaixo de uma grande árvore, desfrutando a sombra, o ar puro e a vista.[2]

O senso de humor simples e informal de Gasparri deixava as pessoas à vontade, mas embaixadores na Santa Sé não o achavam de todo honesto

e aberto. Como disse o enviado britânico, ele "está longe de ser franco (...) ou, para ser mais exato, sabe mentir". Quando o embaixador francês o acusou, certo dia, de não dizer a verdade, Gasparri respondeu que fazia apenas o que se esperava de todos os diplomatas, acrescentando, com um brilho travesso nos olhos, que se necessário o papa lhe daria absolvição.[3]

Thomas Morgan, repórter americano, narra uma visita que fez ao escritório de Gasparri no auge da crise com o governo mexicano que, a partir dos anos 1920, fechou vários seminários e igrejas. Morgan achou Gasparri notavelmente calmo, falando "como um grande sábio". A Igreja, disse ele, tinha sobrevivido durante séculos e aguentara coisas muitos piores. Continuaria sobrevivendo a seus inimigos.

"*Non prevalebunt*", repetiu ele em latim. "Não prevalecerão."

Quando o cardeal levou o repórter até a porta, os papagaios que ele mantinha na sala começaram a tagarelar. "*Non prevalebunt! Non prevalebunt!*" Aparentemente o secretário de Estado havia tirado um tempo para lhes dar aulas de história da Igreja.[4]

Já no começo de 1926, porém, circulavam rumores de que o papa não estava satisfeito com o secretário de Estado. Dizia-se que, num esforço para obrigá-lo a renunciar, Pio o humilhava, fazendo-o aguardar na sala de espera antes de recebê-lo e castigando-o de uma forma que, segundo um informante da polícia, nem um criado toleraria.[5]

A assinatura do Tratado de Latrão em 1929 seria o maior triunfo público de Gasparri. Poucas fotografias eram mais conhecidas do que uma que o mostra sentado de caneta na mão ao lado de Mussolini. Mas o acordo acabou sendo uma faca de dois gumes. Pio, furioso com os discursos parlamentares de Mussolini e temendo que o ditador não colaborasse no estabelecimento de um Estado católico como ele esperava, resolveu que precisava de um novo secretário de Estado. Em julho, abordou o assunto com Gasparri pela primeira vez, informando-o que achava que era hora de uma mudança e dizendo-lhe que pensasse no assunto. Do seu refúgio nas montanhas, Gasparri respondeu em uma carta

ao papa: "Não esqueci (e como poderia esquecer) o que Vossa Santidade me disse em julho passado, que, se não estou enganado, especialmente levando em conta as prováveis batalhas com o governo fascista em defesa da Ação Católica, Vossa Santidade achava oportuno alguém assumir o meu lugar." Acrescentou que também tinha pensado em deixar o cargo que ocupava havia tantos anos, "mas por razões diferentes da citada por Vossa Santidade". Na sua idade, disse, já não tinha a memória e a energia que um dia tivera.[6]

O papa aguardou mais alguns meses antes de fazer a mudança. Via Gasparri com cada vez menos frequência, recorrendo a outros, em especial ao subsecretário, monsenhor Pizzardo.[7] O desgaste de esperar ser demitido acabou com toda a discrição diplomática que ainda restava ao secretário de Estado. "É uma vida difícil", disse Gasparri, suspirando, depois de um encontro com o papa. Pio XI, disse ele ao embaixador italiano, tinha muitos méritos, mas às vezes era "frio como mármore".[8]

A substituição do secretário de Estado se tornou tema de intensas conjecturas.[9] Gasparri esperava que o papa nomeasse seu discípulo, o cardeal Bonaventura Cerretti, e tinha motivos para achar que o papa talvez ouvisse o seu conselho. Em 1925, pouco depois de Cerretti voltar do seu posto de núncio em Paris e ser nomeado cardeal, Pio sugerira que poderia escolhê-lo para um dia suceder Gasparri. Um dos mais importantes diplomatas do Vaticano, Cerretti servira no México, nos Estados Unidos e na Austrália e representara o papa Bento XV nas negociações de paz do pós-guerra em Paris. Mas, no outono de 1929, ele disse a um jornalista que não queria o cargo. "Com Pio XI", explicou, "o secretário de Estado não faz quase nada. É mais uma figura decorativa do que alguém com poder ou independência. Não pode assumir nenhuma responsabilidade direta, séria, nem imprimir seu carimbo pessoal no governo da Igreja. Em outras palavras, pode-se dizer que é apenas um executor das ordens de cima."[10]

Os comentários de Cerretti foram um tanto suspeitos, pois, embora muitos o vissem como a escolha óbvia, ele tinha razões para temer que o papa o preterisse. A simpatia de Cerretti pelos países democráticos e pelo Partido Popular na Itália era bem conhecida, e, como Pio XI bem sabia, ele se opunha ao acordo que o pontífice fizera com Mussolini.[11] Em dezembro, em vez de Cerretti, o papa escolheu seu núncio na Alemanha, Eugenio Pacelli, para ser o novo secretário de Estado. Cerretti ficou indignado. Tinha certeza de que Francesco Pacelli, mero leigo, usara seus frequentes encontros com Pio para engrandecer o irmão aos olhos do papa.

"Que Pio XI preferisse Pacelli a mim, à minha tenaz lealdade, à minha experiência diplomática de mais de trinta anos (...) me deixa furioso só de pensar, não consigo aceitar", esbravejou Cerretti. "Pacelli e o irmão, servos e escravos do fascismo, cúmplices comprados por Mussolini, trazem descrédito à Santa Sé. Humilham o papado, enfraquecem seu poder e rebaixam sua autoridade moral e educacional aos olhos de todas as potências católicas."[12]

O embaixador de Mussolini na Alemanha, Luigi Aldrovandi, viu a designação com muito mais simpatia. Eugenio Pacelli era uma pessoa de estatura, disse, combinando grande inteligência com a habilidade de permanecer calmo. Exalava dignidade e uma profunda fé religiosa. E, o que talvez fosse o mais importante, achava o embaixador, ele seria amigo do governo fascista. "O monsenhor Pacelli", informou, "manifestou admiração por Sua Excelência Mussolini mesmo antes do Tratado de Latrão."[13]

Em muitos sentidos, Pacelli era o oposto de Gasparri. Seu avô paterno servira como ministro no governo papal de Pio IX, fugira com o pontífice em 1848 quando a revolução em Roma o obrigara a ir para o exílio e, ao voltar, ajudara a fundar *L'Osservatore Romano*. O pai de Pacelli era o decano dos advogados do Vaticano e tinha servido de 1886 a 1905 na câmara municipal de Roma. Eugenio, nascido em Roma, em 1876,

fora um menino tímido e frágil, que usava óculos desde muito cedo e gostava de tocar violino. Não tinha interesse algum por esportes ou brincadeiras infantis.[14]

Aos dezoito anos, entrara para o Almo Collegio Capranica, o mais antigo seminário de Roma e, durante séculos, a plataforma de lançamento de muitas altas carreiras diplomáticas na Santa Sé. Embora se saísse bem nos estudos, ansiava pela solidão e tinha saudades de casa. Graças à influência da família, conseguira um arranjo raro que lhe permitira morar com os pais até terminar os estudos.[15]

Em 1901, dois anos depois de sua ordenação, Pacelli concluíra um doutorado em direito civil e canônico e assumira um cargo na Congregação para Assuntos Eclesiásticos Extraordinários na Secretaria de Estado do Vaticano. Não teria ascendido tão rapidamente nos anos seguintes se não tivesse participado da campanha antimodernista, pré-requisito para avançar sob o papa Pio X.[16] Mas Pacelli era cauteloso e comedido em seu discurso e fizera amizade com Giacomo della Chiesa quando ambos trabalhavam no escritório da Secretaria de Estado. Em 1914, Della Chiesa se tornou o papa Bento XV e promoveu Pacelli a subsecretário de Estado.

Três anos depois o papa nomeou Pacelli núncio na Baviera. Pela primeira vez, o homem de quarenta e um anos deixou a mãe e a casa da família. Alguns anos depois, seria nomeado núncio na Alemanha, mudando-se de Munique para Berlim.

Quando partiu para Munique pela primeira vez, Pacelli ocupou dois compartimentos no trem, um para si e um para as sessenta caixas de alimentos que levava.[17] Chegando lá, pediu que freiras tomassem conta de sua casa. Uma delas, Pascalina Lehnert, de vinte e quatro anos, estava destinada a desempenhar um papel importante na vida do prelado. Ela se sentiu fortemente atraída pelo núncio. "Alto e magro, o rosto extremamente fino e pálido", escreveu ela, recordando suas primeiras impressões, "tinha olhos que refletiam a alma e lhe conferiam uma beleza

particular." Acabou achando que ele seria incapaz de cuidar das necessidades diárias sem ela.

Em 1919, Pacelli sofreu um trauma que o acompanharia pelo resto da vida. Em abril daquele ano, no caos do pós-guerra, uma república soviética de curta duração foi proclamada em Munique. Um comandante comunista, chefiando um pelotão de milicianos formado às pressas e armado com fuzis, revólveres e granadas de mão, bateu à porta da nunciatura. Quando os funcionários apavorados abriram a porta, o comandante disse que estava ali para requisitar a limusine do núncio. Pacelli foi chamado para enfrentar os intrusos. Horrorizado pela invasão, ele ficou especialmente pesaroso com o confisco do carro, pois tinha um fraco por sua Mercedes-Benz, a qual descrevia carinhosamente como "uma esplêndida carruagem com o brasão pontifício". Resistiu à demanda, denunciando-a como uma flagrante violação da lei internacional, e tentou lhes mostrar o certificado de proteção extraterritorial da nunciatura. O comandante, descrito por Pacelli como "um tipo horrível de delinquente", não se deixou impressionar, e um dos homens apontou um fuzil para o peito do núncio. Os invasores o empurraram de lado e se dirigiram à garagem, mas o chofer havia desativado o carro. Frustrados, os homens disseram a Pacelli que, se a limusine não estivesse pronta no dia seguinte, eles prenderiam todos os presentes no prédio e o explodiriam.

Relatos das vinte e quatro horas seguintes divergem bastante. Em seu relatório a Gasparri, Pacelli disse que, quando os homens saíram, ele foi acometido de uma gripe severa, agravada por "um estômago ruim", e deixou Munique para se recuperar numa clínica. Mas parece que, assim que o pelotão saiu do prédio, Pacelli, amedrontado, teve um colapso nervoso. Deixou Munique às pressas e foi se recuperar numa casa de repouso a cento e sessenta quilômetros de distância. Quando o pelotão voltou no dia seguinte, ele não estava mais lá.[18]

Durante sua permanência na Alemanha, o prelado fez o possível para impor a disciplina hierárquica do Vaticano — o que não era pouca coisa num país onde bispos costumavam dar muito valor à própria autoridade. O padre Hubert Wolf, um dos principais estudiosos sobre os anos de Pacelli na Alemanha, explica como foi a época que o núncio passou no país:

"Para Pacelli, os bispos eram pouco mais do que coroinhas papais graduados, convocados a só agirem por instrução do papa. (...) Roma queria homens servis, com uma devoção infantil ao Santo Padre. Esse era o critério crucial de Pacelli para um bom bispo, e ele despendeu todos os esforços para instalar exatamente esse tipo de homem e erradicar a independência da Igreja alemã."[19]

Pacelli ficou impressionado com a pontualidade dos alemães, sua confiabilidade e sua ética de trabalho. Embora nunca tenha superado o medo de voar, ficava encantado com a tecnologia germânica.

Uma das experiências que mais o afetaram nesse país foi a onda crescente de hostilidade aos judeus. Em seus primeiros tempos em Munique, escreveu sobre uma "impiedosa tirania russo-judaico-revolucionária", e durante os doze anos que passou na Alemanha fez frequentes menções aos antecedentes judaicos de socialistas e comunistas.[20] Em um relatório de 1919, descreveu o líder comunista do fugaz conselho revolucionário de Munique como um "jovem, também russo e judeu. (...) Pálido, sujo, com olhos inexpressivos e voz rouca e vulgar: um tipo verdadeiramente repugnante, mas com rosto inteligente e astuto".[21]

★ ★ ★

CHAMADO DE VOLTA de berlim e feito cardeal em dezembro de 1929, Eugenio Pacelli se tornou secretário de Estado dois meses depois. "Alto, magro, de tez escura, cabelos grisalhos, rosto ascético, olhar vivo,

expressão benévola, solidéu vermelho na cabeça pequena e aristocrática, capa roxa de cetim nos ombros, um cinto da mesma cor sobre a batina negra com galões e botões reluzentes, uma cruz de ouro pendurada numa corrente sobre o peito", assim o descreveu o embaixador francês. O baixo e troncudo "pastor de ovelhas", como Gasparri se descrevia, foi substituído por um romano de óculos, alto, magro, de porte aristocrático. Era difícil imaginar Pacelli sentado à sombra de uma árvore numa encosta de morro.[22] Favorito da sociedade romana, arrancava elogios do corpo diplomático do Vaticano por seus modos atenciosos e ponderados. Muito apreciada também era a sua capacidade de falar com vários deles em suas próprias línguas, sendo fluente em francês, alemão, inglês e espanhol.[23]

Em contraste com Gasparri, que quase nunca falava em público, Pacelli era um hábil orador e representaria Pio XI em várias reuniões internacionais da Igreja. Tinha uma memória prodigiosa. "Quando escrevo ou datilografo um sermão ou palestra", disse, certa vez, "vejo o texto rolar diante dos meus olhos enquanto pronuncio as palavras, como se estivesse lendo."[24] Insistia em ser informado sobre tudo e era meticuloso no exame até dos detalhes mais insignificantes, como o endereço escrito em cada envelope a ser postado no correio. Toda noite, seus subsecretários preparavam uma pasta de documentos e cartas para sua assinatura, às vezes mais de cem papéis. Na manhã seguinte ele os devolvia em duas pastas. Uma continha os documentos que havia assinado, a outra, os documentos em que encontrara erros. Todos teriam que ser datilografados de novo. Os assistentes passaram a chamar a segunda pasta de "enfermaria", e rezavam toda manhã para que houvesse poucos pacientes.[25]

"O papa Pio XI", escreveu um correspondente do *New York Times* no Vaticano, "não é bem austero, mas sim habitualmente sério (...) quase nunca sorri ou relaxa".[26] Outros descreviam o pontífice como "melancólico". Ao escolher Pacelli, Pio optou por um homem igualmente reservado e que, como ele, sentia o peso do cargo. Mas

Pacelli sabia se controlar muito bem. Não tinha o mau humor nem o pendor para o entusiasmo que o papa possuía. Também era um homem de hábitos rígidos, e levou irmã Pascalina para Roma para montar seu apartamento no Vaticano. Houve certa surpresa com o fato de a mulher ser tão nova, mas ela ficaria com Pacelli até ele morrer. A suspeita de que mantinham uma relação imprópria parece infundada. É mais provável que ela tenha assumido o papel de figura materna para tomar conta dele. Sem dúvida era tão protetora quanto qualquer mãe, e muita gente no Vaticano se ressentia de sua influência.[27]

Em pé às seis e quinze, o novo secretário de Estado celebrava uma missa com um grupo de freiras e padres antes de tomar um rápido café da manhã. Então esperava a convocação do papa para o seu encontro matinal. Uma relação estreita, embora formal, desenvolveu-se entre o pontífice erudito e pouco diplomático — oriundo de uma modesta família de cidade pequena — e o experiente Pacelli, um romano bem relacionado politicamente. Nos encontros do início da manhã, o novo secretário de Estado submetia uma agenda e uma pilha de relatórios de núncios e outros materiais para exame do papa.

O cardeal voltava desses encontros com folhas de papel espessas e quadradas onde registrava as instruções do pontífice em sua caligrafia minúscula e limpa.[28] Os espaçosos escritórios do secretário de Estado ficavam no segundo piso do palácio Apostólico. Pacelli passava pelo gendarme responsável por guardar a entrada externa, um homem que usava um uniforme colorido e um chapéu de pele alto e escuro que faziam-no parecer alguém que Napoleão deixara para trás. Ao se aproximar dos próprios escritórios, Pacelli fazia um aceno de cabeça para o secretário particular, de batina clerical negra, e para o uniformizado soldado da Guarda Nobre de Honra em pé à sua porta. Em seguida, o cardeal chamava os dois subsecretários para repassar as instruções do papa e estudar o plano de trabalho do dia.

Pacelli reservava duas manhãs por semana para seus encontros individuais com os trinta embaixadores acreditados na Santa Sé. Eles esperavam a vez numa grande sala de aparência nobre com paredes vermelhas. Em uma típica manhã, talvez um núncio papal de visita a Roma também o esperasse em uma enfeitada sala contígua, junto a um barbudo delegado apostólico do Oriente, num hábito monacal, e outros dignitários eclesiásticos. Esses homens ocupavam as onze poltronas incrustadas de ouro ao redor de uma mesa pesada coberta com um suntuoso tecido vermelho. Prelados menos graduados — padres, monges e freiras — sentavam-se nas poltronas mais simples que ladeavam a entrada do escritório da Secretaria de Estado. A qualquer momento durante sua conversa com o secretário de Estado, visitantes corriam o risco de serem ejetados se um cardeal que chefiava um dos departamentos da Cúria chegasse inesperadamente.[29]

À uma da tarde, Pacelli fazia uma pausa de meia hora para o almoço. Em seguida, tirava uma hora para dar uma caminhada, às vezes nos jardins da Villa Borghese, do outro lado do Tibre. Um assistente carregando documentos para exame costumava acompanhá-lo, enquanto um policial ia atrás a uma distância respeitosa.[30] De volta ao Vaticano, o secretário de Estado tinha mais encontros antes de poder ficar sozinho para examinar os documentos do dia. Às oito e meia parava para cear, ia à capela rezar o rosário e voltava para trabalhar até bem depois da meia-noite.[31]

Quando Pacelli se tornou secretário de Estado, o sentimento geral entre os diplomatas do Vaticano foi que, em contraste com o amável e confiante Gasparri, ele era um tanto severo e relutante em expressar opiniões próprias. Era sempre cortês, mas reagia às questões difíceis dizendo que precisava consultar o papa.[32] "O secretário de Estado", escreveu o enviado britânico em seu relatório anual de 1930, "estava, na prática, reduzido à condição de escriturário."[33]

O bispo e erudito francês Alfred Baudrillart registrou uma impressão parecida, descrevendo o cardeal Pacelli como "adoentado e não muito

influente". Ele se lembrava de um encontro constrangedor entre Pacelli e o papa em abril de 1931, num momento em que Pio XI estava chateado com Mussolini pelos ataques do ditador à Ação Católica. O pontífice acabara de saber que um cardeal italiano havia abençoado publicamente a bandeira fascista. Furioso, Pio perguntou se Pacelli sabia de algo sobre o assunto. Quando o apreensivo secretário de Estado respondeu que sim, o papa lhe perguntou, indignado, se tinha aprovado o gesto do cardeal. Arrasado, Pacelli admitiu que tinha, e acrescentou: "Eu lhe avisei, Santo Padre, que seria incapaz de desempenhar as funções de secretário de Estado."[34]

Mas o papa tinha a inteligência e as habilidades diplomáticas de Pacelli em alta conta e, naqueles primeiros anos, não alimentava quaisquer dúvidas sobre a sua lealdade. "Nosso secretário de Estado", disse Pio certa vez, "trabalha bem, trabalha muito e trabalha rápido."[35] De temperamento moderado, Pacelli compensava o papa impulsivo, pondo um freio em sua tendência a esbravejar quando achava que os princípios da Igreja estavam sendo atacados.[36]

Gasparri, por sua vez, não facilitava em nada a transição de Pacelli. "O senhor veio tomar o meu lugar!", rosnou ele logo que o novo secretário de Estado chegou a Roma. "Não deveria ter aceitado! Eles me exploraram e agora me mandam embora! O senhor verá que tipo de homem é o papa!" Pacelli, incomodado, fez o possível para acalmá-lo, mas o encontro deixou marcas.[37]

"Eles me escorraçaram como um cão", repetia o antigo secretário de Estado, queixando-se a um colega cardeal de que no encontro final o papa não lhe dissera uma só palavra de agradecimento.[38] A outro amigo, ele perguntava, indignado, como o pontífice pudera tratá-lo tão mal. "Fui eu que fiz do bibliotecário um papa e um soberano, e ele me escorraça como um cão sarnento! Ainda me paga! Acredite, ele ainda me paga!"[39]

Gasparri concentrava boa parte do seu fogo contra o monsenhor Pizzardo, seu velho subsecretário, acusando-o de engrandecer o amigo Eugenio Pacelli aos olhos do papa à custa de seu superior hierárquico. O preterido cardeal Cerretti também culpava Pizzardo, repudiando Pacelli como fraco e indeciso, um "escravo nas mãos de Pizzardo, que o manobra como um títere".[40]

★ ★ ★

ASSUMINDO O NOVO cargo no primeiro aniversário do Tratado de Latrão, Pacelli foi logo arrastado pelas comemorações. A tensão criada pelos discursos de Mussolini no parlamento se dissipou quando o Duce cumulou de presentes e honrarias o papa e aqueles que o cercavam. No aniversário propriamente dito, o embaixador italiano presenteou o pontífice com uma bela sobrepeliz de renda de Burano. Encantado, Pio disse a De Vecchi que a usaria no dia seguinte, na capela Sistina, para as cerimônias dos seus oito anos de pontificado. Ao mesmo tempo, o rei concedeu a Gasparri a condecoração mais alta da Itália, a Ordem Suprema da Santíssima Anunciação.[41]

O embaixador da Itália no Vaticano, Cesare de Vecchi, achava que trabalhar com Pacelli seria tranquilo. "Esse cardeal secretário de Estado", registrou ele em seu diário, "me parece basicamente um homem bom, com quem, à medida que o tempo for passando, teremos uma completa harmonia, uma verdadeira conciliação. Se o papa não fosse tão agitado, as coisas seriam bem mais fáceis."[42] Uma semana e meia depois, De Vecchi, lamentando-se da dificuldade de lidar com Pio, descobriu que o cardeal Pompili compartilhava de sua opinião: "Não sei se ele conhece os livros", disse o cardeal-vigário de Roma sobre o antigo bibliotecário, "mas sem dúvida não entende os homens." Ao registrar esses comentários, De Vecchi acrescentou: "A cada dia percebo que este papa é pouco amado, mesmo pelas pessoas mais chegadas."[43]

Um mês depois, na reunião que realizavam toda sexta-feira, De Vecchi e Pacelli discutiram a tensão na Europa. "Vejo mais uma vez que ele claramente tem preferência pelos alemães e não gosta dos franceses", observou De Vecchi. Ciente da estreita ligação de Pacelli com círculos conservadores na Alemanha, o embaixador sugeriu que ele ajudasse o governo fascista a melhorar suas relações com as forças alemãs de direita. "Estou francamente convencido", escreveu De Vecchi, "de que o cardeal Pacelli pode nos ser muito útil nessa área e espero convencê-lo apelando ao seu patriotismo, de um lado, e à sua afeição pela Alemanha, do outro. Afeição que nele é muito profunda."[44]

A Alemanha logo ocuparia as atenções de todos, pois nas eleições nacionais de setembro de 1930 o Partido Nacional Socialista de Hitler obteve mais de seis milhões de votos, tornando-se o segundo maior partido do país. Em meio à severa depressão econômica da Alemanha, com altos índices de desemprego, paralisia do governo e poderosos movimentos socialistas e comunistas, o que antes parecia impensável — que os nazistas chegassem ao poder — agora era coisa séria. Vendo no movimento nazista uma ameaça pagã à Igreja Católica na Alemanha, o papa acompanhava esses desdobramentos com preocupação.

Em pouco tempo, começaram a aparecer sinais da catástrofe que não demoraria a se abater sobre a Europa. Mas o que mudaria a opinião de Pio XI sobre Mussolini nada tinha a ver com Hitler, e sim com questões que o afetavam de forma mais imediata. A esperança de De Vecchi de que o novo secretário de Estado do Vaticano fosse capaz de manter o exaltado papa na linha estava prestes a ser dramaticamente posta à prova. De repente parecia possível, mesmo provável, que o pontífice, afligido por remorsos pelo acordo que fizera com o ditador da Itália, denunciasse tanto Mussolini quanto o regime fascista.

CAPÍTULO DOZE

O CARDEAL PACELLI AGUENTA FIRME

"Fascistas pisoteiam retrato do papa", anunciava a manchete de primeira página do *New York Times* no fim de maio de 1931. "Multidão chama o pontífice de traidor e queima livros — venda do *L'Osservatore Romano* proibida."[1]

A tensão viera aumentando durante meses por causa da Ação Católica, ferramenta crucial dos esforços de Pio XI para recristianizar a sociedade italiana. A Ação Católica tinha um escritório nacional, com o presidente laico nomeado pelo Santo Padre. O monsenhor Pizzardo era tecnicamente o "assistente eclesiástico" da organização, mas, como homem chegado ao papa, ele permitia que Pio a mantivesse sob o mais rígido controle. Diretrizes nacionais eram distribuídas para cada diocese, onde a Ação Católica ficava sob a autoridade do bispo local e tinha um conselho que incluía leigos. Em áreas em que a Igreja era mais forte — em geral no centro e no norte do país —, cada paróquia também tinha o próprio conjunto de organizações da Ação Católica, para homens, mulheres, meninas e meninos.

Mussolini sabia como a Ação Católica era cara a Pio XI, mas decidiu que era hora de colocar o papa em seu devido lugar. Exasperados por notícias de jornal que acusavam a organização de abrigar ativistas do Partido Popular e outros inimigos do regime, centenas de universitários fascistas quebraram janelas do centro da Ação Católica na Universidade de Roma. Outros atiraram pedras nas janelas de *La Civiltà Cattolica*,

entraram no prédio e jogaram livros pelos vidros quebrados. Aos gritos de "Abaixo os padres! Abaixo o papa!", levaram um retrato de Pio XI para a rua.[2]

Furioso, o pontífice ordenou a Pacelli que suspendesse os encontros regulares com o embaixador italiano.[3] Mas Mussolini, que não ficava nem um pouco atrás do papa em matéria de ego e mau humor, decidiu dar um basta nas pressões de Pio e mandou fechar todos os grupos de juventude da Ação Católica na Itália.[4]

O embaixador da Romênia, durante uma audiência com o papa, cometeu o erro de sugerir que ele mostrasse ao mundo como solucionar desavenças de modo pacífico, propondo que designasse um mediador de confiança para resolver suas diferenças com o Duce. O pontífice retrucou que seus direitos eram dados por Deus e não se comparavam aos de um governante temporal. "Estou preparado para tudo", disse Pio. "Nunca desistirei do que acredito ser a minha missão, nunca, nunca, nunca!"

Pio XI, lembrava-se o embaixador, "ficou mais agitado, esmurrando a mesa. Por fim se levantou e continuou a protestar, berrando a plenos pulmões. Arquejava e explodia de indignação até que, de repente, talvez percebendo a impressão que seu exaltado discurso me causava, tentou se controlar, sentou-se e, ainda arquejante, acrescentou: 'Mas como o senhor pode ver, ministro, continuo calmo.'"[5]

A reportagem de capa do *New York Times* em 1º de junho, informando sobre a decisão de Mussolini de fechar os clubes de juventude da Ação Católica, dizia que as relações entre o papa e o Duce estavam em vias de rompimento. Os quinze mil clubes locais, com mais de meio milhão de sócios, seriam todos fechados até o dia seguinte.[6] Em protesto, Pio XI proibiu as igrejas da Itália de realizarem as tradicionais — e populares — procissões de Corpus Christi, marcadas para 4 de junho.[7]

Temendo que o conflito fugisse ao controle e convencido de que o novo secretário de Estado era fraco demais para evitar o desastre, um grupo de cardeais procurou Pietro Gasparri e propôs que ele se

encontrasse com Mussolini. A insatisfação dentro da Cúria vinha crescendo desde o início da crise, alimentada pela raiva dos cardeais por não terem sido consultados e pela crença de que Pacelli era incapaz de lidar com a situação. Gasparri estava convencido de que Pio XI não tinha nenhum senso diplomático — achava que podia tratar Mussolini como tratava um arcebispo, "com quem uma reprimenda funciona mais do que um debate".[8] Ainda magoado com a demissão, ele adoraria exercer a função de pacificador, mas disse aos cardeais que só poderia fazê-lo com a aprovação do papa. O pontífice negou.[9]

Em abril, correu o boato de que Pacelli ia renunciar.[10] No fim de maio o jornal fascista *Il Popolo di Roma* informou que o papa estava pensando em demiti-lo.[11] No começo de junho, o cardeal Sbaretti, secretário do Santo Ofício da Inquisição, disse a Pio que a opinião unânime dos cardeais daquele ofício era de que Gasparri, e não Pacelli, deveria encabeçar as negociações com o governo. Pacelli estava isolado. Os cardeais pró-fascistas achavam-no fraco demais para fazer o teimoso papa recuar; os antifascistas achavam-no ansioso demais para proteger a aliança do Vaticano com Mussolini.[12]

Em 9 de junho, Cesare de Vecchi foi ver Pacelli e teve o prazer de descobrir que ele "estava completamente do nosso lado".[13] O pontífice dissera a Pacelli para não discutir a crise com o embaixador italiano, mas, pesaroso, o secretário de Estado revelou ao embaixador francês na Santa Sé as instruções do papa e falou do seu desapontamento com a falta de confiança demonstrada pelo Santo Padre. O embaixador se espantou ao saber que o pontífice impedia por completo o secretário de Estado de cuidar da crise. Pacelli, percebendo que não deveria ter falado tanto, suplicou ao diplomata francês que não contasse a ninguém sobre a conversa.[14]

Para tirar partido das divisões no Vaticano, Dino Grandi, o ministro do Exterior da Itália, aconselhou Mussolini a aumentar a pressão. Recomendou que ele chamasse de volta o embaixador italiano e

ameaçasse abandonar a concordata. "Estou convencido", escreveu, "de que, se nos concentrarmos apenas no papa, declarando-nos os mais fervorosos defensores da Igreja e da Religião e ao mesmo tempo mostrando que o pontífice está deixando de cumprir suas obrigações de chefe da religião católica, deixaremos a Santa Sé numa situação muito difícil."[15]

Ainda naquele mês, Giuseppe Talamo, encarregado de negócios e vice de De Vecchi, teve um encontro com Pacelli em seu escritório no Vaticano. "Com um misto de untuosidade e constrangimento", segundo Talamo, o secretário de Estado lhe disse que o pontífice estava preparando uma declaração sobre o conflito. Pacelli acrescentou que esperava que a declaração não agravasse ainda mais a situação.[16]

Na realidade, Pio XI tinha decidido intensificar o ataque e preparava uma longa encíclica visando diretamente o Duce. Temendo que os censores fascistas vetassem a distribuição, ele deu cópias ao prelado americano Francis Spellman, para que ele as contrabandeasse pela fronteira da França. A encíclica, *Non abbiamo bisogno* ("Nós não precisamos"), apareceu em jornais estrangeiros antes de ser publicada no *L'Osservatorio Romano* no começo de julho.[17]

Na encíclica, o papa negava que a Ação Católica da Itália estivesse envolvida em atividades antifascistas e rejeitava a alegação de que o único papel adequado para a Igreja na educação dos jovens era oferecer instrução religiosa. "Para um católico, não está em conformidade com a doutrina do catolicismo querer que a Igreja e o papa se limitem às práticas externas de religião (Missa e Sacramentos) e que o resto da educação pertença totalmente ao Estado."

No entanto, mesmo em suas invectivas, Pio tinha o cuidado de distinguir entre o bom fascismo — o que reconhecia os direitos da Igreja e seguia os seus preceitos — e o mau fascismo — o que não fazia nada disso. Ao protestar contra os danos que estavam sendo causados à Igreja na Itália, o papa afirmava: "Acreditamos ao mesmo tempo realizar uma

boa obra para o próprio partido [fascista] e para o regime."[18] Embora condenando os que faziam do fascismo um culto pagão do Estado, ele concluía com palavras conciliatórias: "Em tudo o que declaramos até agora, não dissemos que é nosso desejo condenar o partido e o regime como tais. Nosso objetivo foi mostrar e condenar tudo aquilo que no programa e nas atividades do partido é contrário à doutrina católica e à prática católica."[19]

O papa tinha outros recursos para pressionar Mussolini. Uma grandiosa cerimônia de inauguração da nova estação ferroviária de Milão estava marcada para 1º de julho, com a presença do próprio rei. Por causa do conflito, o arcebispo de Milão informou que não iria. O monarca, não querendo passar pelo constrangimento de ficar ao lado de um clérigo de baixo escalão, desistiu. Durante anos, nenhuma cerimônia fascista importante tinha sido realizada sem que um alto prelado estivesse lá para abençoá-la.[20]

De maneira surpreendente, em vez de agravar, a encíclica marcou o início do fim do conflito. Com o documento, Pio XI deu vazão à sua raiva. Agora ele parecia pronto a deixar todos os dissabores para trás. Talvez seus conselheiros enfim o tivessem convencido da necessidade de fazer as pazes com Mussolini, ou talvez o tivessem vencido pelo cansaço. Havia coisas demais em jogo para permitir que aquele conflito continuasse.[21]

Numa cerimônia em meados de julho, o papa rezou para que um milagre "ajudasse os cegos a verem".[22] Pediu a Tacchi Venturi que os auxiliasse a sair do impasse. O Duce deixou claro para o mediador jesuíta que também estava ansioso para pôr fim às hostilidades.[23] Tacchi Venturi se apressou em transmitir essas palavras encorajadoras ao Vaticano. "Se não estou enganado", escreveu ele a Pacelli, "a prece do Santo Padre do último domingo começa a ser atendida. Que o Senhor acenda sua santa luz, para que os cegos vejam!"[24]

O papa confiou ao enviado jesuíta a incumbência de fazer um acordo com o ditador. Em 25 de julho, enunciou suas duas condições para resolver a disputa.[25] Primeiro, queria que Mussolini reconhecesse que a Igreja tinha um papel a desempenhar na educação das crianças e que era seu direito organizar grupos da Ação Católica em conformidade com "seus adequados fins religiosos e sobrenaturais". Quando, ainda naquele dia, o jesuíta se encontrou com o Duce, Mussolini disse que não teria qualquer dificuldade em concordar com o pedido. Era a segunda condição do papa que representava um problema. Pio XI queria que Mussolini não só reabrisse os grupos de juventude da Ação Católica, mas que reconhecesse que a ordem de fechá-los tinha sido ilegal. Nesse ponto, o ditador não cederia. Exigir um pedido de desculpas era tentar humilhá-lo.

Convencido de que a crise só acabaria se o papa recuasse, Tacchi Venturi foi pedir ajuda a Gasparri. Os dois nunca haviam sido próximos, mas agora tinham uma missão comum.

Depois do encontro, Gasparri mandou uma carta a Pacelli. "Escrevo com uma alma extremamente preocupada", disse, sublinhando as palavras para dar ênfase. O que Mussolini já concedera ao papa, afirmava Gasparri, era "enorme". Seria inconcebível se, por uma questão de "procedimento" — ou seja, exigir uma desculpas do Duce —, o pontífice "partisse para uma condenação do fascismo e, com isso, para a renúncia da concordata". Cabia a Pacelli, como secretário de Estado, fazer Pio mudar de ideia.[26]

"Segundo rumores que circulam há muitas semanas", informou o encarregado de negócios francês no Vaticano, "o cardeal Pacelli está sendo mantido à distância dos trabalhos preparatórios para a retomada das conversações com a Itália (...) É o papa, e só o papa, que continua a impor sua vontade e não ouve os conselhos de ninguém."[27]

No fim, quem recuou foi Pio XI. Em meados de agosto, depois de correr de um lado para o outro entre o pontífice e Mussolini, Tacchi

Venturi redigiu um acordo, que ambos assinaram em 2 de setembro.[28] Especificava que a Ação Católica seria organizada em base diocesana, sob a autoridade do bispo local. Ninguém que fosse conhecido por ter criticado o regime poderia ser escolhido para uma posição de liderança, e a Ação Católica limitaria suas atividades inteiramente à esfera religiosa.[29]

O papa tinha cedido à pressão. Divulgara uma encíclica dramática, esperando unir os católicos da Itália. Mas os fiéis, tendo ouvido durante anos todas as autoridades eclesiásticas, do papa ao pároco, elogiar Mussolini como um enviado dos céus, ficaram desorientados com o conflito e queriam que ele fosse resolvido. Vendo-se sozinho, o Santo Padre voltou atrás.[30]

Nem todos os padres e bispos da Itália gostaram do acordo. No exílio em Londres, Don Luigi Sturzo, fundador do Partido Popular, observou que, embora não fosse de surpreender que o papa quisesse preservar sua aliança com o regime, era triste vê-lo aceitar um acordo que representava uma vitória total para Mussolini. Outro ex-líder do Partido Popular, também no exílio, foi mais mordaz: "O papa cedeu, recuou, teve medo. Curvou-se diante do altar do Moloque fascista (...) É o que estão dizendo na Itália e no exterior depois da conclusão do malfadado acordo de 2 de setembro."[31]

Alguns cardeais também resmungaram contra os novos limites impostos à Igreja. De acordo com o encarregado de negócios francês, achavam "que o desejo de apaziguamento do cardeal Pacelli é que prevaleceu durante as negociações". O diplomata francês conjecturava que Pio estava ficando velho e, tendo dado vazão à raiva inicial, fora vencido por Pacelli e outros à sua volta.[32] Havia, sem dúvida, muita verdade nessa opinião, embora Tacchi Venturi, e não Pacelli, pareça ter desempenhado o papel mais influente.

Embaixadores estrangeiros na Santa Sé manifestaram surpresa pelo fato de o papa, teimoso e apegado a seus princípios, ter capitulado de modo tão abrupto. Afinal, mal haviam passado dois meses desde que sua

encíclica denunciara a reivindicação fascista de monopolizar a educação dos jovens e advertira contra o culto do Estado. O acordo não dizia nada sobre isso; nem continha aquilo que o pontífice exigia de Mussolini fazia muito tempo: uma desculpa pela violência contra as organizações católicas e pelos insultos contra ele.[33]

★ ★ ★

UM DIA DEPOIS de mussolini e Tacchi Venturi assinarem o acordo final, Pio XI chamou o núncio e pediu desculpas por tê-lo excluído das negociações. Instruiu Borgongini a marcar um encontro com o Duce. Era hora de reatar relações pelos canais apropriados.

— Como vai o senhor? — perguntou Mussolini, sorridente, ao cumprimentá-lo dias depois. — Após a tempestade, a bonança.

— Foi por isso que vim — respondeu o núncio. — Achei que, restaurada a calma, era uma boa ideia retomar contato com Vossa Excelência.

— O senhor verá, um longo período de bonança se inicia — disse o ditador, insistindo no assunto.

— Louvado seja Deus!

— Venha e cuidaremos de tudo. — O Duce apontou para uma série de anotações que Tacchi Venturi lhe mandara, com a costumeira lista de pedidos papais. Havia livros a serem banidos e proselitismo protestante a ser erradicado. — Darei ordens imediatamente para que se faça tudo o que os senhores desejam — disse.

O núncio tinha outro pedido: apesar de ser chefe de governo havia quase uma década, o Duce nunca fora ver o pontífice.

— O papa me pediu para dizer que o senhor será o mais bem-vindo dos bem-vindos — informou Borgongini.

Desde a assinatura do Tratado de Latrão, Pio esperava que o Duce o visitasse, mas o ditador hesitara, dando sempre uma desculpa diferente

pelo atraso. Nunca ficaria à vontade no Vaticano, cercado de padres, e se sentiria ainda menos à vontade num ambiente tão esplendoroso que o faria, por comparação, parecer insignificante. Mas, depois da recente vitória, ele se sentiu mais seguro, com menor probabilidade de ser visto se prostrando diante do pontífice. Agora que a crise fora superada, estava convencido de que grandes coisas viriam pela frente.[34]

CAPÍTULO TREZE

MUSSOLINI TEM SEMPRE RAZÃO

Com a solução da crise da Ação Católica, os vínculos entre a Igreja e o regime fascista ficaram cada vez mais fortes, e a colaboração se tornou mais profunda e mais ampla. Mussolini, que agora contava com o apoio entusiástico do clero católico da Itália, adquiria uma imagem de proporções quase divinas.

Muitos historiadores veem a batalha de 1931 entre papa e o Duce pela Ação Católica como uma luta do pontífice contra o fascismo. Mas uma análise do que a organização fez, de fato, durante os anos 1930 mostra que estão muito enganados. Pio XI não via o regime fascista como um obstáculo aos seus esforços para usar a Ação Católica na cristianização da sociedade italiana, e sim como um aliado indispensável. Sem uma estreita relação de trabalho entre a Ação Católica e as autoridades fascistas, a organização jamais poderia ter êxito. Seu líder nacional laico, Augusto Ciriaci, era um ardente admirador do Duce; como disse De Vecchi a Mussolini, ele não "estava longe de agir como meu homem, e portanto, vosso" no Vaticano.[1]

Pio XI considerava os membros da Ação Católica soldados da sua "batalha pela moralidade". Em cada diocese, uma Secretaria de Moralidade da organização foi estabelecida para identificar e relatar sinais de qualquer atividade imoral. O órgão preparava listas de peças e filmes a serem boicotados, e seus membros importunavam a polícia para tirá-los de cartaz. Membros da Ação Católica eram instruídos a vasculhar seus

vilarejos e suas cidades para identificar qualquer coisa que a Igreja considerasse ofensiva e passar essas informações às autoridades.[2]

Entre os sinais de declínio moral que mais contrariavam o papa estavam as mulheres vestidas de modo indecoroso. Desde 1926, Tacchi Venturi se mantinha em contato constante com as mais elevadas autoridades policiais do regime para combater as pernas de fora, as costas nuas e os bustos parcialmente descobertos das mulheres italianas.[3] Em junho daquele ano, em resposta a essa pressão, o ministro do Interior ordenou que os prefeitos fossem mais rígidos com banhistas seminus. Ele também determinou que danças em trajes de banho — motivo de especial irritação para o papa — fossem proibidas.[4]

O interesse do papa em proibir a exposição pública de corpos femininos era tão grande que, em meio aos intensos últimos dias de negociação do Tratado de Latrão, ele despachou Tacchi Venturi para pedir ao Duce que tomasse uma providência assim que soube que dançarinas seminuas seriam vistas em Roma.

Oito dias antes da histórica assinatura, Venturi se encontrou com o ditador. Começou dizendo que o papa estava muito satisfeito por Mussolini ter proibido espetáculos com danças eróticas em Roma. Mas aquilo que tinha sido expulso pela porta da frente estava voltando pelas janelas. Donos de cinema haviam descoberto que atrairiam mais espectadores se dançarinas se apresentassem durante os intervalos. Essas jovens, disse o jesuíta a Mussolini, se vestiam "como a mãe Eva antes da queda, exceto por uma fita ou faixa estreita sobre as partes privadas, mais um incentivo do que um empecilho aos desejos de concupiscência". Ele não via a hora de poder dar ao papa a boa notícia de que o governo tinha mandado acabar com o medonho espetáculo.[5]

Entre as ostentações públicas de carne feminina que o pontífice condenava, havia uma que representava uma espécie de bicho-papão para Pio: a participação de moças em competições de ginástica. Em 1928, ao saber que o Partido Fascista planejava realizar um evento dessa natureza

em Roma, tanto o jornal do Vaticano quanto *La Civiltà Cattolica* publicaram uma carta papal denunciando-o. Nem mesmo na Roma pagã, queixava-se o pontífice, houvera paródia tão grotesca da delicadeza feminina.[6]

No começo da década de 1930, em resposta a essa pressão, o presidente da organização da juventude fascista nacional divulgou novas diretrizes para a educação física das moças. Os grupos não deveriam almejar o desenvolvimento das habilidades atléticas das garotas, mas assegurar que "as futuras mães aprendam sobre a necessidade de cuidar da educação física dos filhos". *La Civiltà Cattolica* elogiou as instruções, dizendo que eram um exemplo de como o governo fascista estava colaborando de forma eficaz com o Vaticano para aperfeiçoar o bem-estar espiritual do país.[7]

Ainda assim, o papa permaneceu vigilante. No ano seguinte, ficou muito aborrecido ao saber que seria realizada uma competição internacional de ginástica feminina em Veneza. Dessa vez, despachou Borgongini para convencer Mussolini a suspender os planos.

O Duce foi pouco receptivo, explicando que grupos internacionais de atletismo, e não o governo, eram os organizadores desse evento. Numa tentativa de mostrar que, pessoalmente, não dava nenhuma importância às competições atléticas femininas (ou talvez por gostar de constranger o empertigado núncio), acrescentou: "As mulheres servem para duas coisas: ter filhos e apanhar." Estimulado pelo desconforto de Borgongini, Mussolini foi ficando entusiasmado com o assunto. "As mulheres são como casacos de pele", explicou. "De vez em quando é preciso bater para tirar a poeira."[8]

As respostas de autoridades regionais a apelos semelhantes feitos por grupos da Ação Católica tampouco eram muito receptivas. Nesses casos, bispos frustrados pediam ajuda ao Vaticano.

Uma carta que o papa recebeu em agosto de 1932 só era inusitada porque vinha acompanhada de algumas fotos fora de foco. O bispo

escrevera ao pontífice para denunciar a ostentação de carne feminina na ilha de Capri. Muitas mulheres eram vistas "com as costas quase inteiramente nuas, em geral com os seios pouco cobertos e às vezes usando a parte de cima da roupa de banho feita de tecido transparente". A maior parte das pessoas decentes da ilha, acrescentava ele, sentia-se nauseada com o espetáculo, pelo qual ele culpava estrangeiros. O bispo recomendava que o Vaticano acionasse a polícia. As quatro fotografias que acompanhavam a carta, todas tiradas de trás, mostravam as costas nuas de mulheres usando elegantes vestidos de noite.[9]

Eugenio Pacelli respondeu em nome do papa. A campanha pela modéstia feminina, assegurou ele ao bispo, era um dos pontos centrais do programa da Ação Católica. A organização "não deixa passar nenhuma ocasião apropriada para influenciar as autoridades a exercerem forte vigilância e severa aplicação da lei".[10]

É oportuno fazer uma pausa para examinar a data da carta de Pacelli — 16 de setembro de 1932. Pouco mais de um ano antes, Tacchi Venturi e Mussolini haviam chegado a um acordo para pôr fim ao conflito em torno da Ação Católica.[11] Agora, grupos da organização em todo o país colaboravam com a polícia fascista.[12]

O papa continuava a se queixar da exibição de corpos femininos nas praias da Itália. As tentativas da Igreja de fazer Mussolini tomar providências às vezes iam longe demais, como ocorreu em março de 1934. Naquele mês, o arcebispo de Florença, cardeal Elia dalla Costa, desancou os grupos da juventude fascista por promoverem passeios à praia. O Duce ficou tão exasperado com a queixa que escreveu uma carta a Pacelli.

"O conhecido — talvez conhecido demais — monsenhor Elia dalla Costa escreveu a carta pastoral em anexo para seu rebanho", dizia o ditador. "Ele graciosamente nos descreve como pagãos e selvagens. Que fique claro para seus superiores que não somos pagãos nem selvagens, nem queremos ser, a despeito da carta pastoral de Dalla Costa."

De Vecchi, o embaixador italiano, entregou a carta do Duce a Pacelli. Esses ataques, disse ele, eram contraproducentes. Abordando um assunto tabu, De Vecchi acrescentou que era muita audácia do arcebispo acusar os fascistas de selvagens quando o Vaticano esperava que o governo se calasse a respeito dos casos generalizados de imoralidade sacerdotal. Qualquer dia, advertiu o embaixador, o papa acabaria indo longe demais. E não ficaria nem um pouco satisfeito com o resultado.[13]

Pio XI também pressionava as autoridades para que proibissem livros que a Igreja considerava ofensivos, como um best-seller europeu que oferecia conselhos sobre sexo. *Ideal Marriage* [O casamento ideal], escrito por um ginecologista holandês, descrevia a biologia da reprodução, defendia os prazeres da sexualidade e dava informações úteis para o controle da fertilidade. Em 1930, o Vaticano o incluiu no Índice de Livros Proibidos. Algum tempo depois, aparentemente motivado pela iminente publicação da edição italiana, o papa pediu a Mussolini que proibisse a venda da obra. O Duce prometeu que o faria.[14]

O pontífice também pressionou o ditador a banir filmes e peças de teatro repreensíveis. Mesmo antes da assinatura do Tratado de Latrão, mandou Tacchi Venturi conversar com Mussolini e pedir a sua colaboração nesse sentido. Num encontro em janeiro de 1929, Venturi falou com o ditador sobre filmes americanos, aos quais chamou de "cloaca do pecado e da obscenidade". Mussolini concordou, classificando o cinema americano como uma "escola de corrupção que, se não for detida, acabará arruinando o país". Satisfeito, Tacchi Venturi pediu ao Duce que "estudasse uma maneira de tornar o sistema de censura mais eficiente".[15]

"Itália proíbe *sex appeal* em filmes (...) Regras de censura ao cinema endurecem devido a protestos do papa." Assim foram o título e o subtítulo de uma reportagem do *Los Angeles Times* de 20 de março de 1931 sobre a resposta de Mussolini às queixas de Pio.[16]

Por vezes, as exigências do papa ao ditador pareciam opressivas. Ele tentava intimidar o Duce para que tomasse medida contra roupas femininas repreensíveis, livros, proselitismo protestante, filmes e peças de teatro. Além disso, cobrava de Mussolini providências contra ex-sacerdotes. Até a queda dos Estados Papais, a Igreja tinha conseguido afastar esses hereges do público. Contudo, depois da unificação italiana, perdeu qualquer poder sobre eles. O que irritava o Vaticano em especial eram os ex-sacerdotes que lecionavam em instituições públicas de ensino, o que o pontífice considerava um escândalo.[17]

Pio começou a cobrar ações do Duce muito antes da assinatura da concordata. Em janeiro de 1925, pediu a Mussolini que demitisse o eminente historiador e ex-padre Ernesto Buonaiuti de sua cátedra na Universidade de Roma. Buonaiuti era uma velha pedra no sapato do Vaticano. Modernista que defendia a separação entre Igreja e Estado, já tinha sido emitido de seu cargo de professor num dos mais prestigiosos seminários de Roma. Em 1921, a Igreja o excomungara por questionar se o corpo de Cristo estava literalmente presente na eucaristia.[18]

Em resposta ao apelo feito pelo papa em 1925, Mussolini mandou suspender o ex-padre das atividades de professor por um ano, mas os colegas de Buonaiuti intercederam a favor de sua reintegração.[19] No começo de 1927, através de Tacchi Venturi, Pio insistiu mais uma vez com o ditador para que o demitisse. Mussolini respondeu que, embora desejasse ver o papa satisfeito, não queria ser acusado de ignorar a lei só para lhe agradar. Sugeriu então que o pontífice tentasse outras maneiras de impedir Buonaiuti de lecionar.[20] Três dias depois, Tacchi Venturi fez uma visita ao ministro da Educação, Pietro Fedele, para tentar a sorte. Fedele não gostou de ver o enviado do papa, mas estava ciente de suas ligações especiais com o Duce. No dia seguinte, escreveu a Mussolini: "Acho que será oportuno, de agora em diante, que, sempre que o padre Tacchi Venturi vier ter comigo ou com alguém do meu gabinete, eu lhe mande um relatório da conversa."

Fedele garantiu ao enviado que o ministério suspenderia Buonaiuti outra vez. Tacchi Venturi manifestou satisfação, mas antes de sair transmitiu uma advertência papal: se o governo voltasse a admitir o ex-padre em sala de aula, Pio proibiria os católicos de estudarem na Universidade de Roma.[21]

Buonaiuti continuou no corpo docente da universidade até 1931, quando, ironicamente, entrou em conflito não com o papa, mas com Mussolini. Uma nova lei exigia que os professores universitários italianos jurassem lealdade ao regime fascista. Dos mil e duzentos professores universitários da Itália, apenas cerca de dez, se tanto, recusaram-se a fazê-lo. Um deles era o ex-padre Ernesto Buonaiuti, que foi demitido com os outros.[22]

Em outro caso, que estourou logo depois da assinatura da concordata, o papa exigiu que o ex-padre Giuseppe Saitta fosse demitido do cargo de professor de filosofia medieval na Universidade de Pisa. Esse caso foi especialmente melindroso para Mussolini, porque, ao abandonar o sacerdócio, Saitta se tornara um fascista ardoroso. Editava *Vitta Nuova*, publicação da Federação Fascista de Bolonha, e era discípulo de Giovanni Gentile, filósofo da corte do Duce, com quem o ex-padre tivera aulas em Palermo.

Em 2 de junho de 1930, o núncio Borgongini teve um encontro com o ditador para lhe apresentar o pedido de Pio. Baseava sua exigência no artigo 5 da concordata, que era muito claro: "Padres apóstatas (...) não podem ser nomeados para, nem mantidos em, cargos de professor, nem ocupar cargos ou ser empregados onde possam estar em contato direto com o público."

— Não seria difícil para o senhor transferir Saitta para um museu — sugeriu o núncio.

— Por que não paleontologia?! — respondeu com malícia o ditador. Quando estava de bom humor, o Duce quase nunca perdia uma oportunidade de provocar o empertigado núncio. Mas Mussolini não

demonstrou grande entusiasmo pelo pedido. — *Vedremo*. Vamos ver — disse.

Meses se passaram, e Saitta continuava no emprego. Em abril de 1931, o papa mandou um lembrete ao Duce. Mesmo assim nada foi feito. O ex-padre tinha sido nomeado para o cargo universitário antes da assinatura da concordata, argumentou Mussolini, e as cláusulas do acordo não eram retroativas. Dois anos depois, longe de ser despachado para um remoto museu de paleontologia, Saitta foi agraciado com o cobiçado cargo de professor de filosofia na Universidade de Bolonha. Essa foi uma batalha que o papa nunca conseguiu ganhar.[23]

★ ★ ★

QUANDO OS ENVIADOS de Pio XI se queixaram a Mussolini a respeito dos filmes americanos, o ditador lhes disse que compartilhava da opinião deles. Contudo, na verdade, o Duce era um grande fã do cinema feito nos Estados Unidos, embora preferisse Charles Chaplin, o Gordo e o Magro e Buster Keaton a Jean Harlow ou Mae West. Ele chegou a instalar uma sala de projeção na Villa Torlonia para que, depois do jantar, toda a sua família pudesse se reunir diante da tela. "Faz com que eu esqueça as preocupações", explicava. Qualquer que fosse o alívio que lhe trouxesse, durava pouco: enquanto seus familiares assistiam aos filmes até o fim, o ditador raramente permanecia na sala por mais de vinte minutos.[24]

As noites no cinema particular eram os momentos mais felizes dos Mussolini. O Duce não gostava de se sentar para comer com a família, e, nas raras ocasiões em que o fazia, um pesado silêncio se abatia sobre a mesa, enquanto ele mexia o garfo nervosamente e reduzia a pó pedaços de pão entre os dedos.[25] Rachele dominava não só a cozinha, mas também a mesa. Ela ficava irada se os filhos não comessem tudo o que havia no prato.

Embora fosse desafiado pela esposa dentro de casa, o Duce se destacava dos outros mortais fora dos limites da Villa Torlonia. *Mussolini ha sempre ragione* ("Mussolini tem sempre razão") era um slogan repetido à exaustão. Pintada em letras imensas na fachada de prédios no país inteiro, a frase era usada para ensinar as crianças a ler.[26]

Para lustrar sua imagem no estrangeiro, o Duce achava tempo para se encontrar com um desfile infindável de correspondentes internacionais. Raro foi o repórter que entrevistou o ditador naqueles anos e não sucumbiu aos seus ásperos encantos. Em repouso, disse efusivamente um entrevistador francês, Mussolini parecia uma estátua de mármore esculpida por Michelangelo. Os olhos negros e penetrantes eram hipnóticos, a grande boca era enfeitada por belos dentes.[27] Ninguém que tivesse sentido a mirada do Duce, comentou outro entrevistador francês, poderia esquecer a sensação: "Dois olhos que veem e que julgam, vendo de cima, julgando de longe." E, como tantos outros, o francês ficou impressionado com o nítido contraste entre o Mussolini da *piazza* pública, discursando para as multidões embevecidas, e o homem pensativo das entrevistas, que parecia solitário e reflexivo, adornando seus comentários com referências históricas e filosóficas.[28]

Um destacado jornalista judeu alemão publicou a mais longa e mais lida entrevista com o ditador italiano.[29] Em 1933, Emil Ludwig conversou várias vezes com Mussolini em seu escritório cavernoso. Enquanto refletia sobre uma pergunta, o Duce juntava as pontas dos dedos ou encostava o queixo nas mãos, apoiando os cotovelos na mesa. Olhava para baixo, depois fitava Ludwig e, só então, respondia. Sentia prazer especial em citar estatísticas, de preferência até a terceira casa decimal. O jornalista também notou que o ditador não gostava de desperdício, e, em vez de usar seu bloco de notas, fazia anotações no verso dos cartões de sua agenda diária.

Ludwig tinha ouvido Mussolini discursar em comícios numa voz militar que lhe fazia lembrar o revolucionário russo Leon Trótski

exortando a multidão. Mas, nas entrevistas, o Duce nunca falava alto. Embora parecesse não entender piadas, observou o jornalista, tinha uma espécie de humor negro. Disse que só se orgulhava de um ancestral, que havia morado em Veneza e matado a mulher porque ela era infiel. Para Mussolini, o mais admirável no antepassado era o impulso de parar antes de fugir da cidade e depositar duas moedas no peito da mulher, para as despesas com o enterro.

Ludwig, homem de esquerda, sentiu que estava sendo conquistado a contragosto. Quando o Duce manifestou sua admiração por César, o jornalista perguntou se um ditador poderia ser amado.

"Sim", respondeu Mussolini, "desde que as massas tenham medo dele ao mesmo tempo. A multidão ama os homens fortes. A multidão é como uma mulher."[30]

Mais tarde, o Duce explicou melhor sua afirmação. "Para mim, as massas não passam de um rebanho de ovelhas, contanto que não estejam organizadas." Eram incapazes de se autogovernar. Criaturas de sentimento e emoção, não de intelecto, não podiam ser conquistadas com argumentos racionais. "É a fé que move montanhas, não a razão. A razão (...) nunca pode ser a força motriz da multidão. (...) A capacidade de fé do homem moderno é ilimitada. Quando as massas são como cera em minhas mãos, quando mobilizo a sua fé, ou quando me misturo com elas e quase sou esmagado por elas, sinto-me parte delas."

Nesse momento Mussolini fez uma pausa. Havia ocasiões, disse a Ludwig, em que a multidão que ele tinha estimulado lhe causava aversão. "Às vezes, não acontece de o escultor quebrar seu bloco de mármore e reduzi-lo a fragmentos por não conseguir moldá-lo de uma forma que represente a visão que havia concebido?" O que importava era o seguinte: "Tudo depende da capacidade que temos de controlar as massas como um artista."[31]

Mas, àquela altura, Mussolini perdera seu principal vínculo com o mundo da alta cultura, tendo se afastado de Margherita Sarfatti. Já não

sentia necessidade de seus conselhos ou incentivos políticos. A amante não despertava mais sua paixão: passara dos cinquenta anos, estava engordando e sofria de gota.[32] Os americanos ainda não sabiam disso e a viam como uma das pessoas mais chegadas ao Duce. Em 1934, Franklin e Eleanor Roosevelt receberam Sarfatti na Casa Branca, apesar de, na Itália, a estrela dela estar em declínio. Galeazzo Ciano, então subsecretário de Imprensa e Propaganda, mandou tirar de circulação a biografia de Mussolini que Sarfatti escrevera, intitulada *Dux*. Talvez a esposa de Ciano, Edda Mussolini, o tenha pressionado. Ela desprezava as ex-amantes do pai. Seja como for, na esteira do Tratado de Latrão e, mais tarde, quando o Duce tentava causar boa impressão a Hitler, a envelhecida judia passou a ser motivo de constrangimento. Em 1935, ele deu ordem para que a imprensa italiana a ignorasse. Três anos depois, com a entrada em vigor das leis raciais antissemitas, ela fugiu da Itália e foi para a América do Sul. Só voltaria ao país depois da guerra.[33]

Mussolini estava cada vez mais isolado. "No fundo", disse ele a Ludwig, "sempre fui só. Além disso, hoje, embora não esteja na cadeia, sou mais prisioneiro ainda."[34] Mais ou menos na mesma época, ele explicou a um admirador: "É preciso aceitar a solidão. (...) Um chefe não pode ter iguais. Nem amigos. O modesto consolo de trocar confidências lhe é negado. Não pode abrir o coração. Nunca."[35]

O ano de 1932, escreveu um dos primeiros biógrafos de Mussolini, marcou o fim da transição do homem para a máscara, da realidade para a lenda. Ele aprendera a parecer mais alto do que o metro e setenta e dois que tinha, simulando a aparência de um *condottiere* medieval, um chefe militar renascentista. Sua cintura se alargava; apesar da parca dieta, travava uma luta constante contra a tendência da família a engordar e se pesava todos os dias. Mas a constituição mais robusta dava um novo volume ao seu rosto e ajudava a alimentar o efeito de um César moderno.[36]

Um vasto esforço do governo e do Partido Fascista fomentava o culto ao Duce. Em 1929, um observador francês na Itália ficou maravilhado

com a ubiquidade da resoluta face do ditador: "Nas redações, nas confeitarias, nos salões de beleza, nas cabines telefônicas, nas tabacarias (...) é uma obsessão. Faz com que nos perguntemos se ele usa aquela máscara até mesmo quando está dormindo."[37]

Pio XI via esses esforços com algum alarme. Certo dia, durante uma audiência com Cesare de Vecchi, o papa assustou o embaixador ao lhe perguntar se poderia contar com ele para dar um conselho pessoal a Mussolini. Curioso, apesar do nervosismo, De Vecchi concordou.

"Diga ao *Signor* Mussolini em meu nome", começou o pontífice, "que não gosto da sua tentativa de se tornar uma quase divindade, e que isso também não lhe traz benefício algum, muito pelo contrário. Ele não deveria tentar se colocar em um lugar entre o céu e a terra. (...) Peça-lhe em meu nome para refletir sobre o fato de que Deus, Nosso Senhor, é único." Mussolini "só poderia ser um ídolo, um fetiche, um falso deus, ou, mesmo, um falso profeta". Deveria saber, disse o papa, que "cedo ou tarde as pessoas acabam destruindo seus ídolos. Diga-lhe que, se ele não mudar, isto tudo vai acabar mal".

O embaixador, ainda vestido com o terno formal que usava de manhã, correu ao palácio Venezia, onde o Duce lhe deu uma olhada de alto a baixo e soltou uma risada. Constrangido, De Vecchi explicou que tinha ido até lá diretamente do Vaticano para transmitir uma mensagem do papa.

— Acalme-se — disse Mussolini — e me conte tudo. — Enquanto o embaixador fazia o possível para repetir o que Pio dissera, um sorriso metade irônico e metade incrédulo aflorou no rosto do ditador. — Tem certeza de que estas são as palavras do papa? — perguntou o ditador. — Por acaso não acrescentou nada por conta própria?

De Vecchi, agitado, lhe garantiu que não.

— Então me diga — pediu o Duce — o que o senhor acha?

— O mesmo que o papa — respondeu o embaixador. Ou pelo menos foi o que ele afirmou em suas memórias.[38]

Embora o pontífice estivesse preocupado com a crescente idolatria a Mussolini, a maior parte do clero não estava. O exemplo dado em 1933 por um padre de Bérgamo, no nordeste da Itália, talvez seja extremo, mas dá ideia da força do culto ao Duce. Tendo recebido uma foto autografada do ditador como prêmio por um gesto especial de lealdade fascista, o padre escreveu um bilhete de agradecimento: "Beijei aquela figura de sua face pensativa e as letras que sua mão escreveu. (...) Sua imagem (...) será sagrada para mim, e com a ajuda de Deus tentarei jamais fazer qualquer coisa que a desmereça. (...) Duce, a cada dia rezo ao Deus onipotente pelas santas almas de seus pais e Arnaldo (...) e pelo senhor e pela Pátria."[39]

As untuosas preces do padre pela alma do irmão de Mussolini tocaram numa ferida aberta. Num nevoento dia de dezembro de 1931, em Milão, Arnaldo voltava da estação ferroviária para casa quando sofreu um ataque cardíaco fulminante. Tinha apenas quarenta e seis anos. Foi um golpe terrível para Mussolini, que partilhara uma cama com ele quando criança. Não havia ninguém a quem o Duce fosse mais chegado, ninguém em quem confiasse tanto.[40]

Todo dia, às dez da noite, Mussolini e Arnaldo se falavam ao telefone. Discutiam não só o que sairia nos jornais do dia seguinte, mas qualquer outro assunto que viesse à cabeça do Duce. Arnaldo ia a Roma com frequência ver Benito, e não era incomum que o ditador se chateasse e gritasse com o irmão mais novo. Certa vez, informa Navarra, Arnaldo chegou ao palácio Chigi e, talvez para evitar mais uma dessas explosões, pediu para falar apenas com o secretário particular do irmão. Quando Navarra disse a Mussolini que seu irmão estava no prédio, mas não tinha pedido para falar com ele, o ditador, irritado, exigiu que Arnaldo fosse na mesma hora ao seu gabinete. Ele obedeceu. Do lado de fora, Navarra ouviu berros furiosos destinados ao sofrido Arnaldo. Quando o irmão mais novo saiu do escritório, Navarra lhe pediu desculpas por ter mencionado sua presença no prédio.

"Não se preocupe", respondeu ele. "Se as pessoas o conhecessem como eu conheço, não ficariam preocupadas. Ele ladra, mas não morde."[41]

Há quem veja na morte de Arnaldo um momento decisivo para Mussolini. A perda tão súbita e inesperada da única pessoa em quem confiava por completo o deixou mais fechado, mais desconfiado dos indivíduos que o cercavam. "Agora", disse ele no dia do sepultamento do irmão, "só poderei contar comigo mesmo." Poucos dias depois, escreveu para a irmã Edvige: "O golpe foi tão inesperado e terrível que meus nervos vão precisar de muito tempo para recuperar o equilíbrio. Chorei e chorei."[42]

Cada vez mais o Duce ia buscar forças na adulação das multidões. Uma cerimônia realizada em Roma três meses após a morte de Arnaldo foi uma das dezenas desses rituais que alimentavam seu senso crescente de que era um homem destinado a conduzir a Itália a uma nova condição de grandeza. Era o décimo terceiro aniversário da fundação do movimento fascista. Uma procissão infindável de camisas-negras de todas as idades desfilava em formação militar rumo à Piazza Venezia. Um esquadrão de aeronaves sobrevoava a cena, enquanto dezenas de bandas atacavam hinos fascistas. Berros de "alalà!" perfuravam o ar. Às seis da tarde, os aviões sumiram, mas dezenas de milhares de fascistas delirantes ainda enchiam a imensa *piazza*, tremulando seus estandartes. Veteranos da Grande Guerra, e da Marcha sobre Roma, membros de grupos de juventude fascista, operários, universitários, pessoas de todas as faixas etárias e profissões se dirigiram à sacada de onde Mussolini discursaria. Quando a alegre multidão avistou o ditador à janela, braço direito levantado na saudação romana, as bandas tocaram a "Giovinezza", o hino fascista, e milhares de vozes cantaram juntas em santa comunhão.

"Du-ce! Du-ce!", exclamavam todos. Em sua vibrante descrição, *Il Popolo d'Italia*, o jornal de Mussolini, comentou que a manifestação foi como "um imenso rito de fé religiosa". Quando o chamado de "atenção"

soou, o ruído atroador cedeu, e um silêncio estranho e expectante pairou sobre a *piazza*. Mussolini, de uniforme da milícia fascista, a cabeça descoberta, fez o seu discurso, terminando com o refrão que era sua marca registrada: "Para quem é a Itália?" "Para nós!", responderam dezenas de milhares de vozes. Quando ele saiu, a multidão o fez voltar à sacada duas, três vezes, a mão erguida na saudação romana oferecendo uma espécie de bênção. Enfim, desgastados emocionalmente, mas radiantes de energia e orgulho, os fascistas, velhos e jovens, tomaram o caminho de casa. Em todo o país, italianos repetiriam esse rito sem parar nos meses e anos seguintes.[43]

A Igreja desempenhou papel fundamental em conferir ao culto do Duce um sabor religioso, promovendo uma inebriante mistura de rituais fascistas e católicos. Padres eram parte integrante das organizações de juventude fascista; dois mil e quinhentos capelães oficiavam para quatro milhões de membros. Nomeado para supervisionar o trabalho dos capelães, um bispo se dedicava inteiramente à juventude fascista. Eles ajudavam a assegurar que os italianos do futuro vissem sua lealdade à Igreja Católica e sua lealdade a Mussolini e ao fascismo como dois lados da mesma moeda.[44]

Em outubro de 1933, num dos muitos exemplos dessa natureza, cento e cinquenta e dois padres que serviam de capelães da milícia fascista se reuniram no palácio Venezia. Enquanto seu herói assistia, fizeram um tributo musical que haviam preparado para ele, intitulado "Aclamação do Duce".

Vivas ao senhor, indomável Duce
Salvador da nossa terra
Na paz e na guerra
Estamos prontos para seguir o seu comando,
Inspiração e força, guia e luz

Para os novos heróis da Itália, o senhor é o líder
Duce de todos nós, Duce de todos nós![45]

Grandes rituais fascistas começavam, tipicamente, com uma missa pela manhã, celebrada por um padre (nas cidades pequenas) ou por um bispo (em cidades grandes). Em seguida, havia um desfile e um comício, e uma mensagem do Duce era lida. Igrejas e catedrais eram importantes suportes desses ritos, intensificando sua potência emocional. Em 1933, para o aniversário da Marcha sobre Roma, a imagem severa do rosto de Mussolini foi projetada à noite na fachada da catedral de Milão; o semblante espectral ergueu-se, imenso, sobre a multidão. "O papa", observou o historiador europeu Piers Brendon, "dava a impressão de que a Igreja Católica na Itália era o Partido Fascista rezando; e sugeria que era melhor que o cidadão, assim como o crente, cumprisse o seu dever de joelhos."[46]

Os poucos padres que ousavam dizer qualquer coisa ainda que remotamente negativa sobre o regime eram denunciados por fascistas locais. Muitas dessas queixas eram resolvidas por autoridades eclesiásticas regionais, com bispos disciplinando seus padres indóceis. Mas, quando um bispo hesitava, a questão era submetida a Roma. Um dos deveres do embaixador da Itália na Santa Sé era fazer o Vaticano tomar providências quanto a esses relatos. Num caso típico, em novembro de 1932, chegou ao Vaticano uma queixa sobre um pároco na diocese de Cremona. O bispo local recebeu ordem para investigar. Quando ele tentou minimizar a ofensa, o monsenhor Pizzardo lhe informou que sua resposta era inadequada. O bispo deveria instruir o padre a aproveitar a primeira oportunidade "para fazer um discurso dizendo o oposto do que declarou em 4 de novembro e que não causou boa impressão".[47]

Poucos meses depois, Pio XI tomou providências relativas a queixas de que Giovanni Montini, o capelão da organização universitária da Ação Católica, era antifascista, demitindo-o. Ofendido, Montini, cujo pai tinha

sido deputado do Partido Popular, voltou sua ira não contra o pontífice, mas contra Pizzardo, que lhe transmitira a decisão papal. Queixou-se de que Pizzardo o demitira sem "uma palavra de consolo, de estima, de elogio". Poucos anos mais tarde, já menos enamorado de Mussolini, o papa reabilitaria Montini. O desvio de rota em nada prejudicou a carreira do capelão, que três décadas depois subiria ao trono de São Pedro com o nome de papa Paulo VI.[48]

Em 1932, Mussolini anunciou que o aperto de mãos — costume "burguês" — seria substituído pela saudação romana, mais viril. O Duce não só exigia que professores universitários fizessem um juramento de fidelidade fascista, mas também insistia em que usassem camisas negras em dia de formatura. No fim de 1934, todos os professores de ensino primário passaram a ser obrigados a usar camisa negra e uniforme do partido para dar aulas.[49]

No início daquele ano, foi realizado outro plebiscito. O semanário diocesano de Turim expressou o mesmo sentimento que os católicos ouviam de padres e bispos no país inteiro: "Católicos de Turim! Às urnas para dar o vosso consentimento ao governo de Benito Mussolini. (...) O antifascismo acabou."[50] Foi a última eleição que Mussolini se deu ao trabalho de realizar. Dez milhões de italianos votaram sim, apenas quinze mil votaram não.[51]

CAPÍTULO CATORZE

O INIMIGO PROTESTANTE E OS JUDEUS

Na manhã de 11 de fevereiro de 1932, o terceiro aniversário do Tratado de Latrão, uma caravana de quatro limusines pretas abriu caminho até o Vaticano. *Carabinieri* em uniformes festivos seguiram a cavalo entre os carros. Saudados à entrada da Cidade do Vaticano por guardas suíços, os veículos entraram no pátio de São Dâmaso. Ali foram recebidos pelos gendarmes papais, que carregavam uma bandeira papal, e por um contingente da Guarda Palatina de Honra, em suas golas de rufo, com suas alabardas reluzentes presas no flanco. Mussolini surgiu, trajando seu fraque diplomático. Ricos desenhos dourados cobriam suas mangas, e uma larga tira de ouro descia de cada lado da calça. Segurava o chapéu de plumas em uma das mãos, uma espada cerimonial presa à cintura.[1]

Havia meses que a imprensa especulava sobre a visita. Em setembro do ano anterior, três dias após o Duce e Tacchi Venturi assinarem o acordo que punha fim ao conflito em torno da Ação Católica, um título na primeira página do *New York Times* anunciou: "Mussolini visitará o papa esta semana".[2] Depois disso, uma série de reportagens e de despachos diplomáticos informavam que a esperada visita do Duce ao pontífice não demoraria, mas cada data prevista passava sem que o encontro ocorresse.[3] Por fim, o ditador marcou a visita para fevereiro.[4]

Como parte dos preparativos, Pio XI conferiu a Mussolini uma honraria papal especial. Numa manhã de janeiro, Borgongini chegou ao palácio Venezia para a apresentação. O Duce, muito feliz e trajando

roupas formais, recebeu-o com satisfação. O núncio lhe entregou uma carta do pontífice. O ditador estudou o documento com atenção. "Sou um dos poucos italianos que leem e compreendem latim!", gabou-se, implausivelmente. Borgongini deu a Mussolini o presente do papa, a Ordem da Milícia Dourada, um belo colar com uma cruz de ouro. O antigo agitador anticlerical era agora cavaleiro da corte papal.[5]

No dia do histórico encontro com Pio, o Duce chegou com a cruz papal pendurada no peito. Estava adiantado doze minutos e, para o constrangimento de todos, monsenhor Pizzardo, encarregado de recebê-lo, não apareceu. Os guardas papais não tinham ideia do que fazer, além de permanecer em posição de sentido e prestar continência. Junto à porta, tendo a honra de ser uma das primeiras pessoas a verem a chegada de Mussolini, estava a idosa irmã do pontífice. No entanto, ela sem dúvida ficaria quieta. Por fim, Pizzardo apareceu descendo as escadas com pressa, atrasado porque Pio o mantivera na biblioteca para lhe dar instruções de última hora. Acompanhados de gendarmes, guardas suíços e camareiros papais, eles subiram as escadas.



19. Mussolini recepcionado pelo monsenhor Pizzardo ao chegar ao Vaticano para se encontrar com o papa, 11 de fevereiro de 1932

Mussolini subiu a ampla escadaria em curva que conduzia à sala Clementina. O ornamentado salão tinha afrescos renascentistas nos dois terços superiores das imensas paredes e no teto inteiro. Numa das paredes, um friso representava as virtudes cardeais, enquanto um friso na parede contrária representava as virtudes teologais. O afresco *A apoteose de São Clemente*, de Alberti, adornava o teto. Mosaicos coloridos cobriam a parte inferior das paredes e todo o piso da grande sala retangular. As vinte pessoas convidadas para assistir à histórica chegada do Duce pareciam perdidas em meio àquela magnificência.

Contudo, logo o monsenhor Caccia Dominioni, mestre de cerimônias e encarregado de acompanhar Mussolini à biblioteca do papa, entrou na sala para receber o ditador e ficou ao mesmo tempo surpreso e confuso. Entre os homens formalmente vestidos havia uma mulher, uma jornalista estrangeira. Aquilo era impossível. Nenhuma mulher tinha permissão para estar presente numa ocasião como aquela. E o Duce já estava na metade da escadaria.

— *Signorina*, eu lhe suplico que saia imediatamente — pediu Caccia.

A loura enrubesceu de vergonha, mas não saiu.

— Tenho o direito de estar aqui, monsenhor — respondeu ela.

— Aqui quem decide os direitos sou eu — retrucou ele. — A senhora não tem o direito de estar aqui. Cumpro ordens do Santo Padre. — A mulher acenou com o convite, como se o repreendesse. Caccia, ouvindo o grupo de Mussolini subir a escada, ficou mais nervoso e agitado. — *Signorina*, não quero adotar outra coisa que não palavras suaves. Mas, se não sair imediatamente, serei obrigado a agir — ameaçou, olhando para uma dupla de imponentes gendarmes parados ali perto.

Furiosa e humilhada, a mulher cedeu, e um prelado a levou a uma saída nos fundos. Nesse momento, Mussolini entrou, e Caccia o

cumprimentou efusivamente. Os guardas suíços apresentaram suas armas, espadas para o alto.

Caccia conduziu o Duce por uma sequência de salas esplêndidas, cada uma com seu contingente de soldados papais, guardas nobres e altas autoridades da Igreja. Chegaram à sala do Pequeno Trono, e dali o ditador entrou na biblioteca do papa, onde Pio o aguardava.[6] Como fora combinado de antemão por sua própria insistência, Mussolini não se curvou nem beijou o anel do pontífice, reverências normalmente esperadas de um chefe de governo católico. O papa não permitiu fotografias, mas um artista de uma revista popular capturou a cena para o público. Mostrava Pio, de manto branco, solidéu papal e sapatos vermelhos, sentado numa de suas poltronas ricamente estofadas em frente à escrivaninha e voltado para o Duce, que estava sentado de paletó diplomático bordado e calça com tiras douradas, a cruz do papa presa ao pescoço.[7]


LA DOMENICA DEL CORRIERE

Si pubblica a Milano ogni settimana

Supplemento illustrato del "Corriere della Sera"

Anno XXXIV — N. 8 — 21 Febbraio 1932 - Anno X — Centesimi 30 la copia

Lo storico colloquio dell'11 febbraio tra Pio XI e Mussolini

(Disegno di A. Beltrame)

20. Mussolini e Pio XI na biblioteca do papa, 11 de fevereiro de 1932

O encontro histórico teve cobertura da imprensa mundial. "O papa e o Duce se dão as mãos em pacto de amizade", dizia a manchete do *Chicago Daily Tribune*. O título na primeira página do *New York Times* declarava: "Papa e Mussolini se aproximam em encontro no Vaticano".[8] Mas a melhor descrição que temos do encontro — a única vez em que os dois homens se reuniram na vida — vem do próprio ditador, que redigiu à mão um relato para o rei.

Pio XI convidou-o a se sentar, perguntando como a filha do Duce, Edda, estava se sentindo em Xangai, onde o marido servia como cônsul italiano.

Depois de algumas amabilidades desse tipo, o pontífice tocou no assunto que considerava mais premente. "O proselitismo protestante", disse ele ao surpreso Mussolini — que não esperava que esse tema estivesse no topo da agenda daquele encontro — "está avançando em quase todas as dioceses da Itália, como mostra um estudo que encomendei aos bispos. Os protestantes estão cada vez mais audaciosos e falam de 'missões' que pretendem organizar na Itália". O papa disse que eles tiravam proveito da linguagem infeliz da concordata, que se referia a religiões não católicas como cultos "permitidos". Pio se opusera a essa frase, preferindo que fossem descritas como "toleradas".

O Duce observou que havia apenas cento e trinta e cinco mil protestantes na Itália, trinta e sete mil deles estrangeiros — grãos de areia entre os quarenta e dois milhões de católicos.

O pontífice admitiu que os protestantes eram pouco numerosos, mas argumentou que, apesar disso, representavam uma grande ameaça. Entregou ao ditador um longo relatório sobre o assunto. Nos anos seguintes, bombardearia Mussolini com pedidos para conter os protestantes.

A conversa então se voltou para o recente conflito sobre a Ação Católica, e neste ponto temos que tratar com cautela as palavras que, segundo Mussolini, o papa teria dito. Depois de manifestar contentamento com a solução amistosa da disputa, Pio acrescentou (de acordo com o Duce): "Não vejo, no complexo de doutrinas fascistas — que tendem a afirmar os princípios da ordem, da autoridade e da disciplina —, nada que seja contrário aos ensinamentos católicos."

O papa disse ainda que compreendia o princípio do "fascismo totalitário", mas só no tocante ao reino material. Havia também necessidades espirituais, afirmou, e para essas o que se fazia necessário era o "totalitarismo católico".

"Concordei com a opinião do Santo Padre", comentou Mussolini. "Estado e Igreja operam em dois 'planos' diferentes e, portanto, uma vez delimitadas as esferas recíprocas, podem colaborar um com o outro."

Por fim, o pontífice expressou seu pesar com o que acontecia na Rússia, onde, disse ele, os bolcheviques estavam empenhados em destruir o cristianismo. "Por baixo disso", afirmou Pio, "há também o desprezo anticristão do judaísmo." Ele recordou a época em que era núncio na Polônia: "Vi que em todos os regimentos bolcheviques os comissários civis eram judeus." O papa achava que os judeus da Itália eram exceção. Falou com afeto ao Duce de um judeu de Milão que dera um grande presente para a Igreja e da ajuda que recebera do rabino de Milão na decifração de "certas nuances do idioma hebraico".

No fim do encontro, Pio presenteou Mussolini com mais três medalhas papais.[9] O Duce então se dirigiu ao escritório da Secretaria de Estado, onde passou vinte minutos com o cardeal Pacelli. Em seguida, foi escoltado até a basílica de São Pedro, para se ajoelhar perante o altar da Madona. Quando fotógrafos de jornal tentaram bater uma foto sua rezando, ele se levantou no mesmo instante e os enxotou. "Não. Não. Quando alguém está rezando", disse, "não deve ser fotografado."[10] Ninguém poderia fotografar o ditador de joelhos.

Mussolini chegou em casa muito bem-disposto. Ansiosos para ouvir os detalhes da visita, os filhos se reuniram à sua volta. Rachele não ficou tão impressionada, interrompendo o relato entusiasmado do marido para perguntar, cáustica: "Você beijou-lhe também os pés?" Assim, abruptamente, a narrativa do Duce terminou.[11]



21. Mussolini no Vaticano, logo após a reunião com o papa, 11 de fevereiro de 1932; na frente, a partir da esquerda: monsenhor Caccia Dominioni, Cesare de Vecchi, Mussolini

No mês seguinte, numa orgia de títulos honoríficos, Mussolini e o rei retribuíram as honras. Concederam ao cardeal Pacelli a Ordem Suprema da Santíssima Anunciação — a mais alta condecoração da Itália, que fazia dele "primo" do rei — e conferiram a Grã-Cruz dos Santos Maurício e Lázaro a Pacelli e a dois subsecretários de Estado, os monsenhores Pizzardo e Ottaviani. Contudo, o que mais chamou a atenção do clero foi a honraria concedida a alguém que não tinha nenhum cargo oficial na Santa Sé: o padre Pietro Tacchi Venturi também recebeu a Grã-Cruz.[12]

O papa embarcou num período de colaboração com o ditador italiano. Para o bispo de Nice, que estava em Roma, Pio explicou que era graças a Mussolini que a Igreja Católica ocupava novamente uma posição de poder na Itália. Quando o bispo lembrou-lhe da contundente batalha em torno da Ação Católica, o pontífice culpou os anticlericais que cercavam o Duce. "Ainda o vejo", disse o papa, "sentado na mesma cadeira onde o senhor está, dizendo-me: 'Reconheço que cometemos alguns erros, mas tive que lutar contra todos os meus auxiliares.'"[13]

★ ★ ★

NAQUELE MESMO ANO, o papa comemorou seu septuagésimo quinto aniversário, desencadeando uma enxurrada de admiração na imprensa mundial. Num longo artigo, a revista do *New York Times* se manifestou efusivamente sobre a "surpreendente descoberta" de que, por trás da "tranquila erudição do chefe da Biblioteca do Vaticano, havia traços de um inato condutor de homens". (O perfil do *Times* ecoava, sem saber, um comentário feito por Cesare de Vecchi depois de um encontro com o papa, três anos antes: "Todas as vontades cedem perante a do Santo Padre", disse ele, acrescentando que não tinha dificuldade em imaginar Pio XI à frente de um governo ou de um exército. "Toda intriga possível se desmancha em contato com esse bloco de granito.")[14] Pio ainda caminhava vigorosamente como um homem muito mais jovem, afirmava o artigo do *Times*, e passava quase todas as horas de vigília trabalhando.[15]

O papa sem dúvida mantinha uma programação sufocante. Durante o Ano Santo de 1933-1934, dois milhões de peregrinos foram a Roma, e ele se encontrou com muitos deles, dando inúmeros discursos e celebrando incontáveis missas. Assinalando o aniversário de mil e novecentos anos da crucificação, o Ano Santo foi de Páscoa a Páscoa.[16]

Pio XI não era um destacado orador. Em audiências públicas, improvisava seus comentários enquanto ia falando, sempre num lento *staccato*, pausando aqui e ali para ponderar cada novo pensamento. Referia-se com frequência à "Casa do Pai" ou "ao Pai Comum dos fiéis". Outras vezes tirava vantagem de um dia santo, ou explorava alguma característica — nacional ou profissional — do grupo de visitantes para desenvolver seu tema. Tinha uma merecida reputação de prolixidade, e, devido à extensão de seus discursos, ao tamanho das multidões que atraía e ao calor muitas vezes sufocante, não era raro alguém na plateia desmaiar antes que ele terminasse. Durante a Quaresma de 1934, discorreu para um grupo de pregadores sobre a virtude de fazer sermões curtos — falando durante quarenta e cinco minutos para dar esse recado.[17]

Cardeais da Cúria e outros prelados do Vaticano continuavam a viver com medo dele. O pontífice, observou o arcebispo de Paris, nunca admitia um erro e tinha o hábito de proferir frases incisivas que considerava verdades inquestionáveis. Gaetano Bisleti, o venerável cardeal que coroou Ratti com a tiara papal em 1922, preparava-se para as audiências com ele indo à sua capela favorita no Vaticano, ajoelhando-se no piso de mármore e rezando para que o papa não encontrasse falhas no que ele tinha a dizer. Monsenhor Alberto Mella, que, após a nomeação de Caccia como cardeal, tornou-se mestre de cerimônias, rezava para todos os santos do céu antes de entrar no estúdio de Pio, na esperança de que o papa não achasse que ele estava pedindo demais. Numerosos cardeais, temendo aproximar-se do pontífice e atrair sua ira, recorriam a Pacelli, na esperança de que ele usasse suas habilidades diplomáticas para conseguir o que queriam de Pio.[18]

No entanto, o papa conhecia o valor da palavra branda, em especial quando lidava com leigos. Um visitante que estivesse na presença do pontífice no palácio Apostólico fazia três genuflexões. Esperava-se que não católicos se curvassem como os católicos, o que não era fácil para

alguns. Certo dia, um grupo de protestantes visitou o papa. Todos se apoiaram em um joelho, exceto um homem que, pouco à vontade, continuou desafiadoramente em pé, apesar de ligeiramente instável. Os ajudantes do papa ficaram tensos, trocando olhares furtivos para decidir quem resolveria a situação. Mas, enquanto hesitavam, Pio foi até o retardatário e perguntou: "Não quer receber a bênção de um simples velho?" Isso foi demais para o recalcitrante, que também dobrou o joelho.[19]

Na tradição dos monarcas europeus, o papa conservava sacolas de dinheiro nas gavetas da biblioteca para dar a suplicantes merecedores. Domenico Tardini, subsecretário de Pizzardo na Congregação para Assuntos Eclesiásticos Extraordinários, estava incumbido de coordenar o socorro aos russos e, com frequência, precisava pedir dinheiro. Prelado romano de baixa estatura, queixo quadrado e bastos cabelos negros lanosos, Tardini era bastante sensível aos ânimos do pontífice. "Às nove com o papa, outra hora de audiência", escreveu em seu diário em 9 de abril de 1934. "Hoje também ele está de excelente humor: o infalível termômetro cuja escala é o tamanho das doações que faz." Enquanto Tardini explicava melhor o seu pedido, Pio XI, absorto, arrumava as moedas de ouro que havia tirado da gaveta, organizando-as por tamanho em pilhas sobre a mesa.

Quando estava bem-disposto, o papa, não muito conhecido pelo senso de humor, era capaz de fazer comentários espirituosos. No começo daquele ano, ele convocara com urgência o embaixador francês para discutir um assunto que o preocupava. Ao chegar, o embaixador pediu desculpas por não estar usando seus costumeiros trajes formais. O papa sorriu: "Sim, eu sei", disse. "Em geral o senhor aparece encadernado em couro. Hoje veio de brochura."[20]

Noutras ocasiões, Pio XI era mais irritável. "Hoje", escreveu Tardini em 5 de outubro, "o papa está mais pronto do que nunca a contradizer e se opor. Tudo depende do seu estado de espírito, de alguma dolorosa

experiência do passado, da (...) má digestão, não sei. Mas o certo é que o papa está sempre pronto a desconfiar e a fazer exatamente o oposto do que alguém lhe sugerir." Tardini, que o conhecia bem, encontrou uma solução. Quando estava de mau humor, o pontífice fatalmente negava qualquer pedido. Por isso, nesses dias, Tardini propunha o contrário do que desejava, na certeza de que teria êxito. Pelo menos era o que dizia. "Foi o que fiz hoje", escreveu em seu diário, "e com excelentes resultados."[21]

Embora cumprisse uma sufocante rotina de trabalho, Pio tinha suas modestas diversões. Amante da ordem, mantinha cada objeto em sua mesa no lugar apropriado e não desperdiçava nada. Chegava a guardar um monte de fitas tiradas dos pacotes que abria. Filho de um gerente de fábrica de tecidos, adorava pequenos projetos mecânicos. Durante anos, conservou uma minúscula chave de fenda na escrivaninha, para tentar consertar relógios. Quando um borrifo de óleo ou uma gota de tinta sujava sua túnica branca, ele fazia o possível, se ninguém estivesse olhando, para limpá-la aos esfregões.[22]

Agora que já não precisava se apresentar como "prisioneiro do Vaticano", Pio descobrira outra diversão. Em 10 de julho de 1933, numa carruagem com as cortinas fechadas, saiu de Roma pela primeira vez, com destino à propriedade papal em Castel Gandolfo, nas colinas Albanas. O ar puro e ameno da região, os vinhos famosos e a beleza natural atraíam distintos romanos até lá desde os tempos antigos. A propriedade papal não era utilizada desde 1869. Em sua primeira visita, o Santo Padre inspecionou as obras de restauração. A partir do ano seguinte passou a permanecer ali nos verões, a princípio durante dois meses, em 1934 e 1935, depois por períodos mais longos. Em seu palácio de veraneio, todo dia os assistentes lhe traziam documentos para examinar, e ele concedia audiências. Mas o ritmo era bem mais lento. Passeando pelos amplos jardins, o papa podia contemplar, cem metros abaixo, o lago formado pela boca de um vulcão fora de atividade. Respirar ar puro e se

sentir perto da natureza lhe davam grande prazer, evocando lembranças da vida na cidade pequena que deixara para trás.[23]

★ ★ ★

MUSSOLINI NÃO DEVERIA ter ficado surpreso com a insistência de Pio em obter sua ajuda no combate à ameaça protestante.[24] Na esteira da concordata, o papa ficara insatisfeito com as novas instruções divulgadas pelo governo, especificando como as religiões não católicas deveriam ser tratadas. "Eu disse ao chefe do governo", lembrava-se o núncio, que levou a Mussolini a queixa do papa, "que o desejo de equiparar a Religião Católica aos cultos protestantes, parasitas que vivem de prejudicar a verdadeira religião, não era apenas inteiramente injusto, mas ofensivo para nós."[25] No ano seguinte, 1931, o papa mandou o núncio voltar para renovar suas súplicas. A propaganda protestante, disse ele ao Duce, representava o maior perigo que o país tinha diante de si. O governo precisava agir com mais agressividade contra ela.[26]

Ao tentar fazer com que o regime contivesse os protestantes, o pontífice buscava argumentos que, a seu ver, pudessem agradar a Mussolini. Nenhum lhe parecia mais promissor do que afirmar que a lealdade à Igreja Católica e ao regime fascista eram uma coisa só. O protestantismo, insistia o papa, era anti-italiano, uma força estrangeira que representava um grande perigo tanto para o Duce quanto para a Igreja.

Membros da Ação Católica estavam sempre atentos a sinais de atividade protestante. Num caso típico, em maio de 1931, os líderes da organização numa cidade no centro da Itália escreveram a Mussolini denunciando um homem que distribuía literatura protestante. Pediram ao Duce que tomasse providências para que "a propaganda protestante seja proibida em qualquer forma".[27]

De sua parte, Mussolini relutava em acabar com reuniões protestantes e confiscar sua literatura. Em novembro de 1932, quando o papa mais

uma vez mandou o núncio exigir ação, o Duce o interrompeu. "É melhor não exagerar", respondeu o ditador, impaciente. A campanha causava má impressão em líderes de países protestantes, observou ele — que estavam horrorizados com as histéricas arengas antiprotestantes do jornal do Vaticano.[28]

Sem se deixar abater, poucos meses depois o papa reiterou sua convicção de que os protestantes da Itália eram "a grande cruz" que ele tinha que carregar. Ao ouvir essa declaração do núncio, Mussolini repetiu que havia poucos protestantes na Itália. Em mais uma vez isso não satisfez nem um pouco o pontífice.[29]

Embora o núncio Borgongini fosse o principal enviado do papa nesses esforços, Tacchi Venturi também teve seu papel. Passaria anos tentando convencer o Duce de que uma vasta conspiração maligna, encabeçada pelos protestantes e pelos judeus, estava agindo tanto contra o ditador fascista quanto contra a Igreja Católica.[30] Ele recorria a uma rede de informantes para saber das notícias mais recentes sobre essa trama secreta. Em junho de 1933, mandou uma cópia de um desses relatórios ao cardeal Pacelli.

"Acredito que, ao lhe comunicar as informações em anexo, não estou sendo incoveniente", escreveu Tacchi Venturi num bilhete. Sobre a exatidão do relatório, disse a Pacelli: "Não acredito que seja possível ter quaisquer dúvidas, pois o autor é não apenas tão honesto quanto se pode ser, como também está situado numa posição especialmente favorável para saber do que está falando."

O informante secreto de Tacchi Venturi contava que, pouco tempo antes, tinha visto uma circular do ministro do Interior endereçada a todos os prefeitos da Itália, recomendando-lhes que ficassem de olho na atividade política dos padres. Isso lhe pareceu estranho, dizia, pois "o mundo inteiro sabe do grande entusiasmo com que todo o clero, todas as associações católicas italianas e todos os católicos da Itália amam o Duce e o Regime".

Havia apenas uma explicação para o fato de o governo estar desperdiçando recursos nessa vigilância: "No centro do governo, ou seja, nos ministérios, existem altos funcionários burocráticos judeus ou maçons, cujo objetivo é fazer com que os prefeitos pensem que o clero e os católicos deveriam sempre ser considerados (...) inimigos!"[31] Em vez de perder tempo investigando padres, disse ele, as autoridades governamentais deveriam examinar "as formidáveis, dissimuladas e subversivas atividades dos judeus, dos maçons e dos protestantes, que, disfarçados de admiradores do fascismo, tornaram-se praticamente os senhores feudais da Itália, como nunca o foram no passado". Mussolini precisava ser avisado.[32]

★ ★ ★

A ACUSAÇÃO DE que judeus eram uma força maléfica por trás de uma conspiração mundial contra o cristianismo e a civilização europeia era ouvida no Vaticano havia muito tempo; os jesuítas de *La Civiltà Cattolica* estavam entre os seus mais ávidos proponentes.

Um artigo intitulado "A revolução mundial e os judeus" fora publicado na revista supervisionada pelo Vaticano no fim de outubro de 1922, quando os fascistas marchavam sobre Roma. Descrevia um mundo caótico, onde forças secretas orquestravam greves e agitações trabalhistas tendo como objetivo a revolução comunista. As massas crédulas que participavam dessas revoltas eram simples burros de carga, manipuladas por um poder oculto que, pelo que apontavam indícios contundentes, vinha "do gueto".

O futuro do mundo, advertia o artigo, seria determinado pela batalha então travada na Rússia. Os líderes do reino de terror bolchevique não eram "russos nativos", mas "intrusos judeus" que mascaravam de modo malicioso a verdadeira identidade atrás de pseudônimos de aparência eslava. Uma lista dos quinhentos e quarenta e cinco mais altos

funcionários do regime bolchevique revelava, segundo o autor, que os verdadeiros russos não passavam de trinta. "Os da raça judaica totalizam quatrocentos e quarenta e sete"; o resto era uma miscelânea de nacionalidades. Em suma, embora os judeus fossem menos de cinco por cento da população russa, "essa minúscula minoria hoje invadiu todas as avenidas do poder e impõe sua ditadura ao país".[33]

O artigo de 1922 tinha grande significado, pois seu argumento seria usado pelos nazistas como justificativa central para sua campanha antissemita. Adotado por publicações da Igreja em toda a Itália e mais além, o mito de que os líderes revolucionários russos eram quase todos judeus — e não "russos de verdade" — tornou-se uma das mais importantes e mortais justificativas para ações governamentais contra a população judaica da Europa.[34]

A edição seguinte de *La Civiltà Cattolica*, a primeira a ser publicada depois que Mussolini chegou ao poder, trazia notícias da Áustria sob o título "Socialismo judaico-maçônico tiraniza Áustria". Depois da Grande Guerra, informava a revista, as dezenove lojas maçônicas de Viena haviam formado uma Grande Loja. "Todos os seus altos funcionários, sem exceção, eram judeus." O objetivo era governar o mundo "sob a dominação dos maçons, estes também sob o poder dos judeus". Se os judeus da capital austríaca impusessem sua vontade, advertia a publicação, "Viena não passará de uma cidade judaica, casas e bens serão todos tomados por eles, os judeus serão chefes e senhores, e os cristãos, seus servos". A Áustria, concluía *La Civiltà Cattolica,* "será absolutamente súdita, tributária e escrava dos judeus; em resumo esta é a ideia norteadora dos nossos líderes socialistas judaico-macônicos".[35]

Essa crença numa conspiração mundial de judeus, maçons e protestantes não era compartilhada por Mussolini na época, mas nos anos seguintes o enviado jesuíta do papa, Tacchi Venturi, faria de tudo para convencê-lo a ver o mundo sob essa ótica.[36]

Em 1925, na Romanha, região natal de Mussolini, a revista oficial da Ação Católica, *La Risveglia*, publicou uma série de artigos advertindo contra a ameaça judaica. Judeus e maçons, alertava a publicação, controlavam em sigilo as finanças internacionais e estavam "tentando, com ganância satânica, sugar toda a energia do espírito cristão". Enquanto não se rebelassem contra esses agentes de satanás, os cristãos continuariam a ser explorados. Em outro artigo, provavelmente calcado na matéria de 1922 de *La Civiltà Cattolica*, a revista da Ação Católica culpava os judeus pela Revolução Russa e pelo comunismo. "Os judeus, adoradores do ouro, sonham em esmagar o espírito indomável de Cristo", advertia. Adotando a acusação medieval de que os judeus realizavam rituais envolvendo sacrifícios humanos, *La Risveglia* os taxava de "sugadores insaciáveis de sangue cristão".[37] Outros artigos publicados naquele ano reproduziam a falsa acusação de que a grande maioria dos "comissários" do governo russo era formada por judeus, descritos como "raça" parasita, cujo objetivo era atormentar cristãos e reduzi-los a escravos.[38]

Durante décadas, o Vaticano havia satanizado aqueles que julgava os beneficiários do vilipendiado Iluminismo: liberais, maçons, judeus e protestantes. Apresentava-os como agentes diabólicos que buscavam enfraquecer a fé do povo na única religião verdadeira. Em toda a Itália, a imprensa católica atiçava esse temor.[39] Pio XI compartilhava amplamente dessa visão de mundo. Em sua encíclica *Mortalium animos*, de 1928, proibiu os católicos de fazerem parte de grupos que incentivassem o diálogo entre as religiões.

Em março de 1928, o Santo Ofício da Inquisição — chefiado pelo papa — ordenou a dissolução da organização católica internacional chamada Amigos de Israel. Lançado dois anos antes, o grupo adotava a meta, aceita pela Igreja, de converter os judeus. Entre seus membros havia não apenas milhares de padres, mas duzentos e setenta e oito bispos e dezenove cardeais.

No entanto, seus líderes logo cruzaram a fronteira do que o Vaticano considerava aceitável. Para convencer os judeus a se converterem, eles achavam importante tratá-los com respeito. Criticavam tanto o ensinamento tradicional da Igreja de que os judeus eram assassinos de Cristo amaldiçoados por Deus quanto a crença popular de que os judeus eram obrigados a beber o sangue de crianças cristãs como parte dos ritos da Páscoa judaica.

O cardeal Merry del Val, antigo secretário de Estado e, na ocasião, secretário do Santo Ofício, comandou o ataque do Vaticano aos Amigos de Israel. Ficou indignado com o pedido do grupo de que a frase "pérfidos judeus" fosse eliminada das orações da Sexta-Feira da Paixão. Em fevereiro de 1928, notificou os funcionários de que a organização só poderia continuar existindo caso se restringisse a rezar pela conversão dos judeus, abandonando suas outras atividades. Os Amigos de Israel tinham se tornado um joguete dos judeus, advertiu o cardeal, uma ferramenta involuntária da trama judaica malévola para "penetrar na sociedade moderna em todos os lugares" e na tentativa de "reconstituir seu reino de Israel em oposição ao Cristo e sua Igreja". Num encontro com o papa no começo de março, Merry del Val descobriu que Pio XI concordava com sua opinião de que "por trás dos Amigos de Israel veem-se a mão e a inspiração dos próprios judeus".[40]

O papa também julgava importante agir, mas temia que banir uma organização da Igreja chamada Amigos de Israel o expusesse a acusações de antissemitismo. Insistiu em que se acrescentasse ao decreto de dissolução do grupo uma passagem declarando que a Igreja se opunha ao antissemitismo.[41] Para garantir que os fiéis entendessem o que o decreto significava, pediu a Enrico Rosa, seu conselheiro de confiança e antigo editor de *La Civiltà Cattolica*, que explicasse os fundamentos da decisão nas páginas da revista.

O decreto de dissolução, escreveu Rosa em "O perigo judaico e os 'Amigos de Israel'", condenava o antissemitismo "em sua forma e em seu

espírito anticristãos". Ele explicou que, "na penosa luta contra o perigo judaico", *La Civiltà Cattolica* "sempre teve o cuidado de equilibrar caridade e justiça, evitando e (...) explicitamente combatendo os excessos de antissemitismo". Mas a Igreja também precisava se proteger "com igual diligência do grande perigo que os judeus representavam". Os católicos não podiam ignorar esse perigo. No século XIX, os judeus tinham conquistado direitos iguais — decisão o que a Igreja se opunha havia muito tempo; desde então, eles tinham ficado "ousados e poderosos, tornando-se, sob o pretexto da igualdade, cada vez mais predominantes e privilegiados, em especial na esfera econômica".

Rosa culpou os judeus pelas revoluções Francesa e Russa. Advertiu que, em face da ameaça judaica, os governos da Europa se comportavam com uma negligência incompreensível. Como resultado, os judeus haviam estabelecido sua "hegemonia em muitos setores da vida pública, em especial na economia e na indústria, assim como nas altas finanças, onde consta que detêm um poder ditatorial. Ditam leis a países e governos, em questões políticas e financeiras, sem temer quaisquer rivais". Em toda a Europa, concluía, os judeus trabalhavam "maquinando para alcançar a hegemonia mundial".[42]

★ ★ ★

OS JUDEUS E os protestantes da Itália se sentiam cada vez mais marginalizados. A situação da amante de Mussolini, Margherita Sarfatti, era um bom termômetro: percebendo que a identificação do regime com o catolicismo se estreitava, ela decidiu se batizar. Tacchi Venturi realizou a cerimônia em 1928, e os dois filhos dela logo seguiram seus passos.[43]

Em 1933, a imprensa fascista acatava as advertências da imprensa católica sobre uma conspiração judaica contra a Igreja e o Estado fascista. Um jornal genovês, depois da obrigatória ressalva de que nada tinha contra os judeus como indivíduos, proclamou a necessidade "de

combater o sectarismo internacional judaico-sionista-maçônico-bolchevique, que constitui uma imensa e poderosa realidade, operando em detrimento da civilização cristã".[44]

Enquanto Tacchi Venturi se concentrava no perigo judaico, o papa estava mais preocupado com a ameaça representada pela difusão do comunismo.[45] Em 1932, o novo embaixador francês, François Charles-Roux, prestando informações ao ministro do Exterior da França, escreveu sobre a "mania" papal de continuamente advertir sobre o perigo comunista. Aturdidos com o dramático êxito dos nazistas na recente eleição na Alemanha — o Partido Nazista se tornara o maior do país —, os franceses estavam mais ansiosos para discutir a ameaça representada por Hitler. Mas Pio insistia que era com a ameaça comunista, e não com a ascensão dos nazistas, que a França deveria se preocupar.[46]

Ainda naquele ano, depois que Franklin Roosevelt foi eleito para a presidência dos Estados Unidos, o papa ouviu rumores de que o novo presidente talvez conferisse reconhecimento diplomático à União Soviética. Temia que esse reconhecimento a Moscou viesse a dar grande impulso à propaganda comunista nos Estados Unidos. Pio mandou Pacelli entrar em contato com o delegado apostólico em Washington. A pressão da Igreja americana seria mais eficiente do que a do Vaticano, explicou, sugerindo que o cardeal Patrick Joseph Hayes, arcebispo de Nova York, abordasse Roosevelt em nome da hierarquia eclesiástica americana.[47]

Enquanto isso, o pontífice continuou insistindo para que o governo fascista restringisse os direitos protestantes na Itália. Até aquele momento, a polícia tinha permitido que os protestantes se reunissem em particular, de preferência em suas próprias casas, proibindo qualquer encontro público. Mas em 1934, em resposta à contínua pressão do papa, o governo concordou em proibir as reuniões particulares também, caso o objetivo delas fosse atrair novos adeptos.

Para a infelicidade de Pio, os juízes hesitavam em aplicar a nova proibição. Argumentavam que ela entrava em conflito com a constituição

italiana e com a referência a "cultos admitidos" do texto da concordata. O papa mandou o núncio se queixar ao ministro da Justiça, que foi receptivo, mas disse que havia pouco que pudesse fazer. Infelizmente, explicou, os juízes às vezes decidiam casos por conta própria.[48]

★ ★ ★

PIO TEVE MAIS êxito em outra frente. Pouco depois de assumir o poder, como vimos, Mussolini decidira exigir o ensino da religião católica nas escolas primárias; a concordata de 1929 estendia a exigência às escolas secundárias. Mas o papa não gostou nem um pouco quando soube que o governo planejava permitir que as escolas secundárias com um número suficiente de alunos não católicos os instruíssem em sua própria religião. Em março de 1933, o superintendente escolar de Turim estava prestes a autorizar o rabino-chefe da cidade a dar aulas de religião a estudantes judeus. Pio comunicou a Mussolini a sua insatisfação. De modo significativo, não se concentrou nos judeus, e sim nos protestantes. "Vossa Excelência não deixará de ver a gravidade da questão", escreveu o cardeal Pacelli ao embaixador italiano em nome do Santo Padre, "quando refletir sobre o fato de que, se esse precedente for aberto, haverá o perigo de um pedido idêntico da parte dos protestantes."[49]

Depois desse protesto, o governo revogou a autorização dada ao rabino em Turim e suspendeu uma autorização similar já em vigor para o rabino de Milão.[50] Pio XI contou ao Duce sobre o "grande prazer" que sentira ao saber da notícia.[51]

CAPÍTULO QUINZE

HITLER, MUSSOLINI E O PAPA

Enquanto Mussolini exibia um busto de Napoleão em seu estúdio, Adolf Hitler, que se tornou chanceler da Alemanha em janeiro de 1933, mantinha, havia muito, um busto de Mussolini no seu.[1] O Duce era, para ele, o exemplo a ser seguido. Pouco depois da cerimônia de posse, Hitler mandou uma mensagem ao italiano: fascismo e nazismo tinham muitas coisas em comum. Ele esperava fortalecer os laços entre a Itália e a Alemanha.[2]

Mussolini gostava da adulação, mas tinha dúvidas sobre seu seguidor. Hitler era "um sonhador", mais apto para fazer discursos inflamados do que para governar. Já Hermann Göring era um "ex-paciente de manicômio". Os dois, achava o Duce, sofriam de complexo de inferioridade.[3]

"Hitler é um agitador simpático", disse o cardeal Pacelli, "mas é cedo demais para dizer se é um homem de governo."[4]

Fazia muito tempo que chefes da Igreja alemã desconfiavam do extremo nacionalismo de Hitler, que para eles beirava o paganismo.[5] Mas o líder nazista, ciente de que um em cada três alemães era católico, estava ansioso para conquistar o apoio do Vaticano. Assim como o Partido Popular católico havia atrapalhado os planos de Mussolini na Itália, o Partido do Centro Católico atrapalhava as aspirações de Hitler na Alemanha. Menos de um mês depois que Hitler assumiu o poder, o embaixador alemão assegurou a Pacelli que o novo chanceler queria

manter boas relações com a Santa Sé. Afinal, observou o embaixador, Hitler era católico.[6]

O papa também tinha dúvidas sobre os nazistas. "Com os hitleristas no poder", perguntou Pio XI na primavera anterior, "o que se pode esperar?"[7] Mas, semanas após a nomeação do novo chanceler, o pontífice começou a vislumbrar alguma esperança. "Mudei de opinião sobre Hitler", disse ele ao surpreso embaixador francês no começo de março. "É a primeira vez que uma voz de governo se ergue para denunciar o bolchevismo em termos tão categóricos, unindo-se à voz do papa."

"Aquelas palavras", recordou o embaixador francês Charles-Roux, "pronunciadas com voz firme e uma espécie de arrebatamento, me mostraram como o novo chanceler alemão tinha atraído a atenção de Pio XI ao lançar uma declaração de guerra até a morte contra o comunismo."[8] O enviado da Grã-Bretanha no Vaticano também notou que o pontífice parecia obcecado com a ameaça comunista. Era impossível compreender as ações do papa, afirmou ele, sem levar isso em conta.[9]

A opinião surpreendentemente positiva de Pio sobre Hitler produziu consternação e confusão entre os chefes da Igreja alemã. Na campanha para as eleições de março de 1933, os bispos alemães tinham sido unânimes ao denunciar os nazistas e apoiar vigorosamente o Partido do Centro. Em 12 de março, o papa teve um encontro com o cardeal Michael von Faulhaber, arcebispo de Munique, para lhe falar da necessidade de uma mudança de curso. Ao voltar à Alemanha, o arcebispo informou aos colegas: "Meditemos sobre as palavras do Santo Padre, que, num consistório, sem mencionar o seu nome, indicou Adolf Hitler perante o mundo inteiro como o estadista que primeiro, depois do próprio papa, ergueu a voz contra o bolchevismo." Em 23 de março, o chanceler alemão retribuiu o apoio do papa declarando que as igrejas cristãs eram "os fatores mais importantes de preservação da nossa identidade nacional". Comprometeu-se a proteger "a influência a que

têm direito as confissões cristãs na escola e na educação". Dois dias depois, falando com o cardeal Pacelli, Pio manifestou seu apreço pelo que Hitler dissera, elogiando suas "boas intenções". No fim do mês, os bispos alemães anunciaram que já não se opunham ao líder nazista.[10]

Em maio, Charles-Roux voltou a comentar a nova opinião positiva do papa sobre Hitler. "O pontífice, impulsivo por natureza e obcecado com sua fobia ao comunismo", observou o embaixador francês, "permitiu-se um momento de entusiasmo" pelo líder nazista. Cientes da importância do apoio da Igreja, autoridades do governo italiano dividiram com homólogos nazistas suas próprias "receitas" de sucesso para obter a aprovação do Vaticano.[11]

O papa estava ansioso para chegar a um acordo com o governo nazista que preservasse a influência da Igreja na Alemanha. O cardeal Pacelli, hábil negociador, via o Partido do Centro como uma das principais moedas de troca da Santa Sé. Ele acreditava que, ao se oferecer para suspender o apoio ao partido, o Vaticano poderia obter garantias que protegessem os direitos de associações católicas na Alemanha. Mas não contava com o efeito abrupto que a retirada do apoio dos bispos teria sobre o Partido do Centro. Antes que Pacelli chegasse a um acordo com Hitler, o partido anunciou a própria dissolução.[12]

Em julho, o cardeal conduziu o vice-chanceler alemão, Franz von Papen, até seu apartamento no Vaticano. A concordata que assinaram ali garantia à Igreja alemã o direito de cuidar dos próprios assuntos e oferecia proteções a padres, ordens religiosas e propriedades da Santa Sé. Contudo, boa parte da sua redação, em especial no que dizia respeito a associações e escolas católicas, era vaga.[13]

Heinrich Brüning, líder do Partido do Centro que servira como chanceler da Alemanha de 1930 a 1932, ficou furioso. Esbravejou que o Vaticano tinha traído o partido católico e se aliara a Hitler. Responsabilizou o cardeal Pacelli, que, segundo ele, não compreendia a natureza do nazismo. A fé de Pacelli no "sistema de concordatas",

escreveria Brüning em suas memórias mais adiante, "levou-o, e ao Vaticano, a desprezar a democracia e o sistema parlamentar".[14]

★ ★ ★

O PAPA LOGO percebeu que seu "pacto com o diabo" — como o historiador Hubert Wolf o descreveu — não traria os resultados esperados.[15] Ao mesmo tempo em que assinaram a concordata, os nazistas puseram em vigor a Lei para a Prevenção de Descendentes Hereditariamente Doentes, determinando a esterilização compulsória de pessoas consideradas defeituosas — em clara divergência com a doutrina católica. Hitler começou também a agir contra a densa rede de escolas paroquiais da Igreja. Os nazistas queriam uma igreja que pudessem controlar por completo. No início do outono, a Secretaria de Estado produziu uma análise alarmante desses esforços, que incluía a letra de uma canção popular entre a Juventude Hitlerista que chamava Hitler de seu "redentor".[16] Em outubro, o editor do mais influente jornal católico da Itália, *L'Avvenire d'Italia*, advertiu que os nazistas trabalhavam por "uma igreja nacional alemã na qual protestantes e católicos serão misturados".[17] Em dezembro, no discurso de Natal que fazia todo ano aos cardeais, Pio XI manifestou seu desapontamento com o governo nazista. Pacelli e Von Papen tinham assinado a concordata apenas cinco meses antes.[18]

Enquanto as dúvidas do papa sobre Hitler aumentavam, seus auxiliares mais próximos tentavam manter as relações tão harmoniosas quanto possível. No começo de 1934, tanto o cardeal Pacelli quanto o núncio na Alemanha, monsenhor Cesare Orsenigo, aconselharam o papa a não dizer nada que pudesse enfurecer Hitler, para não enfraquecer ainda mais a posição da Igreja.[19] Em Berlim, Orsenigo recebeu ajuda em seus esforços, tendo conservado o assistente pessoal de Pacelli do seu tempo de núncio, o padre alemão Eduard Gehrmann. Como disse um observador do

Vaticano, o padre Gehrmann "acreditava mais em Hitler do que em Cristo".[20]

O fato de Pio XI ter escolhido Cesare Orsenigo para ser núncio na Alemanha nazista revela muito sobre o papa. À exceção do núncio na Itália, não havia missão diplomática mais crucial e complexa no Vaticano, embora Orsenigo fosse um homem de inteligência limitada e visão de mundo ainda mais tacanha. Nascido perto da cidade natal do pontífice, na região do lago de Como, ao norte de Milão, Orsenigo, assim como Pio, tivera um pai supervisor de fábrica de seda. Seus dois tios paternos haviam se casado com as duas tias maternas, filhas do supervisor da fábrica de seda de uma cidade vizinha. Cada um dos três casais teve um filho que se tornou padre. Ordenado em 1896, Orsenigo serviu numa paróquia de Milão e, em 1912, acrescentou o título de cônego no Domo de Milão.

Até então, Orsenigo vivera confinado aos limites da Igreja dentro e nos arredores de Milão; não tinha experiência diplomática nem qualquer interesse evidente em assuntos internacionais. Apesar disso, meros quatro meses após se tornar papa, Pio nomeou-o núncio na Holanda, com o título de arcebispo. A nomeação provocou muitos comentários entre o alto clero, que via naquilo mais um exemplo da preferência dada pelo pontífice aos seus amigos de Milão, em vez de escolher homens da hierarquia com mais experiência. O cardeal Gasparri presidiu a cerimônia de consagração episcopal de Orsenigo; o padre milanês usava com orgulho a cruz que o pontífice lhe dera para honrar a ocasião, mas, à exceção de alguns alunos do seminário Lombardo em Roma, que serviram como coroinhas, a igreja estava vazia.

Depois de passar dois anos na Holanda, Orsenigo se tornou núncio na Hungria. Em 1928, enquanto ele estava em Roma para uma visita, um dos informantes de Mussolini conjecturou que o papa talvez o escolhesse para substituir o cardeal Gasparri como secretário de Estado. Segundo o informante, o pontífice valorizava acima de tudo homens de lealdade inquestionável. A escolha seria uma dádiva para o regime, acrescentou o

informante, pois Orsenigo era menos astuto e mais maleável do que o voluntarioso Gasparri.[21]

Embora tenha passado batido por Orsenigo para o cargo de secretário de Estado, o papa o escolheu para substituir Pacelli como núncio na Alemanha. Tanto Hitler quanto o cardeal Pacelli viriam a considerar Orsenigo pouco importante. Sem dúvida Pacelli nunca sentira necessidade de pedir conselhos para lidar com Berlim. Prudente e escrupuloso, vivia com medo de ofender Hitler. Mais adiante, quando as relações com a Alemanha nazista se tornaram sua preocupação central, Pio não substituiria Orsenigo. O papa não queria um pensador independente, nem um homem belicoso, como seu embaixador no país de Hitler. O medíocre Orsenigo permaneceria no cargo, sob o comando do papa seguinte, durante todos os dramáticos anos da Segunda Guerra Mundial.[22]

Preocupado com elementos anticatólicos no movimento nazista, Pio XI ficou especialmente aborrecido com *O mito do século XX*, escrito por Alfred Rosenberg, o mais importante teórico nazista. No livro, Rosenberg afirmava que Deus criou os humanos como raças separadas; a superior raça ariana estava destinada a governar as outras. Jesus era ariano, explicava ele, mas os apóstolos judeus tinham poluído seus ensinamentos. O catolicismo era o produto corrompido dessa influência judaica. No começo de 1934, o Santo Ofício incluiu esse best-seller alemão no Índice de Livros Proibidos.[23] O próprio Hitler manteve certa distância da publicação, e, dessa forma, algumas pessoas na Santa Sé puderam atribuir a tendência anticatólica dos nazistas não ao Führer mas à ala anticlerical do partido. Era uma prática bem conhecida no Vaticano, onde ações contra a Igreja na Itália costumavam ser atribuídas não a Mussolini, mas aos anticlericais que o cercavam.

Em seus esforços para convencer Hitler a honrar a concordata, Pio pediu ajuda ao Duce incontáveis vezes.[24] Na primavera de 1934, quando Mussolini se preparava para seu primeiro encontro com Hitler, o papa lhe

enviou instruções.[25] Queria que o italiano arrancasse do Führer garantias de que ele respeitaria a concordata. Embora o acordo estivesse em vigor havia menos de um ano, os nazistas já o ignoravam. Mussolini deveria transmitir também um alerta: seria melhor que Hitler não intimidasse os bispos da Alemanha, pois, "embora pudessem lhe fazer um grande bem, também podiam — embora não o desejassem — fazer-lhe muito mal, uma vez que os católicos tomariam partido deles".

Pio também pediu ao Duce que convencesse Hitler a "se livrar de certos acólitos que prejudicavam sua imagem", em especial Alfred Rosenberg e Joseph Goebbels, o ministro da Propaganda. O papa acreditava que ambos incentivavam ataques à Igreja Católica. O arcebispo de Munique, cardeal Faulhaber, preparara pouco tempo antes um relatório perturbador sobre Goebbels, cujos escritos, incluindo um romance popular de sua autoria que datava dos anos 1920, combinavam uma forte crença em Deus e Jesus Cristo com desdém pela Igreja e pelo clero. "Converso com Cristo", escreveu Goebbels em seu livro. "Achei que o tinha vencido, mas só venci mesmo seus padres idólatras e falsos servidores. Cristo é duro e implacável." Para piorar, o católico Goebbels se casara pouco tempo antes com uma divorciada protestante e era, segundo o arcebispo, "um notório homossexual". Ao receber o pedido do papa, o Duce ficou feliz de poder desempenhar o papel de estadista sábio e prometeu atender a todos os desejos do pontífice.[26]

Mussolini não estava tão ávido pelo encontro. O objetivo nazista de criar uma Grande Alemanha, unindo todos os povos de etnia alemã, significava de maneira inevitável que eles tentariam anexar a Áustria. Isso ia de encontro à política externa da Itália, que via a nação como parte da esfera de influência italiana e um para-choque contra uma Alemanha extremamente agressiva.[27] Mussolini era partidário convicto de Engelbert Dollfuss, o chefe social-cristão do governo austríaco, que suspendera o parlamentarismo em março de 1933 em resposta à agitação provocada pelos nazistas. Naquele verão, Dollfuss, com a mulher e os filhos a

tiracolo, visitara Mussolini em seu refúgio de verão em Riccione, na costa adriática da Romanha, para lhe pedir ajuda.[28] Pouco depois de Dollfuss voltar para Viena, um nazista austríaco atirou nele, baleando-o no braço e nas costelas.[29]

O Führer desembarcou no aeroporto de Veneza na manhã de 14 de junho de 1934, onde o bronzeado Duce o recebeu. Mussolini usava um magnífico uniforme com pencas de medalhas no peito, um fez fascista preto, um punhal enfiado no cinto e botas pretas até os joelhos. Hitler usava uma capa amarela, chapéu de aba mole de veludo marrom, terno escuro e sapatos pretos comuns. Parecia, segundo um observador, "um trabalhador em seu traje de domingo". O pálido alemão sofreria muito em comparação com o viril Mussolini, que se deliciava em desnudar o peito numa infindável variedade de poses. Hitler jamais se deixava ser visto sem estar inteiramente vestido, e mesmo durante sua passagem pela prisão nos anos 1920, insistia em usar gravata todos os dias. Enquanto o Duce adorava dirigir carros velozes e pilotar aviões, o Führer preferia se sentar no banco de trás de sua imensa Mercedes, cercado por guarda-costas, parecendo, nas palavras do biógrafo Ian Kershaw, "um gângster excêntrico".[30]

Ao sair do avião, Hitler estava claramente constrangido. O confiante Mussolini andou a passos largos até ele e levantou o braço na saudação nazista. Correria depois o boato de que, quando o Führer o saudou em resposta, o Duce murmurou "Ave imitatore!" ["Ave, imitador!"]. A impressão causada por Hitler alimentaria em Mussolini a sensação de estar lidando com uma cópia barata do original, sensação essa que, mais à frente, se revelaria perigosa.[31]

Orgulhoso de seu domínio de em alemão, o Duce insistiu em ficar a sós com Hitler. Tinha até tomado aulas para melhorar a fluência nas semanas anteriores ao encontro. Mas Mussolini teve dificuldade para acompanhar as longas tiradas de Hitler, tanto pelo tédio que provocavam quanto por limitações linguísticas.[32] Sua crença em que o Führer era um

tanto maluco só fez aumentar nos dois dias seguintes. O encontro não foi ajudado pela infestação de mosquitos, descritos como "do tamanho de codornas", nem pelo alarde que Hitler fazia da superioridade da raça nórdica em comparação às origens parcialmente "negroides" dos europeus meridionais. A maior fonte de tensão continuava sendo a Áustria, pois Hitler não fazia segredo da sua intenção de uni-la à Alemanha.

"Que palhaço!", disse Mussolini quando o avião do Führer decolou.[33] O homem se gabara da superioridade da raça alemã. Mas, como o Duce adorava contar para plateias italianas, enquanto homens como César, Cícero, Virgílio e Augusto adornavam os magníficos palácios de Roma, os selvagens analfabetos que foram ancestrais dos nazistas viviam em imundas cabanas no mato.[34]

Depois do encontro em Veneza, Mussolini escreveu ao seu embaixador na Santa Sé, Cesare de Vecchi, para colocá-lo a par das novidades: "Vou poupá-lo de todas as idiotices que Hitler disse sobre Jesus Cristo ser da raça judia etc."[35] Quando o chanceler alemão falara sobre a Igreja Católica, disse Mussolini a De Vecchi poucos dias depois, "era como se tivesse preparado um disco fonográfico sobre o assunto e o tocasse durante dez minutos, até o fim". Hitler fizera um discurso inflamado dizendo que a Igreja não passava de uma das mistificações dos judeus. "Esse judeu", disse o Führer, referindo-se a Jesus Cristo, descobrira um jeito de enganar todo o mundo ocidental. "Ainda bem", disse ele a Mussolini, "que vocês [os italianos] conseguiram injetar mais do que uma pequena dose de paganismo [na Igreja Católica], fazendo de Roma o seu centro e usando-a para seus próprios fins." Hitler acrescentou que, embora fosse católico, não conseguia ver nenhum benefício trazido pelo catolicismo à Alemanha.[36]

Mussolini não contou nada disso ao papa, a não ser por uma vaga alusão à *schiocchezze*, bobagem, que Hitler dissera sobre Jesus ser judeu. Com receio de que as coisas piorassem caso o pontífice soubesse o que o

Führer falara, o Duce apresentou a De Vecchi uma versão expurgada da conversa a ser usada com o Vaticano. Ele deveria dizer a Pio que fizera o melhor possível e que, no futuro, talvez pudesse induzir o líder nazista a adotar uma opinião mais conciliatória.[37]

Um mês depois, nazistas armados, vestindo uniformes do exército austríaco, invadiram o gabinete do chanceler Dollfuss e o mataram. No começo do dia, a mulher e os filhos dele tinham chegado à residência de veraneio de Mussolini no Adriático, onde Dollfuss deveria se juntar a eles. Coube ao Duce dar a notícia.[38]

Pio ficou desolado. No ano anterior, Dollfuss fora a Roma assinar uma concordata entre a Áustria e a Santa Sé. O papa o conhecia e o considerava um bom católico. "É horrível! É horrível!", repetia. Sentado à sua mesa, olhava para o chão, a cabeça apoiada nas mãos. Quando enfim ergueu os olhos, perguntou: "O que vamos fazer? O que vamos fazer?"[39]

O cardeal Pacelli tinha uma opinião menos entusiástica a respeito do líder austríaco. Em julho de 1933, quando soube que o Vaticano ia assinar uma concordata com Hitler, Dollfuss ficara furioso, convencido de que ela enfraqueceria a resistência austríaca a uma tentativa nazista de assumir o controle. Sabendo que Dollfuss escrevera um documento manifestando esse ponto de vista, Pacelli pediu um favor ao embaixador austríaco na Santa Sé. Seria bom, disse ele, que o relato de Dollfuss fosse retirado dos arquivos diplomáticos austríacos.[40]

★ ★ ★

DURANTE AQUELES MESES, o papa recebeu relatórios frequentes com detalhes sobre a campanha nazista contra os judeus. No início de março de 1933, pouco antes das eleições alemãs, Hitler tinha assegurado a um grupo de bispos que protegeria os direitos da Igreja, suas escolas e suas organizações. Num aparente esforço para conquistar o apoio católico,

acrescentou que eram todos aliados na mesma luta, a batalha contra os judeus. "Tenho sido atacado pela maneira como trato a questão judaica", disse Hitler. "Por mil e quinhentos anos a Igreja considerou os judeus perniciosos, exilando-os em guetos (...) Estou prestando o maior dos serviços ao cristianismo."[41]

Em abril, o papa recebeu de Munique uma carta de Edith Stein, uma filósofa alemã de quarenta e um anos e de origem judaica, que se convertera ao catolicismo onze anos antes. Stein suplicou-lhe que se manifestasse sobre a campanha contra os judeus — travada por um governo que se dizia "cristão" e usava imagens cristãs para respaldar suas iniciativas. "Durante semanas", escreveu ela, "não apenas judeus, mas também milhares de católicos fiéis na Alemanha e, acredito, no mundo inteiro, aguardaram e esperaram que a Igreja de Cristo erguesse a voz para pôr fim a esse abuso do nome de Cristo. O que é essa idolatria de raça e poder estatal que o rádio martela todos os dias nos ouvidos das massas, senão pura heresia?" E concluía com um apelo profético: "Todos nós, verdadeiros filhos da Igreja que observamos de perto a situação na Alemanha, tememos o pior para a reputação da Igreja se o silêncio continuar."

O cardeal Pacelli, respondendo em nome do papa, não escreveu para Stein, e sim para o arquiabade que encaminhara a carta ao Vaticano. Pacelli disse-lhe para transmitir a Stein que ele mostrara a carta ao pontífice. Acrescentava uma oração para que Deus protegesse Sua Igreja naqueles tempos difíceis. Isso foi tudo.[42]

Talvez de modo surpreendente, a fé de Edith Stein se manteve forte. Antes do fim do ano, ela tomou os votos para se tornar freira carmelita. No fim da década de 1930, buscaria refúgio na Holanda. Em 2 de agosto de 1942, os nazistas prenderam Stein e a irmã Rosa, ambas judias aos olhos deles, e as despacharam para Auschwitz. Em seus últimos suspiros, elas inalaram os vapores da câmara de gás.[43]

Mais ou menos na época em que Stein redigiu seu apelo ao papa, Orsenigo mandou um telegrama para o cardeal Pacelli. Os nazistas tinham proclamado o antissemitismo uma política oficial de governo. Fora convocado um boicote contra lojas e negócios de propriedade de judeus, assim como contra médicos, advogados e outros profissionais de origem judaica. Uma lei de 7 de abril demitiu os judeus do serviço público civil. Ao dar essa notícia, Orsenigo aconselhou o pontífice a não interferir. "Uma intervenção do representante da Santa Sé", advertiu o núncio, "equivaleria a um protesto contra o governo."

O papa seguiu o conselho e ficou calado.[44] Surpreendentemente, foi Mussolini, e não Pio XI, que, nesses primeiros meses de governo nazista, recomendou ao Führer que parasse de perseguir os judeus. Em 30 de março, o Duce enviou uma mensagem confidencial ao seu embaixador em Berlim instruindo-o a encontrar-se com Hitler de imediato para adverti-lo de que sua campanha antissemita era um equívoco: ela "aumentaria a pressão moral e as retaliações econômicas da parte do judaísmo internacional". Queria ter certeza de que Hitler entendesse que ele estava dando esse conselho num esforço para ser útil. "Todo regime tem não só o direito, mas o dever, de tirar de posições de influência elementos que não sejam de todo confiáveis", argumentou ele, "mas fazê-lo na base de semitas *versus* raça ariana poderia ser prejudicial." Não só os judeus se voltariam contra o regime nazista, advertiu Mussolini, se a campanha fosse adiante: "A questão do antissemitismo pode servir como uma bandeira anti-Hitler também para inimigos que sejam cristãos." No dia seguinte, o embaixador italiano foi ver o Führer para lhe transmitir o conselho do Duce.[45] O papa estava informado. Uma nota nos arquivos da Secretaria de Estado do Vaticano informa que o apelo de Mussolini foi "levado e lido para Hitler e Goebbels meia hora antes do encontro de ministros que aprovou a lei que demitiria os funcionários públicos de raça semita".[46]

Rejeitando o conselho do Duce, Hitler prosseguiu em seu caminho assassino. Em 1935, as Leis de Nuremberg proibiram casamentos entre judeus e não judeus e cassaram a cidadania alemã daqueles que tivessem origem judaica. Ao relatar sobre o congresso nacional do Partido Nazista daquele ano, Orsenigo disse ao Vaticano que os nazistas justificavam a perseguição culpando os judeus pelo comunismo. "Não sei se todo o bolchevismo russo foi obra exclusiva dos judeus", relatou o núncio, "mas aqui eles encontraram uma maneira de fazer o povo acreditar nisso e agir em conformidade contra o judaísmo." E concluiu, em tom aziago: "Se, como parece provável, o governo nazista durar muito tempo, os judeus estão condenados a desaparecer deste país."[47]

O fato de a população católica da Alemanha achar a noção de uma conspiração judaica verossímil não deveria surpreender. Durante anos, a revista que passava pela avaliação do Vaticano, *La Civiltà Cattolica* — entre muitas outras publicações da Igreja —, vinha alertando que os judeus eram a força do mal por trás de uma perigosa conspiração. Dizia-se que controlavam em segredo tanto o comunismo quanto o capitalismo, ambos com o objetivo de escravizar os cristãos.[48] A única diferença notável da versão nazista — além da camada adicional de pseudobiologia — era a omissão dos protestantes.

Uma das figuras mais influentes do Vaticano que instigavam essa teoria conspiratória era Włodzimierz Ledóchowski, superior geral da ordem jesuíta. Numa carta escrita à mão em 1936, Ledóchowski recomendou ao papa que fizesse um alerta mundial sobre "o terrível perigo que cresce a cada dia". A ameaça vinha da propaganda ateísta dos comunistas de Moscou — tudo produto de judeus, segundo ele —, enquanto "a grande imprensa mundial, também sob controle judaico, raramente diz uma palavra. (...) Uma encíclica com esse argumento", aconselhou, levaria "não apenas os católicos, mas outros também, a adotarem uma resistência mais enérgica e organizada".[49]

Compartilhando a crença de Ledóchowski de que o comunismo representava um grave perigo, Pio XI concordou em mandar preparar uma encíclica especial e, nos meses seguintes, enviou-lhe rascunhos para comentários e sugestões. Descontente com o fato de que os esboços nada diziam sobre os judeus, Ledóchowski continuou insistindo com o papa para acrescentar uma linguagem que os vinculasse ao perigo comunista. "Parece que nos seria necessário, numa encíclica como esta", aconselhou ele, em resposta a um dos rascunhos, "pelo menos fazer uma alusão à influência judaica, afirmando não apenas que os autores intelectuais do comunismo (Mark, Lassalle[50] etc.) eram todos judeus, mas também que o movimento comunista na Rússia foi organizado por judeus. E agora, também, embora nem sempre abertamente em todas as regiões, se examinarmos mais detidamente, os judeus é que são os principais defensores e promotores da propaganda comunista."

Ao lado da frase de Ledóchowski sobre os judeus serem responsáveis pelo comunismo na Rússia, o papa rabiscou uma única palavra: *Verificare* — Verificar. Ele divulgaria sua encíclica denunciando o comunismo um mês depois, com o nome de *Divini redemptoris*, mas, para decepção do chefe jesuíta, não incluiria nem uma palavra sobre os judeus.[51]

La Civiltà Cattolica não teve esses escrúpulos, fazendo tudo ao seu alcance para amedrontar católicos sobre a perigosa conspiração judaica. Poucos meses depois de o pontífice divulgar sua encíclica anticomunista, a revista publicou outra advertência intitulada "A questão judaica". Ia direto ao ponto já na primeira frase: "Dois fatos, que parecem contraditórios, estão estabelecidos entre os judeus espalhados no mundo moderno: seu domínio sobre o dinheiro e sua preponderância no socialismo e no comunismo." Não só os fundadores do comunismo eram judeus: de acordo com a revista jesuíta eles também eram "os mais recentes líderes revolucionários do socialismo moderno e do bolchevismo".[52]

Enquanto Hitler desenvolvia o próprio plano para lidar com a ameaça judaica, a *La Civiltà Cattolica* pensava na resposta cristã apropriada. Enumerou três possibilidades. A melhor seria converter todos os judeus ao cristianismo, o que, é óbvio, não tinha chance de acontecer, pois eles insistiam teimosamente em permanecerem com sua religião. A segunda possibilidade era transferi-los da Europa para a Palestina. Mas a terra não tinha condições de suportar todos os dezesseis milhões de indivíduos, e, ainda que tivesse, eles jamais fariam o serviço necessário, pois eram "singularmente dotados da faculdade de serem parasitas, e destruidores não têm aptidão alguma, nem gosto, para o trabalho manual".

Só restava uma terceira opção, a abordagem que a Igreja tinha usado com êxito durante séculos: privar os judeus dos seus direitos de cidadãos.[53]

Nessa mesma edição, *La Civiltà Cattolica* informava sobre o recente congresso nazista em Nuremberg, realizado em setembro de 1936. "Com tenacidade infatigável", disse Hitler à multidão, "o quartel-general revolucionário judaico prepara a revolução mundial." Depois de citar essa fala, a revista reproduzia, sem comentários, a afirmação de Hitler de que noventa e oito por cento dos principais cargos na Rússia estavam "nas mãos de judeus". Nos anos que precederam o Holocausto, tanto os nazistas quanto a revista jesuíta continuariam martelando essa afirmação.[54] Apesar disso, dos quatrocentos e dezessete membros dos mais altos órgãos de liderança da União Soviética em meados dos anos 1920, apenas seis por cento vinham de famílias judias, e essa porcentagem caiu drasticamente na década de 1930 — mesmo porque o grande expurgo de Stalin tinha fortes subtons antissemitas. Em 1938, enquanto *La Civiltà Cattolica* e o governo nazista continuavam a afirmar que quase todos os líderes da União Soviética eram judeus, o organismo mais poderoso do governo soviético, o Politburo formado por nove homens, tinha apenas um de origem judaica. Dos trinta e sete membros do Presidium da União Soviética, um vinha de família judia.[55]

No encontro de 1932 com Mussolini, o papa manifestara sua preocupação com a ameaça comunista russa, vinculando-a ao "desprezo anticristão do judaísmo". Mas muita coisa acontecera desde então. Hitler assumira o poder e não só enfraquecia a influência da Igreja na Alemanha, mas também difundia uma idolatria pagã contrária à mensagem cristã. Ficava cada vez mais claro para Pio XI que o maior perigo para o cristianismo vinha dos nazistas. Contudo, seus conselheiros discordavam, vendo em Hitler a maior esperança da Igreja de conter o avanço comunista. Recomendavam ao papa que não o ofendesse.

CAPÍTULO DEZESSEIS

ATRAVESSANDO A FRONTEIRA

As ambições — e o ego — de Mussolini não paravam de crescer. Ele queria ser visto como o homem que devolvera a Roma seu antigo esplendor. Para isso era necessário um novo império. Os olhos do Duce se voltaram para a Etiópia, que, com exceção da Libéria, era a única parte da África que ainda não caíra em mãos europeias, com a vantagem adicional de fazer fronteira com duas colônias italianas, a Somalilândia e a Eritreia.

O Duce já tinha dado uma pista de suas intenções. No fim de 1934, forças etíopes dispararam contra um grupo de soldados italianos em Wal Wal, do outro lado da fronteira etíope, dentro da Somalilândia italiana. A imprensa da Itália apresentou o incidente como um assalto à honra nacional. Mussolini ameaçou guerra se a Etiópia não pedisse desculpas e oferecesse indenização.[1] Com muito barulho, enviou várias divisões do exército à Somália e uma frota de navios ao mar Vermelho, com ordens para aguardar novas instruções.[2] Pio XI, longe de estar satisfeito, temia que uma invasão italiana na Etiópia pusesse em risco missionários católicos em toda a África.

Enquanto isso o papa se tornava mais consciente do peso da idade. Os esforços do Ano Santo anterior, que terminara na Páscoa de 1934, deixaram-no exausto. Tinha desistido dos enérgicos passeios pelos jardins do Vaticano, descobrindo que até mesmo andar pelo corredor o deixava sem fôlego. O calor também o incomodava.[3] Nas partes mais pobres da

velha cidade e nas favelas que se expandiam pela periferia, eletricidade e água corrente eram raridades, e a tuberculose e o tracoma eram muito comuns.[4] No ano anterior, Roma fora tomada por uma epidemia de tifo. No verão de 1934, o idoso papa não via a hora de voltar para o palácio de verão nas colinas Albanas. "Dá para ver como está feliz", disse Domenico Tardini, assistente de Pizzardo, no dia da partida do pontífice. "Parece um menino em véspera de tirar férias do colégio." Tardini aproveitou-se do humor inusitadamente alegre de Pio para conseguir trinta e quatro mil liras do fundo de socorro à Rússia. "Ah", escreveu Tardini, "se o papa saísse mais vezes!"[5]

Como relatou um informante, Pio agora estava, "se possível, ainda mais irascível, intratável e desconfiado".[6] Em funções públicas, vestido com seus mantos brancos elaborados, ele irradiava um senso de imobilidade régia que fazia todos à sua volta parecerem inquietos e nervosos. Sua franja estava ficando grisalha, mas a voz ainda era firme e ressoante, e os olhos, atrás das lentes grossas, sempre atentos. E, apesar de ter desacelerado fisicamente, insistia em ser informado de tudo e em formar todas as decisões.[7]

Enquanto o papa estava preocupado com a ameaça de invasão de Mussolini, outras correntes da Igreja adotaram atitude bem diferente. O bolonhês *L'Avvenire d'Italia*, o jornal católico mais influente do país, fazia eco à imprensa fascista. Os etíopes eram bárbaros pagãos. A guerra levaria civilização — e cristianismo — aos selvagens.[8]

O conflito iminente deixava o pontífice numa situação delicada. As consequências poderiam ser desastrosas não apenas para a Itália e a Etiópia, mas para a Europa como um todo. Muita gente pensava que só o papa poderia evitá-la, e pedidos vindos do exterior recomendavam que ele advertisse publicamente Mussolini a desistir. Mas Pio sabia que desafiar o ditador num assunto tão importante poria em risco a aliança dos dois.

Em 27 de agosto de 1935, duas mil freiras de vinte países embarcaram em vários ônibus no Vaticano. Iam para uma audiência com o papa em Castel Gandolfo, última parte da sua excursão. Pio se dirigiu a elas, elogiando o seu trabalho, falando por mais de uma hora. Então, para concluir, pronunciou uma bênção. Pizzardo, que tinha ajudado a organizar o encontro, estava radiante ao lado dele. Mas, sem que ninguém esperasse, em vez de parar por ali, o pontífice pôs-se a refletir sobre uma questão inteiramente diferente. Uma guerra de conquista, disse ele às freiras, jamais poderia ser tolerada. Seria "uma guerra injusta, uma coisa além de qualquer imaginação (...) seria indescritivelmente horrível".[9] O sorriso de Pizzardo murchou.

"As freiras, em sua maioria estrangeiras", escreveu monsenhor Tardini em seu diário, "escutaram com interesse e prazer. Escutando com interesse ainda maior, mas sem qualquer prazer, estava monsenhor Pizzardo. Que desastre!" Com as freiras nos ônibus de volta, para impedir que elas falassem sobre os comentários do papa, ele insistiu em que passassem a viagem inteira rezando. No Vaticano, quase em prantos, Pizzardo parecia "desanimado, arruinado, pálido, desesperado". Murmurava o tempo todo as palavras do papa: "Uma 'guerra injusta', uma 'guerra injusta'." [10]

Na manhã seguinte, quando a notícia do discurso do pontífice chegou ao conhecimento de Giuseppe Talamo, embaixador interino da Itália na Santa Sé, ele correu para o Vaticano.[11] "Monsenhor Pizzardo demonstrou consternação", lembrava-se o diplomata italiano, "dizendo-me que nada tinha sugerido a decisão inesperada do pontífice de tocar em questão tão melindrosa, sem antes, de maneira alguma, pedir conselho à Secretaria de Estado."

Talamo recomendou a Pizzardo que abrandasse o discurso do papa para publicação no jornal do Vaticano. Pizzardo lhe assegurou que ele e seus colegas já estavam fazendo "o possível para suavizar e atenuar" os comentários do pontífice. Naquela noite, o jornalista do *L'Osservatore*

Romano que havia transcrito o discurso entregou o texto datilografado e, com Tardini, fez uma "intervenção cirúrgica". "Aqui cortei uma palavra, ali acrescentei outra", lembrava-se Tardini. "Aqui modifiquei uma frase, ali apaguei outra. Em resumo, mediante um esforço sutil e metódico, conseguimos suavizar muito a crueza do pensamento papal."[12] O texto que produziram estava longe de ser a clara denúncia de uma invasão que as freiras tinham ouvido; em vez disso, era uma obscura série de asserções passíveis de várias interpretações.

Na manhã seguinte veio a parte mais melindrosa. Tardini precisava obter a aprovação do papa para o texto mutilado. Ao entregar as páginas datilografadas a Pio, tentou parecer desinteressado. O rosto quadrado assumiu uma expressão de grande sinceridade. O repórter do *L'Osservatore Romano*, explicou ele, pedia perdão ao Santo Padre por não ter conseguido registrar com exatidão cada palavra sua. O pontífice falara durante uma hora e vinte minutos, e o repórter ficara exausto. Também tivera a atenção prejudicada por uma terrível dor de dente. E, no fim do discurso, a luz do entardecer já estava fraca, pois a audiência fora realizada ao ar livre, tornando especialmente difícil registrar as últimas palavras do papa com fidelidade.

Quando Pio começou a ler, Tardini tentou ir embora, mas o pontífice o deteve erguendo a mão. Pôs de lado todas as páginas, menos as últimas, e foi direto aos comentários finais. Leu resmungando. Sempre que o papa erguia os olhos para encará-lo, Tardini tentava esconder o nervosismo. Pio leu em voz alta seus mutilados comentários sobre a guerra. Apesar disso, Tardini continuava fingindo ignorância: "Adotei a pose de alguém que queria prestar atenção a alguma coisa que não sabia bem o que era", escreveria ele mais tarde, acrescentando, entre parênteses: "Eu sabia de cor esse trecho do discurso!" Pio continuava alternando o olhar entre o texto e Tardini. Toda vez que lia uma frase modificada, dizia: "Certamente não foi assim que eu falei." Sempre que o papa levantava uma objeção, Tardini humildemente se oferecia para corrigir qualquer

erro. Mas, no fim, o pontífice se limitou a dizer: "Não, vamos deixar assim mesmo." Era tudo o que Tardini e seus superiores, Pizzardo e Pacelli, desejavam.[13]

Mas até o texto diluído desagradou ao embaixador interino. Enquanto a imprensa fascista citava seletivamente alguns trechos para mostrar o apoio papal à guerra, fora da Itália os comentários, mesmo na versão expurgada, eram usados para mostrar a oposição do pontífice.[14] Aborrecido com o fato de a imprensa fascista afirmar que seu discurso dava claro apoio à guerra, Pio ordenou ao jornal do Vaticano que publicasse uma coluna na primeira página expressando seu descontentamento com a distorção das suas palavras. Talamo não gostou. "Falar, a esta altura, da conhecida teimosia e da insistência senil do pontífice", disse ele a Mussolini, "não seria respeitoso, mas não deixaria de ser verdade."

Em sua reunião regular de sexta-feira com Pacelli, naquela semana, Talamo encontrou um ouvido solidário. "O cardeal secretário", informou ele ao Duce, "me manifestou sua consternação."[15]

A bem da verdade, embora Eugenio Pacelli fosse secretário de Estado havia muitos anos, suas relações com Pio eram caracterizadas pela formalidade e pela distância emocional. No começo do ano, ao saber que Jean Verdier, arcebispo de Paris, estava em Roma para uma visita, Pacelli pediu para vê-lo. Uma grande cerimônia estava planejada para abril no centro francês de peregrinação de Lourdes, e Pacelli estava ansioso para participar. Mas só poderia ir se Pio pedisse, e tinha receio de tocar no assunto. Um pouco envergonhado, pediu a Verdier que falasse a esse respeito em suas conversas com o pontífice. Foi dessa maneira indireta que ele recebeu a bênção do papa para a viagem.[16] Verdier descreveu as relações de Pacelli com Pio naqueles anos como "cordiais, pelo menos até onde o temperamento do velho papa dava espaço à cordialidade".[17]

★ ★ ★

NO COMEÇO DE setembro, a Liga das Nações se reuniu para discutir a possibilidade de a Itália invadir a Etiópia, país-membro da organização. A liga ameaçou impor severas sanções econômicas se Mussolini o fizesse.[18]

Desde que a polêmica sobre a Ação Católica fora resolvida, quatro anos antes, o papa tornava cada vez mais público o seu apoio ao regime. Em setembro de 1932, celebrou uma missa especial em São Pedro para milhares de jovens pertencentes às organizações de fascistas no exterior em peregrinação a Roma. No mesmo mês, dezenas de milhares de membros de grupos italianos de juventude fascista passaram duas semanas fazendo exercícios nos arredores de Roma, acompanhados por um grande número de padres, cujos chapéus traziam uma cruz em cima do emblema fascista. O papa recebeu centenas desses padres no Vaticano e os abençoou por sua importante obra.[19]

O entusiasmo da Santa Sé pelo Duce foi manifestado mais uma vez no décimo aniversário da Marcha sobre Roma. O apoio de *L'Osservatore Romano* ao ditador dificilmente poderia ter sido mais arrebatado. Mussolini tinha realizado "mudanças vastas, profundas, colossais em todos os setores da administração pública", informou o jornal do Vaticano. Desde o seu primeiro discurso no parlamento, em 1921, havia "exaltado a incomparável beleza da ideia católica e da missão da Igreja no mundo". O jornal lembrava aos leitores que fora Mussolini quem colocara o crucifixo nas salas de aula e nos tribunais do país. Ele introduzira a instrução religiosa nas escolas e promovera a amizade entre a Igreja e o Estado com o Tratado de Latrão.[20]

★ ★ ★

NAS SEMANAS SEGUINTES aos comentários improvisados de Pio XI às freiras, o cardeal Pacelli e o monsenhor Pizzardo tentaram convencer o papa a guardar para si mesmo sua oposição à guerra de Mussolini. Em 13

de setembro, Pacelli mandou avisar ao ditador que o pontífice não tentaria impedir uma invasão.[21]

Mas Pio ainda tinha esperança de dissuadir o Duce. Em 20 de setembro, ditou uma carta em que explicava por que a guerra seria um erro. Embora a Itália tivesse uma força militar muito superior, os etíopes tirariam vantagem do terreno dificultoso, que conheciam melhor. Mesmo que os italianos viessem a conquistar o país, o papa previu — com presciência, como se veria — que as forças da Itália enfrentariam intermináveis ataques guerrilheiros, para não falar nas dificuldades criadas pelas altas temperaturas e pelas doenças.[22]

Temendo que uma carta formal do pontífice se opondo à guerra enfurecesse Mussolini, Pacelli o convenceu a mandar Tacchi Venturi transmitir suas opiniões ao Duce de maneira informal. Pio chamou o jesuíta e lhe deu um texto para servir de orientação, mas advertiu que Mussolini não poderia de forma alguma ter acesso a uma cópia. O documento datilografado, que Pacelli preparara, começava elogiando o objetivo declarado pelo ditador de dar à Itália espaço para se expandir e exercer seu direito de defesa. Em seguida listava as preocupações do pontífice, ressaltando a que ele achava mais convincente para Mussolini: a possibilidade de que, se desse errado, o Duce seria responsabilizado.[23]

Nada disso teve qualquer efeito sobre o ditador. Na noite de 2 de outubro, ele caminhou a passos largos até a sacada do palácio Venezia e arrebatou a multidão com a notícia de que tinha mandado tropas italianas marcharem sobre a Etiópia. Os edifícios balançaram quando dezenas de milhares de pessoas começaram um coro cadenciado: "Duce! Duce! Duce!"

De uma grande janela do outro lado da *piazza*, Margherita Sarfatti contemplava a cena. Embora seu poder de sedução como amante tivesse acabado e, nos anos anteriores, Mussolini a mantivesse afastada, ela continuava a ser uma propagandista fiel e eficiente do Duce, em especial no exterior. Mas a recente ascensão dos nazistas na Alemanha a deixara

horrorizada. Sabia que lançar uma guerra em desafio à Liga das Nações e arriscar-se a entrar em conflito com a Grã-Bretanha e a França significaria jogar a Itália nas mãos de Hitler. Havia qualquer coisa de terrivelmente errado.

Sarfatti virou-se para um amigo que estava com ela e comentou:

— É o começo do fim.

— Por que diz isso? — perguntou o amigo. — Acha que perderemos a guerra?

— Não... Digo isso porque infelizmente vamos ganhá-la... E ele perderá a cabeça.[24]

No dia seguinte, Tacchi Venturi, sempre ansioso para fortalecer o clima de boa vontade entre o Duce e Pio, assegurou a Mussolini que o papa não atrapalharia seus planos. "Neste gravíssimo momento", escreveu, "o Santo Padre ficou satisfeito com o que soube por meu intermédio e me disse para não perder de forma alguma a primeira oportunidade que aparecesse para lhe contar sobre o seu contentamento."[25]

Com receio de que a invasão isolasse a Itália, o papa tomou a extraordinária providência de fazer um apelo ao rei George V, da Grã-Bretanha. Não foi a primeira tentativa — em agosto, ele quisera enviar uma mensagem ao monarca por intermédio do arcebispo de Westminster, mas, sabendo o que havia por trás do pedido de audiência do arcebispo, o rei inventou um pretexto para não vê-lo.[26]

O cardeal Pacelli preparou nova carta para George V, em inglês. "Majestade", começava, "o Santo Padre me deu a incumbência especial e pessoal de apresentar a Vossa Majestade a seguinte questão de maneira muito confidencial." O pontífice "não vê como seria possível evitar o conflito com a Etiópia, porque a Itália teve recusado o mínimo a que ele supõe que ela tem o direito de reclamar, em virtude dos acordos, ou seja, um simples Mandato (não um Protetorado de fato) sobre as regiões periféricas do Império Etíope". As demandas de Mussolini eram

razoáveis, dizia Pacelli, argumentando que as partes da Etiópia em questão eram áreas onde reinavam "escravidão e desordem", e onde o Negus — o governante etíope Haile Selassie — tinha pouca influência.

O atônito enviado britânico pegou o envelope de Pacelli e passou um telegrama para Londres pedindo instruções. O ministro do Exterior britânico se recusou a aceitar a carta. O apelo do papa foi devolvido sem sequer ter sido aberto.[27]

★ ★ ★

AO AMANHECER DE 3 de outubro, cento e dez mil soldados, sob o comando do general Emilio de Bono, o líder de cavanhaque da Marcha sobre Roma, entraram na Etiópia pela Eritreia, ao sul. As tropas incluíam não apenas soldados italianos, mas eritreus e somalis sob comando da Itália. Participavam da invasão variados grupos de milicianos fascistas mais ou menos treinados, todos muito orgulhosos e agitados por enfim terem a oportunidade de fazer algo tangível pelo Duce e pela pátria. As forças se estendiam por um front de setenta quilômetros de largura, com duas mil e trezentas metralhadores, duzentos e trinta canhões e cento e cinquenta e seis tanques. Cento e vinte e seis aviões aguardavam em aeroportos eritreus para dar cobertura aérea. Dentro de poucas horas, uma unidade topou com um pequeno forte e o primeiro soldado italiano foi morto. Os italianos, até então felizes e entregues a canções patrióticas, viram, com horror, um paramédico cobrir com um lençol o corpo ensanguentado do camarada. "Ninguém achava que fosse possível morrer tão depressa", comentou um deles. Logo aviões italianos começaram a despejar bombas incendiárias na cidade vizinha de Adua. Os filhos de Mussolini, Bruno e Vittorio, pilotavam aeronaves Caproni 101 durante o raide; forças italianas reduziram boa parte da cidade, incluindo o hospital, a um monte de cinzas. Centenas de moradores morreram. Os italianos avançaram.[28]

Poucos dias depois da invasão, por cinquenta e quatro votos a quatro, a Liga das Nações impôs sanções à Itália, aplicáveis a todas as exportações e às exportações consideradas importantes para o esforço de guerra, embora não incluíssem petróleo.[29]

Ainda na mesma semana, o conde Bonifacio Pignatti, o novo embaixador italiano na Santa Sé, apresentou suas credenciais ao papa. O anúncio no começo do ano de que Cesare de Vecchi estava deixando o cargo para ser ministro da Educação tinha sido recebido com preocupação pelo Vaticano, onde ele já era visto como amigo.[30]

Pignatti, de cinquenta e sete anos, embaixador na França e veterano com trinta anos de experiência no corpo diplomático italiano, contrastava de maneira notável com seu antecessor. De Vecchi chegara ao cargo sem qualquer experiência diplomática, devendo sua fama aos tempos de chefe fascista de Turim e ao fato de ser um dos líderes da Marcha sobre Roma. Já Pignatti servira em embaixadas italianas em toda a Europa e na América do Sul. De estatura mediana e cabelos grisalhos, ajustava-se confortavelmente a seus ternos de embaixador. Em resumo, ao contrário do chocante De Vecchi, ele parecia de fato um diplomata.[31]

No primeiro encontro com o novo embaixador, Pio XI deu a impressão de estar cansado e desatento, embora tenha ficado mais animado quando começaram a falar sobre a guerra. Apesar do otimismo demonstrado pelo papa quanto aos possíveis resultados dos esforços de mediação franceses, Pignatti não tinha tanta certeza de que eles renderiam frutos. O pontífice não disse uma palavra de protesto sobre a recém-lançada invasão e agradou mais ainda a Pignatti quando manifestou sua opinião desfavorável sobre a Liga das Nações.[32]

O enviado britânico à Santa Sé, que também notou a mudança na atitude do papa, ofereceu uma explicação. Pio desaprovara com veemência a guerra iminente e tentara convencer Mussolini a desistir. Mas, uma vez que o Duce a tinha lançado, ele não tinha a intenção de prejudicar o esforço de guerra, "com medo de que a queda do fascismo

pudesse resultar numa guerra malsucedida, e que um regime comunista ou anticlerical tomasse o poder com desastrosas consequências para o papado". O embaixador francês, por seu turno, via certa tristeza na difícil situação de Pio: o pontífice imperioso se sentia impotente em face do zelo belicoso de seu próprio clero italiano e, ao mesmo tempo, era afetado pela má impressão que seu silêncio causava no exterior.[33]

O clero católico da Itália fez o possível para despertar o entusiasmo popular pela guerra. Em 28 de outubro, numa cerimônia na bela catedral de Milão para comemorar o décimo terceiro aniversário da Marcha sobre Roma, o cardeal Ildefonso Schuster proferiu uma comovente homilia que chamou atenção internacional. Monge beneditino conhecido por sua severidade ascética, Schuster se tornara arcebispo de Milão em 1929. Assim como o papa, via a civilização ocidental engajada numa batalha épica entre o bem e o mal, uma luta do divino contra o demoníaco. Para ele, Mussolini e o regime fascista eram aliados cruciais da Igreja. "Ao cardeal Schuster", comentou Cesare de Vecchi, "só faltava usar camisa negra, pois, fora isso, estava sintonizado com a filosofia do partido como se fosse seu mais aplicado membro."[34]

Poucos meses antes da missa de comemoração da Marcha sobre Roma, o cardeal Schuster depositara um buquê de flores no altar dos fascistas mortos e fizera uma pausa para rezar pela alma deles. "O ato do cardeal", escreveu um informante em Milão, "recebeu comentários muito favoráveis nos vários círculos onde se nota a fascistização crescente do clero."[35] Durante a missa comemorativa no Duomo, autoridades do governo fascista, milicianos e figurões do partido cercaram o cardeal enquanto ele explicava que a comemoração da Marcha sobre Roma não era apenas uma celebração política, "mas um feriado essencialmente católico". O fascismo trouxera a restauração da Itália católica, e a guerra na Etiópia deveria ser vista sob essa luz. Juntos, a Igreja e o Estado fascista tinham uma "missão nacional e católica" a cumprir numa época em que, "nos campos da Etiópia, a bandeira da Itália leva triunfalmente a Cruz de

Cristo, destrói as correntes dos escravos e prepara o caminho para os Missionários do Evangelho".[36]

Mussolini mandou retransmitir o discurso pelas emissoras de rádio italianas, e a foto do cardeal enfeitou a capa de um semanário popular.[37] Seus colegas na França, porém, não ficaram tão satisfeitos. "O cardeal Schuster", escreveu Alfred Baudrillart, cardeal desde o fim de 1935, "é um fascista convicto."[38]

Durante os tensos meses de guerra, o Duce se voltou para a Igreja não apenas em busca de apoio interno, mas também de auxílio internacional. Estava especialmente ansioso para conseguir a ajuda do papa a fim de impedir que as sanções econômicas da Liga das Nações se espalhassem.[39]

Em numerosas e longas conversas com o cardeal Pacelli em meados de novembro, Pignatti insistiu com o Vaticano para garantir a ajuda dos seus núncios no esforço de guerra. Convencer bispos e outros católicos influentes do mundo da justiça dos objetivos do conflito travado pela Itália seria crucial. O cardeal respondeu que esses esforços já estavam em andamento — e que o Vaticano já tinha conseguido muita coisa. Pacelli chegou a acrescentar por conta própria alguns conselhos. Era essencial, disse ele a Mussolini, obter o apoio americano. O Duce deveria lançar "uma intensa e inteligente campanha de propaganda italiana nos Estados Unidos, nos jornais, nas universidades e nas revistas, usando os meios e os modos mais adequados à mentalidade americana".[40]

Como Pacelli sabia, Mussolini receava que os Estados Unidos — que não eram um país-membro da Liga das Nações — se juntassem ao boicote internacional. Em outros tempos, governos tanto republicanos quanto democratas tinham adotado uma atitude benevolente em relação ao ditador, julgando que ele proporcionava a liderança forte de que os italianos, um tanto quanto erráticos e indisciplinados, necessitavam. O presidente Roosevelt, apesar de ter pouca simpatia pessoal por Mussolini, achava que o Duce conquistara muita coisa para a Itália. A imprensa americana era simpática a ele. Mas a guerra provocou uma mudança

acelerada. Jornais americanos notavam semelhanças cada vez maiores entre a Itália fascista e a Alemanha nazista. "Um tirano é um tirano, por mais que filosofe e sorria com benevolência", declarou o *New York Times* em um editorial. Roosevelt tinha uma visão bem mais sombria e, no começo de 1936, denunciou publicamente o fascismo italiano.[41]

A campanha coordenada pelo governo da Itália e pelo Vaticano, visando basicamente a comunidade ítalo-americana, foi um sucesso. A imprensa ítalo-americana continuava a apoiar Mussolini. Na Filadélfia, duzentos mil cidadãos americanos de origem italiana marcharam em protesto contra as sanções da Liga.[42] Em outras cidades com grandes populações de imigrantes italianos, houve manifestações semelhantes, e petições inundaram o Congresso. A voz mais influente de todas, o padre radialista Charles Coughlin, ouvido por dezenas de milhões de americanos todos os domingos, bradava contra as sanções semana após semana.[43]

Filho de imigrantes nascido em 1891 em Hamilton, Ontário, e ordenado em Toronto, Coughlin se mudara para Detroit no começo dos anos 1920, pregando numa igreja simples de estrutura de madeira que ele mesmo construíra. Ali, lançou um modesto programa radiofônico dedicado a assuntos religiosos. Por volta de 1930, o jovem padre começou a ampliar seus objetivos, concentrando-se nas aflições dos pobres. Apoiou Roosevelt em sua primeira tentativa de chegar à presidência no ano de 1932, mas logo se voltou contra ele e, em 1934, fundou o próprio partido político, o União Nacional pela Justiça Social. Mais ou menos nessa época, começou a denunciar os "banqueiros judeus" e a apoiar Mussolini. Com a chuva de contribuições, Coughlin — já então a figura religiosa mais popular do país — substituiu a modesta igreja de estrutura de madeira por um santuário ultramoderno. A característica mais notável da construção era a grande torre de pedra coroada por um potente transmissor de rádio. Os protestos veementes de

Coughlin deixavam muita gente assustada dentro da hierarquia da Igreja.[44]

O projeto de lei de Pittman-McReynolds, propondo que os Estados Unidos se juntassem às sanções, provocou uma torrente de protestos entre a comunidade ítalo-americana. Soterrados por milhares de cartas e incontáveis delegações ítalo-americanas, os congressistas, nas palavras do chefe da agência de controle de armas dos Estados Unidos, "tremeram na base". O projeto de lei foi derrotado.[45]

Todo soldado italiano que ia para a Etiópia recebia um exemplar de uma nova coletânea de orações, *Soldado, Reza!*. Na introdução, Agostino Gemelli, infatigável reitor da Universidade Católica de Milão, recomendava aos jovens italianos que lutassem:

> Vai para onde a Pátria te manda e Deus te chama, disposto a tudo...
> Confia, ainda que Deus te peça para sacrificar a vida...
> Soldado da Itália, teu sacrifício, somado ao sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo, Deus entre os homens, trará a salvação e a grandeza da Pátria.[46]

Nos meses seguintes, os bispos da Itália superaram uns aos outros em sua ardorosa profissão de fé fascista e na proclamação do respaldo divino à guerra. O monsenhor Navarra, bispo de Terracina, perto de Roma, captou o estado de espírito: "Ó, Duce! (...) Hoje a Itália é fascista e os corações de todos os italianos batem em uníssono com o vosso. (...) Deus vos abençoe, ó, Duce! Que ele vos sustente em vossa obra diária, titânica e assegure (...) a vitória aos exércitos italianos."[47]

★ ★ ★

COM A ITÁLIA cada vez mais isolada, teorias da conspiração ganharam novo impulso. Uma delas era o complô protestante-judaico-maçônico-comunista que muitos na Igreja denunciavam havia tempos. No começo de novembro, o arcebispo de Amalfi enviou uma circular para os seus padres com uma mensagem a ser divulgada para os paroquianos nos sermões dominicais: "A Liga das Nações está agindo sob influência de forças ocultas." Em seguida, apresentava uma lista: "A maçonaria, o bolchevismo, o anglicanismo" estariam combatendo a Itália porque não aguentavam ver o regime fascista vivendo "em perfeita colaboração com a Igreja Católica".[48]

Denúncias britânicas e francesas da guerra enfureciam o Duce, que temia os possíveis impactos das sanções econômicas. Isso deu uma nova oportunidade a Tacchi Venturi, que havia anos tentava convencer Mussolini da veracidade dessas teorias conspiratórias.

Em 30 de novembro, o jesuíta chegou ao palácio Venezia, enviado por Pio XI para discutir as esperanças de um fim rápido para a guerra. Não demorou a tocar no assunto que mais o preocupava.

— Vossa Excelência leu os artigos "Quem quer a guerra? Por trás da questão etíope?" nos números de 16 e 30 de novembro do jornal [francês] *La Revue Hebdomadaire*?

— Sim, eu os li.

— Então o senhor viu como o autor anônimo demonstra com clareza que a maçonaria, aliada aos comunistas e bolcheviques, construiu uma frente única com o objetivo de tentar acabar com o fascismo e com Mussolini e provocar uma revolução na Itália. É uma revolução que ela considera, não erradamente, um meio indispensável para instalar um império bolchevique no país. — Antes que Mussolini pudesse responder, Tacchi Venturi completou o quadro: — Acredite em mim, Excelência, estamos lidando com uma terrível arapuca armada com a cumplicidade da Liga das Nações, que está sob domínio dos judeus e dos maçons.

O Duce ouviu o enviado do papa contar a história da conspiração judaico-maçônico-bolchevique para destruí-lo. Quando Tacchi Venturi terminou, o ditador, agitado, berrou que a Grã-Bretanha e a França estavam colocando o resto do mundo contra ele. "Estão loucos", afirmou, "para começar uma guerra europeia."[49]

Mussolini falou pouco sobre os judeus, mas cada vez mais via a oposição à guerra como uma conspiração. Quando se encontrou com Tacchi Venturi duas semanas depois, foi o Duce quem levantou o fantasma de um complô internacional. A Terceira Internacional Socialista, a maçonaria e os liberais tinham formado uma frente comum contra a Itália, disse o ditador ao jesuíta. O objetivo deles era "destruir a qualquer custo o Regime que a governa".

"Ninguém tem ou pode ter qualquer dúvida a esse respeito", respondeu o enviado do papa.[50]

CAPÍTULO DEZESSETE

INIMIGOS EM COMUM

No começo de novembro, falando para um grupo de mulheres na sólida basílica central de Milão, o arcebispo da cidade entoou loas a Mussolini: "O Líder providencial do nosso povo italiano, povo de santos — como ele o diz muito bem —, de heróis, de gênios, de colonizadores, com aquela intuição que é exclusivamente dele e que, assim, a todas supera no atual momento histórico, quer convocar vocês, mulheres italianas católicas, para uma grande missão." O arcebispo de Amalfi, fazendo eco a temas expressos por bispos no país inteiro, atacou os males das sanções como obra de maçons e anglicanos e apresentou o Duce como o novo Moisés: "Regozijo-me com a futura grandeza que é o destino da Itália no mundo. A Itália, pátria de santos e heróis. A Itália reconciliada com a Igreja e abençoada pelo papa. A Itália posta pelo governo fascista num desígnio legislativo moral e cristão."[1]

O pontífice era obrigado a lidar com a reação internacional à indecorosa febre guerreira do clero italiano. O embaixador britânico na Santa Sé, Hugh Montgomery, bombardeou o Vaticano com trechos publicados dos discursos coléricos de bispos e implorou a Pio que desse um basta naquilo. O papa respondeu que mandara representantes seus conversarem com os transgressores para convencê-los a moderarem sua retórica.[2] Mas os discursos e os protestos da Grã-Bretanha continuaram.

A Grã-Bretanha e a França tinham preparado uma proposta para acabar com a crise, e o papa depositava grande esperança nela. O plano dividiria a Etiópia, dando à Itália algumas das melhores terras etíopes. Em

meados de dezembro, o acordo fracassou quando seus termos foram vazados para a imprensa, e pressões políticas na Grã-Bretanha e na França o bloquearam. O ministro do Exterior britânico renunciou, caído em desgraça.[3]

Mussolini declarava insistentemente que não faria concessões. Nada o impediria de conquistar toda a Etiópia.[4]

No fim de novembro, o Duce decidiu organizar uma Giornata della Fede, literalmente um Dia da Fé ou Dia da Aliança de Casamento (*fede* significa tanto "fé" quanto "aliança de casamento"). Tratava-se de uma brilhante ideia que ligaria mais ainda os italianos — em especial as mulheres — ao esforço de guerra. Para mostrar amor ao país e apoio à guerra, todos os bons italianos deveriam doar suas alianças de casamento à Pátria.

Os bispos da Itália deveriam insistir com os católicos para que entregassem suas alianças de ouro e abençoar as alianças de aço que os doadores receberiam em troca. Ao saber do papel que iam desempenhar, os prelados bombardearam o Vaticano com pedidos de instruções. O papa não estava nem um pouco ansioso para que o alto clero da Itália participasse de modo tão público do esforço de guerra, ainda mais porque cartas iradas de católicos do exterior denunciavam o aparente endosso do Vaticano ao massacre fascista na Etiópia. Mas o pontífice não queria provocar Mussolini. Temendo que uma circular aos bispos vazasse, ele decidiu encarregar um representante de transmitir a mensagem oralmente: "Seja cauteloso. (...) Não emita juízo sobre a justiça ou a injustiça da campanha abissínia e, acima de tudo, evite usar quaisquer palavras que possam ofender o outro lado, ou que o outro lado ache desagradáveis."[5]

Embora alguns representantes do alto clero compartilhassem o desconforto de Pio, para a grande maioria era impossível se conter.[6] Se chegaram mesmo a receber a mensagem do papa, o certo é que a ignoraram. A imprensa católica estava repleta de artigos elogiando a

guerra santa para levar o cristianismo e a civilização aos selvagens; clérigos destacados — como o arcebispo de Milão e o reitor da Universidade Católica — haviam abraçado a causa da guerra; e o próprio Pio nunca chegou a manifestar diretamente ao clero suas apreensões. Portanto, em seus boletins diocesanos e em suas homilias, os bispos recomendavam aos bons católicos que oferecessem suas alianças de casamento para a causa santa. Padres criaram comitês paroquiais para assegurar a máxima participação local e, no dia determinado, doaram suas próprias cruzes peitorais de ouro.[7]

Em Milão, o cardeal Schuster abençoou vinte e cinco mil alianças de aço — para substituírem as de ouro — em sua capela particular.[8] O arcebispo de Messina, diocese empobrecida da Sicília, informou a seus padres que esperava dos católicos leais pelo menos trinta quilos de ouro em doações. Do outro lado da ilha, o bispo de Monreale exigiu que seus padres derretessem os ex-votos que os fiéis tinham doado ao longo dos anos. Na província toscana de Grosseto, um pároco pediu permissão ao bispo para derreter os sinos no alto da igreja com o objetivo de apoiar o Duce e a guerra.[9]

No Dia da Fé, 18 de dezembro, o país foi tomado por um frenesi patriótico.[10] Mussolini se ausentara de Roma para inaugurar a nova cidade de Pontinia, uma de suas criações onde antes havia terrenos pantanosos. O arcebispo local abriu a cerimônia. "Ó, Duce! Os que pensam que podem fazer nosso povo se curvar estão iludidos. (...) Hoje a Itália é fascista, todos os corações italianos batem em uníssono com o vosso, e toda a Nação está pronta para qualquer sacrifício que seja necessário para o triunfo da paz e da civilização cristã e romana." No fim dos seus comentários, o arcebispo tirou a cruz peitoral e o anel episcopal, acrescentando-os à bolada do dia.[11]

Nunca, desde o tempo em que os papas governavam os Estados Papais, a Igreja Católica tinha se identificado tão estreitamente com o

governo. Nunca, desde os tempos das Cruzadas, havia desempenhado papel tão central em instigar os católicos para uma conquista externa.

A febre guerreira alimentava teorias conspiratórias sombrias, com padres e bispos advertindo os fiéis de que os países que se opunham à invasão o faziam por ódio tanto à Itália fascista quanto à Igreja Católica Romana.[12]

O Vaticano incentivava essas opiniões. Um dia depois do Natal, o monsenhor Pizzardo disse ao enviado do Vaticano ao Canadá que ele deveria neutralizar a oposição à guerra na Etiópia.[13] A oposição, explicou ele, tinha como alvo tanto o fascismo quanto a Igreja. Era "uma aversão que vem naturalmente", acrescentou, "contra um grande Estado católico como a Itália, que mantém boas relações com a Santa Sé". Os ataques eram motivados pelo "ódio dos inimigos da Igreja que, atacando a Itália, gostariam de desferir um golpe contra a Igreja Católica e a Santa Sé".

Em sua resposta, o enviado do Vaticano ressaltou que a oposição à guerra etíope era generalizada no Canadá. Infelizmente, escreveu, protestantes, comunistas e "os que são muito apegados a princípios democráticos" se opunham ao fascismo havia tempos. Mas "a gente boa e os políticos mais imparciais têm sido obrigados a admitir que o fascismo está fazendo um trabalho maravilhoso". Quanto à advertência de Pizzardo sobre os inimigos ocultos da Igreja, acrescentou, ele faria o melhor que pudesse para difundir a mensagem.[14]

★ ★ ★

NO MESMO MÊS em que Mussolini realizou o Dia da Fé, Pio XI anunciou a nomeação de vinte novos cardeais. Catorze eram italianos. Deu-se muita importância a esse fato: como apontaram vários observadores, quase todo mundo na Secretaria de Estado era italiano, e todos os núncios eram italianos. Na Alemanha, artigos de jornal e círculos políticos ligaram a escolha dos novos cardeais à crescente influência do

regime fascista no Vaticano. Um jornal alemão notou, com pesar, o contraste entre o entusiástico apoio dos bispos da Itália à guerra de Mussolini na Etiópia e a recusa dos bispos da Alemanha a mostrar o mesmo entusiasmo pelo regime nazista.[15]

Contrariando as expectativas, o novo arcebispo de Westminster, Arthur Hinsley, não estava entre aqueles que receberam o chapéu cardinalício. Dois meses antes, ele defendera o papa, dizendo que havia pouco que o pontífice pudesse fazer para impedir a guerra. "É um pobre velho desamparado", explicou, "com pouca força política para se defender, para vigiar os inestimáveis tesouros do Vaticano e para proteger o diminuto Estado que lhe assegura a devida independência." A linha de defesa do arcebispo não tinha agradado ao papa, e sua denúncia do fascismo como regime tirânico — uma "deificação moderna do cesarismo" — enfurecera Mussolini. A decisão de Pio de passar por cima de Hinsley foi atribuída por muitos a seu desejo de não ofender o Duce.[16]

O governo italiano aplaudiu calorosamente as escolhas do pontífice para o Sacro Colégio. Ele não apenas devolvera aos italianos uma clara maioria, mas também, como disse um informante da polícia, "pode-se declarar com toda a confiança que, dos catorze [italianos] nomeados, quase todos são — mais ou menos — amigos do regime".[17]

O arcebispo de Westminster não foi o único clérigo desconsiderado. Em 9 de janeiro, o papa chamou Tacchi Venturi para lhe dizer que, embora desejasse nomeá-lo cardeal, achava que o momento não era oportuno. "Pobre padre", disse o pontífice ao seu abatido enviado, "o chapéu cardinalício ia para você! Mas o que se pode fazer?" Em vista do delicado momento internacional, nomear cardeal seu representante pessoal junto a Mussolini poderia ser mal interpretado. E os ingleses, perguntou Pio, o que pensariam? De qualquer maneira, disse ele ao jesuíta, era importante demais preservá-lo em suas funções, o que teria sido impossível caso ele se tornasse cardeal.[18]

Um dos vinte homens que receberam o chapéu cardinalício naquele mês de dezembro foi Camillo Caccia, alvo frequente de acusações de pederastia. O mestre de cerimônias do papa achou que a promoção lhe era mais do que devida. Quando a lista dos cardeais de 1929 havia sido divulgada, Caccia ficara furioso ao ver que seu nome não fora incluído.[19] Em outubro de 1930, os jornais de Turim informaram que circulavam boatos de que ele estava em vias de ser nomeado arcebispo da cidade. As reportagens, de acordo com um informante da polícia no Vaticano, provocaram "comentários indecentes".[20] Em março de 1931, outro informante contou que Caccia estava furioso com o comandante dos gendarmes papais por ter denunciado um recente relacionamento íntimo de Caccia com um jovem padre. Pio soube da história e não ficou nada satisfeito. Antes, lembrava o informante, só os velhos laços com o pontífice tinham salvado Caccia do destino que o papa reservara para monsenhor De Samper em circunstâncias parecidas.[21]

Apesar das histórias que cercavam Caccia, rumores de que Pio XI ia nomeá-lo cardeal ganharam força. Isso provocou uma nova explosão de acusações em 1933, e outras pessoas no Vaticano afirmaram ter visto Caccia com meninos e rapazes em situações comprometedoras. Entre eles, um conde da aristocracia negra — as famílias romanas de elite leais ao papa em sua batalha de décadas contra o novo Estado italiano — falou sobre a vez em que Caccia, em seu apartamento no Vaticano, fora flagrado acariciando dois estudantes enquanto os enchia de vinho e outras bebidas alcoólicas. Interrogados, os meninos, ainda bêbados, disseram que o prelado os atraíra para seus alojamentos prometendo-lhes um bom dinheiro. O clero de Roma, dizia o informante, não gostava do pontífice por considerá-lo um déspota mal-humorado. Se, apesar da reputação predatória de Caccia, Pio o nomeasse cardeal, sua popularidade, pelo menos segundo o informante, cairia ainda mais.[22]

Caccia recebeu um claro sinal de favor papal e a presunção de que enfim seria nomeado cardeal quando Pio lhe pediu, em agosto de 1934,

que integrasse a delegação papal no congresso eucarístico em Buenos Aires.[23] Mas quase na mesma época outro informante da polícia levantou dúvidas sobre as intenções do pontífice. Um dos defensores de Caccia falara bem do mestre de cerimônias, durante uma audiência com Pio, elogiando o trabalho árduo que ele desempenhara em nome do papa. Devido à cintura cada vez mais larga, argumentou o amigo, Caccia estava tendo dificuldade para manter o ritmo frenético, por isso talvez fosse hora de recompensá-lo. Pio, irritado com o pedido, deu as costas ao visitante. "Faça-o comer menos!", rosnou.[24]

Mas o Santo Padre conservava uma afeição por Caccia, que conhecia desde menino em Milão, e por isso, no fim, acrescentou-o à lista dos novos cardeais em 1935. Se as alegações contra ele eram conhecidas dentro do Vaticano, aparentemente não diminuíram o entusiasmo com que foi recebido pelos novos colegas. "Robusto, jovial e bem-humorado", comentou o embaixador britânico na Santa Sé, em meados de 1938, "o cardeal Caccia é talvez o membro mais popular do Sacro Colégio."[25]

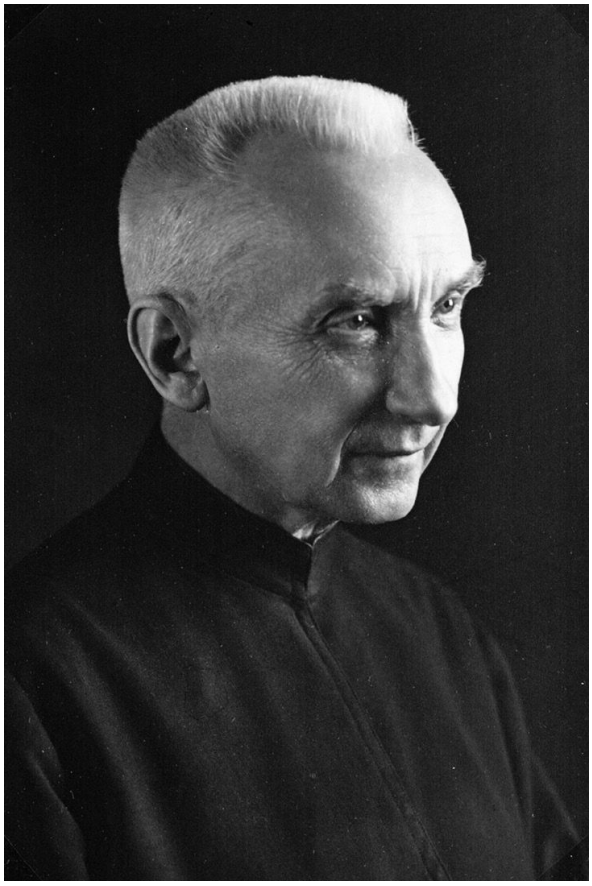
★ ★ ★

O PAPA CONTINUAVA preocupado com o impacto da guerra etíope junto aos americanos. Em 4 de janeiro, fazendo eco à sugestão do cardeal Pacelli, aconselhou o Duce a intensificar sua propaganda a favor da guerra nos Estados Unidos.[26] Mussolini disse a Pio que não se preocupasse, pois a situação havia melhorado muito, em especial graças àquele "padre irlandês" — o pregador radialista Charles Coughlin — "que partiu para a ofensiva com métodos essencialmente americanos, extremamente eficientes com os cidadãos de lá".[27] Desde que as sanções tinham sido anunciadas, Coughlin usava seu programa radiofônico de meia hora, transmitido todos os domingos, para denunciá-las. "A Liga das Nações e suas sanções", disse a seus milhões de ouvintes no fim de novembro,

"existe com um só propósito: agir quando os interesses britânicos estão em jogo."[28]

Quando um problema de fato surgiu nos Estados Unidos, Mussolini estava certo de poder contar com o pessoal do Vaticano para ajudá-lo. No começo de 1936, a influente revista jesuíta *America* publicou um artigo criticando a guerra.[29] O Duce mandou seu embaixador conversar com o chefe da ordem dos jesuítas para pedir ajuda.

Tendo começado suas atividades em meados do século XVI, os jesuítas tinham a reputação de serem os intelectuais da Igreja, e Pio mantivera a tradição de se aconselhar com eles. Eleito superior geral da Companhia de Jesus em 1915 — cargo que ocupou até morrer, mais de vinte e cinco anos depois —, Włodzimierz Ledóchowski vinha de uma família de aristocratas poloneses. Quando menino, servira como pajem na corte imperial austríaca. Seu pai, um conde, fora oficial de cavalaria no Exército austríaco. O tio, cardeal, destacara-se na Cúria, servindo como líder da Congregação para a Propagação da Fé.[30] O escritório de Ledóchowski, na sede mundial dos jesuítas, ficava a uma pequena distância do Vaticano.



22. Włodzimierz Ledóchowski, superior geral da Companhia de Jesus

O príncipe Bernhard von Bülow, que serviu como chanceler do Império Alemão na primeira década do século, descreveu Ledóchowski em suas memórias: "O superior geral é um homem de estatura mediana, com os olhos inusitadamente inteligentes, as feições enrugadas e moldadas de um sábio e a segurança de modos de um aristocrata nato." Em 1924, quando visitou o líder jesuíta em Roma, o príncipe ficou impressionado com a simplicidade de sua sala, onde não havia quase nada além de uma imagem da Virgem e alguns retratos de papas. Compreendeu logo por que os superiores gerais jesuítas hesitavam em aceitar nomeações para o cardinalato: o cargo que exerciam era mais influente.[31]

Ledóchowski presidira uma rápida expansão da ordem jesuíta, aumentando a sua presença nas Américas ao mesmo tempo em que multiplicava missões na Ásia. Embora fosse em certo sentido tirânico e

sem dúvida severo, não era desprovido de senso de humor. Certo dia, um de seus colaboradores mais próximos entrou no escritório para falar com ele quando reparou em um jesuíta grandalhão que deixava a sala. "Você não o conhece?", perguntou o superior geral. "É o padre B, um dos melhores que temos. Viu como está gordo? Quando se senta, ocupa pelo menos três lugares. É por isso que sempre o mando para as cerimônias oficiais. Porque a imprensa diz: havia uma grande representação da Companhia de Jesus."[32]

O líder jesuíta não fazia segredo de seu entusiasmo pelo regime fascista. Desde o instante em que Mussolini chegou ao poder, Ledóchowski fez o que pôde para acabar com a oposição da Igreja ao Duce.[33]

Em seu encontro no começo de 1936, o embaixador italiano disse ao jesuíta que Mussolini queria que o editor antifascista de *America* fosse demitido e que um editor favorável ao regime entrasse em seu lugar. Ledóchowski atendeu prontamente. "De imediato, sem hesitação, o Padre Geral me entregou a cabeça do diretor da revista jesuíta americana", escreveu Pignatti. Logo assumiu um novo editor, devidamente entusiástico da causa fascista.[34]

Feliz com aquele apoio, Pignatti comentou que os inimigos da Itália eram inimigos da Igreja. Ledóchowski concordou. Os ataques que Mussolini vinha sofrendo por travar uma guerra na Etiópia, respondeu ele, eram apenas "um pretexto com o qual o judaísmo internacional está lucrando para prosseguir em seu ataque à civilização ocidental".[35]

★ ★ ★

O DUCE SOFRIA imensa pressão. "Se a Liga das Nações tivesse seguido o conselho de Eden [Anthony Eden, secretário do Exterior britânico] e ampliasse as sanções contra a Itália para incluir o petróleo, eu teria sido obrigado bater em retirada na Abissínia em uma semana. Teria sido, para

mim, uma catástrofe indescritível", diria mais tarde a Hitler.[36] A economia italiana sofria o impacto dos custos da guerra e das sanções. A calma aparência pública de Mussolini, disse o principal conselheiro financeiro do papa, mascarava seu "estado de depressão física".[37]

A propaganda fascista tinha imaginado que a guerra seria a marcha breve e triunfal de um exército europeu moderno através do interior árido de um país defendido por selvagens de lança em punho, mas, em vez disso, as tropas italianas experimentavam constrangimentos em sequência. Em 6 de dezembro, dois meses depois da invasão inicial, quando os italianos começaram a bombardear a cidade de Dessie, um fotógrafo tirou uma foto do imperador, Haile Selassie, atirando com uma metralhadora contra aviões italianos que sobrevoavam o local. Pior, o fotógrafo também registrou aviões italianos bombardeando o hospital americano, com as unidades da Cruz Vermelha aparecendo com clareza na imagem. Ainda naquele mês, os etíopes juntaram dezenas de milhares de soldados e por algum tempo impediram o avanço do Exército da Itália. No começo de janeiro, os italianos marcharam sobre Tembien, sem saberem que um exército de mais de cem mil etíopes os esperava. Unidades de camisas-negras encabeçavam o ataque. Metade dos oficiais milicianos foi morta num único dia. No último minuto, a chegada de aviões italianos despejando ogivas de gás venenoso salvou os sobreviventes em pânico de uma retirada abrupta.[38]

A invasão italiana, que perdera o rumo, voltou aos trilhos em fevereiro de 1936, graças, em boa parte, ao uso de armas proibidas por tratados internacionais. Os etíopes não possuíam força aérea e, quando os aviões italianos lançavam bombas incendiárias em aldeias e gases venenosos contra os moradores em fuga, eles não tinham como reagir. "Trabalho muito divertido, trágico, mas belo", escreveu Vittorio, filho de Mussolini, a respeito dos ataques aéreos, dos quais ele, além do irmão Bruno e do cunhado Galeazzo Ciano, participavam. Quando as vítimas dos ataques de gás venenoso foram exibidas pela imprensa mundial, os

jornais italianos alegaram que as deformidades dos etíopes eram causadas pela lepra.[39]

"Mussolini tem contado com muita sorte, muita sorte", observou Pio XI, em meados de março de 1936. Uma semana antes, Hitler enviara tropas alemãs à Renânia, desviando a atenção internacional da guerra na Etiópia.[40] Animado por uma recente série de vitórias militares, o Duce deixou claro que a guerra terminaria no campo de batalha. Nas semanas anteriores à ocupação de Adis Abeba, no começo de maio, a debandada assumiu proporções de quase genocídio. O chefe do Partido Fascista Achille Starace, no comando de uma unidade motorizada, supervisionava o incêndio das aldeias por onde o exército passava. Os feridos, com muita sede, cambaleavam rumo aos lagos para beber, mas a água que encontravam era saturada de gás mostarda, que conduzia a uma morte agonizante. Dezenas, talvez centenas, de milhares morreram.[41]

Conforme o exército italiano se aproximava de Adis Abeba, Haile Selassie percebeu que tudo estava perdido. Em 2 de maio, num gesto que indignou alguns conterrâneos orgulhosos, ele e seu entourage fugiram da cidade num trem. Na capital que ele deixou para trás, os guerreiros, sem liderança e em busca de armas e dinheiro, saquearam casas, lojas e escritórios. Alguns tentaram incendiar a cidade para que os italianos não a tomassem. Os europeus se amontoaram nas embaixadas, que foram atacadas. O caos foi assustador, porém breve, pois em 5 de maio o general Badoglio entrou em Adis Abeba à frente de uma coluna de dois mil veículos, precedida por carros repletos de jornalistas italianos que estavam ali para registrar o triunfo.[42]

No dia seguinte, Tacchi Venturi enviou a Mussolini uma carta de congratulações.[43] "Excelência", escreveu ele, "depois de ter agradecido a Deus pela vitória e pela paz romana, permita-me dirigir uma palavra de alegria sincera e ardente a Vossa Excelência! O Senhor o ajudou, de maneira maravilhosa, a não desistir nas horas mais difíceis e incertas. Os corações de todos os bons católicos italianos suplicam a Deus que

continue lhe dando sua divina ajuda, para que os frutos da vitória sejam verdadeiramente aqueles que se tem o direito de esperar de um vencedor país católico apostólico romano."[44]

Em 9 de maio, uma multidão de cem mil romanos se reuniu na Piazza Venezia. Erguendo bandeiras fascistas e acenando com lenços, os presentes fixaram os olhos na sacada de Mussolini. Outros milhares entupiam as ruas vizinhas. Cantos ritmados e trovejantes de "Du-ce! Du-ce!" sacudiam as velhas paredes.

Em todo o país, em cidades e vilarejos, por menores e mais remotos que fossem, os sinos das igrejas convocaram todos os moradores para a praça central. Alto-falantes entravam em ação, prontos para transmitir o discurso de Mussolini. Em Roma, três rajadas de trombetas soaram no palácio do Duce, mas poucos conseguiram ouvir; a iminência da aparição dele criou uma agitação quase impossível de aguentar. Por fim, o grande homem foi até a sacada e pôs-se de pé, ereto, imóvel, as mãos no parapeito de mármore, os ombros largos afastados, a expressão no rosto quadrado imutável, como se ele também fosse de mármore. Mussolini franziu as sobrancelhas em concentração fascista, inclinando o torso para trás enquanto levantava o braço direito numa saudação romana. Urros da multidão ecoaram pela *piazza*. Só então o rosto dele se abrandou num sorriso benévolo, como se de certa forma recompensasse o povo pela adoração e fé.

"A Itália", proclamou o Duce, "enfim tem o seu império."

A multidão explodiu. A *piazza*, escreveu uma testemunha, era como um templo sob uma cúpula celestial. Mussolini acenou em agradecimento, mas silenciou os espectadores. Tinha mais a dizer.

Os etíopes se tornariam súditos do Reino da Itália, explicou. O rei da Itália agora teria mais um título: Imperador da Etiópia.

— Erguei bem alto vossos emblemas, vossos braços e vossos corações — convocou Mussolini — para saudar, depois de quinze séculos, o

ressurgimento do Império nas fatídicas colinas de Roma. Sereis dignos dele? — perguntou à multidão.

— Sim! — berraram todos em resposta.

— Vossos gritos são como um juramento sagrado, que vos une perante Deus e perante os homens, na vida e na morte. Saudai o rei! — disse o Duce. Nesse momento, ele ergueu o braço direito na saudação fascista; e as multidões na Piazza Venezia e nas praças centrais de cidades e vilarejos de toda a Itália estenderam os braços e gritaram de alegria.

No dia seguinte, nas catedrais e igrejas do país, milhões de italianos celebraram missas especiais de ação de graças.[45]

★ ★ ★

O FIM DA guerra foi um grande alívio para Pio XI. Ele nunca a quisera, e ela havia colocado o Vaticano sob grande pressão. Mas a situação internacional continuava a lhe pesar bastante sobre os ombros. O pontífice temia que o conflito tivesse empurrado Mussolini ainda mais na direção dos braços de Hitler. Temia também que a conquista na África subisse à cabeça do Duce e que o ditador voltasse sua atenção para o Adriático. A Albânia, disse o papa ao encarregado de negócios francês no começo de junho, provavelmente seria o próximo país na lista de Mussolini.[46]

O papa se sentia cada vez mais fraco. Em abril, não tinha aparecido em São Pedro para celebrar a missa do domingo de Páscoa. Abandonara as caminhadas diárias, limitando-se a raros passeios pelos jardins do Vaticano em seu grande sedã americano. Um elevador fora instalado no palácio Apostólico para que ele não precisasse mais subir e descer as escadas entre os aposentos particulares e o estúdio.[47]

Mussolini estava triunfante, aborrecido apenas com o fato de que, finda a guerra, as sanções da Liga das Nações continuavam em vigor. Mais uma vez pediu ajuda ao Vaticano.[48] O cardeal Pacelli fez o que

pôde para atender. Durante um encontro com o embaixador britânico, insistiu em que não haveria paz na Europa enquanto as sanções não fossem suspensas.[49] Pacelli repetiu essa mensagem nos encontros quinzenais com embaixadores europeus. O papa também fez a sua parte, dizendo ao embaixador francês que as sanções não tinham mais qualquer sentido prático.[50] Em 7 de julho, a Liga das Nações suspendeu-as.[51]

Curiosamente, o embaixador da Itália na Santa Sé, Bonifacio Pignatti, achou que Mussolini estava exagerando o seu apreço ao apoio do papa. O pontífice, disse ele ao Duce, agira apenas em interesse próprio. Não se passava um dia sem que um enviado da Santa Sé perambulasse pelos corredores e pelas salas dos ministérios, inclinando-se sobre funcionários para sussurrar algum pedido. Pio tinha muito a perder se algo acontecesse ao regime fascista.

Não havia dúvida, acrescentou Pignatti, de que o apoio entusiástico, quase universal, do clero italiano e da hierarquia do Vaticano ao esforço de guerra tinha sido valioso. Mas "não se esqueça de que, no conflito ítalo-etíope, o papado se via enfrentando uma coalizão judaico-maçônico-bolchevique", firmemente apoiada pelo protestantismo. Se a Santa Sé apoiara a guerra de Mussolini, disse ele, isso se devia ao fato de que a Igreja estava travando a própria batalha santa contra os mesmos inimigos.[52] Pelo visto, a teoria da conspiração de Tacchi Venturi conquistara mais um adepto.

A Etiópia foi o maior triunfo de Mussolini, ou pelos menos assim lhe parecia. Todos os dias, durante a guerra, ele acompanhara ansiosamente a movimentação das tropas, mudando pequenas bandeiras italianas de lugar no gigantesco mapa que tinha em seu gabinete.[53] Antes dele, ninguém havia prestado a menor atenção à Itália. Agora, os líderes mundiais não paravam de falar sobre o que o Duce faria. Bispos e padres o tinham inundando com suas cruzes de ouro e seus bens sagrados. Vítor Emanuel III o agraciara com a mais alta honraria militar do Estado, a Grã-Cruz da Ordem de Saboia. O rei também se oferecera para fazê-lo príncipe, mas

ele recusara. "Majestade, fui e sou apenas Mussolini", disse ao monarca. "As gerações de Mussolinis sempre foram gerações de camponeses, e isto para mim sempre foi motivo de orgulho."[54]

A profecia feita um ano antes por Margherita Sarfatti na janela que dava para a Piazza Venezia se revelaria certeira. Agora, o sentimento de importância de seu antigo amante não tinha limites. Parecia que sua confiança nos próprios instintos chegara ao ponto de fazê-lo pensar que o papa não era o único indivíduo infalível na Cidade Eterna. Com a ajuda do sicofanta Starace, ele logo elevaria o culto da personalidade a níveis assustadores, com estátuas, retratos e fotografias em toda a parte. Pintados em letras garrafais, seus slogans — "Acredite, obedeça, lute", "Mussolini tem sempre razão", "Muitos inimigos, muita honra" — cobriam as paredes de casas e celeiros.[55] Alunos de escolas secundárias já recitavam uma "oração para o Duce", agradecendo a Deus por Mussolini, "que amo mais do que qualquer coisa no mundo". Terminavam com uma promessa: "Humildemente lhe ofereço minha vida, ó, Duce!"[56]

Centenas de milhares de jovens e milicianos fascistas começariam a passar as tardes de sábado — apelidadas de "sábado fascista" — praticando o novo *passo romano*. Embora Mussolini dissesse que era baseado na marcha militar das legiões da Roma antiga, sua semelhança com o passo de ganso nazista não passou despercebida. Nesse ponto, também, Sarfatti tinha razão. Mussolini conduzia a Itália para os braços da Alemanha nazista, um desastre anunciado.

CAPÍTULO DEZOITO

SONHOS DE GLÓRIA

Quando entrou na biblioteca do papa no começo de 1936, o embaixador da Alemanha, Diego von Bergen, temia que o encontro fosse desconfortável. Era costume de Pio XI receber todos os embaixadores no início do ano. Nos dez minutos que dispensava a cada um, dava sua bênção e logo elogiava ou criticava recentes ações do respectivo governo. Na realidade, o encontro em questão acabou sendo mais desagradável do que Berger esperava.

O papa tinha muitas razões para reclamar. Em 1933, quando Hitler chegou ao poder, dois terços dos estudantes de Munique, capital da Baviera, a maior região católica da Alemanha, frequentavam escolas paroquiais católicas. Em 1935, esse número caíra pela metade. Dali a dois anos, encolheria para três por cento.[1]

As "assim chamadas conversas", lembrava-se Bergen, "são monólogos do papa, que parte do princípio de que suas palavras serão ouvidas sem objeção e recebidas com deferência".

Berrando, gesticulando e cada vez mais agitado, Pio manifestou seu descontentamento com todas as formas pelas quais o Terceiro Reich perseguia a Igreja. Quando Bergen tentou falar, o papa, indignado, apenas elevou ainda mais a voz. Os dez minutos previstos tinham acabado havia muito, mas o pontífice continuava reclamando. "Sempre houve os que dissessem que a Igreja está condenada a desaparecer", advertiu ele ao embaixador. "Mas eles é que sempre desapareceram, não a Igreja." Então

Pio apertou a campainha elétrica que mandara instalar na escrivaninha, instruindo o atendente do lado de fora a abrir a porta para o visitante.[2]

Aborrecido, Bergen saiu dali para se queixar no escritório do cardeal Pacelli. O antigo núncio na Alemanha era seu velho amigo. Quais partes do que o papa lhe dissera deveriam ser transmitidas aos seus superiores? As duras palavras do pontífice, comentou ele, deixariam-nos furiosos. Pacelli recomendou que relatasse apenas a essência dos comentários de Pio, deixando de fora as partes mais inflamadas.

"Esse episódio mostrou mais uma vez", diria Bergen ao ministro do Exterior alemão, "que o cardeal Pacelli está sempre se esforçando para apaziguar, para exercer uma influência moderadora sobre o papa, que é difícil de lidar e de influenciar." Seria melhor, acrescentou, não levar muito a sério as explosões do pontífice. Ao que consta, Mussolini, com base em sua experiência com as diatribes papais, teria aconselhado: "Não fique impressionado com isto. A melhor coisa a fazer é deixar o velho senhor dizer o que quer."[3]

O crescente entusiasmo do Duce pelo Führer enfurecia Pio XI, que tampouco estava feliz com o fato de a Grã-Bretanha e a França não tomarem qualquer medida a fim de parar os preparativos militares da Alemanha. Em 7 de março de 1936, Hitler enviou forças militares alemãs à Renânia, a faixa de terra que faz fronteira com a França, a Bélgica e a Holanda e que, de acordo com o Tratado de Versalhes, de 1919, deveria permanecer desmilitarizada. As tropas alemãs tinham ordem para recuar ao primeiro sinal de contra-ataque dos franceses, mas a França não tomou nenhuma atitude. "Se vocês tivessem mandado duzentos mil soldados", disse o papa ao embaixador francês na semana seguinte, "teriam prestado um imenso serviço ao mundo todo."[4] A Europa se aproximava um pouco mais da guerra.

Os acontecimentos na Espanha também levavam a uma colaboração maior entre o Duce e Hitler. Uma vitória eleitoral na Espanha da Frente Popular, de esquerda, no ano de 1936, foi o estopim de uma rebelião

militar. A Igreja, identificada havia muito com as velhas elites, e agora com os oficiais revoltosos, logo se tornou alvo da ira popular na revolta.[5]

A Espanha preocupava o papa desde a abdicação do rei, cinco anos antes. Em 1933, Pio publicou uma encíclica criticando os esforços do governo espanhol para reduzir a influência da Igreja.[6] Mas o pontífice se inclinava a trabalhar com os elementos mais moderados do governo em busca de uma solução. Seus esforços foram frustrados, tanto por extremistas anticlericais no governo quanto pela hostilidade de muitos membros da hierarquia da Igreja espanhola, que se opunham a qualquer acordo com os esquerdistas.[7]

O início da guerra civil, em julho de 1936, trouxe horrores indescritíveis. Setecentos padres, monges e freiras foram mortos. As orelhas dos padres eram cortadas e passadas adiante como troféus numa praça de touros. Os restos mortais apodrecidos de freiras eram tirados das sepulturas e deixados ao ar livre — jornais franceses publicaram fotos. Mosteiros foram transformados em sedes socialistas, cultos religiosos foram proibidos, e quase todas as igrejas de Barcelona foram incendiadas. Em 12 de agosto, o cardeal Pacelli foi à embaixada espanhola fazer um protesto.[8]

Embora Francisco Franco, líder da revolta militar espanhola, tenha sido às vezes comparado a Mussolini, o Duce não tinha nenhuma afeição particular por ele. Achava que Franco não era grande coisa como general, mantendo-se covardemente longe do front. E o sadismo das forças espanholas era assombroso. "Para elas, executar mil homens é como comer um prato de macarrão", comentou o ditador italiano.[9]

Motivado menos por camaradagem ideológica com Franco do que pelo desejo de limitar a influência internacional do governo de esquerda na França, Mussolini logo passou a conferenciar com os nazistas sobre a melhor maneira de ajudar na insurreição. Em outubro, as primeiras remessas russas de aeronaves, tanques e outros suprimentos começaram a chegar para respaldar o governo espanhol. A imprensa católica italiana

insistiu para que o Duce mandasse tropas para ajudar os rebeldes.[10] Até o fim do ano, ele despachou milhares de milicianos camisas-negras e de soldados para ajudar Franco.[11]

O papa não tinha o mesmo entusiasmo pela guerra. Ficava horrorizado com os arrepiantes relatos de atrocidades contra católicos, mas hesitava em endossar uma revolta armada contra um governo eleito. Também não tinha nenhuma vontade de ver Mussolini enredado numa guerra que o empurraria mais ainda para os braços de Hitler.[12]

★ ★ ★

JUSTAMENTE QUANDO O papa começava a receber os primeiros informes sobre a guerra civil na Espanha, notícias ainda mais perturbadoras chegaram da Alemanha: os nazistas planejavam levar a julgamento centenas de monges e freiras alemães por perversão sexual. Durante todo o ano seguinte, os julgamentos, bastante divulgados, receberiam cobertura de primeira página na imprensa alemã. "Corruptores da juventude usando batina", alardeava uma manchete. "Insondável depravação no mosteiro", declarava outra. Os padres eram acusados de atrair crianças sob seus cuidados para induzi-las a atos sexuais e também de seduzir jovens mulheres vulneráveis. Para piorar, as autoridades alemãs reabriram a causa judicial contra os jesuítas, acusados de exportação ilegal de divisas.[13]

Então veio a desconcertante notícia de que Mussolini estava despachando o genro, Galeazzo Ciano, a Berlim para conversas destinadas a fortalecer os vínculos entre os dois países. Ciano experimentara uma ascensão vertiginosa dentro do governo. Aos trinta e dois anos, em 1935, tornara-se ministro de Imprensa e Propaganda. No ano seguinte, o Duce estarreceu o mundo diplomático ao designá-lo para o cargo mais prestigioso do governo depois do seu: ministro das Relações Exteriores. Cada vez mais, talvez até de maneira inconsciente, Ciano tentava imitar os maneirismos do sogro. Mas sua voz aguda e nasalada jamais poderia

reproduzir o jeito de falar estrondoso e escandido de Mussolini. Os romanos passaram a chamá-lo, com zombaria, de *il Ducellino,* "o pequeno Duce", ou *generissimo*, uma combinação cômica de *genero*, "genro", e *generalissimo*, a mais alta patente militar. "O genro também ascende", gracejou um diplomata americano. Facilmente seduzido pelo poder, dando passos maiores do que as pernas e incapaz de resistir a lisonjas, Ciano foi manipulado sem dificuldade por Hitler.[14] Naquele outubro, três meses depois de iniciada a Guerra Civil Espanhola, ele assinou um acordo secreto de cooperação com o Terceiro Reich. Assim nasceu o "eixo" Roma-Berlim.[15]

Um novo embaixador americano na Itália, William Phillips, chegou a Roma mais ou menos nessa época. Em seu primeiro encontro, Ciano causou-lhe boa impressão: era afável, ria muito e falava um inglês excelente. Mas Phillips logo começou a ter dúvidas a respeito do jovem ministro do Exterior da Itália. "Na aparência", escreveu, "tinha uma surpreendente cara de menino, embora com tendência ao roliço."[16] De estatura média, Ciano tinha rosto redondo e "cabelos negros brilhosos", penteados para trás "ao estilo típico de um italiano". Era evidentemente ambicioso, mas não tinha "critérios morais ou políticos". Ciano achava o máximo ser um potentado fascista e genro do Duce. Contudo, os outros líderes fascistas o detestavam, ressentindo-se de sua imerecida ascensão ao poder e de seu amor pela *la dolce vita*. Acima de tudo, estavam furiosos com Mussolini, que pelo visto já o escolhera — sem se dignar a consultá-los — como seu herdeiro político.[17]

O embaixador Phillips teve uma impressão bem diferente de Mussolini. Ao entrar no "vasto e deserto salão de piso polido" para o primeiro encontro, viu uma figura do outro lado, sentada a uma escrivaninha. "Um homem baixo, atarracado e de físico vigoroso veio ao meu encontro", recordou. "A calvície total parecia exagerar o tamanho da cabeça." O que mais chamou a atenção do embaixador foram os olhos do Duce, que "de repente pareciam aumentar de tamanho, com o branco

sobressaindo", quando ele fazia uma declaração. A conversa foi em inglês, pois as recentes aulas particulares tinham ajudado bastante Mussolini. Mais adiante, Phillips observaria que, quando usava seu uniforme fascista, o ditador parecia uma figura imponente, mas nas raras ocasiões em que o vira em trajes civis lembrava um "camponês robusto" e um "sujeito muito mau".[18]

Ao reencontrar Mussolini depois de vários meses, Roberto Cantalupo, embaixador italiano na Espanha, viu um homem que, por efeito da vitória etíope, parecia drasticamente mudado. Mais sólido, o pescoço mais grosso, o rosto maior, tinha a pele de um vermelho-vivo devido aos dias de verão passados na praia. Acompanhado por Ciano, cada palavra sua parecia falsa, como se fosse destinada a uma grande plateia. A distância entre o Duce e Cantalupo, que o conhecia havia muitos anos, pareceu imensa. Depois de alguns minutos desconfortáveis, Cantalupo saiu, mas Ciano o alcançou antes que deixasse o prédio.

— O que achou dele? — perguntou o genro do ditador.

— Não achei nada dele. A pessoa que encontrei foi outra — respondeu o embaixador.

Ciano sorriu.

— Você sabe, ele provou de uma grande glória e, lá das alturas, vê o restante de nós como pequenos, muito pequenos. Vive num mundo próprio. Talvez seja melhor deixarmos que continue lá, no Olimpo, onde pode fazer grandes coisas. Quanto ao resto de nós, cuidaremos das coisas deste mundo.[19]

Giovanni Bottai, um dos líderes fascistas mais chegados a Mussolini, passou por uma experiência parecida ao voltar da Etiópia. "Eu tinha diante de mim não o homem, mas a estátua", escreveu em seu diário. Uma "estátua dura, pétrea, da qual saía uma voz fria".[20]

O Duce perdeu um pouco a compostura com um golpe inesperado: Anna Maria, sua filha caçula, de sete anos, contraiu pólio. Debatia-se entre a vida e a morte, enquanto Mussolini assistia, impotente. Por fim,

ela se recuperou, embora os sinais da doença permanecessem. Numa entrevista coletiva concedida durante o período de doença da menina, quando jornalistas estrangeiros presentearam o ditador com uma boneca para Maria, lágrimas caíram pelo famoso rosto que mais parecia uma máscara.[21]

Mas a doença da filha não amoleceu Mussolini nem um pouco. Ele não dava ouvidos a conselhos. Fazia questão de que, quando viessem vê-lo, ministros e outras autoridades atravessassem depressa a imensa sala do gabinete até sua mesa, fizessem a saudação romana e lhe passassem os documentos solicitados. Depois de responder a perguntas suas e sem fazer qualquer comentário não solicitado, os visitantes deveriam fazer outra saudação, dar meia-volta e chispar.[22] Tinham sorte quando conseguiam escapar sem ter provocado sua ira. Navarra, assistente do Duce, que esperava do lado de fora da sala, ouvia diversas vezes as estrondosas acusações do ditador. Quando furioso, ele esmurrava a mesa e abria e fechava convulsivamente as pernas, esfregando os calcanhares no escabelo debaixo da mesa. De acordo com Navarra, o escabelo em pouco tempo estava desgastado.[23]

Mussolini achava que nada era impossível para ele.[24] A Itália seria o maior país do mundo se os italianos seguissem suas ordens. Mas, em meio aos sonhos de conquista e de glória, temia que os italianos fossem por natureza um povo fraco, inadequado para os seus desígnios marciais. Numa reunião do Grande Conselho, em dezembro, disse, pensando alto, que um dia ainda teria que "marchar com as tropas contra Nápoles para acabar com todos os violões, bandolins, violinos e realejos". [25]

Cada vez mais o Duce relegava as questões do dia a dia para seus auxiliares, e não só porque tinha assuntos mais importantes dos quais cuidar. Ele arranjara uma nova amante, Clara Petacci, que tinha vinte e quatro anos quando o caso começou a sério, em 1936; Mussolini tinha cinquenta e três. A família dela morava num grande apartamento perto da Villa Torlonia. O pai era médico da Santa Sé e cuidava de monsenhores,

funcionários e guardas papais. Menos de dois anos antes, ela havia se casado, numa cerimônia prestigiada por dignitários do Vaticano e presidida pelo próprio cardeal Gasparri. O casamento não durou muito.

Jovem cheia de vida, com seios fartos, olhos verdes e cabelos cacheados — produto de dezenas de bobes aplicados todas as noites —, Clara tinha dentes pequenos e uma voz baixa, cálida, rouca. Sua vida girava em torno das ligações telefônicas que a convocavam todas as tardes ao palácio Venezia. Para evitar as fofocas, ela pegava um táxi até um lugar combinado, onde era recebida por um policial de moto e saltava para dentro do *sidecar* coberto. Na entrada de serviço do palácio, encontrava-se com Quinto Navarra, assistente de confiança de Mussolini, que a conduzia ao apartamento especial que o Duce lhe reservava. Ali ficava deitada num sofá na sala Zodíaco — assim chamada por causa do teto abobadado azul-celeste com uma imagem dourada. Enquanto aguardava o amante, que costumava chegar depois das seis, passava o tempo lendo, ouvindo discos, desenhando modelos para suas roupas e enchendo volumosos cadernos com anotações de diário, nas quais narrava, com detalhes carinhosos, cada encontro com o grande homem.[26] No closet, guardava uma dezena de vestidos de cores vivas e cheios de babados, além de uma coleção de chapéus espalhafatosos. Navarra, que lhe servia chá, de vez em quando ficava para um bate-papo.[27]



23. Clara Petacci

Embora Mussolini tivesse possuído uma longa fila de amantes, Clara Petacci representava uma novidade. Não que as mulheres anteriores fossem mais velhas ou menos bonitas; o fato é que ele desenvolveu uma inusitada dependência emocional em relação a Petacci. Ele não a considerava de forma alguma sua igual — não demonstrava interesse por suas opiniões. As centenas de páginas publicadas do diário de Clara não dão o menor sinal de que ligasse para qualquer coisa que ela pensava: a única coisa importante era a total devoção dela. Mas o Duce descobriu que não saberia viver sem aquela jovem atraente, sem sua idolatria e sua disponibilidade sexual. Numa época em que o horror de envelhecer só aumentava, Clara lhe dava uma sensação de juventude renovada; e, depois que a filha quase morrera e do isolamento que sentira durante a guerra etíope, ela lhe oferecia alívio das pressões de constantemente ter que posar como um super-homem italiano.[28]

★ ★ ★

A PRIMEIRA PÁGINA da edição de 1º de outubro de 1936 do *New York Times* trazia uma notícia surpreendente: no dia seguinte, Eugenio Pacelli partiria de navio de Nápoles para Nova York, para uma demorada visita aos Estados Unidos. Nenhum ocupante de um cargo tão alto na Santa Sé tinha visitado o país antes.[29] Houve uma revoada de conjecturas nas capitais do mundo sobre as razões que teriam levado o papa a despachar seu secretário de Estado para os Estados Unidos. Ninguém levou a sério a alegação do Vaticano de que a visita era puramente "pessoal".

Prestou-se muita atenção ao padre radialista Charles Coughlin, cujos ataques cada vez mais violentos a Franklin Roosevelt, no meio de sua campanha para a reeleição em 1936, haviam dividido a comunidade católica dos Estados Unidos e constrangido o Vaticano. A razão da inesperada visita de Pacelli, especulava o *New York Times*, era o desejo do pontífice de assegurar ao presidente Roosevelt que ele nada tinha a ver com os ataques de Coughlin. Outros jornais previam que Pacelli fecharia a feroz operação radiofônica do padre. Em Roma, o embaixador da Itália na Santa Sé tinha outra explicação para a viagem: Pacelli, em campanha para suceder Pio XI, buscava o apoio dos quatro cardeais americanos.[30]

O bispo Spellman, de Boston, ficou encarregado da visita. Os dois homens voariam de um lado para o outro dos Estados Unidos, viajando mais de treze mil quilômetros, com incontáveis escalas. Pacelli colecionou diplomas honorários de várias faculdades católicas, encontrou-se com quase todos os bispos dos Estados Unidos e discursou para grandes reuniões de padres e de fiéis, de Boston à Califórnia.[31]

Desde o momento em que a visita foi anunciada, a imprensa indagava se o cardeal se reuniria com o presidente americano. O padre Coughlin usou seu programa de rádio para advertir o secretário de Estado do Vaticano a não realizar o encontro, que daria a impressão de que a Santa Sé apoiava a reeleição de Roosevelt.[32] Os ouvintes responderam com um

dilúvio de cartas iradas dirigidas ao delegado papal em Washington, acrescentando suas próprias palavras de advertência. (Na falta de relações diplomáticas formais com os Estados Unidos, o Vaticano mantinha um delegado, não um núncio, na capital.)[33] Cedendo à pressão, Pacelli esperou para ver Roosevelt dois dias depois da eleição.



24. Cardeal Pacelli durante sua visita à cidade de Nova York, outubro de 1936

O encontro ocorreu na casa da família do presidente em Hyde Park, Nova York. O único registro da conversa entre os dois veio das recordações de Roosevelt anos depois. O que mais o impressionou, disse o presidente, foi a clara obsessão de Pacelli com a ameaça de uma chegada ao poder dos comunistas nos Estados Unidos. Nisso ele não era muito diferente do padre Coughlin, segundo o presidente. O cardeal não parava de repetir: "O grande perigo nos Estados Unidos é o país se tornar

comunista." Roosevelt respondeu que o verdadeiro perigo era os Estados Unidos se tornarem fascistas.

— Senhor Presidente, o senhor simplesmente não compreende a terrível importância do movimento comunista — disse o cardeal Pacelli.

— O senhor simplesmente não compreende o povo americano — replicou Roosevelt.[34]

Dois dias depois, Pacelli embarcou no transatlântico Count of Savoy, no porto de Nova York, de volta para casa.[35]

★ ★ ★

NUMA NOITE DE outubro, enquanto o cardeal Pacelli ainda estava nos Estados Unidos, o papa desmaiou, batendo a cabeça num pilar de madeira da cama. Foi um prenúncio do que estava por vir. Em novembro, o outrora vigoroso pontífice teve que ser carregado para suas audiências públicas numa cadeira que funcionários mantinham suspensa. No começo de dezembro, com o coração dando sinais de assustadora fraqueza, o papa, de setenta e nove anos, ficou confinado ao leito.[36]

As veias varicosas de Pio XI causavam-lhe dores terríveis, só aliviadas pelos assistentes que lhe massageavam as pernas durante uma hora todos os dias. Ele passava a maior parte do tempo na cama, e o médico lhe fazia quatro visitas diárias.[37] À noite, os dois clérigos de Milão que assistiam o papa se revezavam à sua cabeceira, pois o desconforto era grande demais para que ele conseguisse dormir. O único compromisso regular que ainda cumpria era com o cardeal Pacelli, que o visitava todos os dias, pois o pontífice se esforçava para ficar a par de tudo o que acontecia.[38]

A agonia de Pio era tão grande que o cardeal Pacelli mal conseguia conter as lágrimas. O papa continuava insistindo para que o médico lhe dissesse quanto tempo levaria para ficar bom. "Não quero que me esconda a verdade", dizia ao discretíssimo médico que gaguejava que não sabia a resposta. O pontífice bebia um pouco de leite de manhã, depois

uma sopa rala à tarde, ouvindo música clássica no rádio. Perto do Natal, insistiu em dar aos cardeais a bênção tradicional, que foi oferecida ao lado da cama. Nesse meio-tempo, foram iniciadas, com discrição, as conversas a respeito de um sucessor. A certa altura, Pio parou de perguntar ao médico quando a saúde ia melhorar. Pedia apenas que Deus lhe desse uma morte digna.[39]

O Vaticano divulgou muitas histórias falsas para explicar por que o Santo Padre estava de cama. Mas, quando veio o Ano-Novo e ele não reapareceu, os rumores sobre sua saúde precária não puderam mais ser abafados. No começo de janeiro de 1937, *L'Osservatore Romano* informou que o pontífice sofria de arteriosclerose e de má circulação sanguínea. Havia alguma esperança, de acordo com o jornal do Vaticano, de que sua saúde melhorasse, mas, levando em conta a natureza da doença e a idade do papa, "certa prudência" era necessária.[40]

Pio era menos otimista. Todas as noites, a seu pedido, o secretário lia para ele relatos históricos sobre os últimos dias de outros pontífices. "Hora de ir para casa", disse ele, cansado. "Precisamos preparar as malas."[41] Enquanto descansava, olhou para o quadro em frente à sua cama. Mostrava Andrea Avellino, santo padroeiro da boa morte. Sentindo dores e debilitado pela idade, Pio se irritava com seu desamparo. O papa vigoroso, confiante, exigente, que aterrorizava aqueles que o cercavam, parecia sumir depressa. Mas, como ele próprio poderia ter dito, Deus escreve certo por linhas tortas. A maior batalha do papa ainda estava por vir.

PARTE TRÊS

MUSSOLINI, HITLER E OS JUDEUS

CAPÍTULO DEZENOVE

ATAQUE A HITLER

Ninguém achava que um conclave fosse demorar. Os cardeais avaliavam uns aos outros. Jornalistas americanos rondavam o Vaticano com maços de dinheiro, ansiosos para encontrar alguém que lhes informasse de imediato quando o papa morresse.[1]

O embaixador de Mussolini, Bonifacio Pignatti, mantinha-o a par das manobras de bastidores. Na Itália, informou ele, "a fé no Duce é absoluta e fora de discussão em toda a hierarquia episcopal e no clero"; o sucessor de Pio XI "teria que ser maluco" para atrapalhar as boas relações da Igreja com o governo fascista. Mas fora da Itália as coisas eram diferentes, advertia ele: os "julgamentos de imoralidade" do clero católico conduzidos pelo Terceiro Reich tinham unido cardeais do mundo inteiro contra os nazistas. Eles também não estavam nem um pouco satisfeitos com o assalto a escolas paroquiais e o recente fechamento da imprensa diária católica. A deificação de Hitler e do sangue alemão, junto ao crescimento da juventude hitlerista à custa dos grupos da juventude católica, só piorava a situação. Pignatti temia que a hostilidade dos cardeais contra Hitler afetasse a atitude deles para com o Duce. Embora os cardeais com certeza quisessem um papa que apoiasse a aliança do Vaticano com Mussolini, os não italianos talvez elegessem alguém menos enamorado do fascismo.[2]

Contrariando as expectativas, o papa começou a melhorar. Os cardeais que já estavam arrumando as malas para uma viagem a Roma tiveram que desarrumá-las. Pio nunca mais voltaria a ter boa saúde, mas se recuperaria

o suficiente para retomar seus deveres mais importantes, reunindo-se com os chefes de congregação da Cúria e até mesmo retomando as audiências públicas, ainda que num ritmo mais lento. No fim de março de 1937, o cardeal Baudrillart, vendo o papa pela primeira vez em meses, comentou que ele "me parece muito mudado, mais magro, o rosto emaciado e enrugado. Sua expressão está mais suave".

No domingo de Páscoa, o pontífice fez uma comovente reaparição pública, sustentado no alto da *sedia gestatoria* num cortejo que serpenteou pela lotada basílica de São Pedro. Parecia fraco, o rosto pálido. Muitos choraram de alegria, depois de acharem que nunca mais o veriam. Os olhos do pontífice também estavam úmidos enquanto ele atravessava a vasta e alta basílica. Depois da missa, seus assistentes o carregaram para a sacada externa, onde ele olhou para a multidão que lotava a praça de São Pedro, aguardando sua bênção. "A hora chegou", lembrava-se Baudrillart. "A voz do papa continua forte e clara. O mundo, este triste mundo, está abençoado!"[3]

Poucos dias depois, quando entrou na biblioteca pela primeira vez desde que adoecera, Pio mal pôde conter as lágrimas. Durante muitas noites, deitado na cama sem poder dormir, ele se perguntara se voltaria a vê-la. Nas semanas seguintes, com as dores nas pernas parcialmente aliviadas por meias elásticas e massagens regulares, o papa chegava para as audiências públicas numa cadeira suspensa por duas varas. Dentro do seu apartamento, usava cadeira de rodas. Nos breves, mas preciosos, momentos em que ia até os jardins, caminhava, hesitante, apoiado numa bengala. Agora, realizava o primeiro encontro do dia às dez da manhã, e tirava um longo cochilo depois do almoço. Às segundas-feiras, ficava na cama o dia inteiro. À noite, relaxava ouvindo música no rádio.[4]

★ ★ ★

AS RELAÇÕES DO vaticano com Hitler pioravam. Os julgamentos de fachada dos padres alemães produziam uma ampla cobertura de imprensa, e o número de crianças nas escolas católicas diminuiu até quase desaparecer. Mas a aliança do Vaticano com Mussolini continuava forte. Meses depois de as tropas da Itália terem marchado sobre Adis Abeba, os italianos ainda se inflavam de orgulho patriótico. "O sorriso de Mussolini é como um lampejo do deus Sol", escreveu um bajulador jornalista italiano, "esperado e desejado porque traz saúde e vida."[5] O mais importante jornal católico da Itália, *L'Avvenire d'Italia*, e *L'Osservatore Romano*, do Vaticano, manifestavam apoio entusiástico ao regime.[6]

Os laços do Duce com Hitler praticamente não tinham afetado o apoio do Vaticano a Mussolini, mas fora da Itália o brilho do ditador já declinava. Em fevereiro, o embaixador italiano nos Estados Unidos falou sobre a mudança, em tom preocupado: os americanos começavam a ver o fascismo e o nazismo como duas faces da mesma moeda totalitária, e eles desprezavam os nazistas.[7]

Mas Mussolini ainda contava com o apoio entusiástico dos ítalo-americanos. Como resultado, políticos em áreas com grande contingente de cidadãos de origem italiana relutavam em criticá-lo. Em 1937, o prefeito de Nova York, Fiorello La Guardia, disse a um grupo de judeus que a efígie de Hitler deveria ser posta numa câmara dos horrores na Feira Mundial e, um ano depois, descreveu o Führer como um "covarde desprezível". Contudo, apesar de leis antissemitas terem sido instituídas na Itália em 1938, La Guardia — cuja mãe italiana vinha de uma família judia — não ousou falar nada publicamente contra o Duce até 1940, quando a Itália invadiu a França e entrou na Segunda Guerra Mundial do lado dos nazistas.[8]

No início de 1937, um repórter alemão chegou ao palácio Venezia para entrevistar Mussolini. Do outro lado da sala do Mapa do Mundo, emoldurado por uma gigantesca lareira de mármore, estava sentado seu anfitrião. O Duce se levantou de um pulo, pondo-se em posição

rijamente ereta, e estendeu o braço na saudação romana. Perguntou ao visitante alemão como estava o Führer. "Muito bem", respondeu o repórter, impressionado com o vigor de Mussolini. Sua "face cesárea" parecia rejuvenescida, e as rugas em volta dos olhos tinham desaparecido.

Uma batalha histórica estava para começar, disse o Duce. O comunismo ameaçava destruir a Europa. As democracias tinham se tornado focos de infecção, "propagadoras do bacilo comunista". A Europa passava por um momento decisivo. "Esta é a época das individualidades fortes e das personalidades predominantes", explicou o ditador. "Democracias são como areia, areia ao vento. Nosso ideal político de Estado é uma rocha, um pico de granito." Só a Itália fascista e a Alemanha nazista poderiam salvar a Europa.[9]

★ ★ ★

À MEDIDA QUE recuperava suas forças, o papa voltou a pedir a Mussolini que o ajudasse a lidar com Hitler, mas suas esperanças se mostraram vãs. O Duce disse a Tacchi Venturi que havia pouco que ele, ou qualquer outro, pudesse fazer para influenciar o Führer em assuntos de religião. Ao transmitir esse recado ao papa, Tacchi Venturi comentou que Mussolini fizera tudo o que podia. Para evitar que o entusiasmo do pontífice pelo Duce diminuísse, acrescentou rapidamente que, "com a mesma bondade", o ditador concordara com todos os outros pedidos do pontífice. Censuraria qualquer jornal que o papa julgasse questionável e confiscaria todos os exemplares de um panfleto que os protestantes americanos tinham enviado pouco tempo antes para seus irmãos na Itália.[10]

No verão de 1936, os bispos alemães haviam pedido ao papa que preparasse uma encíclica instando o regime nazista a respeitar os termos da concordata de 1933 com a Igreja. No começo de 1937, em seu leito de enfermo, o pontífice recebeu três cardeais alemães e dois bispos para

discutir a proposta. Pacelli, para não contrariar Hitler, aconselhou Pio a não divulgar suas críticas em forma de encíclica: em vez disso, deveria enviar ao Führer uma carta pastoral, a ser distribuída apenas entre os bispos alemães. Mas o papa rejeitou com desdém esse conselho. Queria publicar uma encíclica para que todos os alemães — e todo o resto do mundo — pudessem ler. O resultado foi dramático. No Domingo de Ramos de 31 de março de 1937, bispos e padres em toda a Alemanha leram do púlpito a encíclica *Mit brennender Sorge* [Com ardente preocupação] para pessoas não acostumadas a qualquer crítica em público ao regime nazista.[11]

"É com profunda ansiedade e crescente surpresa que há muito tempo Nós acompanhamos as penosas dificuldades da Igreja [alemã] e as contrariedades que afligem aqueles que permanecem leais no sentimento e na ação." Assim começava a encíclica. Embora a Igreja tivesse firmado de boa-fé a concordata com o governo alemão, dizia o pontífice, "todos são obrigados a reconhecer, não sem surpresa e repulsa, que a outra parte contratante emasculou os termos do tratado, distorceu o seu sentido e acabou considerando política normal a sua violação mais ou menos oficial". Pio lamentava a destruição das escolas paroquiais, apesar da cláusula da concordata que as protegia. Repreendeu com severidade aqueles que idolatravam raça e nação, culpando-os por distorcerem e perverterem "uma ordem do mundo planejada e criada por Deus". Destacou os esforços para mesclar cristianismo e culto da raça: "Só as mentes superficiais poderiam inventar conceitos como o de um Deus nacional, ou de uma religião nacional; ou tentar limitar às fronteiras de um único povo, dentro dos estreitos limites de uma única raça, Deus, o Criador do universo." Apesar de não mencionar o nazismo pelo nome, agradecia aos padres e leigos "que persistiram em suas obrigações cristãs e na defesa dos direitos de Deus em face de um agressivo paganismo". A referência era clara.

Embora a encíclica fosse contundente, poderia ter sido mais dura. Durante meses, o Santo Ofício da Inquisição preparara outro documento apresentando uma lista dos fundamentos do nazismo que a Igreja considerava erros graves. Nessa lista havia trechos claramente retirados de *Mein Kampf* [Minha luta], o livro de Hitler.

Temendo que a classificação da ideologia nazista como anticristã pudesse levar o Führer a rejeitar a concordata por completo, o papa decidira fazer um ataque menos direto. Nisso teve o apoio não apenas de Pacelli, mas também do cardeal Michael von Faulhaber, arcebispo de Munique, a mais importante arquidiocese da Alemanha. Ao longo de todo o projeto de redação, o superior geral dos jesuítas, Ledóchowski, fez o possível para impedir que o pontífice denunciasse Hitler, recomendando-lhe que "não entrasse em assuntos que são muito difíceis e sutis". O termo "nazista" foi apagado do rascunho; também não havia qualquer menção à perseguição aos judeus. A encíclica deveria ter sido acompanhada por uma lista de erros condenados pela Igreja, incluindo os fundamentos do nazismo, mas essa parte nunca saiu do Vaticano.[12]

Apesar de diluída, a encíclica enfureceu Hitler, que ficou indignado não apenas com o ataque público inédito, mas também com a habilidade do papa de distribuir sua mensagem tão amplamente sem que ele tivesse conhecimento. Mandou a polícia fechar todas as editoras católicas e enviou agentes às dioceses e aos mosteiros do país para confiscar arquivos. "Vou cumular a Igreja Católica de desgraças e vergonha", disse ele a um visitante, "abrindo arquivos monásticos desconhecidos e publicando toda a imundície que eles contêm!"[13] Convencido de que conhecia os pontos fracos da Igreja, ameaçou revelar vívidos relatos de abusos sexuais cometidos pelo clero e tomou providências imediatas para reunir provas incriminadoras. Quando a notícia das incursões policiais se espalhou, o bispo de Berlim e o arcebispo de Breslau mandaram queimar os arquivos relativos a queixas contra padres. Pio XI recomendou a todos os bispos da Alemanha que seguissem aquele exemplo.[14]

Com receio de que os jornais italianos mostrassem a encíclica como uma denúncia ao nazismo, mais do que como um apelo para que os termos da concordata com a Alemanha fossem respeitados, o papa informou ao Duce que a intenção não era essa.[15] Pacelli, de sua parte, queria a todo custo evitar um rompimento com o governo nazista, temendo que a Igreja alemã ficasse indefesa.[16]

Em maio, Mussolini levou as preocupações do pontífice ao ministro do Exterior alemão, Konstantin von Neurath. O conflito com a Igreja, disse o Duce, era prejudicial para a reputação do Terceiro Reich. Com base em sua própria experiência, aconselhava os nazistas a permitirem a instrução religiosa em escolas públicas, o que ele fizera na Itália com resultados muito proveitosos. Ao conceder "pequenos favores ao alto clero", sugeriu Mussolini, citando como exemplo a distribuição de bilhetes de trem gratuitos e a concessão de deduções de impostos, ele conquistara o apoio da Igreja "de tal maneira que até declararam a guerra na Abissínia uma guerra santa".[17]

Era um conselho que, de uma forma ou de outra, o Duce dava com regularidade aos principais líderes nazistas. No outono anterior, o ministro da Justiça da Alemanha, em visita a Roma, perguntara a Mussolini como ele conseguira manter boas relações com a Igreja na Itália. O ditador se gabou de ter posto o Vaticano na linha depois de um breve período de dificuldades em 1931. Mas advertiu: nunca baixe a guarda. A Igreja Católica, explicou, é como um balão de borracha. Se não for mantida sob pressão, voltará à sua forma original.[18]

★ ★ ★

NO FIM DE maio de 1937, quinhentos padres de Chicago se reuniram num seminário local, como faziam quatro vezes ao ano, para assistir à sua conferência diocesana.[19] Quando o arcebispo George Mundelein se levantou para falar, não houve qualquer indício de que o que estava

prestes a dizer seria de qualquer interesse fora de Chicago. Mas seus comentários deflagrariam uma *cause célèbre* internacional.[20] Atacando o regime nazista por perseguir a Igreja, ele disse aos padres: "Talvez os senhores se perguntem como pode um país de sessenta milhões de pessoas inteligentes se submeter, temeroso e servil, a um estrangeiro, a um austríaco colocador de papel de parede, e um muito ruim, e a alguns poucos cúmplices como Goebbels e Göring, que ditam cada passo na vida das pessoas."[21]

O governo alemão, indignado, exigiu um pedido de desculpas do Vaticano. O cardeal Pacelli, respondendo em nome do papa, recusou-se a fazer isso. Disse que não haveria nada nesse sentido se o governo alemão não mandasse suspender a série constante de ataques à Igreja nos jornais da Alemanha.

Berlim chamou de volta Diego von Bergen, embaixador da Alemanha no Vaticano. "A Santa Sé verá", advertiu ele, "que sua inesperada e incompreensível conduta nesse caso, enquanto não for remediada, aboliu as condições necessárias para um estado normal de relações entre o governo alemão e a Cúria. A responsabilidade total por esta situação recai inteiramente sobre a Cúria."[22]

O fato de o cardeal Pacelli assumir a liderança nessa crise se deveu em parte ao estado de saúde do papa, ainda frágil. Enfraquecido pelo coração doente e com dificuldade para respirar por causa da asma, o pontífice quase não tinha mais energia. Um visitante disse que ele parecia ter "um raio de eternidade no rosto". A doença de Pio XI, observou Pacelli, o tornara "extremamente emotivo". Em abril, ele disse que não conseguia olhar o papa fragilizado sem chorar. Com cada vez mais frequência, quando lhe cobravam ação, o pontífice respondia: "Isto vai ficar para o nosso sucessor."[23]

Em maio, o papa estava em seu retiro em Castel Gandolfo, onde alto-falantes foram instalados para ampliar sua voz fina durante as audiências públicas. Em seu octogésimo aniversário, ele deveria inaugurar a nova

Pontifícia Academia de Ciência, mas teve que cancelar o evento no último minuto.[24]

A tensão entre a Santa Sé e a Alemanha provocava conjecturas de que o papa enfermo talvez excomungasse Hitler.[25] O desgosto de Pio com os nazistas também impactava sua atitude para com a guerra civil espanhola, pois ele desconfiava dos laços estreitos entre Franco e Hitler. Mussolini ajudava Franco em sua luta contra o "comunismo" enviando soldados e munição, mas se queixava de que o pontífice nada fazia para apoiar a revolta, apesar de denunciar o comunismo numa encíclica.[26] Num encontro em maio com o primaz da Espanha, cardeal Isdro Gomá, Franco lhe falou da importância de contar com o respaldo público do papa. Gomá concordou e informou à Secretaria de Estado do Vaticano que uma carta assinada pelos bispos espanhóis seria publicada manifestando apoio a Franco. Pacelli recomendou a Pio que mandasse publicar o documento como parte das atas oficiais do Vaticano — as *Acta Apostolicae Sedis* —, mas o papa enfermo se recusou. "Isto, cardeal, não", limitou-se a dizer.[27]

Para os católicos fora da Itália, o apoio da Santa Sé ao regime fascista italiano ficava cada vez mais incômodo. O último constrangimento sofrido pelo Vaticano ocorreu em 9 de junho, quando rufiões fascistas franceses assassinaram Carlo Rosselli, um dos fundadores da mais importante organização antifascista italiana no exílio. Matteotti, Amendola e, agora Rosselli — os sicários de Mussolini haviam assassinado três importantes líderes da oposição, homens de grande estatura moral.[28]

Enquanto isso, Tacchi Venturi trabalhava sem descanso para erradicar as críticas católicas à ditadura italiana. Em 12 de julho, Dino Alfieri, ministro da Cultura Popular, pediu-lhe que cuidasse do problema mais recente. A mais importante revista católica da Inglaterra tinha publicado uma carta atacando violentamente a Alemanha nazista e a Itália fascista. Seu autor, um dominicano, irritou-se com os fascistas britânicos que

alegavam contar com o apoio do Vaticano. O dominicano citava a encíclica *Non abbiamo bisogno*, que Pio XI divulgara em 1931, como argumento de que o papa se opunha ao fascismo.

Informado sobre o assunto, o monsenhor Pizzardo, subsecretário de Estado do Vaticano, redigiu uma carta para o arcebispo de Westminster, chefe da Igreja Católica na Grã-Bretanha.[29] O ofensivo artigo na revista britânica, queixava-se Pizzardo, "coloca o fascismo italiano e o racismo alemão no mesmo nível com relação à Igreja Católica, como se o primeiro merecesse a mesma reprovação e a mesma condenação do último". Seu autor deveria ter feito uma distinção mais clara entre os dois regimes. Apesar de a Igreja ter condenado "os excessos do Nacional Socialismo", a polêmica sobre a Ação Católica italiana em 1931 tinha sido rapidamente resolvida. "Desde essa época", concluía Pizzardo, "é verdade que não apenas não houve casos de atrito entre a Autoridade Eclesiástica e o governo italiano dignos de nota, como o que tem havido com frequência é uma frutífera colaboração entre eles."

Pizzardo mandou o rascunho da carta a Tacchi Venturi, que a devolveu com sugestões que reforçavam o elogio ao regime fascista.[30] Aconselhou também que uma cópia fosse enviada ao mestre geral da ordem dominicana, para que ele pudesse acrescentar sua própria e "justa advertência". Pizzardo acatou todas as mudanças sugeridas e despachou a carta. O ofensor, repreendido, publicou uma humilhante retratação na revista.[31]

★ ★ ★

A GUERRA CIVIL espanhola ameaçava arrastar toda a Europa para uma conflagração. Em agosto, submarinos italianos começaram a afundar navios com destino a portos espanhóis controlados pelos republicanos, enquanto Hitler acelerava o rearmamento da Alemanha. Apesar da crescente tensão mundial, Mussolini encontrava tempo para suas visitas

diárias à jovem amante, Clara Petacci, e para farsas esporádicas com outras mulheres.

Até então, o Duce tinha sido capaz de ocultar detalhes de seus muitos casos amorosos da imprensa mundial. Isso mudou no começo de 1937, graças a uma sedutora repórter francesa de vinte e nove anos. Magda Fontanges ganhou fama mundial quando feriu à bala o embaixador francês na Itália. Ela explicou que tentara matá-lo por considerá-lo responsável pelo fim do caso dela com Mussolini. O julgamento da moça encheu as páginas da imprensa mundial com reportagens maliciosas descrevendo seus encontros. Mais tarde, Fontanges publicaria seu próprio relato com passagens repletas de sexo numa revista americana, sob o título de "Fui amante de Mussolini".[32] Em três partes sensacionais, Magda contou em detalhes de tirar o fôlego como Mussolini a seduzira. A segunda parte abria com uma ilustração de página inteira de Fontanges nos braços de Mussolini, os dois se beijando. Dizia a legenda: "Abraçando-me com força, ele me dá o primeiro beijo. Tenho uma sensação de embriaguez." Mais adiante, ela descrevia o ninho de amor do ditador no palácio Venezia enquanto ele a levava para o sofá numa sala escura.

"Ele me abraça outra vez, cada vez mais terno", lembrava-se ela. "Então um frenesi toma conta de mim, ele se torna brutal e diz 'Você já conhece *Il Duce* — agora vai conhecer o homem!'"

"Ele tira o sobretudo e, de camisa esporte, parece espantosamente jovem. Sem ligar para nada, a não ser para os próprios instintos, pula em cima de mim. Antes que eu tenha tempo de emitir uma exclamação, estou presa em seus braços fortes."[33]

O escândalo francês provocou uma enxurrada de relatos na imprensa estrangeira sobre o voraz apetite sexual do Duce. Os relatos, comentou Mussolini, eram muito exagerados. "Se eu tivesse copulado com todas essas mulheres com quem dizem que copulei", afirmou a um entrevistador, "francamente, eu teria que ser não um homem, mas um

garanhão." Dois anos depois, numa leve conversa com uma conhecida, ele disse, gracejando, que sua carne não lhe permitia ser santo. Apesar de poucas coisas o tentarem — comia basicamente frutas e hortaliças e não se interessava por dinheiro —, ele admitia ter uma fraqueza, que seria sempre um obstáculo para quaisquer aspirações à santidade.

— Você não é o único no mundo — disse ela. — Sempre me perguntei qual seria a utilidade de ter sido virtuoso quando se é velho.

— Na Romanha — respondeu Mussolini — temos um provérbio. (...) "Na juventude, dê a sua carne ao diabo; na velhice, dê os seus ossos ao Senhor".[34]

Ser mulherengo sempre fora parte do culto de Mussolini, e o caso Fontanges não contribuiu em nada para alterar essa fama. No começo de setembro, enquanto a banda tocava num festival numa praia siciliana, Mussolini dançou com as mulheres do lugar, algumas jovens, outras velhas, algumas magras, outras gordas, algumas atraentes, outras não. "Dançar é uma religião na Romanha", disse ele. "A dança toma o lugar do catolicismo."

Enquanto Mussolini gingava ao ritmo da música, seu secretário entrou correndo na pista de dança com um telegrama na mão. Um submarino italiano, ao largo da costa siciliana, tinha acabado de torpedear um cargueiro russo que levava suprimentos para a Espanha republicana. O ataque era parte de um bloqueio recém-imposto que corria o risco de deflagrar uma guerra europeia maior. Depois de uma pausa para ler a mensagem, o Duce mudou de parceira. Ao fim da música, perguntou: "Há outros telegramas? Se a cada volta na pista eles anunciassem outro torpedeamento, eu nunca pararia de dançar."[35]

CAPÍTULO VINTE

VIVA IL DUCE!

Em agosto de 1937, os jornais começaram a informar sobre os planos de Mussolini de visitar a Alemanha.[1] Seria uma viagem fatídica. Durante cinco dias, no fim de setembro, Hitler esteve ao lado do Duce, coreografando com cuidado uma série de desfiles, marchas e inspeções para impressionar Mussolini com o poder do regime nazista e a devoção dos alemães ao seu Führer. O ponto alto foi em Berlim, em 28 de setembro, quando oitocentas mil pessoas lotaram um campo perto do novo estádio olímpico. Ao longo do trajeto, quase três milhões de alemães, levados até lá por ônibus e trens de todos os cantos do Reich, aplaudiram os ditadores. Quando os dois líderes apareceram no campo, a multidão urrou. Hitler não poupou elogios, saudando Mussolini como "um desses raros gênios solitários que não são criados pela história, mas que fazem história". Mais tarde, Hitler o chamaria de "o maior estadista do mundo, ao qual ninguém, nem remotamente, se compara".[2]

Mussolini preparara com cuidado seu texto em alemão e, depois da efusiva apresentação de Hitler, levantou-se para falar. Quando a Itália fascista tinha um amigo, proclamou, marchava ao lado dele "até o fim". Mas um súbito aguaceiro prejudicou o efeito desejado, com o mestre das declarações bombásticas lutando para decifrar as palavras borradas em suas folhas de papel molhadas pela chuva. A multidão não fazia a menor ideia do que ele estava dizendo.[3]

"Comparadas às manifestações de Hitler", comentou um italiano presente à ocasião, "as dos fascistas italianos parecem apenas um monte de gente correndo de um lado para o outro aos berros. Em seus discursos, Mussolini fala desconexamente, expressando lugares-comuns de um jeito dramático e proclamando verdades óbvias com grande solenidade. Ele se dirige às massas ignorantes e lhes fala gesticulando com o rosto, o corpo, os olhos, fazendo os movimentos de um charlatão. Hitler nunca perde a compostura. Quando Mussolini aparece (...) de mãos na cintura, parece um mestre de picadeiro. Já Hitler, em comparação, parece um apóstolo, um líder político, religioso."[4]

O Duce ficou profundamente impressionado. "O que vi aqui é inimaginável", disse a Rachele por telefone quando se preparava para voltar.[5]

Embora tivesse prometido transmitir as queixas do papa, Mussolini jamais fez menção delas a Hitler.[6] Em meio àquelas imensas multidões aduladoras e das imponentes exibições de força militar, faltou-lhe coragem para tocar num assunto tão desagradável.[7]



25. Mussolini e Hitler em Munique, setembro de 1937

Mussolini prometeu ser anfitrião de Hitler numa visita à Cidade Eterna que eclipsaria a recepção que o Duce tivera na Alemanha. O cardeal Baudrillart, escrevendo em seu diário, imaginara se o debilitado Pio XI sobreviria a um espetáculo tão doloroso.[8]

Para o Vaticano, era cada vez mais importante estabelecer as diferenças entre os dois Estados totalitários. Logo depois da visita de Mussolini à Alemanha, *La Civiltà Cattolica* publicou um artigo fazendo exatamente essa distinção. As pessoas que equiparavam a Alemanha nazista à Itália fascista, sustentava a revista, "cometem uma grande injustiça contra o Regime Fascista". Hitler buscava unificar o povo alemão sob uma nova religião pagã, com o lema da divindade do sangue e do solo. Mussolini

fazia o oposto, unificando os italianos sob a religião católica. Os dois eram extremamente diferentes.[9]

Quando Mussolini voltou da Alemanha, o papa, apesar de aborrecido por ele não ter tocado na questão da Igreja com Hitler, mais uma vez pediu sua ajuda para lidar com o Führer. Era do interesse do próprio Mussolini, afirmava ele, fazer Hitler parar de perseguir a Igreja. Levando em conta os laços da Itália com o Terceiro Reich, a campanha dos nazistas contra a Igreja prejudicava o bom nome do fascismo italiano.[10]

Em outro sinal de entusiasmo pela Alemanha nazista, Mussolini anunciou em dezembro a saída da Itália da Liga das Nações. Hitler tinha tirado a Alemanha da Liga logo depois de assumir o poder, em 1933. O papa via aquilo com crescente inquietação. Constrangia-o também o fato de tantos cardeais não italianos o julgarem ingênuo por esperar que Mussolini tivesse uma influência moderadora sobre Hitler.[11] "Não é o Duce que exerce qualquer influência sobre o Führer", comentou o cardeal francês Eugène Tisserant, "mas o Führer que exerce influência sobre o Duce".[12] Em sua fala de Natal aos cardeais, o papa voltou a lamentar a perseguição da Igreja na Alemanha.[13] Era uma mensagem que compartilhava com todos que quisessem ouvir.

Convencido de que lhe restava pouco tempo de vida, Pio XI acreditava que Deus o mantinha vivo por uma boa razão. "Seu frágil estado de saúde", observou o embaixador francês, "infelizmente está piorando, não sua capacidade intelectual, mas a força física." O cardeal Jean Verdier, arcebispo de Paris, viu o papa duas vezes perto do Natal. No primeiro encontro, Verdier teve a grata surpresa de encontrá-lo animado e atento, mas no segundo o pontífice lhe pareceu débil, com dificuldade para falar e incapaz de ler os jornais que tinha à frente. Algumas vezes o papa estava alerta, formulando seus pensamentos com clareza e coerência. Já outras, mostrava-se frágil e frustrado. Apesar disso, em suas noites de insônia, sentia a presença de Deus, transmitindo uma mensagem divina que era seu dever divulgar antes de morrer.[14]



26. Mussolini inaugura a cidade de Guidonia, enquanto o bispo local se junta à saudação fascista. Novembro de 1937

O cardeal Baudrillart anotou a mudança no diário. "O papa continua muito lúcido, mas sua força de vontade está mais hesitante." O cardeal francês não achava que o secretário de Estado seria um bom substituto. "Apesar de todas as notáveis qualidades", observou ele, "o cardeal Pacelli não parece ter uma mente firme, nem uma determinação muito forte."[15] Ainda no fim daquele mês, Baudrillart observou, conciso: "Agora há uma atmosfera de fim de regime: intrigas secretas."



27. Mussolini, do palácio Venezia, anuncia a retirada da Itália da Liga das Nações, em dezembro de 1937

Mussolini estava irritado. Despertar o entusiasmo dos italianos pela Alemanha era um desafio, mesmo com sua formidável máquina de propaganda. Apenas duas décadas antes, a Itália tinha travado uma guerra contra os alemães, e toda aquela conversa dos nazistas sobre a superioridade da raça nórdica não facilitava nem um pouco a tarefa. A última coisa de que Mussolini precisava era que o papa convencesse os italianos de que Hitler era inimigo da Igreja.

Era hora, pensava Mussolini, de exercer alguma pressão. Mandou seu recado por intermédio de Guido Buffarini. Prefeito eleito de Pisa em 1923, aos vinte e oito anos, Buffarini tornou-se subsecretário do Interior de Mussolini dez anos depois. De pele corada, olhos tristes, gordo, inteligente e esperto, destituído de quaisquer princípios morais, Buffarini

era um fanfarrão com talento para a intimidação e um jeito de tirar partido das situações para enriquecer.[16]

Em 30 de dezembro, ele convocou o núncio papal. Disse ter provas de que grupos da Ação Católica estavam se metendo outra vez na política. Se aquilo continuasse, advertiu, uma reação popular violenta seria inevitável. O núncio, atônito, negou a acusação, mas não adiantou.[17]

Informado sobre as novas ameaças de Mussolini, Pio XI mandou o núncio fazer um apelo ao genro do Duce. Ciano foi indelicado. Se Mussolini estava insatisfeito com o Vaticano, disse ele, a culpa era do papa. O pontífice sabia que suas constantes críticas à Alemanha aborreciam o Duce, no entanto, insistia nos ataques.[18]

★ ★ ★

POUCA GENTE NA itália tinha conhecimento dessa tensão. A ampla maioria do clero ainda considerava Mussolini o homem que Deus havia mandado para salvar o país, mensagem que os padres regularmente partilhavam com seus paroquianos.

Ansioso para ressaltar esse apoio, Mussolini decidiu organizar um grande encontro de bispos e padres no palácio Venezia. A ocasião foi anunciada como uma comemoração em honra do clero que se distinguira na "batalha do grão", a campanha pela autossuficiência agrícola na qual ele vinha insistindo havia dez anos. Convites assinados pelo editor de uma revista fascista católica foram distribuídos em meados de dezembro. Ao comparecerem ao evento de 9 de janeiro, aqueles bispos e padres estariam oferecendo "a honra mais solene ao Duce, Fundador do Império, aumentando, assim, sua relevância cristã". O arcebispo de Údine, monsenhor Giuseppe Nogara, se dirigiria ao Duce em nome deles.[19]

Os bispos inundaram a Secretaria de Estado do Vaticano com cartas pedindo orientação. "Parece-me", escreveu um bispo toscano, "muita coragem da parte do editor de uma revista mobilizar bispos e padres fazerem uma homenagem solene ao Duce, Fundador do Império." Mas "eu não gostaria de ser o único ausente".[20]

O cardeal Raffaele Rossi, secretário do departamento da Cúria responsável por questões relativas ao clero, pediu conselho ao secretário de Estado. Pacelli informou-lhe que não fazia objeção alguma à participação do clero no evento. Mas, antes de receber a resposta de Pacelli, o cardeal Rossi encaminhou outra pergunta de um bispo sobre a festa fascista — e adiantou sua opinião de que o convite não deveria ser aceito.

O cardeal tinha deixado Pacelli numa posição incômoda, pois permitir que um jornalista intimasse os bispos da Itália era inegavelmente inapropriado. Pacelli consultou o papa, que concordou que um convite como aquele "não merecia ser aceito". Apesar disso, nem o papa, nem Pacelli queriam ofender o Duce.[21]

A confusão tomou conta da Secretaria de Estado nas duas semanas seguintes.[22] O monsenhor Tardini, que substituíra o recém-promovido Pizzardo como subsecretário de Estado para Assuntos Eclesiásticos Extraordinários, iniciou uma dança curiosa com o embaixador italiano. Em 30 de dezembro, disse a Pignatti que se sentia pouco à vontade com uma manifestação política tão espetacular do clero, em especial dos bispos. Pignatti respondeu que se quisesse que ele levasse o assunto a Mussolini, o subsecretário teria que enumerar por escrito as objeções do Vaticano. Poucos dias depois, num encontro com Pignatti, Tardini repetiu o apelo. Pignatti deu a mesma resposta. Mas jamais houve um pedido formal. Tardini redigiu à carta, mas o papa acabou decidindo não enviá-la.[23]



28. O clero na comemoração da Batalha do Grão, de Mussolini, em janeiro de 1938

Na manhã de domingo, 9 de janeiro de 1938, dois mil padres e sessenta bispos marcharam em uma procissão solene pelas ruas de Roma enquanto curiosos e fascistas renitentes apareciam no trajeto para aplaudir. Eram precedidos por *carabinieri* em uniforme de gala, uma banda militar e um destacamento de padres de batina preta portando bandeiras italianas. No monumento de Vítor Emanuel na Piazza Venezia aguardava-os Achille Starace, líder nacional do Partido Fascista. Estava ao lado do líder do partido em Roma. Os dois acompanharam os bispos pela escadaria de mármore, onde depositaram coroas de flores nos túmulos do Soldado Desconhecido e dos heróis da Revolução Fascista.

Então a procissão voltou a entrar em forma para uma curta marcha até o palácio Venezia, passando pela sacada do gabinete de Mussolini, onde o Duce, radiante, respondeu às suas saudações fascistas. Ao meio-dia, eles lotaram a Sala Real. Depois de ter feito outra oração, o enorme grupo aplaudiu quando o Duce fez sua entrada. O arcebispo Nogara se ergueu

para pedir a bênção de Deus para o homem que tanto fizera pelo cristianismo. Um pároco foi até a frente e recitou uma moção que os dois mil padres tinham aprovado por unanimidade: "Os padres da Itália invocam e continuam a invocar a bênção do Senhor para vossa pessoa, para vossa obra de restaurador da Itália e Fundador do Império, para o Governo Fascista." E concluiu: "Viva Il Duce!" A sala estremeceu quando os padres e bispos urraram "Duce! Duce!".[24]

Os jornais italianos fizeram uma cobertura de destaque do evento. O jornal *La Stampa*, de Turim, alardeou a manifestação de entusiasmo do clero pelo regime fascista: "Os inimigos do fascismo são também inimigos da Igreja. Os ideais pelos quais luta o fascismo são os ideais que a civilização católica vem exaltando há séculos." A imprensa alemã contrastou o apoio patriótico dado aos padres e bispos da Itália ao regime fascista com "a amarga experiência que nós, na Alemanha, temos tido com o clero alemão".[25]

★ ★ ★

SEMPRE ANSIOSO PARA demonstrar a grandeza da Itália e tendo perdido qualquer senso de proporção, Mussolini vinha tomando uma série de medidas destinadas a mostrar ao mundo como os fascistas zelavam pelo país. As medidas iam da marcha a passo de ganso à proibição de saudar com aperto de mãos. O principal arquiteto dessas mudanças, muito ridicularizadas, era Achille Starace, líder do Partido Fascista desde 1931. Mestre do mau gosto,[26] com a mentalidade de um sargento instrutor do exército e destituído tanto de bom senso quanto de sofisticação política, Starace tinha uma devoção total por Mussolini. Durante anos o obediente e fardado Starace, com tubos de brilhantina emplastrando os cabelos pretos na cabeça, andava um passo atrás de Mussolini em quase todas as aparições públicas do Duce. A certa altura, explicando por que o tolerava,

Mussolini disse com um sorriso: "Starace é meu pit bull." Ao saber desse comentário, Starace ficou radiante.[27]



29. Mussolini discursa, acompanhado de Achille Starace, chefe do Partido Nacional Fascista (primeiro à direita)

Em todo esse tempo, o papa nunca deixou de pressionar Mussolini para ajudá-lo a lidar com Hitler. O interesse do Duce em diminuir a tensão entre o pontífice e o ditador alemão era claro: se Pio denunciasse os nazistas ou excomungasse Hitler, seria impossível convencer os italianos a unir seu destino ao do Terceiro Reich.

Em março de 1938, Mussolini relatou ao papa notícias de seus esforços mais recentes, dando a entender que fora por sua causa que os nazistas haviam suspendido os constrangedores julgamentos de fachada do clero católico. Nos dois anos anteriores, centenas de padres e monges tinham

sido encarcerados, muitos acusados de cometer crimes sexuais contra meninos. Aqueles "julgamentos de imoralidade" haviam produzido uma imensa cobertura jornalística. Goebbels, num discurso radiofônico para todo o país, disse que a "sacristia se tornou um bordel, enquanto os mosteiros são terreno fértil para a vil homossexualidade".[28] O papa agradeceu a Mussolini pela ajuda, mas acrescentou que, se quisesse que as relações normais entre o Vaticano e o Terceiro Reich fossem restauradas, o Duce precisava convencer Hitler a permitir que as escolas católicas e os grupos da Ação Católica voltassem a funcionar sem restrições.[29]

O clero da Itália não nutria por Hitler mais amor do que o papa, mas sua atitude para com Mussolini era muito diferente. A maior preocupação dos prelados era que, num mundo cada vez mais incerto, algo ameaçasse o governo do Duce. Um dia, passeando pela praça de São Pedro, Marchetti Selvaggiani, cardeal-vigário de Roma, compartilhou esse pensamento com o cardeal Pizzardo. "Se Mussolini for deposto", disse ele, apontando para uma luz da rua, "você me verá pendurado naquele poste."[30]

CAPÍTULO VINTE E UM

HITLER EM ROMA

Em 12 de março de 1938, de manhã cedo, o Exército alemão entrou na Áustria. No dia seguinte, Hitler, triunfante, declarou o país uma província do Reich alemão. Em 14 de março o Führer chegou a Viena, para alegria geral, recebido com repicar de sinos.[1] "Judeus humilhados por multidões em Viena: famílias forçadas a esfregar o chão das ruas", dizia uma manchete do *New York Times*. "Um pequeno país que travou uma batalha contra o destino", observou o jornal em editorial, "deixou ontem de existir." A manchete do *Times* de Londres era mais vívida: "O Estupro da Áustria."[2]

No dia seguinte, Hitler teve um encontro com o cardeal Theodor Innitzer, arcebispo de Viena e chefe da Igreja Católica na Áustria. "Aqueles que são responsáveis por almas e os fiéis", proclamou o cardeal, "darão apoio incondicional ao grande Estado alemão e ao Führer, porque a luta histórica contra a ilusão criminosa do bolchevismo e pela segurança da vida alemã, pelo trabalho e pelo pão, pelo poder e pela honra do Reich e pela unidade da nação alemã obviamente conta com a bênção da Providência." Innitzer ordenou aos padres que lessem sua declaração em todas as igrejas. Um fac-símile dessa declaração — sem faltar as palavras finais escritas à mão: "E *Heil Hitler*!" — foi colado nos muros de Viena e em toda a Áustria.[3]

Os nazistas marcaram um plebiscito no mês seguinte para legitimar o seu domínio, e os bispos austríacos se juntaram ao cardeal para divulgar

uma declaração a ser lida em todos os púlpitos austríacos: "Temos o prazer de reconhecer", diziam eles aos católicos da Áustria, "que o movimento Nacional-Socialista fez e está fazendo coisas excelentes na área da reconstrução nacional e econômica, assim como na área da política social." E prosseguiam: "Também estamos convencidos de que, pela ação do movimento nazista, o perigo do bolchevismo ateísta e destrutivo foi evitado." Eles recomendavam aos fiéis que votassem no sim, juntando a Áustria ao Terceiro Reich.[4]

A tomada da Áustria por Hitler foi um golpe no prestígio de Mussolini, pois fazia bastante tempo que o Duce defendia a ideia de uma Áustria independente sob influência italiana. E, como muitos italianos, ele não ficou nada satisfeito com a aparição de uma Alemanha poderosa e agressiva em sua fronteira setentrional.[5] Quando visitou o país poucos meses antes, Mussolini havia recebido dos líderes nazistas a promessa de que eles não entrariam na Áustria sem primeiro consultá-lo.[6] Mas a consulta se limitara a uma carta de Hitler, dois dias antes da invasão, informando-o da ação iminente.[7]

Pio XI ficou surpreso, chocado e constrangido com a humilde aceitação, por Mussolini, da invasão nazista da Áustria. "Estou triste como papa", disse ele, "mas estou ainda mais triste como italiano." O papa ficou furioso com o arcebispo de Viena. "Assinou tudo o que puseram na sua frente, tudo o que queriam (...) E ainda acrescentou, por conta própria, 'Heil, Hitler!'." Os arcebispos de Salzburg e os Graz tinham seguido o exemplo de Innitzer sem pestanejar. O pontífice disse algumas palavras sobre os defeitos de caráter do povo austríaco, que, para sua decepção, infelizmente eram partilhados também pelo clero de lá.[8]

Na noite de 1º de abril, um programa da rádio do Vaticano criticou duramente os bispos austríacos por apoiarem a conquista nazista. No dia seguinte, o jornal do Vaticano juntou-se às críticas, ressaltando que os bispos tinham preparado sua declaração sem a aprovação do Vaticano. Pacelli, num encontro com o embaixador italiano, qualificou o

comportamento do cardeal Innitzer como constrangedor para a Igreja. Em geral, Pacelli era sereno, embora nervoso, mas estava furioso. Disse que em seu cargo, infelizmente, às vezes tinha que lidar com "pessoas sem caráter".[9]

Mas depois, quando falou com o embaixador alemão, foi muito mais circunspecto. Bergen queixou-se das "declarações inoportunas" da rádio do Vaticano. Pacelli tentou convencê-lo de que o programa de rádio não era "oficial nem mesmo semioficial, nem inspirado pelo Vaticano", e que o papa também nada tinha a ver com ele. Neste ponto Pacelli esticou o princípio da negação até seus limites extremos, e o embaixador alemão tinha boas razões para perceber que ele estava mentindo. A estação de rádio era um projeto do papa, que convocara o vencedor do Prêmio Nobel Guglielmo Marconi para ajudar a projetá-lo. Com Marconi ao seu lado, o pontífice a tinha inaugurado em 1931, com sua fala de meia hora — em latim — alcançando os dois lados do Atlântico.[10]

O embaixador alemão achou que tinha um aliado em Pacelli. "O cardeal acrescentou, em confiança", informou Diego von Bergen a Berlim, "que depois dessa desagradável surpresa ele tentará instituir algum controle sobre a rádio do Vaticano. O cardeal reiterou seus protestos de ardente desejo de paz com a Alemanha."[11]

O papa convocou Innitzer ao Vaticano. O arcebispo de Viena disse que chegaria na tarde de 5 de abril, mas precisava voltar no dia seguinte de manhã, porque tinha um encontro marcado com Hitler, o qual não queria perder.[12] Indignado, Pio mandou dizer que não estava acostumado a obedecer horários ditados por cardeais. Innitzer só voltaria à Áustria quando o papa permitisse.[13]



30. Cardeal Theodor Innitzer, arcebispo de Viena, deposita o seu voto no plebiscito nazista, em 10 de abril de 1938

No encontro, Pio disse a Innitzer que seu comportamento era infame e o instruiu a retratar-se do elogio que fizera ao novo regime. "A solene declaração dos bispos austríacos do dia 18 de março", começava, "não teve, obviamente, a intenção de expressar aprovação àquilo que não está em conformidade com a lei de Deus, com a liberdade e com os direitos da Igreja Católica." Ressaltava que a concordata da Áustria com o Vaticano tinha que ser respeitada, e que as crianças da Áustria deveriam ser livres para receber uma educação católica. O texto, informou o embaixador alemão, foi "arrancado do cardeal Innitzer com uma pressão que só poderia ser chamada de extorsão". Innitzer, escreveu Bergen, "resistiu ao máximo, mas só conseguiu umas poucas concessões". No dia seguinte, a declaração do arcebispo foi publicada nas páginas de *L'Osservatore Romano*.[14]

Pio também estava aborrecido com Mussolini, que tinha prometido proteger a independência da Áustria, mas nada fizera para impedir a invasão nazista.

— O Duce —, observou o papa ao velho amigo Eugène Tisserant — perdeu a cabeça há algum tempo.

— Santíssimo Padre —, respondeu o cardeal francês — ele a perdeu, acredito, em sua viagem a Berlim.

— Ele a perdeu muito antes disso — retrucou o pontífice.[15]

Cada vez mais os franceses viam Mussolini e Hitler como almas gêmeas, parte da mesma ameaça totalitária à paz mundial. À medida que crescia a raiva dos franceses pelo apoio do papa ao ditador italiano, Pio XI se tornava alvo de críticas contundentes. "De um lado", escreveu o cardeal Baudrillart em seu diário, "nos jornais extremistas, eles o acusam de não cumprir sua missão moral e de capitular. De outro, alguns até sugeriram, devaneando, que lhe fosse oferecido um estado temporal em outro lugar (não Avignon), para que não ficasse mais à mercê (ou não se tornasse cúmplice) da Itália." Concluiu ele: "Como o cardeal Pacelli deve estar envergonhado! Que fim para o reino de Pio XI!"[16]

★ ★ ★

NA ESTEIRA DA tomada da Áustria pelos nazistas, Mussolini se sentiu usado. Humilhado pela invasão que jurara impedir, convocou Tacchi Venturi e lhe disse que era hora de acabar com os sonhos hitlerianos de dominação mundial. Meias medidas seriam inúteis, advertiu, e qualquer esperança de que o nazismo de alguma forma simplesmente desaparecesse sem luta era ingenuidade. Seria preciso algo muito dramático, e logo.

Quem estava em posição de agir? O único homem que poderia deter Hitler, disse o Duce ao estupefato jesuíta, era o papa. Excomungando Hitler, ele poderia isolar o Führer e enfraquecer os nazistas.[17]

O que ele propôs era tão explosivo que Tacchi Venturi nem sequer registrou por escrito. Pediu um encontro urgente com o papa para transmitir a Pio o que Mussolini lhe dissera.[18] Sabendo que o Duce podia ser muito temperamental — e, de qualquer maneira, sem querer tomar

uma medida tão draconiana — o papa nunca pensou a sério em aceitar a sugestão.

Curiosamente, o Vaticano parece ter chegado a considerar a excomunhão de Hitler, embora não haja provas de que o papa tivesse conhecimento disso. Foi em janeiro de 1932, um ano antes de o Führer chegar ao poder. A base para a excomunhão não era a ideologia pagã de Hitler, nem sua campanha de ódio racial, mas o fato de ter sido testemunha de um casamento que a Igreja não aprovava. Naquele mês, um alto funcionário da Igreja alemã disse ao embaixador da Itália na Alemanha que Hitler estava com sérios problemas com o Vaticano. Joseph Goebbels, seu acólito, tinha se casado, e o Führer servira de testemunha. Goebbels, como Hitler, era católico, mas a mulher com quem se casara era não só divorciada, mas protestante, e a cerimônia fora oficiada por um pastor protestante. Por um pecado como esse, a excomunhão, informou o alto prelado alemão, estava sendo discutida. Se a excomunhão foi, de fato, considerada, o Vaticano decidiu não levá-la adiante.[19]



31. Mussolini inaugura o prédio Luce com o padre Pietro Tacchi Venturi e Achille Starace, em 10 de novembro de 1937

★ ★ ★

MUSSOLINI LOGO SE acalmou, convencido de que a tomada da Áustria pelos alemães era inevitável. Analisando melhor, a demonstração de força de Hitler apenas reforçou a sua decisão de continuar a ser aliado dos nazistas. Agora, longe de querer que Pio atacasse Hitler, ele voltou a temer que o papa jogasse os italianos contra a aliança alemã. Com a visita do Führer a Roma marcada para um futuro próximo, o Duce temia um fiasco.

Quando as notícias da iminente visita do ditador alemão a Roma começaram a aparecer com mais frequência nos jornais, muita atenção passou a ser dedicada à questão de saber se Hitler visitaria ou não o papa.[20] Embora desprezasse o Führer, Pio em princípio não se recusaria a

recebê-lo. Hitler era líder de um país com imensa população católica e de um governo com o qual o Vaticano mantinha plenas relações diplomáticas. Mas o papa sabia que muita gente fora da Itália ficaria insatisfeita de ver Hitler no Vaticano. Isso sem dúvida deixaria os franceses furiosos, e um relatório advertiu o pontífice de que os Estados Unidos também ficariam indignados.[21]

De início, o Duce esperava que um encontro histórico entre o Führer e Pio fosse um dos pontos altos da visita triunfal do alemão à Cidade Eterna.[22] Se Hitler fosse a Roma e evitasse o Vaticano, milhões de católicos ficariam ofendidos. Nenhum chefe de Estado que mantivesse relações com a Santa Sé tinha ido a Roma nos anos anteriores sem ver o papa.[23]

Embora Pio estivesse insatisfeito com a visita iminente, Mussolini ainda poderia contar com ele para tomar algumas providências. O Duce estava preocupado com a lealdade dos estrangeiros que viviam nas instituições religiosas romanas que, nos termos do Tratado de Latrão, desfrutavam do estatuto de extraterritorialidade. Em 26 de março, Ciano procurou o cardeal Pacelli para pedir a ajuda do papa. A fim de identificar todos os estrangeiros suspeitos de apoio antinazista e colocá-los sob vigilância durante a visita, a cooperação da polícia papal era indispensável. Uma semana depois veio a resposta: "A Secretaria de Estado tem a honra de comunicar, com toda a solicitude, à Embaixada [italiana] que Sua Santidade se dignou a conceder a autorização solicitada." A polícia italiana entraria em contato com a polícia vaticana para cuidar da vigilância.[24]

Apesar de querer preservar sua estreita ligação com Mussolini, Pio XI estava aborrecido com a escala monumental das festividades planejadas para a chegada do Führer. Uma visita menos aparatosa seria compreensível, disse ele ao embaixador italiano. Mas como poderia o governo preparar "a apoteose do *Signor* Hitler, o maior inimigo que Cristo e a Igreja haviam tido nos tempos modernos"? Ele rezava para que

Deus chamasse a sua alma de volta para Ele antes de presenciar uma cena tão dolorosa. Ao contemplar essa possibilidade, enquanto falava com Pignatti, o papa ficou com a voz embargada. A desgraça para o país que ele amava era quase mais do que podia aguentar.[25]

Três dias antes da chegada do Führer, Pio deixou o Vaticano e foi para seu palácio de verão em Castel Gandolfo. Mandou fechar todos os museus do Vaticano durante a visita de Hitler e instruiu os bispos nas cidades ao longo do trajeto do ditador alemão que não comparecessem a recepções em sua homenagem. Diante dos protestos papais, o governo desistiu da ideia de instalar gigantescos holofotes para iluminar São Pedro.[26] *L'Osservatore Romano* publicou a notícia da ausência do papa, mas negou que ela tivesse qualquer relação com a chegada do Führer.[27]

Para o pontífice, a temporada em Castel Gandolfo foi agridoce. Eram tempos difíceis, física e espiritualmente, e ele tinha a sensação de que seria o último verão em seu retiro nas colinas Albinas. Alguns sinais de que pensava assim podem ser percebidos na inusitada recepção que ofereceu ao chegar. Após abençoar a multidão reunida na *piazza* para lhe dar as boas-vindas, ele convidou seus assistentes para uma pequena comemoração. Na sala dos afrescos, quando os monsenhores se aproximaram para conversar, mandou servir vermute para todos.[28]

★ ★ ★

NO COMEÇO DA noite de 3 de maio, Hitler chegou à estação ferroviária de Roma, acompanhado por Ribbentrop, Goebbels, Hess, Himmler, outros líderes e diplomatas nazistas, um bando de jornalistas alemães de uniforme e, escondida dos olhos do público, sua amante Eva Braun.[29] Por se tratar do chefe de Estado alemão, o protocolo ditava que Hitler fosse recebido pelo rei, e não por Mussolini. Quando o Führer desembarcou do trem, o Duce ficou de lado, bufando de raiva, obrigado

a ocupar papel de coadjuvante no momento pelo qual tanto ansiara nos meses anteriores. Hitler ficou surpreso por ser recepcionado não pelo homem que ele próprio saudara como imperador romano, mas pelo pequenino rei de grande bigode branco.

Juntos, o monarca e o Führer embarcaram numa magnífica carruagem e seguiram pelas ruas cheias de gente, com soldados italianos em fila dupla de frente para as multidões mantidas atrás de barreiras de madeira. Holofotes iluminavam os antigos monumentos de Roma. A fumaça que se erguia, de pó de magnésio queimando em imensos vasos romanos, dava uma dimensão de mistério às ruínas do Fórum e do monte Palatino.

O convidado e o anfitrião foram para a residência real, o vasto palácio do Quirinal. Não formavam um casal feliz. O rei confidenciou aos amigos mais chegados que, em sua opinião, Hitler era um degenerado mental e um viciado em drogas. O Führer, por sua vez, perguntou-se por que não fora recebido pelo aliado fascista e descreveu o palácio real como "melancólico, desconfortável e muito parecido com uma loja de antiguidades". Quando mostraram o trono real ao cupincha de Hitler, Joseph Goebbels, ele comentou que, a rigor, o assento deveria ser do Duce. "Aquele ali", sussurrou, apontando para o rei, "é pequeno demais para ele".[30]

No dia seguinte, em Castel Gandolfo, em comentários feitos para centenas de recém-casados, o papa lamentou as "coisas tristes" que estavam acontecendo em Roma, a aparição de "outra cruz que não é a Cruz de Cristo". "É evidente", observou Pignatti, "que o papa sentiu necessidade de aliviar a pressão e, por causa do seu temperamento, pode-se até dizer que o fez de maneira relativamente suave. Mas será que vai parar por aí?" E ele mesmo respondeu à pergunta. "Duvido muito."[31]

Mussolini tinha trabalhado durante meses para garantir que Hitler ficasse impressionado com a Itália fascista. Além de Roma, eles visitariam Nápoles e Florença. Em todas as cidades, o dia da chegada da comitiva seria decretado feriado. Arcos de triunfo foram construídos e iluminação

especial foi instalada. Havia faixas e bandeiras penduradas por toda parte.[32]

Depois de várias cerimônias em lugares sagrados de Roma, o grupo seguiu para Nápoles. Escoltado pelo rei, o desfile marchou com grande pompa até o porto, onde Mussolini os aguardava no encouraçado Cavour para um dia de manobras navais, complementado por uma noite na ópera. O pior momento da viagem para o Führer ocorreu naquela noite, quando, depois da ópera, o alemão ficou do lado de fora, de fraque, ao lado do rei, que usava seu uniforme real de gala, enquanto inspecionavam a guarda de honra. Enquanto mantinha o braço direito erguido na saudação nazista, Hitler segurava freneticamente o colete com a mão esquerda, numa tentativa de subjugar as abas agitadas. Seu ajudante disse que ele parecia um afobado *maître* de restaurante.[33]



32. Mussolini, Hitler e o rei Vítor Emanuel III, maio de 1938

Depois de voltar a Roma para mais três dias de manobras militares, ópera, recepções e discursos, o grupo partiu para Florença, no último dia da visita. Mais de cem mil cartazes e bandeiras — italianas e nazistas — foram colocados nas janelas ou estendidos no alto dos edifícios para a ocasião; havia grinaldas de flores por toda parte. Novas luzes triplicaram a iluminação da cidade. Ladeando as ruas havia dezoito mil milicianos fascistas, três regimentos de infantaria, centenas de policiais de Florença e de Roma e mil e quinhentos *carabinieri* de todo o país que haviam sido levados até lá. Durante três semanas a polícia tinha verificado a documentação dos que entravam na cidade de carro. Pessoas de lealdade duvidosa foram presas preventivamente. De acordo com o cônsul geral dos Estados Unidos, "muitos judeus foram obrigados a, ou 'aconselhados a', ou acharam sensato, sair de Florença durante a visita".[34]

Os dois — Hitler primeiro e Mussolini depois — desfilaram em triunfo de carro pelas ruas da cidade enfeitada de suásticas. Na majestosa *piazza*, uma multidão enorme aclamou os ditadores; então Hitler forçou o relutante Duce a levá-lo para um passeio pelas galerias de arte Uffizi.[35] Na estação ferroviária, quando Hitler se preparava para partir, os dois homens se despediram calorosamente. "Agora, nenhuma força", proclamou o Duce, "poderá jamais nos separar." Os olhos do Führer se encheram de lágrimas.[36]

Saber até que ponto os italianos se entusiasmaram com a visita do Führer é algo questionável. William Phillips, o embaixador americano em Roma, contrastou os vivas calorosos a Mussolini com "as apáticas saudações dadas a Hitler". Mas concluiu que o Duce tinha conseguido o que queria, pois o Führer ficara encantado com a visita, impressionado, em especial, com as ruínas da Roma antiga.[37]

Enquanto Mussolini e Hitler proclamavam sua admiração recíproca diante de centenas de milhares de delirantes italianos, o papa fervia de raiva. Poucos dias depois da visita, ele disse ao embaixador francês Charles-Roux que a escala colossal do tributo a Hitler foi o que mais o

irritou — o mais recente sinal de servilismo da Itália ao Führer.[38] *L'Osservatore Romano* fez o possível para ignorar a visita. *La Civiltà Cattolica* concluiu seu seco relato com uma nota sombria: a grandiosidade dos festejos oficiais não bastava para esconder o desapontamento dos católicos — o chefe de um país que abrigava vinte e sete milhões de católicos tinha viajado a Roma, mas não "prestou homenagem Àquele que é amado pelos milhões de católicos como pai e Supremo Pastor de suas almas e venerado como o Vigário de Jesus Cristo na Terra". O resultado, na opinião de *La Civiltà Cattolica,* foi "uma grave e escancarada ausência" que deslustrou muito a visita.[39]

Essa opinião não era universalmente partilhada pelo clero católico. Ignorando as advertências do papa, muitos clérigos foram incapazes de conter o entusiasmo pelo desfile triunfal dos ditadores. Na diocese de Orte, na linha de trem entre Roma e Florença, párocos se juntaram às comemorações, enfeitando as batinas pretas com medalhas militares que tinham adquirido na Grande Guerra. Sabendo que a fé fascista dos franciscanos locais era profunda, o bispo de Orte os aconselhara a não participar das comemorações. Mas, no dia em que Hitler passou, eles cobriram por completo o seu mosteiro com bandeiras italianas e nazistas e até enfeitaram o campanário com suásticas. Pior, os frades posicionaram as centenas de crianças de sua escola ao longo da linha de trem. Quando o trem passou, os frades fizeram os pequenos discípulos cantarem "Viva Mussolini! Viva Hitler!".[40]

CAPÍTULO VINTE E DOIS

UMA MISSÃO SURPREENDENTE

Durante uma visita a Roma, em junho de 1938, John LaFarge, padre jesuíta americano de cinquenta e oito anos, ficou surpreso ao receber um recado de que Pio XI queria vê-lo em Castel Gandolfo.

Ao chegar à residência de verão do papa, LaFarge foi levado a um pátio, onde estava o papa, que acabara de voltar de uma caminhada. Sua bengala branca jazia numa prateleira atrás dele. O pontífice disse a LaFarge que queria conversar sobre o problema do racismo e que o procurara porque seu recente livro, *Interracial Justice*, era o melhor que ele já lera sobre o assunto.

Embora praticamente desconhecido nos círculos do Vaticano, LaFarge era uma presença intelectual na Igreja americana. Nasceu em Newport, Rhode Island; o pai era um artista importante e a mãe descendia de Benjamin Franklin. LaFarge formou-se em Harvard, em 1901, e foi ordenado quatro anos depois. Em seguida, passou quinze anos em Maryland, servindo basicamente em congregações afro-americanas. Em 1926, juntara-se à equipe de redatores de *America*, e em 1934 fundara o Conselho Católico Inter-racial, destinado a promover esclarecimento acerca do tema inter-racial. Três anos depois publicou o livro que chamou a atenção do papa.[1]

Quando se sentaram, Pio XI confiou ao sacerdote americano uma missão chocante. O papa queria que ele redigisse em segredo uma encíclica sobre o tema que o pontífice considerava a questão mais

premente da época: o racismo e o antissemitismo. A visita de Hitler a Roma no mês anterior ainda não lhe saíra da cabeça, e Pio achava que suas palavras condenando a glorificação da raça na encíclica de 1937 já não bastavam. Justamente quando refletia sobre a ideia de uma nova encíclica, soube que a pessoa certa estava visitando Roma. Deus, disse Pio ao perplexo americano, o enviara.

LaFarge manifestou dúvidas sobre se estaria à altura da tarefa. Mas o pontífice insistiu: "Diga apenas o que diria se fosse papa." E descreveu em linhas gerais os tópicos que gostaria de abordar e os princípios que deveriam servir de orientação a LaFarge.

"Na verdade", acrescentou o papa, "eu deveria ter submetido o assunto ao padre Ledóchowski antes de falar com o senhor, mas imagino que dará tudo certo."

O papa não estava sendo muito sincero, pois sabia que o superior geral dos jesuítas não aprovaria a ação. Mais revelador ainda era o fato de que Pio mantivera segredo sobre o assunto até para o cardeal Pacelli e toda a Secretaria de Estado. Também não consultara os vários departamentos do Vaticano, cujos especialistas em geral redigiam encíclicas papais.

"O papa está maluco", comentou Ledóchowski, em inglês, depois de um encontro com Pio naquele domingo e de saber que a tarefa tinha sido atribuída ao jesuíta americano.[2]

No dia seguinte, Ledóchowski teve um encontro com LaFarge. Aproveitando-se da ansiedade do americano — "Estou simplesmente estupefato (...) A Pedra de Pedro caiu na minha cabeça", confidenciou LaFarge a um amigo —, Ledóchowski sugeriu que dois jesuítas mais experientes o ajudassem.

Quando LaFarge chegou a Paris, poucos dias depois, esses colegas se juntaram a ele. Ao longo do verão os três trabalharam na encíclica, a ser intitulada *Humani generis unitas* [A unidade do gênero humano] Se o papa tinha escolhido LaFarge pela sua obra contra o racismo nos Estados Unidos, Ledóchowski escolhera os dois colegas — o alemão Gustav

Gundlach, de quarenta e seis anos, e o jesuíta francês Gustave Desbuquois, de sessenta e nove — por razões bem diferentes. Ledóchowski via os judeus como inimigos da Igreja e da civilização europeia e estava disposto a fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para impedir que o papa prejudicasse a onda antissemita que varria a Europa. Gundlach e Desbuquois já tinham experiência no preparo de encíclicas papais e laços muito estreitos com o Vaticano. Ajudariam a refrear LaFarge, bastante consciente da própria falta de experiência.

Gustav Gundlach, professor de filosofia moral na Universidade Gregoriana de Roma, era um dos maiores especialistas jesuítas em assuntos judaicos. Em 1930, redigira o verbete sobre antissemitismo na confiável enciclopédia teológica católica alemã *Lexikon für Theologie und Kirche.* Ali Gundlach fizera a distinção entre dois tipos de antissemitismo. O primeiro, que ia de encontro aos ensinamentos da Igreja, combatia os judeus "simplesmente por sua estrangeirice racial e nacional". O segundo, adotado pela Igreja, lutava contra os judeus "pela excessiva e deletéria influência do segmento judaico da população".[3]

Em setembro, os três homens terminaram o rascunho e o enviaram a Ledóchowski, supondo que seria imediatamente repassado ao papa. Em vez disso, o superior geral enviou uma "versão resumida" para Enrico Rosa. Fora Rosa, então diretor de *La Civiltà Cattolica*, que o papa procurara dez anos antes para explicar a dissolução dos Amigos de Israel. Mas àquela altura a atitude de Pio para com os judeus já não era compatível com a de Rosa. Ao procurar LaFarge, o papa o deixara de lado. No entanto, agora o rascunho da encíclica papal estava em cima da mesa de Rosa.

Apesar da mudança de atitude do papa com relação à questão judaica, ele nada tinha feito para controlar a torrente de veneno antissemita publicada na revista de Rosa. Enquanto Hitler aterrorizava os judeus da Alemanha, e a Áustria, a Hungria, a Polônia e outros países europeus adotavam leis para restringir os direitos dos judeus, a revista — com suas

páginas previamente aprovadas pela Secretaria de Estado do Vaticano — os estimulava a ir em frente. Em maio de 1937, *La Civiltà Cattolica* publicou um artigo intitulado "A questão judaica e o sionismo", elogiando a obra do "ilustre autor católico inglês Hilaire Belloc", notório antissemita. O artigo ia direto ao ponto já na abertura: "É fato evidente que os judeus são um elemento perturbador em razão do seu espírito de dominação e da sua preponderância em movimentos revolucionários." Belloc, informava a revista com aprovação, comparou o judaísmo "a um corpo estranho que produz irritação e reação no organismo em que penetra". Giovanni Preziosi — ex-padre e conhecido fascista — deliciava-se com as arengas da revista jesuíta. Havia muito tempo que insistia com Mussolini para lançar uma campanha que protegesse a Itália católica da ameaça judaica. O artigo de *Civiltà Cattolica*, declarou ele efusivamente, era "tão perfeito que eu gostaria de apresentá-lo aos italianos que, por amor ao dinheiro dos judeus, negam a existência do perigo judaico".[4]

A revista dava seu apoio entusiástico à proposta de Belloc de que os governos segregassem os judeus do resto da população cristã.[5] Os judeus, acusava o periódico, controlavam tanto as altas finanças quanto o comunismo, no "jogo duplo" da judiaria para fomentar a revolução e "ampliar seu domínio no mundo". Como os judeus, por natureza, queriam governar o mundo, nunca poderiam ser leais ao país onde viviam. Por essa razão eram os mais entusiásticos defensores da maçonaria e da Liga das Nações. Em suma, informava o texto supervisionado pelo Vaticano, os judeus tentavam reduzir os cristãos a escravos.[6]

Nos meses anteriores ao assalto de Mussolini contra os judeus da Itália, que seria iniciado em julho, *La Civiltà Cattolica* ajudou a trilhar ao caminho advertindo sobre a ameaça judaica e a necessidade de agir contra ela. A revista falou da importância de um dilúvio de livros antissemitas recém-publicados. Em fevereiro de 1938, uma resenha de *Under Israel's Mask*, de Gino Sottochiesa, corrigia o autor — apresentado como

homem de "firme fé católica" — por sua errônea impressão de que *La Civiltà Cattolica* propunha apenas "caridade e conversão" ao lidar com a ameaça judaica; havia muito a revista vinha recomendando aos governos que tomassem medidas de proteção contra os judeus.[7]

E *La Civiltà Cattolica* não estava sozinha. Nos meses que precederam a campanha antissemita, boa parte da imprensa católica italiana cobrava uma ação do governo. Especialmente influente era *L'Amico del Clero*, publicação oficial da associação nacional do clero católico romano, que contava com vinte mil padres como membros.

Um artigo de autoria do monsenhor Nazareno Orlandi, intitulado "A invasão judaica também na Itália", publicado na primavera de 1938, começava com a ressalva de sempre: "Não somos e, como cristãos, não poderíamos ser, antissemitas." O monsenhor explicava que, embora o antissemitismo "racista" do nazismo, baseado na crença da pureza de sangue, tivesse que ser repudiado, "o antissemitismo defensivo" era não apenas legítimo, mas também necessário na batalha contra "a invasão judaica na política, na economia, no jornalismo, no cinema, na moral e na vida pública". Embora, graças à vigilância do governo, a situação na Itália não fosse tão ruim quanto em outros lugares, "é certo que muitos cargos de comando entre nós também estão nas mãos dos judeus, que, se tivessem oportunidade, provavelmente fariam conosco o que conseguiram em outros países". Apesar de nossos registros serem limitados com relação ao que os milhões de italianos ouviram naqueles meses do púlpito durante a missa dominical e de quase não haver estudos sobre isso, seria surpreendente se eles não tivessem ouvido versões recondicionadas dessas terríveis advertências.[8]

Em meados de julho, enquanto LaFarge e seus colegas redigiam em sigilo sua encíclica em Paris, *La Civiltà Cattolica* publicou um longo e entusiástico artigo sobre a legislação antissemita que acabava de entrar em vigor na Hungria. "Na Hungria", explicava a revista, "os judeus não têm nenhuma organização individual envolvida em qualquer ação sistemática

comum. A instintiva e irreprimível solidariedade de sua nação é suficiente para que se unam a fim de pôr em ação o desejo messiânico de dominação mundial." O antissemitismo dos católicos da Hungria não era do tipo "vulgar, fanático", menos ainda "racista", mas "um movimento de defesa das tradições e da verdadeira liberdade e independência do povo húngaro".[9]

★ ★ ★

EM 14 DE julho, Mussolini deu o pontapé inicial na campanha fascista contra os judeus da Itália com uma declaração sobre raça, publicada no *Giornale d'Italia*, um dos principais jornais italianos. O Manifesto de Cientistas Raciais, feito por ordem de Mussolini, era um conjunto de proposições preparadas por Guido Landra, um desconhecido antropólogo de vinte e cinco anos, e assinadas por uma salada de acadêmicos italianos, tanto conceituados quanto obscuros.[10] O texto estabelecia a nova teoria racial do regime fascista. A população da Itália, declarava o documento, era "de origem ariana e sua civilização é ariana", e de fato "uma raça pura italiana existe". De modo sinistro, anunciava-se que era chegada a hora de os italianos "se proclamarem francamente racistas. Toda a obra feita até agora pelo regime é, em essência, racismo". Explicando que "a questão do racismo na Itália deve ser tratada de um ponto de vista puramente biológico", acrescentava, sem coerência, que "isso não significa, porém, introduzir na Itália teorias do racismo alemão".[11]

Os historiadores até hoje discutem as razões que teriam levado Mussolini a montar uma campanha contra os judeus da Itália. Durante anos, a judia Margherita Sarfatti fora sua amante e conselheira de confiança.[12] Vários médicos da família de Mussolini eram judeus, e após anunciar a campanha "racial" ele também teria que procurar um novo dentista.[13] Além disso, anteriormente, o Duce nunca levara a sério a

crença nazista de superioridade racial. Na entrevista concedida em 1932 ao judeu Emil Ludwig, ele fez uma declaração famosa: "Nada jamais me fará acreditar que seja possível demonstrar a existência, hoje, de raças biologicamente puras."[14]

Para muitos historiadores, o momento escolhido por Mussolini para lançar a campanha — apenas dois meses depois da visita de Hitler a Roma — não foi coincidência. O Führer, segundo eles, disse ao Duce durante a visita que, se quisesse de fato consolidar a aliança entre os dois regimes, teria que eliminar a diferença mais óbvia entre eles e declarar guerra aos judeus. Dino Grandi, então embaixador da Itália na Grã-Bretanha, fez esse relato. Segundo Grandi, Hitler tentou convencer Mussolini a entrar também na batalha contra a Igreja Católica. Isso o Duce não quis fazer, mas concordou em participar da campanha antissemita.[15]

Há boas razões para pôr em dúvida o relato de Grandi, e uma delas é que foi escrito depois da guerra, quando o embaixador — que jamais fora a favor da aliança nazista — tentava a todo custo jogar a culpa nos nazistas por todos os erros do fascismo. Mas isso não quer dizer que o lançamento da campanha antissemita de Mussolini nada tenha a ver com a visita de Hitler. O Duce queria muito impressionar os líderes nazistas e deve ter achado que nada poderia lhes agradar mais do que perseguir os judeus da Itália.[16]

La Civiltà Cattolica, que publicou o manifesto no fim de julho, saudou com alívio a declaração de que o racismo na Itália deveria ser "essencialmente italiano". A revista temia, porém, que suas proposições não fossem claras o bastante. Algumas pessoas poderiam interpretá-las como respaldo ao culto do sangue, conceito nazista que ia de encontro aos ensinamentos católicos sobre a universalidade do gênero humano. A revista não fazia qualquer comentário sobre a afirmação de que "judeus não pertencem à raça italiana".[17] *L'Osservatore Romano*, ao dar a notícia, citou essa frase, mas sem uma palavra de crítica. Enquanto isso, muitos

jornais republicaram, em parte ou na íntegra, um artigo de 17 de julho, de autoria de um membro da cooperativa de *La Civiltà Cattolica*, comentando de maneira favorável o manifesto.[18] O grande jornal católico da Itália, *L'Avvenire d'Italia*, foi um deles; quatro dias depois, seu editor, Raimondo Manzini, declarou apoio a um "racismo italiano" em suas páginas. Manzini viria a servir como editor de *L'Osservatore Romano* por dezoito anos.[19]

Às sete e quinze da noite de 14 de julho, horas depois da publicação do manifesto, o correspondente em Roma do jornal do Partido Nazista, *Völkischer Beobachter*, transmitiu a eletrizante notícia para a Alemanha. "Depois da declaração sobre o problema do racismo, o nacional-socialismo e o fascismo mostram que estão unidos também nesta área. A partir de hoje", disse, com entusiasmo, o jornalista alemão, "cento e quarenta milhões de homens professam a mesma *Weltanshauung* [visão de mundo]."[20] No dia seguinte, jornais alemães deram a notícia em tom de júbilo, expressando a crença de que a Itália logo anunciaria sua própria legislação antissemita, seguindo o exemplo nazista.[21]

Depois de considerável trabalho de bastidores, a campanha antissemita deu a largada com grande ímpeto. Mussolini a acompanhava de perto, atribuindo a tarefa ao Ministério da Cultura Popular, responsável pela propaganda do regime. Professores de conhecida aprovação ao regime fascista foram solicitados a acrescentar seus nomes em apoio da campanha, organizaram-se bibliotecas dedicadas à literatura racista e projetou-se um arquivo de vinte mil fotografias racistas. Um grupo de acadêmicos fascistas foi recrutado para escrever sobre a realidade das raças, visando um público mais amplo. Especialmente importante foi o lançamento de uma nova revista popular ilustrada que disseminava teorias raciais, a ser chamada de *La Difesa della Razza* [A defesa da raça].[22]

Ao tomar uma atitude contra a supostamente perigosa ameaça judaica, Mussolini enfim dava ouvidos às advertências que os enviados do papa, em especial o padre Tacchi Venturi, vinham lhe fazendo. Mas o próprio

pontífice não deu sinal algum de preocupação com qualquer ameaça judaica na Itália. O que mais ocupava a sua atenção era o perigo representado pelos nazistas.

O Duce tinha motivo para temer que o papa se opusesse à sua adoção do racismo alemão. Mas também tinha motivos para achar que poderia impedir o papa de manifestar-se contra. Mussolini pensou que, caso se mantivesse firme e distinguisse seu tipo de racismo do racismo dos nazistas, o papa acabaria recuando. O esforço para estabelecer diferenças entre o racismo fascista e o racismo nazista ajuda a explicar o contorcionismo verbal do manifesto racial. A distinção era importante para o Duce também porque nada o irritava mais do que ser acusado de imitar Hitler.

Mussolini também sabia que, embora o papa se opusesse à ideologia racial alemã, suas opiniões sobre políticas de Estado destinadas a limitar os direitos dos judeus eram muito menos claras. Na realidade, o Duce até pensava em usar as advertências da própria Igreja sobre a ameaça judaica para conquistar apoio popular à campanha antissemita.

Acima de tudo, Mussolini sabia quanto o papa dependia dele para favores que beneficiassem a Igreja. Alguns, como tentar influenciar Hitler em favor do catolicismo, envolviam questões importantes. Outros, como recorrer ao regime para impedir a publicação de livros que Pio XI considerava ofensivos, eram menores, mas ainda assim importantes para ele. Um desses casos ainda estava, sem dúvida, bem vivo na cabeça do pontífice naquela época.



33. Galeazzo Ciano

No fim de maio, Pio soubera que uma biografia de César Bórgia seria lançada em breve, para venda em bancas de revista, em fascículos ilustrados e baratos. Bórgia não era bem um assunto que o Vaticano gostasse de ver explorado. Nascido em 1475, foi nomeado cardeal aos dezoito anos. Seu pai era o papa Alexandre VI. Renunciando ao chapéu cardinalício com vinte e poucos anos, Bórgia se tornaria comandante militar, tendo dois filhos com a esposa e muitos com outras mulheres.[23] O papa mandou dizer a Ciano que queria todos os exemplares da biografia destruídos.[24]

O genro de Mussolini ordenou que a distribuição da obra para as bancas fosse suspensa. O governo só permitia que a biografia fosse publicada num volume único e pesado, reduzindo drasticamente o

número de leitores.[25] Mas o Vaticano não tardou a descobrir que, apesar da ordem de Ciano, os fascículos populares continuavam à venda. Por instrução do papa, o núncio Borgongini teve um encontro com Ciano em 13 de junho.

Indignado por ver sua ordem desrespeitada, Ciano pegou o telefone e ligou para a segunda maior autoridade do Ministério da Cultura Popular, já que o próprio ministro estava fora da cidade.

"Rizzoli [Angelo Rizzoli, o editor]", disse-lhe Ciano, "é a pessoa mais anti-italiana, antifascista e anticatólica que se possa imaginar." O genro do Duce acusou o livro de ser "uma especulação sensacionalista preparada pelos judeus". Borgongini tinha dito antes a Ciano que o autor da biografia, Gustav Sacerdote, era judeu. Rizzoli precisava de uma lição. "Ponha o joelho na garganta dele", instruiu Ciano, "e dê-lhe uns tapas para que ele nunca mais esqueça."[26]

Uma semana depois do encontro, Ciano mandou dizer ao núncio que não só os fascículos populares da biografia de César Bórgia tinham sido banidos, mas também o próprio livro. Na semana seguinte, o cardeal Pacelli escreveu um bilhete de agradecimento.[27]

★ ★ ★

SOB A MÃO pesada de Achille Starace, a campanha de Mussolini para demonstrar a virilidade do regime ia a todo vapor. De 30 de junho a 2 de julho, o ditador presidiu competições de atletismo, que receberam máxima publicidade, cujo objetivo era mostrar o espírito intrépido e a dureza dos líderes do Partido Fascista. Convocados a Roma, os chefes do partido nas províncias participaram de uma série de "testes". Essas provas iam do ridículo (com corpulentos potentados fascistas tentando pular cavalos de madeira) ao perigoso (eles saltando por cima de filas de baionetas eretas). O embaixador americano descreveu o estranho evento, notando que, enquanto Mussolini olhava, "dois competidores não

conseguiram pular a barreira de baionetas, com resultados um tanto desconfortáveis". Os jornais italianos publicaram uma foto do valente Achille Starace pulando de cabeça por um aro em chamas.[28]

Naquela época, o foco de Mussolini em seus planos de grandeza italiana foi prejudicado por um assunto pessoal desagradável. Clara Petacci tinha acessos de ciúme cada vez mais frequentes. Ela tinha boas razões para ficar desconfiada, pois, mesmo estando acampada em uma suíte no palácio Venezia, o Duce continuava a ter encontros com ex-amantes. Clara partiu para o ataque; para acalmá-la, Mussolini lhe telefonava várias vezes por dia. Quase diariamente, durante boa parte de julho, ele saía com ela sorrateiramente para a praia de Ostia, onde os dois ficavam do meio da manhã até o meio da tarde.[29]

Coube ao genro do Duce administrar os efeitos adversos da recém-anunciada campanha racial. Em 20 de julho, ele mandou o embaixador da Itália, Pignatti, ao Vaticano tentar descobrir o que o papa pensava. Dois dias antes, falando a um grupo de freiras, o pontífice voltara a lamentar o "nacionalismo exagerado".

"É verdade", perguntou Pignatti ao cardeal Pacelli, "que o papa está pensando em adotar medidas em oposição à campanha anti-israelita planejada pelo governo real?"

Pacelli não quis se comprometer: disse que Pio não mencionara qualquer plano de se pronunciar sobre o assunto. Além disso, o cardeal não expressou oposição alguma à campanha antissemita.

O que o papa queria dizer com "nacionalismo exagerado"?, perguntou Pignatti. Esses comentários, observou ele, poderiam ser interpretados como críticas à nova política racial.

Pacelli apressou-se a garantir-lhe que o papa não tinha essa intenção, que os comentários dele visavam, acima de tudo, advertir os católicos de outros países que não se identificassem demais com ideologias nacionalistas.

A doutrina católica, afirmou Pignatti, tinha que reconhecer a existência de raças.

O cardeal Pacelli respondeu indiretamente. O direito canônico, disse ele, era bastante claro: as pessoas batizadas deveriam ser consideradas católicas. Quaisquer que fossem as políticas antissemitas que Mussolini tivesse em mente, era crucial que se restringissem àqueles que fossem verdadeiramente judeus.[30]

Seis dias depois, Pignatti teve um encontro com Pio em Castel Gandolfo para discutir a campanha racial direto com o Santo Padre. O papa parecia mais magro, mas recuperara boa parte das forças. Ainda usava meias elásticas para aliviar a dor nas pernas, porém já não precisava de massagens diárias. Seu médico pessoal ia de carro de Roma todas as manhãs para vê-lo, mas não achava mais necessário passar as noites lá, como fizera no verão anterior. O papa não tinha nenhuma ilusão de que ainda viveria muito, mas queria morrer sentado à sua escrivaninha.[31]

Pignatti saiu muito satisfeito do encontro. Censurou o pontífice, de modo brando, por condenar o "nacionalismo exagerado", dizendo-lhe que esse comentário poderia ser mal-interpretado. Em resposta, o papa fez eco à explicação de Pacelli: não se referia à Itália.

Então Pio fez uma reclamação. Ele vinha recebendo relatos perturbadores de que o governo italiano dava tratamento privilegiado a protestantes nas áreas italianas do Leste da África. Isso não era ruim só para o catolicismo, mas também para a Itália, disse ele a Pignatti, pois os protestantes atuavam como agentes britânicos na África.[32] O papa também manifestou preocupação com acusações recentes de que a Ação Católica estava se metendo em política. "Rezo ao Senhor todos os dias", disse o pontífice, "para que o *Signor* Mussolini não toque na Ação Católica." E acrescentou: "Os senhores podem conseguir qualquer coisa do papa, desde que não ataquem a Ação Católica."[33]

Uma semana depois do encontro, Pio, ignorando a advertência de Pignatti, retomou seus ataques ao "nacionalismo exagerado". Em

comentários para duzentos alunos da Universidade para a Propagação da Fé, em Roma, ele levou a crítica um passo adiante. Só havia uma grande raça humana, disse aos estudantes; e, num comentário que deixaria Mussolini furioso, acrescentou: "É o caso de perguntar por que a Itália, infelizmente, sentiu necessidade de imitar a Alemanha."[34]

O papa reservou suas palavras mais duras para a defesa da amada Ação Católica. "Eu vos advirto", disse, dirigindo-se claramente a Mussolini, "a não atacar a Ação Católica, e vos imploro, para o vosso próprio bem, pois quem ataca a Ação Católica ataca o papa, e quem ataca o papa morre."

Furioso acima de tudo com a acusação de estar imitando Hitler, o Duce proibiu qualquer jornal italiano de publicar o discurso do pontífice.[35] Ciano disse ao núncio Borgongini que, se continuasse com os ataques o papa acabaria provocando um grande racha. "Falei muito claramente com Borgongini", lembrava-se Ciano. "Expliquei quais eram as promessas e os objetivos do nosso racismo." O núncio mais uma vez tentou minimizar os comentários do papa. Pio queria apenas se certificar de que o racismo italiano permanecesse dentro dos limites apropriados. Ciano ficou satisfeito: Borgongini "me pareceu muito convincente. E acabou se revelando muito antissemita".[36]



34. Embaixador Bonifacio Pignatti (à direita), com Galeazzo Ciano, maio de 1939

Em 31 de julho, o embaixador italiano foi ver o cardeal Pacelli para reclamar dos comentários recentes de Pio. O papa não podia continuar com suas críticas e esperar manter a colaboração produtiva da Igreja com o regime. Pacelli prometeu transmitir ao pontífice as preocupações de Mussolini. Pignatti achava que Pacelli estava do seu lado, mas duvidava que o papa fosse prestar qualquer atenção ao seu conselho.[37]

"A colaboração às vezes era difícil", diria Pacelli, mais tarde, ao cardeal Verdier, o arcebispo de Paris, explicando suas relações com Pio XI. O pontífice não dava ouvidos a ninguém, nem mesmo ao seu secretário de Estado, ou pelo menos assim lhe parecia. "Minha natureza afetuosa sofria muito", confidenciou Pacelli, "mas eu sabia que ele me amava, e esse pensamento me consolava." Mais tarde, deu a Verdier outro exemplo dessa relação por vezes tensa. Certa vez, ele se sentiu tão sobrecarregado que, sem perceber, deu murros "quase violentamente" na mesa do papa.

Não podia mais continuar como secretário de Estado, disse ao pontífice. "Não me preenche, e estou sofrendo."

"O papa me olhou com frieza e, bem devagar, disse estas palavras, que jamais esquecerei", contou Pacelli. "'Só temos uma obrigação, você e eu, que é fazer a política do bem!'" Pacelli ficou tocado: "Que resposta magnífica! Humilhado pela fraqueza que meus nervos me causaram, caí de joelhos aos pés do papa e lhe pedi perdão. O Santo Padre me levantou, com afeto, e me deu um abraço." "*Quelle tableau!*", observou Verdier, evocando a imagem: "Que cena!"[38]

Preocupado com os danos que Pio XI poderia causar à campanha antissemita, Pignatti procurou um homem que pudesse ajudar. Em 4 de agosto viajou para o sul, até a península de Sorrento, onde o padre Ledóchowski estava hospedado numa residência jesuíta, recuperando-se de um recente problema de saúde. "Fui ver o secretário geral dos jesuítas", explicaria Pignatti mais tarde, "porque no passado (...) ele não ocultara de mim seu implacável desprezo pelos judeus, que ele considerava a origem de todos os males que afligiam a Europa."

O embaixador achou Ledóchowski muito bem-informado sobre o problema e bastante solidário à causa de Pignatti. "O padre Rosa", disse ele, "me contou que o papa não entende." A doença roubava a capacidade mental do Santo Padre: "É terrível, mas é o que acontece." Durante a sua enfermidade, Pio rezou para que Deus levasse sua alma para junto Dele, mas "o Senhor não atendeu a prece do papa, e como resultado a Igreja hoje passa por uma crise grave". Pio "não pensa com lógica e não quer ouvir ninguém que pense assim." O cardeal Pacelli não sabia mais o que fazer: "O papa já não o ouve como antigamente. Esconde com cautela os planos que tem e não lhe diz nada sobre os discursos que pretende fazer."

Os que cercavam o pontífice, informou Ledóchowski, estavam aterrorizados com a ideia do que poderia acontecer se sua saúde piorasse ainda mais.[39] O jesuíta encomendou ao embaixador que não deixasse as

arengas do papa comprometerem as boas relações da Igreja com o regime fascista.

Pignatti respondeu que não lhes seria possível ignorar as arengas do papa, pois a imprensa estrangeira, em especial a francesa, explorava cada palavra dele, e católicos do mundo inteiro prestavam atenção nelas, "alheios ao fato de que o pai comum de todos os fiéis estava mentalmente debilitado". Os comentários do pontífice "estão causando uma maré de ódio contra a Itália que a compromete tanto no quesito moral quanto no material".

Ledóchowski concordava. Uma crise era iminente. Depois de pedir ao embaixador que guardasse segredo, confidenciou: "O perigo é grande demais para não procurarmos um remédio."[40]

Mas qual "remédio" o superior geral dos jesuítas tinha em mente não ficou muito claro. Ele, porém, passaria os meses seguintes fazendo o possível para impedir o papa de denunciar a política racial fascista, ofender os nazistas, ou dar alguma esperança para os judeus.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

O ACORDO SECRETO

Em julho de 1938, quarenta mil judeus na Áustria foram detidos e colocados sob "custódia protetora". A França reiterou seu compromisso de defender a Tchecoslováquia contra a Alemanha. Os alemães responderam levando tropas para a fronteira com a França, o que logo seria seguido de mobilização militar total.

No começo de agosto, no meio dessa marcha assustadora em direção à guerra, o governo italiano deu continuidade ao manifesto racial, baixando uma série de leis antissemitas. A primeira delas proibia todos os judeus nascidos no estrangeiro de frequentar escolas italianas. *La Civiltà Cattolica* informou os leitores sobre a medida e publicou uma justificativa governamental — notavelmente semelhante às advertências anteriores da própria revista sobre a ameaça judaica: os judeus jamais poderiam ser leais ao país onde viviam, porque sua verdadeira lealdade era para com outros judeus; o judaísmo estava por trás do bolchevismo e da maçonaria; e, apesar de só um em mil italianos ser judeu, os judeus ocupavam muitos cargos importantes. A situação era intolerável.[1]

Em 4 de agosto de 1938, o papa mandou chamar Giovanni Montini. Poucos anos antes, num esforço para agradar a Mussolini, ele demitira Montini do cargo de capelão nacional universitário da Ação Católica. Mas, no fim de 1937, o pontífice havia decidido reabilitar Montini e fazer dele um dos dois subsecretários de Pacelli. A decisão lançou Montini numa trajetória que, um quarto de século depois, o levaria ao trono de São Pedro. Agora, Pio queria que ele redigisse uma carta para

Mussolini mostrando em detalhes a posição do papa sobre os judeus e a Ação Católica.

No dia seguinte, Montini entregou um rascunho a Pio, que o revisou com cuidado. No que dizia respeito aos judeus, esclarecia o texto, o pontífice não tinha intenção de interferir na "responsabilidade [do Estado] de tomar medidas oportunas em defesa de interesses legítimos", mas esperava que Mussolini não fosse além do que a caridade cristã permitia. No tocante à Ação Católica, Pio repelia as ameaças de excluir seus membros do Partido Fascista. A Ação Católica, insistia ele, tinha apenas objetivos religiosos, não sendo, portanto, incompatível com a filiação ao Partido Fascista.

Mais uma vez o cardeal Pacelli convenceu o papa a não mandar a carta para não irritar Mussolini. Em vez disso, Tacchi Venturi comunicou pessoalmente os pensamentos do pontífice ao ditador.[2]

Os temores recentes do papa sobre a Ação Católica vinham de um relatório que recebera da cidade de Bérgamo, no nordeste da Itália: fascistas locais tinham atacado um clube da Ação Católica. Quando o cardeal Pacelli transmitiu essa reclamação a Pignatti, o embaixador ficou indignado. O que esperava o Vaticano? Militantes fascistas estavam furiosos com as críticas do papa à campanha racial. Era de esperar que atos mais violentos ainda acontecessem.[3]

Dois dias depois, o cardeal Pizzardo, chateado com alegações da imprensa fascista de que era ele quem convencia o papa a denunciar o racismo, teve um encontro com o embaixador. Pizzardo assegurou a Pignatti que jamais tinha conversado com Pio sobre o assunto. A conversa, então, passou para o clima de tensão criado em torno da Ação Católica, e Pignatti propôs uma solução. Se a organização desistisse da prática de filiação formal, isso ajudaria muito a aliviar a tensão. Pizzardo não se comprometeu, dizendo que caberia ao papa decidir. O embaixador suspeitava de que era Pizzardo quem incentivava o pontífice a defender a organização. Ele sabia a quem pedir ajuda. "Como o cardeal

Pacelli, cujas relações com o cardeal Pizzardo são notoriamente ruins, não tem nenhuma grande simpatia pela Ação Católica tal como é hoje organizada", comentou Pignatti em seu relato do encontro, "tentarei conquistá-lo como aliado nesta questão."[4]

Novos indícios do isolamento do papa vieram naquela semana, quando *La Civiltà Cattolica* publicou um artigo elogiando o regime.[5] Pignatti ficou muito feliz. No que dizia respeito à campanha contra os judeus, disse ele a Ciano, o apoio dos jesuítas estava sem dúvida com Mussolini. Mas acrescentou uma advertência: os jornais da Itália precisavam parar de dar tanto destaque a esse fato. Os jesuítas não se deixariam apresentar como adversários do pontífice.[6]

Quando Ciano disse a Mussolini que era incapaz de prever o que o papa poderia dizer, o Duce ficou de mau humor. "Não subestimo os poderes dele", disse, "mas ele não pode subestimar os meus." Será que o papa não tinha aprendido a lição que lhe dera sete anos antes, na batalha em torno da Ação Católica? "Um sinal meu", advertiu o Duce, "bastaria para desencadear todo o anticlericalismo deste país."[7]

Como no passado, Roberto Farinacci, o mais fascista dos fascistas, estava ansioso para ajudar Mussolini a pressionar o papa. Nas páginas de seu jornal sediado em Cremona, *Il Regime Fascista*, ele denunciou Pio XI por críticas a campanha racial.[8]

Saindo em defesa do papa, o bispo de Cremona enviou uma longa carta a Farinacci. Explicava que o pontífice não tivera intenção de criticar o programa racial fascista. Quando fazia objeções ao "racismo", seu objetivo era condenar a ideologia pagã adotada pelos nazistas. "E, quando certo escritor católico afirmou que a Ação Católica não poderia, por princípio, aceitar o racismo, estava se referindo apenas ao racismo alemão. Não se referia ao racismo italiano." Pio sem dúvida não condenava a defesa saudável da raça italiana contra o perigo representado pelos judeus da Itália. Se algumas pessoas tinham sido levadas a achar que o papa e a Igreja se opunham à campanha racial, isso ocorrera sem a menor dúvida,

porque "os antifascistas e os judeus tinham interesse em distorcer o significado das palavras do papa, em benefício do próprio antifascismo".[9]

Farinacci respondeu em seu jornal. Ao lançar a campanha antissemita, explicou, Mussolini apenas seguia os ensinamentos da Igreja: "Os judeus, subordinados a uma bem organizada Internacional, declararam-se antifascistas em todas as partes do mundo e, por consequência, anti-italianos e anticatólicos. Se este pontífice tem uma fraqueza filossemita, não se pode negar que outros papas foram precursores do fascismo no tocante ao problema racial. Mesmo hoje, posso garantir que nesta questão muitos cardeais não compartilham a atitude do papa e de *L'Osservatore Romano*."[10]

Enquanto Farinacci avivava as chamas, Pio mais uma vez recorreu a Tacchi Venturi para propor um acordo, como fizera na crise anterior em torno da Ação Católica. O jesuíta teve um encontro com o Duce em 8 de agosto, levando-lhe um memorando contendo os pensamentos do papa. Leu o texto em voz alta e, depois de discutir as opiniões do pontífice com o ditador, deixou com ele o memorando.

Dois assuntos "muito graves" vinham aborrecendo o papa, dizia o documento. O primeiro era a "penosa" situação em que se achava a Ação Católica. A imprensa italiana estava repleta de calúnias contra a organização, e, em algumas áreas, não apenas seus líderes, mas também seus membros, corriam risco de intimidação. Em muitas partes do país, membros do Partido Fascista recebiam ordem para deixar a Ação Católica se quisessem permanecer no partido. "Diga a Mussolini", instruiu o papa, "que, como nos ansiosos dias de julho de 1931, mais uma vez, depois de sete anos, Nós o mandamos [Tacchi Venturi] de volta como nosso representante de confiança, na plena certeza de que ele saberá compreendê-lo e Aquele que o envia." O papa acrescentou que, se o Duce achasse que ajudaria, estava disposto a conversar com o ditador pessoalmente para chegarem a uma solução.

O segundo assunto "penoso" mencionado no memorando dizia respeito à "questão judaica". "Reconhecemos", dizia Pio, "que cabe ao governo do país tomar as medidas oportunas nessa questão em defesa dos seus legítimos interesses, e é Nossa intenção não interferir." Mas o papa achava que era sua obrigação apelar para o "senso cristão" de Mussolini e adverti-lo "contra qualquer tipo de medida desumana ou anticristã". Em seguida, tratou da questão dos judeus convertidos e dos judeus que, com permissão da Igreja, casaram com católicos. Lembrava a Mussolini que, nos termos da concordata, só o direito canônico determinava se esses casamentos eram válidos, e ele não deveria fazer nada que infringisse esse direito.

Pio concluiu recordando que nos domínios em que governavam, a Igreja e os papas tinham "tido o cuidado de controlar os filhos de Israel e tomado medidas protetoras contra suas malfeitorias", mas nunca os haviam maltratado. Apesar de a poderosa liturgia da Sexta-Feira da Paixão chamar os judeus de "pérfidos", os papas jamais esqueceram que Jesus Cristo, o Redentor do mundo, veio dos judeus.[11]

Tacchi Venturi discutiu tudo isso com Mussolini em seu encontro e, depois, informou o papa sobre a reação do Duce aos seus apelos. Pio mandou-o de volta ao ditador na noite de sexta-feira, 12 de agosto, levando outro memorando. Dessa vez Tacchi Venturi entregou o texto do papa para o Duce antes de começarem a conversar. O pontífice gostara de saber que Mussolini não tinha intenção de tomar medidas contra a Ação Católica, desde que ela permanecesse dentro dos limites acordados, e ficou animado com "a moderação e o espírito de razoabilidade com os quais o senhor diz que tratará os israelitas". O texto não fazia nenhuma outra menção aos judeus, concentrando-se por completo nos temores que ainda lhe restavam sobre a Ação Católica. O papa esperava que um novo acordo pudesse ser firmado para levar o conflito sobre a Ação Católica a uma conclusão pacífica, mas isso só poderia acontecer depois que Mussolini tomasse três medidas: remover o

líder anticlerical do Partido Fascista de Bérgamo; reconduzir membros da Ação Católica removidos do Partido Fascista; e reabilitar aqueles que haviam perdido cargos no governo por suas atividades na Ação Católica.

"Sem essas preliminares", disse-lhe Tacchi Venturi, falando em nome do papa, "acredito, ó, Duce, que nossas calmas discussões não terão facilmente — para meu grande pesar — o mesmo resultado satisfatório que tiveram as de agosto de 1931." Venturi concluiu lembrando a Mussolini o quanto o respaldo da Igreja tinha sido valioso para o ditador, "não a menor das razões para a vitória italiana na Etiópia". Tão crucial era o apoio do Vaticano ao regime fascista, afirmou o representante do papa, que "todas as forças terrestres e infernais do antifascismo cosmopolitano" fariam tudo que pudessem para acabar com ele.[12]

Quase um mês se passara desde o anúncio da nova doutrina racial. Embora judeus no mundo inteiro aguardassem ansiosos o que viria em seguida, ainda alimentavam a esperança de que a postura antissemita da Itália não tivesse grande efeito prático. A maior comunidade era, de longe, a de Roma, com onze mil cidadãos judeus, seguida por Milão, com quase sete mil, e Trieste, a cidade portuária mais setentrional, com aproximadamente cinco mil. Os judeus eram mais alfabetizados do que a população em geral e, apesar de quase metade da população italiana ser de agricultores, era raro encontrar um judeu cuidando da terra. Mas os judeus da Itália não estavam, de forma alguma, todos bem de vida. Embora, pelos dados do censo, a categoria profissional predominante entre a população judaica fosse a "do comércio", isso incluía desde vendedores ambulantes sem dinheiro até prósperos negociantes. A comunidade judaica de Roma não era rica. Muitos ali dependiam da caridade de seus pares para sobreviver.[13]

Infelizmente para os judeus da Itália — tanto os ricos quanto os pobres —, Mussolini era muito sério no que dizia respeito a traduzir sua retórica racial em ações. Mas o ditador sabia que não seria fácil despertar o entusiasmo popular por uma cruzada antissemita que tinha sido uma

surpresa total para a maioria dos italianos. Se o papa se opusesse publicamente, poderia enfraquecer muito a campanha.

"Três pontos de um acordo prazerosamente alcançado na noite de 16 de agosto de 1938 entre Sua Excelência, o Honrado Mussolini, e o Padre Tacchi Venturi, S. J., a fim de restaurar a boa harmonia entre a Santa Sé e o Governo Italiano que foi perturbada nas últimas semanas". Esse era o título do documento de três páginas datilografadas que o enviado jesuíta do papa enviou no dia seguinte para o cardeal Pacelli. Mussolini ditara o texto, e Tacchi Venturi o anotara. Seus termos refletiam de perto os pontos que o papa propusera ao Duce na semana anterior.

Dos três pontos do acordo, o primeiro tratava dos judeus, e os demais da Ação Católica. O ponto dois assegurava que a Ação Católica teria permissão para continuar suas atividades de forma plena, sem ser admoestada, e que os membros da Ação Católica que tiveram cancelada a filiação ao Partido Fascista voltariam a ser membros. No ponto três Mussolini aceitava a exigência do papa de demitir o chefe do partido em Bérgamo.

O acordo do padre Tacchi Venturi com Mussolini sobre o tratamento dos judeus era enunciado em detalhes no ponto um, sob o título "O problema do racismo e do judaísmo". Mussolini prometia que as novas leis judaicas não seriam mais severas do que as que os papas haviam imposto durante séculos aos judeus. Na verdade, algumas restrições aplicadas pelos papas nos Estados Papais seriam especificamente excluídas. Dizia o texto:

> Com relação aos judeus, os solidéus distintivos — de qualquer cor — não serão trazidos de volta, nem os guetos, menos ainda seus bens serão confiscados. Os judeus, numa palavra, podem estar certos de que não serão submetidos a tratamento pior do que o que lhes foi dispensado durante séculos e séculos pelos papas que os receberam na Cidade Eterna e nas terras do seu domínio temporal.

Era o sonho dos jesuítas de *La Civiltà Cattolica*, compartilhado por Tacchi Venturi e pelo superior geral jesuíta. Os judeus enfim estariam sujeitos a restrições destinadas a proteger a sociedade cristã de sua nociva influência. A revista não oficial do Vaticano tinha recomendado essas medidas a governos europeus durante décadas.

Em troca da promessa de Mussolini de ficar dentro dos limites das restrições aos judeus apoiadas pela Igreja, a Santa Sé se comprometia a não criticar as iminentes leis antissemitas, como declarava o terceiro e último parágrafo da seção:

> Tendo dito isso [ou seja, que as restrições aos judeus não seriam piores do que as impostas nos Estados Papais], é do intenso desejo do Honrado Chefe do Governo que a imprensa católica, os sacerdotes, os pregadores católicos e similares se abstenham de discutir o tópico em público. A Santa Sé, e o Sumo Pontífice, não carecem de meios para se entenderem diretamente com Mussolini por vias privadas e lhe apresentarem as observações que julgarem oportunas para a melhor solução do delicado problema.[14]

Tacchi Venturi ficou satisfeito. O acordo fazia lembrar a última vez em que o papa e Mussolini tinham trocado ameaças, em 1931. Naquela ocasião também uma ruptura parecia perigosamente iminente. Depois que outros fracassaram, ele foi chamado e negociou uma saída amigável com Mussolini, assinando em nome do papa. Desta vez também a ameaça fascista contra a Ação Católica foi evitada.

Na mesma semana o jornal do Vaticano deu seu palpite sobre a necessidade de uma ação do governo contra os judeus. *L'Osservatore Romano* lembrou que, ao longo dos séculos, os papas tinham restringido os direitos dos judeus a fim de proteger os cristãos. Num trecho que seria reproduzido prontamente por jornais em toda a Itália, o diário explicava

que, apesar de os papas sempre terem demonstrado compaixão no trato com os judeus, isso não deveria ser mal-interpretado:

> Mas — para esclarecer as coisas — isso não significa que os judeus possam abusar da hospitalidade dos países cristãos. Juntamente com medidas protetoras houve decretos de restrição e perseguição em relação a eles. Nisso o governante civil estava de acordo com a Igreja (...) Enquanto os cristãos eram proibidos de obrigar os judeus a adotarem a religião católica, de perturbar suas sinagogas, seus sabás e seus dias de festa, os judeus, por sua vez, eram proibidos de exercer cargos públicos, civis ou militares, e a proibição se estendia aos filhos de judeus convertidos. Essas precauções diziam respeito a atividades profissionais, ao ensino e até mesmo ao comércio.[15]

Dessa forma o jornal do Vaticano ofereceu um modelo das leis antissemitas que Mussolini poria em vigor menos de três semanas depois.

Na manhã de quinta-feira, 18 de agosto, Tacchi Venturi foi a Castel Gandolfo mostrar o acordo ao papa. Sabia que era preciso tratar o pontífice com o maior cuidado — a raiva de Pio poderia explodir a qualquer momento. Mas o jesuíta sabia também que, se dispusesse de tempo, em geral era possível achar um jeito de obter o apoio papal, ou pelo menos de garantir que o pontífice concordasse.

Como se veria, ele tinha boas razões para temer a ira do papa. Tardini, que se juntou a eles no estúdio de Pio poucos minutos depois das onze horas, percebeu a tensão. Havia qualquer coisa de errado, ele só não sabia o quê.

Na volta para o Vaticano, Tacchi Venturi mostrou a Tardini o acordo e disse que o papa ficara aborrecido com o primeiro dos três pontos, que dizia respeito aos judeus. "*Quidquid recipitur pro modum recipientis recipitur*", disse Venturi. A frase, identificada com a filosofia cristã medieval, podia ser traduzida como: "Cada um assimila à sua maneira aquilo que recebe."

Pio, queixou-se o jesuíta, insistia em ver as coisas através de lentes sombrias. Parecia ter ficado irritado em especial com a referência explícita do acordo à forma como os papas tratavam os judeus no passado. Embora tivesse usado o mesmo argumento em sua comunicação anterior com o Duce a respeito dos judeus, não queria identificar o que Mussolini estava prestes a fazer com as ações dos papas que vieram antes dele.[16]

Apesar da explosão de ira de Pio XI, Tacchi Venturi disse a Tardini que esperava que o papa se acalmasse e percebesse que o acordo era bom para a Igreja. Tinha mostrado o rascunho ao cardeal Pizzardo, na sala de espera do escritório do pontífice; esperava que Pizzardo o ajudasse a convencer Pio a aceitar o pacto.[17]

Tanto Mussolini quanto os que cercavam o papa estavam ansiosos para que um acordo fosse assinado. Em cartas ao seu primeiro-ministro, o embaixador francês Charles-Roux informou que a polêmica sobre a campanha racial perdia força; a Ação Católica era o pomo de discórdia que ainda restava. "Quanto ao antissemitismo", escreveu o embaixador, "a tática empregada pelo governo italiano é hábil, e só deixa ao Vaticano a opção de calar." Os jornais italianos estavam repletos de artigos explicando como os papas, quando tinham poder temporal, haviam discriminado os judeus. Em 17 de agosto, vários jornais publicaram artigos sob o título "Como os papas tratavam os judeus", citando a reportagem saída no começo da semana em *L'Osservatore Romano*.[18] No dia em que Mussolini e Tacchi Venturi minutaram o acordo, Dino Alfieri, ministro da Cultura Popular, convocou os diretores dos jornais de Roma e os correspondentes dos outros jornais italianos. Sua mensagem: baixem o tom das polêmicas com o Vaticano, porque "parece que tudo está sendo resolvido". [19]

Espalhou-se entre os jornalistas próximos ao Vaticano a notícia de que Tacchi Venturi e Mussolini se aproximavam de um acordo. Enquanto isso, Achille Starace, chefe do Partido Fascista, e Lamberto Vignoli, chefe

da Ação Católica, tiveram um encontro para checar os pontos dois e três do acordo.[20]

Em 20 de agosto, o *New York Times* noticiou o pacto na primeira página. "A tensão entre o Vaticano e o Partido Fascista em torno das associações da Ação Católica, que nas últimas semanas a imprensa italiana acusou de serem hostis às doutrinas raciais da Itália, foi aliviada hoje com o anúncio de que Achille Starace, secretário do Partido Fascista, e Lamberto Vignoli, presidente da Ação Católica italiana, chegaram a um entendimento que coloca suas relações na base dos acordos de setembro de 1931." O repórter do *Times* soubera, embora de maneira muito vaga, do pacto secreto no cerne do acordo. Em troca da promessa do Duce de que deixaria a Ação Católica em paz, o Vaticano concordaria com a iminente ofensiva antissemita do regime: "Como resultado das conversas entre Mussolini e o padre Tacchi Venturi, a Ação Católica se comprometeu a não exercer qualquer atividade que possa ser interpretada como hostil à política racial da Itália. Em troca, o partido fascista deu garantias de que medidas retaliativas não seriam tomadas contra membros do partido que também pertencessem à Ação Católica."[21]

Em 21 de agosto, *Il Messaggero,* de Roma, publicou seu próprio relato do perto sob a manchete "Acordos confirmados entre partido e Ação Católica". Noticiava o encontro de Starace com Vignoli e o acordo resultante. Descrevia, com precisão, o entendimento que Mussolini alcançara com Tacchi Venturi sobre a Ação Católica: desde que respeitasse os termos da concordata de 1931 e limitasse suas atividades à esfera religiosa, a organização teria liberdade de operar sem ser molestada. Mas, diferentemente do jornal americano, os jornais italianos não fizeram qualquer menção ao que Mussolini esperava do papa em retribuição.

Pio XI retardou o anúncio do acordo pelo Vaticano, buscando mais garantias de que membros da Ação Católica expulsos do Partido Fascista teriam sua filiação restaurada. Depois de novos encontros entre Tacchi Venturi e o Duce, o papa enfim se deu por satisfeito. O jornal do

Vaticano noticiou o acordo em 25 de agosto. O conflito em torno da Ação Católica estava resolvido. Mais uma vez, nenhuma menção ao acordo envolvendo o apoio do Vaticano à campanha antissemita de Mussolini.[22]

Incentivado pelos conselheiros, o papa aos poucos fez as pazes com o acordo que Tacchi Venturi costurara com Mussolini. Mas continuava insatisfeito com a amizade entre o Duce e Hitler e a aceitação pelo ditador de uma ideologia racial que lhe soava anticristã. Enquanto a imprensa mundial publicava a notícia do acordo, o pontífice, em particular, manifestava sua raiva. "Mande Tacchi Venturi dizer a Mussolini", disse o papa ao secretário de Estado, "que, se sua intenção é matar o Santo Padre, os métodos que está usando são eficaz." E acrescentou outra ameaça. Antes de morrer, faria "o mundo saber como a religião católica e o Santo Padre eram tratados na Itália".[23]

Em público, Pio se tornou mais circunspecto, mas alguns sinais de contínua inquietação transpareciam em seus comentários. Numa palestra para estudantes no edifício da Universidade para a Propagação da Fé em Castel Gandolfo, o papa voltou ao assunto do "nacionalismo exagerado". O vice de Pignatti, Carlo Fecia di Cossatto, que deu a notícia (Pignatti em tese estava ausente para as férias de agosto), achava que não era coincidência o fato de o pontífice discursar para o mesmo público ao qual tinha falado quando fizera os controvertidos comentários de 28 de julho sobre a nova política racial de Mussolini. Mas dessa vez as palavras do pontífice foram mais prudentes. Como resultado das críticas que recebera, disse o diplomata, o papa "pôs um pouco de água no vinho". Embora houvesse espaço para "um nacionalismo justo, moderado, associado a todas as virtudes", disse o Pio, havia também uma forma doentia, um "nacionalismo exagerado", que lhe parecia "uma verdadeira maldição". Cossato ficou satisfeito com o tom dos comentários do papa: "A preocupação de suavizar a má impressão causada pelo discurso de 28 de julho me parece clara."[24]

Mussolini, sensível a qualquer insinuação de crítica, não ficou tão contente.[25] "Diferentemente do que se supõe", disse ele a Ciano, "sou um homem paciente. Mas é bom que não me obriguem a perder a paciência, do contrário reajo destruindo tudo à vista. Se o papa continuar a falar, raspo a camada de clericalismo dos italianos e, num piscar de olhos, faço com que se tornem anticlericais." Pio estava muito enganado se achava que os italianos eram mais devotados a ele do que ao Duce. "Os homens do Vaticano", disse ao genro, "são insensíveis e mumificados. A fé religiosa está em declínio: ninguém acredita num Deus que cuida do nosso sofrimento." E, com boa dose de blasfêmia, acrescentou: "Eu teria desprezo por um Deus que se interessasse pela vida particular do guarda da esquina da Via del Corso."

Enquanto os que cercavam o papa tentavam convertê-lo às suas opiniões, do outro lado do Tibre Ciano tentava acalmar o sogro. "Na difícil situação internacional", escreveu ele em seu diário em 22 de agosto, "um conflito com a Igreja não será benéfico para ninguém."[26]

Pressionando ainda mais o pontífice, os jornais italianos continuaram a apresentar a nova campanha fascista como se ela nada mais fosse do que colocar em vigor os ensinamentos tradicionais da Igreja a respeito dos judeus. Em 24 de agosto, uma reportagem do *Giornale d'Italia* — o jornal que publicara o manifesto racial em primeira mão — recordou a decisão de Pio XI, dez anos antes, de suprimir os Amigos de Israel porque se opunha ao ensinamento da Igreja segundo o qual os judeus eram "pérfidos". O notoriamente antissemita *Il Tevere* publicou uma reportagem naquele dia com título idêntico, "A Igreja e os judeus"; o uso do mesmo título em vários jornais era sinal seguro de que o governo tinha plantado as reportagens. "Em todas as épocas", informou o jornal, "os papas buscaram erguer barreiras às atividades dos judeus, para isolá-los, como se faz com uma epidemia." Os pontífices tinham tomado medidas mais severas contra os judeus do que as que o regime fascista estava estudando, pois eles tentavam "proteger seus súditos da diabólica

influência moral dos judeus". Depois de ouvir dezenas de cônegos da Igreja advertirem contra a ameaça judaica, concluía o artigo, "a raça italiana quer se purificar para sempre desse povo pérfido e estrangeiro".[27]

O papa mandou o núncio falar com Ciano sobre a persistente tensão. Ciano descreveu o encontro, realizado no fim de agosto, em seu diário:

> Borgongini Duca, por ordem do papa, veio discutir o anúncio que, pelo menos por ora, encerrará o conflito entre o partido e a Ação Católica. Eu o pressionei um pouco, e ele se abriu para falar sobre o papa. Diz que tem uma personalidade horrível, é autoritário e quase insolente. No Vaticano, todos morrem de medo dele. O próprio Borgongini treme ao entrar na sala do pontífice. Ele trata a todos com arrogância: mesmo os cardeais mais distintos. O cardeal Pacelli, por exemplo, quando é chamado pelo papa, é obrigado, como qualquer secretariozinho, a anotar as instruções que lhe são ditadas. O papa está outra vez em bom estado de saúde. Come frutas cozidas e um pouco de carne. Bebe vinho tinto em quantidades limitadas e se exercita o suficiente no jardim. Tem oitenta e dois anos e ainda dirige o governo da Igreja até os mínimos detalhes.[28]

O governo estava preparando uma maciça propaganda antissemita, baseada principalmente em sua revista quinzenal, *La Difesa della Razza*.[29] Fotografias adulteradas e ilustrações grotescas enchiam suas páginas, narrando a degeneração de judeus e africanos. O primeiro número publicou a imagem do rosto de um homem, de perfil, o nariz enorme curvado para baixo encostando nos lábios grossos. A legenda dizia: "Fotografia típica de um judeu, mostrando com clareza as características de sua raça."[30] O retrato que a revista pintava da ameaça judaica coincidia com o das páginas de *La Civiltà Cattolica*, aprovadas pelo Vaticano, com a adição de uma lenga-lenga pseudocientífica à qual os títulos acadêmicos

do autor davam um verniz de respeitabilidade.[31] Os judeus estavam por trás do comunismo e do capitalismo; eram ensinados pelo Talmude a odiar todos os cristãos e a mandar neles; não eram leais ao país em que viviam; conspiravam em segredo contra a Igreja e o fascismo. Uma das reportagens no primeiro número de *La Difesa della Razza* trazia o título "Cinquenta anos de polêmica em *La Civiltà Cattolica*" e concluía que "não há incompatibilidade entre a doutrina da Igreja e o racismo, tal como tem sido manifestado na Itália".[32]

Pignatti, voltando de suas férias de verão no fim de agosto, ficou aliviado ao saber que os comentários do papa à sua mais recente plateia tinham sido inofensivos. Embora Pio XI tivesse tocado de passagem na questão do racismo, nada do que dissera pareceu questionável para o embaixador italiano. Mas Pignatti continuava apreensivo. "Tudo que se pode esperar", disse ele a Ciano, "é que o papa pare de falar. Com essa sua mania de falar (...) sempre tememos o pior."[33]

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

AS LEIS RACIAIS

Em 1º de setembro, o governo italiano revogou a cidadania de judeus nascidos no exterior que tivessem se tornado cidadãos depois de 1919. Ordenou a todos os judeus não cidadãos que deixassem o país no prazo de seis meses. No dia seguinte, todos os professores judeus — do primário à universidade — foram demitidos. Crianças cristãs não podiam ser instruídas por judeus. Crianças judias não teriam mais permissão de frequentar escolas públicas de qualquer nível. Membros judeus de sociedades honorárias de artes, literatura e ciências foram expulsos. De acordo com essas "leis raciais", judeus eram definidos como os nascidos de pais da "raça judia", ainda que "professem uma religião que não seja o judaísmo".

Ao anunciar as novas leis, *La Civiltà Cattolica* não expressou oposição alguma — o que não era de surpreender, uma vez que pedia essas medidas desde 1880. Mas a revista queria distinguir com clareza as bases de sua própria campanha antijudeus da campanha baseada na pureza do sangue. Os judeus, na opinião da publicação, eram uma ameaça aos italianos não pela biologia, mas pelo comportamento.[1] Os apelos da revista para que o governo agisse contra a ameaça judaica tinham sido "inspirados apenas pela legítima defesa do povo cristão contra" — e neste ponto citava, com aprovação, um artigo anterior — "'uma nação estrangeira entre as nações onde vive a inimiga jurada do seu bem-estar'".[2]

Nos primeiros dias da campanha antissemita, a imprensa fascista usou generosamente a revista não oficial do Vaticano para conquistar apoio popular às leis raciais. A Santa Sé procurou a eminência parda da revista, Enrico Rosa, para esclarecer o assunto. Seu artigo, "A questão judaica e *La Civiltà Cattolica*", não manifestava qualquer oposição às novas leis antissemitas, mas discordava daqueles que, ao apoiá-las, descaracterizavam a base lógica da revista para recomendar que os governos restringissem os direitos dos judeus.

Os acontecimentos tinham demonstrado a sabedoria, declarou o padre Rosa, da profecia da revista de que assegurar igualdade de direitos aos judeus seria catastrófico não apenas para a sociedade cristã, mas também para os próprios judeus. A concessão de direitos iguais tinha desencadeado o ódio generalizado contra eles, uma vez que tinham usado a recém-adquirida liberdade para acumular ocultamente poder e riqueza, perseguir a Igreja Católica e oprimir os cristãos.[3]

Quase em pânico, muitos judeus italianos procuraram os párocos para serem batizados. Nos três anos seguintes, um em cada dez judeus renunciaria à sua fé. Quase cinquenta dos mil judeus de Bolonha foram batizados em agosto e setembro de 1938, numa corrida desesperada para escapar da perseguição.[4]



35. Mussolini com crianças de um grupo da juventude fascista, 1938

Quando a campanha antissemita dos fascistas fez a fatídica transição da teoria para a perseguição ativa, o clero católico romano do país expressou poucas objeções em público. Nos raros casos em que padres fizeram críticas, Mussolini só precisou ter uma palavrinha com o cardeal Pacelli, e os religiosos foram punidos. Foi o que ocorreu em 1º de setembro, quando Pacelli recebeu um relatório sobre os comentários críticos de um padre numa remota aldeia ao norte de Milão, perto do lago de Como. Dom Abramo Mauri morava num asilo da Igreja, recuperando-se de exaustão nervosa. As freiras locais o convidaram para rezar uma missa em sua capelinha. Ali, num domingo, ele se queixou de que "eles já estão começando a inculcar um sentimento de orgulho falso nessas crianças de nariz empinado de apenas três anos de idade". O líder local do Partido Fascista, que estava presente, ficou indignado, certo de que o padre se

referia aos grupos da juventude fascista. Para piorar, Mauri ainda criticou a nova campanha racial, prevendo que ela levaria à guerra.[5]

O cardeal Pacelli pediu ao bispo de Como que mandasse investigar.[6] Depois de examinar o assunto, o bispo assegurou a Pacelli que os comentários do padre sobre "crianças de nariz empinado" tinham sido mal-interpretados. Referiam-se, disse ele, às mães excessivamente tolerantes que mimam seus filhos. Mas o bispo não teve como explicar a crítica do padre à campanha racial. Como resultado, proibiu Dom Mauri de voltar a fazer sermões naquela igreja.[7]

★ ★ ★

ENQUANTO ISSO, A europa marchava para a guerra. Em 1º de setembro, Hitler exigiu que a Tchecoslováquia cedesse sua região da Sudetolândia, de fala alemã, para o Terceiro Reich. A França começou a mobilizar suas tropas.

Em Roma, William Phillips, embaixador dos Estados Unidos, assistia a tudo com crescente preocupação. O manifesto racial de Mussolini em julho tinha provocado um choque nos Estados Unidos e alarme no Departamento de Estado, como o mais recente indício de que Mussolini pretendia vincular o destino da Itália ao da Alemanha nazista. Phillips via poucas alavancas capazes de impedir a catástrofe, nenhuma delas mais promissora do que o papa. Ele informara Washington, muito animado, do discurso do pontífice em 20 de julho, com suas críticas ao afã com que Mussolini tentava imitar Hitler. Um mês depois, perdeu um pouco a esperança ao ler o artigo de *L'Osservatore Romano* em apoio às restrições aos judeus. Apesar disso, não desistiu por completo. Talvez o papa pudesse ser influenciado.

Logo que as leis raciais mais recentes foram anunciadas, no começo de setembro, expulsando crianças e professores judeus das escolas da Itália, Phillips pediu para ver Joseph Hurley, único prelado americano na

Secretaria de Estado do Vaticano. Os dois homens já tinham se encontrado várias vezes, e, na ausência de um embaixador americano na Santa Sé, Hurley era quem mantinha Phillips a par do que acontecia no Vaticano.[8]

Quando os dois se encontraram naquele começo de noite na embaixada dos Estados Unidos, o embaixador foi direto ao ponto. Tanto ele quanto o governo americano estavam horrorizados com as novas leis antissemitas. Não só eram ultrajantes em si; elas fariam os americanos se voltarem com agressividade contra o governo italiano. Phillips via a campanha racial como parte de um cenário maior e mais preocupante. Mussolini estava perdendo o senso de realidade, cercado por bajuladores e se recusando a ver embaixadores estrangeiros que poderiam lhe oferecer uma perspectiva diferente. Se as coisas piorassem, disse Phillips a Hurley, "talvez o Vaticano possa, por meio de prudente intervenção no governo italiano, prevenir a catástrofe de uma guerra geral".[9]

A título de incentivo, Phillips sugeriu que, se o papa denunciasse as novas leis raciais, o público americano ficaria tão satisfeito que "desarmaria a oposição protestante". Isso permitiria ao governo americano estabelecer relações diplomáticas formais com o Vaticano. A Santa Sé havia tentado esse reconhecimento durante décadas, mas até aquela altura a situação política americana não permitira. Os preconceitos da maioria protestante contra os católicos, mais a crença de que o Vaticano era uma organização religiosa, e não um Estado soberano, tinham frustrado os esforços no passado.[10] No dia seguinte, Hurley passou o recado de Phillips a Pacelli.

Três dias depois, Pio XI recebeu em audiência a equipe de uma rádio católica belga. Com a mensagem do embaixador americano ainda viva na memória, ele ignorou os conselhos de seus assessores e deixou-se guiar pelo coração. A voz ficou embargada de emoção e os olhos encheram-se de lágrimas quando começou a falar sobre a nova campanha racial. "Sempre que leio as palavras 'o sacrifício do nosso pai Abraão'", disse o

papa, referindo-se a uma frase da bênção sacerdotal durante a missa, "não posso deixar de me comover." A voz oscilava. "É impossível, para cristãos, participar do antissemitismo. Reconhecemos que todo mundo tem direito à autodefesa e pode tomar as medidas necessárias para salvaguardar seus interesses legítimos. Mas o antissemitismo é inadmissível. Espiritualmente, somos todos semitas."[11]

Era exatamente o que Ledóchowski, Tacchi Venturi, Borgongini e Pacelli temiam. Mas eles deram um jeito de controlar os danos. Quando *L'Osservatore Romano* publicou um relato dos comentários do papa, nenhuma menção foi feita às suas angustiadas palavras sobre os judeus.[12] Alguns católicos perceberam o silêncio do jornal do Vaticano, que ficou claro num relatório de inteligência que a polícia preparou no dia seguinte aos comentários de Pio. "Muitos católicos que aprovaram por completo o que o pontífice disse recentemente em defesa dos judeus", dizia o documento, "agora não sabem explicar por que o jornal do Vaticano, o único que não está sujeito à censura do governo italiano, não voltou ao assunto depois das decisões tomadas pelo Conselho de Ministros. Acham estranho o silêncio."[13]

O que exatamente Pacelli e seu subsecretário, Domenico Tardini, fizeram para garantir que o jornal do Vaticano ignorasse os explosivos comentários do papa é até hoje um mistério. É curioso que a maioria das páginas do diário de Pacelli referentes aos seus encontros com o pontífice naqueles meses não esteja entre as páginas abertas aos pesquisadores nos Arquivos Secretos do Vaticano.

★ ★ ★

MUSSOLINI CONSIDERAVA OS italianos um povo fraco. Ele precisava endurecê-los. Numa reunião do Grande Conselho no começo de outubro, na qual mais leis raciais foram aprovadas, ele explicou: "Meu dever é exigir mais dos italianos. Entendo que existem, marginalmente,

aqueles que adoram a vida confortável. Mas eles são apenas a periferia do país. Vamos eliminá-los."[14]

Aos olhos de muitos italianos, Mussolini tinha adquirido qualidades divinas, mas a adulação vinha acompanhada de uma pitada de medo. Certa noite, quando deixavam a sede do Instituto de Cultura Fascista, dois membros da organização esbarraram com o velho zelador. Um deles apontou para o outro e gracejou para o confuso funcionário:

— Vê este homem? É um imortal.

— Como assim? — indagou o velho. — Todos os homens são mortais!

— Ah, estou vendo. Então quer dizer que o senhor acha que Mussolini é mortal!

— Não foi o que eu disse — insistiu o assustado zelador.[15]

Mais ou menos na mesma época, o ministro do Exterior Ciano recebeu um visitante, o príncipe Philipp de Hesse, que Hitler costumava usar para mandar seus recados a Mussolini. Foi Hesse que, no começo daquele ano, entregou em mãos a carta em que o Führer informava ao Duce da iminente invasão da Áustria. Neto de um imperador alemão e bisneto da rainha Vitória, da Grã-Bretanha, Hesse era membro do Partido Nazista desde 1930. Muito fizera para converter a aristocracia alemã à causa nazista. Quando chegou ao escritório de Ciano naquele dia, estava visivelmente constrangido. Fora ver o genro de Mussolini, explicou, para tratar de um assunto particular de família. Em 1925, Hesse se casara com a filha de Vítor Emanuel, e sua sogra, a rainha Elena, lhe pedira que intercedesse por elas junto ao Duce. Queriam que uma exceção às leis raciais fosse aberta em benefício do seu médico judeu. "Parece", escreveu Ciano em seu diário, "que a rainha está furiosa com a expulsão, e também o rei, que confia muito no médico, mas não ousa falar com o Duce. E ambos contam com a minha mediação amiga." Feliz de estar em posição de vantagem sobre o nervoso aristocrata alemão, o italiano sorriu.

Ciano perguntou a Hesse o que diria o Führer se ele lhe falasse sobre aquele pedido. Diante disso, o sangue sumiu do rosto do príncipe.[16]

No começo de setembro, Pio XI mandou Tacchi Venturi redigir uma mensagem a Mussolini sobre a necessidade de isentar das leis raciais os judeus batizados. O papa aprovou o rascunho, mas acrescentou uma coisa. "Diga a Mussolini", instruiu ele ao enviado jesuíta, "que as leis raciais da Itália podem muito bem provocar represálias da parte dos judeus no mundo inteiro".[17] Poucos dias depois, Tacchi Venturi levou ao Duce uma mensagem papal mais explícita. Como italiano, o papa disse que ficava muito triste de ver "toda uma história de bom senso italiano esquecida, para abrir a porta ou a janela a uma onda de antissemitismo alemão".[18]

Contudo, quando as primeiras leis raciais foram divulgadas, o que mais aborreceu o papa, e sem dúvida o que mais incomodou os que o cercavam, não foi o impacto delas sobre os judeus da Itália, mas o fato de que eram aplicáveis também a católicos convertidos do judaísmo.

Depois de um encontro com o papa em 20 de setembro, Tacchi Venturi preparou um memorando, como costumava fazer, para transmitir os desejos do pontífice a Mussolini. Judeus que haviam demonstrado mérito especial — principalmente no serviço militar durante a Grande Guerra — tinham sido isentados das novas leis. O papa estava feliz com essa exceção, mas se indagava por que uma cláusula parecida não tinha sido preparada para os judeus que "se separaram da Sinagoga, pedindo e recebendo o batismo". A Igreja "queria que cada um deles abominasse a perfídia judaica e rejeitasse a superstição judaica, [e portanto] não pode se esquecer desses, seus filhos". Os convertidos corriam risco especial, acrescentou o enviado de Pio, porque as próprias famílias os evitavam, vendo-os como traidores.

Não tinha sentido, afirmou Tacchi Venturi, Mussolini isentar os judeus que tinham servido na guerra e não os que haviam adotado o catolicismo. O mérito dos primeiros era "sem dúvida inferior ao mérito

muito maior que é a renúncia à cegueira e à obstinação do seu erro, sem a qual um judeu não pode ser tornar um verdadeiro cristão".[19]

Como efeito das leis raciais, uma fila de judeus e ex-judeus resolveu pedir ajuda aos bispos italianos. Sem saber direito o que o papa esperava deles, os bispos bombardeavam o Vaticano com pedidos de orientação. Numa carta típica, no fim de setembro, o arcebispo de Turim falou dos judeus que lhe pediram ajuda. Se achavam que iam conseguir, estavam enganados. "Devo, via de regra, me limitar", informou ele, "a sugerir que fiquem calmos, que aguardem novos regulamentos e que tenham fé no governo etc." Mas, embora pudesse ignorar os judeus, achava que não poderia fazer o mesmo com os católicos que haviam se convertido do judaísmo e estavam sendo tratados como judeus. Era por essa razão que ele escrevia.

Tardini, dizendo que mostrara a carta do arcebispo ao papa, respondeu com a promessa de levar os casos de Turim, mencionados pelo arcebispo, à atenção do governo. Pediu a Tacchi Venturi que cuidasse do assunto.[20]

Os judeus da Itália se sentiam cada vez mais isolados. Primo Levi, estudante de dezenove anos da Universidade de Turim, lembrava-se daqueles primeiros meses das leis raciais. "Meus colegas de classe eram pessoas polidas. Nem eles, nem meus professores, me dirigiram sequer uma palavra ou um gesto hostil, mas senti que me distanciava deles (...) Cada olhar que trocávamos era acompanhado de um pequeno, mas perceptível, traço de desconfiança e suspeita. O que pensam de mim? Quem sou eu para vocês? O mesmo de seis meses atrás — um dos seus pares que não vai à missa — ou o judeu?"[21]

Numa anotação de setembro em seu diário, uma mulher judia descreveu a difícil situação da família. O marido, um cientista, estava abatido: tinha acabado de receber uma carta acompanhada de um artigo que escrevera e submetera a um periódico. "'O editor devolve-o em anexo", escreveu a mulher; "algumas palavras constrangidas, 'incapaz de proceder à publicação, lamento muito' etc. Ele abriu a outra carta. 'O

presidente da Academia de Ciência deseja advertir que, seguindo instruções recebidas sobre o assunto, está removendo seu nome da lista de membros.' (...) O terrível senso de vazio o invadiu novamente, tomando conta do seu coração. Ele viu, de repente e pela primeira vez, que sua única e verdadeira razão de viver lhe foi tirada."[22]

Em outra família judia, uma menina se recusava a sair do quarto e a se alimentar. Naquele que deveria ter sido o seu primeiro dia na escola, ela não participaria da animação das outras garotas, pois era judia. Preocupada, a mãe entrou no quarto "com o coração na boca", como anotou em seu diário. Descreveu a cena: "As lágrimas dos jovens são tão difíceis de secar (...) O quarto estava em silêncio, parecia vazio. Então eu a vi, estirada na cama, dormindo. As faces ainda estavam úmidas, a mão ainda segurava o lenço, e o seu 'por quê' ainda ecoava no cômodo silencioso."[23]

★ ★ ★

TENDO ENGOLIDO A áustria em março, os nazistas agora ameaçavam anexar a Sudetolândia da Tchecoslováquia. Num discurso de 12 de setembro em Nuremberg, Hitler jurou que, se o território não lhes fosse dado, os alemães o tomariam à força.[24] O pânico se espalhou pela Europa. Quando chegou o fim de setembro, seiscentas mil pessoas tinham fugido de Paris, temendo que um ataque alemão não demorasse.

No meio desse frenesi, o Duce aproveitou uma oportunidade única. Neville Chamberlain, o primeiro-ministro da Grã-Bretanha, convidou-o para mediar o conflito a sobre a Sudetolândia numa conferência de paz a ser realizada em Munique.

Os líderes franceses, britânicos, alemães e italianos chegaram ao local da conferência em 29 de setembro. O atarracado Mussolini, trajando seu uniforme justo, o queixo projetado para a frente e a face congelada na pose mais cesárea, agia como se ele, e não Hitler, fosse o anfitrião. Ciano,

também de uniforme, adejava em torno do sogro. Chamberlain, com seu terno de gala, suas grossas sobrancelhas, seu rosto marcado e as mãos tortas de reumatismo, era o retrato acabado do diplomata aristocrático de extração inglesa. Hitler, de traje de passeio, estava pouco à vontade, sempre em movimento, o rosto pálido. Sabendo apenas alemão, agarrou-se a Mussolini, o único dos outros chefes de governo que falava sua língua.[25]

Uma foto da reunião mostra Mussolini de farda de cor clara, a cabeça toda raspada, olhando de modo um tanto ameaçador, enquanto Chamberlain, de terno escuro e colarinho alto, parece se esforçar para convencê-lo de qualquer coisa. Para Mussolini, o primeiro-ministro britânico, com seu guarda-chuva, era a personificação dos valores decadentes que seu regime combatia. "Jamais quero ver um guarda-chuva perto de mim", disse ele, certa vez. "O guarda-chuva é uma relíquia burguesa, é a arma usada pelos soldados do papa. Quem anda de guarda-chuva jamais fundará um império."[26]

Enquanto o Duce estava em Munique, o papa foi à rádio do Vaticano fazer um apelo pela paz. Falou não em latim, mas em italiano, ansioso para que sua mensagem fosse ouvida. Lágrimas lhe avermelhavam os olhos quando ele se dirigiu a "todos os católicos e a todo o universo". "Enquanto milhões de homens vivem no temor do iminente perigo de guerra e da ameaça de massacres e ruínas sem precedentes", disse, "compartilhamos, em Nosso coração paternal, os receios de tantos dos Nossos filhos e convidamos os bispos, o clero, os membros de ordens religiosas e todos os fiéis a se juntarem a Nós na prece mais insistente e esperançosa pela preservação da paz com justiça e caridade."[27]

Na conferência de Munique, Mussolini apresentou seu plano de paz — ou, talvez mais corretamente, apresentou o plano de paz de Hitler e disse que era seu. A Alemanha teria permissão para ficar com a Sudetolândia. Os chefes de governo britânico e francês concordaram com essa humilhante capitulação em troca da promessa de Hitler de que

pararia ali. Nenhum representante da Tchecoslováquia foi convidado para a reunião que desmembrou o país.

Ao voltar para a Itália, Mussolini foi recebido como herói. Nos campos ao longo dos trilhos, agricultores caíam de joelhos para saudar o homem que trouxera a paz à Europa. Era apenas um dos muitos sinais de que, mesmo um mês depois do anúncio das leis raciais, a popularidade dele continuava nas alturas.[28] De sua parte, Hitler teria que esperar até o ano seguinte para ver sua guerra começar a sério, mas tirou uma lição importante da conferência de paz. Em agosto de 1939, quando estava prestes a mandar tropas alemãs para a Polônia, disse aos seus generais: "Nossos inimigos são pequenos vermes. Eu os vi em Munique."[29]

Um dos que cantaram loas a Mussolini foi o cardeal Schuster, de Milão. Numa efusiva carta pública, proclamou que "a Itália está orgulhosa porque seu Duce deu uma preciosa contribuição para a paz". Sugeriu que uma nova igreja dedicada à paz fosse construída para assinalar o triunfo de Mussolini. Ao saber da proposta do arcebispo, o papa explodiu: "Que desastre!", exclamou em conversa com Tardini. "Eu jamais acreditaria nisso! Achei que ele fosse mais inteligente!"[30]

Numa reunião do Grande Conselho poucos dias depois de voltar à Itália, Mussolini se voltou contra as poucas pessoas que ainda resistiam às leis raciais. Insistia em dizer que os judeus estavam por trás do que restava de antifascismo no país. Abespinhado com as críticas do pontífice, rotulou Pio XI de "o mais danoso de todos os papas para o futuro da Igreja Católica".[31]



36. O cardeal Ildefonso Schuster, arcebispo de Milão, com Mussolini

O papa é uma "calamidade", disse o Duce, de modo pontificante, a Clara Petacci pouco depois da reunião. "Hoje somos os únicos, sou o único, a apoiar essa religião (...) E ele faz coisas vergonhosas, como dizer que todos somos semitas." E, cada vez mais furioso: "Você não imagina o problema que estão criando", disse ele a Clara, cujo interesse por esses assuntos era limitado. "Ele transtornou todos os católicos, faz uns discursos torpes, chocantes. Em uma palavra, ele é do mal." O Duce continuou a discorrer nesse tom, dizendo que havia qualquer coisa de azarado com papas chamados "Pios" — todos tinham causado desastres. Pio VI e Pio VII haviam sido expulsos de Roma por Napoleão; Pio IX perdera Roma e os Estados Papais; e Pio X vira toda a Europa explodir em guerra. "Ele está perdendo o mundo inteiro e agora corre o risco de destruir tudo aqui também. Ah, é uma verdadeira calamidade." Como católico, concluiu, "tenho que admitir que seria difícil imaginar um papa pior do que este aí".[32]

O Grande Conselho aprovou as novas leis raciais; *La Civiltà Cattolica* publicou-as, junto com a justificativa oficial, sem fazer comentários. "Elementos judeus encabeçam todas as forças antifascistas", proclamou o governo, e, por essa razão, novas medidas contra eles eram urgentemente necessárias. Os judeus italianos seriam expulsos do Partido Fascista; não poderiam possuir nem dirigir empresas com mais de cem empregados, ser proprietários de mais de cinquenta hectares de terra ou permanecer nas forças armadas italianas. Restrições à sua capacidade de exercer profissões logo seriam anunciadas. Escolas secundárias especiais para judeus seriam criadas, somando-se às escolas primárias já autorizadas.[33]

Ciano estava preocupado com a reação do papa à última batelada de leis raciais, mas ficou aliviado ao saber que, no fim das contas, tudo talvez desse certo. A Santa Sé não faria objeção, disse-lhe seu encarregado de negócios no Vaticano, desde que as novas leis não tratassem católicos convertidos do judaísmo como se fossem judeus. Mais importante ainda, o Vaticano insistia em que nada fosse feito para violar os termos da concordata: o documento garantia com clareza o reconhecimento pelo Estado de todos os casamentos sancionados pela Igreja. "Este é o único ponto na proclamação racista do Grande Conselho", disse o diplomata italiano a Ciano, "ao qual a Igreja faria objeção."[34]

Essa leitura da posição do papa é confirmada por uma anotação feita por Domenico Tardini no dia em que as novas leis raciais foram anunciadas. "Esta noite, a pedido do Santo Padre", escreveu ele, "*L'Osservatore Romano* publicará um breve artigo mencionando algumas preocupações e manifestando a esperança de que a futura lei elimine todos os motivos de reserva."[35]

O papa via as novas leis raciais como parte de um quadro maior e mais perturbador. Mussolini, em vez de trabalhar em conjunto com o Vaticano para criar um estado confessional em que o catolicismo infundiria seus valores no fascismo, parecia empenhado em criar uma religião fascista separada. Em meados de setembro, Pio XI abordou essas

preocupações em comentários para um grupo de sindicalistas franceses. Alguns argumentam, disse o papa, que tudo deveria pertencer ao Estado, tornando-o totalitário. Mas esse argumento era absurdo. "Se há um regime totalitário", disse ele, "totalitário de fato e de direito, é o regime da Igreja, porque o homem pertence totalmente à Igreja."[36]

O papa começava a se perguntar se seria possível continuar apoiando Mussolini e seu regime fascista. Mas, embora esses comentários improvisados continuassem a irritar tanto as autoridades fascistas quanto os próprios conselheiros do pontífice, sua oposição a medidas especificamente antissemitas ainda era limitada. Era evidente que os que o cercavam não se opunham a elas. O encarregado de negócios da Itália, Carlo Fecia di Cossato, informou a Mussolini e a Ciano que, de acordo com altos funcionários do Vaticano, as recentes leis raciais "não depararam, no geral, com uma reação desfavorável no Vaticano". A única objeção levantada ali dizia respeito à violação do direito da Igreja de definir o que constituía um casamento legal. "Tenho a confirmação dessas impressões pelo monsenhor Montini, substituto para assuntos ordinários da Secretaria de Estado, em especial de que a principal, para não dizer única, preocupação da Santa Sé diz respeito ao caso de casamentos com judeus convertidos."

Cossato acrescentou uma nota sobre os jesuítas, fazendo eco ao conselho anterior de Pignatti. "Os jesuítas", explicou ele, "sempre foram antissemitas convictos — embora por razões doutrinárias, diferentes das nossas." Mas não poderiam se deixar retratar como contestadores do papa. Seria melhor, aconselhava Cossato, deixar os jesuítas satanizarem os judeus sem chamar atenção para isso, pois, "na sombra e no nível prático eles foram e podem vir a ser nossos melhores aliados".[37]

Naquela mesma noite, Cossato teve um encontro com o padre Rosa, cujo último artigo sobre "a questão judaica" fora publicado havia pouco tempo em *La Civiltà Cattolica*. Rosa lhe disse que tinha escrito a peça por ordem do Vaticano, "para dissipar a impressão que os leitores possam ter

de apoio total às medidas racistas adotadas pelo governo fascista pelo órgão da Companhia de Jesus". Mas, depois de falar com Rosa, o enviado ficou tranquilo. "Os jesuítas", disse ele a Ciano, "ainda são, clara e fundamentalmente, antijudeus."[38]

★ ★ ★

POUCO ANTES DE ir à reunião do Grande Conselho, no começo de outubro, Ciano mandou chamar o núncio papal e lhe mostrou relatos que recebera sobre o recente Congresso Eucarístico. Borgongini viu as marcações denunciadoras do lápis colorido de Mussolini nas folhas de papel. O ditador ficara muito aborrecido ao tomar conhecimento de comentários críticos feitos por padres durante o congresso. Um comentário em particular o deixara furioso. "Deus", advertira o padre, "sem dúvida castigará o povo alemão e todos aqueles que seguirem o mesmo caminho." O Duce não queria conflitos com a Igreja, disse Ciano, mas o papa precisava saber que, se não impedisse os padres de expressar críticas como aquela, o governo seria obrigado a agir.

"Se houve qualquer intemperança de linguagem", assegurou o núncio a Ciano, "sem dúvida seremos os primeiros a lembrar os oradores sacros de suas obrigações." Mas o pontífice não compartilhava da opinião medrosa do núncio. Quando, dias depois, Pio soube das palavras "imoderadas" dos padres, exclamou: *"Benissimo! Giustissimo!"* [Excelente! Isso mesmo!] E acrescentou: "Alguém precisa dizer essas coisas!"

No mesmo encontro com Ciano, Borgongini mais uma vez transmitiu o apelo do papa para que Mussolini falasse com Hitler em nome dele. O pontífice ficara aborrecido ao saber que a perseguição da Igreja pelos nazistas agora se estendia à Áustria e à Sudetolândia. "Como está claro que ninguém é capaz de influenciar Hitler a não ser Sua Excelência o Chefe do Governo", disse o núncio a Ciano, "eu lhe suplico que diga a

Sua Excelência Mussolini que só ele pode fazer o Führer parar com a perseguição."

Borgongini então tocou na questão do chefe do Partido Fascista em Bérgamo. Aqui, suas palavras têm interesse especial, pois se referem ao pacto secreto com Mussolini em meados de agosto, prevendo a aprovação papal das leis raciais em troca de concessões em benefício da Ação Católica. "Pedi ao ministro [Ciano] que cuidasse de Bérgamo", informaria o núncio a Pacelli, "pois foi prometido, oficialmente, que aquele secretário federal seria demitido até o fim de setembro, e apesar disso continua no cargo."[39]

Ao ser lembrado de que não tinha cumprido a sua parte do acordo, Mussolini convocou Tacchi Venturi. A questão de Bérgamo, disse ele, tinha se arrastado demais, ou, como disse em sua linguagem mais pitoresca, deixara crescer "*la barba troppo lunga*", a barba comprida demais.[40] Ele substituiria o chefe do partido na cidade imediatamente. Mas, ao mesmo tempo, pedia ao papa que removesse quatro membros do conselho da Ação Católica de Bérgamo, que no passado tinham sido militantes do Partido Popular.[41]

Ao ser informado da vontade do Duce, Pio se mostrou surpreso com o fato de homens com aquele passado ainda ocuparem cargos de liderança na Ação Católica. Achava que todos tinham sido eliminados.[42] Tardini ficou espantado com a rapidez com que o pontífice mandou demitir os quatro. Em 14 de outubro, o jornal de Bérgamo noticiou a demissão dos quatro membros do conselho e a remoção do chefe do Partido Fascista na cidade.[43]

Os humores do papa continuavam a se alternar de modo radical, devido, em parte, à sua saúde. Seus períodos de depressão e reprimendas eram seguidos de dias em que parecia bem mais suave. No começo de outubro, quando pediu a Tardini que enviasse uma carta relativa a um mosteiro milanês, gracejou: "Coisa de frade! É verdade mesmo o que dizem. 'Os que usam sobrepeliz e capuz nunca dizem uma palavra que

seja de todo bem-vinda!'"[44] Poucos dias depois, pediu à sua equipe que procurasse um jovem padre em Viena que pudesse enviar relatórios secretos reportando os acontecimentos por lá. E brincou: "Se eu fosse jovem, ia adorar uma tarefa dessas!"[45]

Mas o humor de Pio mudava de repente. Tardini, depois de informar que um novo chefe do Partido Fascista tinha sido nomeado em Bérgamo, acrescentou que esperava que a situação melhorasse. "Se tomarem outro cartão de filiação [ao Partido Fascista]", respondeu o papa, num lampejo do velho temperamento, "intervirei com toda a energia! Farei um escândalo. Contarei ao mundo! Tomar o cartão de filiação de alguém significa tirar-lhe o pão." E ainda mais agitado: "O fascismo vai parecer bom mesmo! Não se fica velho à toa. Os velhos têm certa imunidade, e pretendo aproveitá-la!"[46]

Se o adoentado papa estava aborrecido com Mussolini, a opinião que tinha dos seus compatriotas também ia ficando mais sombria. "Os italianos", disse o papa a Tardini, quando o assunto das novas leis raciais surgiu numa conversa que tiveram em meados de outubro, "são um bando de ovelhas." E acrescentou: "Nós sem dúvida não precisamos agradecer a Mussolini por isso."[47]

CAPÍTULO VINTE E CINCO

A BATALHA FINAL

Gustav Gundlach, que ajudara a redigir a encíclica secreta do papa sobre o racismo, estava de volta a Roma, e nada satisfeito. Em setembro, ele e os dois colegas tinham entregado o texto a Ledóchowski, achando que o secretário geral dos jesuítas o repassaria ao pontífice. A aparição do Manifesto de Cientistas Raciais e o anúncio das primeiras leis raciais haviam fortalecido sua crença de que Pio XI queria ver logo a obra. Mas Gundlach, informado de que o jesuíta mandara uma "versão resumida" do rascunho ao padre Enrico Rosa, recomendou ao colaborador americano que contasse ao papa o que tinha acontecido. "Sua intenção de não deixar o documento passar por outras mãos não se realizou", disse ele a LaFarge. "Sua lealdade ao Chefe" — código para Ledóchowski — "não foi recompensada. Na verdade, você pode estar sujeito à censura porque sua lealdade ao Sr. Fischer" — curioso codinome que usavam para Pio XI — "foi prejudicada por sua lealdade ao Chefe." E concluía: "Uma pessoa que nada tenha a ver com o assunto poderia ver nisso tudo uma tentativa de sabotar, através de ação dilatória e por razões táticas e diplomáticas, a missão que o Sr. Fischer confiou diretamente a você."[1]

★ ★ ★

A VIAGEM TRIUNFAL de Hitler pela Itália tinha despertado em muitos americanos uma antipatia pelo Duce. Agora, com a imposição das leis

raciais, a popularidade de Mussolini nos Estados Unidos despencara. A embaixada italiana em Washington mandou um longo relatório a Roma narrando o declínio. "Como é sabido, os católicos americanos — a começar pela hierarquia superior da Igreja, com destaque para o cardeal Mundelein, de Chicago — reagiram desde o início com hostilidade e raiva crescente à atitude oficialmente anticatólica, e em parte anticristã, das autoridades nazistas." A imposição das leis raciais e a mais recente batalha em torno da Ação Católica italiana tinham levado, informou a embaixada, "ao crescimento, aqui, de novos temores sobre o futuro da Igreja na Itália, identificando o fascismo com o nazismo aos olhos não muito perspicazes do público em geral (...) que os vê juntos como os não muito queridos, e assim chamados, regimes autoritários."[2]

As relações entre o regime fascista e o governo americano esfriavam depressa. Os jornais italianos não ajudavam em nada, afirmando que os judeus mandavam nos Estados Unidos. Publicaram uma lista da composição inteiramente judaica do provável ministério americano prestes a ser nomeado, que seria supostamente capitaneado por Bernard Baruch e Albert Einstein.[3] Leon Trótski seria secretário de Guerra; ao que parecia, o fato de não ser americano nem viver no país não representava um obstáculo.[4]

★ ★ ★

PIO ANDAVA ABORRECIDO com a nova lei matrimonial planejada por Mussolini, que ameaçava proibir judeus batizados de se casarem com outros católicos. Pediu ao núncio que preparasse um texto formal de posicionamento.[5] O papa tinha em mente uma declaração católica de princípios, mas Borgongini achava importante que o texto tivesse algo a mais. O Vaticano precisava dar sua orientação na redação de leis raciais, que não poderiam entrar em conflito com os ensinamentos da Igreja. "Precisamos", disse o núncio, "sugerir uma saída. Do contrário, o

governo (...) não saberá encontrá-la sozinho. E, nesse caso, sem dúvida, haverá um racha."[6] E um racha era o que o núncio passaria as próximas semanas fazendo todo o possível para evitar.

O rascunho preparado por Borgongini recomendava ao governo que não ignorasse o "elemento religioso" na formulação de suas novas leis. "É necessário, portanto, que os judeus não sejam confundidos com os convertidos ao catolicismo, pois estes tiveram a coragem e o heroísmo de se separarem de uma vez por todas de sua nação de origem."[7]

Num esforço para tornar a proposta mais palatável para Mussolini, ele acrescentou um aparte, expressando a empatia do Vaticano com os objetivos das leis raciais. "Sem dúvida, por razões tanto morais quanto de saúde, [a Igreja] utiliza todos os argumentos ao seu dispor para tentar desencorajar uniões entre brancos e negros e qualquer união que seja heterogênea.[8] Dessa maneira, tenta evitar a produção de mestiços, que combinem os defeitos das duas raças." Mas "não pode levar seus esforços de dissuasão até o ponto da proibição absoluta".

Borgongini propunha duas possíveis concessões. Os casamentos em questão seriam permitidos sob a autoridade do rei, já existente, para conceder isenções reais. Como alternativa, poder-se-ia acrescentar uma linguagem à nova lei declarando que os casamentos que entrassem em conflito com suas cláusulas, mas fossem cobertos pelo artigo 34 da concordata — reconhecendo os efeitos civis dos casamentos religiosos —, seriam reconhecidos se o papa os examinasse e aprovasse.[9]

O pontífice se reuniu com Tardini e Tacchi Venturi para discutir os passos seguintes. Tardini lembrou que o governo tinha proibido a publicação de artigos que criticassem o racismo, mesmo que a crítica fosse apenas à variedade alemã. "Mas tudo isto é uma desgraça!", disse o pontífice. "Tenho vergonha, não como papa, mas como italiano! O povo italiano se tornou um rebanho de ovelhas estúpidas. Vou dizer o que penso, não tenho medo. A concordata significa muito para mim, mas minha consciência significa mais ainda (...) Aqui eles se tornaram um

bando de Farinaccis. Estou muito chateado mesmo, como papa e como italiano!"

Quando a tempestade — como Tardini chamava as explosões de Pio — passou, Tacchi Venturi, que era muito teimoso, pegou do bolso, num gesto disparatado, uma foto do pontífice e lhe pediu que a assinasse com uma dedicatória para o filho de Mussolini, Bruno, que se casaria dali a alguns dias. "Não gosto nem um pouco de botar minha assinatura debaixo do nome de Mussolini!", disse o papa. Mas acabou assinando a foto, como Tacchi Venturi tinha certeza de que ele faria.[10]

Superados os assuntos de serviço, Pio XI e o jesuíta começaram a rememorar. "São dois velhos", refletiu Tardini, lembrando a cena, "um com oitenta e um e outro com setenta e sete anos, vivazes e inteligentes". Trocaram referências ao Antigo e ao Novo Testamentos e riram com histórias dos homens que tinham conhecido, alguns mortos havia muito.[11] Era o tipo de brincadeira leve que o papa se permitia com muito poucos.

Ainda naquele dia, Tardini, Tacchi Venturi e Borgongini se reuniram no apartamento do cardeal Domenico Jorio.[12] Como chefe da Congregação para a Disciplina dos Sacramentos, Jorio supervisionava os regulamentos sobre matrimônio. O pontífice pedira aos homens que encontrassem uma saída para o impasse. Eles prepararam um plano, que o papa aprovou. O núncio e Tacchi Venturi tentariam convencer as autoridades do governo de que não seria interessante para o regime causar uma ruptura nas relações com a Santa Sé "por causa dos poucos, raros casos [de casamento misto], quando é possível encontrar uma saída". Tentariam obter uma cópia das leis propostas, "para poderem aconselhar as alterações apropriadas". [13]

Mas, quando Tacchi Venturi solicitou uma reunião com Mussolini, o Duce recusou, dizendo-lhe que pusesse por escrito o que queria dizer.[14] Com isso, o jesuíta mandou uma carta ao ditador na qual afirmava que a Igreja Católica se opunha por tradição a casamentos mistos. Eram

"extremamente raros e só tolerados por sérias razões de consciência". O papa, assegurou ele a Mussolini, estava disposto a ir ainda mais longe para chegar a um entendimento: "O Santo Padre está disposto a torná-los ainda mais raros, para que jamais ocorram sem serem submetidos a um exame direto do Santo Pontífice."

Em seu desespero para chegar a um acordo, Tacchi Venturi não só estava disposto a transformar o papa em participante direto da campanha racial, mas também escondia uma distinção crucial para a Igreja e, que estava no cerne da dificuldade do Vaticano com as leis raciais. A principal objeção de Pio envolvia não uma proibição do que a Igreja considerava "casamentos mistos" — ou seja, casamentos entre judeus e católicos —, mas daqueles que uniam dois católicos, um dos quais tivesse sido judeu ou fosse filho de pais judeus.

O jesuíta dedicou a última página de sua carta a cantar loas ao Duce. Encerrou descrevendo-se como "alguém que Vos ama e à Pátria, alguém que — e digo isto sem sombra de bazófia — se sente incapaz de Vos trair e ao Fascismo".[15]

Mas a proposta não comoveu Mussolini. Guido Buffarini, o intimidante subsecretário do Interior, deu a notícia: o Duce jamais permitiria ao papa abrir exceções para casamentos mistos; também não queria que o rei examinasse esses pedidos.[16]

★ ★ ★

NO FIM DE outubro, o Duce se encontrou em Roma com Joachim von Ribbentrop, o ministro do Exterior nazista. Ribbentrop tinha ido convencer Mussolini de que era chegada a hora de um pacto militar unindo a Itália à Alemanha e ao Japão.[17] Sentindo que, apesar do estilo bombástico, o Duce ainda hesitava em assinar uma aliança militar formal, Ribbentrop lhe prometeu que, com o apoio alemão, todo o Mediterrâneo um dia se tornaria um mar italiano. Curiosamente, a

principal nota destoante que Mussolini soou no encontro tinha a ver com a Igreja e o papa. A contínua batalha dos nazistas contra a Igreja Católica, disse ele ao ministro do Exterior alemão, ainda era um grande obstáculo a uma aliança militar, pois enfraquecia o apoio popular italiano. E sugeriu que, antes de o pacto ser assinado, o governo alemão desse um jeito de fazer as pazes com a Igreja. Se os alemães chegassem a esse acordo, disse Mussolini, a aliança com os nazistas "se tornaria muito popular". E não era só do lado alemão que havia problemas com a Igreja. Suas próprias relações com o papa andavam estremecidas ultimamente, disse ele. Achava também que os católicos da Itália ficariam "numa posição difícil" se o pontífice denunciasse o pacto.[18]

Em seu diário, Ciano pintou um quadro arrepiante do encontro com Ribbentrop no Grand Hotel de Roma. "Ele tem na cabeça uma fixação pela guerra", escreveu. "Quer a guerra, sua guerra. Não tem ou não disse qual é seu plano geral de marcha. Não distingue seus inimigos, nem indica seus objetivos. Mas quer uma guerra dentro de três ou quatro anos." Quando Ciano discutiu com o sogro a aliança militar proposta por Ribbentrop, Mussolini lhe disse que o anúncio de tal aliança deveria ser postergado, "antes de mais nada por causa do ressentimento contra os alemães que predomina nas grandes massas católicas".[19]

A campanha antissemita estava chamando muita atenção, de forma negativa, fora da Itália, e, devido à estreita ligação do Vaticano com o regime fascista, Pio XI ficou numa posição desconfortável. Tardini o aconselhou a não colaborar com Mussolini para produzir um texto das novas leis raciais que fosse aceitável para os dois lados. Esse acordo exporia a Santa Sé à acusação de conluio na campanha antissemita. O melhor seria simplesmente deixar o governo fazer o que pretendia, advertiu ele; supondo-se que Mussolini fosse adiante, o Vaticano poderia, então, condenar a cláusula que enfraquecia o artigo 34 da concordata, consolando-se, porém, com o fato de que poucos casamentos seriam

afetados. Mais importante ainda, disse ele ao papa, era que o resto da concordata permaneceria em vigor.[20]

De início o papa concordou. Mas, sob pressão dos outros conselheiros para chegar a um acordo com o ditador, acabaria achando impossível seguir o conselho de Tardini.[21]

Em 29 de outubro, uma multidão se reuniu na *piazza* em frente ao palácio de verão do papa, na esperança de receber uma bênção antes da partida dele. Era um dia frio e ventoso. Uma miserável mistura de granizo, neve e chuva gélida obrigou os fiéis a buscarem refúgio nas lojas vizinhas. Quando o tempo melhorou, Pio apareceu na pequena sacada do palácio, e o povo correu de volta para a praça. Seria a última aparição pública dele em Castel Gandolfo.[22]

Um mês antes, para grande surpresa do corpo diplomático do Vaticano, o cardeal Pacelli tinha partido para suas férias regulares na Suíça.[23] Chegara de volta a Roma no trem noturno na manhã de domingo, 30 de outubro, e seguira da estação direto para o gabinete do papa.[24] Tacchi Venturi, que já estava lá, informou-o dos desdobramentos mais recentes. O pontífice tinha concordado em deixá-lo fazer uma última tentativa de falar com Mussolini para encontrar uma solução amigável.[25]

Num esforço para chegar ao Duce, o jesuíta entregou um bilhete a Buffarini. O Santo Padre, dizia a mensagem, angustiava-se ao pensar nos danos que o apoio católico ao regime sofreria se o governo fosse adiante com as novas leis raciais sem chegar a um entendimento com o Vaticano. Seria uma "imensa alegria para os antifascistas de todos os idiomas e países". O papa acreditava que ainda era tempo de encontrar uma redação para a nova lei matrimonial que "satisfizesse ambas as partes".[26]

Embora doente, nas semanas seguintes Pio se reuniu várias vezes com Tacchi Venturi, Pacelli e Tardini para comandar as frenéticas negociações de última hora. Em 2 de novembro, quando enfim obtiveram uma cópia

da nova lei proposta, o papa pediu ao grupo, que vinha se reunindo no apartamento do cardeal Jorio, para se reunir mais uma vez.

O artigo 1º do projeto de lei declarava: "O casamento entre um cidadão italiano da raça ariana com uma pessoa pertencente a outra raça é proibido." Só isentava aqueles casamentos de que tratava o artigo 7º, que Mussolini tinha acrescentado para apaziguar o Vaticano: abria exceções para alguém que estivesse morrendo, ou para legitimar filhos.[27]

Tardini repetiu o conselho que já tinha dado ao papa: o Vaticano deveria se opor, oficialmente, ao princípio racista que estava por trás da nova lei e deixar claro para o resto do mundo que não havia colaborado em sua redação.

Mas os outros rejeitaram os apelos de Tardini. Aterrorizado com a possibilidade de um racha com o regime, Borgongini, o núncio, propôs que eles ameaçassem anunciar que a nova lei entrava em conflito com a concordata, mas que, se ela entrasse de fato em vigor, não fizessem nenhum protesto público. Isso lhes permitiria fazer lobby nos bastidores para conseguir as mudanças que desejavam.[28]

"É óbvio", escreveu Tardini ao relatar, mais tarde, os acontecimentos daquele dia, "que a grande preocupação do núncio era evitar um conflito entre a Santa Sé e o governo italiano. E, como qualquer declaração ou protesto da Santa Sé (por mais atenuado que fosse) poderia ser explorado pelos inimigos do fascismo dentro e, em especial, fora do país para provocar um conflito, o núncio tentava encontrar uma fórmula — com alguma oportuna alteração da lei — para evitar qualquer protesto da Santa Sé."

Borgongini lembrava-se de que, em sua declaração de 6 de outubro, o Grande Conselho fascista afirmara que os filhos de casamentos mistos que professassem outra religião (a saber, o catolicismo) não seriam considerados judeus perante a nova lei. Se o Vaticano pudesse fazer o regime concordar em inserir essa cláusula, o número de casamentos entre católicos a serem afetados diminuiria de modo considerável. Isso bastaria,

achava o núncio, para que a Santa Sé permitisse que a nova lei entrasse em vigor sem protestar.

Mas o papa não concordou, pois naqueles termos os católicos convertidos do judaísmo ainda seriam considerados judeus. Ele fazia questão de que a nova lei contivesse uma exceção permitindo casamentos de ex-judeus com outros católicos.[29]

Tacchi Venturi levou as revisões sugeridas para Buffarini, mesmo sabendo que a proposta do pontífice não tinha chance de ser aprovada pelo ditador. Ao ler o texto sugerido enquanto Tacchi Venturi o observava, Buffarini sacudiu a cabeça. Não o mostraria ao Duce, disse, pois aquilo só pioraria a situação.

Naquela noite, Tacchi Venturi recebeu o texto final da lei matrimonial. Viu que até mesmo as poucas exceções contidas em versões anteriores tinham sido apagadas.[30] Mussolini resolvera apostar que, apesar de todas as ameaças, o papa não romperia com o regime fascista.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

FÉ NO REI

Sem acreditar que Mussolini pudesse violar tão descaradamente a concordata que servira tão bem aos dois, Pio XI escreveu ao Duce para adverti-lo de sua insensatez.

"Ao Nosso Querido Filho", começava o papa, prosseguindo sem mencionar o primeiro artigo da nova lei, que estabelecia que "o casamento entre um cidadão italiano da raça ariana com uma pessoa pertencente a outra raça é proibido". Em vez disso, fez objeções ao artigo 7º, que violava com nitidez a cláusula da concordata segundo a qual casamentos aprovados pela Igreja teriam efeitos civis. "Essa *vulnus* [ferida] pode ser evitada com facilidade", disse o papa ao Duce, "se em vez do texto do artigo acima mencionado (...) for adotada a versão que apresentamos aos seus colaboradores, mas que infelizmente não foi aceita." O papa anexou o texto que recomendava, uma revisão do artigo 7º que Buffarini rejeitara com tanta raiva no dia anterior. Com isso ficaria permitido o casamento entre dois católicos, independentemente de sua "raça".[1]

Num último e desesperado esforço para fazer o ditador mudar de opinião, Tacchi Venturi lhe fez um apelo pessoal. Como alguém que servira o Duce durante tantos anos e que tinha sempre dado provas de lealdade e amor, ele lhe suplicava que aceitasse o pedido do papa.[2]

Mussolini rejeitou o apelo de última hora do pontífice sem pensar duas vezes, informando-lhe, na manhã seguinte, que não faria qualquer

mudança na lei. Furioso com a rejeição, o papa decidiu apelar para o rei. Pio XI nunca tinha escrito a Vítor Emanuel com outro objetivo que não fosse apenas cerimonial. Dessa vez lhe pedia "para intervir com Vossa autoridade suprema para obter aquilo que fomos incapazes de conseguir (...) com o Vosso Primeiro-Ministro". O papa chamava a atenção do rei para o tratado que tinha sido solenemente assinado em seu nome, em 1929, e para o fato de que a lei matrimonial proposta se chocava diretamente com suas cláusulas. Ele anexou o texto de sua versão alternativa para o artigo 7º.[3]

Anos depois, na esteira de uma guerra desastrosa, os italianos realizariam um referendo para decidir se mantinham a monarquia. Voltaram-se contra o rei, acusando-o de não ter encarado o ditador. Em nenhum outro momento a covardia de Vítor Emanuel foi mais clara — ou, olhando para trás, mais humilhante — do que na aprovação de todas as leis raciais propostas por Mussolini. Enquanto judeus eram expulsos de escolas e demitidos dos empregos, vilipendiados pelo Estado e despojados de seus meios de subsistência, o rei continuava a assinar todos os projetos de lei que Mussolini lhe submetia em seus encontros, que ocorriam duas vezes por semana no palácio do Quirinal. Em certo sentido até agravando a situação, o rei não tinha empatia alguma pela deificação nazista da raça ariana, ou pelas tentativas de Mussolini de elaborar uma variante italiana; ele simplesmente não tinha coragem de enfrentar o Duce.

A resposta do rei ao papa em 7 de novembro refletia a mesma covardia.[4] Vítor Emanuel agradeceu ao pontífice pela carta e disse que tinha encaminhado uma cópia para Mussolini, na esperança de que fosse possível encontrar uma solução que "conciliasse os dois pontos de vista". E isso foi tudo.[5] De sua parte, Mussolini mais uma vez mandou dizer ao papa que não poderia aceitar seu pedido, pois fazê-lo seria minar a intenção da nova lei matrimonial.[6]

No começo da semana, Ciano teve um encontro com Hermann Göring, chefe da força aérea alemã e ministro do Planejamento de Hitler.

Apesar da sua obsessão pelos nazistas, o genro janota de Mussolini achava muitos dos líderes do governo alemão bastante grosseiros. Deixou um vívido retrato de Göring em seu diário: "Em trajes civis, usando um terno cinza caro e chamativo. A gravata, de nó antiquado, traz um anel de rubi espetado. Outros grandes rubis nos dedos. Na lapela, uma grande águia nazista com brilhantes. Lembra vagamente 'Al Capone'."

Depois Ciano pôs o sogro a par de suas discussões com Göring. E tocou no assunto do apelo do papa ao rei. "Não posso dizer", observou Ciano, "que o Duce esteja muito abalado."[7]

Ciano fez parte de um grupo que almoçou naquele dia na embaixada americana em Roma. O convidado de honra era ninguém menos que o arcebispo de Chicago, o cardeal Mundelein, em visita ao Vaticano. O presidente Roosevelt, para demonstrar solidariedade a Mundelein na esteira da tempestade causada pelo cardeal ao denunciar Hitler no ano anterior, recebera-o na Casa Branca antes de sua partida. O presidente instruiu o embaixador Phillips a fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para mostrar o apoio americano ao arcebispo durante a estada dele na Itália.[8]

O núncio papal também estava no almoço, e, ao ver Ciano, abriu caminho entre os convidados para falar com ele. A nova lei matrimonial constava da agenda do Conselho de Ministros para o dia seguinte, e o genro do Duce estava preocupado. Mussolini andava tão agitado com o assunto que o texto acabara ficando muito mais drástico do que a versão anterior. Ciano achava que seria um desastre se a lei viesse a pôr fim ao apoio do Vaticano ao regime fascista.

— O que o papa vai fazer? — perguntou ele a Borgongini.

— Não sei, porque o papa não conta a ninguém o que vai fazer — respondeu o núncio. — Mas pode ter certeza de que será algo grande.

— Um protesto diplomático ou um protesto público? — insistiu Ciano, nervoso. Borgongini respondeu que não sabia, mas sugeriu que Ciano, como ministro do Exterior, interviesse para a manutenção do

Tratado de Latrão. — E o que podemos propor agora? Tanto o Santo Padre quanto o Chefe do Governo vêm tratando disto. Portanto eu, como ministro das Relações Exteriores, e o senhor, como núncio, não podemos fazer nada.

Borgongini argumentou que não era tarde demais, que Ciano poderia propor uma comissão bilateral para examinar a questão. Quando Ciano lhe perguntou o que poderia dizer para persuadir o Duce, o núncio ressaltou, mais uma vez, que poucos casamentos seriam afetados. No fim da conversa, Borgongini saiu convencido de que, se pudesse, Ciano faria alguma coisa para impedir uma crise com o Vaticano.[9]

Aquela noite, 9 de novembro de 1938, continua gravada na memória histórica como *Kristallnacht*, uma noite de horrores na Alemanha. Usando como pretexto o assassinato na França de um diplomata alemão por um adolescente judeu refugiado da Polônia, saqueadores nazistas reduziram sinagogas a cinzas, pilharam lojas de judeus e caçaram e espancaram judeus aterrorizados. Dezenas deles foram assassinados, dezenas de milhares, presos, e muitos mandados para campos de concentração. Centenas de sinagogas foram destruídas por incêndios, e milhares de comerciantes de origem judaica foram roubados. Depois da violência, o governo alemão anunciou que os judeus não podiam mais ser donos de lojas ou de qualquer outro negócio, exercer ofícios, ou entrar em teatros e salas de concerto, e que aquilo que restara de suas propriedades seria confiscado e transferido para cristãos. Centenas de judeus cometeram suicídio. Ciano recebeu um longo relatório do embaixador italiano na Alemanha repleto de pormenores macabros. Pacelli recebeu um longo relato do núncio em Berlim.[10]

A imprensa católica italiana pouco disse sobre os horrores sofridos pelos judeus da Alemanha. O semanário diocesano de Veneza concentrou todo o seu desdém no adolescente judeu que matou o diplomata nazista, o "judeu que friamente apontou o seu revólver (...) armado, no coração, de um profundo sentimento de ódio, vingança e rancor". E acrescentou:

"Confessamos nossa incapacidade de compreender como pode um homem, com calculada premeditação, atacar um funcionário pacífico e desconhecido." Sobre o assassinato em massa dos judeus patrocinado pelo governo da Alemanha, o semanário diocesano não disse nada.[11]

Enquanto sinagogas eram incendiadas e judeus eram perseguidos e capturados na Alemanha, o padre Tacchi Venturi estava na cama, incapaz de dormir. Sabendo que o Conselho de Ministros de Mussolini se reuniria no dia seguinte, ele tentava encontrar um jeito de impedir um rompimento entre seus dois patronos. Levantou-se, acendeu a luz e redigiu uma carta para o Duce.

"A mudança que estou propondo", escreveu, "salva os princípios básicos da lei": a afirmação de que os italianos são arianos, e os judeus, não. "Ela apenas abre uma exceção." Mais uma vez Tacchi Venturi lembrou que esses casos seriam raríssimos. "Se levarmos em conta o reduzido número de cidadãos italianos de raça judia, a aversão que têm quase todos os judeus a se casarem com cristãos, e os cristãos com judeus, ainda que convertidos, não tenho medo de afirmar que haverá menos de cem casamentos entre esposos de raças diferentes, mas ambos professando a religião católica." O fato de que o jesuíta, normalmente astuto, acordasse no meio da noite só para repetir argumentos que já apresentara tantas vezes ao Duce mostra como estava desesperado.[12]

Enquanto isso, Roberto Farinacci, feliz por desempenhar a sua parte em pressionar o Vaticano, ajudava o Duce a conquistar apoio popular para as leis antissemitas. Apresentou as novas medidas como enraizadas nos ensinamentos da Igreja Católica Romana. No verão anterior tinha publicado uma série de artigos antissemitas em seu jornal, citando *La Civiltà Cattolica* para justificar a campanha. Deu a um deles o título de "Uma lição de catolicismo para católicos". Em 7 de novembro, numa palestra muito divulgada que fez em Milão, e anunciada como "A Igreja e os judeus", ele citava bastante o Novo Testamento para afirmar que a Igreja Católica era a fonte original das medidas antissemitas fascistas.

Infelizmente, lamentava ele, o papa tinha mostrado nos últimos tempos sinais de afastar-se desse ensinamento central da sua Igreja. "Que aconteceu", perguntava, "para fazer com que a Igreja oficial hoje seja filossemita em vez de antissemita? (...) Por que os comunistas, maçons, democratas, todos os inimigos jurados da Igreja, a elogiam agora e lhe oferecem ajuda?" Sua resposta era simples: "Para usá-la contra o fascismo."

Il Regime Fascista deu ao discurso de Farinacci uma cobertura de página inteira, acrescentando um encarte histórico em três colunas com o título "As disposições dos conselhos e os papas contra os judeus através dos séculos".[13] Muitos jornais reproduziram a reportagem. *Il Giornale d'Italia*, que havia sido o primeiro a publicar o Manifesto de Cientistas Raciais, resumiu a mensagem central em poucas palavras: "O honrado Farinacci conclui, entre fervorosos aplausos, declarando que é impossível para os católicos fascistas renunciar àquela consciência antissemita que a Igreja formou através dos milênios."[14]

Em sua reunião de 10 de novembro, o Conselho de Ministros do governo aprovou as novas leis raciais. O Duce aguardou ansioso para ver se o papa cumpriria as ameaças. Apesar de toda a sua bravata, não queria ver o Vaticano voltar-se contra ele. O apoio da hierarquia da Igreja, do pontífice aos párocos, mostrara-se valioso demais, e ele agora tinha ambições maiores para o seu regime. Perder o apoio da Igreja poderia custar-lhe caro.[15]

O Duce só não estava mais preocupado porque, durante as semanas de frenéticas negociações, arriscada diplomacia e lamentações do papa, nem Pio XI, nem seu enviado jesuíta, nem seu secretário de Estado, nem o núncio jamais tinham expressado qualquer oposição ao grande volume das leis raciais destinadas a despojar os judeus dos seus direitos como cidadãos italianos. A Santa Sé não havia protestado contra a expulsão de crianças judias ou de professores judeus das escolas, nem contra a expulsão de professores judeus das universidades. Nem Pacelli, nem os

dois enviados do papa — o núncio oficial e o jesuíta oficioso — jamais tinham dito uma palavra para contestar a decisão do governo de tratar os judeus como um perigo para a saudável sociedade italiana. Para qualquer pessoa ansiosa por ver um sinal da opinião do Vaticano sobre a nova campanha de perseguição, incluindo párocos e bispos em busca de orientação sobre como reagir, a mensagem era clara. O Estado enfim ouvira as advertências que apareciam no jornal do Vaticano e eram repetidas com regularidade na revista supervisionada pela Santa Sé, *La Civiltà Cattolica*, e em boa parte da imprensa católica, dos boletins semanais diocesanos aos jornais mais importantes.

A recente abertura dos Arquivos Secretos do Vaticano trouxe à luz um informe que deixa claro que, no entendimento da Santa Sé, o acordo negociado por Tacchi Venturi com Mussolini em 16 de agosto, prometendo não criticar as leis raciais em troca de tratamento favorável à Ação Católica, continuava em vigor. Preparado no começo de novembro na Secretaria de Estado, o documento relata os tratos do Vaticano com o governo fascista sobre a campanha antissemita. Depois de uma descrição dos comentários feitos em 28 de julho por Pio XI denunciando o "nacionalismo exagerado", vem uma longa seção intitulada "Acordo Mussolini-Tacchi Venturi (16 de agosto de 1938)". A anotação diz: "Enquanto isso o Santo Padre orientava o padre Tacchi Venturi a buscar um acordo. E o padre Tacchi Venturi teve êxito. O acordo de 16 de agosto de 1938 consiste de três pontos". Então, o texto passa a resumi-los.[16]

Mussolini supunha que a Santa Sé estava lucrando demais com a aliança com o Estado fascista para colocá-la em risco. Durante anos, o Vaticano vinha se aproveitando das relações privilegiadas com o regime para confiscar livros e revistas que julgava ofensivos, impedir que protestantes fizessem prosélitos e impor os padrões de modéstia feminina da Igreja. Mussolini era, no fim das contas, o "homem da Providência" que havia garantido que cada grupo da juventude fascista tivesse um

padre responsável, que os impostos italianos fossem usados para pagar despesas da Igreja e que o clero católico ocupasse posições de honra em todas as cerimônias de estado.



37. As leis raciais, expostas em *La Difesa della Razza*, 20 de novembro de 1938

Se tivesse visto o telegrama confidencial que o cardeal Pacelli mandou aos núncios papais em todo o mundo no dia seguinte à aprovação da lei matrimonial, Mussolini se daria conta de que sua jogada fora bem-sucedida. Ao proibir o casamento entre dois católicos de raças diferentes, informou-lhes Pacelli, a nova lei claramente violava a concordata. Que lições deveriam os núncios tirar disso, e o que dizer àqueles que lhes perguntassem? Pacelli fez o possível para minimizar o conflito: "Deve-se notar que a violação da concordata é limitada a um pequeno número de casos (...) Algumas dúzias, enquanto todo ano na Itália mais de trezentos

mil casamentos religiosos são celebrados e continuarão a ser, todos registrados segundo a lei."[17]

A carta oficial de protesto do Vaticano ao governo italiano não poderia ter sido mais humilde. O papa resolveu não dizer nada. Apesar de tantas ameaças, no fim ainda preferia que o conflito não prejudicasse as relações entre a Igreja e o regime fascista, benéficas para os dois lados. Pio mandou Pacelli preparar a carta, que deveria ser entregue não ao rei, nem mesmo a Mussolini ou Ciano, mas a Pignatti, o embaixador italiano.

A mensagem começava dizendo que a nova lei matrimonial entrava em conflito com o artigo 34 da concordata. Depois de observar que a Igreja acolhia pessoas de qualquer raça, Pacelli tentou mais uma vez minimizar as objeções da Santa Sé à nova teoria racial do regime. A Igreja, escreveu ele, preocupava-se havia muito com a mistura de raças. "A Igreja, sempre mãe amantíssima", explicava o futuro papa, "em geral aconselha seus filhos a não contraírem matrimônios que apresentem riscos de progênie defeituosa e, nesse sentido, está disposta, dentro dos limites do direito divino, a apoiar os esforços das autoridades civis a alcançar este mesmo objetivo virtuoso." Mas, quando, apesar de a Igreja desaconselhar, dois católicos de raças diferentes insistiam em se casar, ela não poderia negar esse sacramento a eles.

A nota de Pacelli acatava a opinião dos fascistas — e dos nazistas — de que os judeus eram uma raça à parte. Ele não fez qualquer esforço para corrigir a noção do governo sobre possíveis efeitos físicos nocivos de uma "mistura racial" entre católicos italianos e judeus e minimizou o impacto que a nova lei teria. Casamentos entre católicos e judeus convertidos ao catolicismo eram extremamente raros, escreveu, "raridade essa favorecida também pela aversão comum tanto a católicos quanto a israelitas a se unirem com pessoa de outra raça".

O secretário de Estado concluía a carta expressando seu pesar por ter se tornado necessário protestar contra a ferida infligida à concordata, mas finalizou em um tom positivo. Manifestou a esperança de que o governo

ainda pudesse fazer as modestas alterações necessárias para restaurar a harmonia com o Vaticano.[18]

O protesto público, como se viu, viria na edição de 15 de novembro de *L'Osservatore Romano*, num artigo de primeira página intitulado, muito brandamente, "Com relação ao novo decreto-lei". Pacelli reviu o texto com atenção antes da publicação. "Ele quis dar ao texto", disse Tardini, "um tom calmo e sereno, entre outras razões para não prejudicar a possibilidade de futuros aprimoramentos nas leis e de um fim para o conflito."[19] O artigo refletia a linguagem usada na carta formal de protesto de Pacelli. E terminava manifestando a esperança de que um acordo ainda pudesse ser encontrado para resolver o "exíguo número de casos afetados".[20]

Mas havia uma história dramática por trás do suave protesto publicado na edição de 15 de novembro do jornal do Vaticano. Às dez e vinte daquela manhã, o monsenhor Tardini, secretário para Assuntos Eclesiásticos Extraordinários, recebeu um recado urgente: Pio XI queria vê-lo de imediato. Deveria levar o material preparado para o artigo de *L'Osservatore Romano*. Temendo o que vinha pela frente, Tardini pegou o arquivo e correu para os alojamentos do pontífice. "Encontrei o papa com o rosto vermelho e agitado", lembrava-se. Pio tinha nas mãos um exemplar do jornal.

Por que, quis saber o papa, a parte mais importante do artigo estava faltando, a que ele tinha revisto e aprovado no dia anterior? Ele queria que o artigo incluísse o texto de suas cartas ao Duce e ao rei. Acima de tudo, queria mostrar a resposta do monarca. A carta de Vítor Emanuel, insistia Pio XI, dizia a Mussolini que alterasse a lei matrimonial para atender às preocupações do papa. O pontífice queria que o mundo soubesse que Mussolini havia ignorado o pedido real.

Tardini tentou acalmá-lo. Sim, disse ele, o papa tinha mandado publicar o texto das cartas, mas devia ter esquecido que na noite anterior o cardeal Pacelli o demovera da ideia. Não só não era costume publicar

correspondência diplomática sem o consentimento da outra parte, argumentara Pacelli, como a resposta do rei, que Pio tinha em tão alta conta, era, na verdade, constrangedoramente vaga e, no fim, sem eficácia alguma. O efeito de publicá-la teria sido mostrar ao mundo que o rei "não tinha a menor importância". E havia ainda outra razão para que Pacelli não quisesse publicar a carta de Vítor Emanuel: ela chamaria a atenção para o fato de Mussolini não ter se dignado a responder, o que colocaria o Duce sob uma luz negativa. Quando Pacelli tocara no assunto, o papa o interrompera: "Cortesia soberana em oposição à suprema vilania!" O cardeal manteve sua opinião com bravura. Destacar o fato de Mussolini não ter respondido, insistia, poderia provocar represálias do governo.

A tentativa de Tardini de lembrar essa conversa a Pio XI não ajudou em nada a abrandar a raiva do papa. Num aparte, Tardini observou que o pontífice — famoso pela atenção aos detalhes — cada vez mais esquecido. Era por ter esquecido por completo a conversa com o secretário de Estado na noite anterior que ele ficara tão aborrecido com a peça de *L'Osservatore Romano*. Quando Tardini mencionou a esperança de Pacelli de que Mussolini ainda fizesse algo para amenizar o impacto da nova lei, o papa voltou a ficar agitado. "Mas quem lhe dá essa esperança?" Se havia algum motivo para esperanças, achava o pontífice, era o fato de o rei ter pedido a Mussolini que agisse, e era exatamente esse pedido que tinha sido excluído do artigo.

A essa altura, o cardeal Pacelli juntou-se ao grupo, e o papa partiu para cima dele com grande energia. Disse que sentia muito desgosto ao ver o que havia sido feito do artigo. Pacelli demonstrou preocupação com a saúde do pontífice, que não estava bem e não dormia. Mas essas tentativas de distrair o papa foram inúteis.

— Quem escreveu o artigo? — perguntou o papa.

— Fui eu, Santidade — respondeu Tardini.

— Não gostei nada dele — disse o pontífice.

O cardeal Pacelli, sem querer ficar de lado enquanto Tardini levava a culpa, interrompeu:

— Santidade, eu examinei o artigo e assumo toda a responsabilidade.

Um pouco mais calmo, o papa insistiu em corrigir o problema publicando a resposta do rei no número seguinte do jornal do Vaticano. Mas nem Pacelli nem Tardini queriam permitir isso. Tardini foi procurar Tacchi Venturi, que talvez pudesse convencer Pio a mudar de ideia. O jesuíta correu para o Vaticano.

Tacchi Venturi disse ao pontífice que havia conversado com pessoas próximas a Mussolini e tinha o prazer de informar que o tom comedido do artigo de *L'Osservatore Romano* daquele dia causara ótima impressão. Se ele achava que a notícia agradaria ao papa, estava muito enganado. Pio o interrompeu: "Não admira que eu esteja aborrecido! Mas esta noite vou fazê-los publicar um novo comunicado de imprensa!" Tacchi Venturi ficou apavorado, mas seus apelos não demoveram o pontífice.[21] Mais uma vez o cardeal Pacelli e seus colegas, deixando o papa desabafar a raiva, conseguiram se impor. *L'Osservatore Romano* nunca publicou a carta do rei.[22]

Embora os italianos possam ser perdoados por acreditarem que a campanha fascista contra os judeus contava com o apoio do Vaticano, pelo menos um influente prelado italiano mostrou-se contra a maré. Sua objeção foi uma surpresa: o cardeal Ildefonso Schuster, arcebispo de Milão, tinha sido um dos partidários mais eloquentes e entusiásticos de Mussolini. Ainda no ano anterior, o embaixador francês na Santa Sé havia informado que Schuster, "conhecido por seus sentimentos muitos fascistas", dera uma palestra na Escola de Misticismo Fascista elogiando Mussolini por estabelecer um novo império católico romano.[23] Em 1930, o arcebispo recebera uma carta assinada por trezentos católicos de Milão que o repreendiam por ter abraçado, sem qualquer espírito crítico, os fascistas, o que levou as autoridades governamentais a pedirem a lista dos signatários.[24] Em setembro de 1937, um informante da polícia disse que a

perspectiva de Schuster vir a suceder ao adoentado Pio XI encontrava forte resistência entre os cardeais fora da Itália, que o consideravam exageradamente vinculado ao regime fascista.[25]

Mas no domingo, 13 de novembro, falando no Domo de Milão, Schuster fez o que ninguém no Vaticano faria: denunciou as leis raciais da Itália como produto de uma ideologia neopagã e afirmou que a Igreja jamais poderia aceitá-las. "É inútil querer estabelecer uma harmonia bilateral entre religião e pátria. O Estado fascista está criando sua própria ética que não tem nada, absolutamente, em comum com a ideia religiosa." E acusou Mussolini de seguir Hitler de maneira servil, adotando uma ideologia racista de origem nórdica e pagã.

Com esse discurso, Schuster deixou de ser o queridinho dos fascistas de Milão, passando à condição de inimigo número um aos olhos dos líderes do partido. Só em 1951 o texto dos seus comentários enfim apareceria na revista diocesana de Milão, mas o jornal católico *L'Italia* informou sobre ele em 15 de novembro, provocando acalorada discussão e incredulidade. Segundo um informante secreto da polícia em Milão, o que mais assustou as pessoas foi a advertência do arcebispo de que um dia a ideologia racista do nazismo se voltaria contra os próprios italianos. "Nessa questão", escreveu o informante, "o cardeal Schuster expressou um temor extraordinariamente disseminado no norte da Itália."[26]

O governo não respondeu à carta de Pacelli protestando contra a lei matrimonial. Em 22 de novembro, três dias depois de a lei ter sido oficialmente publicada, Pacelli mandou um bilhete a Pignatti manifestando pesar pelo fato de as exceções solicitadas pelo Vaticano não terem sido incluídas.[27] Uma semana depois, Pignatti respondeu dizendo que, apesar de o governo ter tentado resolver as diferenças em relação ao texto da nova lei e de estar disposto a abrir algumas exceções, o Vaticano não aceitava nada menos do que o reconhecimento de todos os casamentos entre católicos, independentemente de raça. Isso o Estado fascista não poderia admitir. Pignatti destacou que o Vaticano tinha

reconhecido a "boa base ética" das preocupações do Estado e desaconselhado "casamentos que acarretem o perigo de produzir crianças defeituosas".[28]

Se os protestos do Vaticano contra as leis raciais foram limitados e débeis, o coro de denúncias provenientes dos Estados Unidos esteve longe disso. Devido aos estreitos laços dos italianos com os Estados Unidos, Mussolini temia que a população da Itália mudasse de opinião. A imprensa fascista não demorou a partir para o contra-ataque. O motivo de os Estados Unidos serem tão desfavoráveis, explicaram os jornais, era o fato de os judeus controlarem o governo e a imprensa daquele país.

Um jornal romano chegou a afirmar que os judeus tinham "controle total" do país. Disse que eles ocupavam cinquenta e dois dos setenta e cinco cargos mais importantes do governo dos Estados Unidos e controlavam setenta e cinco por cento da indústria americana. A "mesma força oculta que prevalece na Inglaterra, na França e na Rússia", informou o jornal, "é absolutamente dominante em Washington. É em Washington que as atividades antifascistas e os planos das democracias, que são sinônimos de judiaria e maçonaria, são coordenados". Acusando o presidente Roosevelt, "judeu pela raça", de ser o "Papa da Judiaria Mundial", perguntava quando, afinal, os italianos reconheceriam essa terrível verdade.[29]

A atmosfera no Vaticano ia se tornando cada vez mais incerta. À medida que a situação se deteriorava depressa, o papa ficava mais e mais fraco. Em 25 de novembro, Pio XI sofreu um ataque cardíaco. Embora tenha se recuperado mais uma vez, ninguém achava que fosse durar muito.[30]

★ ★ ★

O CARDEAL PACELLI continuava a ser o mais forte aliado de Mussolini no Vaticano. Depois do inesperado ataque do arcebispo Schuster, Pignatti,

temeroso de que outros seguissem o exemplo, foi ver o secretário de Estado para lhe pedir que enviasse instruções por escrito a todos os bispos da Itália dizendo-lhes para não criticar a campanha antissemita.

O embaixador italiano achou Pacelli compreensivo, mas nem um pouco disposto a se expor. "O cardeal", escreveu Pignatti, "observou que seria fácil dar o conselho que sugeri oralmente, mas que colocá-lo por escrito já seria mais difícil." O embaixador sabia que Pacelli poderia ser pressionado e insistiu. "No fim", disse Pignatti a Ciano, "o secretário de Estado me disse que algo já tinha sido feito na esfera da diocese de Roma. Além disso, anotou meu pedido, prometendo pensar na melhor maneira de cuidar das outras dioceses da Itália."[31]

Mussolini estava preocupado com sinais de que as leis raciais talvez estivessem corroendo o entusiasmo dos italianos pelo regime. Relatos policiais de cidades com números significativos de judeus davam conta de uma insatisfação generalizada. Um informante da polícia em Milão observou que, embora algumas pessoas estivessem sendo conquistadas pela propaganda antissemita, "uma grande maioria ainda considera exageradas muitas dessas medidas e condena o chefe do governo e o Grande Conselho por só terem tomado essas decisões porque a Alemanha as impôs como uma das condições necessárias para a formação do eixo Roma-Berlim". Outro motivo de aborrecimento era que os fascistas encarregados da aplicação da política davam a seus próprios clientes os cargos deixados vagos pelos judeus. Além disso, estavam comprando propriedades judaicas a uma pequena fração do seu valor.[32]

Tendo perdido seus empregos e suas propriedades e tido os filhos expulsos das escolas, os judeus da Itália estavam desesperados. Vizinhos católicos, até então amigos, agora atravessavam a rua, nervosos, para não terem que cumprimentá-los. Havia boatos sobre planos nazistas de estabelecer campos de concentração. Os suicídios de judeus se multiplicaram. Angelo Formiggini, conhecido editor e poeta, escreveu para seus colegas dizendo que, embora fosse um bom italiano, não podia

tolerar aquela perseguição sem fim. Numa carta à mulher, que não era judia, explicou que só a morte poderia livrá-la de abusos. Depois de despachar as cartas no correio, subiu os cento e noventa degraus da torre medieval que se avulta na *piazza* central de Modena e saltou. Uma poça de sangue manchou os paralelepípedos ao redor do corpo despedaçado.

"Morreu como um judeu", gracejou o chefe do Partido Fascista, Achille Starace, ao saber da notícia. "Saltou de uma torre para não gastar dinheiro com uma bala."[33]

CAPÍTULO VINTE E SETE

UMA MORTE CONVENIENTE

Depois de dezesseis anos alimentando sua parceria com o Vaticano, Mussolini começou a deixar que a megalomania, a intensa admiração pelo Terceiro Reich e o sentimento de invencibilidade interferissem em seu julgamento político. O papa se sentia miseravelmente usado. Cada vez mais frágil, sabia que a morte não tardaria.

O assalto à concordata na Itália e a perseguição da Igreja na Alemanha tinham semeado a infelicidade entre os cardeais. "Nossa atitude na questão racial e em especial com relação aos judeus", disse Pignatti a Ciano em meados de dezembro, "tem tido fortes repercussões no Sacro Colégio, cuja maioria agora pode ser considerada desfavorável ao fascismo." Os cardeais temiam que Mussolini viesse a imitar Hitler e lançasse uma campanha contra a influência do clero na Itália.

O ditador italiano continuava desafiador e, na opinião de Pio, sem demonstrar o respeito devido ao pontífice. Desiludido e desanimado, o papa temia não ter sido merecedor da sagrada confiança nele depositada. Havia deixado os sentimentos patrióticos de cidadão italiano prejudicarem seu discernimento. Prometeu fazer o que pudesse no pouco tempo que ainda lhe restava para corrigir seus erros.

Ao saber da nova determinação do papa, Pignatti ficou apavorado. "O pontífice ameaçou fazer alguma coisa antes de morrer que seja lembrada na Itália por muito tempo", disse ele a Ciano, enfatizando as palavras. Pio XI, advertiu ele, poderia usar as comemorações do décimo aniversário do

Tratado de Latrão para pronunciar uma genérica "condenação do fascismo".[1]

Informado sobre essa última advertência, Mussolini explodiu. Pio já morreria tarde. O papa não se dava conta de tudo o que o ditador tinha feito por ele. Não era de hoje que os italianos ressentiam o poder da Igreja. Ele, Mussolini, era quem mantinha os críticos da Igreja sob controle. Se o papa queria jogar o próprio jogo, ele também jogaria o seu, pois sabia como "estimular as sensibilidades anticlericais do povo". A Igreja estava em declínio havia muito, essa queda só estagnara graças aos esforços do Duce para não deixá-la cair. Se os italianos ainda iam à missa, era só porque sabiam que o seu Duce queria que eles fossem. Depois de uma série de veementes protestos dessa natureza, o ditador se acalmou e, sem dúvida incentivado por Ciano, reconheceu, relutante, que não era hora de o papa convocar os católicos para abandonarem o regime fascista. Ele precisava encontrar uma maneira de impedir o rompimento.[2]

Um bispo francês em visita a Roma em meados de dezembro achou o papa muito inquieto, triste, desanimado e ainda se queixando de que Mussolini não respondera à sua carta pessoal sobre a lei matrimonial. "Você é jovem", disse Pio ao prelado francês. "Viverá para ver mais coisas horríveis do que a Igreja viu durante séculos."[3]

Na véspera do Natal, os cardeais se reuniram em volta do papa no Vaticano para receber sua bênção anual. Pacelli, Tardini e os outros membros do clero próximos a Pio estavam nervosos. Em geral, ele mandava o texto de antemão para a Secretaria de Estado, mas não dessa vez.

Sentado no trono, o pontífice segurava as anotações manuscritas com as mãos trêmulas. Começou num tom muito caloroso. Dia 11 de fevereiro seria o décimo aniversário da concordata, lembrou aos cardeais. Agradecimentos deveriam ser feitos "ao mais nobre dos soberanos e ao seu incomparável ministro, a quem se deveria dar crédito por uma obra

tão benéfica e importante ter sido coroada de bom resultado e de um êxito gratificante".

Mas, após elogiar Mussolini, ele repetiu as palavras que poucos meses antes tinham deixado o Duce tão furioso: lamentou "a recente apoteose em Roma, preparada para uma cruz que é inimiga da Cruz de Cristo". Depois, vinculou a aparição da suástica na Cidade Eterna à ferida recém-infligida na concordata e à perseguição de membros da Ação Católica.[4]

Aborrecido, o cardeal Pacelli tentou convencer o papa a apagar a frase ofensiva sobre a suástica na versão publicada de sua fala. Era irrelevante para o argumento principal do pontífice, afirmou, pois ele vinha se concentrando na Itália e não na Alemanha. Mas Pio sabia exatamente o que estava dizendo. Precisava advertir os italianos contra os nazistas. Os rogos de Pacelli, lembrava-se Tardini, foram todos em vão. "O papa se manteve firme." No dia seguinte, *L'Osservatore Romano* publicou seu texto na íntegra.[5]

Mais uma vez, Mussolini ficou furioso, vendo os comentários do papa como outro ataque ao eixo Roma-Berlim.[6] O iminente aniversário do Tratado de Latrão aos poucos adquiria a aparência de um confronto dramático. Pio achava que Mussolini tinha duas opções: usar a data para mostrar ao mundo que ainda observava o acordo ou, esnobando o papa, declarar guerra ao Vaticano. O núncio, ansioso para aliviar a tensão, propôs que o Duce visitasse Pio XI no dia do aniversário, mas o ditador rejeitou a sugestão. Já tinha prestado seu tributo ao papa uma vez, e não o faria de novo.[7]

Os homens do círculo mais íntimo do Duce temiam que ele estivesse perdendo o contato com a realidade. Às vezes Mussolini reconhecia com clareza a importância do apoio do Vaticano e até criticava Hitler por hostilizar a Igreja. No entanto, ficava cada vez mais imprudente. No fim do ano, em seu refúgio costeiro na Romanha, refletiu muito sobre as fatídicas decisões a serem tomadas nos meses seguintes. O embaixador francês na Itália capturou o clima: "Os amigos do ditador, seus íntimos,

são (...) os primeiros a confirmar que ele está se cercando de um véu de sigilo cada vez mais impenetrável, que ele já não é o mesmo de antes, que mudou muito, que já não recebe ninguém e que ninguém, hoje, salvo talvez Ciano, sabe o que ele está preparando ou em que direção está indo."[8]

★ ★ ★

O CASO DO duce com Clara Petacci era cada vez mais objeto de comentários depreciativos, mas ele estava decidido a não desistir dela. Dois meses antes, uma de suas antigas empregadas foi pedir ajuda. Ele lhe deu algum dinheiro, mas, antes de partir, ela, tímida, perguntou se ele sabia o que Roma inteira comentava. Com relutância, o Duce insistiu para que a mulher dissesse o que sabia. "Dizem", contou ela, "que o senhor tem uma jovem amante que é filha de um figurão do Vaticano."

"A fofoca de sempre, *fantasie*", retrucou o Duce, que não gostou nem um pouco daquilo. Tivera muitas amantes nos anos anteriores e nunca sentira medo de que a descoberta desses casos prejudicasse a sua reputação. De fato, até achava que eles contribuíam de modo positivo para a sua imagem. Mas ser vinculado ao Vaticano dessa maneira lhe parecia desagradável.[9]

De volta ao seu gabinete no dia de Ano-Novo, Mussolini ligou para Clara às nove e quinze da manhã, depois mais três vezes antes de enfim telefonar, às duas e quinze da tarde, para dizer que ela podia se juntar a ele. Quando a amante chegou, ele estava sentado numa poltrona no escuro, apenas com uma pequena luz acesa do lado. Havia caído no sono. Quando acordou, pediu à jovem que se sentasse em seu colo, então fizeram sexo. Ele comeu uma tangerina enquanto se vestia, depois voltou para o gabinete e retornou às sete e meia da noite. Sentado com uma pilha de papéis, resmungava imprecações enquanto lia: "Esses porcos franceses! Ouça isto (...) Que idiotas!" Andou de um lado para o outro, o

humor piorando, e disse a Clara que a odiava, como costumava fazer antes de cumulá-la de declarações de amor. "Jamais amei alguém", disse ele. "Tive muitas mulheres, mas era como uma porta giratória." Agora estava muito menos selvagem, disse: e só tinha relações com as duas mulheres que ela sabia — Romilda Ruspi e Alice Pallottelli —, e mesmo assim porque tinham dado à luz filhos dele. Outrora tinha amado Margherita Sarfatti, admitiu, mas por uns dois anos, e a traíra com regularidade. Em seguida, os amantes ligaram o fonógrafo e ouviram a *Quinta Sinfonia* de Beethoven, abraçados, com o casaco de pele de Clara estendido por cima. "Ele segura minha cabeça contra o peito e de vez em quando me acaricia", escreveu Clara em seu diário, "mas está sempre um pouco distraído."[10]

No dia seguinte, o Duce convocou Ciano e Pignatti para discutir os acontecimentos recentes. Ainda meditava sobre a frase "incomparável ministro" que o papa empregara referindo-se a ele em sua fala de Natal. Tinha certeza de que o papa estava sendo sarcástico, achando que ele era um idiota. "Não queremos um conflito", disse Mussolini aos dois homens, "mas não recuaremos diante de ninguém, e nesse caso vamos despertar o adormecido rancor anticlerical." Temeroso da direção que a raiva do Duce poderia tomar, Pignatti tentou defender o pontífice, e Ciano também achou que seria loucura arriscar-se a excluir a Igreja. Mas Mussolini queria pressionar e preparou uma dura nota de advertência para que seu embaixador entregasse ao secretário de Estado do Vaticano.[11]

Pignatti apresentou a nota do Duce a Pacelli no dia seguinte. O cardeal insistiu em afirmar que a frase que tanto aborrecera Mussolini — "incomparável ministro" — tinha sido sincera. O papa quis manifestar seu apreço a tudo o que Mussolini fizera pela Itália e pela Igreja. Pignatti respondeu que as relações com a Santa Sé atravessavam um momento perigoso. Se o Vaticano não tivesse cuidado, advertiu, acabaria se metendo em encrenca.[12]

O que tornou os últimos meses de vida do papa tão penosos foi a constatação de que o sonho de fazer da Itália um Estado confessional — onde a maquinaria do regime autoritário estivesse a serviço da Igreja — tinha sido muito ingênuo. É verdade que ele conseguiu o que nenhum papa moderno tinha conseguido: fazer o governo impor a vontade da Igreja à população italiana. O clero católico agora desempenhava papel ativo em muitas instituições estatais — de escolas a grupos de juventude patrocinados pelo governo — das quais tinha estado ausente. Mas a batalha em torno da lei matrimonial deixara claro que em qualquer assunto que Mussolini considerasse essencial para o regime era ele quem decidia, e não o papa.

O *Daily Mail*, de Londres, publicou uma reportagem do seu correspondente em Roma afirmando que Pio XI planejava uma reunião secreta de cardeais para redigir uma enérgica e inequívoca denúncia do racismo. Havia rumores de que o papa preparava em segredo uma encíclica com o mesmo objetivo. O cardeal Pacelli negou os rumores, mas disse ao embaixador italiano que o pontífice tinha advertido que "teria mais a dizer e na sua idade não tinha medo". Ao transmitir essas observações a Ciano, Pignatti lembrou, muito nervoso, o comentário de Pio de que "antes de morrer poderia fazer alguma coisa de que a Itália se lembrasse por muito tempo".[13]

★ ★ ★

OS COMENTÁRIOS CRÍTICOS do papa sobre o racismo tinham dado aos líderes da Igreja algum espaço para fazerem as próprias críticas. O cardeal Schuster, de Milão, fora o caso mais clamoroso. A possibilidade de outros altos prelados seguirem o seu exemplo deixava Mussolini e seus acólitos muito preocupados.[14]

Roberto Farinacci encabeçou o ataque a Schuster, perguntando em *Il Regime Fascista* como alguém que tinha sido um "superfascista" podia tão

de repente ter passado para o outro extremo. Decerto, nada tinha a ver com a religião católica, afirmou Farinacci, pois ao combater os judeus o fascismo combatia "os inimigos do cristianismo, que ofendem e insultam a Cristo".[15] Farinacci pediu ajuda ao reitor da Universidade Católica de Milão, o padre Gemelli, daria uma importante palestra pública em Bolonha.

Dois dias antes da data marcada, Farinacci enviou uma carta a Mussolini, dizendo ao Duce que recentemente tinha conseguido fazer Giovanni Cazzani, o bispo de Cremona, pronunciar um sermão em apoio à campanha antissemita. E acrescentou: "Espero ter convencido o padre Gemelli a pronunciar uma do mesmo tipo em Bolonha."

Uma semana depois *L'Osservatore Romano*, o jornal do Vaticano, publicaria o sermão do bispo de Cremona, o que dava uma aparência de apoio do Vaticano à campanha racial. Todos os bispos da Itália estavam de acordo em relação ao tratamento dado aos judeus, explicou no prefácio o editor do jornal, e suas ideias estavam em perfeita harmonia com as do papa.

"O exagerado racismo germânico", advertiu o bispo Cazzani, era uma "doutrina contrária à verdade revelada". Mas o fato de os nazistas terem posto em execução a campanha antijudaica pelas razões erradas não queria dizer que as leis raciais da Itália fossem injustificadas. O problema do exagerado racismo dos nazistas era que ele se estendia aos católicos. "A Igreja", disse o bispo, "sempre julgou que viver com os judeus — enquanto continuarem judeus — era perigoso para a fé e para a tranquilidade dos povos cristãos. É por essa razão que vemos uma antiga e longa tradição de legislação eclesiástica e de disciplina destinada a conter e limitar a ação e a influência dos judeus no meio dos cristãos e os contatos de cristãos com eles, isolando os judeus e não lhes permitindo exercer cargos e profissões pelos quais possam dominar e influenciar o espírito, a educação e os costumes dos cristãos." A Igreja, insistia ele, tinha sido injustamente acusada de opor-se às leis contra os judeus. O que ela

condenava era "o exagerado racismo alemão". A Santa Sé "não condenou e não condena qualquer defesa da integridade e da prosperidade da raça, e qualquer precaução legal tomada contra uma influência judaica excessiva e danosa na vida da Nação".[16]

O padre Gemelli estava em Bolonha em 9 de janeiro para participar de um muito alardeado tributo a um médico do século XIV que ali vivera. De forma incongruente — pois o médico não era judeu —, no fim dos seus comentários, Gemelli voltou a sua atenção para os judeus. Os italianos hoje, disse ele à ilustre plateia, "têm sofrido acima de tudo por causa do conflito entre a Igreja e o Estado, que, como resultado dos esforços das cabalas judaico-maçônicas, tentava reduzir a religião a um assunto particular". Graças à solução da questão romana, disse ele, os italianos haviam se tornado "unos em sangue, religião, língua, costumes, esperanças, ideais". Enquanto isso, "aquela terrível sentença que o povo deicida atraiu para si mesmo e pela qual anda vagando pelo mundo é cumprida. Eles são incapazes de encontrar a paz de uma pátria, enquanto as consequências daquele crime horrível os persegue em toda parte e em todas as épocas".[17]

L'Avvenire d'Italia, de Bolonha, o mais influente jornal católico do país, deu ampla cobertura aos comentários de Gemelli. A lição a ser tirada da palestra era "que os cardeais e os bispos sempre e em toda parte combateram o racismo estrangeiro, mas que este nada tinha a ver com a política racial da Itália". Voltando à palestra, uma semana depois, o jornal informou aos leitores que "a fala do padre Gemelli e o sermão do monsenhor Cazzani (...) são uma ilustração autorizada e solene dessa doutrina católica, que é praticada e ensinada por todos na hierarquia da Igreja, de alto a baixo, e pelo soberano pontífice na infalibilidade do seu magistério".[18]

★ ★ ★

O ADOENTADO PAPA dava sinais de estar perdendo o controle da Igreja que por tanto tempo tinha governado com mão de ferro. Os que o cercavam frustravam todas as suas tentativas de impedir que a Itália se juntasse à causa nazista. Quando leu o texto de Gemelli, Pio não resistiu e chorou, mandando Pacelli sair da sala para que pudesse ficar sozinho.[19] Mas naquela semana o jornal do Vaticano tinha publicado, aprobativamente, a justificação das leis raciais de autoria do bispo de Cremona.[20] E, se o pontífice ficou aborrecido com os comentários de Gemelli, isso parece não ter afetado em nada as estreitas relações entre os dois. O papa continuava a dar-lhe acesso singular, recebendo Gemelli mais uma vez em 22 de janeiro.[21] Para os italianos que viam uma disputa entre o Estado fascista e o Vaticano em torno das leis raciais, o que estava em jogo não eram as leis que envolviam os judeus, pois essas o Vaticano endossava, mas o flerte de Mussolini com a ideologia racial nazista, que entrava em choque com a doutrina da Igreja e suas ambições universais.

Convencido de que já não tinha muito tempo de vida, o papa viu o iminente décimo aniversário do Tratado de Latrão como a última chance de se dirigir aos bispos, dos quais dois terços haviam sido nomeados por ele.[22] Sentia-se responsável por eles e, em meio a todos os perigos que o mundo tinha diante de si e de todas as ameaças aos valores cristãos, acreditava ter o sagrado dever de transmitir a vontade de Deus.

O papa queria muito saber se Mussolini estaria em São Pedro para assistir ao seu discurso. O cardeal Pacelli lhe disse que não tinha certeza, mas achava improvável. "Se ele não quer comemorar o décimo aniversário", respondeu Pio, "eu o farei."[23]

No Vaticano, não havia como escapar da sensação de que uma era chegava ao fim. Depois de mais de dezesseis anos, logo haveria um novo papa. Boatos se espalhavam pela Europa. Jornais franceses informavam que o pontífice doente, furioso com Mussolini, queria deixar a Itália e mudar-se para a França, e avaliava os méritos relativos de Avignon e Fontainebleau. O *Daily Mail* e vários programas de rádio ingleses

anunciaram que, enquanto preparava o mundo católico para o seu sucessor, o papa planejava mudar-se para Castel Gandolfo em meados do inverno, para redigir um testamento final, denunciando todos os erros da época. *L'Osservatore Romano* ridicularizou essas notícias, num artigo intitulado "Cronache della Befana" [Contos de fadas]. O papa, informou o jornal do Vaticano, gozava de "excelente saúde".[24]

Mussolini ainda estava furioso com as queixas de Pio sobre as perseguições à Ação Católica italiana nos comentários de Natal que fez para os cardeais, as quais a imprensa estrangeira citara para trombetear a insatisfação do papa com o regime.[25] O embaixador italiano transmitiu o desagrado do Duce ao cardeal Pacelli. Ninguém, respondeu Pacelli, seria capaz de impedir essas explosões papais. "A irritabilidade do Santo Padre fica mais acentuada a cada dia que passa", informou o embaixador a Ciano, "e torna o trabalho de seus colaboradores extremamente difícil."

De acordo com Pignatti, o pontífice andava obcecado com a ideia de que o governo perseguia grupos da Ação Católica. Pegava incidentes menores e os transformava em grandes problemas. Num encontro recente, Pio tinha pedido a Tardini as notícias mais recentes da Ação Católica. Quando ele respondeu que não havia incidentes significativos a relatar, o papa perdeu o controle. Jogando uma pilha de cartas diante do infeliz Tardini, berrou: "Você nunca sabe de nada. Leia o que eles me escrevem."

"Meu medo", disse Pignatti a Ciano, "é que não se possa esperar muita coisa, pelo menos enquanto este pontificado durar." Acrescentou que Pio XI sofria de "irritação cerebral patológica", doença que piorava com a idade.

A situação provavelmente melhoraria quando o papa morresse, mas nada deveria ser deixado por conta do acaso. O governo precisava trabalhar com os cardeais da Itália, discretamente. "É necessário", aconselhou ele, "(...) que haja um bom grupo de cardeais no futuro conclave que possa afirmar, oficialmente, que o governo fascista continua

fiel aos seus acordos e ao espírito que os orienta. O decreto sobre casamentos mistos é uma questão menor, ampliada pela irritabilidade do papa."[26]

Mussolini estava diante de um dilema. Temia participar de uma espetacular produção do Vaticano na qual todas as atenções se concentrassem no pontífice. Por outro lado, porém, não tomar parte nas comemorações daquilo que o mundo via como um de seus grandes triunfos poderia ser interpretado como sinal de fraqueza, como se ele achasse que já não podia contar com o apoio da Igreja.[27]

Mussolini mandou dizer ao cardeal Pacelli que estava disposto a discutir a melhor maneira de organizar as festividades. Propôs uma série de eventos nos quais ele ocupava o centro do palco, como nas comemorações fascistas que presidia regularmente. Ele e o papa fariam discursos separados, trocariam votos de congratulações e celebrariam missas. Mussolini queria celebrar a sua no imenso campo de esportes romano que tinha sido construído em sua homenagem. Não poria os pés em São Pedro. Também desejava oferecer uma recepção aos bispos da Itália enquanto eles estivessem em Roma.

Pacelli transmitiu as propostas do Duce ao papa no dia seguinte, na esperança de encontrar um jeito de apresentar o evento como uma comemoração conjunta da Santa Sé e do Estado italiano. Mas o papa mudou de assunto de repente, passando a atacar Mussolini por não ter respondido à carta sobre a lei matrimonial. Então, voltando às sugestões do ditador para a comemoração, Pio disse que poderia aceitar a troca de mensagens, mas não permitiria que os bispos comparecessem à recepção no palácio Venezia. Seria ele quem os convidaria a Roma, não Mussolini. E, se o Duce quisesse celebrar uma missa em qualquer outro lugar de Roma, o papa decerto não teria nada com isso.

Quanto mais refletia sobre as propostas de Mussolini, mais aborrecido o pontífice ficava. Dois dias depois, disse a Pacelli que tinha mudado de ideia e que não trocaria mensagens de congratulações com o ditador. O

Tratado de Latrão fora assinado em nome do rei, disse ele, e qualquer troca desse tipo deveria ser feita com o monarca, não com o Duce.[28]

★ ★ ★

SETE MESES TINHAM transcorrido desde que o papa convocara em segredo o padre LaFarge a Castel Gandolfo para preparar o rascunho de uma encíclica sobre racismo e antissemitismo. Mas não havia recebido nada. Incapaz de guardar o segredo para seus conselheiros por mais tempo, ele falou do projeto a Tardini e lhe pediu que descobrisse com Ledóchowski o que fora feito do trabalho do jesuíta americano.

Ao mandar o rascunho da encíclica a Rosa, meses antes, Ledóchowski tinha incluído um bilhete na capa: "Envio a Vossa Reverência uma cópia do trabalho do padre LaFarge rezando para que dê uma olhada e me diga (...) se pode ser apresentado desta forma ao Santo Padre como um primeiro rascunho." Ledóchowski se apressou a responder à própria pergunta: "Duvido muito!" Rosa nunca terminou sua revisão.[29] Na noite de sábado, 26 de novembro, quando trabalhava sentado à sua escrivaninha, o antigo editor de *La Civiltà Cattolica*, de sessenta e oito anos, sofreu um ataque cardíaco morreu.[30]

Mesmo assim, Ledóchowski não apresentou o rascunho da encíclica ao papa. Em janeiro, ao encaminhá-lo com relutância ao pontífice, anexou uma carta de própria autoria. De modo revelador, referia-se ao tema da encíclica como "nacionalismo", e não racismo, menos ainda antissemitismo. "Pareceu-nos, ao padre Rosa e a mim", disse Ledóchowski ao papa, "que o esboço não corresponde ao que Vossa Santidade desejava." Rosa estava trabalhando num novo esboço, mas morreu antes de completá-lo. Ledóchowski não deu qualquer explicação sobre o que tinha feito com o material depois da morte de Rosa, mas se ofereceu para ajudar o pontífice no que pudesse para preparar uma versão mais aceitável.[31]

Boatos sobre a encíclica secreta contra o racismo tinham vazado de alguma maneira, e Mussolini e seus conselheiros estavam preocupados. No fim de janeiro, um informante da polícia mandou um longo relatório sobre o último alto prelado a criticar o racismo nazista e seus ecos italianos. O arcebispo — ou patriarca, como era chamado — de Veneza tinha proferido um sermão na Epifania, que *L'Osservatore Romano* publicou. Nada, dissera o cardeal Piazza, justificava as "excessivas exaltações de raças", que não tinham base científica e eram contrários aos ensinamentos da Igreja.[32]

O informante advertia que o crescente fluxo de pronunciamentos antirracistas feitos por altos clérigos "representa uma corrente contínua que tem efeito substancial na opinião pública, devido à natureza oficial de onde se origina, ao vasto sentimento católico das massas, aos poderosos meios de publicidade constituídos pela imprensa católica, de circulação cada vez maior e muito lida por diversos estratos sociais".[33]

Pignatti, comentando o episódio, afirmou que o problema era em parte criação deles próprios. O cardeal Piazza jamais teria feito suas recentes observações contra o racismo se a imprensa fascista não tivesse sido tão efusiva nos elogios a seus comentários anteriores, mais obsequiosos, sobre as leis antissemitas. O patriarca se sentira obrigado a "esclarecer" suas opiniões. "Nenhum prelado", afirmou Pignatti, "por mais alta que seja a sua posição, ousaria se opor ao pontífice, sabendo que seria massacrado se tentasse." Havia apenas uma esperança: "Só um novo pontificado — já escrevi isso diversas vezes no passado — será capaz de adotar uma atitude diferente, conciliatória, na questão racial."[34]

O papa começou a preparar seu discurso, ou melhor, seus discursos, pois tinha resolvido estender as comemorações por dois dias, 11 e 12 de fevereiro. O sábado, dia 11, marcaria o décimo aniversário do Tratado de Latrão com os bispos na presença de dignitários do governo e do corpo diplomático. Na manhã seguinte, o pontífice discursaria só para os bispos e outros altos prelados.[35]

Ciano estava nervoso, temendo o que Pio poderia dizer. "O clima para as comemorações do décimo aniversário está ficando sombrio", escreveu em seu diário.[36]

Mussolini jogava duro. Nenhum funcionário do governo, informou ele a Pacelli, participaria da comemoração sem que houvesse garantias de que o papa não usaria a ocasião para criticar o regime.[37]

O pontífice também mantinha a pressão. Disse a Pacelli para transmitir uma advertência ao Duce: os italianos ficariam chocados se os líderes do país boicotassem a festa de aniversário. Avisou a Mussolini que, se o governo não estivesse representado no mais alto nível, ele se sentiria obrigado a comentar a ausência em seu discurso.

O cardeal Pacelli transmitiu a nova ameaça do papa a Pignatti, acrescentando que Pio ainda estava zangado com o Duce por não ter respondido à sua carta sobre a lei marital. Exasperado, Pignatti lembrou-lhe que Mussolini era quem tinha ditado a resposta do rei ao papa. Portanto, o Duce acreditava já ter respondido. Advertiu que, se o pontífice usasse as cerimônias de aniversário para criticar o regime, "uma situação parecida com a que a Igreja enfrenta na Alemanha poderá ser criada na Itália".[38]

Pignatti tentou um acordo. Sabia que jamais convenceria Mussolini a assistir ao discurso do pontífice em São Pedro, mas, se Ciano comparecesse, talvez bastasse para impedir que o papa dissesse qualquer coisa de fato danosa.[39]

O Duce tornava-se cada vez mais belicoso, achando que a guerra estava próxima e que a grandeza da Itália — e, por consequência, a dele próprio — logo seria demonstrada nos sangrentos campos de batalha. Numa reunião do Grande Conselho, realizada no mesmo dia em que Pacelli e Pignatti discutiam sobre quem do governo deveria participar nas cerimônias de aniversário, Mussolini revelou sua palavra de ordem: "Marcha para o Oceano!" A Itália, disse ele a seus colegas, estava confinada a uma "prisão" mediterrânea. Precisava ganhar acesso aos mares

abertos. Um dos seus primeiros alvos seria a Córsega, e, se uma guerra com a França fosse necessária para adquirir a ilha, ele estava preparado. Apenas uma semana antes, forças de Franco, com ajuda italiana, tinham tomado Barcelona, a última grande cidade espanhola a cair nas mãos do ditador. O mapa da Europa não demoraria a ser redesenhado.[40]

O Duce concordou em deixar Ciano representá-lo na comemoração de aniversário em São Pedro. O príncipe do Piemonte, filho e herdeiro do rei, representaria o monarca.[41] Na metade da semana, todos os jornais da Itália davam notícias da magnífica comemoração a realizar-se no fim de semana, alardeando a participação do ministro do Exterior da Itália e do príncipe.

Com a aproximação do grande evento, a saúde do papa piorou. Seus batimentos cardíacos tornaram-se irregulares, a circulação do sangue, já fraca, ficou ainda mais débil, e ele estava febril. Começara a redigir suas observações para o discurso do sábado no fim da noite de 30 de janeiro. No dia 31, o cardeal Jean Verdier, arcebispo de Paris, foi vê-lo e ficou chocado com a fragilidade de sua aparência. "Uma impressão de fato penosa", lembrava-se ele. "Fisicamente, esse velho papa não passa de uma ruína. Está muito mais magro, o rosto encolhido e rugoso." Mas a mente do pontífice estava lúcida, e a voz, ainda clara. Falava depressa, como se soubesse que tinha pouco tempo de vida e muito a dizer.[42]

No começo da manhã seguinte, o antigo bibliotecário Pio repassou com cuidado os papéis nas gavetas de sua escrivaninha, para ter certeza de que tudo estava em ordem. Depois das audiências daquela manhã, releu o texto do discurso. Estava tão envolvido que seus assistentes tiveram que suplicar para que parasse para almoçar, pois já eram três da tarde. No entanto, ele teve dificuldade para largar o texto, lendo-o em voz alta com lágrimas nos olhos. Finalmente abandonou as páginas, entregando-as a monsenhor Confalonieri para datilografá-las. No elevador de subida para seu apartamento, foi alcançado pelo enfermeiro padre Faustino, alarmado

com sua palidez e fraqueza. Faustino tomou o pulso do papa e constatou, espantado, que tinha caído para quarenta.[43]

Foi Pacelli que levou ao pontífice, já deitado na cama, a boa notícia de que Ciano e o príncipe estariam na cerimônia. Nas semanas anteriores, o refrão constante do papa tinha sido: "Que cafajeste e que traidor Mussolini tem sido comigo!"[44] Agora, começava a sentir alguma paz.

O cardeal Pacelli recomendou a Pio que adiasse a comemoração até recobrar as forças, mas o pontífice sabia que lhe restava pouco tempo. Em 7 de fevereiro, ditou uma mensagem para *L'Osservatore Romano*, que começava dizendo: "O Santo Padre está bem." Quando, ainda naquele dia, Pacelli voltou a insistir para que o papa gravemente enfermo adiasse a comemoração, ele respondeu: "Mas não anunciamos hoje de manhã que o papa está bem?"[45]

No dia seguinte, parecia que o fim poderia chegar a qualquer momento. A respiração de Pio era difícil, ele estava sob efeito de muitos remédios, os batimentos cardíacos permaneciam irregulares. Mas o papa não esquecia o discurso que significava tanto para ele, e pediu a Pacelli que o lesse. O cardeal fez algumas pequenas sugestões. As folhas de papel foram mandadas à gráfica do Vaticano para tirar cópias a serem distribuídas entre os bispos.[46]

O monsenhor De Romanis normalmente ia receber a confissão do papa às sextas-feiras. Quando o tímido monsenhor apareceu ao lado da cama naquela quarta-feira, o pontífice lhe disse que ele devia ter se enganado. Quando o calado monsenhor balbuciou qualquer coisa, envergonhado demais para explicar por que tinha sido chamado dois dias antes, o papa enfim entendeu o motivo da visita. "Nós compreendemos", disse o pontífice, de maneira débil. "Confesse-me."

Na quinta-feira, 9 de fevereiro, sentindo-se um pouco melhor, Pio XI mais uma vez pediu providências a fim de que seu texto para o grande evento estivesse impresso e pronto para ser entregue aos bispos.[47] Junto de seus dois leais assistentes, que trabalhavam para ele desde os tempos de

Milão, recitou o rosário deitado na cama. Então lhes pediu que fizessem a oração que aprendera quando menino:

Jesus, Maria, José, eu vos dou meu coração e minha alma.
Jesus, Maria, José, assisti-me na minha última agonia.
Jesus, Maria, José, expire em paz entre Vós minha alma.

Naquela noite, Pignatti contou a Ciano que o papa estava muito mal. Ciano repassou a notícia para Mussolini, que apenas deu de ombros. O genro do Duce ficou preocupado. Se o pontífice morresse antes da comemoração de aniversário do tratado, o resultado poderia ser "um conclave muito hostil aos nossos objetivos". Depois de semanas de preocupação, ele enfim se convencera de que o espetacular ritual do Vaticano em São Pedro ajudaria a aliviar a tensão; ficaria impresso na alma dos católicos como ainda era sólida a ligação entre a Santa Sé e o regime fascista. Se a cerimônia fosse cancelada, "podemos esperar surpresas desagradáveis".[48]

Aquela noite, enquanto o papa estava de cama, sua condição piorou, e os últimos ritos foram ministrados mais uma vez. Nas primeiras horas da manhã de sexta-feira, 10 de fevereiro, Pio já respirava com ajuda de uma máscara de oxigênio. Por volta das quatro da manhã, o cardeal Pacelli e outros foram avisados e se juntaram à triste cena. Em lágrimas, pediram a bênção do papa. Com grande esforço, Pio abriu os olhos e, fraco demais para falar de forma clara, murmurou algumas palavras, parou, depois murmurou outra coisa. A maioria não conseguiu compreender o que ele disse, mas os que estavam mais perto depois relataram as palavras, "Deus vos abençoe, meus filhos", seguidas por outras ainda mais débeis: "Que haja paz."[49]

Às cinco e treze da manhã, o resignado Pio XI morreu. Seguindo a tradição, o camerlengo, cardeal Pacelli, foi incumbido de verificar

oficialmente a morte. Ajoelhou-se ao lado da cama, afastou o véu que tinha sido posto sobre o rosto do papa e, em voz alta, falou com ele usando seu nome de batismo, Achille, enquanto lhe batia com delicadeza na testa com um macete de prata. Não havendo qualquer movimento do pontífice, Pacelli pronunciou a declaração ritual: "O papa está deveras morto." E tirou o Anel do Pescador do dedo frio do papa.[50]

Os bispos já tinham chegado a Roma para a comemoração que significava tanto para Pio, um evento que alimentava as esperanças de Ciano e os receios de Mussolini. Na mesa do papa estava a pasta de *Humani generis unitas*, a encíclica preparada pelo padre LaFarge. Rejeitando a ideia de que um bom cristão possa abraçar o racismo, ela exigia o fim da perseguição aos judeus. Pio XI desejava ardentemente que essa declaração fosse publicada, mas, entre os que sobreviveram ao pontífice, muitos estavam ansiosos para que fosse sepultada junto com o papa.[51]

CAPÍTULO VINTE E OITO

UMA NUVEM NEGRA SE DISSIPA

Apesar de ter se encontrado com Pio XI muitas vezes, o embaixador francês nunca estivera em seus aposentos particulares. Agora, poucas horas depois da morte do papa, ele se juntou à cena macabra do andar de cima do palácio papal. Entrou numa sala grande, de teto alto, sua aparência majestosa arruinada, na sua opinião, pela mixórdia de obras de arte incompatíveis, amadorísticas, que cobriam as paredes. Uma delas exibia "um bordado exótico de gosto medíocre", oferta das freiras que o teceram. Outros objetos variados, dados de presente ao pontífice por missões do mundo inteiro, decoravam o resto da sala.

Depois de assinar o nome num livro de convidados, Charles-Roux seguiu pelo estreito corredor que levava ao dormitório do papa. Ali jazia o corpo do pontífice na cama de armação de ferro, trajando batina branca, com um solidéu papal vermelho de bordas de arminho enterrado até as orelhas. A cabeça repousava num travesseiro simples. Nas mãos, juntas sobre o peito, havia um crucifixo e um rosário. "A vida", observou o embaixador francês, "abandonara aquele corpo em estado lamentável." O rosto estava completamente mudado, "derrotado, arruinado". Uma grande vela ardia em cada canto da cama. Soldados da Guarda Nobre ladeavam-no, em posição de sentido, segurando o sabre.

Ao voltar pela sala de recepção, Charles-Roux ficou horrorizado. Outros homens da Guarda Nobre, aguardando sua vez, matavam o tempo conversando, em pequenos grupos, com altos prelados e

funcionários laicos. Os homens falavam alto, não demonstrando o menor sinal de tristeza ou respeito.[1]

"O papa está morto", escreveu Ciano em seu diário em 10 de fevereiro. "A notícia deixa o Duce totalmente indiferente." Naquela tarde, Ciano foi ao Vaticano prestar sua homenagem. O cardeal Pacelli o recebeu e acompanhou até a Capela Sistina. O corpo emaciado do pontífice tinha acabado de chegar. Jazia numa alta plataforma sob o teto abobadado, que exibia afrescos de Michelangelo. De onde estava, Ciano só conseguia ver as sandálias brancas e a bainha do manto papal. Quando voltavam para o pátio, lembrava-se Ciano, Pacelli "falou comigo sobre as relações entre o Estado e a Igreja com expressões muito agradáveis e esperançosas".[2]

Mussolini ainda estava aflito, e, de qualquer forma, tornara-se tão enamorado de si mesmo que seus auxiliares tiveram que massageá-lo para que ele conseguisse manifestar algum sinal de luto. O Vaticano esperava que o Duce fosse ao velório naquele dia na Capela Sistina, mas ele não apareceu. Um dos presentes notou a sua ausência: "Hoje o rei foi visitar o corpo por volta das sete da noite", anotou em seu diário. "Mussolini não foi, talvez porque não se dignasse a ir; talvez porque não quisesse desagradar a Hitler."[3]

Pignatti e Ciano tinham refletido muito sobre aquele momento. Apesar de Mussolini afirmar, de vez em quando, que não se importava com o que poderia acontecer no iminente conclave, ambos sabiam que era muito importante que o papa seguinte fosse alguém com quem pudessem trabalhar. O medo constante de que o pontífice pudesse fazer algo para jogar os católicos da Itália contra eles havia sido um pesadelo.[4]

E, apesar de dizer que tinha pouco interesse no conclave, o Duce ouviu uma coisa que o deixou preocupado. Ao que parecia, enquanto arrumavam o quarto do papa, funcionários do Vaticano tinham descoberto, em cima da escrivaninha, um documento secreto que entregaram na mesma hora ao cardeal Pacelli. Em 12 de fevereiro,

Mussolini pediu a Ciano que descobrisse de que se tratava. Ciano repassou a ordem para Pignatti e resolveu aproveitar aquele dia de fevereiro inusitadamente quente e ensolarado em seu clube de golfe.[5] Mussolini também tinha outros planos. Quando, às quatro e meia da tarde, Clara Petacci chegou ao apartamento deles no palácio Venezia, levando sanduíches e um buquê de violetas, teve a surpresa de encontrar o amante já à sua espera, sentado numa poltrona, lendo jornal. Clara achava que ele chegara antes para se certificar de que nada de incriminador restara do seu encontro amoroso anterior. "Dê-me um beijo", disse o Duce, "venha sentar-se em meu colo." Nas horas seguintes, enquanto os fiéis formavam fila diante do corpo do papa no Vaticano, o casal fez sexo duas vezes.[6]



38. O cardeal Pacelli acompanha Galeazzo Ciano para ver o corpo de Pio XI, 10 de fevereiro de 1939

Enquanto o ditador se mantinha ocupado dessa maneira, Pignatti seguia para um encontro com o núncio Borgongini para indagar sobre o documento secreto que Pio teria deixado e sobre outra história perturbadora que tinha ouvido. Um jornal estrangeiro noticiara que, durante a reunião dos bispos da Itália na manhã de sábado, no Vaticano,

um dia depois da morte do papa, cada um recebeu uma cópia de um documento secreto denunciando o fascismo. O pontífice determinara, como seu último desejo, que recebessem sua mensagem, caso não vivesse para entregá-la ele mesmo. Borgongini assegurou ao embaixador que a história não poderia ser verdadeira, uma vez que ele próprio estivera com os bispos naquela manhã. Sugeriu que o boato talvez tivesse surgido porque, ao sair do Vaticano, cada bispo levava um grande envelope na mão. Num dos seus últimos momentos, o papa tinha decidido dar a cada bispo mil liras para cobrir despesas de viagem e patrocinar uma missa em sua cidade de origem em homenagem à ocasião. Era esse o conteúdo dos envelopes que o repórter vira.[7]

Não está claro se os rumores de que Pio XI ia fazer uma denúncia do fascismo surgiram de vazamentos sobre os planos do pontífice relativos a uma encíclica secreta contra o racismo. Todos os indícios indicam que os padres LaFarge e Gundlach, apesar de insatisfeitos com o fato de seus esforços terem sido sabotados, guardaram o voto de sigilo, e nem Ledóchowski nem Rosa tinham o menor interesse em que ninguém de fora soubesse do plano do papa. Pio XI, tendo recebido o texto apenas três semanas antes de morrer, nunca teve chance de fazer nada com ele.

Ao saber da preocupação de Mussolini, Pacelli não perdeu tempo. Em 15 de fevereiro, ordenou ao secretário do pontífice que juntasse todo o material escrito que Pio produzira quando preparava seu discurso. Também mandou a gráfica do Vaticano destruir todas as cópias já impressas do discurso, cópias que o papa tencionava entregar aos bispos. O vice-diretor da gráfica deu sua palavra de que destruiria tudo ele mesmo, de modo que não sobrasse "nem uma vírgula". Pacelli tomou essas providências dois dias depois de saber dos receios de Ciano de que o texto do discurso papal fosse divulgado. Pacelli também pegou o material que Ledóchowski enviara para o pontífice três semanas antes — e que desde então ficou conhecido como a "encíclica secreta" contra o racismo —, ansioso para garantir que ninguém mais o visse.

As palavras que o papa preparara com tanto esmero em seus últimos dias de vida não seriam vistas enquanto Pacelli vivesse. Só vinte anos mais tarde, quatro meses após a morte de Pacelli, o papa João XXIII, num dos seus primeiros atos, divulgaria trechos do discurso. Mas ele suprimiu as passagens mais críticas ao regime fascista, supostamente para proteger Pacelli, suspeito de ter sepultado o discurso a fim de não ofender Mussolini ou Hitler. O mundo só viu o texto na íntegra quando o Vaticano abriu os arquivos do papado de Pio XI em 2006.

O discurso estava longe de ser a retumbante denúncia do regime fascista que Mussolini temia, mas o Duce não teria gostado que ele fosse ouvido pelos bispos da Itália e, depois, lido por milhões de pessoas mundo afora. O papa lamentava os esforços para esconder e deturpar seus discursos e aconselhava os bispos a ficarem atentos quando falassem com "os chamados hierarcas" do governo. "Tenham cuidado, caríssimos Irmãos em Cristo, e não esqueçam que em geral há observadores e informantes (seria melhor chamá-los de espiões) que, por iniciativa própria ou porque estão incumbidos de fazê-lo, escutam-nos para condená-los, depois, como se sabe, mesmo não tendo entendido nada e, se necessário, entendendo exatamente o contrário." Lamentou "esses pseudocatólicos que parecem felizes quando julgam perceber uma discordância ou discrepância entre um bispo e outro, melhor ainda entre um bispo e um papa". Recomendou aos bispos que jamais usassem o telefone para dizer coisas que não quisessem que fossem divulgadas, pois era provável que suas linhas estivessem grampeadas. ("Em todos esses anos não usamos sequer uma vez o telefone", disse o papa com orgulho.)

Pio XI lamentou de passagem a perseguição da Igreja na Alemanha e repreendeu com severidade aqueles que a negavam. Seus comentários finais atingiram o ponto que ele desejava ardentemente partilhar com os bispos: estava ansioso para ver o dia em que "todos os povos, todos os países, todas as raças se juntassem e todos do mesmo sangue no vínculo comum da grande família humana" se unissem na única "verdadeira Fé".[8]

Junto ao texto do discurso de sábado do papa, Pacelli pegou as anotações que o pontífice tinha preparado para a fala de domingo aos bispos. Apesar de não terem sido encontradas, Tardini viu o material e deixou uma descrição. Entre os pontos mais importantes que Pio planejava abordar estavam três que não teriam agradado ao Duce: a Ação Católica, a situação religiosa na Alemanha, e a "ferida infligida à concordata pela proibição de casamentos entre arianos e não arianos".[9]

Mussolini jamais saberia que Pacelli fora quem tinha dado a ordem para suprimir os últimos projetos do papa. O que lhe disseram, em vez disso, foi que o Sacro Colégio de Cardeais decidira, numa reunião especial sepultar o discurso, por julgá-lo hostil demais a Mussolini. Os cardeais, ou pelo menos a maioria italiana, segundo lhe informou Pignatti, agora estavam ansiosos para concentrar seus votos numa pessoa que tivesse uma atitude mais conciliatória para com o regime fascista.[10]

Mussolini esperava que Pignatti estivesse certo, mas tinha motivo para se preocupar. As conjecturas sobre a escolha mais provável variavam, estonteantemente, de Jean Villeneuve, arcebispo de Quebec — tido como o mais provável não italiano —, ao recente antagonista de Mussolini, o cardeal Schuster. *The Boston Globe* publicou fotos do cardeal Schuster e do cardeal Giovanni Piazza, patriarca de Veneza, que segundo o jornal seriam os candidatos mais fortes.[11] *The New York Times* dava Piazza como favorito, seguido por oito candidatos, ordenados de acordo com suas supostas chances. Eugenio Pacelli estava no fim da lista. Não tinha experiência pastoral — todos os outros presidiam arquidioceses —, e havia uma longa tradição de não escolher um secretário de Estado ou um camerlengo; Pacelli era as duas coisas.[12]

Apesar de muita gente de fora achar que Pacelli tinha poucas chances, havia muito Mussolini vinha recebendo relatos de informantes da polícia identificando-o como o favorito. Constava que Pio XI via seu secretário de Estado como o sucessor mais qualificado. Na verdade, segundo Mussolini foi informado, o papa tinha despachado Pacelli em muitas

missões no exterior — França, América do Sul, Estados Unidos e outros países — para ajudá-lo a conquistar o apoio dos cardeais estrangeiros. Tudo isso era boa notícia para o Duce. Um relatório secreto da polícia no ano anterior descrevera Pacelli como "homem de grande mérito intrínseco, excelente italiano, grande e sincero amigo do nosso regime". E dava um conselho: por essa razão, "os bons círculos do Vaticano contam, ardorosamente, com a sabedoria do nosso governo, que — em especial neste momento —, dizem eles, deveria evitar a todo custo mostrar — mesmo remotamente — qualquer simpatia pelo cardeal Pacelli".[13]

Depois da morte do papa, relatos similares continuaram a chegar. Um informante da polícia falou com o cardeal Angelo Dolci, ex-núncio papal, que também considerava Pacelli a escolha mais provável. "Dolci, que é um bom italiano, muito simpático ao fascismo e admirador do Duce", disse o informante, "continua convencido de que Pacelli seria um verdadeiro amigo do regime como pontífice." O cardeal Dalla Costa, de Florença — visto como homem tão santo que era capaz de realizar milagres —, também era tido como candidato forte. Se um desses dois fosse eleito, o conclave seria muito curto; se não fosse, poderia arrastar-se por semanas.[14]

O governo decretou feriado no dia do funeral do papa, fechando escolas, escritórios e cinemas. Relutante, Mussolini compareceu à cerimônia, realizada na Igreja de Sant'Andrea della Valle, em Roma, assim como outras altas autoridades do governo, além do rei e da rainha.[15]

Para Mussolini e os outros líderes fascistas, era como se eles tivessem acordado e descoberto que uma dor irritante que os afligia havia muito tempo tinha desaparecido por milagre. A mão firme de Pacelli podia ser sentida em toda parte. Nos oceanos de tinta que o Vaticano e a imprensa católica dedicaram ao papado de Pio XI, seu conflito com o regime não foi mencionado, nem seu conflito com Hitler e os nazistas. Os jornais

italianos entenderam logo a mensagem. Em sua prodigiosa cobertura do papado de Pio XI, deram grande destaque à Conciliação. Se o papa algum dia tivera algo de negativo a dizer sobre Mussolini ou o fascismo, isso foi esquecido.[16]

No dia da morte do papa, Pignatti deu ao Ministério do Exterior uma lista de todos os conclavistas, com as respectivas idades, do cardeal Pignatelli di Belmonte, de oitenta e oito anos, ao cardeal Tisserant, de cinquenta e cinco. Dos sessenta e dois membros do Sacro Colégio, trinta e cinco eram italianos.[17]

No dia 18, enquanto os cardeais se reuniam em Roma, Diego von Bergen, embaixador da Alemanha na Santa Sé, foi falar com seu homólogo italiano. Bergen estava ansioso para contar a Pignatti sobre sua recente conversa com o cardeal Pacelli: o cardeal ficara comovido com a mensagem de pêsames de Hitler e pedira que seu agradecimento pessoal e o do Sacro Colégio fossem transmitidos ao Führer. Pacelli também queria que Hitler soubesse que ele esperava que a conciliação entre o Reich e a Santa Sé agora fosse possível. A mensagem tinha agradado bastante ao governo nazista.

"O embaixador me disse", contou Pignatti, "que, se a escolha do conclave recaísse sobre o cardeal Pacelli, Pacelli faria o possível para reconciliar-se com a Alemanha e, provavelmente, teria êxito."

O embaixador italiano deu um conselho a Bergen, com a intenção de ajudar as duas causas. As relações do Reich com o Vaticano só poderiam ser reparadas, disse ele, se o governo alemão tomasse a iniciativa de melhorar o clima. Em primeiro lugar, os jornais alemães precisavam baixar o tom das críticas ao Vaticano. Os cardeais prestavam muita atenção ao que se dizia na imprensa estrangeira, e artigos hostis recentes da Alemanha não estavam ajudando.[18]

Pignatti também recomendou ao embaixador da Alemanha que fizesse o possível para que os quatro cardeais alemães assumissem uma atitude conciliatória no conclave. Se pregassem uma guerra santa contra o regime

nazista, advertiu ele, "tudo estaria perdido". Era crucial que convencessem os outros cardeais de que um acordo com os nazistas ainda estava ao alcance. Bergen disse que telegrafaria na mesma hora para Berlim a fim de pedir um fim às polêmicas na imprensa. Quanto aos cardeais alemães, declarou-se otimista.[19]

Para o embaixador italiano, a questão do comportamento dos cardeais alemães no conclave era importante demais para ficar por completo nas mãos de Bergen. Em 21 de fevereiro, ele visitou Ledóchowski para pedir ajuda; o superior geral dos jesuítas disse que faria o possível para ajudar.[20]

Com a aproximação do conclave, Pignatti voltou a procurar a embaixada alemã, falando com o vice de Bergen, Fritz Menshausen. O enviado nazista, informou Pignatti, "insistiu diversas vezes na candidatura de Pacelli como papa e de Tedeschini" — antigo núncio na Espanha — "como secretário de Estado. Seria a melhor solução para a Alemanha e deveria possibilitar um alívio nas relações entre a Santa Sé e o Reich".[21]

Pignatti corria de um cardeal italiano para outro, tentando convencê-los a escolher um papa que fosse favorável ao regime fascista e não criticasse os nazistas em público. Os cardeais alemães apoiaram Pacelli, portanto ele achava que, se os cardeais franceses entrassem na linha, o resto dos não italianos faria o mesmo. Os cardeais italianos eram outra história. Criticavam Pacelli "por uma fraqueza de caráter, por ser facilmente influenciável e por de vez em quando tropeçar, como acontece com as pessoas fracas". Pignatti repassou tudo isso a Ciano, acrescentando: "Esses pontos, na minha opinião, têm muito fundamento."[22]

O trem que trazia o cardeal Baudrillart de Paris chegou a Roma em 20 de fevereiro. Profundamente dedicado a Pio XI, o francês ficou perturbado ao ouvir tantos colegas fazerem críticas ao pontífice. "Neste país deixa-se rapidamente de ser um grande homem", observou o cardeal. Dois dias depois de chegar, foi ver Pacelli que, não sem alguma

hesitação, se dispôs a refletir sobre suas próprias chances no conclave. "No fim das contas", previu Baudrillard, "ele será um conciliador."[23]

Quem mais resistia entre os cardeais franceses era Eugène Tisserant, que achava Pacelli ansioso demais para agradar aos alemães; preferia o antigo núncio na França, Luigi Maglione. Os cardeais franceses discutiram o assunto e chegaram a um acordo: Pacelli como papa e Maglione como secretário de Estado. Tisserant foi ver Pacelli, que, aparentemente sem saber que Tisserant lhe fazia restrições, confidenciou-lhe seu nervosismo. Estava convencido de que os cardeais italianos da Cúria não gostavam dele e não lhe dariam seu voto.

— Seria melhor que eu pegasse meu passaporte e fosse para a Suíça logo depois do conclave — disse Pacelli, referindo-se ao lugar onde costumava passar férias.

— Os cardeais franceses vão aguentar firme — respondeu Tisserant, tentando tranquilizá-lo. — No entanto, a decisão deles será unânime e mais sólida se souberem que o senhor planeja escolher o cardeal Maglione como secretário de Estado.

— Pode lhes dar a minha palavra — retrucou Pacelli, e o negócio foi fechado.[24]

★ ★ ★

"O GRANDE DIA chegou." Era quarta-feira, 1º de março, e o conclave ia começar. Baudrillart acordou às 5h30 e, depois de celebrar missa, partiu para o Vaticano. Vestiu-se com outros cardeais, e depois todos marcharam para a Capela Paulina, onde uma missa foi celebrada, seguida por um "glacial e monótono" sermão em latim que poucos conseguiram decifrar. No começo da noite, os três últimos cardeais chegaram — William O'Connell, arcebispo de Boston; Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro; e Santiago Copello, arcebispo de Buenos Aires. O navio deles tinha aportado em Nápoles naquela manhã.[25]

Enquanto os outros cardeais foram amontoados em pequenos quartos do palácio Apostólico, o cardeal Pacelli, como camerlengo, teve o privilégio especial de ficar em seu próprio apartamento, tecnicamente dentro da restrita área do conclave. Os outros cardeais jantaram juntos. Pacelli jantou sozinho.[26]

Na manhã seguinte, os cardeais fizeram fila para entrar na Capela Sistina, alguns mais velhos andando com dificuldade. Cada um encontrou o seu lugar marcado com a pequena mesa coberta, formando duas filas ao longo da capela, uma de frente para a outra. A essa altura estava claro que ou o príncipe herdeiro de Pio XI, Eugenio Pacelli, ganhava numa primeira votação, ou, se seus detratores conseguissem bloquear a eleição, o conclave se estenderia por muitos dias.

Três cardeais foram escolhidos por sorteio para contarem os votos. Então o silêncio tomou conta da capela à medida que cada cardeal enfiava a pena no tinteiro e rabiscava o nome do seu candidato num pedaço de papel. Um a um eles se levantaram e formaram uma fila. Ao aproximar-se do altar, cada um se ajoelhava, oferecia uma prece e recitava o juramento, em latim, depois depositava o papel dobrado com o voto.

Na primeira votação, Pacelli recebeu trinta e dois votos, uma pequena maioria dos sessenta e dois cardeais presentes. Nove tinham votado em Dalla Costa, o arcebispo de Florença, e sete em Maglione, o antigo núncio papal na França. Pacelli precisava de mais dez votos para alcançar a necessária maioria de dois terços. Outros favoritos, no passado, tinham conseguido maioria e desaparecido, por não conseguirem angariar mais apoio. "Quem entra no conclave como papa sai como cardeal", diz o velho adágio, não sem alguma base histórica.

Para uma segunda rodada, os cardeais sentaram-se às suas mesas, cada um escrevendo no papel o nome de sua escolha e dobrando-o. Mais uma vez formaram uma fila e, seguindo o velho rito, levaram o voto até o altar. Dessa vez Pacelli obteve mais oito votos, mas ainda não bastava. Outra vez, palha molhada foi acrescentada às tiras de papel na lareira, para

que uma fumaça negra se formasse acima do palácio Apostólico. As duas votações da manhã estavam concluídas. Nenhum papa fora eleito. Os cardeais fizeram uma pausa para almoçar.

Quem esperava que Pacelli fosse barrado teve uma decepção quando os cardeais se reuniram depois do almoço para a terceira votação. Apenas catorze ainda resistiram ao que a muitos parecia inevitável. Eugenio Pacelli, que por nove anos servira como secretário de Estado de Pio XI, recebeu quarenta e oito votos. Ultrapassara os dois terços exigidos, com sobra de meia dúzia de votos. Era seu sexagésimo terceiro aniversário.[27]



39. O recém-eleito papa Pio XII abençoa a multidão na praça de São Pedro, março de 1939. O cardeal Caccia Dominioni está na frente, à direita do papa

Antes que se pudesse anunciar o novo papa ao mundo, ele precisava declarar formalmente sua aceitação. O alto e descarnado Pacelli — sério, digno e piedoso — tremia, mas, como observou Baudrillart, "não foi capaz de fingir que recusaria o cargo que havia tanto tempo desejava". O

cardeal-diácono, Camillo Caccia Dominioni, andou a passos largos até a *loggia* de São Pedro para falar à multidão agitada que mantinha os olhos pregados na porta desde que a fumaça branca havia subido. "*Habemus papam*", entoou. Quinze minutos depois, o novo papa apareceu na sacada para abençoar a multidão entusiástica. Adotou o nome de Pio XII, em homenagem não só ao homem com quem passou tanto tempo, mas também a Pio IX e Pio X, heróis dos tradicionalistas da Igreja.[28]

Naquela noite, Pignatti deu a notícia a Ciano, atribuindo o êxito de Pacelli ao fato de ter deixado claro para os colegas que, embora como secretário de Estado tivesse executado fielmente as ordens do papa, preferia uma atitude bem mais obsequiosa para com a Itália e a Alemanha.[29]

Ciano recebeu a boa notícia quando voltava de uma viagem a Varsóvia. Em seu diário, recordou a conversa que teve com Pacelli no dia da morte do papa: "Ele foi muito conciliador e parece também que nesse meio-tempo melhorou as relações com a Alemanha. Na realidade, Pignatti só me disse ontem que ele era o cardeal preferido pelos alemães." Em Roma, na tarde do dia seguinte, Ciano foi ver Mussolini, que estava satisfeito com a eleição de Pacelli. O Duce disse a Ciano que ajudaria o novo papa dando-lhe conselhos sobre como governar com a eficiência a Igreja. Mussolini ordenou à imprensa que elogiasse o novo papa: "Comente com aprovação a eleição do novo pontífice", diziam as instruções, "lembrando sua piedade, sua cultura e sua vasta experiência política."[30]

Mal passadas quarenta e oito horas desde a eleição, o papa Pacelli convocou o embaixador alemão, encontrando-se com ele na manhã de 5 de março. Pio XII tinha pressa em assegurar ao governo nazista que buscava uma nova era de entendimento. Depois de dizer a Bergen o quanto se sentia perto do povo alemão por ter passado tantos anos em Munique e Berlim, ele tocou no assunto principal. Compreendia que países diferentes adotassem diferentes formas de governo, e não era

função do papa julgar os sistemas que outros países escolhiam. Lembrou a Bergen que eles dois mantinham uma boa relação pessoal havia trinta anos. Manifestou o desejo de que isso não mudasse.[31]

Bergen ficou satisfeito, mas se viu na posição inusitada de ter que advertir o governo nazista contra as expectativas exageradamente promissoras. "A atitude da nossa imprensa para com o novo papa", escreveu ele ao Ministério das Relações Exteriores da Alemanha três dias depois, "tem sido observada bem de perto, não só no Vaticano, mas também em círculos italianos, e recebida com satisfação." Ele tinha mandado para Pio XII cópias de vários artigos positivos saídos na imprensa alemã sobre a sua eleição, na esperança de que ajudassem a convencê-lo a acabar com o tom antinazista de *L'Osservatore Romano*. Mas acrescentou uma advertência: "O inegável relaxamento da tensão que predomina aqui desde a morte do papa despertou fortes esperanças em alguns setores de uma remoção imediata das diferenças entre a Alemanha e o Vaticano." Para evitar "expectativas exageradamente otimistas" e "superar as consideráveis dificuldades", aconselhou ele, "paciência e tempo são necessários, além de boa vontade".[32]

Uma semana depois, em 12 de março, quarenta mil pessoas se reuniram em São Pedro para assistir à coroação do novo papa. Uma procissão de dois mil prelados em seus mantos abastados e de convidados distintos, muitos de uniforme diplomático ou militar, marchou com solenidade. Um pelotão da Guarda Suíça em uniforme de gala com reluzentes alabardas abriu caminho, seguido por uma longa fila com representantes de todas as ordens religiosas e, mais atrás, centenas de bispos e cardeais, com seus mantos escarlates, cobertos por vestes brancas e douradas. Enfim veio a figura sombria do novo pontífice, usando uma mitra cravejada de joias brilhantes, carregado num trono por funcionários de libré de veludo vermelho. Atrás dele caminhavam dois prelados portando imensos leques de pena de avestruz, que abanavam com delicadeza, seguidos por mais homens da Guarda Nobre e da Guarda

Suíça, os comandantes com brilhantes armaduras de prata e elmos emplumados.[33]

O homem que teria a honra de colocar a tiara papal na cabeça de Pacelli era ninguém menos do que o cardeal Caccia Dominioni. De alguma maneira, o Vaticano e a política fascista tinham conseguido ocultar o rastro de acusações de pederastia do cardeal. O último episódio nos arquivos da polícia tinha acontecido pouco tempo antes. Enquanto viajava num ônibus em Roma, em agosto, um policial teve a atenção despertada pelas caixas de cigarro que um jovem mensageiro carregava. Desconfiado, o policial descobriu que elas não tinham o selo fiscal exigido pela lei italiana. Quando perguntou ao rapaz onde tinha conseguido o contrabando de cigarros, ele respondeu que fora presente de um figurão do Vaticano. Pressionado, o menino identificou o cardeal Caccia. Quando a polícia telefonou ao cardeal para apurar a história, ele confirmou o relato, e pediu que o menino fosse deixado em paz. "Como Caccia Dominioni tem reputação de pederastia", concluiu o informante da polícia, "estão dizendo que a razão da oferta dos cigarros foi fácil de explicar."[34]

Joseph Kennedy, enviado pessoal do presidente Roosevelt à cerimônia de coroação, tinha outro tipo de interesse sexual em mente enquanto andava pelo corredor ao lado do uniformizado Galeazzo Ciano. "Nunca na vida conheci um asno mais pomposo", comentaria Kennedy mais tarde. Enquanto marchava pela basílica, Ciano não parava de fazer a saudação fascista, comportando-se de tal maneira que parecia que ele "tentava dividir as homenagens com o papa". No chá em honra da ocasião, Ciano passou o tempo todo acossando mulheres bonitas. No jantar, "não conseguia falar a sério durante cinco minutos, com medo de que as duas ou três moças, convidadas para convencê-lo a vir, pudessem desaparecer". Pelo que observou de Ciano e ouviu sobre Mussolini, Kennedy ficou "achando que poderíamos obter resultados muito

melhores mandando uma dúzia de coristas bonitas a Roma do que um bando de diplomatas e uma frota de aviões".[35]

★ ★ ★

EM 15 DE março, três dias depois da coroação do papa, o exército alemão tomou conta do resto da Tchecoslováquia. Em Praga, no dia seguinte, Hitler proclamou o país um protetorado da Alemanha.[36] Poucos poderiam negar que a Europa estava prestes a passar por outra guerra terrível.

No dia seguinte ao triunfal discurso do Führer em Praga, Ciano teve seu primeiro encontro com o novo papa e ficou feliz de ver que ele não tinha mudado, que continuava "bondoso, cortês e humano". Pio XII manifestou sua preocupação com a situação alemã, mas disse a Ciano que planejava assumir uma atitude mais conciliatória com o Reich e esperava ver melhoras nas relações do Vaticano com Berlim. Se esses esforços dessem resultado, comentou, o governo nazista teria que fazer a sua parte. Ciano, satisfeito com o que ouviu, disse acreditar que Mussolini poderia ajudá-lo a convencer Hitler a cooperar. Com relação ao recente conflito do Vaticano com o governo italiano, o novo papa "se declarou otimista", escreveu Ciano. Prometeu remover o cardeal Pizzardo da chefia da Ação Católica e confiar sua direção a um comitê de arcebispos diocesanos. Mussolini havia muito queria que Pizzardo fosse demitido, mas Pio XI jamais concordou.

O Vaticano tinha perguntado recentemente aos bispos da Itália se ainda havia alguma tensão entre grupos da Ação Católica em suas dioceses e autoridades dos governos ou do Partido Fascista locais. As respostas chegaram nas semanas seguintes à morte de Pio XI. Com a notável exceção de Milão, onde o cardeal Schuster relatou dificuldades, o quadro era animador. Praticamente todos disseram que as relações eram excelentes. O novo papa fez a sua parte, instruindo Dalla Torre a evitar

publicar qualquer coisa em *L'Osservatore Romano* que o governo italiano ou o alemão pudessem achar "irritante". Para Mussolini e todos aqueles que desejavam um retorno aos dias felizes de cooperação entre o Vaticano e o regime fascista, foi como se uma nuvem negra se dissipasse.[37]

CAPÍTULO VINTE E NOVE

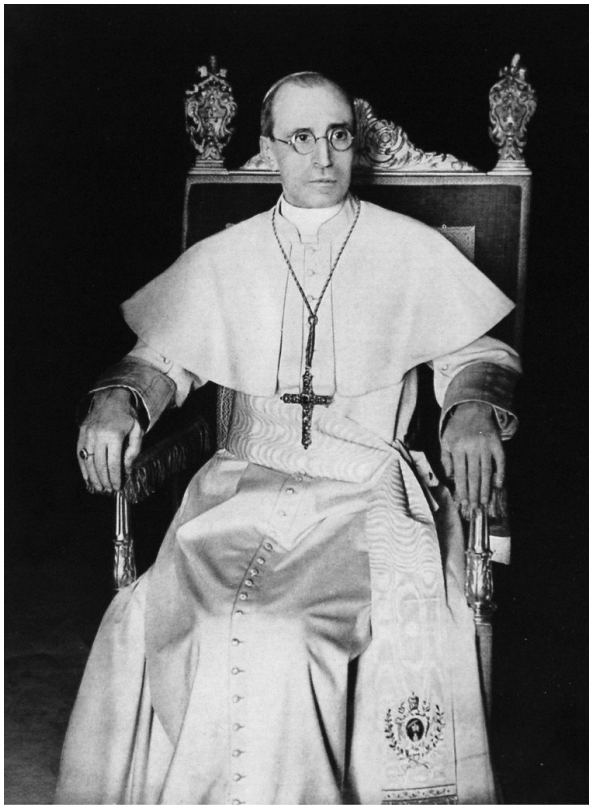
RUMO AO DESASTRE

Na Sexta-Feira da Paixão, 7 de abril, Mussolini enviou tropas italianas para a Albânia. O novo papa, sob pressão internacional para denunciar a invasão, nada disse. "Nem uma palavra de sua boca sobre a sangrenta Sexta-Feira da Paixão", queixou-se um importante intelectual católico francês.[1] O embaixador da Itália na Santa Sé ficou muito aliviado com a nova atmosfera no Vaticano. "Agora está claro", disse Pignatti a Ciano duas semanas depois, "qual é a paz que Pio XII invoca para a humanidade. Não é a paz de Roosevelt, mas a do Duce."[2]

O contraste entre os dois papas era óbvio para todos que os conheciam. O repórter americano Thomas Morgan, que passou anos em Roma e com frequência encontrou os dois, descreveu-os como homens de temperamentos opostos. Enquanto Pio XI era "gladiatório, desafiador, autoritário e inflexível", seu sucessor era "convincente, consolador, simpático e conciliatório". Ou, como disse o embaixador francês Charles-Roux, um montanhista de Milão foi sucedido por um burguês romano; um homem pronto a dizer o que pensava substituído por um diplomata cauteloso.[3]

O governo nazista também ficou satisfeito com as tentativas feitas pelo novo papa de reparar o dano causado por Pio XI. Em suas memórias, Ernst von Weizsäcker, chefe do Ministério do Exterior alemão que logo sucederia Bergen como embaixador alemão na Santa Sé, escreveu: "Se Pio XI, tão impulsivo e enérgico, tivesse vivido um pouco mais, muito

provavelmente haveria um rompimento nas relações entre o Reich e a Cúria."[4] Mas, como se viu, no aniversário de Hitler, 20 de abril, o núncio papal em Berlim transmitiu pessoalmente ao Führer os votos de felicidades do novo pontífice. Em toda a Alemanha, sinos tocaram em comemoração. Os jornais alemães cobriram de elogios o papa Pacelli, louvando-o por cumprimentar calorosamente Franco e seus compatriotas pela conquista da Espanha. Os jornais deram atenção especial aos comentários do papa equiparando comunismo e democracia. Ao repassar todas essas informações a Ciano, o embaixador italiano em Berlim observou que o novo pontífice tinha chegado num momento oportuno. Quando o mundo condenava a invasão nazista à Tchecoslováquia, o Reich precisava, "talvez pela primeira vez, que a Igreja estivesse a favor e não contra".[5]



40. Papa Pio XII, março de 1939

Em maio, o papa teve um encontro com Giuseppe Bottai, ministro da Educação da Itália e um dos homens mais chegados a Mussolini. Embora a sala fosse a mesma que Pio XI usara, Bottai ficou impressionado com a diferença. No começo do seu papado, Pio XI tinha mantido um escritório espartano, mas à medida que envelhecia ia acumulando lembranças, bem como os tomos que consultava com mais frequência. Na descrição de Bottai, o idoso Pio XI cercara-se de uma "pitoresca confusão de móveis, enfeites, bugigangas, documentos, jornais, livros". Já Pio XII sentava-se em meio a "uma ordem meticulosa". Sua escrivaninha continha apenas objetos indispensáveis. Acima de tudo, em comparação com o volúvel e inflamável Pio XI — certo de que Deus o guiava, inclinado a digressões —, seu sucessor transpirava calma e tinha o ar de quem sabia bem qual era a sua função.[6]

Nos meses seguintes, Mussolini foi ganhando confiança, seguro de que uma nova era, mais feliz, tinha chegado. Uma das muitas boas notícias que recebeu foi a decisão do papa, em julho, de restabelecer relações com a direitista Action Française. Em resposta a um pedido do líder Charles Maurras — protofascita e o mais destacado antissemita da França —, o papa revogou a decisão tomada por Pio XI, em 1926, de proibir a participação católica na organização. A medida desagradou não apenas ao governo francês, mas também a alguns dos mais influentes clérigos da França.[7]

Pio XII, informou Pignatti, não era só um conservador, mas "tem clara simpatia, eu quase diria uma queda, pela nobreza, coisa que traz no sangue". Os nobres romanos estavam encantados. Seu antecessor, de modestas origens sociais, tinha mostrado pouca deferência para com eles e, com o passar dos anos, cortara seus privilégios. Pio XII, produto da aristocracia negra, agiu com rapidez para restabelecer as velhas prerrogativas.[8]

Mussolini recebeu outro relatório animador sobre o novo papa, dessa vez vindo da Suíça. Seu embaixador naquele país conversou por um

longo período com o núncio papal, que acabara de voltar de Roma. O clima no Vaticano, segundo o núncio, estava "totalmente mudado", como "uma lufada de ar fresco". O Santo Padre falava "com muita simpatia pelo fascismo e com sincera admiração pelo Duce". Estava convencido de que uma reorganização da Ação Católica na Itália eliminaria uma grande fonte de atrito com o regime. Com relação à Alemanha, o novo pontífice não poderia estar mais ansioso para chegar a um acordo.[9]

Muita gente na Igreja também estava satisfeita com a mudança. Depois de anos do teimoso e combativo Pio XI, as audiências com Pio XII eram um alívio. Em contraste com os longos monólogos de Pio XI, o novo papa escutava com atenção os visitantes e parecia jamais esquecer qualquer coisa que lhe dissessem. Como Pio XI, seu sucessor seguia a tradição de fazer as refeições sozinho. Eram, se fosse possível, ainda mais simples do que as do antecessor, e, enquanto comia, ele gostava de ver seus canários esvoaçarem dentro da gaiola que mantinha na sala de jantar. Mas Pio XII aceitava sem hesitação posar para fotografias com pequenos grupos de visitantes, coisa que Pio XI considerava abaixo da sua dignidade, e, ao contrário de Pio XI, usava com prazer o telefone. "Aqui é Pacelli", ouviu Francis Spellman, sem conseguir acreditar, quando o novo papa resolveu ligar para o velho amigo, recém-nomeado arcebispo de Nova York.[10]

Depois da tensão dos últimos meses da vida do papa Achille Ratti, todos os elementos do regime clero-fascista logo estavam de volta. Uma cerimônia realizada numa das mais importantes igrejas de Roma em abril de 1940 foi emblemática. A associação nacional da juventude feminina fascista fazia campanha havia muito, sob a orientação dos padres ligados a seus grupos locais, para tornar Santa Catarina a santa padroeira da Itália. As moças conseguiram o que queriam logo depois que Pacelli se tornou papa, e, para assinalar a primeira comemoração do novo feriado nacional, o bispo que supervisionava a associação da juventude feminina fascista

presidiu uma missa especial. Cada uma das duas mil moças presentes levava uma rosa branca que elas, uma depois da outra, depositaram no altar da igreja.[11]

Mas os prazeres comuns da vida em Roma estavam em vias de ceder lugar às realidades da guerra. No começo da manhã de 1º de setembro de 1939, tropas alemãs invadiram a Polônia. Prenderam e assassinaram muitos padres católicos, mas o papa limitou seus comentários a um apelo genérico pela paz e pela fraternidade. Não queria tomar partido, em parte devido à crença de que era provável que os nazistas vencessem.[12] Dois dias depois, a Grã-Bretanha e a França declararam guerra à Alemanha. No mês seguinte, sob a supervisão de Adolf Eichmann, forças alemãs começaram a deportar judeus da Áustria e da Tchecoslováquia para campos na Polônia. A Segunda Guerra Mundial e o Holocausto tinham começado.

Na primavera de 1940, exércitos alemães marcharam de uma conquista para a próxima. Ansioso para dividir o butim, em 10 de junho Mussolini declarou guerra à França e à Grã-Bretanha. Mandou às pressas forças italianas para o sul da França, pensando em tomar posse de algum território antes que as tropas nazistas ficassem com tudo. Motivados por seu característico entusiasmo, muitos italianos achavam que a guerra seria curta. Tacchi Venturi previu que acabaria antes do Natal.[13]

Os judeus da Itália viviam em desespero, vilipendiados como inimigos do Estado, milhares desempregados, os filhos expulsos das escolas. A fim de angariar apoio para sua campanha antissemita, o governo continuava recorrendo generosamente a imagens católicas, citando textos da Igreja. O principal veículo do governo para difundir sua bile antissemita ainda era a quinzenal, colorida e lustrosa *La Difesa della Razza.* Boa parte do seu conteúdo era canibalizado de material católico antissemita. A edição de abril de 1939, publicou, tipicamente, um artigo intitulado "Cristo e os cristãos no Talmude", e outro chamado "Católicos e judeus na França". Artigos como "Os eternos inimigos de Roma" diziam aos leitores que a

Igreja sempre tratara os judeus como cidadãos de segunda classe, para proteger os católicos contra suas ações predatórias. O inimigo, para *La Difesa della Razza*, assim como para a Santa Sé, era a Revolução Francesa, apresentada como obra de uma conspiração liberal-maçônico-judaica.[14]

Mussolini começou a utilizar outra vez os préstimos do padre Tacchi Venturi. Duas semanas depois da coroação do papa, o Duce convocou o jesuíta para lhe dizer que queria que o pontífice orientasse o clero da Espanha a apoiar Franco ainda com mais vigor do que antes.[15] Queria também a ajuda do papa para que os padres da Croácia incentivassem os fiéis a apoiarem a Itália em vez da Alemanha; e pediu ao papa que mobilizasse o clero na América Latina para combater o sentimento pró-Estados Unidos na região.[16]

Enquanto isso, *La Civiltà Cattolica*, a publicação supervisionada pelo Vaticano, tentava conquistar apoio católico para as leis raciais. Em novembro de 1940, a revista elogiou um novo livro publicado pelo governo que explicava a variedade italiana de racismo, comparando de maneira favorável sua campanha racial à da Alemanha. A campanha da Itália seguia fielmente os ensinamentos católicos, enquanto a alemã recorria a teorias biológicas enganosas. Quando o ex-reitor da Universidade de Roma, um judeu que se convertera ao catolicismo, escreveu para o secretário de Estado do Vaticano se queixando do artigo, o monsenhor Tardini respondeu defendendo o texto.[17]

★ ★ ★

O DESTINO DAS tropas da itália logo mostrou a falsidade das fanfarronadas militaristas de Mussolini. Mal equipados, mal comandados e mal treinados, os soldados italianos se revelaram incompetentes. De modo emblemático, três semanas depois da declaração de guerra da Itália, Italo Balbo, extraordinário aviador fascista, morreu quando uma unidade

italiana de artilharia antiaérea derrubou por engano seu avião no momento em que ele aterrissava num aeródromo italiano na Líbia.

Invadindo a Albânia, depois a Grécia, juntando forças com os alemães no Norte da África e no front oriental na Rússia, os italianos precisaram ser socorridos diversas vezes pelos alemães. No outono de 1942, tropas da Itália e suas aliadas alemãs recuaram perante as forças aliadas que avançavam no Norte da África. Naquele inverno, duzentos mil soldados italianos combateram ao lado dos alemães no front oriental na desastrosa Batalha de Stalingrado. Quase metade foi morta ou aprisionada. A maré tinha virado, e ficava claro que as potências do Eixo marchavam rumo à derrota. O entusiasmo inicial dos italianos pela guerra desapareceu. No começo de julho de 1943, centenas de aeronaves aliadas despejaram bombas em Roma, mirando alvos militares, mas causando milhares de baixas entre os civis.

No sábado, 24 de julho, o Grande Conselho do Fascismo se reuniu pela última vez. Como sempre, Mussolini estava sentado à sua mesa numa extremidade da ampla Sala do Mapa do Mundo. Diante de longas mesas que se estendiam de um lado e do outro do Duce, sentavam-se os figurões do fascismo italiano. A reunião começou no meio da tarde, quando Mussolini, muito pretensioso, soltou uma de suas tiradas, culpando generais incompetentes pelos recentes desastres militares. Escarneceu em particular dos sicilianos, que tinham saudado as tropas aliadas como libertadoras.

Dino Grandi, muito bem vestido, de cavanhaque, um dos luminares do regime, sentado perto do Duce, levantou-se e pronunciou um discurso como o ditador nunca tinha ouvido. Grandi proclamou que o único culpado pela situação desastrosa em que o país se encontrava era Mussolini. "O povo italiano foi traído por Mussolini", disse Grandi, que tinha sido ministro do Exterior do Duce e embaixador na Grã-Bretanha, "no dia em que a Itália começou a ser germanizada." Mussolini, prosseguiu, "nos mergulhou numa guerra que é contra a honra, os interesses e os sentimentos do povo italiano".

Estupefato, com a confiança abalada, o ditador quis interrompê-lo, mas suas tentativas eram cada vez mais débeis, enquanto Grandi propunha a sua deposição e a volta da democracia parlamentarista. Então, Grandi se virou para Mussolini: "Você acha que ainda conta com a devoção do povo italiano? Você a perdeu no dia em que entregou a Itália à Alemanha. Você pensa que é soldado: a Itália estava arruinada no dia em que você colocou as divisas de comandante. Há centenas de milhares de mães que gritam de dor: Mussolini matou meu filho!"

Sentados às mesas compridas, alguns membros do Grande Conselho, atônitos e furiosos, juraram a Grandi: "Você pagará com a cabeça por sua traição!", gritou um deles. Aqueles que concordavam com Grandi pensaram se deveriam apoiar sua moção, que exigia a deposição do ditador, a devolução do controle das forças armadas da Itália de Mussolini para o rei e a restauração da ordem constitucional. Nervosos, refletiram sobre que fim poderiam ter aqueles que ousassem votar a favor.

Passava muito da meia-noite e já era 25 de julho de 1943. Depois de horas de debates acalorados, a fatídica votação foi realizada. Dezenove dos vinte e sete homens — apesar do medo de não sobreviverem àquela noite — votaram a favor da moção. Ficaram aliviados, talvez até um pouco surpresos, quando saíram da sala e nenhum miliciano fascista os deteve.

Mussolini foi direto para casa, furioso, mas confiante no apoio do rei. Mais tarde, quando saiu para informar a Vítor Emanuel o que tinha acontecido, sua esposa, Rachele, tentou impedi-lo. Ela não confiava nem um pouco no monarca. Agora que não havia mais dúvida de que Mussolini estava do lado perdedor da guerra, o rei covarde estaria ansioso para jogar toda a culpa nele e encontrar uma maneira de se livrar da responsabilidade pelo desastre, em cuja criação desempenhara papel tão importante. Vítor Emanuel mandou prender Mussolini e designou o general Pietro Badoglio, herói da guerra etíope, para chefiar um governo interino.

As semanas seguintes foram caóticas. O regime que governara a Itália por duas décadas tinha caído, mas não se sabia ao certo o que poderia

acontecer. O rei e outros líderes italianos queriam escapar o quanto antes do controle de Hitler. Mas, com milhares de soldados italianos lutando ao lado dos nazistas na Europa Oriental, tropas nazistas combatendo ao lado de tropas italianas na Sicília e acampadas em outras partes da península, desvencilhar-se dos alemães não era tão fácil.

Tacchi Venturi percebeu uma oportunidade. Em 10 de agosto, em meio à confusão que tomara conta de Roma, escreveu ao cardeal Maglione lembrando-lhe de todos os esforços feitos pelo Vaticano em benefício dos católicos que continuavam a ser considerados judeus pelo Estado. Incrivelmente, ainda tentou polir a imagem do Duce na Santa Sé. Mussolini, escreveu ele, tinha considerado "penosa" a situação dos católicos tratados como judeus pelas leis raciais. Já em julho de 1941, afirmou, o ditador havia preparado uma nova lei para aliviar o problema. Se a guerra não tivesse atrapalhado, ela teria entrado em vigor.

O enviado jesuíta tinha excelentes relações no Ministério do Interior e, segundo disse a Maglione, achava que elas seriam favoráveis às mudanças que o Vaticano vinha recomendando. Pediu permissão para fazer três pedidos. O primeiro era que famílias mistas — ou seja, aquelas que tivessem um judeu convertido — fossem consideradas "plenamente arianas". O segundo era garantir que os judeus em processo de conversão antes de 1º de outubro de 1938, e só batizados depois, fossem considerados cristãos, e não judeus. O terceiro era permitir o reconhecimento pelo Estado de casamentos entre dois católicos, um deles nascido judeu.[18] Em 18 de agosto Maglione respondeu dizendo que Pio XII tinha dado sua aprovação.[19]

Em seguida, Tacchi Venturi teve um encontro com o ministro do Interior para fazer seus pedidos.[20] De acordo com o relato bastante revelador que posteriormente preparou para Maglione, ele os limitou às três mudanças aprovadas pelo papa. Teve o cuidado de não pedir o fim das leis raciais, que, segundo escreveu para o cardeal secretário de Estado, "de acordo com os princípios e a tradição da Igreja Católica, contêm

algumas cláusulas que deveriam ser revogadas, mas sem dúvida incluem outras merecedoras de confirmação".[21]

Embora a situação política em Roma tivesse ficado caótica depois da prisão de Mussolini, é espantoso que nem o astuto Tacchi Venturi, nem o politicamente experiente cardeal Maglione, nem o próprio Pio XII percebessem que as leis antissemitas que apoiavam havia tanto tempo não podiam mais ser sustentadas.

Em 8 de setembro, o rei anunciou que tinha assinado um armistício com os Aliados. Temendo o avanço de tropas alemãs, ele e Badoglio fugiram, de modo degradante, para a cidade adriática de Brindisi, no sul, que estava sob controle aliado, não deixando quaisquer ordens para as forças armadas italianas. Hitler, que se preparava para aquele momento desde que o Duce fora deposto, inundou a península italiana de tropas. Num resgate dramático, forças alemãs arrancaram Mussolini do cativeiro e o instalaram como chefe fantoche da República Social Italiana, com sede em Salò, mais ao norte. Uma violenta guerra civil começou, com soldados aliados avançando para o norte através dos campos de extermínio.

Em 10 de setembro, tropas nazistas chegaram a Roma e tomaram a cidade. Uma de suas mais altas prioridades era perseguir implacavelmente os judeus da Itália e enviá-los para os campos de concentração no norte. Ainda naquele mês, a bordo de um navio da marinha britânica perto de Malta, o marechal Badoglio, representando a Itália, e o general Dwight D. Eisenhower, pelos Aliados, assinaram um pacto comprometendo a Itália com a causa aliada. Uma cláusula, incluída por insistência de Eisenhower, revogava todas as leis raciais e libertava os judeus ainda prisioneiros em campos de concentração administrados por italianos.[22]

Na manhã de 16 de outubro, os nazistas cercaram o antigo gueto de Roma e foram de casa em casa caçando judeus. Apesar de a maioria dos cerca de sete mil judeus que ainda moravam em Roma ter fugido, alguns escondendo-se nos mosteiros e conventos da cidade, mil e quinze foram

capturados e presos num edifício perto do Vaticano. Ali aguardaram o seu destino.

O cardeal Maglione, alarmado, chamou o embaixador alemão, Ernst von Weizsäcker, para fazer um apelo em favor dos prisioneiros. O Santo Padre, disse o secretário de Estado, sentia-se atormentado por ver tamanho sofrimento infligido a um povo pelo simples fato de pertencer a determinada raça.

O embaixador alemão lhe perguntou:

— O que faria a Santa Sé se as coisas continuassem?

— A Santa Sé não gostaria de ser colocada na posição de ter que proferir uma palavra de reprovação — respondeu Maglione.

Nos quatro anos anteriores, disse Weizsäcker, ele tinha admirado a atitude do Vaticano, sua disposição de "manter um perfeito equilíbrio" ao lidar com os dois lados da guerra. Depois de fazer isso tão bem, perguntou ele, será que aquela era mesmo a hora de pôr em risco as relações do Vaticano com a Alemanha? A ordem, deixou claro o embaixador alemão, viera do próprio Hitler. O secretário de Estado queria, de fato, que ele dissesse ao seu governo que o Vaticano estava pensando em protestar contra a deportação dos judeus de Roma?

"Observei", escreveu Maglione num relato sobre a perturbadora conversa, "que eu suplicara sua intervenção apelando para seus instintos humanitários. Deixava a seu critério mencionar ou não a nossa conversa, que tinha sido tão amistosa." E, então, ele disse ao enviado nazista "que a Santa Sé tinha sido, como ele mesmo reconhecia, extremamente prudente, para não dar ao povo alemão a impressão de ter feito ou desejado qualquer coisa contra a Alemanha durante uma guerra terrível".

"Enquanto isso, repito", declarou o cardeal Maglione ao embaixador alemão, "Vossa Excelência me disse que ele tentará fazer alguma coisa pelos pobres judeus. Agradeço-lhe por isso. Quanto ao resto, deixo a seu critério. Se o senhor achar mais oportuno não mencionar nossa conversa, que assim seja."[23]

No prédio vizinho, onde os judeus eram detidos, mães amedrontadas tentavam consolar os filhos soluçantes. Dois dias depois, os alemães os embarcaram em trens com destino a Auschwitz. Dos mil, apenas dezesseis sobreviveriam. Nos dois meses seguintes, mais sete mil judeus foram capturados na Itália ocupada pelos nazistas, muitos com a ajuda de italianos leais à República de Salò, de Mussolini. Desde a proclamação das primeiras leis raciais, em 1938, até o fim da guerra, sete anos depois, seis mil judeus na Itália se converteram ao cristianismo na esperança de contar com a proteção da Igreja e evitar o destino de seus irmãos. Ao todo, as forças nazistas e seus camaradas italianos mandaram sete mil e quinhentos judeus da Itália para Auschwitz. Poucos sairiam vivos.[24]

EPÍLOGO

Enquanto os judeus eram levados para a morte na Polônia, Cesare de Vecchi, primeiro embaixador de Mussolini no Vaticano, foi escondido pelos padres salesianos. Eles o haviam acolhido depois da morte do regime, em 1943. Tendo votado contra Mussolini na última reunião do Grande Conselho, De Vecchi vivia com medo não só dos Aliados, que se aproximavam, mas também dos nazistas. Mais tarde, no fim da guerra, quando os líderes fascistas que sobreviveram na Itália foram levados a julgamento, ele escapou de ser capturado, ainda escondido pelos salesianos. Temendo que seu fugitivo fosse descoberto, os padres conseguiram arranjar-lhe um passaporte paraguaio e embarcá-lo num navio para a Argentina. Ali, os salesianos locais o protegeram até que uma anistia concedida em 1949 lhe permitiu voltar para casa. Ele morreu em Roma uma década depois.[1]

Com a prisão de Mussolini, em julho de 1943, Galeazzo Ciano também se viu numa posição insustentável. Multidões exaltadas que comemoravam o fim do regime encheram as ruas de Roma, as pessoas abraçavam umas às outras, rasgavam retratos do Duce. Culpavam Ciano, tanto quanto Mussolini, pela desastrosa decisão de ir à guerra. Mas, tendo votado pela deposição do sogro, ele não sabia se os alemães, caso chegassem a tempo, o tratariam melhor do que os Aliados, que marchavam da Sicília para o norte.

Ciano e a mulher, Edda Mussolini, buscaram refúgio no Vaticano, mas tiveram seu pedido negado. Não se sabe se a solicitação chegou a ser levada a sério, pois os arquivos da Santa Sé relativos àquele ano ainda não foram abertos.[2] Em 27 de agosto, Ciano e a família driblaram um destacamento da polícia italiana em frente à sua casa e pegaram um voo que supunham destinado à segurança da Espanha, mas que os levou à Alemanha. Poucas semanas depois, Ciano foi mandado para Verona, no norte da Itália, então sob controle da República de Salò, o governo fantoche instalado pelos nazistas e chefiado por Mussolini. Não ficou de todo surpreso quando membros da milícia fascista o receberam no aeroporto. Enfiado dentro de um carro, seguiu diretamente para uma prisão nas redondezas, onde se juntou a outros membros do Grande Conselho que tinham votado contra Mussolini naquela reunião fatídica.

Na manhã de 11 de janeiro de 1944, depois de um rápido julgamento, Ciano e os outros réus foram levados a um campo de tiro dos militares próximo a Verona. Dois dias antes, sua esposa, Edda, filha de Mussolini, cruzara a fronteira suíça. Antes de partir, enviara cartas para o pai e para Hitler com uma ameaça de última hora. Se não poupassem o marido, publicaria o diário secreto dele, cujas revelações deixariam o Duce e o Führer constrangidos. Ao atravessar a pé o campo que levava à fronteira suíça, esperando ser capturada a qualquer momento por tropas alemãs, ia com o diário preso à cintura.

A ameaça de Edda foi insuficiente para salvar o marido. No campo de tiro, Ciano e os homens que foram condenados com ele atravessaram um terreno coberto de geada, depois foram obrigados a sentar de costas numa fila de cadeiras de madeira dobráveis e instáveis, de frente para um muro. O general Emilio de Bono, de setenta e sete anos, marechal das forças armadas italianas, com o característico cavanhaque grisalho, sentou-se ao lado dele. Usava um terno escuro e um chapéu preto, sentado de pernas abertas e esticadas, as mãos presas às costas. Ambos pediram para ficar de frente para os carrascos, mas não foram atendidos. Ciano levou cinco

tiros nas costas, mas continuou respirando. Estirado no chão, as pernas ainda desajeitadamente presas à cadeira, gritou por socorro. O comandante do pelotão de fuzilamento correu para acudir. Tirando o revólver do coldre deu um tiro na cabeça do *ducellino*. "Foi como abater porcos", disse um diplomata alemão que assistiu à cena.[3]

Diferentemente de Rachele, que jamais gostara do genro e achava que ele tivera o fim que merecia, Mussolini não sentiu prazer algum com a morte de Ciano. Talvez pressentisse que seu próprio fim estava próximo e não seria menos sórdido. Em meados de abril de 1945, o Exército aliado avançou pelas montanhas ao sul de Bolonha. Ia rumo ao norte, enquanto as tropas alemãs remanescentes se retiravam. Em 24 de abril, com o Exército aliado chegando, insurreições populares explodiram em Veneza, Gênova e Milão. Mussolini tinha passado a semana anterior em Milão, onde, em 25 de abril, o cardeal Schuster patrocinou uma reunião entre o Duce e uma delegação do comitê central de resistência, na esperança de evitar um derradeiro banho de sangue. Mussolini, informado de que os alemães tinham iniciado conversações com as forças de resistência sem lhe comunicarem, comentou: "Sempre nos trataram como criados." Pálido, chupado, como alguém que previsse a própria morte, pediu garantias para seus compatriotas fascistas e suas respectivas famílias, mas os líderes da resistência responderam que não aceitariam nada menos do que a rendição incondicional. Mussolini pediu uma hora para refletir. Diante da possibilidade de ser levado a um "tribunal do povo", resolveu fugir.

Chegando à cidade de Como, no extremo sul do lago homônimo, o Duce, segundo o relato de Rachele, parou para escrever uma carta para ela. Só tinha consigo um de seus lápis azuis grossos. "Querida Rachele. Eis-me aqui, tendo chegado à última fase da minha vida, à última página do meu livro. Talvez nunca mais voltemos a nos ver (...) Peço-lhe perdão por tudo o que, sem intenção, lhe fiz de ruim. Mas você sabe que foi a única mulher que amei de verdade."

Às três da manhã do dia seguinte, ele e outros líderes fascistas seguiram num comboio de carros para o norte, sem saber ainda se deveriam tentar escapar pela fronteira da Suíça ou procurar um esconderijo nos Alpes italianos. Fazia um tempo horrível, e eles aguardavam reforços, por isso pararam numa cidade à beira do lago, onde Mussolini saiu para uma caminhada na chuva com a filha, Elena Curti, que fora encontrá-lo. Clara Petacci, que procurava o amante, avistou-o passeando perto do lago em companhia da atraente moça ruiva. Furiosa, fez um escândalo tão grande que machucou o próprio joelho.

No começo da manhã do dia 27, um grupo de duzentos soldados alemães passou por eles. Mussolini e sua guarda SS decidiram que a melhor coisa a fazer seria juntar-se aos soldados. Vestindo uma farda alemã, o Duce, acompanhado da filha e de Clara Petacci, entrou num carro blindado com destino à fronteira. Mas logo o grupo foi interceptado por um pelotão de *partisans*. Os alemães, apesar de muito mais numerosos do que os inimigos, não tinham mais estômago para lutar e propuseram uma negociação. Depois de seis horas de conversa, chegaram a um acordo. Os *partisans* deixariam os alemães cruzarem a fronteira, com a condição de que lhes permitissem inspecionar os veículos para ver se havia italianos escondidos. Apesar da farda alemã e dos óculos escuros, Mussolini foi reconhecido e capturado, junto de seus companheiros fascistas.

O chefe guerrilheiro local, abismado com os prisioneiros que tinha capturado, avisou à sede da resistência em Milão, solicitando instruções. De sua parte, o apequenado Duce pediu apenas para dizer adeus a Clara. Até aquele momento os *partisans* não tinham percebido que ela estava entre os cativos. Clara insistiu em ficar ao lado do amante e ter o mesmo fim que ele, e os dois passaram uma última noite de insônia juntos numa casa de fazenda. Nesse meio-tempo, chegaram as instruções de Milão. De manhã, os dois prisioneiros foram colocados num carro, para uma curta viagem até Mezzegra, à beira do lago de Como. Ali, quando se

aproximavam de uma modesta vila, receberam ordens para sair e ficar em pé junto a um muro. Chovia. Clara, ainda usando o casaco de pele, chorava: "Está feliz por eu ter ficado com você até o fim?", perguntou. Mussolini, impassível e resignado, talvez sem ter percebido que ela falara, não respondeu. Enquanto os *partisans* apontavam suas armas, ela tentou jogar-se na frente de Mussolini, num esforço final e inútil de protegê-lo.

Na manhã seguinte, os *partisans* jogaram os dois corpos num caminhão e os levaram para Milão. Na Piazza Loreto, o Duce e a amante foram amontoados com os cadáveres de mais quinze líderes fascistas que tiveram fim semelhante. Em agosto, os alemães haviam matado quinze prisioneiros *partisans*, em represália por bombardeios aliados e por incursões da resistência, exibindo os corpos na mesma praça. Assim era a justiça popular. Vinte e três anos de governo fascista acabaram de repente — a cidade estava livre do Exército alemão e das SS. Delirante e enfurecida, a multidão vingou-se dos corpos, cuspindo-lhes, amaldiçoando-os, chutando-os, atacando-os com pedaços de pau e com as próprias mãos. Uma mulher deu cinco tiros no cadáver de Mussolini, em vingança dos filhos mortos por causa dele.

Para proteger os corpos contra a multidão enlouquecida, alguns *partisans* os içaram e penduraram pelos pés em andaimes num posto de gasolina num dos lados da praça. Dos ferimentos na cabeça de Mussolini, substância cerebral escorria, pingando no chão. Clara Petacci, que sempre o chamara de "Ben", foi pendurada ao lado dele. Alguém com senso de pudor lhe prendeu sua saia nas pernas com um pedaço de corda, para que, de cabeça para baixo, não lhe caísse por cima da cabeça.[4]

Achille Starace, que fora por tanto tempo mestre de cerimônias do culto de Mussolini, pendia ao lado do Duce. Foi o mais perto que chegou dele em muitos anos. Mussolini havia destituído Starace do cargo de líder do partido no outono de 1939, por julgar que os fascistas precisavam de uma atitude diferente para com a guerra que se avizinhava. Na primavera de 1945, o outrora orgulhoso pit bull do Duce vivia sem

dinheiro e abandonado em Milão, passando seus dias perambulando pelas ruas de agasalho e tênis rasgados. Quando Milão foi libertada, um grupo de *partisans* o reconheceu, embora seu disfarce involuntário fosse, à sua maneira, melhor do que o de Mussolini. O julgamento dele naquele dia durou apenas vinte minutos, antes que fosse morto a tiros e tivesse o corpo pendurado no andaime do posto de gasolina na Piazza Loreto.[5]

Rachele, a sofredora mas resoluta mulher de Mussolini, foi levada pelas forças aliadas e, com os dois filhos mais novos, confinada à ilha de Ischia, no golfo de Nápoles. Mais tarde ela retornaria para a pequena aldeia de Predappio, onde, quando ainda era uma estudante, conhecera Benito. Em 1957, depois de anos de luta, ela enfim conseguiu recuperar o corpo do marido, para que fosse enterrado onde nasceu. Diferentemente dele, teve uma vida longa, morrendo em 1979.

Fascista leal até o fim, Roberto Farinacci tinha fugido de Roma um dia depois da deposição de Mussolini, em julho de 1943, tomando um avião para Munique. Levado diretamente para o quartel-general de Hitler, depois de se encontrar primeiro com Ribbentrop, viu o Führer. Quando o Duce foi instalado na República de Salò, no norte, Farinacci voltou para seu velho feudo em Cremona, ainda acreditando numa vitória nazista. No fim de abril de 1945, com as tropas aliadas se preparando para entrar na cidade, ele e um pequeno grupo de seguidores pegaram seus carros às pressas e foram embora. Ao tentar passar por uma barreira policial ao norte de Milão, acabaram detidos à bala. O motorista morreu, e Farinacci foi capturado. Os *partisans* tocaram seus prisioneiros para uma cidade vizinha, onde um "tribunal do povo" foi logo formado. Depois de um julgamento que durou apenas uma hora, ele foi condenado à morte.

Na praça da cidade, onde seria executado, Farinacci pediu a presença de um padre, que o confessou e absolveu. Quando lhe vendaram os olhos e mandaram que virasse para o muro, a fim de ser fuzilado pelas costas, Farinacci resistiu. Os homens que o prenderam surraram-no para obrigá-

lo a obedecer. Mas, no momento em que os atiradores do pelotão de fuzilamento começaram a apertar os gatilhos, Farinacci virou-se e levantou o braço na saudação fascista. Uma bala atingiu-o no peito enquanto ele gritava "Viva l'Italia!". O corpo ficou onde caiu durante horas, dando aos passantes tempo de sobra para dar-lhe chutes e cusparadas. Os que tinham armas dispararam balas desnecessárias no cadáver do mais fascista dos fascistas.[6]

Guido Buffarini, com quem o núncio papal e Tacchi Venturi tinham se encontrado tantas vezes, desfrutou da confiança do Duce até o fim. Um dos poucos que haviam votado a favor de Mussolini na fatídica reunião do Grande Conselho, fora preso pelo novo governo de Badoglio, mas em seguida libertado pelos alemães. Conseguiu chegar a Salò, onde se tornou ministro do Interior do governo fantoche italiano, cercando judeus a mando de Hitler. Em 25 de abril de 1945, esteve com Mussolini em Milão e também tentou chegar à fronteira suíça. Os *partisans* que o capturaram mandaram-no a Milão para ser julgado, e ali sobreviveu ao Duce por muitas semanas, até ser morto por um pelotão de fuzilamento em 10 de julho.[7]

Com oitenta e três anos quando Mussolini foi fuzilado, o padre Pietro Tacchi Venturi voltou aos livros. Em 1951, quarenta e um anos depois da publicação do primeiro volume da sua clássica história dos jesuítas, veio o segundo e último. Quando ele morreu, em março de 1956, *The New York Times* e *The Washington Post* publicaram curtos obituários. Os dois jornais lhe deram crédito por ter intermediado o Tratado de Latrão, a única negociação significativa entre Pio XI e Mussolini, na qual desempenhou apenas um papel secundário.[8]

Ao ascender ao trono de São Pedro, Pio XII decidiu manter o devoto e abnegado Francesco Borgongini como seu núncio. Durante os anos de guerra, e depois do conflito, ele permaneceu no posto. Em 1953, um ano antes de sua morte, o papa o nomeou cardeal.

O padre Agostino Gemelli, fundador e reitor da Universidade Católica de Milão, tão aplaudido por Farinacci por sua palestra antissemita de 1939 em Bolonha, continuou a cortejar os favores de qualquer um que estivesse no poder.[9] No fim da guerra, autoridades italianas criaram uma comissão para tirar os fascistas mais importantes de posições de poder público.[10] Confrontado com o fato de que, em 1933, tinha denunciado dois alunos seus à polícia por participarem de atividades antifascistas e em face de outras acusações, Gemelli foi suspenso do cargo de reitor, enquanto novas audiências eram realizadas.

No ano seguinte, uma segunda comissão continuou os trabalhos da primeira, presidida por Ezio Franceschini, professor de literatura na Universidade Católica de Gemelli. A nova comissão absolveu Gemelli e permitiu que voltasse como reitor. Ele então nomeou Franceschini reitor da Faculdade de Letras, cargo que o levaria mais tarde à reitoria da própria universidade.[11] Hoje, Gemelli ocupa lugar de honra especial em Roma, com o mais importante hospital católico e uma estação ferroviária da cidade levando seu nome.

O rei teve menos sorte. No fim de agosto de 1939, o embaixador americano em Roma recebeu instruções urgentes do presidente Roosevelt: transmitir ao monarca o apelo especial do presidente, pedindo-lhe que fizesse o possível para impedir que a Itália fosse à guerra. Como Vítor Emanuel estava em seu refúgio nas montanhas do Piemonte, Phillips tomou um trem para Turim. Quando o carro do embaixador chegou ao remoto acampamento, o rei o esperava, trajando roupas campestres comuns e um chapéu de feltro marrom. Conduziu o embaixador até um pequeno chalé de madeira, onde Phillips entregou o apelo de última hora de Roosevelt.

Vítor Emanuel permaneceu em silêncio enquanto o embaixador lia o texto. Terminada a leitura, o rei falou. Era apenas um monarca constitucional, explicou. "Tudo o que posso fazer, nestas circunstâncias, é levar a mensagem ao meu governo." Phillips ficou desanimado. Seguiu-

se um pesado silêncio. Sem saber o que dizer, o embaixador americano lhe perguntou como estava a pescaria. O rosto do rei se iluminou. Já tinha pescado setecentas trutas, disse com orgulho, mas ficaria no acampamento até pescar as mil de costume. Quando o embaixador lhe perguntou se voltaria para Roma, no momento em que o mundo mergulhava numa guerra terrível, ele respondeu que não, que planejava ir para sua fazenda perto de Pisa: "Detesto palácios, entende?"[12]

Tendo acrescentado aos seus já muitos títulos o de rei da Albânia, depois da invasão daquele país indefeso em abril de 1939, Vítor Emanuel fez o que pôde para evitar ser responsabilizado pelos repetidos desastres sofridos pelas tropas italianas. No fim da guerra, desacreditado por sua estreita ligação com o regime fascista, ele abdicou, na vã esperança de que a monarquia sobrevivesse sob seu filho, Umberto. Num plebiscito de 1946, os italianos votaram a favor de mandar a família real para o exílio. A Itália do pós-guerra seria uma república.

Diferentemente do rei, Pio XII escapou de qualquer responsabilidade pelo desastre que atingiu a Itália. Na verdade, muita gente o considera um heroico oponente do regime fascista. As "guerras de Pio",[13] como os debates acalorados sobre Pio XII têm sido chamados, não destacam as relações dele com Mussolini, mas, sim, com Hitler. Seria ele responsável por não ter condenado o Holocausto quando os nazistas e seus colaboradores — muitos dos quais se diziam católicos — assassinavam os judeus da Europa? Seria Pio XII "o papa de Hitler", como sugere o título provocativo, talvez enganoso, do polêmico livro de John Cornwell?[14] Seus detratores o acusam de covardia e de trair a missão profética do pontífice. Os defensores sustentam que foi o melhor amigo que os judeus tiveram.

Até hoje, pouca atenção tem sido dada ao papel desempenhado por Eugenio Pacelli na Itália nos anos que precederam a guerra. Suas relações com o regime fascista e suas ações para impedir que o idoso e irascível

Pio XI fizesse qualquer coisa que prejudicasse a colaboração do Vaticano com o regime têm sido curiosamente mantidas fora das atenções públicas.

Pio XII, papa Pacelli, morreu em 1958. Seu sucessor, João XXIII, convocou o Segundo Concílio do Vaticano e mudou drasticamente os rumos da Igreja. Os judeus deixaram de ser satanizados. A harmonia entre as religiões seria valorizada, não escarnecida. A liberdade de religião e de expressão deveria ser aplaudida, não atacada.

Depois dos anos inebriantes do Segundo Concílio do Vaticano, tanto o papa João XXIII quanto o próprio Concílio têm sido contestados dentro da Igreja pelos saudosistas dos velhos tempos. Seu herói é Pio XII, defensor das eternas verdades da Igreja. Enquanto isso, seu antecessor, Pio XI, continua praticamente esquecido.

NOTA DO AUTOR

A Igreja Católica Romana combateu heroicamente o fascismo italiano, ou pelo menos é o que se costuma dizer. Os papas se opuseram à ditadura, furiosos por ela ter privado o povo dos seus direitos civis. A Ação Católica italiana, a organização laica da Igreja, destacou-se como uma das mais poderosas forças de oposição ao regime. As "leis raciais" fascistas de 1938, nessa consoladora narrativa, provocaram protestos indignados do Vaticano, que denunciou seu cruel tratamento aos judeus.

Infelizmente, como os leitores viram nestas páginas, essa versão tem pouca relação com o que de fato aconteceu. A Santa Sé desempenhou papel central no estabelecimento e na manutenção do regime fascista. A Ação Católica trabalhou em estreita colaboração com as autoridades fascistas para aumentar o alcance repressivo da polícia. Longe de se opor ao tratamento aos judeus como cidadãos de segunda classe, a Igreja forneceu a Mussolini os argumentos mais fortes para adotar essas medidas tão severas contra eles. Como se mostra aqui, o Vaticano fez um acordo secreto com o ditador para evitar qualquer crítica às infames "leis raciais" antissemitas em troca de um melhor tratamento às organizações católicas. Esse fato é amplamente desconhecido na Itália, e, apesar de todas as provas apresentadas neste livro, não tenho dúvida de que muitos o negarão. Que o Duce e seus asseclas contavam com os homens próximos do papa para manter sob controle as crescentes dúvidas de Pio XI a respeito de Mussolini e Hitler é uma história constrangedora por

numerosas razões, incluindo o fato de que um dos principais atores desses esforços foi o cardeal Eugenio Pacelli, o homem que sucederia Pio XI. Não há causa mais cara hoje aos tradicionalistas da Igreja do que ver Pacelli — papa Pio XII — proclamado santo.

Com a abertura, em 2006, dos arquivos do Vaticano relativos a esse dramático período, a história completa daqueles anos, com toda a sua riqueza, seus altos e baixos emocionais e suas surpresas, pode enfim ser contada. Os registros diários feitos pelo cardeal Pacelli dos seus encontros com o papa, além de dezenas de milhares de outros documentos que lançam luz sobre esta história, estão disponíveis no Arquivo Secreto do Vaticano. Documentos preciosos também se encontram em outros recém-abertos arquivos da Igreja sobre o período, incluindo os da sede dos jesuítas em Roma. Ali, encontramos abundantes documentos do obscuro enviado particular a Mussolini, padre Pietro Tacchi Venturi.

Apesar de oferecerem novas e preciosas revelações, os documentos da Igreja não contam toda a história. Boa parte dela deve ser desvendada nos registros do próprio regime fascista. Graças aos seus arquivos, nenhum outro período da história apresenta descrições tão vívidas de intrigas vaticanas, ou relatos tão francos de seus escândalos. Um cujas façanhas estão impiedosamente registradas num grosso arquivo da polícia fascista é o protegido do papa que se tornou cardeal naqueles anos, apesar de uma longa série de acusações de pederastia. É nesses arquivos policiais, também, que ficamos sabendo da estranha tentativa de assassinato sofrida pelo padre Tacchi Venturi e do segredo que ele tentava esconder com tanto desespero. Dispomos de tudo isso graças à ampla rede de espiões fascistas no Vaticano, cujos relatórios enchem dezenas de caixas nos arquivos estatais. Eles contam histórias de prelados brigando pelo poder que nenhum documento da Santa Sé registraria. Descrevem investigações papais cujas constrangedoras revelações permanecem ainda hoje guardadas em arquivos "pessoais" do Vaticano, fora do alcance da nossa visão.

Ao longo dos sete anos de pesquisas para este livro, compilei cópias digitalizadas de vinte e cinco mil páginas de documentos desses diferentes

arquivos. Além disso, examinei com atenção milhares de páginas de cartas diplomáticas, memórias e diários italianos, franceses, britânicos, americanos e alemães. O trabalho quase nunca era tedioso, pois as surpresas não paravam. O desafio de juntar documentos de diferentes arquivos para resolver antigos quebra-cabeças era inebriante.

As relações entre as duas figuras épicas que estão no centro deste livro acabaram se revelando mais intrigantes do que eu suspeitava de início. Não porque Mussolini e o papa fossem tão diferentes — embora, é claro, em muitos sentidos as duas figuras dificilmente poderiam ser mais distintas —, mas por tudo o que tinham em comum. Ambos eram de temperamento explosivo. Ambos ficavam furiosos quando eram acusados de fazer papel de bobo para o outro. Ambos exigiam obediência incondicional dos subordinados, cujos joelhos literalmente tremiam de medo de provocar sua ira. Um acabou se desiludindo com o outro, apesar de terem medo do que poderia acontecer se sua aliança fosse desfeita.

Estas páginas, portanto, narram a história de dois homens que chegaram ao poder em Roma no mesmo ano e que, juntos, mudaram o curso da história do século XX. Erudito, respeitável e devoto, Pio XI passara grande parte da vida adulta examinando velhos manuscritos. Tinha saudade dos tempos medievais, quando não se contestavam os princípios fundamentais da Igreja. Mussolini, apóstolo da novidade, era um agitador, um fanfarrão violento e um anticlerical visceral. Como os leitores deste livro puderam ver, o relacionamento dos dois não acabou bem. Pio XI, que a princípio saudara Mussolini como o Homem enviado pela Providência, terminou a vida achando que tinha sido manipulado. O Duce não foi mais feliz. Como disse aos membros do Conselho Geral Fascista, o papa foi um desastre.

AGRADECIMENTOS

Foi em 2002, quando o papa João Paulo II autorizou a abertura dos arquivos do papado de Pio XI, que resolvi escrever este livro. Em 2003, materiais relacionados às relações do Vaticano com a Alemanha foram postos à disposição de estudiosos, medida que três anos depois foi seguida pela abertura geral dos arquivos dos anos de Pio XI. O período foi tão dramático e as polêmicas sobre o papel do Vaticano nos grandes acontecimentos da época, tão acaloradas, que o desafio me pareceu irresistível.

Meu trabalho começou a sério durante o ano sabático que passei na Itália, entre 2004 e 2005. Apesar de os principais arquivos sobre as relações do papa com o regime fascista ainda não estarem abertos, os arquivos do outro lado — o do governo fascista italiano — estavam, e passei meses trabalhando nos arquivos italianos, basicamente no Arquivo Central do Estado e nos arquivos do Ministério das Relações Exteriores italiano. Três anos depois, com a abertura dos arquivos da Igreja no Vaticano e em outros lugares, uma generosa quantidade de novas fontes, e novas percepções, foi disponibilizada.

Tendo trabalhado neste livro por quase uma década, acumulei muitas dívidas. Nenhuma maior do que com Alessandro Visani, que trabalhou comigo praticamente desde o começo do projeto, examinando com cuidado a correspondência e os memorandos, ombro a ombro, nos arquivos italianos e depois nos diversos arquivos da Igreja. Visani, que

tem doutorado em história do período, trouxe para o projeto não apenas suas notáveis habilidades de pesquisador de arquivos, mas um entusiasmo contagiante e uma energia prodigiosa, em um trabalho feito nos dois lados do Atlântico.

Também tive a sorte de contar com a ajuda de talentosos pesquisadores assistentes na Universidade Brown — alunos tanto de doutorado como de bacharelado. Entre eles eu gostaria de agradecer a Stephen Marth, Simone Poliandri, Harry Kasdan, Andy Newton e Monica Facchini. Quero agradecer também a Anne-Claire Ignace, que ajudou meu trabalho nos arquivos no Ministério do Exterior da França em Paris. Minha gratidão também a vários funcionários da Brown que me deram apoio: Matilde Andrade, Catherine Hanni, Katherine Grimaldi e Marjorie Sugrue. Agradeço ainda ao fundo para pesquisa fornecido pela Cátedra Universitária Paul Dupee, na Brown.

Minha capacidade de escrever o livro foi facilitada de várias maneiras — e sem dúvida tornada mais agradável — pela hospitalidade de colegas e instituições na Itália e na França durante meu ano sabático de 2011-12. Agradeço em especial à Fundação para Ciências Religiosas João XXIII, em Bolonha, e a seu diretor, Alberto Melloni; ao Centro de Estudos da Fundação Rockefeller e a sua diretora residente, Pilar Palaciá; à Academia Americana em Roma, seu diretor, Chris Celenza, e sua presidente, Adele Chatfield-Taylor; e a Gilles Pécout, da École Normale Supérieure em Paris.

Muitos colegas tiveram a bondade de responder às minhas perguntas e a me ajudar das mais variadas formas. Entre eles quero agradecer em especial a meu colega de estudos italianos na Brown, Massimo Riva, a quem azucrinei com frequentes perguntas sobre história da literatura italiana, traduções para o inglês de dialetos italianos e material literário e diversos outros assuntos. Entre os outros amigos e colegas cuja ajuda eu gostaria de agradecer estão Alberto Melloni, Emilio Gentile, Evelyn Lincoln, Lesley Riva, Ronald Martinez, Charles Gallagher, S. J., Robert

Maryks, John A. Davis, Giovanni Pizzorusso, Matteo San Filippo, Reda Bensmaia, Dagmar Herzog, Lucia Pozzi e Alberto Guasco.

Agradeço em especial a Mauro Canali, um dos maiores especialistas mundiais em história do regime fascista, por sua ajuda nos arquivos do Estado e por nossas discussões sobre esse período da história italiana. Agradeço também a Bonifacio Pignatti, neto do diplomata de mesmo nome que foi embaixador italiano na Santa Sé no fim dos anos de 1930, por me permitir usar uma foto do embaixador pertencente aos arquivos da família.

Wendy Strothman, minha amiga e agente literária, merece crédito especial. Seu profundo conhecimento de livros e da publicação destes, seu discernimento literário e seu vigoroso apoio foram muito importantes para mim. Também tive a sorte de ter David Ebershoff, da Random House, como meu editor. É raro ver-se um editor que seja também um escritor tão talentoso e experiente, e me sinto profundamente grato por ter contado com o benefício do aguçado olho literário de David e com sua crença na importância deste livro. Ele tornou esta obra muito melhor. Agradeço também à talentosa assistente de David, Caitlin McKenna, por todo o seu empenho editorial. Sou grato também por todo o apoio que recebi de outros na equipe da Random House e queria agradecer em especial a Dennis Ambrose, Michelle Jasmine, Susan Kamil, Michael Gentile e Lani Kaneta por tudo que fizeram.

Por fim, sou grato à minha mulher, Susan Dana Kertzer, que conviveu com este livro durante anos, compartilhando os prazeres de viver na Itália. Ela nunca me deixou perder de vista a meta de escrever um livro que não só especialistas, mas pessoas que conheçam um pouco de história, quisessem ler. Se eu tiver sorte, talvez um dos seus clubes do livro o leia um dia.

NOTAS

FONTES DE ARQUIVOS E ABREVIAÇÕES

As seguintes abreviações são usadas nas notas de fim:

ACDF Archivio della Congregazione per la Dottrina della Fede [Arquivo da Congregação para a Doutrina da Fé], Vaticano

S.O. Sant'Offizio [Santo Ofício]

ACS: Archivio Centrale dello Stato [Arquivo Central do Estado], Roma

MCPG Ministero della Cultura Popolare [Ministério da Cultura Popular], Gabinete

MCPR Ministero della Cultura Popolare [Ministério da Cultura Popular], Relatórios

MI Ministero dell'Interno, Direzione Generale dela Pubblica Sicurezza [Ministério do Interior, Diretoria Geral de Segurança Pública]

DAGR Direzione Generale Pubblica Sicurezza, Divisione Affari Generali e Riservati [Diretoria Geral de Segurança Pública, Divisão de Assuntos Gerais e Privados]

DAGRA Direzione Generale Pubblica Sicurezza, Divisione Affari Generali e Riservati-annuali [Diretoria Geral de Segurança Pública, Divisão de Assuntos Gerais e Privados – anuais]

FP Direzione Generale della Pubblica Sicurezza, Divisione Polizia Politica, fascicoli personali [Diretoria Geral de Segurança Pública, Divisão de Polícia Política, arquivos pessoais]

PS Direzione Generale della Pubblica Sicurezza [Diretoria Geral de Segurança Pública]

PP Direzione Generale della Pubblica Sicurezza, Divisione Polizia Politica, "materia" [Diretoria Geral de Segurança Pública, Divisão de Polícia Política, "assunto"]

SPD Segreteria Particolare Duce [Secretariado do Duce]

CO Segreteria Particolare Duce, Carteggio Ordinario [Secretariado do Duce, correspondência comum]

CR Segreteria Particolare Duce, Carteggio Riservato [Secretariado do Duce, correspondência confidencial]

CV Segreteria Particolare Duce, "carte della valigia" [Secretariado do Duce, "cartas da mala"]

ARSI Archivium Romanum Societatis Iesu [Arquivos Romanos da Sociedade de Jesus], Roma
TV Fondo Tacchi Venturi [Fundo Tacchi Venturi]
ASMAE Archivio Storico, Ministero degli Affari Esteri [Arquivo Histórico, Ministério de Assuntos Estrangeiros], Roma
APG Affari Politici [Assuntos Políticos], 1931-1945, Alemanha
APIN Affari Politici, 1919-1930, Itália
APSS Affari Politici, 1931-1945, Santa Sé
APNSS Affari Politici, 1919-1930, Santa Sé
AISS Ambasciata Italiana presso la Santa Sede [Embaixada Italiana na Santa Sé]
Gab. Gabinetto [Gabinete]
ASV Archivio Segreto Vaticano [Arquivo Secreto do Vaticano], Cidade do Vaticano
ANI Archivio Nunziatura Italia [Arquivo da Nunciatura na Itália]
AESE Segreteria di Stato, Affari Ecclesiastici Straordinari [Secretaria de Estado, Assuntos Eclesiásticos Extraordinários], Espanha
AESG Segreteria di Stato, Affari Ecclesiastici Straordinari, Alemanha
AESI Segreteria di Stato, Affari Ecclesiastici Straordinari, Itália
AESS Segreteria di Stato, Affari Ecclesiastici Straordinari, Estados Eclesiásticos
AESU Segreteria di Stato, Affari Ecclesiastici Straordinari, Hungria

MINISTÈRE DES AFFAIRES ÉTRANGÈRES [MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES], PARIS

MAEI Ministère des Affaires Étrangères, Direction des Affaires Politiques et Commerciales [Diretoria de Relações Políticas e Comerciais], Itália
MAESS Ministère des Affaires Étrangères, Direction des Affaires Politiques et Commerciales, Santa Sé

NARA: ARQUIVO NACIONAL DOS ESTADOS UNIDOS, COLLEGE PARK, MARYLAND

Todos são encontrados nas publicações do Arquivo Nacional da Microfilm Publications
LM142 Arquivos Confidenciais do Departamento de Estado, Itália, Relações Exteriores, 1940-1944
LM192 Arquivos Confidenciais do Departamento de Estado, Alemanha, Relações Exteriores, 1930-1939
M530 Registros do Departamento de Estado Referentes a Relações Políticas entre a Itália e Outros Estados, 1910-1929
M561 Registros do Departamento de Estado Referentes a Assuntos Internos dos Estados Papais, 1910-1929

M563 Registros do Departamento de Estado Referentes a Relações Políticas entre os Estados Papais e Outros Estados, 1910-1929
M1423 Registros do Departamento de Estado Referentes a Assuntos Internos da Itália, 1930-1939

DOCUMENTOS DIPLOMÁTICOS PUBLICADOS

DBFP Documents of British Foreign Policy [Documentos de Política Externa Britânica]
DDF Documents Diplomatiques Français [Documentos Diplomáticos Franceses]
DDI Documenti Diplomatici Italiani [Documentos Diplomáticos Italianos]
DGFP Documents on German Foreign Policy [Documentos sobre a Política Externa alemã]
FCRSE Further Correspondence Respecting Southern Europe, Great Britain Foreign Office [Correspondência adicional a respeito do sul da Europa, Ministério do Exterior da Grã-Bretanha]

OUTRAS ABREVIAÇÕES

ADSS Actes et documents du Saint Siège relatives à la seconde guerre mondiale [Atos e documentos da Santa Sé relativos à Segunda Guera Mundial]
BG *Boston Globe*
CC *La Civiltà Cattolica*
CDT *Chicago Daily Tribune*
LAT *Los Angeles Times*
NYT *New York Times*
OR *L'Osservatore Romano*
PNF Partito Nazionale Fascista [Partido Nacional Fascista]
PPI Partito Popolare Italiano [Partido Popular Italiano]
WP *Washington Post*

CAPÍTULO 1: UM NOVO PAPA

1. Salvatorelli, 1939, p. 9; Pizzuti, 1992, p. 99; Pollard, 1999, p. 14.
2. Pollard, 1999, p. 16. Anne McCormick, jornalista americana (1957, p. 17), apresentou observações similares sobre Della Chiesa como papa: "Bento XV parecia um dos papas pessimistas, tolhido por sua posição e subjugado pelos acontecimentos de sua época. Era visto em ocasiões públicas no Vaticano, curvado sob sua mitra, definhando com

seu estado adornado, claramente entediado e sobrecarregado por sua respeitabilidade."

3. ASV, AESS, pos. 515, fasc. 529, ff. 59r-94r.

4. Na primeira reunião da nova sessão do parlamento, em 1º de dezembro de 1919, o rei Vítor Emanuel III encontrava-se prestes a dar início ao cerimonial quando os deputados socialistas se levantaram e deixaram o local gritando: "Vida longa à República Socialista!" Milza, 2000, pp. 284-85.

5. Fornari, 1971, p. 50.

6. Com a reserva de que deveria ficar claro ao público que o Vaticano não tinha autoridade sobre o partido. Para o relato de Carlo Sforza, ver Scoppola, 1976, pp. 22-23. Ver também De Rosa, 1958 e 1959; e Molony, 1977. Pelo resto de sua longa vida, Sturzo realizaria todo ano uma missa em louvor a Bento XV, na data de seu falecimento. Pollard, 1999, pp. 172-74.

7. O arquivo do Ministério do Exterior italiano possui uma pasta repleta de telegramas criptografados de seus embaixadores no exterior, relatando as intenções de votos dos cardeais dos países onde se encontravam. Eles contêm vários nomes diferentes. ASMAE, APIN, b. 1268.

8. As observações posteriores foram feitas pelo embaixador belga. Beyens, 1934, pp. 102-3. As anotações sobre a indiferença do papa ao se vestir foram feitas pelo enviado britânico sir Alec Randall, citado em Pollard, 1999, p. 70. Minha descrição também se fia nos relatórios posteriores do enviado britânico, encontrados em C. Wingfield, *Annual Report 1934*, 12 de janeiro de 1935, R 402/402/22; em Hachey, 1972, pp. 285-87, seções 126-36; assim como em Roberti, 1960, pp. 6-7; Morgan, 1944, pp. 15, 136-37; e De Vecchi, 1983, p. 143.

9. Aubert, 2000, p. 230 (baseado no diário do cardeal Mercier); Lazzarini, 1937, pp. 160-61; Beyens, 1934, pp. 83-84.

10. Vavasseur-Desperriers, 1996, p. 141.
11. Venini, 2004, p. 128.
12. Chiron, 2006, pp. 20-25.
13. Puricelli, 1996, pp. 28, 36; Durand, 2010, p. 4; Aradi, 1958, p. 21.
14. Aradi, 1958, p. 43. O papa estava convencido de que Manzoni um dia seria reconhecido como um escritor tão importante quanto Dante. Venini, 2004, p. 181.
15. Aradi, 1958, pp. 65-66.
16. Depois que Ratti foi eleito papa, o Clube Alpino reuniu algumas de suas descrições das escaladas que realizara em um pequeno livro (Ratti, 1923). Uma versão em inglês foi publicada em março de 1923, em uma série dividida em três partes no jornal diário *Atlantic Constitution*, sob o título "O padre alpinista" (11 e 18 de março). Lazzarini (1937, pp. 69-71) forneceu uma longa lista das escaladas de Ratti.
17. O embaixador francês na Santa Sé, François Charles-Roux (1947, pp. 21-22), reportou as conversas que teve com o papa Ratti sobre seu passado como alpinista.
18. Tisserant, 1939, pp. 393-94; Chiron, 2006, p. 86.
19. Domenico Tardini relatou o equívoco em uma carta para Confalonieri na publicação de suas memórias sobre Pio XI. Confalonieri, 1993, p. 276.
20. Lazzarini, 1937, pp. 35-36.
21. Conto essa história em Kertzer, 2001.
22. CC, 1880, IV, pp. 108-12.
23. "La rivoluzione mondiale e gli ebrei", CC 1922 IV, pp. 111-21; "Il socialismo giudeo-massonico tiranneggia l'Austria", CC 1922 IV, pp. 369-71.
24. Morozzo della Rocca, 1996, p. 108; ver também Kertzer, 2001, pp. 247-49.

25. ASV, ANI, b. 192, ff. 534r-38r, Achille Ratti para Pietro Gasparri, 24 de outubro de 1918.
26. Achille Ratti para Pietro Gasparri, 9 de janeiro de 1919, em Wilk, 1997, pp. 250-261. Para uma apresentação mais completa das opiniões de Ratti sobre os judeus enquanto ele estava na Polônia, ver Kertzer, 2001, pp. 245-62.
27. Pizzuti, 1992, p. 110; Chiron, 2006, pp. 111-12.
28. Levillain relatou (1996, p. 8): "A nomeação de monsenhor Ratti para a sé de Santo Ambrósio é uma reação de Roma a um clima de insurreição."
29. Para um relato mais completo sobre as circunstâncias que levaram à partida de Ratti da Polônia, ver Morozzo della Rocco, 1996. O relato datilografado de Gasparri sobre esse episódio está em ASV, AESS, pos. 515, fasc. 530, ff. 35r-36r. Para mais informações sobre a experiência de Ratti na Polônia, ver Pease, 2009, cap. 2.
30. As memórias de Gasparri a respeito dessa conversa são encontradas em Spadolini, 1972, pp. 259-60. Gasparri escreve que foi o papa Ratti quem lhe contou o que havia acontecido.
31. Pizzuti, 1992, pp. 12-13.
32. Fontes apresentam números um pouco diferentes para as várias votações na eleição do papa. Usei o relato mais completo que existe, encontrado em Aradi, 1958, p. 127. Para um relato do papel de Gasparri nos bastidores da eleição de Ratti, ver Falconi, 1967, pp. 152-54. Falconi, assim como outras fontes, também detalha como o apoio dos *zelanti* passou de Merry del Val para o cardeal Pietro La Fontaine, um patriarca conservador de Veneza, que na décima primeira votação conseguiu vinte e três votos contra vinte e quatro de Ratti. As anotações do cardeal Mercier em seu diário também são muito úteis e encontradas em Aubert, 2000, e em Lazzarini, 1937, pp. 160-63.

33. Fogarty, 1996, p. 549. Por conta do que aconteceu nesse caso, Pio XI mudaria as regras do conclave a fim de dar mais tempo aos cardeais não europeus para que eles pudessem participar, como ocorreu após sua morte, em 1939.
34. Aubert, 2000, p. 200.
35. As notícias sobre a doença de Bento XV geraram uma onda de preocupação em toda a comunidade católica. Em Nova York, as noventa e seis mil crianças que frequentavam escolas paroquiais católicas foram guiadas para suas igrejas locais em 20 de janeiro a fim de rezar pela saúde do papa. Elas não estavam tão otimistas, e isso ficou evidente pelo fato de que, em suas preces por uma rápida recuperação, muitas acrescentaram a advertência: "Ou a graça de uma morte tranquila." "96.803 crianças rezam pelo papa", NYT, 21 de janeiro de 1922, p. 1. No dia seguinte, um relatório prematuro sobre a morte do papa chegou ao presidente do parlamento alemão, o que resultou em uma pausa nos procedimentos, com membros do parlamento se levantando enquanto o presidente improvisava um discurso fúnebre. "Presidente do parlamento alemão louva o papa", NYT, 22 de janeiro de 1922, p. 2.
36. Entre os espectadores que observavam a fumaça na praça de São Pedro, no dia 5 de fevereiro, um dia antes de Pio XI ser eleito, estava Benito Mussolini. Gentile, 2010, p. 95.
37. Aradi, 1958, p. 128.
38. É assunto um tanto controverso atribuir a ideia de conceder essa graça inicial da sacada a Ratti ou a uma sugestão do mundano cardeal Gasparri. O cardeal Mario Nasali Rocca, arcebispo de Bolonha, relatou que foi ideia de Gasparri (Chiron, 2006, p. 138n), mas Confalonieri (1957, p. 24) insiste que foi de Ratti. Uma descrição desses acontecimentos pode ser encontrada em Aradi, 1958, pp. 146-47, e em CC, 1922 I, pp. 371-72.

CAPÍTULO 2: A MARCHA SOBRE ROMA

1. E. Mussolini, 1957, p. 135.
2. No geral, o relatório concluiu, de forma um tanto surpreendente, que ele tinha uma *fisionomia simpatico*, um semblante amigável. Baima Bollone, 2007, p. 22; ver também Ludwig, 1933, p. 37.
3. Bosworth, 2002, p. 62. Uma tradução para o inglês da primeira publicação de Mussolini, "*Dieu n'existe pas*", é encontrada em Seldes, 1935, pp. 387-90. Os 1.908 artigos são citados por Gentile, 2010, p. 84.
4. Rhodes, 1974, p. 27.
5. Baima Bollone, 2007, pp. 23, 27.
6. Por esse fragmento em *Avanti!*, ele foi indiciado e mais tarde levado a julgamento por incitação à violência. Cannistraro e Sullivan, 1993, pp. 96-97.
7. E. Mussolini, 1957, pp. 31-32.
8. Motti, 2003, p. 198.
9. Cannistraro e Sullivan, 1993, p. 97. Esse não é um dos filhos mais bem documentados de Mussolini. Em algum momento, as histórias de relacionamentos e crianças fora do casamento e a realidade começaram a se misturar, embora eu não tenha nenhum motivo para acreditar que Cannistraro e Sullivan tenham ficado do lado errado aqui. Eles também debatiam sobre um filho de Mussolini gerado em 1918 com outra mulher, Bianca Veneziana, com quem ele manteve encontros esporádicos por muitos anos (1993, p. 275).
10. Rafanelli, 1975.
11. Cannistraro e Sullivan, 1993, p. 137. Rachele Mussolini (1974, pp. 74-75) fez seu relato sobre o casamento em suas memórias. Mais tarde, entre os apelos muito públicos de Dalser para que Mussolini a reconhecesse como esposa e suas tentativas de mostrar ao mundo que Benito era filho dele, o constrangimento foi demais para o líder fascista. Ao chegar ao poder, mandou internar Irene em um

manicômio, onde ela morreu em 1937. O destino do pequeno Benito permanece um pouco obscuro. Posto sob supervisão desde que a mãe foi levada, ele também acabou se tornando um risco grande demais para Mussolini e foi colocado em um hospício, onde morreu em 1942, aos vinte e seis anos. Ibid.; Festorazzi, 2010, p. 49.

12. Havia muita controvérsia em torno de como Mussolini angariou fundos para organizar o ambicioso jornal. Parece que parte do capital veio de suas amantes, incluindo Ida Dalser, que, aparentemente, vendeu seu salão de beleza para conseguir o dinheiro. Além disso, enquanto proclamava sua oposição à burguesia gananciosa, ele tirava dinheiro de quem tinha a lucrar com a entrada da Itália na guerra. Também recebia pagamentos em segredo das fontes dos governos francês e britânico, ambos ansiosos para encorajar o esforço de guerra da Itália. Bosworth, 2002, pp. 105-7.

13. Ibid., pp. 106-7.

14. "Un Appello ai lavoratori d'Italia dei fasci d'azione rivoluzionaria. Statuto-programma", *Il Popolo d'Italia*, 6 de janeiro de 1916, p. 1.

15. Festorazzi, 2010, p. 37; Cannistraro e Sullivan, 1993, p. 96.

16. Milza, 2000, p. 257. Mas, em fevereiro de 1918, Margherita vivenciou uma tragédia quando seu primeiro filho, Roberto, que insistiu em se alistar no exército com apenas dezessete anos, foi morto no fronte. Enquanto Mussolini se afastava dos socialistas, castigando-os por sabotar o esforço de guerra e desrespeitar os soldados italianos, Margherita tinha uma ferida aberta que a impulsionou a segui-lo. Urso, 2003, p. 119. Juntos, eles construiriam um novo mito em torno do sacrifício e do heroísmo das tropas italianas.

17. Cannistraro e Sullivan, 1993, p. 178.

18. Margiotta Broglio, 1966, pp. 79-81; Gentile, 2010, p. 87.

19. Em Milão, Mussolini conseguiu convencer duas figuras culturais famosas a acompanhá-lo na corrida fascista: Arturo Toscanini, afamado

maestro do La Scala – que logo se arrependeria de sua escolha –, e Filippo Marinetti, brilhante líder do movimento futurista.

20. Cannistraro e Sullivan, 1993, pp. 215-16.

21. Galeotti, 2000, pp. 20-23.

22. De Felice, 1966, pp. 115-16.

23. Lyttleton, 1987, p. 53; Ebner, 2011, pp. 23, 30-31.

24. De Felice 1966, pp. 87, 92.

25. De Felice, 1966, p. 128; Scoppola, 1996, p. 186; Kent, 1981, pp. 5-6.

26. Gentile, 2010, p. 92.

27. Venini, 2004, p. 22.

28. CC, 1922, I, p. 558; CC, 1922, II, pp. 178, 372. Como exemplos do *L'Osservatore Romano* nessa época, há matérias sobre ataques violentos a padres, à sede do PPI e grupos católicos: "Popolari bastonati dai fascisti", 29 de março de 1922, p. 4; "Un parroco e un avvocato aggrediti dai fascisti", 27 de abril de 1922, p. 4; "Dopo l'aggressione fascista al sacerdote Gregori", 6 de junho de 1922, p. 4; "Conflitto tra fascisti e popolari", 21 de junho de 1922, p. 4; "Esplosione di odio", 26 de julho de 1922, p. 4; "Circoli cattolici devastati", 20 de agosto de 1922, p. 4; "Le aggressioni dei fascisti contro i Parroci", 22 de agosto de 1922, p. 2; "Il circolo cattolico di Milzano incendiato dai fascisti", 2 de setembro de 1922, p. 4; "Cattolici assaliti dai fascisti a Catania", 12 de setembro de 1922, p. 4; "Cattolici aggrediti dai fascisti", 14 de setembro de 1922, p. 4; "I fascisti contro i cattolici veronesi", 23 de setembro de 1922, p. 4; "Nuove aggressioni fasciste contro cattolici a Verona", 24 de setembro de 1922, p. 4; "La sede nel Partito Popolare di Nocera devastata dai fascisti", 4 de outubro de 1922, p. 4; "I fascisti diffi dano un parroco a buttare la veste entro 48 ore", 8 de outubro de 1922, p. 4; "Due sacerdoti insultati dai fascisti", 10 de outubro de 1922, p. 4; "L'adunata fascista a Firenze s'inizia con atti ostili contro la G.

Diocesana e il Partito Popolare", 14 de outubro de 1922, p. 4; "Una protesta della Federazione Giovanile Diocesana di Firenze", 17 de outubro de 1922, p. 4; "I fascisti contro le associazioni cattoliche", 18 de outubro de 1922, p. 4.

29. Entre as muitas biografias de Farinacci estão Fornari, 1971; Festorazzi, 2004; e Pardini, 2007. Innocenti (1992, pp. 147-50) oferece uma imagem popular, mas bem colorida, que o retrata bem.

30. Milza, 2000, p. 326; De Felice, 1966, pp. 222-23.

31. Chiron, 2006, pp. 256-57.

32. Festorazzi (2010, pp. 69-70) faz um relato posterior sobre um Mussolini amedrontado se escondendo com sua amante perto da fronteira suíça. Em sua biografia autorizada de Mussolini, com quatro volumes, De Felice (1966, pp. 373-74) o localiza no teatro em Milão com sua esposa.

33. Cannistraro e Sullivan, 1993, p. 276; Festorazzi, 2010, p. 78.

34. Pietro Badoglio citado em Milza, 2000, p. 332.

35. Milza, 2000, pp. 332-33.

36. Lyttleton, 1987, p. 89.

37. De Felice, 1966, p. 359.

38. McCormick, 1957, pp. 7-9.

39. CC, 1922, IV, pp. 354-55.

40. Bosworth, 2002, p. 172.

41. De Felice, 1966, p. 311.

42. A conversa deles aconteceu no início de novembro de 1922. Beyens, 1934, pp. 136-37.

43. Navarra, 2004, p. 15.

44. De *Memorie politiche*, de Salandra, citado por De Felice, 1966, p. 462.

45. Lamb, 1997, pp. 59-60.

46. Esse relato é de Morgan (1941, pp. 81-85), que compareceu ao jantar.

CAPÍTULO 3: O ABRAÇO FATAL

1.Tisserant, 1939, pp. 389, 397; Chiron, 2006, p. 151.
2. Beyens, 1934, p. 102.
3. Confalonieri, 1957, pp. 116-17. Sobre Pio X, ver Pollard, 1999, p. 78.
4. Citado em Rhodes, 1974, p. 19; Biffi, 1997, p. 74.
5. Aradi, 1958, pp. 65-66; Venini, 2004, p. 23.
6. Chiron, 2006, p. 126.
7. Ibid., p. 141.
8. Para os italianos, trata-se do terceiro andar.
9. Dante e Manzoni ocupavam o lugar de destaque. Confalonieri, 1957, pp. 173, 270-71.
10. Confalonieri, 1969, p. 36; Charles-Roux, 1947, p. 10.
11. Aradi, 1958, p. 138.
12. Lazzarini, 1937, p. 319.
13. Confalonieri, 1957, pp. 71-2; Chiron, 2006, pp. 141-46. Fotos do papa durante sua caminhada pelo jardim e ao lado de sua carruagem são encontradas em *Illustrazione italiana*, 8 de outubro de 1922, pp. 2-3.
14. Potter, 1925, pp. 9, 242-47, 254-55; MacKinnon, 1927, pp. 44-45, 189-90.
15. Potter, 1925, p. 164.
16. E. Rosa, "L'unità d'Italia e la disunione degli italiani", CC, 1922, IV, p. 106.
17. De Rosa, 1999.
18. Sale, 2007, p. 26. A carta de Ledóchowski para Rosa, datada de 31 de outubro de 1922, é encontrada nos arquivos da *Civiltà Cattolica*, aos quais Sale, por fazer parte da organização da publicação, tem acesso.
19. Em seu relatório anual para Londres, redigido em 25 de outubro de 1922, o enviado britânico no Vaticano escreveu: "Tudo no Vaticano é dominado pelo medo que o papa sente do comunismo russo." Rhodes, 1974, p. 18.

20. Citado em Sale, 2007, p. 25.
21. Sale, que inspecionou o arquivo de Rosa na sede da *Civiltà Cattolica*, concluiu que o papa parece ter sido a pessoa a instruir Rosa a preparar um editorial mais amigável, embora ele não ofereça mais detalhes. Ibid., p. 27.
22. E. Rosa, "Crisi di stato e crisi di autorità", CC, 1922, IV, p. 204.
23. Essa também é a conclusão de Sale, 2007, pp. 27-28.
24. Beyens, 1934, pp. 136-39. Poucos dias antes da Marcha sobre Roma, o secretário de Estado Gasparri explicou a um diplomata francês que o rei havia tomado a decisão certa ao se recusar a convocar o Exército. O fascismo, disse ele, "tornou-se uma necessidade". Sale, 2007, p. 10.
25. As encíclicas, em geral, são mensagens com grande destaque sobre questões que o papa considera importantes, muitas vezes direcionadas aos bispos de determinado país ou, como neste caso, aos bispos do mundo inteiro.
26. *Ubi arcano*, tradução para o inglês no site do Vaticano: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_23121922_ubi-arcano-dei-consilio_en.html.
27. Milza, 2000, p. 343.
28. Ibid., pp. 345-46.
29. Motti, 2003; Falconi, 1967, p. 185; Sale, 2007, p. 37; Milza, 2000, pp. 354, 401. Para a exigência da aprovação da Igreja a livros didáticos religiosos, ver DDI, série 7, vol. 2, n. 155, 1º de agosto de 1923. Sobre as visitas de Mussolini e o desembolso de fundos para o clero local, ver Morgan, 1941, p. 239.
30. Citado em Molony, 1977, p. 152. O cardeal teceu os comentários em um casamento ao qual Mussolini comparecera. Mussolini ficou tão satisfeito com essas palavras que mandou uma cópia delas para todas as embaixadas italianas no exterior. No dia seguinte, o embaixador italiano na Grã-Bretanha telegrafou de volta, relatando a cobertura

sobre os comentários de Vannutelli em várias publicações britânicas. O jornal londrino *Times* declarou que as observações do cardeal não eram apenas sua opinião pessoal, mas representavam fielmente a visão da Santa Sé. DDI, série 7, vol. 1, n. 535, 22 de fevereiro de 1923; DDI, series 7, vol. 1, n. 544, 22 de fevereiro de 1923.

31. AESS, pos. 515, fasc. 523, ff. 8r-9r.

32. Molony, 1977, pp. 190-1; Falconi, 1967, p. 187.

33. Os relatos de Santucci e Acerbo são reproduzidos em Pirri, 1960.

34. Sale (2007, pp. 36, 54-55) aponta que vários historiadores identificaram o encontro secreto em janeiro entre Mussolini e Gasparri como o momento em que foi decidido que Tacchi Venturi se tornaria o intermediário secreto entre os dois, embora não haja evidência documental disso. Mas, no início de fevereiro, Tacchi Venturi já atuava nesse papel.

35. Scaduto, 1956, p. 47; Maryks, 2012, pp. 302-5; Martina, 2003, pp. 234-35; Tramontin, 1982, p. 631. Durante a guerra, Tacchi Venturi contatou oficiais da polícia para conseguir permissão a fim de viajar para a Suíça, onde Ledóchowski havia montado seu escritório. Imediatamente após a guerra, ele contatou as autoridades italianas repetidas vezes para obter permissão para que Ledóchowski e outros jesuítas exilados retornassem a Roma. A correspondência de Tacchi Venturi com oficiais da polícia durante e após a guerra pode ser encontrada em ACS, MI, PS, 1919, b. 1, "Curia Generalizia della Compagnia di Gesù".

36. Um relatório posterior de um informante fascista no Vaticano descreveu-o como um homem que sempre fora um reacionário, mas cujo principal objetivo era promover os interesses dos jesuítas. ACS, MI, DAGR, b. 1320, informatore, Città del Vaticano, 23 aprile 1930.

37. Em meio à imensa pilha de materiais e documentos deixados por Tacchi Venturi depois de sua morte, está um pequeno cartão-postal. De um lado, a figura da Madona e do menino Jesus. Do outro, escrito

a caneta, a data de 28 de outubro de 1919, e uma pequena nota de Ratti, então em Varsóvia, agradecendo as felicitações que ele lhe enviara por sua ascensão a bispo. ARSI, TV, b. 29. Para o encontro de 1899, ver Maryks, 2012, p. 305.

38. A esposa de Arnaldo, segundo Mussolini, fora até Tacchi Venturi para se confessar. De Begnac, 1990, p. 591.

39. Tisserant, 1939, pp. 398-99; Martina, 2003, p. 236.

40. "Comunicazione del Vescovo di Vicenza sulle violenze al clero", OR, 21 novembre 1922, p. 4. Parece que fascista algum jamais foi excomungado nesses anos por violência contra a Igreja.

41. "Contro un sacerdote giornalista". OR, 24 novembre 1922, p. 4.

42. "Partiti e fazioni — Circolo cattolico devastato ad Aosta", OR, 13 dicembre 1922, p. 4.

43. "Violenze contro giovani cattolici", OR, 15 dicembre 1922, p. 4.

44. "Le violenze contro il clero nel Vicentino", OR, 20 dicembre 1922, p. 4.

45. Alguns exemplos: "Violenze fasciste a Fabriano", OR, 10 aprile 1923, p. 4; "Festa missionaria di Piacentino turbata dai fascisti", OR, 19 aprile 1923, p. 2; "Protesta della Giunta Diocesana di Piacenza", OR, 20 aprile 1923, p. 2; "Minaccie fasciste contro un Congresso eucaristico", OR, 16 maggio 1923, p. 4; "I fascisti di Secondigliano distruggono un Circolo cattolico", OR, 26 maggio 1923, p. 4. Na análise de Perin (2011, p. 183) sobre o semanário da impressa diocesana em Vêneto, ela descobre que os documentos não responsabilizam Mussolini pela violência. Seguindo a legitimação por parte do Vaticano de Mussolini após sua ascensão ao poder, esse padrão cresceria com mais evidência.

46. Sale, 2007, pp. 92-94; Pollard, 1985, p. 24.

47. Poggi, 1967, p. 21; Casella, 1996, pp. 606-7, 620. As observações do papa foram feitas em setembro de 1922. O novo presidente nacional da Ação Católica, Luigi Colombo, foi claro sobre seu trabalho: "Não segui meu ponto de vista", recordou mais tarde, "mas

obedeci [...] às ilustres ordens oficiais do Santo Padre"; Zambarbieri, 1982b, p. 114.

CAPÍTULO 4: NASCIDO PARA COMANDAR

1.OR, 17 de março de 1923, citado em Coppa, 1999, p. 89; "Liberalismo in pena", CC, 1923, II, pp. 209-18.

2. "Liberalismo in pena", CC, 1923, II, pp. 209-18. A evidência de que *L'Osservatore Romano* agiu apenas de acordo com os desejos do papa é indireta, mas, no contexto da dramática mudança de posição do Vaticano, qualquer outra explicação parece implausível.

3. Embora o Vaticano negue publicamente que o prelado em questão, o monsenhor Enrico Pucci, falava em nome de qualquer um além de si próprio, um relatório secreto posterior para a polícia fascista informou que Pucci, na época, estava "seguindo ordens explícitas da Secretaria de Estado" ao publicar o apelo. ACS, MI, FP "Pucci", f. 19, n.d. Para a negação semioficial de que o Vaticano teve qualquer envolvimento na renúncia de Sturzo, ver CC, 1923, III, p. 184.

4. O papa enviou seu novo pedido por meio de Gasparri, cuja carta de 5 de julho para Tacchi Venturi começava com: "Por razões que não precisam ser enumeradas, o Santo Padre permitiu que Dom Sturzo adiasse sua resposta (...) Agora, depois de ponderar bastante diante de Deus, o Santo Padre acredita que na atual circunstância da Itália um padre não pode permanecer na diretoria de um partido sem causar grande dano à Igreja — de fato comandando a oposição de todos os partidos contra o governo — para o deleite da maçonaria, como todos sabem." ASV, AESI, pos. 617, fasc. 50, f. 5, Gasparri a Tacchi Venturi, 5 de julho de 1923. Esses documentos foram bastante discutidos e citados em Sale, 2007, pp. 80-84.

5. Citado em Sale, 2007, p. 82.

6. Ao receber as ordens do papa, Sturzo convocou uma reunião de emergência com a diretoria do partido, marcada para 10 de julho, e não queria nem uma palavra sobre sua decisão de sair antes que pudesse informar aos membros.
7. Em referência ao exato momento em que as notícias sobre a renúncia de Sturzo se tornariam públicas. ASV, AESI, pos. 617, fasc. 50, ff. 14-15. Tacchi Venturi também estava ansioso para conseguir uma promessa de Mussolini de que não Dom Sturzo não seria prejudicado.
8. Sale, 2007, pp. 69-70.
9. Molony, 1977, pp. 172-73; Bedeschi, 1973.
10. Sale, 2007, pp. 74-75.
11. Beyens, 1934, pp. 167-69.
12. Navarra, 2004, p. 42.
13. Baima Bollone, 2007, pp. 24-26.
14. E. Mussolini, 1957, p. 121.
15. R. Mussolini, 1974, p. 96.
16. Ibid.
17. Milza, 2000, pp. 354-55.
18. Festorazzi, 2010, pp. 74-77.
19. Cannistraro e Sullivan, 1993, pp. 273-74; E. Mussolini, 1957, p. 32; Navarra, 2004, p. 48.
20. Citado em De Felice, 1966, pp. 472-73.
21. Monelli (1953, p. 102) descreve o comício de Cremona. Gentile (1993, pp. 160-72; 2001) é o estudioso mais influente a examinar o uso do símbolo, da cerimônia e do mito pelo regime fascista. Para saber mais sobre como e por que a cerimônia é tão importante em movimentos políticos, ver Kertzer, 1988.
22. Gentile, 1993, pp. 281-82.
23. Beyens, 1934, p. 245.
24. DDI, série 7, vol. 2, n. 155, Mussolini a Gentile, 1º de agosto de 1923; Talbot, 2007, p. 27; Sale, 2007, pp. 37, 96; Gentile, 2010, p.

107; Milza, 2000, p. 432.

25. ASV, AESI, pos. 573, fasc. 22, 15, 25 de setembro de 1923, citado em Sale, 2007, pp. 320-22.

26. CC, 1924, I, p. 175, que também contém o trecho extraído de *Il Popolo d'Italia*.

27. Sale, 2007, p. 333; CC 1924 I, p. 80.

28. Incluindo o aumento dos pagamentos anuais do governo aos bispos, de seis mil para doze mil liras por ano, e aumento nos pagamentos dos párocos de mil e quinhentas para duas mil e quinhentas liras. CC, 1924, II, p. 82.

29. Ebner, 2011, p. 38.

30. Citado em Sale, 2007, p. 130.

31. Ibid., pp. 134-37. A circular impressa é encontrada em ASV, AESI, pos. 617, fasc. 50, ff. 30r, 30v; a anotação escrita à mão de não enviar está na f. 47r.

32. Chiron, 2006, p. 152; Confalonieri, 1957, p. 172.

33. Lazzarini, 1937, pp. 309-10. Lazzarini não informa a data da visita de Carrère, mas diz que foi logo depois da publicação de *Le Pape*, em 1924.

34. Confalonieri, 1957, p. 172; Charles-Roux, 1947, p. 14.

35. Chiron, 2006, p. 151.

36. Durand, 2010. O comentário de Merry del Val, em 1972, foi reportado ao papa, que o convocou para passar-lhe um sermão humilhante. "O papa", escreveu em seu relato sobre o encontro, "me tratou como se eu fosse um garotinho." Durand, 2010, pp. 48-49.

CAPÍTULO 5: LEVANTAR-SE DO TÚMULO

1.Giacomo Matteotti, "Discorso alla Camera dei Deputati di denuncia di brogli elettorali" (1924), http://it.wikisource.org/wiki/Italia_-

30_maggio_1924,_Discorso_alla_Camera_dei_Deputati_di_denuncia_di_brogli_elettorali.

2. Milza, 2000, pp. 365-7; De Felice, 1966, p. 620. Para um exame mais completo sobre o assassinato de Matteotti e suas consequências, ver Canali, 2004b.

3. Milza, 2000, p. 370; CC, 1924, III, pp. 80-89.

4. De Felice, 1966, p. 630.

5. Milza, 2000, p. 378.

6. De Felice, 1966, p. 644. Mais tarde, pensando nas semanas que se seguiram ao assassinato, Mussolini recordou: "Durante aqueles dias, tive a sensação de isolamento, pois os salões do palácio Chigi, em geral cheios de gente, estavam desertos como se um vento forte, uma tempestade tivesse passado por ali."

7. Navarra, 2004, pp. 25-27.

8. Cannistraro e Sullivan, 1993, p. 295.

9. CC, 1924, III, pp. 85-87.

10. ASMAE, Gab., b. 32, Tacchi-Venturi a Mussolini, 27 de junho de 1924.

11. Baima Bollone, 2007, p. 96.

12. Sale, 2007, p. 162.

13. Ibid., pp. 162-68.

14. No fim de junho, falando em nome da oposição, um deputado do Partido Popular solicitou ao rei que nomeasse um primeiro-ministro para restaurar as liberdades democráticas e pôr fim a grupos armados particulares. CC, 1924, III, pp. 179-80. Em meados de julho, os líderes provinciais do partido se encontraram em Roma, onde chegaram a um acordo sobre um plano. A alternativa para os fascistas, insistiam eles, não eram a paralisia e o caos que haviam sido tão traumáticos no governo de 1922, como os partidários de Mussolini argumentavam, mas uma coalizão sólida do *popolari*, liberais desleais e

socialistas democratas. Ver Ferrari, 1957, p. 70; Sale, 2007, pp. 169-71.

15. ASMAE, Gab., b. 32, Tacchi Venturi a Mussolini, 20 de julho de 1924; ibid., Paulucci de' Calboli a Tacchi Venturi, 22 de julho de 1924. A mensagem de Mussolini escrita à mão foi rabiscada por cima da carta de apresentação de Tacchi Venturi a seu secretário, Baron Paulucci de' Calboli. Ibid., Tacchi Venturi a Paulucci de' Calboli, 20 de julho de 1924.

16. O relato detalhado e incomum do controle rigoroso que o papa exercia é encontrado em um documento em Felice Rinaldi, S.J., "Resoconto della stesura dell'articolo 'La parte dei cattolici nelle presenti lotte dei partiti politici in Italia'", 11 de agosto de 1924, nos arquivos da *Civiltà cattolica*, publicado em Sale 2007, pp. 477-78. Ver também o debate de Sale nas pp. 172-82.

17. "La parte dei cattolici nelle presenti lotte dei partiti politici in Italia", CC, 1924, III, pp. 297-306.

18. Gasparri deu o rosário às mulheres e mais tarde confidenciou ao embaixador belga que não tinha ideia do que elas haviam feito com o objeto. Beyens, 1934, pp. 235-36.

19. Citado em Sale, 2007, p. 182-83. Os comentários do papa enfureceram os antifascistas na Itália e no exterior. Alguns afirmam que, ao opinar sobre assuntos políticos, ele não falou com a infalibilidade de um pontífice, mas apenas como um homem dando sua opinião. Uma semana depois, *L'Osservatore Romano* contra-atacou. As palavras do papa, informou o jornal do Vaticano a seus eleitores, constituíam uma "diretiva categórica". Aqueles que alegavam que os católicos eram livres para seguir sua consciência no que dizia respeito a esse assunto estavam gravemente enganados; citado em Sale, 2007, p. 184.

20. Na verdade, as lições eram conduzidas em um mosteiro camaldulense — do outro lado da fronteira da Toscana, perto da casa

de veraneio de Mussolini na Romanha —, onde o idoso cardeal Vannutelli passava suas férias de verão. Em pouco tempo, Mussolini chegou com a família para uma visita e procurou Vannutelli. Logo depois da primeira comunhão dos filhos, administrada pelo monge superior, Mussolini perguntou ao cardeal se ele os orientaria na crisma. E, em 8 de setembro, os filhos de Mussolini fizeram a primeira comunhão pela manhã e o cardeal conduziu a crisma perto do fim da tarde. A carta de Vannutelli, pertencente aos Arquivos Secretos do Vaticano, é reproduzida em Sale, 2007, pp. 345-46.

21. Curiosamente, em vez de comunicar a decisão direto a Sturzo, em 16 de setembro Gasparri escreveu para o irmão dele, um bispo na Sicília, dizendo qual era "o desejo, não a ordem do Santo Padre" e pedindo a ele que passasse a Dom Sturzo a decisão do papa. Indignado, o irmão se recusou a fazer isso, deixando a cargo de Gasparri encontrar outra maneira de passar a informação ao ex-chefe do PPI.

22. Os arquivos da Secretaria de Estado do Vaticano guardam um recibo escrito à mão em 17 de outubro, em que o advogado de Sturzo acusa o recebimento das dez mil liras que o monsenhor Pizzardo lhe dera para cobrir as despesas da viagem ao exterior feita por Sturzo. Embora grato pelo montante, Sturzo achava que seria mais útil ter o valor em libras. Uma segunda nota escrita à mão por Sturzo em 20 de outubro informava a Pizzardo que, no dia seguinte, ele mandaria de volta o mesmo valor enviado para trocar a moeda. ASV, AESI, pos. 617, fasc. 50, ff. 26r, 27r; Molony, 1977, p. 192.

23. Cannistraro e Sullivan, 1993, p. 296; Monelli, 1953, p. 109; De Felice, 1966, p. 716.

24. Aqui tomei como ponto de partida as interpretações de Felice (1966, p. 717; 1968, pp. 50-51).

CAPÍTULO 6: A DITADURA

1.Os números exatos de membros da milícia fascista, conhecida como Milizia Volontaria per la Sicurezza Nazionale (Milícia Voluntária pela Segurança Nacional, ou MVSN), não estão disponíveis, dadas as diferenças entre aqueles que constituíam de fato a milícia e aqueles alistados no papel. No entanto, ao que parece, havia bem mais de cem mil membros efetivos, talvez duas ou três vezes esse número.

2. Milza, 2000, pp. 386-87.

3. Fornari, 1971, pp. 101-11.

4. O rascunho da carta de Tacchi Venturi para Mussolini, datado de 18 de setembro de 1925, é encontrado em uma série de documentos que não estão em inventário nos arquivos da CC. Ele foi publicado em Sale, 2007, pp. 364-65. Não encontrei o original ou qualquer cópia dessa carta nos arquivos pessoais de Mussolini no Arquivo Central do Estado, então, que eu saiba, não há provas do que foi enviado. Franzinelli (1998, p. 45) relata a data do casamento. Milza (2000, p. 401) conta sobre a falta de entusiasmo de Rachele Mussolini ao ser tardiamente batizada. O relato sobre o casamento é de R. Mussolini, 1974, pp. 123-24.

5. Seu discurso em 21 de junho de 1925 para o congresso nacional do PNF foi típico: "Aqueles que têm a responsabilidade de liderar uma revolução são como generais responsáveis por conduzir uma guerra"; Discorsi di Benito Mussolini, "Discorso del 21 giugno 1925", http://www.dittatori.it/discorso21giugno1925.htm.

6. Citado em Baima Bollone, 2007, p. 28.

7. Ficou claro que o poderoso Duce não tinha intimidado Farinacci pela réplica do *ras* no dia seguinte. "Esta manhã seu mensageiro me trouxe um de seus costumeiros 'furores epistolares'", escreveu Farinacci. "Eu cumpri meus compromissos feitos em Roma, e o senhor me impressiona ao dizer que eu não mantive minhas promessas (...) O julgamento se tornou político? Mas já se sabia disso há muito; do contrário, eu não estaria em Chieti."

8. Fornari, 1971, pp. 119-25, 135. Os arquivos do Departamento de Estado dos Estados Unidos no Arquivo Nacional contêm diversos documentos intrigantes de 1934 que oferecem um epílogo curioso para o julgamento dos assassinos de Matteotti. Amerigo Dumini, o cabeça do atentado, enviara um pacote lacrado para um advogado de San Antonio dizendo que sua vida estava em perigo por conta de certos inimigos. Entre eles, estava o principal, chamado Arturo Bocchini, chefe nacional da polícia italiana. Dumini disse que a habilidade de levar a conhecimento geral que os documentos no pacote seriam abertos caso ele morresse poderia evitar que fosse assassinado. O advogado, sem saber quem Dumini era, pediu a um amigo, um senador do Texas, que descobrisse. Em resposta ao pedido do senador, o cônsul americano em Florença enviou um relatório do Departamento de Estado informando sobre o papel de Dumini no assassinato de Matteotti. O Departamento de Estado considerou a carta do cônsul um material muito sensível para repassá-la ao advogado no Texas. Em vez disso, fez um resumo para o senador no relatório e fez com que ele colocasse o advogado discretamente a par da situação com a qual estava lidando. NARA, M1423, rolo 1, Arnold Cozey, San Antonio, a Joseph Haven, cônsul americano em Florença, 1º de março de 1934; et seq.

9. Urso (2003, pp. 160-65) debate o papel de Sarfatti em introduzir o tema da *romanità* e elaborar o culto ao Duce. O livro foi publicado pela primeira vez fora da Itália no ano anterior, com um título diferente.

10. A pronúncia de Duce é "Du-*tche*".

11. Citado em Falasca-Zamponi, 1997, pp. 64-65.

12. Citado em Baima Bollone, 2007, p. 78.

13. O. Russell, *Annual Report 1925*, 21 de abril de 1926, C 5004/5004/22, em Hachey, 1972, pp. 74, 77-78, seções 3, 14-18; Chaline, 1996, p. 162; Agostino, 1991, pp. 44-45; Morgan, 1939, p. 205.

14. ACS, MI, DAGRA, b. 129, Vice Questore, Borgo, al Signor Questore, 21 gennaio 1925; Venini, 2004, pp. 24-25.
15. "Você não é cristão por inteiro", declarou o papa em 21 de abril, no aniversário de Roma, "a menos que seja católico, e você não é católico por inteiro a menos que seja romano." Ver Baxa, 2006, p. 116.
16. Em meados do Ano Santo, receoso de que Pio XI estivesse sendo infectado pelos milhares de peregrinos que tiveram o privilégio de beijar sua mão, o cardeal Merry del Val supostamente propôs, e o papa concordou, que o pontífice usasse luvas no futuro. A.C. Jacobson, M.D., "To Guard the Hands that Pious Pilgrims Kiss", WP, 15 de novembro de 1925, p. SM8.
17. Os gendarmes papais consistiam em cem homens, sendo cinco deles oficiais, que, junto com a Guarda Suíça, patrulhavam o Vaticano.
18. Bosworth, 2011, p. 180.
19. O padre Martina (1978, pp. 226-27), um dos principais historiadores da Igreja, caracteriza a visão que o papa expressa em *Quas primas* como anacrônica. Ver também Bouthillon, 1996; Verucci, 1988, pp. 35-37; Chiron, 2006, pp. 233-34.
20. *Quas primas*, tradução oficial para o inglês disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_11121925_quas-primas_en.html [não há tradução oficial para o português]. A citação é do parágrafo 33. (Ao todo, são trinta e quatro parágrafos.)
21. "Luteranos contra o decreto de festividade papal", NYT, 21 de março de 1926, p. 12.
22. Seldes (1934, p. 128) relata isso como um fato, embora reconhecidamente tenha um tom apócrifo.
23. Beatrice Baskerville, "Como o papa passa suas vinte e quatro horas", BG, 1º de novembro de 1925, p. C5.

24. Esse episódio é relatado pelo "célebre informante do Vaticano", que acrescentou que o papa era um "egoísta insensível". ACS, MCPG, b. 155, 20 marzo 1926. Em contraste, o autor reporta em um perfil de admirador no *Boston Globe* que "o prelado designado por Bento XV acha Pio um tanto frio". Baskerville, "Como o papa passa suas 24 horas", p. C5.

25. Esses relatos, escritos pelos informantes de Mussolini, são encontrados no Arquivo Central do Estado em Roma. Os informantes não tinham problemas em espalhar fofocas não confirmadas ou tentar manchar a reputação daqueles de quem não gostavam. Mas, como resultado da rede fascista de informantes que eles formavam, temos um quadro de embates pelo poder, traições, conflitos de personalidade e escândalos no Vaticano que é mais rico do que em qualquer outro período da história. Entre as novas agências policiais que foram acrescentadas, a mais temida era a Organização para Vigilância e Repressão Antifascista (OVRA), uma espécie de elite da força de espionagem política. Fiorentino, 1999; Canali, 2004a. Para mais informações sobre medidas de repressão adotadas em 1925-26, ver, entre outras diversas fontes, Milza, 2000, pp. 394-96; Gentile, 2002, p. 153-54; CC, 1926, IV, pp. 459-65, 560.

26. ACS, MCPG, b. 155, n.d. [1926]. O "célebre informante do Vaticano" encheu seus relatórios com a narrativa das reclamações dos prelados sobre a personalidade imperiosa do papa e o tratamento rude que Pio dava a eles. Um relato típico é o de 28 de outubro de 1927: "Um monsenhor que com frequência tinha a oportunidade de falar com o papa me disse que, com o passar do tempo, o pontífice foi ficando cada vez mais assustador e autoritário, e por isso sentiam medo de falar com ele." ACS, MCPG, b. 156.

27. Embaixador Eugène Beyens, 10 de fevereiro de 1925, citado em Ruysschaert, 1996, pp. 252-53; Beyens, 1934, pp. 286-87.

28. Cesare Pasini, "Il bibliotecario con la pistola", OR, 19-20 novembre 2007, p. 5.
29. De Felice, 1968, pp. 200-1; Cannistraro e Sullivan, 1993, pp. 326-27. Gibson aparentemente pretendia matar o papa depois de atirar em Mussolini.
30. Baima Bollone, 2007, p. 53.
31. "Mussolini si è salvato per un vero miracolo!" *Il Regime fascista*, 9 aprile 1926, p. 1.
32. Poucas horas depois do ataque, Tacchi Venturi estava no palácio Chigi, levando a expressão de gratidão pessoal do papa. ARSI, TV, b. 7, fasc. 431, Tacchi Venturi ao monsenhor Pizzardo, 11 settembre 1926; De Felice, 1968, p. 202.
33. De Felice, 1968, pp. 204-8.
34. A mensagem foi entregue por meio de Tacchi Venturi. DDI, série 1, vol. 4, n. 473, Grandi, Roma, a Mussolini, a Forlì, 1 novembre 1926.
35. A censura tinha começado antes disso, mas muito menos repressora. Em 15 de julho de 1923, a lei deu à polícia autoridade para despedir editores de jornais e confiscar cópias de periódicos que publicassem qualquer coisa que as autoridades julgassem injuriosa à reputação da Itália ou ofensiva ao rei, ao papa ou à Igreja Católica. Ver Talbot, 2007, p. 27.
36. *La Civiltà Cattolica* manifestou sua aprovação. O diário do Vaticano noticiou, sem mais comentários, o discurso do ministro da Justiça para o parlamento, inclusive suas palavras confirmando o apoio da Igreja Católica à medida. CC, 1926, IV, pp. 459-62; Rogari, 1977, p. 174.

CAPÍTULO 7: ASSASSINOS, PEDERASTAS E ESPIÕES

1.Um dos pedidos mais notáveis veio em julho de 1928. Alcide De Gasperi — que substituíra Dom Sturzo como chefe do PPI e se

tornaria o próximo primeiro-ministro italiano logo depois da Segunda Guerra Mundial — foi detido em 1927 por tentar deixar o país sem permissão. Liberado por anistia no ano seguinte, foi alertado a não sair de Roma. Ansioso para se juntar à esposa e aos filhos no lar de sua família no nordeste da Itália, preparou um apelo a Mussolini. Como De Gasperi era um conhecido antifascista, seus amigos o convenceram de que Mussolini rejeitaria seu pedido, a menos que ele conseguisse que Tacchi Venturi o entregasse pessoalmente. Relutante, De Gasperi pediu a ajuda do jesuíta, mas o emissário do papa se recusou a auxiliá-lo. De Gasperi explicou em uma nota escrita à mão na margem de seu apelo datilografado ao Duce: "Recusado pelo padre Tacchi por não conter um agradecimento pela anistia e pela falta de palavras de reverência!" Ver De Gasperi, 2004, p. 94.

2. ACS, MI, DAGR, b. 1320, informatore n. 204, Roma, 28 ottobre 1928.

3. Maryks, 2012, p. 308.

4. Junto da ameaça do que ele chamou de "desintegração interna".

5. ARSI, TV, b. 7, fasc. 430a, sem data.

6. O livreto era de Filippo Maria Tinti, *Sionismo e Cattolicismo* (Bari, 1926). ASMAE, Gab., b. 32, Tacchi Venturi a Marchese Giacomo Balucci, capo di gabinetto, 6 settembre 1926. Balucci respondeu que Mussolini gostou de tê-lo recebido. ASMAE, Gab., b. 32. Tacchi Venturi viu uma conexão entre o perigo que os judeus e seus vários conspiradores apresentavam e a dificuldade que a Igreja estava tendo em fazer cumprir as normas de moralidade. Em um memorando para Gasparri em 1º de dezembro, ele recomendava maneiras de lidar com o que chamava de ameaça representada pela campanha "antirreligiosa" na Itália. Todo católico, disse ele a Gasparri, se regozijava ao ver o governo fascista trabalhar mais arduamente em prol dos interesses da Igreja Católica, unindo com mais firmeza Igreja e Estado. Mas os esforços de Mussolini encontravam resistência nas províncias, onde

oficiais ignoravam com frequência suas ordens. No meio do caminho do renascimento do sentimento religioso, alertou o jesuíta, estavam "os judeus, os protestantes, os maçons e os bolcheviques, todos constante e poderosamente aliados contra a religião, contra a Igreja e contra o próprio governo nacional". Aqui, mais uma vez, Tacchi Venturi identifica que o alvo da conspiração não é apenas o Vaticano, mas também Mussolini e o governo fascista. Consciente da sensibilidade do Duce em relação ao poder britânico, ele acrescentou que os judeus e seus aliados, em sua busca impiedosa por enfraquecer a Igreja Católica, estavam trabalhando em prol da "hegemonia anglo-saxônica". Isso, avisou ele, "implementa um vasto plano de conquista da Itália que hoje é religioso, mas amanhã será político". ARSI, TV, b. 8, fasc. 446, Tacchi Venturi a Gasparri, 1 dicembre 1926, lettera con allegati.

7. O informante disse que não poderia garantir em primeira mão a exatidão do verso, ou até mesmo se a história toda não fora inventada, mas informou que ela estava se espalhando. Na verdade, outras versões da história surgiram em outros lugares, cada uma com a letra do verso ligeiramente diferente. ACS, MI, DAGRA, b. 1320, 1927.

8. "Agente jesuíta esfaqueado em questão do Vaticano", NYT, 29 de fevereiro de 1928.

9. "Conspiração anti-Mussolini considerada no esfaqueamento em Roma", WP, 1º de março de 1928, p. 3.

10. "O padre Tacchi Venturi", lia-se em um relato de um informante policial, "está convencido de que a agressão que sofreu está relacionada à inclusão, há alguns meses, de seu nome logo depois do nome de Mussolini numa lista de pessoas a serem eliminadas. Diz-se que a lista foi compilada na França, nos círculos compostos por maçons e exilados italianos. Eles o culpam, como membro da Ordem dos Jesuítas, por ter sugerido ao Duce que tomasse medidas de repressão contra a maçonaria e, por isso, presumivelmente ordenaram sua morte." ACS, MI, DAGR, b. 1320, informatore, Roma, n.d.

11. O chefe de polícia também achou curioso que, depois que a polícia expressou sua descrença ao encontrar o nome do jesuíta em segundo lugar na lista de alvos, o relato secreto de Tacchi Venturi tenha oferecido uma explicação: Salvemini disse ao informante que "a Ordem dos Jesuítas é completamente fascista e um grande pilar no qual o fascismo se apoia".
12. "O documento", escreveu o chefe de polícia, "era claramente uma construção extravagante e tosca de fatos e notícias que revelavam de modo paradoxal uma ignorância das mais básicas circunstâncias políticas." ACS, MI, DAGR, b. 59, pp. 15-16. Mais tarde, Salvemini iria para os Estados Unidos, onde em 1934 receberia uma cadeira em Harvard.
13. Dois anos antes, quando Violet Gibson tentara assassinar Mussolini, o homem fizera uma tentativa de convencer a polícia de que a irlandesa era parte de uma trama sobre a qual ele sabia tudo. Ele estivera na cadeia em Florença na época, por fraude, e a polícia sem dúvida suspeitava de que ele inventara a história para poder ser libertado. Mas nenhuma pista poderia ser ignorada num caso como esse. Interrogado pela polícia, ele alegou que a tentativa de assassinato foi tramada antes por uma sociedade política secreta comandada por uma irlandesa desconhecida, aliada a exilados italianos antifascistas na França. A polícia não ficou impressionada. O homem se comprometeu em mais ainda ao tentar vender uma arma secreta ao Exército francês. Ele alegou que o dispositivo pararia os motores dos aviões no meio do voo. Não parou.
14. ACS, MI, DAGR, b. 1320, Roma, 20 marzo 1928.
15. Ibid., Roma, dal direttore, Capo Divisione Polizia Politica, 30 marzo 1928, p. 29.
16. O chefe de polícia também observou que, na tentativa de impedir que a polícia identificasse seu agressor, Tacchi Venturi dera uma descrição dele muito diferente da que fora passada pelo porteiro. O jesuíta atribuiu a discrepância ao fato de que o porteiro estava ficando

velho e demente. Mas, na visão do chefe de polícia, o homem "não era aquele pobre cabeça de vento confuso que o padre Tacchi queria que acreditássemos que fosse". ACS, MI, DAGR, b. 1320, informatore, n.d.

17. "Naturalmente", escreveu o chefe de polícia em seu relatório final, "para creditar outro absurdo, sem contar pareceres ultrajantes dada a respeitabilidade do Homem, a saber, das relações imorais entre a vítima e o agressor". ACS, MI, DAGR, b. 59, p. 13.

18. Se Tacchi Venturi teve de fato um caso amoroso, ou se abusou sexualmente do garoto ou rapaz, é algo que permanece no reino da especulação. Os indícios, embora tentadores, estão longe de ser conclusivos. Muitos anos mais tarde, um relatório de um informante policial regular contou que Tacchi Venturi "tem grande afeição por um jovem que não é seu parente. Pode ser seu jovem secretário (...) Foi-me confirmado que esse é seu único amor verdadeiro". ACS, MI, DAGR, b. 1320, informatore n. 590 (= Eduardo Drago), Roma, maggio 1936. Para a identificação dos informantes policiais por seu número codificado, fiei-me em Canali, 2004a.

19. ACS, CR, b. 68, 4 maggio 1928.

20. No uso da época, *pederasta* se referia a um homem que tivesse relações sexuais tanto com meninos quanto com jovens rapazes.

21. Os dois homens achavam que eram merecedores de um chapéu cardinalício, e, de acordo com o "célebre informante no Vaticano" de Mussolini, ambos usavam sua posição ao lado do papa para envenená-lo contra o cardeal Gasparri, a quem culpavam por ter virado o pontífice contra eles. Se Pio estava excluindo seu velho secretário de Estado das decisões mais importantes que vinha tomando, isso se devia em parte à influência de que Samper e Caccia gozavam. ACS, MCPG, b. 155, noto informatore vaticano, 1926. A nota foi provavelmente escrita no fim de junho, já que faz referência à decepção de Samper

por não fazer parte da lista mais recente de novos cardeais apontados, e o consistório ocorrera em 21 de junho de 1926.

22. ACS, MCPG, b. 157, noto informatore vaticano, 23 luglio 1928. De fato, Samper não era italiano, mas colombiano. O informante tinha previamente se referido à investigação secreta papal em seus relatos de 22 e 30 de junho. A misteriosa suspensão de Samper é mencionada em *The Cardinals of the Holy Roman Church, Biographical Dictionary (1902-2012)*. Em suas memórias dos anos em que foi o emissário francês não oficial do Vaticano, entre 1914 e 1918, Charles Loiseau (1960, p. 102) recorda-se de Samper, então mordomo de Bento XV, de modo afetuoso, descrevendo-o como "um prelado jovem e opulento, de bela presença, que gozava da generosidade íntima de Bento XV". Foi apenas muito mais tarde que ele soube que Samper "caíra em desgraça e que o retiraram do Vaticano por razões um tanto delicadas. (...) Quaisquer que tenham sido", acrescentou Loiseau, "preservo uma boa lembrança dele". O embaixador francês, Fontenay, também discutiu sobre a dispensa misteriosa num relatório a Paris em 17 de dezembro de 1928, citado em Chiron, 2006, 152n57.

23. O "célebre informante no Vaticano" também relatou que Caccia utilizou o negociador do papa, Francesco Pacelli, para defendê-lo. ACS, MCPG, b. 157, noto informatore vaticano, 30 giugno 1928.

24. Canali, 2004a, p. 288.

25. De Felice (1968, p. 464) salienta isso, apontando que nesse sentido Bocchini se diferenciava de suas contrapartes nazistas, Heydrich e Himmler, homens sádicos. No entanto, ambos tinham Bocchini em alta conta e solicitavam seus conselhos técnicos. De acordo com o jornalista americano Thomas Morgan, que o conhecia, Bocchini estava insatisfeito com a aceitação cada vez maior dos nazistas por parte de Mussolini. Quando Bocchini morreu, em novembro de 1940, ainda chefe de polícia e gozando de uma saúde excelente, as suspeitas recaíram sobre os alemães. Morgan, 1941, p. 236.

26. De Felice, 1968, p. 465.
27. Canali, 2004a, pp. 283-84.
28. Ibid., p. 766n840. Muitas das informações que Pucci enviou foram relatadas por meio de Pupeschi, que aparece como informante de nº 35 nos relatórios secretos. Em 1929, Pupeschi viria a declarar que, quando um cardeal pleiteou com o papa para mandar Pucci embora do Vaticano, o pontífice respondeu que ele era muito valioso na lida com a imprensa, mas não seria requisitado para nenhuma missão confidencial — "e nós", acrescentou o papa, "saberemos como vigiá-lo". ACS, MI, FP "Cerretti", informatore n. 35 (= Bice Pupeschi), Roma, 25 ottobre 1929.
29. O bem-apessoado e robusto prelado, cuja dignidade era engrandecida por suas túnicas coloridas de monsenhor e sua voz melíflua, também era famoso para os correspondentes estrangeiros que faziam a cobertura do Vaticano, oferecendo a eles informações (por um preço) e entretendo-os com um repertório inesgotável de histórias. Ver Alvarez, 2002, pp. 156-57; Canali, 2004a, p. 195; Franzinelli, 2000, pp. 259-60, 701-3. Morgan (1944, pp. 31-36) oferece um retrato enfadonho do popular e bondoso Pucci, que jogaria as agências de notícia americanas umas contra as outras no intuito de aumentar seus ganhos.
30. Doses cavalares de ceticismo são necessárias na interpretação desses relatos fascinantes, noticiosos, fofoqueiros e não confiáveis, pois seu autor tinha muito interesse próprio nisso. Como mencionei, a identidade do "célebre informante do Vaticano" permanece um mistério. Há certa especulação de que se tratava de monsenhor Enrico Pucci, o assessor de imprensa não oficial do Vaticano, que possuía acesso irrestrito no Vaticano e mantinha boas relações com muitos dos altos oficiais do lugar. Mas tenho minhas dúvidas. O primeiro relato atribuído a ele data de antes da nomeação de Bocchini como chefe de polícia, e até 1934 o informante forneceu um imenso fluxo de relatos, por vezes longos e morosos, sobre os níveis mais altos do Vaticano. Às

vezes, ele descreve Pucci de maneiras que fazem com que pareça improvável que ele se refira a si mesmo; e.g., ACS, MCPG, b. 155, 20 marzo 1926, e ibid., ca. aprile 1926, informando sobre os Cavaleiros de Colombo. O "célebre informante do Vaticano" constantemente procurava desacreditar o cardeal Gasparri. Num relatório de abril de 1927, ele citou Gasparri insultando Mussolini de modo vulgar, ao dizer sem parar que "ele deveria ir cagar". ACS, MCPG, b. 156, 12 aprile 1927. Mas Gasparri, em suas memórias, expressa afeto por Pucci, então parece estranho que Pucci estivesse determinado a minar a visão que o Duce tinha dele.

31. ACS, MCPG, b. 157, noto informatore vaticano, 22 e 30 giugno 1928. Para manter Caccia afastado até que o escândalo arrefecesse, Pio o enviou como representante papal ao Congresso Eucarístico na Austrália. Mas quando o monsenhor retornou, meses depois, os rumores logo recomeçaram; ACS, MI, PS, Polizia Politica, b. 210, informatore n. 35, Roma, 27 settembre 1929. Um bilhete escrito à mão nesse relatório registra que uma cópia foi enviada a Dino Grandi, então ministro das Relações Exteriores.

CAPÍTULO 8: O PACTO

1.Conto a história dos esforços do papa para retomar Roma em Kertzer, 2004. Depois da Primeira Guerra Mundial, Bento XV tentou chegar a um acordo com o governo italiano, mas sem sucesso. O primeiro-ministro italiano envolvido nas negociações de Paris escreveu um relato; ver Orlando, 1937, pp. 140-46. O representante do papa também escreveu seu próprio relato; ibid., pp. 177-86. A reação negativa de Vítor Emanuel III ao acordo está registrada em Margiotta, 1966, pp. 56-58.

2. Mais tarde, quando matérias sobre a comissão começaram a surgir nos jornais, o papa fez *L'Ossertvatore romano*, o periódico do Vaticano,

clamar que "a Autoridade Eclesiástica nada tinha a ver com a nomeação ou a escolha dos três consultores eclesiásticos legais ou com o trabalho da comissão". Uma cópia do memorando, assinada por Mussolini e endereçada a seu ministro da Justiça, narra a história: "Em relação a acordos prévios", começa o Duce, "informo a Sua Excelência que o Santo Padre designou as seguintes pessoas para fazer parte da Comissão para a Reforma da Legislação Eclesiástica". Os nomes e as posições de dois altos oficiais do Vaticano e um professor de direito do Seminário Pontifical Romano vêm a seguir: "A mesma Santa Sé me forneceu o memorando anexo, no qual estão anotados os principais pontos que ela gostaria de ver incorporados à reforma." Mussolini anexou um memorando que Tacchi Venturi lhe entregara em nome do papa, listando seis medidas que o pontífice queria que fossem adotadas. ASV, AESI, pos. 628, fasc. 56, ff. 91r-93r, 3 de agosto de 1924. De Felice (1995, pp. 106-10) escreveu um relato sobre esses eventos antes de os documentos ficarem disponíveis nos arquivos do Vaticano; ele está bastante de acordo com o que sabemos agora. Ver também Margiotta, 1966, 131-33.

3. A carta do papa escrita à mão é encontrada em ASV, AESI, pos. 702, vol. 1, ff. 14r-16v.

4. DDI, série 7, vol. 4, n. 308. Em 16 de maio de 1926, Tacchi Venturi escreveu a Mussolini contando as novidades que se seguiram à sua reunião com o Duce alguns dias antes; ele falara com Gasparri e ficara sabendo que o Vaticano estava pronto para travar diálogo diretamente com o ditador a fim de acertar a questão romana; DDI, série 7, vol. 4, n. 312.

5. NARA, M530, rolo 2, U.S. embaixador Henry F. Fletcher, Roma, para o secretário de Estado, 4 de outubro de 1927, n. 1.410.

6. Nenhuma oportunidade era pequena demais para ser explorada. Logo depois do funeral de um padre de renome, os membros da família visitaram Mussolini e o presentearam com a cruz peitoral do monsenhor, explicando que guardava uma relíquia da Santa Cruz. O

Duce a beijou — o que deve ter sido um esforço para o famoso agitador anticlerical da Romanha — e lhes disse que a manteria sempre consigo. O papa, ao ouvir a história, ficou satisfeito. "*Bene, bene*", "bom, bom", disse ele. ACS, MCPG, b. 155, 5 luglio 1926.

7. "La parola di Merry del Val", *Il Regime fascista*, 7 ottobre 1926, p. 1; Franzinelli, 1998, p. 54.

8. Franzinelli, 1998, p. 68.

9. "Aristocrazia nera", *Il Secolo XX*, 20 febbraio 1929, p. 11, exibe uma foto de Francesco Pacelli como um exemplo da categoria. Bosworth, 2011, p. 26.

10. O jornal de Chicago era o *Chicago Daily News*. Em novembro de 1926, um arquivo policial secreto relatou que os Cavaleiros de Colombo americanos estavam levantando fundos para o terreno; ACS, MI, DAGRA, b. 113, n. 52.199.

11. O jesuíta contatou o ministro do Interior, Luigi Federzoni. O relatório policial revelou que as sedes das duas organizações ficavam no mesmo prédio e que o líder de longa data do Partido Popular local era um padre.

12. Era especialmente ultrajante, acrescentou ele, que o Partido Popular se opusesse aos fascistas enquanto estava aberto à possibilidade de se aliar com os socialistas, "inimigos jurados de cada princípio cristão". Tacchi Venturi a Gasparri, AESI, pos. 611, fasc. 46, ff. 23r-23v; os relatórios policiais estão em ff. 25r-30r.

13. ASV, AESI, pos. 734, fasc. 241, ff. 4r-5v, Tacchi Venturi a Gasparri, 8 gennaio 1926. O jesuíta acrescentou uma nota à visão de Federzoni a respeito do bispo de Bréscia. "Ainda que ele respeite as virtudes pastorais do monsenhor Gaggia, assim como seu aprendizado acerca da religião e sua cultura religiosa, acha que, por conta de sua idade avançada, ele não percebe que, enquanto se escondiam por trás da máscara ou do nome da Ação Católica, muitos de seus membros estavam liderando uma campanha secreta contra o governo, buscando

de um jeito ou de outro envolver a autoridade eclesiástica nesse conflito."

14. *Balilla* é o sobrenome de um jovem que diziam ter dado início à revolta popular contra as tropas austríacas em Gênova, em 1746. Gibelli, 2003, p. 267.

15. ASV, AESI, pos. 667, fasc. 129, ff. 68r-69r.

16. ACS, MCPG, b. 157, noto informatore vaticano, 29 aprile 1928.

17. Coco, 2009, pp. 164-65.

18. Rhodes, 1974, p. 41. Este relato é baseado no testemunho do embaixador alemão em Roma.

19. Pacelli, 1959, p. 99, grifo no original. Poucos meses antes, em 1º de março, o papa ficara indignado quando Francesco Pacelli retransmitiu a sugestão de que ele tinha abandonado seu desejo de ver Villa Doria Pamphili considerada parte das terras do Vaticano. Na época, Pio XI insistiu que preferia não chegar a um acordo a ter a propriedade excluída. Ibid., p. 82.

20. "Não aceitar", acrescentou Barone, "seria o equivalente a dizer que (...) eles não queriam que o conflito chegasse ao fim, mas posso assegurar que Mussolini pensa diferente". Ibid., p. 100. "Barone me contou também, em caráter confidencial", narra Pacelli em seu diário, "que em várias ocasiões o rei demonstrara falta de entusiasmo pela resolução da questão romana".

21. R. Mussolini, 1974, p. 154; Bosworth, 2002, pp. 347-49; Milza, 2000, p. 537.

22. Navarra, 2004, p. 16.

23. O não comparecimento do papa ao jubileu de Gasparri e seu impacto são discutidos em uma série de relatórios de 1926 do "célebre informante do Vaticano". ACS, MCPG, b. 155.

24. ACS, MCPG, b. 157, noto informatore vaticano, 1 gennaio 1928; ibid., 5 gennaio 1928; ibid., 12 gennaio 1928.

25. DDI, série 7, vol. 7, n. 240; Arnaldo Cortesi, "Only 9 to See Pact Signed in Rome Tomorrow", NYT, 11 de fevereiro de 1929, p. 3.
26. Citado em Gannon, 1962, p. 62. Dois dias depois, o monsenhor Spellman diria que o papa estava "encantado com tudo". Ibid., p. 63. Borgongini, um dos dois subsecretários de Gasparri, convocara Spellman três anos antes para ajudá-lo com o material em inglês e com a Igreja americana. O principal informante de Mussolini no Vaticano na época, nem um pouco fã de Borgongini, alegou que o núncio queria se vangloriar com os Cavaleiros de Colombo nos Estados Unidos, um grupo que se tornara uma importante fonte de fundos para o Vaticano. No fim de 1926, depois de tanto ouvir falar sobre o jovem padre americano, para não mencionar sua inexaurível habilidade de aparecer com fundos oriundos dos Estados Unidos, o papa pediu que Spellman o encontrasse em uma audiência particular. Em pouco tempo, o pontífice começou a se referir a ele como o "monsenhor Prezioso", o monsenhor valioso. ACS, MCPG, b. 155, noto informatore vaticano, 1926 (não há informação de mais datas específicas); e MCPG, b. 155, noto informatore vaticano, 5 gennaio 1927. Com grande deleite, Spellman contou para sua mãe o apelido que o papa lhe dera. Gannon, 1962, pp. 57-59.
27. A contenda mais recente envolvia o status do palácio do Santo Ofício da Inquisição. A imponente construção do século XVI situava-se ao longo da muralha do Vaticano, à esquerda de quem estivesse diante da basílica de São Pedro, mas sua porta da frente dava para uma rua pública. O papa queria que tanto a construção quanto a rua em frente fossem consideradas parte da nova Cidade do Vaticano. Mas o rei se opôs a dar qualquer território adicional à Igreja, e, por fim, Pio mostrou-se disposto ao acordo. A rua permaneceria fora do controle papal e, ainda que o palácio em si não estivesse tecnicamente nas terras do Vaticano, ele receberia, como várias outras construções da Igreja em Roma, status jurídico especial. ASMAE, Gab., b. 718, Roma, 10 febbraio 1929.

28. Ainda que essa estipulação estivesse no estatuto do Estado de Savoyard de 1848, que foi depois adotado pelo jovem Estado italiano em 1861, na época ela foi inserida no contexto da doutrina de "uma Igreja livre em um Estado livre".
29. Toschi, 1931.
30. Bosworth, 2011, p. 171.
31. Com base no valor de câmbio da lira italiana em 1929 e do dólar encontrado em Nenovsky et al., 2007.
32. Grandi, 1985, pp. 254-55.
33. Martini, 1960b, p. 113. Mais tarde, Gasparri contou a Charles-Roux que ele chorara cinco vezes naquele dia: duas ao entrar e sair do estúdio do papa, uma ao chegar ao palácio de Latrão para a assinatura, outra durante o ato na assinatura e uma última ao relatar o dia ao papa. Charles-Roux, 1947, p. 48.
34. Reese, 1996, p. 11.
35. Spellman para sua mãe, 10 de fevereiro de 1929, em Gannon, 1962, p. 63.
36. Uma foto de Mussolini descendo de seu carro é encontrada em *Il Secolo XX*, 20 febbraio 1929, p. 7.
37. "Signing in Constantine's Palace", NYT, 11 de fevereiro de 1929, p. 2.
38. "Informazioni Stefani sul Trattato e Concordato", OR, 13 febbraio 1929, p. 2.
39. Arnaldo Cortesi, "Vatican and Italy Sign Pact Recreating a Papal State; 60 Years of Enmity Ended", NYT, 12 de fevereiro de 1929, p. 1; Casella, 2005, p. 24. A saudação de Pizzardo foi narrada em NARA, M530, rolo 2, n. 2140, 15 de fevereiro de 1929. Alexander Kirk, encarregado de negócios provisório da embaixada americana em Roma, noticiou ao secretário de Estado americano em Washington, p. 5.
40. Grandi 1985, p. 255.

41. As várias ações que Mussolini tomara para beneficiar a Igreja alguns anos antes não foram o único motivo dessa esperança do papa; Moro afirma que a visão de Mussolini de usar a Igreja como um *instrumentum regni*, um instrumento de seu governo, também contribuiu para isso. Seria um retorno — ou pelo menos assim esperava o papa — ao arranjo conveniente de que a Igreja gozara com vários outros governos absolutistas no antigo regime, antes que conceitos de democracia e separação da Igreja e do Estado transformassem a Europa ocidental. Não menos importante era o fato de que os princípios básicos que Mussolini adotou e os princípios defendidos pelo papa estavam em amplo acordo no que dizia respeito à necessidade de ordem, disciplina e hierarquia, além da rejeição de ambos à ideia de que o povo deveria decidir o que era melhor com base na própria consciência. A virtude se encontraria nas pessoas que agiam não em prol do próprio interesse, mas pelo bem maior, e esse bem maior era determinado por uma autoridade. Moro, 1981, pp. 192-93. Moro se baseia no trabalho de Giovanni Miccoli (1973, 1988). De Felice (1995, pp. 382-83), autor da biografia definitiva de Mussolini, argumenta que foi apenas depois da assinatura do Tratado de Latrão que o regime fascista foi plenamente estabelecido.

42. Citado em Confalonieri, 1957, p. 215.

43. Os relatos do prefeito são encontrados em ACS, MI, DAGRA, b. 187, 11 febbraio 1929.

44. De acordo com o relato de uma revista comemorativa, o acordo foi um milagre "produzido pela perfeita coincidência (...) entre as diretrizes da Igreja e do Estado fascista ao levantar o moral e o nível espiritual no povo. Aquilo sem dúvida não teria dado certo em um regime parlamentar". Giuseppe Bevione, "La portata dell'accordo fra l'Italia e il Vaticano", *XX Secolo*, 15 febbraio 1929, p. 7. *L'Osservatore Romano*, jornal do Vaticano, citado na ampla cobertura do evento em *La Gazzetta del Popolo*, ao anunciar o fato de que "o regime fascista

conseguira resolver a questão romana porque tinha liberado a Itália de todas as mentiras democráticas do anticlericalismo e do parlamentarismo". "Dopo la firma dei trattati fra la Santa Sede e l'Italia", OR, 15 febbraio 1929, p. 1.

45. Arnaldo Cortesi, "280,000 Cheer Pope", NYT, 13 de fevereiro de 1929, p. 1; H. G. Chilton, *Annual Report 1929*, 27 de março de 1930, C 2470/2470/22, em Hachey, 1972, p. 165, seção 99; "La dimostrazione al Quirinale", OR, 14 febbraio 1929, p. 1. Relatos de outras celebrações similares fora de Roma são encontrados em "L'esultanza delle città italiane per il fausto evento della conciliazione", *L'Avvenire d'Italia* [o jornal católico de Bolonha], 12 febbraio 1929, p. 4, e todas as questões de *L'Osservatore romano* sobre os vários dias que se seguiram.

46. A manchete do *New York Times* era previsível: "Sessenta anos de inimizade chegam ao fim (...) Multidões comemoram nas ruas". Arnaldo Cortesi, "Vatican and Italy Sign Pact Recreating a Papal State", NYT, 12 de fevereiro de 1929, p. 1.

47. As palavras são de Domenico Tardini (1988, p. 294), que na época estava abaixo de Francesco Borgongini na Secretaria de Estado do Vaticano.

48. NARA, M530, rolo 2, n. 2.140, 15 de fevereiro de 1929, p. 8; Caviglia, 2009, p. 94.

49. ACS, CR, b. 6, 13 febbraio VII [1929]. O relatório de três páginas exibe a anotação escrita à mão com caneta "da Rosati".

CAPÍTULO 9: O SALVADOR

1.Morgan, 1939, p. 174.

2. Arnaldo Cortesi, "Mussolini Cheered by Papal Audience" [Mussolini exaltado por público papal], NYT, 18 de fevereiro de 1920, p. 5. A aristocracia de Roma passou pela transição para o

governo fascista sem maiores dificuldades. De modo revelador, de 1926 até a queda de Mussolini em 1943, o Duce estipulou uma série de quatro príncipes para servirem como governadores de Roma; a linha aristocrática foi quebrada apenas por um breve período em 1935-1936, quando Giuseppe Bottai assumiu esse papel. Insolera, 1976, p. 119.

3. O parlamento aprovou o novo sistema eleitoral em 1928; Milza, 2000, p. 415. O procedimento incluía um primeiro passo no qual o Grande Conselho recebia mil nomeações de "uma lista de pessoas de inquestionável fé fascista", providenciada por vários grupos controlados pelo governo; a decisão final sobre os candidatos seria tomada pelo Grande Conselho, que também poderia adicionar candidatos que não estivessem entre os nomeados. De Felice (1995, p. 437) debate a terminologia de "plebiscito" usada pelo regime.

4. O apelo publicado no jornal do Vaticano foi assinado pelo conselho executivo nacional e é citado em Scoppola, 1976, pp. 195-96. Ver também De Felice, 1995, p. 445.

5. Em 17 de fevereiro, Mussolini recebeu um ultimato surpreendente em uma carta do cardeal Gasparri, enviada através de Francesco Pacelli: "A Santa Sé, ainda que admire e louve com grande satisfação o trabalho realizado pelo Ilustre Mussolini para enorme proveito da religião, sente o intenso desejo de que as eleições políticas vindouras tenham o grande valor, como foi dito, de um plebiscito, um valor de louvor e apoio ao Duce e ao regime que ele criou e que está incorporado nele." A Santa Sé estava ansiosa pelas eleições a fim de apresentar "uma prova eloquente e solene do consenso total dos católicos italianos em relação ao governo do Ilustre Mussolini". Pacelli enviou a carta com uma nota de apresentação, descrevendo-a como uma mensagem de Gasparri, embora oferecida na transcrição "fiel" de Pacelli. ACS, CR, b. 68, Roma, 17 febbraio 1929.

6. O papa deu as instruções ao cardeal Gasparri, que então ditara a carta para Francesco Pacelli. Foi Pacelli que a levou a Mussolini. ACS,

CR, b. 68

7. A citação é do relato de Tacchi Venturi. SV, AESI, pos. 630a, fasc. 63, ff. 88r-89v, Tacchi Venturi a Gasparri, Roma, 21 febbraio 1929. Ao que parecia, foi revelado que o emissário jesuíta do papa tinha o poder de acrescentar católicos leais à lista de candidatos de Mussolini. Seus arquivos contêm cartas de várias pessoas alardeando suas referências de serem "bons católicos" e perguntando se podiam figurar na lista. Gasparri enviou a Tacchi Venturi outros nomes para a lista. ARSI, TV, fasc. 1.037.

8. Em fevereiro de 1923, o Grande Conselho fascista identificou a maçonaria como uma ameaça ao fascismo e declarou que a filiação a esta entidade era incompatível com a associação ao Partido Fascista. *Squadristi* saquearam e incendiaram lojas maçônicas em todo o país. *La Civiltà Cattolica* elogiava o Grande Conselho fascista por sua atitude, enquanto alertava que a conspiração judaico-maçônica, que havia muito era difamada pela publicação, tinha como alvo não apenas a Igreja Católica, mas também Mussolini. O governo deveria agir também contra os judeus da Itália, acrescentou, acusando-os de exercer uma influência maior do que seus números minúsculos aparentavam. CC, 1923, I p. 464, citado em Sale, 2007, pp. 42-43. Ver também Molony, 1977, p. 152.

9. Uma amostra dessa mobilização da hierarquia da Igreja italiana é oferecida por uma circular que um bispo central italiano enviou a todos os seus párocos. Era o "dever sagrado de todos os católicos, sem exceção", votar no "Homem providencial", que trabalhara tanto junto ao papa "para dar Deus de volta à Itália e a Itália de volta a Deus". Os padres deveriam fazer tudo o que pudessem, escreveu o bispo, para persuadir seus paroquianos a ir às eleições e votar. Monsenhor Alberto Romita, bispo de Campobasso, citado em Piccardi, 1995, p. 50. Luigi Colombo, presidente nacional da Ação Católica, também publicou uma convocação para que todos os membros das organizações

votassem sim. "Un discorso del Comm. Colombo", OR, 13 marzo 1929, p. 4.

10. Binchy, 1970, p. 199.

11. CC, 1929, II, pp. 184-85.

12. Isso parece ter sido baseado nas *Confissões* de Santo Agostinho, cap. 11.

13. O relato de Jacini sobre sua visita ao papa é reproduzido em Fonzi, 1979, pp. 676-78. Para mais informações sobre Jacini, ver Ignest, 2004.

14. Nesse breve comentário sobre o discurso, *La Civiltà Cattolica* (1929, II, p. 473) citou essa passagem com desaprovação.

15. Os textos de Mussolini dirigidos aos parlamentos foram publicados como um livro (Mussolini, 1929).

16. Logo depois da assinatura, Gasparri leu o conteúdo de um telegrama do papa endereçado a Vítor Emanuel III, que dizia: "O primeiro telegrama que enviamos da Cidade do Vaticano é para dizer-lhe que a troca de ratificações do Tratado de Latrão acaba de ser, graças a Deus, concluída (...) Também para oferecer uma bênção apostólica sincera, profunda e paternal a Vossa Majestade, à vossa respeitável esposa, a toda a Família Real, à Itália, ao mundo. Pio XI." A mensagem era histórica. Pio IX havia excomungado o rei Vítor Emanuel II e, desde então, nenhum papa enviara uma bênção — ou até mesmo uma carta — a um rei italiano. Pacelli, 1959, pp. 144-54; "Gli accordi lateranensi tra la S. Sede e l'Italia", CC, 1929, II, pp. 544-45.

17. ACS, CR, b. 4, Roma, 1 maggio 1923, Mussolini a De Vecchi. Entre os arquivos do secretário particular de Mussolini encontram-se cópias da ficha militar de De Vecchi. Durante a guerra, seus superiores deram a ele a maior honraria por seu espírito militar e por suas habilidades como oficial da artilharia.

18. Grandi, 1985, p. 175 (25 ottobre 1922).

19. "Não é verdade que De Vecchi seja um tolo", começava uma piada. "Pelo contrário, ele era uma criança precoce. Com cinco anos pensava da mesma maneira que aos cinquenta." Uma década depois da nomeação de De Vecchi para o posto no Vaticano, o general Enrico Caviglia, ocupante da mais alta posição militar italiana, marechal da Itália, e membro de longa data do senado, o expôs de maneira incisiva. De Vecchi, observou, era um "esquisitão presunçoso". De Begnac, 1990, pp. 232, 469; Bosworth, 2002, pp. 182-83; Innocenti, 1992, p. 154; Caviglia, 2009, p. 301; Romersa, 1983, p. 5.

20. NARA, M530, rolo 2, n. 2.362, Roma, 27 de junho de 1929, Henry P. Fletcher, embaixador americano ao secretário de Estado, Washington; CC, 1929, III, pp. 170-72; De Vecchi, 1983, pp. 136-37.

21. De Vecchi, 1998, p. 141.

22. Citado em Casella, 2009, pp. 74-75.

23. De Vecchi, 1998, pp. 23-25.

24. A verdadeira expressão italiana é mais pitoresca: o papa *aveva un diavolo per capello*, literalmente o papa "tinha um demônio no cabelo"; Casella, 2009, p. 82.

25. A audiência aconteceu em 15 de novembro de 1929. ASMAE, APNSS, b. 7, De Vecchi a Dino Grandi, Ministro per gli Affari Esteri, 22 novembre 1929. Ver também o relato em De Vecchi, 1983, pp. 162-64.

26. De Vecchi, 1983, p. 141. O papa informou os cardeais da Cúria sobre as negociações por volta da época em que elas foram iniciadas, mas, até que estivessem praticamente concluídas, não se falou mais sobre o assunto. Mostrando mais coragem — e menos prudência — do que seus colegas, o monsenhor Giuseppe Bruno, secretário da Pontifícia Comissão encarregada da interpretação do direito canônico, decidiu levar suas queixas ao próprio Pio XI. Em uma audiência particular, disse ao papa que, se tivesse pedido seu conselho para

negociar a concordata, ele teria se certificado de incluir uma série de garantias importantes que não haviam sido mencionadas. O papa respondeu secamente, dizendo que fora necessário passar por cima de muitas coisas a fim de se chegar a um acordo em relação à questão romana. Ainda chateado, Bruno foi ver o cardeal Sbarretti, um dos membros mais influentes da Cúria, na esperança de conseguir seu apoio. Mas Sbarretti sabia que era melhor não se opor ao papa e aconselhou Bruno a esquecer o assunto. Não havia nada que pudesse ser feito. Como disse o informante que relatou tudo isso para a polícia: "Ninguém se atreve a compor qualquer oposição real por medo de se indispor com o papa Ratti." ASMAE, AISS, b. 2, fasc. 6, Roma, 14 luglio 1929.

27. Relatório de um informante da polícia citado por Coco (2009, p. 168). Os termos usados pelo cardeal Cerretti não são fáceis de serem traduzidos: "*Il papa si è fatto mangare da Mussolini la pappa in testa*."

28. ASMAE, AISS, b. 2, fasc. 6, Roma, 14 luglio 1929. Sobre Pompili e sua disputa, ver Fiorentino, 1999, pp. 131-33.

29. De Vecchi, 1983, p. 141.

30. ASMAE, AISS, b. 2, fasc. 6, Roma, 10 de agosto de 1929. Uma cópia é encontrada em ACS, MI, FP "Pompili". Identifica o informante como nº 39 e exibe a nota "Cópia de Sua Excelência Grandi para o embaixador". ASMAE, AISS, b. 2, f. 6, Roma, 12 novembre 1929.

31. ACS, MI, FP "Pompili", Città del Vaticano, 19 novembre 1929. A fonte desse relato, de acordo com o informante da polícia, é o monsenhor Pascucci, secretário pessoal de Pompili.

32. ACS, MI, FP "Pompili", informatore n. 35, Città del Vaticano, 30 marzo 1930.

33. Pouco antes da morte de Pompili, enquanto o clero romano, que servira por muito tempo sob o comando do irascível cardeal, preocupava-se com sua saúde, o papa, segundo um informante,

expressou sua gratidão porque em breve ficaria livre de um pesadelo. ACS, MI, FP "Pompili", informatore n. 40 (= Virginio Troiani di Merfa), Città del Vaticano, 25 aprile 1931. Ver também Fiorentino, 1999, pp. 131-38.

34. ACS, MI, FP "Pizzardo", informatore n. 40, Città del Vaticano, 9 luglio 1931.

35. Quatro anos depois, outro informante relatou que Pizzardo era bastante conhecido no Vaticano por seu apelido "Rasputin". ACS, MI, FP "Pizzardo", informatore n. 35, Roma, 13 de agosto de 1929; ACS, MI, FP "Pizzardo", informatore n. 390, Milano, 6 giugno 1933. Como sublinhei antes, esses relatos de informantes da polícia precisam ser tratados com cuidado.

36. ACS, MI, FP "Pizzardo", informatore n. 52 (= Filippo Tagliavacche), Roma, 21 luglio 1933; Casella, 2000, pp. 176-77.

37. O. Russell, *Annual Report 1924*, 28 de fevereiro de 1925, C 3342/3342/22, em Hachey, 1972, p. 71, seção 60. Na época, a Grã-Bretanha só possuía dois cardeais. Pollard (2012) detalha como o financiamento americano ao Vaticano foi importante durante esses anos. Para os motivos da nomeação de Mundelein como cardeal, o primeiro nos Estados Unidos fora da costa leste, ver Kantowicz, 1983, pp. 165-66.

38. Fogarty, 1996, p. 556.

39. ACS, MI, FP "Pizzardo", informatore n. 40, Roma, 14 novembre 1929. Durante muitos anos, rumores constantes correriam pelo Vaticano sobre como Pizzardo estava perto de ser nomeado para uma nunciatura no exterior. Vez ou outra, Alemanha, Estados Unidos e Polônia eram mencionados como possíveis destinos. Ver ACS, MI, FP "Pizzardo". Mas todas as vezes Pizzardo convencia o papa a deixá-lo permanecer no Vaticano.

40. A descrição do próprio Borgongini de sua nova função é impressionante: "Aqui tudo escrito é ditado. O Santo Padre dita ao

cardeal [secretário de Estado]; o cardeal dita para mim, e eu, para o meu assistente." Citado em Guasco, 2012. De maneira similar, o padre Martina (2003, p. 237) descreve as competências de Borgongini como "modestas" e aponta que, quando precisava de um intermediário mais "autoritário" para lidar com Mussolini, o papa se voltava a Tacchi Venturi.

41. FCRSE, parte XIV, p. 72, Perth a Halifax, 26 de abril de 1938, R 4359/280/22.

42. ACS, MI, PP, b. 154, informatore n. 40, Città del Vaticano, 20 ottobre 1930. Em uma reunião com o monsenhor Pizzardo em junho de 1990, De Vecchi reclamou que estivera na posição durante quase um ano, mas o papa ainda não decidira lhe dar nenhuma honra papal. Ele registrou em seu diário que levantaria a questão com Borgongini no dia seguinte; ver De Vecchi, 1998, pp. 216-17.

43. Mas Borgongini não seria descartado, considerando a profunda infelicidade do papa diante da recente apreensão de diversos jornais católicos realizada pelo governo. O argumento que ele adotou com Mussolini foi o mesmo que Tacchi Venturi utilizava havia muito tempo. De fato, era um argumento que, como o núncio disse ao Duce, ele tinha "ouvido muitas vezes do Santo Padre: os inimigos da Igreja são inimigos do fascismo, e aqueles que lutam contra a Igreja não podem ser simpatizantes do fascismo". ASV, ANI, pos. 23, fasc. 1, ff. 8r-18r. Logo após o anúncio do Tratado de Latrão, figuras mais antigas na Igreja advertiram a todos que quisessem ouvir que várias "seitas" nefastas eram dedicadas a destruir tanto a Igreja Católica Romana quanto o regime fascista. Duas semanas depois da assinatura em 11 de fevereiro, por exemplo, o bispo de Pádua, Elia Dalla Costa (que dois anos mais tarde seria nomeado cardeal por Pio XI), agradeceu a Deus por Mussolini ter "grande inteligência e grande coragem". Em seu sermão na catedral de Pádua, em 24 de fevereiro, ele disse a seu rebanho que Mussolini precisava de toda a força "para

enfrentar a fúria da conspiração de todas as seitas que são inimigas tanto de Deus quanto da Itália". Citado em Perin, 2010, p. 152.

CAPÍTULO 10: COMER UMA ALCACHOFRA

1.ASV, ANI, pos. 22, fasc. 10, ff. 2r-3r, Borgongini a Mussolini, 12 settembre 1929.

2. ASMAE, AISS, b. 2, Mussolini a Borgongini, 15 settembre 1929.

3. Enquanto Mussolini alegava que o 20 de setembro se provara bom para todos, argumentou Borgongini, "todos os papas, de Pio IX a Pio XI, sempre acreditaram no oposto, assim como todos os católicos". ASMAE, AISS, b. 2, Borgongini a Mussolini, 18 settembre 1929.

4. Cannistraro e Sullivan, 1993, p. 328.

5. E. Mussolini, 1957, pp. 40-50, 103; De Felice, 1974, pp. 19-20; De Felice, 1981, p. 274n38; Morgan, 1941, pp. 109-11, 138-39; Festorazzi, 2010, pp. 80-81; Motti, 2003, pp. 198-99; E. Mussolini, 1957, p. 39.

6. CC, 1929, IV, pp. 548-52; "La solenne visita dei Sovrani d'Italia al Santo Padre", OR, 6 dicembre 1929, p. 1. O cardeal Merry del Val receava que Borgongini — "que é capaz de qualquer coisa" — pudesse se curvar à pressão do governo e fazer o papa retribuir a visita real, algo que o ex-secretário de Estado achava estar muito aquém da dignidade do pontífice. Tardini, 1988, p. 450n32. Na semana seguinte, assinalando o primeiro aniversário do Tratado de Latrão, o OR relembrou o evento como o produto "da caridade de um Padre, da sabedoria de um Rei e da genialidade de um Estadista"; "XI Febbraio", OR, 11 dicembre 1929, p. 1.

7. E. Mussolini, 1957, p. 135.

8. Confalonieri, 1957, p. 160; CC, 1930, I, pp. 80-81. Embora diversos cardeais tenham ido a Roma para as últimas celebrações do Ano Santo, incluindo dois americanos, nenhum ficou sabendo da

visita, portanto ninguém a testemunhou. NARA, M561, rolo 1, John W. Garrett, embaixador americano em Roma, para o secretário de Estado, 20 de dezembro de 1929; "475 mil visitam Roma para o Jubileu do Papa", CDT, 19 de dezembro de 1929, p. 35.

9. Baudrillart, 2003, pp. 381-83 (6 décembre 1929), citado em Durand, 2010, p. 44.

10. R. Mussolini, 2006, p. 97.

11. Moseley, 1999, p. 5.

12. E. Mussolini, 1957, pp. 122-24.

13. Tomás de Kempis, 1982, pp. 102-5; Innocenti, 1992, p. 14; Moseley, 1999, pp. 4, 7, 11; Morgan, 1941, p. 114.

14. CC, 1930, II, p. 284. "Esse assunto do presente do papa para os recém-casados é terrível para a opinião pública não só na Itália, mas também no resto do mundo", escreveu De Vecchi (1998, pp. 147-48) em seu diário naquele dia. Mais tarde, naquele ano, pouco antes de Ciano e Edda partirem para a China, onde Ciano assumiria um novo posto diplomático, Pio XI concedeu a eles uma audiência particular e os presenteou com uma edição com capa de couro de *Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis, com o autógrafo do papa. "Genro e filha do Duce conversam com o papa", CDT, 9 de setembro de 1930, p. 31.

15. Moseley, 1999, p. 15.

16. DDI, série 7, vol. 9, n. 231, 26 de agosto de 1930. O rascunho da carta de Borgongini, com correções, é encontrado em ASV, ANI, pos. 23, fasc. 2, ff. 165r-169r.

17. O Duce ordenou a destruição de palácios e igrejas históricos, nas palavras de um historiador, "como se eles fossem uma corrente de lava estéril que invadiu Roma, em vez da Pompeia, em seus dias de glória". De Felice, 1974, pp. 52-53; Insolera, 1976, pp. 128, 132-33; Painter, 2005, pp. 22-23.

18. Navarra, 2004, pp. 17, 44; De Felice, 1968, pp. 55-56; Festorazzi, 2010, p. 94; Cannistraro e Sullivan, 1993, p. 298; ASV, ANI, pos. 22, fasc. 10, ff. 23r-34r, 4 settembre 1930.
19. R. Mussolini, 1974, p. 97.
20. "Você está perfeitamente correto de um ponto de vista lógico", disse Mussolini ao núncio, referindo-se a seu argumento de que, com a Conciliação, faria sentido pôr fim ao feriado contestado. "Mas não estou de todo errado sob o ponto de vista da *opportunità*."
21. "Não, o senhor é um crente", respondeu o núncio, "e o Senhor está claramente ajudando Vossa Excelência". Ver o extenso relato de Borgongini sobre a reunião em sua carta para o novo secretário de Estado, Eugenio Pacelli. ASV, ANI, pos. 22, fasc. 10, ff. 23r-34r, 4 settembre 1930.
22. ASV, ANI, pos. 23, fasc. 10, ff. 53r-62r, Borgongini a Pacelli, 15 settembre 1930.
23. As duas reuniões entre Borgongini e Mussolini são descritas em ASV, ANI, pos. 23, fasc. 2, ff. 204r-213r, Borgongini a Eugenio Pacelli, segretario di stato, 15 settembre 1930.
24. Diversos historiadores sustentam que Mussolini estava construindo uma religião civil na Itália. Os próprios fascistas utilizaram esse termo: em 1930, um dos homens mais próximos a Mussolini descreveu o fascismo como uma "religião civil e política (...) a religião da Itália". No fim da década de 1920, Augusto Turati, líder do Partido Fascista, elaborou um sistema de ritual e mito, seguindo os modelos da Igreja Católica. Ele convocou todos os italianos a acreditarem no Duce e no fascismo, sem questionamentos, "da mesma maneira que se acredita na divindade". Depois do Tratado de Latrão, Turati publicou um catecismo fascista; um de seus principais itens de fé era "a subordinação de todos à vontade do Chefe". Mussolini, assim como o papa, seria considerado infalível no que dizia respeito à fé, e seu julgamento, como o do pontífice, não deveria ser questionado. O

"homem da Providência" sabia o que era melhor para o seu rebanho. Gentile, 1995, pp. 144-45; Gentile, 1993, pp. 124, 293-94.

25. Mack Smith, 1982, p. 168. Em fevereiro de 1933, o líder do PNF, Achille Starace, anunciou que dali em diante todos os atos oficiais do governo conteriam o nome DUCE apenas em letras maiúsculas. Falasca-Zamponi, 1997, p. 61.

26. Gentile, 1995, pp. 144-45; Gentile, 1993, pp. 124, 293-94. Um repórter enviado à China pelo jornal de Mussolini, *Il Popolo d'Italia*, entregou um pedido especial. Os missionários católicos em Wei Chou queriam uma fotografia do Duce, e tinham esperanças de que fosse autografada pelo ditador. O jornalista explicou: "Trata-se de um povo que está enfrentando dificuldades e perigos desconhecidos, mas está elevando a voz da Itália ao falar para os chineses sobre Mussolini como se fosse um Deus." Mais tarde, ao receber uma foto autografada, o líder dos missionários, profundamente agradecido, expressou sua gratidão pelo "nosso Duce, a quem Deus escolheu para guiar o grande destino de nossa fraternidade". Franzinelli e Marino, 2003, p. xii.

27. MacKinnon, 1927, p. 81.

28. Ibid., p. xv.

29. Navarra, 2004, p. 65.

CAPÍTULO 11: A VOLTA DO FILHO NATIVO

1.Mais tarde, pensando naqueles anos, o enviado britânico se mostraria surpreso com o fato de que Gasparri, muito mais experiente, tenha se adaptado tão bem às "maneiras autocráticas" do papa. C. Wingfield, *Annual Report 1934*, 12 de janeiro de 1935, R 402/402/22, em Hachey 1972, p. 286, seção 133.

2. Ottaviani, 1969, pp. 502-3.

3. Rhodes, 1974, p. 40.

4. Morgan, 1944, p. 137. A famosa frase, também vista na manchete de *L'Osservatore romano*, vem de Matheus 16:18, onde Jesus diz "e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela".
5. ACS, MI, DAGRA, b. 113, 8 novembre 1926; ACS, MCPG, b. 155. Esses relatos devem ser lidos com alguma cautela, pois o "célebre informante do Vaticano" era claramente um crítico de Gasparri. De acordo com um relatório da polícia secreta de dezembro de 1927, Gasparri também desconfiava de Tacchi Venturi, a quem acusava de fazer jogo duplo ao dividir informações confidenciais do Vaticano com o Duce; ACS, MI, DAGR, b. 1320. Na época da comoção gerada pela suposta tentativa de assassinato contra Tacchi Venturi, Gasparri tentou colocar o papa contra ele, sugerindo que o episódio fora inventado pelo jesuíta por algum motivo obscuro. ACS, MI, DAGR, b. 1320, 5 settembre 1928. Mais uma evidência dos esforços de Gasparri para destituir Tacchi Venturi se encontram em um relatório da polícia para Mussolini em 1928, informando ao ditador sobre a oposição de Gasparri ao envolvimento dos jesuítas nas negociações a respeito da questão romana; ACS, CR, "Appunto", relatório sem data sobre o príncipe Pignatelli. O informante da polícia também contou que os monsenhores Caccia e De Samper, o mestre de cerimônias do papa e seu mordomo, culparam Gasparri por não terem sido nomeados cardeais e estavam envenenando o pontífice contra ele.
6. A carta foi publicada em Martini, 1960b, pp. 129-30.
7. ACS, MI, FP "Pietro Gasparri", Città del Vaticano, 8 ottobre 1929. Pouco tempo antes, com a nomeação de Borgongini como núncio da Itália, Pizzardo foi designado para substituí-lo como secretário da Congregação dos Assuntos Eclesiásticos Extraordinários.
8. De Vecchi, 1983, p. 144. Quando o embaixador português no Vaticano foi vê-lo em outubro, Gasparri segredou-lhe que havia

oferecido sua demissão, mas o papa ainda não aceitara. Ele acrescentou que Mussolini tinha se tornado um "terrível pesadelo" para o pontífice, que, enfurecido pelas pressões que os grupos de juventude da Ação Católica vinham sofrendo, o chamara de "perseguidor de jovens católicos". ACS, MI, FP "Pietro Gasparri", Città del Vaticano, 23 ottobre 1929.

9. Em novembro de 1928, *The New York Times* já estava noticiando não apenas os rumores de que Gasparri seria substituído, mas também que o substituto seria Eugenio Pacelli. "Say Nuncio Will Be Raised", NYT, 19 de novembro de 1928, p. 2.

10. Informatore n. 35, Rome, 2 ottobre 1929, in Fiorentino 1999, p. 238.

11. Coco, 2009, pp. 176-77. O papa também deve ter levado em consideração outro fator para sua decisão: diziam que Cerretti, enquanto estava em Paris, era visto com frequência acompanhado de mulheres.

12. ACS, MI, FP "Cerretti", informatore n. 35, Roma, 14 dicembre 1929.

13. Não seria fácil, concluiu o embaixador, encontrar uma pessoa do mesmo calibre para substituí-lo em Berlim. ASMAE, AISS, b. 4, n. 6.361, Berlino, 10 dicembre 1929.

14. Coppa, 2011, pp. 20-21; O'Shea, 2011, p. 81.

15. Coppa, 2011, p. 1; O'Shea, 2011, pp. 74-80.

16. Wolf (2010, p. 36) encontra sólidas evidências de que, nesses anos, Pacelli estava ligado à notória rede de informantes de Umberto Benigni, mas foi esperto o bastante para evitar ser "desacreditado por se associar muito abertamente com Benigini e seu 'serviço secreto'".

17. Coppa, 2011, p. 30.

18. Noel 2008, pp. 38-39.

19. Wolf, 2010, p. 74. Entre as práticas não ortodoxas na Igreja alemã que Pacelli lutou para erradicar, encontra-se a permissão de que as

mulheres cantassem nos coros durante a Missa Solene; ibid., p. 61.
20. Ibid., pp. 75-79.
21. Ventresca, 2013, p. 55. Em setembro de 1929, o monsenhor Spellman visitou Berlim; Eugenio Pacelli encontrou-se com ele na estação de trem e o hospedou durante sua estadia. O padre americano ficou impressionado com seu charme. "Sete entre dez pessoas", escreveu Spellman para sua mãe em 8 de setembro, "o consideram o mais provável sucessor do Santo Padre". Essa premonição foi bastante impressionante, já que Pacelli, com 52 anos, ainda não era cardeal. Gannon, 1962, pp. 66-67.
22. Papin, 1977, p. 42.
23. Charles-Roux, 1947, pp. 74-77.
24. Ibid., p. 77.
25. Papin, 1977, pp. 42-43.
26. McCormick, 1957, p. 75.
27. Pacelli pediu a Pascalina que fizesse seu melhor para reproduzir fielmente o alojamento simpático a que ele se acostumara na Alemanha. Quando soube que os bispos alemães, em honra à sua nomeação como secretário de Estado, planejavam dar-lhe uma cruz peitoral, fez com que soubessem que preferia ganhar mobília alemã. Pascalina tomou as providências para que os móveis fossem selecionados e enviados da Alemanha. Na nova mesa do secretário de Estado, os visitantes viam uma pequena placa prateada com os nomes de todos os bispos alemães que haviam pagado por ela; Schad, 2008, pp. 53, 62-65.
28. Para mais sobre o "fogli di udienza" de Pacelli, ver Pagano, 2010.
29. Charles-Roux, 1947, pp. 74-75, 197; Ottaviani, 1969, pp. 502-4.
30. Tornielli, 2007, p. 164.
31. Ibid., pp. 164-65.
32. ACS, MI, PP, b. 154, informatore n. 35 (= Bice Pupeschi), Città del Vaticano, 5 marzo 1930.

33. O. Forbes, *Annual Report 1930*, 13 de fevereiro de 1931, C 1077/1077/22, em Hachey, 1972, p. 196, seção 147.
34. Citado em Ventresca, 2012, p. 288.
35. Martin, 1996, pp. 18-19.
36. Diz Wolf (2010, p. 138): "O papa tende a ser impulsivo e irascível, algumas vezes nem um pouco cauteloso ao proferir declarações injuriosas; seu secretário de Estado, o diplomata perfeito, encontrava-se sempre controlado e equilibrado, com o intuito de evitar qualquer coisa que pudesse piorar a situação."
37. ACS, MI, FP "Gasparri", informatore n. 42 (= Bianca D'Ambrosio), Roma, 21 gennaio 1930.
38. ACS, MI, FP "Gasparri", informatore n. 35, Città del Vaticano, 15 febbraio 1930.
39. ACS, MI, FP "Gasparri", informatore n. 35, Città del Vaticano, 4 marzo 1930.
40. ACS, MI, FP "Cerretti", informatore n. 35, Città del Vaticano, 29 maggio 1930. O monsenhor Spellman comenta, em uma carta que enviou para a mãe em Berlim no outono de 1929, que Pacelli e Pizzardo eram bons amigos; ver Ganon, 1962, pp. 66-67. "Aproveitando-se da benevolência do papa para com ele, Pizzardo, com uma habilidade que lembra a do cardeal Richelieu, trabalhou para cair nas graças do pontífice de tal forma que tem carta branca para fazer o que quiser." Assim relatou um informante da polícia no outono de 1929. Cria do Vaticano, Pizzardo, de acordo com o informante, ganhou a proteção de cardeais importantes por "seus modos agradáveis e seu fervor jesuítico"; ver Fiorentino, 1999, pp. 89, 224-25. Seus funcionários não eram de todo fascinados por ele. Em 1934, todas as principais figuras da Secretaria de Estado do Vaticano foram convidadas para um almoço no Grand Hotel de Roma, em homenagem ao bispo americano em visita. O monsenhor Domenico Tardini, chefe-assistente de Pizzardo, estava presente, bem como

Ottaviani e Borgongini. Mas Pizzardo faltara, pois encontrava-se ocupado fazendo um discurso para os assistentes eclesiásticos da Ação Católica. "Se, em vez de ir fazer o discurso", comentou Tardini, "ele tivesse vindo para o almoço, teria sido melhor para ele (...) e para os assistentes da Ação Católica." Tardini, anotação em diário, ca. 1934, citado em Casula, 1988, p. 87; a elipse consta do original.

41. "Italian State Gives Supplice to Pope", NYT, 12 de fevereiro de 1930, p. 5.

42. De Vecchi, 1998, pp. 182-83 (30-31 maggio 1930).

43. Ibid., pp. 194-95 (11 giugno 1930). Na quinta-feira, 24 de junho, enquanto participava de uma sessão do senado, Mussolini viu De Vecchi e perguntou como estavam as coisas no Vaticano. O embaixador respondeu que, no geral, iam bem, mas "o papa continua a ser aquela pessoa difícil que sempre foi". O Duce perguntou pela saúde do pontífice, e De Vecchi contou que o embaixador francês lhe dissera que Pio estava com problemas na próstata, mas que os médicos não consideravam que uma operação seria de grande ajuda. Quando Mussolini respondeu que sentia muito por isso, De Vecchi falou que, caso o pior ocorresse, uma mudança de papa não seria ruim. O ditador, aparentemente já a par dos relatos referentes à próstata problemática do pontífice, ignorou o comentário de Vecchi e perguntou se era verdade que Pio requisitara um equipamento para usar durante as longas cerimônias na capela Sistina, a fim de poder se aliviar ali mesmo. Ibid., pp. 209-10.

44. Ibid., pp. 212-14 (27 giugno 1930).

CAPÍTULO 12: O CARDEAL PACELLI AGUENTA FIRME

1."Fascists Trample Portrait of Pope; Vatican Is Guarded", NYT, 28 de maio de 1931, p. 1. No dia seguinte, *The New York Times* publicou

outra matéria sobre a crise na primeira página: "Mussolini contém revoltas anticatólicas".

2. Arnaldo Cortesi, "Catholic Meddling Charged by Fascisti", NYT, 27 de maio de 1931, p. 1; Casella, 2009, p. 137.

3. ASV, AESS, b. 430a, fasc. 342, f. 37, 23 maggio 1931. O papa tinha outro problema com que se preocupar também. No começo de maio, Pacelli lhe disse que Hermann Göring queria encontrá-lo durante a visita que faria a Roma. Na época, Göring era o líder da delegação parlamentar nazista. O papa se recusou e disse que Pacelli tampouco deveria encontrá-lo, mas Pacelli providenciou uma reunião de Göring com seu subsecretário, Pizzardo. Wolf, 2010, pp. 148-49.

4. De Vecchi, 1998, p. 225. Relatórios dos prefeitos nos dias que se seguiram narram o encerramento dos grupos de juventude da Ação Católica e os protestos por parte dos bispos locais. ACS, CR, b. 33.

5. Falconi, 1967, pp. 201-2.

6. Arnaldo Cortesi, "Pius XI Charges Fascisti with Hate and Violence; Four Bombings in Bologna", NYT, 1º de junho de 1931, p. 1. Mais adiante, o jornal do Vaticano noticiaria que mais de cinco mil clubes locais de rapazes da Ação Católica e quase dez mil de grupos de moças foram fechados, afetando oitocentos mil membros: "In margine alle polemiche", OR, 10 luglio 1931, p. 1.

7. Quando diversas paróquias do sul da Itália decidiram ainda assim prosseguir com as celebrações do feriado, o papa ordenou que seus padres suspendessem todas as funções públicas da Igreja até segunda ordem. Arnaldo Cortesi, "Pope Shifts Leader of Catholic Action: Punishes Parishes", NYT, 11 de junho de 1931, p. 1.

8. ASMAE, AISS, b. 2, fasc. 6, Il segretario particolare di S.E. Il Capo del Governo a De Vecchi, 13 aprile 1931. O "pro-memoria" presente é datado de 9 de abril de 1931.

9. Martini, 1960a, pp. 578-79.

10. Coco, 2009, pp. 214-15.

11. O jornal também alegava que muitos cardeais se opuseram às ações recentes do papa, citando quatro em particular, entre eles Pietro Gasparri. Pio ficou furioso. Mandou que o monsenhor Tardini entrasse em um carro na mesma hora e visitasse os quatro cardeais. Cada um seria solicitado a redigir uma negação formal, a ser publicada no jornal do Vaticano. "Sempre estive e sempre estarei com o papa", escreveu o cardeal Gasparri. Coco, 2009, pp. 217-18.
12. Ibid., pp. 222, 242-43.
13. Ele acrescentou: "E estava claro que o monsenhor Borgongini" — também na reunião — "estava do outro."
14. MAESI, vol. 266, 80-81, 10 juillet 1931.
15. Coco, 2009, pp. 241-42.
16. DDI, série 7, vol. 10, n. 322. Mais tarde, De Vecchi (1998, pp. 267-68) diria que, ao falar da intensificação do conflito com Mussolini, Pacelli declarara: "Eu não queria. É o desejo do meu superior" (anotação em diário, 11 de julho de 1931). O relato da reunião de Pacelli com Talamo foi extraído do diário de Dino Grandi. Coco, 2009, p. 239.
17. A edição foi liberada cinco horas antes do usual naquele dia e praticamente esgotou antes que os agentes do governo percebessem o que tinha acontecido e confiscassem as cópias; Binchy, 1970, pp. 522-23. Binchy informa que várias centenas de cópias da encíclica foram contrabandeadas de Roma em um avião pilotado pelo futuro cardeal arcebispo de Nova York, Francis Spellman, com destino a Paris. Morgan (1939, pp. 186-87) entrevistou Spellman para saber sobre o episódio. Seu relato confirma que o papa o chamou à sua biblioteca, lhe entregou as cópias da encíclica com a instrução de que garantisse a publicação dela no exterior e que, então, passasse com elas pela fronteira francesa e as levasse até Paris, onde Spellman entregou as cópias para várias agências de notícia americanas. O diário de De Vecchi (1998, p. 257) informa que, segundo o monsenhor Pizzardo,

"o papa está sofrendo por demais, não está se alimentando e dorme muito pouco; vive ansioso e angustiado".

18. Citado do texto da encíclica publicado em CC, 9 luglio 1931 III, pp. 97-122.

19. *Non abbiamo bisogno*, encíclica do papa Pio XI, tradução oficial para o inglês disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061931_non-abbiamo-bisogno_en.html [não há tradução oficial para o português]. Essa tradução omite a parte "e regime", encontrada no original italiano, o qual restaurei. O esclarecimento entre parênteses do Partido "Fascista" aparece na tradução oficial do Vaticano. Sobre o esforço do papa para deixar claro que não estava se opondo ao regime fascista como tal, ver também Moro, 2008, p. 423.

20. Garzonio, 1996, pp. 58-59.

21. Mussolini também estava ansioso para deixar o conflito para trás. Com poucas exceções, os jornais fascistas abordaram a encíclica com moderação e respeito. *Il Lavoro fascista*, afinado com a ala extrema anticlerical do PNF, estava entre essas exceções, acusando o papa de servir aos interesses do movimento internacional antifascista. Também reproduziu rumores muito difundidos que diziam que a origem da crise eram as ambições do monsenhor Pizzardo de substituir o cardeal Pacelli como secretário de Estado. De acordo com esse ponto de vista, Pizzardo — o funcionário responsável pela supervisão da Ação Católica — estava trabalhando com o editor de *L'Osservatore romano* em nome das forças antifascistas, ao passo que Pacelli apoiava a colaboração entre o papa e o regime fascista; MAESI, vol. 266, ff. 64-66.

22. Gentil, o encarregado de negócios francês no Vaticano, que estava presente, fez um relato sobre isso para o Ministério do Exterior francês, em MAEI, vol. 266, 110-12, 20 juillet 1931.

23. ASV, AESI, pos. 849, vol. 3, fasc. 519, f. 79r. Em meados de julho, os dois lados trabalhavam para deixar o conflito para trás. Às duas da manhã de 17 de julho, uma bomba explodiu no Vaticano. A explosão acordou muitas pessoas na cidade — embora o papa não tenha despertado — e milhares nas áreas vizinhas a Roma. Pacelli teria ouvido a detonação enquanto ainda trabalhava em seu escritório. Um funcionário do Vaticano encontrou uma bomba de fabricação caseira na noite anterior dentro da basílica de São Pedro, escondida sob um púlpito móvel. Os gendarmes papais inspecionaram o cilindro de metal e, por não ouvirem nenhum tique-taque, concluíram que era falso. Para garantir, antes de decidirem o que fazer, deixaram-no à noite no meio de um campo nos terrenos do Vaticano. Foi então que o artefato explodiu, deixando uma imensa cratera e lançando árvores a dezoito metros de distância. A imprensa fascista atribuiu a bomba à avidez dos antifascistas de piorar o conflito entre o regime e o Vaticano, e a Santa Sé nada fez para contradizer esse ponto de vista. Arnaldo Cortesi, "Bomb Roar at Night Alarms the Vatican", NYT, 18 de julho de 1931, p. 1.

24. ASV, AESI, pos. 849, vol. 3, fasc. 519, ff. 80r-80v.

25. ACS, CR, b. 68, Tacchi Venturi a Mussolini, 25 luglio 1931. Na véspera, o papa informou Pacelli sobre a mensagem que ele mandaria para Mussolini através de Tacchi Venturi, lembrando ao Duce que o pontífice se abstivera de condená-lo ou de condenar o fascismo como tal, mas só queria uma saída satisfatória para o impasse. Até na França maçônica, disse ele a Pacelli, as associações católicas gozavam de mais liberdade do que na Itália. ASV, APAC, b. 430a, fasc. 343, f. 21.

26. Longe de estar convencido de que seu sucessor estava à altura da tarefa, Gasparri incluiu um roteiro para ele usar ao falar com o papa. Lia-se: "Pai Abençoadíssimo, venho como seu mais humilde filho participar Vossa Santidade do que se passa em minha consciência. Sinto-me extremamente insatisfeito no que concerne ao impasse a que chegaram as negociações com Mussolini. Parece-me que Vossa

Santidade, que não desejaria humilhar ninguém, realizaria um ato paternal ao dar ao padre Tacchi Venturi a ordem de não insistir nessa *conditio sine qua non* e seguir em frente com a mensagem que levaria o conflito a um desfecho definitivo." ASV, AESI, pos. 849, vol. 3, fasc. 519, ff. 91r-92v.

Ao mesmo tempo em que tentava amansar o papa, Gasparri também bombardeava Mussolini com conselhos não solicitados. Em 14 de julho, declarando-se um "amigo e admirador" do Duce (frase que reproduzia antes de sua assinatura), Gasparri rogava-lhe que não fizesse algo que pudesse agravar o conflito. ASV, AESS, pos. 515, fasc. 530, p. 83r, Gasparri a Mussolini, 14 luglio 1931. Depois, em uma carta enviada aparentemente após seu encontro com Tacchi Venturi, Gasparri contou ao Duce que acabara de ser informado sobre a missão do jesuíta. Declarando-se um "admirador e amigo de Vossa Excelência", implorou a Mussolini que aproveitasse a nova oportunidade de encerrar o conflito entre a Igreja e o Estado. ASV, AESS, pos. 515, fasc. 530, pp. 80r– 80v, Gasparri a Mussolini, n.d. Uma anotação de Domenico Tardini explica que a carta é datada do fim de julho ou dos primeiros dias de agosto, mas não há provas de que tenha sido enviada.

27. Curiosamente, o diplomata francês atribuiu a falta de influência de Pacelli à fúria do papa com seu irmão. O papa culpava Francesco Pacelli por não prever o movimento do regime contra a Ação Católica e não assegurar que a concordata possuísse uma linguagem mais clara e que protegesse a organização. MAEI, vol. 266, 122-24, 6 août 1931, Gentil au Ministre des Affaires Étrangères. Boatos diziam que Pacelli seria substituído como secretário de Estado assim que a crise com a Ação Católica fosse solucionada. "Pacelli to Quit Soon, the Vatican Indicates", NYT, 13 de agosto de 1931, p. 8.

28. A versão datilografada nos documentos particulares de Mussolini refere-se a "Pio IX" em vez de Pio XI; talvez tenha sido um ato falho.

ACS, CR, b. 68, Roma, 2 settembre 1931.

29. "L'Accordo fra la Santa Sede e il governo italiano per l'Azione cattolica", CC, 1931, III, pp. 549-52. O segundo parágrafo tratava da objeção de Mussolini em relação à existência de grupos distintos da Ação Católica ligados a profissões específicas: eles corriam o risco de competir com as sociedades profissionais fascistas, que possuíam o monopólio sobre a organização do trabalho. Os grupos de profissionais da Ação Católica deveriam se limitar a seu escopo de atividades religiosas e dar todo o seu apoio às organizações profissionais do regime. O último quesito especificava que os grupos locais da Ação Católica não deveriam se engajar em nenhuma atividade esportiva, já que todos os esportes organizados estavam sob a autoridade de grupos esportivos fascistas. Isso representava um grande problema, pois os esportes tinham sido uma das mais importantes atrações para recrutar meninos para as divisões locais da Ação Católica; ver De Felice, 1974, p. 275.

30. De Felice, 1974, p. 263.

31. Francesco Ferrari citado em Malgeri, 1994, p. 57. O renomado historiador italiano do fascismo chegou à mesma conclusão. "Parece-nos", escreve Renzo De Felice (1974, pp. 270-71), "que não resta dúvida de que, naquela época, o acordo representava uma derrota para a Igreja."

32. MAEI, vol. 266, 153-55, Gentil au Ministre des Affaires Étrangères, 8 septembre 1931. No entanto, ao voltar das férias de verão, Fontenay relatou que, em 3 de setembro, o papa convocou uma reunião secreta com onze cardeais, chamando Gasparri, que estava em seu retiro de verão nas montanhas, de volta a Roma. Dos onze, dez teriam expressado seu apoio ao acordo a que ele queria chegar. MAEI, vol. 266, 174–80, Fontenay au Ministre des Affaires Étrangères, 29 septembre 1931. Dada a personalidade impetuosa do papa e as consequências que um cardeal sofreria ao se expor à sua ira, não fica muito claro quão revelador esse "voto" é.

33. MAEI, vol. 266, 167-69, Gentil au Ministre des Affaires Étrangères, 17 septembre 1931.
34. ASV, ANI, pos. 23, fasc. 3, ff. 46r-48r, Borgongini-Duca, memorando escrito à mão, "Dopo il conflitto", n.d.

CAPÍTULO 13: MUSSOLINI TEM SEMPRE RAZÃO

1.De Vecchi a Mussolini, 18 de janeiro de 1933, citado em De Vecchi, 1998, p. 53n60. Um informante descreveu Ciriaci como "um homem inteligente, competente, flexível e condescendente nas relações entre a mais alta organização católica do reino, a qual preside, e os órgãos do Estado fascista". ACS, MI, FP "Ciriaci", informatore nº 390, "Orientamento in senso nazionale e verso il Regime da parte del Comm. Ciriaci", 18 gennaio 1933.
2. Moro, 1981, pp. 289-91. O regime fascista, escreve Moro, encorajou essa campanha de moralização, mas, como argumentarei neste capítulo, isso só é verdade em parte. Em vários casos, a campanha de moralização da Igreja pressionou o regime fascista um pouco mais do que ele desejava. A campanha, que convocou os membros da Ação Católica local a relatar comportamentos ofensivos às autoridades da polícia local, começou na década de 1920. Um livreto de setenta e duas páginas, *Per la difesa della moralità*, publicado pela Secretaria Central pela Moralidade da Ação Católica nacional, já estava na quarta edição em 1928. Louvando os esforços do governo fascista no combate aos "efeitos desastrosos da liberdade que se degenerou em licenciosidade", ele oferecia um texto-padrão para grupos locais usarem ao enviar denúncias às autoridades. ASV, AESI, pos. 929, vol. 1, fasc. 615, f. 35.
3. A imprensa fascista, atenta, noticiou o que chamou de "santo esforço contra a imoralidade da moda feminina" de Pio XI. "Il papa contro la moda femminile", *Il Regime Fascista*, 22 giugno 1926, p. 2.

4. Esse controle era exercido por meio de licenças concedidas aos estabelecimentos à beira-mar. ARSI, TV, b. 7, fasc. 393, "Circolare per tutti i prefetti dal Ministero dell'Interno, 18 giugno 1926; Oggetto: bagni". Em 27 de junho de 1926, o ministro enviou uma cópia da ordem a Tacchi Venturi, acompanhada de uma carta expondo a seriedade com a qual o governo tratava a preocupação do papa. Em uma audiência com o grupo de meninas católicas daquele mês, o papa convocou uma cruzada nacional contra a imoralidade da indumentária feminina. Em audiências com grupos de mulheres, ele denunciava com frequência a moda feminina da época. O papa alertou a um dos grupos em junho que o mundo lá fora fez de tudo para convencer as mulheres a se esquecerem até mesmo do mais elementar senso de dignidade feminina. "Il papa contro la moda femminile", *Il Regime Fascista*, 22 giugno 1926, p. 2. Em 1928, Tacchi Venturi, seguindo as instruções do papa, fazia lobby com ministros do governo a fim de expandir a ação repressiva contra o vestuário das meninas na escola e em público. A indumentária indecente, argumentou ele, era uma grande fonte de depravação. Se o governo tornasse crime para uma mulher usar um vestido que não ficasse bem abaixo do joelho, como deveria, "seria de grande conforto para o Vigário de Cristo". ARSI, TV, b. 15, fasc. 1067, 26 novembre 1928. A nota de Tacchi Venturi exibia a observação "presentato a S.E. il 26 novembre 1928". S.E., ou "Sua Eccellenza" (Sua Excelência), pode se referir a Mussolini, mas também a um dos ministros do governo. Bressan (1980, pp. 106-8) narra a atenção excessiva que as páginas do jornal *L'Osservatore romano* dedicavam às questões de "imoralidade" e às pressões exercidas sobre autoridades governamentais para que tomassem medidas mais agressivas.

5. ACS, CR, b. 68, Tacchi Venturi a Mussolini, 3 febbraio 1929. Uma cópia da carta de Tacchi Venturi é encontrada em seu próprio arquivo: ARSI, TV, b. 16, fasc. 1.133.

6. Com o intuito de criar mulheres saudáveis, explicou *La Civiltà Cattolica* (1928, II, p. 367-72), "não era necessário treiná-las para saltar quatro metros". Tanto a embaixada americana em Roma quanto a britânica na Santa Sé sentiam que o protesto do papa em relação ao evento de ginástica feminina era digno de ser relatado a seus governos. NARA, M530, rolo 2, Henry Fletcher ao secretário de Estado, n. 1.691, 11 de maio de 1928; H.G. Chilton, *Annual Report 1928*, 9 de maio de 1929, C 3397/3397/22, em Hachey, 1972, p. 142, seção 55.

7. CC 1930 I, pp. 460-61. Em uma reunião no fim de 1932, quando Borgongini entregou a Mussolini um exemplar do último número de *La Civiltà Cattolica*, o Duce a dispensou com um aceno, dizendo que já sabia o que estava escrito, acrescentando "é uma revista que sempre leio com muita atenção". ASV, ANI, pos. 23, fasc. 4, ff. 47r 48r, Borgongini a Pacelli, 22 novembre 1932.

8. "Se eu fosse proibir a competição", disse Mussolini voltando ao assunto, "e as pessoas descobrissem que eu o fiz por ordens do Santo Padre, seria uma confusão." ASV, ANI, pos. 23, fasc. 3, ff. 28r-34r, Borgongini a Pacelli, 14 febbraio 1931. Esse foi um pedido do papa que ele rejeitou. Sobre os protestos anteriores do pontífice a respeito de ginástica feminina e eventos esportivos, ver CC, 1928, II, pp. 367-72; ASV, AESI, pos. 773, fasc. 317, ff. 77r-85r, 28 settembre 1929; CC, 1930, I, p. 460. Na verdade, as políticas do regime referentes às mulheres são controversas; algumas estão bem afinadas com os ensinamentos da Igreja, como a oposição ao controle de natalidade e as medidas para desencorajar as mulheres a trabalharem fora de casa; outras apoiam atividades recreativas para garotas e mulheres que a Igreja desaprovava. Ver, entre outras obras sobre o fascismo e as mulheres, De Grazia, 1992.

9. ASV, AESI, pos. 902, fasc. 596, ff. 49r-50r.

10. Ibid., f. 51r, 16 settembre 1932.

11. Na vez seguinte que o bispo escreveu para convocar uma ação do Estado, ele o fez diretamente para o monsenhor Giuseppe Pizzardo, um dos homens mais próximos ao papa e funcionário do Vaticano responsável pela Ação Católica: "Este ano está pior. Desde a manhã até a noite, em qualquer rua e em pequenas *piazze*, diversas mulheres (em especial estrangeiras e mulheres do norte da Itália) são vistas vestidas de uma maneira tão indecente que chega a ser um espetáculo nauseabundo (...) Poderia a Autoridade Central na Chefia do Governo não ter sido obrigada a tomar parte nisso?" ASV, AESI, pos. 902, fasc. 596, f. 52r, 20 de agosto de 1933.

12. Em 23 de janeiro de 1933, Augusto Ciriaci, presidente nacional da Ação Católica, escreveu diretamente para Mussolini a fim de elogiá-lo por tudo o que fizera até então e para indicar áreas onde eram necessários mais esforços. A Ação Católica continuaria a colaborar com o regime, a contribuir com a grandeza da pátria, escreveu Ciriaci. O governo deveria banir filmes e peças subversivos, confiscando revistas e livros imorais. "Não estamos pedindo novas leis", concluiu Ciriaci. "Pedimos apenas que as excelentes leis atuais — que, na verdade, existem em grande parte graças à sabedoria e à força de Vossa Excelência — sejam respeitadas e aplicadas com bastante vigor." ASV, AESI pos. 929, vol. 1, fasc. 616, ff. 31r-36r. Nos anos 1930, a batalha do papa contra roupas reveladoras foi compatível até certo ponto com a campanha pró-fertilidade de Mussolini, que enxergava a liberação da mulher de seu tradicional papel doméstico como uma causa para o declínio da natalidade. Em julho de 1933, por exemplo, o governo mandou os editores de jornais não publicarem fotos de mulheres nuas "porque elas constituem um elemento antidemográfico". Dois anos depois, Ciano reclamou de revistas que haviam publicado fotos de mulheres em trajes de banho reveladores, mais uma vez sob o argumento de que eram "antidemográficas". Tranfaglia, 2005, pp. 171, 177.

A batalha do papa pela decência pública também mirou o "escândalo" da dança pública, na qual os corpos de homens e mulheres se tocavam. Em junho de 1933, a pedido do pontífice, Pacelli escreveu a todos os bispos do norte da Itália, onde achavam que o problema era mais acentuado, pedindo-lhes que relatassem sobre as condições de suas dioceses. Em resposta, o arcebispo de Milão expressou sua esperança de que o ministro de Assuntos Internos pudesse ser persuadido "a considerar a voz do episcopado do norte da Itália no que concerne a esse assunto". Para ilustrar a gravidade do problema, ele incluiu uma carta que recebera pouco antes do bispo de Cremona, informando que as organizações fascistas locais, em maior destaque os grupos sociais de *dopolavore* ("após o expediente"), transformaram as danças públicas em "uma indústria organizada". A polícia nada fez, reclamou o bispo. Um de seus párocos tentou persuadir o líder de um desses grupos a realizar danças com menos frequência, mas ouviu em resposta que muitos homens se filiavam por causa das danças. ASV, AESI, b. 935, fasc. 628, ff. 2r-3v. A batalha do Vaticano contra a dança pública continuou durante o fim do papado de Pio XI, para consternação da hierarquia fascista. O lamento de Bonificio Pignatti, que em 1935 substituiu Cesare De Vecchi como embaixador de Mussolini na Santa Sé, foi simbólico: "Infelizmente, no que diz respeito às danças populares, à atitude da Santa Sé, desde o papa até abaixo, é inabalável, e não há esperança de se obter nenhuma mudança." ASMAE, APSS, b. 42, Pignatti a Starace, 10 settembre 1938.

13. ASV, AESS, pos. 430b, fasc. 360, f. 115, 14 marzo 1934. A referência de De Vecchi ao silêncio do governo no que tangia aos casos de imoralidade clerical deve ter sido, em parte, inspirada pelos relatórios de seus espiões sobre os cardeais que teriam relações com garotos, homens e meninas. "A pele exposta não precisa ser de verdade para atrair a atenção do papa ou induzi-lo a agir." Em outubro de 1937, o pontífice soube que estátuas de nus haviam sido

recentemente expostas em um museu, por isso ele enviou Tacchi Venturi para fazer algo a respeito. O curador, que ouvira falar da objeção do papa, assegurou a Tacchi Venturi que as "quatro ou cinco estátuas masculinas que lhe são tão deploráveis foram removidas de imediato, para que uma abundante ramagem de folhas de figo possa ser aplicada". ASV, AESI, pos. 985, fasc. 669, ff. 4r-5r.

14. O papa fez seu pedido por meio de Tacchi Venturi. ACDF, S.O., 1930, 1413/30i, Tacchi Venturi a Cardinale Donato Sbarretti, S.O., 13 aprile 1933. No fim do mesmo ano, Tacchi Venturi apresentou ao chefe de polícia, Arturo Bocchini, uma lista de revistas estrangeiras, preparada pelo escritório central da Ação Católica, que ele queria ver banidas. Ao terminar de ver a lista, Bocchini explicou que não poderia confiscar todos os títulos, mas prometeu banir a maioria. Ao relatar o assunto a Pizzardo, Tacchi Venturi destacou em especial a promessa do chefe de polícia: se Tacchi Venturi chamasse a atenção dele para outros títulos, seu escritório avaliaria com extremo cuidado os pedidos de censura. "Ocasiões para tirarmos proveito dessa oferta, infelizmente, não faltarão!", concluiu Tacchi Venturi, permitindo-se, em seu entusiasmo, um ponto de exclamação que não lhe era característico. AESI, pos. 929, vol. I, fasc. 617, ff. 2r-3r. Para o papel de Tacchi Venturi de assegurar que os artigos que tratavam de assuntos do interesse da Igreja em sua influente *Enciclopedia italiana* fossem aprovados da Igreja, ver Turi, 2002.

15. ASV, AESI, pos. 669, fasc. 132, ff. 34r-35r, Tacchi Venturi a Gasparri, 23 gennaio 1929. O Vaticano também pressionou o governo a evitar a educação sexual nas escolas públicas, como fica evidente em um telefonema de Pizzardo à embaixada italiana na Santa Sé interceptado em 25 de abril de 1935. ACS, MCPG, b. 165, n. 3.093. Um trabalho teatral poderia ser banido por ofender o papa ou incitar desdém pelo "sentimento religioso". Talbot, 2007, pp. 148-49.

16. "Italy Bans Sex Appeal in Pictures", LAT, 20 de março de 1931, p. 4. Borgongini instava Mussolini, em 19 de janeiro, a adotar uma censura rigorosa sobre filmes e peças teatrais; ele achou que o Duce não foi muito receptivo. ASV, ANI, b. 23, fasc. 3, Borgongini a Pacelli, 20 gennaio 1931.

17. Embora os casos que discuto abaixo tenham seu foco em professores universitários, a maior parte das queixas papais a Mussolini diziam respeito a ex-padres que passaram a lecionar em escolas públicas, mais comumente em escolas primárias. O papa insistia para que fossem demitidos.

18. Após uma breve reabilitação, foi excomungado em definitivo em janeiro de 1926. Antes de tomar a decisão, o Santo Ofício pediu ao padre Gemelli que o investigasse e desse sua opinião; ver Martina, 2003, p. 238; Zambarbieri, 1982a. O professor modernista, como relatou Gemelli ao Vaticano, precisava de tratamento "não pelo sacerdócio, mas por profissionais especializados em tratar pessoas infelizes com desvios psíquicos". Citado em Luzzato, 2010, p. 142.

19. Em abril de 1924, Tacchi Venturi encontrou-se com o então ministro da Educação, Giovanni Gentile, com o intuito de que ele afastasse Buonaiuti. Sale, 2007, p. 335.

20. ARSI, TV, b. 9, fasc. 527, Tacchi Venturi a Gasparri.

21. Ao relatar isso a Mussolini, Fedele o avisou de que se curvar à pressão papal e sujeitar o corpo docente da universidade à aprovação do pontífice seria um desastre. DDI, série 7, vol. 5, n. 11, Fedele a Mussolini, 11 febbraio 1927. Ao longo daquele ano, como o papa continuou a fazer pressões por Tacchi Venturi, Fedele por fim chamou Buonaiuti, explicou a situação e pediu a ele que aceitasse deixar o posto de professor e tirar uma licença para realizar pesquisas. Buonaiuti, chateado, atentou para o fato de que não havia base legal para impedi-lo de lecionar, mas concordou com relutância. "É uma grande concessão feita pelo governo à Santa Sé!", escreveu Fedele a

Mussolini, ao contar as novidades. ACS, CR, b. 68, Fedele a Mussolini, 17 ottobre 1927.

22. Buonaiuti criticou duramente o fascismo enquanto promovedor de uma adoração pagã do Estado. Zambarbieri, 1982a, p. 64; Goetz, 2000.

23. As negociações de 1931 eram conduzidas por Borgongini e Dino Grandi, na época ministro do Exterior de Mussolini. ASV, ANI, pos. 23, fasc. 2, ff. 99r-101r, Borgongini a Pacelli, 4 giugno 1930; ASMAE, APSS, b. 6, Borgongini a Grandi, 17 aprile 1931; a resposta sem data de Grandi também é encontrada no mesmo arquivo. O conselho do ministro da Educação sobre o caso de Saitta é encontrado em um memorando publicado em DDI, série 7, vol. 10, n. 342, 19 giugno 1931.

24. Petacci, 2010, pp. 129-30; R. Mussolini, 2006, pp. 88-89.

25. Navarra, 2004, p. 52.

26. Mack Smith, 1983, p. 6.

27. Entrevista de C. Drexel, dezembro de 1934, em De Felice, 1974, p. 866.

28. Entrevista de H. Massis, setembro de 1933, ibid., p. 854.

29. Aos cinquenta e um anos, quando conduziu uma série de entrevistas com o Duce em março de 1932, Ludwig já era famoso por entrevistar outros líderes mundiais, desde o fundador da Turquia moderna, Mustafa Atatürk, a Joseph Stalin.

30. Ludwig, 1933, p. 62.

31. Ibid., pp. 126-27.

32. Cannistraro e Sullivan, 1993, pp. 383-84; Urso, 2003, pp. 193-94.

33. Cannistraro e Sullivan, 1993.

34. Ludwig, 1933, pp. 222-23.

35. Bosworth, 2002, p. 243.

36. Monelli, 1953, pp. 119-26. O poder sagrado que agora emanava do ditador era tanto que seu assistente, Navarra, tinha dificuldade em encontrar um barbeiro disposto a barbeá-lo. Um policial da segurança

de Mussolini narrou com detalhes que uma vez um barbeiro enfim aceitara o trabalho, mas, ao aproximar a lâmina do rosto do Duce, começara a tremer descontroladamente. Navarra, 2004, pp. 39-40.

37. Citado em Franzinelli e Marino, 2003, p. xi.

38. De Vecchi, 1983, pp. 223-24.

39. Citado em Franzinelli e Marino, 2003, p. xii.

40. Bosworth, 2002, pp. 44-46.

41. Citado em Navarra, 2004, p. 21.

42. De Felice, 1974, pp. 174, 300-3.

43. Gentile (1993, pp. 283-85) reproduz trechos extensos do artigo publicado em 24 de março de 1932 no *Il Popolo d'Italia*. Para uma análise dos aspectos ritualísticos dos discursos de Mussolini e do impacto que causavam, ver Galeotti, 2000, pp. 49-50.

44. Franzinelli, 1995, pp. 171-72. O número da filiação é de 1934. Em abril de 1928, Tacchi Venturi parabenizou o líder nacional do PNF pela recente promulgação dos oito mandamentos para guiar todos os grupos de juventude femininos fascistas (terceiro mandamento: ame o Duce). Mas ele percebeu uma omissão muito óbvia — não havia menção a Deus — e, para reparar isso, propôs que fosse acrescentado um nono mandamento: "Tema e ame a Deus, origem e fonte de todo o bem." ARSI, TV, b. 13, fasc. 878, Tacchi Venturi a Augusto Turati, 28 aprile 1928. Turati retrucou que o acréscimo proposto era desnecessário, uma vez que já estava implícito: "Todo o espírito que permeia essas normas é o espírito cristão e católico." Ibid., Turati a Tacchi Venturi, 2 maggio 1928.

45. Franzinelli (1995, p. 140) observa que o comportamento do padre seria cômico se não ilustrasse o nível pavoroso de servilismo que muitos clérigos mostraram diante de seu "santo Duce".

46. Brendon, 2000, p. 133. A imagem do Duomo é reproduzida em Gentile, 1993, p. 173.

47. ASV, AESI, pos. 812, fasc. 444, ff. 7r-13r, Pizzardo a Cazzani, 21 novembre 1932. Nesse caso, o bispo Giovanni Cazzani manteve seu posicionamento, escrevendo que seria humilhante para um padre fazer o que estava sendo sugerido.
48. Ver Wolff, 1985, pp. 239, 245; Bendiscioli, 1982.
49. Goetz, 2000; Falasca-Zamponi, 1997, pp. 110, 203-4.
50. Citado em Reineri, 1978, p. 183.
51. Noventa e seis por cento do total de eleitores votaram. Ver De Felice, 1974, p. 313.

CAPÍTULO 14: O INIMIGO PROTESTANTE E OS JUDEUS

1.De acordo com De Vecchi, a visita quase fora cancelada no último instante, já que no dia anterior Mussolini ficara furioso com o fato de que *L'Osservatore Romano* não mencionara nem uma vez o evento iminente. Foi só com a intervenção do monsenhor Pizzardo e a publicação de uma edição especial vespertina do jornal do Vaticano com a notícia que De Vecchi persuadiu Mussolini a ceder e prosseguir com a visita. De Vecchi, 1983, pp. 219-21.
2. Na semana seguinte, uma matéria anunciava que a visita seria "quase com certeza" naquela semana. Arnaldo Cortesi, "Mussolini's Visit to Pope Arranged (...) Event May Occur Today", NYT, 17 de setembro de 1931, p. 13. O embaixador francês relatou que o encontro fora marcado para 19 de setembro, mas Mussolini desistira no último momento, já que uma visita às vésperas da abolição do feriado de 20 de setembro "poderia ser interpretada com uma capitulação". MAEI, vol. 266, 178, Fontenay au Ministre des Affaires Étrangères, 29 septembre 1931.
3. MAEI, vol. 266, 209-11, Fontenay au Président du Conseil, Ministre des Affaires Étrangères, 17 janvier 1932.

4. O cardeal Pacelli relatou isso em suas anotações de 27 de novembro, com base em uma conversa com Tacchi Venturi. ASV, AESS, pos. 430b, fasc. 357, f. 68. Em 19 de dezembro de 1931, uma anotação classificada como "ditada pelo Santo Padre para o Eminentíssimo Pacelli" levou Tacchi Venturi a informar a Mussolini que o papa decidira — "depois de refletir um pouco" — aceitar a data de 11 de fevereiro proposta para o encontro. Ele também deveria dizer ao Duce que o pontífice podia interpretar isso como uma expressão da redenção de Mussolini por infringir a concordata no que dizia respeito ao recente tratamento dispensado à Ação Católica. "Devo dizer isso porque, se Mussolini comparecer no dia, o Santo Padre o receberá, fará com que se sente e então dirá, talvez com um sorriso, que havia aceitado de bom grado a data (...) porque acredita que [Mussolini] desejava, com um objetivo louvável, fazer, de forma honrosa, retificações pela violação dos artigos 43 e 44 [os artigos que permitem que a Ação Católica funcione livremente]."

5. Poucos dias antes, Borgongini tinha ido ao palácio Quirinal a pedido do papa para entregar ao rei Vítor Emanuel III o Colar da Ordem Suprema de Cristo. "Dopo il conferimento dell'Ordine Supremo di Cristo a S.M. il Re d'Italia", OR, 7-8 gennaio 1932, p. 1. Depois, para completar a miscelânea, o núncio conferiu a Grã-Cruz da Ordem Piano a Cesare de Vecchi e ao ministro do Exterior, Dino Grandi. "La Gran Croce dell'Ordine Piano al Ministro italiano Grandi e all'Ambasciatore De Vecchi", OR, 12 gennaio 1932, p. 2. O embaixador francês da Santa Sé foi avisado com antecedência sobre as honras papais planejadas para o rei, Mussolini e os outros. Ele foi levado a crer que Pio XI decidira distribuí-las em resposta à manifestação de desagrado do governo em relação ao fato de as honras que Mussolini conferira a Pacelli, Borgongini e Tacchi Venturi não terem sido recíprocas. MAEI, vol. 266, 202-4, Fontenay au ministre des Affaires Étrangères, 8 janvier 1932.

6. "Nostre informazioni", OR, 12 febbraio 1932, p. 1. O incidente com a mulher expulsa foi descrito por Morgan (1939, pp. 190-97), que estava presente como convidado quando se deu o ocorrido, que não foi noticiado nem pelo Vaticano, nem pela mídia italiana.
7. A ilustração apareceu na capa da edição de 21 de fevereiro de 1932 de *La Domenica del Corriere*. Quando a edição italiana do livro com capa de couro de Emil Ludwig contendo as entrevistas realizadas com Mussolini foi publicada, um dos parágrafos que mais ofendeu o papa foi o da descrição que o Duce fez de como recusara se curvar ou beijar o anel do pontífice. Esse e outros parágrafos que Pio considerou censuráveis — incluindo um em que Mussolini dissera que as pessoas deveriam decidir por si mesmas como adorar a Deus — foram expurgados da edição italiana depois da primeira impressão. MAEI, vol. 266, 255, Charles-Roux à président du Conseil, 29 juillet 1932; ibid., 291-92, 27 ottobre 1932; Chiron, 2006, p. 293. Em julho, de acordo com o vice de De Vecchi na embaixada italiana, Mussolini dissera que, ao publicar seus comentários sobre a Igreja, "aquele judeu me traiu". ASV, AESI, pos. 887, fasc. 593, f.42r, 15 luglio 1932. Em 10 de novembro, Tacchi Venturi informou com satisfação que uma nova edição da entrevista de Ludwig estava saindo — tinha cinco páginas a menos; todas as passagens censuráveis na seção "Roma e a Igreja" tinham sido deletadas. ASV, AESI, pos. 667, fasc. 128, f. 48r.
8. David Darrah, "Pope and Duce Clasp Hands in Friendship Pact", CDT, 12 de fevereiro de 1932, p. 10; Arnaldo Cortesi, "Pope and Mussolini Show Warm Feeling in Vatican Meeting", NYT, 12 de fevereiro de 1932, p. 1.
9. O relato de Mussolini, escrito à mão e endereçado ao rei, sobre o encontro com o papa pode ser encontrado em ACS, CV, b. 1, fasc. 34; uma cópia publicada está disponível em DDI, série 7, vol. 11, n. 205. A pompa em torno da visita é descrita em CC, 1932, I, pp. 480-81.

10. "Sgr. Mussolini and the Pope", [London] *Times*, 12 de fevereiro de 1932, p. 11.
11. E. Mussolini, 1957, p. 135.
12. Mas Fontenay, o embaixador francês na Santa Sé, preocupou-se com o fato de que a troca de honrarias tivesse deixado os católicos com a impressão de "uma espécie de reconhecimento do fascismo pela Santa Sé". MAEI, vol. 266, 229-31, Fontenay à président du Conseil, ministre des Affaires Étrangères, 4 mars 1932; e vol. 232-33, 10 mars 1932. A carta de Tacchi Venturi para Mussolini, agradecendo-lhe pela honraria, encontra-se em ACS, CR, b. 68, 7 marzo 1932. Em uma carta ao superior-geral da Ordem Jesuíta, Tacchi Venturi também informou que De Vecchi lhe dissera que Mussolini queria prestar honras aos jesuítas por tudo o que tinham feito para promover o entendimento entre o governo italiano e a Igreja. ARSI, TV, b. 20, fasc. 1534, Tacchi Venturi a Ledóchowski, 3 marzo 1932.
13. Esses comentários foram feitos no fim de 1932. MAEI, vol. 266, 298-99, Charles-Roux à président du Conseil, 15 decembre 1932.
14. ASMAE, AISS, b. 4, protocollo 24, De Vecchi a Mussolini, Roma, 21 luglio 1929; De Vecchi, 1998, pp. 15-16.
15. Arnaldo Cortesi, "Pope Pius at 75: Scholar and Leader", NYT *Magazine*, 29 de maio de 1932, p. 3.
16. C. Wingfield, *Annual Report 1934*, 12 de janeiro de 1935, R 402/402/22, em Hachey, 1972, pp. 287-88, seções 138-40.
17. Tardini, 1988, p. 296 (entrada para 13 febbraio 1934); Charles-Roux, 1947, p. 62.
18. Papin, 1977, pp. 56, 62; Confalonieri, 1957, p. 188; Ottaviani, 1969, pp. 504-5.
19. Pierre van Paassen, "A Day with the Pope", BG, 11 de fevereiro de 1934, p. C5.
20. Tardini, 1988, p. 313; Charles-Roux, 1947, p. 23. Sobre Tardini, ver Riccardi, 1982 e Casula, 1988.

21. Tardini, 1988, p. 355.
22. Confalonieri, 1969, pp. 42-43.
23. R.H. Clive, *Annual Report 1933*, 1º de janeiro de 1934, R 153/153/22, em Hachey, 1972, p. 259, seções 117, 118; Agostino, 1991, p. 19.
24. ARSI, TV, b. 8, fasc. 442, 446. Nos meses que se seguiram após a assinatura dos acordos, Tacchi Venturi continuou a pressionar em nome do papa. Em maio de 1930, ele enviou a Mussolini uma lista com a localização de igrejas protestantes na Itália. RSI, TV, b. 19, fasc. 1.408, "Protestanti. La situazione in Italia nel 1930", com um rascunho de Tacchi Venturi a Mussolini, 3 maggio 1930.
25. ASV, ANI, pos. 23, fasc. 2, ff. 129r-130r, 4 giugno 1930.
26. "O Santo Padre", relatou o monsenhor Pizzardo ao núncio em fevereiro de 1931, "revelou-me que o verdadeiro e grave perigo que ameaçava a unidade religiosa e nacional dos italianos encontrava-se na crescente propaganda protestante, sobre a qual o governo parece não se preocupar de maneira adequada". O zelo de Mussolini "por uma defesa louvável da unidade espiritual da nação" deveria, argumentava o papa, "ser direcionado com energia suficiente contra a supracitada propaganda herética e estrangeira". Borgongini passou esse pedido papal adiante em seu encontro no dia seguinte com De Vecchi. ASV, ANI, pos. 49, fasc. 2, f. 21r, 15 febbraio 1931.
No intervalo entre as duas guerras mundiais, o Vaticano lançou uma agressiva campanha antiprotestante. Moro, 2003, p. 317. O papa ajudou a estabelecer o espírito da coisa em sua encíclica de 1928, *Mortalium animos*, proibindo os católicos de participar de organizações ou encontros que encorajassem o diálogo entre diferentes grupos cristãos: "Portanto, Venerável Brethren, está claro por que esta Sé Apostólica nunca permitiu que seus indivíduos tomassem parte em assembleias não católicas: pois a união dos cristãos só pode ser promovida ao promover o retorno à única verdadeira Igreja de Cristo

daqueles que estão desligados dela, pois no passado tinham-na abandonado, infelizes. À única verdadeira Igreja de Cristo, dizemos, a qual é visível a todos e que vai permanecer, de acordo com a vontade de seu Autor, exatamente como Ele instituiu." O texto em inglês da encíclica está disponível em http://www.papalencyclicals.net/Pius11/P11MORTA.HTM. Ver também Perin, 2011, p. 151.

27. ASV, ANI, pos. 49, fasc. 2, ff. 122r-122v, 14 maggio 1931, Alanna. A Igreja se posicionou veementemente contra as tentativas protestantes de estabelecer igrejas na Itália e pressionou oficiais do governo a fim de evitar essas construções. Algumas são discutidas em Rochat, 1990, pp. 218-22. Em 8 de abril de 1931, bem quando a crise da Ação Católica estava se avolumando, Borgongini disse a De Vecchi que o papa queria que o governo agisse "energicamente a fim de dar um fim a essa propaganda insana". De Vecchi tentara acalmar o núncio, lembrando-lhe de que a concordata permitia que membros de outras religiões conduzissem suas atividades religiosas em paz. Mas, atento à irritação crescente de Pio com o tratamento recebido pela Ação Católica, o embaixador viu uma nova maneira de fazer o pontífice recuar. Uma vez que as relações entre as duas partes voltassem "ao caminho certo", disse ele ao núncio, o governo encontraria uma maneira de satisfazer o desejo do papa de evitar essa conversão protestante. AESI, pos. 794, fasc. 389, f. 55r, 9 aprile 1931. Alguns meses depois, *La Civiltà Cattolica* seguiu nessa linha com um artigo sob o título "O dever dos católicos em vista da propaganda protestante na Itália". Começava perguntando se a Itália enfrentava de fato um "perigo protestante", respondendo com um retumbante sim. O protestantismo significa a "descristianização", informou a revista supervisionada pelo Vaticano a seus leitores. E conectava o inimigo protestante com outro inimigo, o liberalismo, descrito como de "origem puramente protestante". A revista então publicou um

chamado à ação. Sob o título "Desmascare o Inimigo!", alertava para uma vasta conspiração protestante. Felizmente, informava a revista a seus leitores, a Igreja Católica Romana tinha a seu lado o Duce, pois ele também percebia o perigo à unidade nacional caso os italianos se afastassem da Igreja com base em Roma. "Il dovere dei cattolici di fronte alla propaganda protestante in Italia", CC, 1932, IV pp. 328-43. Em um artigo de 1932, *L'Osservatore Romano* descreveu a igreja valdense, a maior comunidade protestante italiana, localizada no nordeste do país, como "*un'associazione a delinquere*", uma organização criminosa, termo associado com a máfia hoje em dia. Spini, 2007, p. 133.

28. ASV, ANI pos. 23, fasc. 4, ff. 47r-47v, Borgongini, "Udienza del Capo del Governo", 22 novembre 1932.

29. ASV, ANI, pos. 23, fasc. 5, ff. 15r-19r, Borgongini a Pacelli, 18 marzo 1933. A reunião com Mussolini ocorreu em 14 de março.

30. A Igreja estava abertamente forçando essa teoria da conspiração durante esses anos. Em maio de 1931, em resposta ao pedido do Vaticano para que os bispos da Itália relatassem atividades locais protestantes, o bispo de Monopoli, próximo a Bari (no sul da Itália), lamentou a existência de um grupo de protestantes em sua diocese. Eles eram liderados por imigrantes dos Estados Unidos, relatou ele. Adotando a visão de que os protestantes buscavam subverter tanto a Igreja Católica quanto o regime fascista, ele recorreu às autoridades com o intento de pôr um fim a isso. Mas temia que o governo não tomasse as medidas necessárias para não ofender os Estados Unidos, sob o domínio de judeus e maçons, que estavam por trás das tentativas protestantes de minar a Igreja Católica. Perin, 2010, pp. 147-48.

31. A omissão consta no original.

32. ASV, AESI, pos. 855, fasc. 548, ff. 38r-39r.

33. "La rivoluzione mondiale e gli ebrei", CC, 1922, IV, pp. 111-21.

34. Na parte III, vou falar sobre o papel do Vaticano na preparação do terreno para a introdução das "leis raciais" antissemitas da Itália.
35. "Il socialismo giudeo-massonico tiranneggia l'Austria", CC, 1922, IV, pp. 369-71.
36. O Vaticano havia muito enxergava a maçonaria como um de seus inimigos mais perigosos. O primeiro grupo surgiu em Roma, em 1724, sete anos após o início da organização, em Londres. Começando em 1738, sob o papa Clemente XII, aqueles que se juntavam aos maçons eram excomungados e difamados por terem juntado os católicos com os protestantes, os judeus e os sem credo. Os maçons, vistos como a fonte da secularização e uma alternativa para a sociedade centrada na Igreja, seriam responsabilizados mais adiante pela Revolução Francesa, bem como pela unificação italiana e pelo desaparecimento dos Estados Papais.
Em sua encíclica *Humanum genus*, de 1884, o papa Leão XIII lançou uma nova campanha antimaçônica, tachando a maçonaria de "sinagoga de Satanás". Nas duas últimas décadas do século XIX, *La Civiltà Cattolica* e outras publicações católicas alertavam incessantemente sobre uma conspiração judaico-maçônica. Em breve acrescentariam um terceiro inimigo, o socialismo, ao eixo do mal. Uma vasta conspiração judaico-maçônico-socialista, segundo eles, tinha o objetivo de destituir tudo o que era bom e cristão na Europa e substituí-lo por uma ordem mundial dirigida por judeus. O novo Código de Direito Canônico de 1917 confirmou a excomunhão dos maçons. Vian, 2011, pp. 106-16. A primeira associação maçônica nacional da Itália se originou com a unificação italiana, em 1859, e rapidamente estabeleceu lojas por grande parte do país. Vendo a Igreja como o principal bastião de regimes reacionários enraizados na Idade Média, os maçons eram apoiadores ferrenhos do novo governo italiano, que acabara de tomar o lugar dos Estados Papais. Defendendo a igualdade entre todas as religiões, eles fizeram campanha para manter

os sacerdotes fora das escolas públicas. O membro mais proeminente dos maçons foi o emblemático Giuseppe Garibaldi, herói da unificação italiana e crítico mordaz do Vaticano e do poder clerical. Conti, 2006. Adriano Lemmi, chefe nacional da principal ordem maçônica italiana no fim do século XIX, chamou o fim do poder territorial do papa de "o evento mais memorável na história do mundo". Povoada em grande parte pela classe média, a organização tinha, entre seus membros, alguns dos políticos mais importantes do final do século XIX. Na época da Primeira Guerra Mundial, a principal organização maçônica nacional tinha cerca de vinte mil membros em quatrocentas e oitenta e seis lojas. Embora a maioria dos membros viesse de famílias católicas, a pequena população de protestantes e judeus da Itália estava fortemente representada. Conti, 2005.

37. A variante mais comum de acusação de ritual de libelo de sangue dizia que o Talmude exigia que os judeus matassem crianças cristãs para usar o sangue delas a fim de fazer *matzás* de Páscoa.

38. A revista da Ação Católica da Romanha é examinada por Nardelli (1996, pp. 40-50), em que baseei minha descrição.

39. Um desses artigos, publicado em 1927 no semanário da diocese de Pádua, rejeitou os protestantes americanos por não possuírem uma religião verdadeira, acrescentando que os ministros protestantes "seriam mais sinceros se, como os judeus, adorassem o bezerro de ouro". Perin, 2011, p. 185.

40. O relato do cardeal Merry del Val sobre as palavras do papa em sua reunião, citado em Deffayet, 2010, p. 97.

41. Aqui o papa provou-se presciente, pois os defensores papais logo depois mencionaram o decreto que dissolvia os Amigos de Israel como prova de que o pontífice se opunha ao antissemitismo. Wolf (2010, p. 121) retrata a tática de Pio como "uma espécie de defesa preventiva na forma de uma condenação do antissemitismo moderno", o qual Wolf chamou de "uma marca do empobrecimento moral porque é fácil

condenar o ódio dos judeus pelos outros enquanto não se muda a própria conduta antissemita".

42. "Il pericolo giudaico e gli 'Amici d'Israele'", CC, 1928, II, pp. 335-44.

43. Entre as últimas cartas que o jesuíta recebeu, havia uma que Sarfatti lhe enviara um mês antes de sua morte, em 1956, na qual ela assinou: "Devotadíssima por Cristo, Margherita Sarfatti". Maryks (2011, pp. 309-10) encontrou-a no arquivo de Tacchi Venturi, junto a uma nota escrita por um dos arquivistas jesuítas, que identificava Sarfatti como "amante de Mussolini: uma judia convertida e batizada por T[acchi] V[enturi], bem como seu filho [Amedeo] e sua filha [Fiametta]". Ver também Cannistrato e Sullivan, 1993, pp. 344-45.

44. *Liguria del Popolo*, 1 luglio 1933, citado em Starr, 1939, p. 113.

45. Kent, 1981, pp. 128-29.

46. O termo *mania* é encontrado em MAESS, vol. 37, 36-38, Charles-Roux à Monsieur le Président du Conseil, 16 octobre 1932. Outras referências à obsessão do papa com a ameaça bolchevique são encontradas nos relatos de Charles-Roux de 19 de julho (MAESS, vol. 37, 12-13) e de 23 de julho (MAESS, vol. 36, 14-15).

47. ASV, AESS, pos. 474, fasc. 476, ff. 58r-58v, Pacelli a Monsignor Pietro Fumasoni-Biondi, 2 gennaio 1933.

48. Num esforço de convencer o ministro da seriedade e do escopo do problema, Borgongini entregou-lhe um livreto que tinha preparado, intitulado *Proselitismo protestante na Itália*. Explicava o motivo pelo qual o protestantismo era o inimigo em comum da Igreja Católica e do Estado fascista. "As facções protestantes", começava o livreto, "são anti-hierárquicas. Seu preceito é que cada indivíduo é o intérprete da revelação divina e, portanto, é livre para fazer a própria interpretação ao ler a Bíblia. Esse preceito é a base de todo erro democrático, do liberalismo ao socialismo e ao anarquismo." ASV, ANI, pos. 49, fasc. 2, ff. 281r-282r, Borgongini a Pacelli, 22 marzo

1935. O livreto está disponível em ibid., 284r; a citação é da p. 25. O livreto dedica vinte páginas à listagem de cada uma das igrejas protestantes na Itália.

49. Pacelli acrescentou: "Tenho plena fé, no entanto, de que seu apoio irá querer afastar esse mal." AISS, b. 21, Pacelli a De Vecchi, 22 marzo 1933.

50. ASMAE, AISS, b. 21, De Vecchi a Pacelli, 7 aprile 1933.

51. "Deixe que De Vecchi fique sabendo", disse o papa a Pacelli, "que o Santo Padre viu essas notícias com grande prazer." ASV, AESS, pos. 430a, fasc. 348, f. 25, 8 aprile 1933.

CAPÍTULO 15: HITLER, MUSSOLINI E O PAPA

1.Mussolini, 1957, p. 143; Kershaw, 1999, p. 343. Poucos dias depois da Marcha sobre Roma, Hermann Esser, um dos principais tenentes de Hitler, disse a uma tropa apinhada: "O Mussolini alemão chama-se Adolph Hitler." Kershaw, 1999, p. 180.

2. DDI, série 7, vol. 13, n. 61, Renzetti a Chiavolini, 31 gennaio 1933.

3. DBFP, 1919-1939, série 2, vol. 5, n. 444, Graham a Wellesley, 11 de outubro de 1933; DDF, série 1, vol. 4, n. 293, Chambrun à Paul-Boncour, 11 octobre 1933.

4. As anotações de Pacelli sobre sua conversa com o embaixador francês Charles-Roux encontram-se em ASV, AESS, pos. 430b, fasc. 359, f. 35, "L'Ambasciatore di Francia", 1 febbraio 1933. O chefe de gabinete de Mussolini relatou de modo indireto uma conversa na qual Pacelli disse que Hitler "realizara um grande serviço para a Alemanha porque admitiu um governo sólido", mas acrescentou que achava que Hitler, por si só, não duraria. DDI, série 7, vol. 13, n. 13.

5. Em 1931, *La Civiltà Cattolica* noticiou algumas preocupações expressadas por muitos bispos alemães sobre a ideologia ultranacionalista do nazismo: "Il 'Nazionalsocialismo' in Germania", CC, 1931, II, pp. 309-27.

6. ASV, AESS, pos. 430b, fasc. 359, f. 55, "L'Ambasciatore di Germania", 24 febbraio 1933.

7. O papa disse essas palavras a Fontenay em sua última visita ao embaixador francês. MAESS, vol. 37, 3-4, Fontenay à président du Conseil, 14 juin 1932.

8. MAESS, vol. 37, 63-66, Charles-Roux à ministre des Affaires Étrangères, 7 mars 1933.

9. "O presente papa é da opinião de que o perigo mais sério e imediato que ronda a Igreja é a propagação do comunismo. Sua principal preocupação é combater essa ameaça, e assim fará em todos os países com todas as suas forças." FCRSE, C2887/2887/22, sr. Kirkpatrick, diplomata britânico na Santa Sé, a Sir John Simon, Londres, 20 de março de 1933.
10. Kent, 1981, pp. 154-55. Wolf (2010, pp. 155-68) examina a evidência por trás da decisão do papa de fazer com que os bispos alemães apoiassem Hitler, em março de 1933.
11. MAESS, vol. 37, 70-77, Charles-Roux à ministre des Affaires Étrangères, 20 mai 1933.
12. Wolf, 2010, pp. 174-75.
13. Católico orgulhoso, Von Papen tornara-se amigo de Pacelli anos antes na Alemanha. Ele fora seu anfitrião com frequência no Guards Cavalry Club, onde o apresentou a muitos líderes conservadores. CC, 1933, IV, p. 89; Wolf, 2010, pp. 174-75; Ventresca, 2013, p. 62.
14. Ventresca, 2013, pp. 75-79.
15. Wolf, 2010, p. 178.
16. Ibid., pp. 227-28.
17. ASMAE, AISS, b. 77, "Il punto di vista cattolico di fronte al sistema Tedesco di concepire la Chiesa", 19 ottobre 1933.
18. Como está registrado nas anotações de Pacelli. ASV, AESS, fasc. 430a, fasc. 349, ff. 27r-27v, 30 dicembre 1933. O embaixador italiano na Alemanha também relatara em dezembro o crescente conflito entre a Igreja Católica e o governo alemão, em especial no que dizia respeito aos jovens. ASMAE, APG, b. 13, "S. Sede e Governo germânico", 27 dicembre 1933.
19. De acordo com o embaixador italiano em Berlim, o monsenhor Orsenigo chegara a um entendimento com os líderes nazistas. Ele fazia o possível para frustrar os que se opunham à colaboração entre o Vaticano e os nazistas, tanto aqueles dentro da hierarquia nazista

quanto os que eram do Vaticano. ASMAE, AISS, b. 35, ff. 70-71, ministero degli affari esteri a De Vecchi, 25 gennaio 1934.

20. Giorgio Angelozzi Gariboldi citado em Biffi, 1997, p. 99.

21. ACS, MCPG, b. 157, 19 maggio 1928.

22. Os detalhes biográficos sobre Orsenigo foram extraídos de Biffi (1997). Ver também Godman, 2004, pp. 30-31.

23. Pacelli se opôs ao movimento, temendo que pudesse causar mais dano do que benefício. Wolf, 2010, pp. 245-52; Godman, 2004, pp. 48-50.

24. Em dezembro de 1934, Mussolini, criticando sem medo os nazistas, gabou-se para a revista francesa *Le Figaro* de sua relação íntima com o Vaticano e culpou o regime nazista pela má orientação de suas políticas religiosas. MAESI, vol. 267, 49-53, Charles-Roux au Ministère des Affaires Étrangères, 26 décembre 1934.

25. Em 25 de maio, o papa instruiu Pacelli a dizer a Mussolini que o pontífice rezava por ele dia e noite. Pio queria que o Duce convencesse Hitler a reconhecer o direito da Igreja de prover educação moral e espiritual para os jovens. ASV, AESS, pos. 430a, fasc. 350, f. 29.

26. ASMAE, AISS, b. 35, "Udienza dal Cardinale Segretario di Stato — Venerdì 1 giugno 1934", "Udienza da S.E. il Capo del governo — Lunedì 4 giugno 1934", "Udienza dal Cardinale Pacelli — Martedì 5 giugno 1935". A passagem de Goebbels foi extraída de seu romance *Michael* (Steigmann-Gall, 2003, pp. 20-21). O relato de Faulhaber é citado em Wolf (2010, pp. 162-63). Em 15 de junho, dia da reunião entre os dois ditadores, De Vecchi encontrou-se com Pacelli para reafirmar que Mussolini promoveria vigorosamente os argumentos do papa. ASV, AESS, pos. 430b, fasc. 361, ff. 32/33, "L'Ambasciatore d'Italia", 15 giugno 1934.

27. Mussolini também estava preocupado com a população de origem alemã da região de Alto Adige, na Itália, que o país adquirira logo após

a Primeira Guerra Mundial e cuja lealdade era duvidosa.

28. DDI, série 7, vol. 14, n. 112, "Colloqui fra il capo del governo, Mussolini, e il cancelliere federale austriaco Dollfuss, Riccione", 19-20 de agosto de 1933; Lamb, 1997, pp. 100-1.

29. DDI, série 7, vol. 14, n. 246, "Appunto", 3 ottobre 1933.

30. Kershaw, 1999, p. 282. Sobre o uso político do corpo de Mussolini, ver o excelente livro de Luzzatto (1998).

31. Rauscher, 2004, pp. 193-94.

32. De Felice (1974, p. 494) contesta a visão comum de que Mussolini não dominava muito bem a língua alemã para entender Hitler, citando o intérprete italiano do Führer: "O Duce em geral falava alemão com um sotaque forte, muito devagar, articulando com cuidado cada sílaba, e era evidente que estava falando de bom grado."

33. Milza, 2000, pp. 694-96.

34. De Felice, 1974, p. 505.

35. ASV, AESS, pos. 430b, fasc. 361, ff.52/53, "L'Ambasciatore d'Italia", 6 luglio 1934.

36. DDI, série 7, vol. 15, n. 469, "Colloquio fra il Capo del Governo e De Vecchi", 2 luglio 1934.

37. ASMAE, AISS, b. 35, Mussolini a De Vecchi, 22 giugno 1934.

38. Lamb, 1997, pp. 106-7.

39. ACS, MCPG, b.158, "Riservato, da fonte Vaticana", Roma, 26 luglio 1934.

40. Ventresca, 2013, p. 85.

41. Citado em Fattorini, 2007, p. 110n8. De acordo com Orsenigo, os bispos não se opuseram à reivindicação de Hitler. Duce, 2006, pp. 22-33, com base no relato de Orsenigo a Pacelli, feito em 7 de março de 1933. O bispo de Osnabrück contou que, no encontro, Hitler "não" disse "uma palavra contra a Igreja, apenas sua estima pelos bispos". Os tópicos abordados pelos nazistas para difamar os judeus (Herf, 2006, pp. 37-41) eram basicamente os mesmos que a revista não oficial do

Vaticano, *La Civiltà Cattolica*, instigava. Desde a década de 1920, Hitler e seu aliado Goebbels vinham alertando para uma conspiração judaica contra a civilização ocidental e para o controle judeu das grandes finanças, da imprensa e do bolchevismo. Tudo isso com o intuito de reduzir os cristãos a servos dos judeus.

42. ASV, AESG, pos. 643, fasc. 158, ff. 14r-19r. Ver também a discussão do caso de Hubert Wolf (2010, pp. 184-90).

43. Wolf, 2010, p. 190.

44. "A luta antissemita assumiu um caráter governamental oficial. A Intervenção Representativa da Santa Sé equivaleria a um protesto contra uma lei governamental." ASV, AESG, pos. 643, fasc. 158, f. 5r. E poucos dias depois: "Infelizmente, o preceito antissemita foi aceito e sancionado por todo o governo, e esse fato infelizmente permanece como uma mancha ignóbil nas primeiras páginas da história que o Socialismo Nacional Alemão — não sem méritos — está escrevendo." ASV, AESG, pos. 643, fasc. 158, 6r-6v, 11 aprile 1933.

45. A notável correspondência entre o embaixador Vittorio Cerruti e Mussolini no fim de março e no começo de abril registra essas tentativas frenéticas. ASMAE, Gab., b. 668. O telegrama do Duce para Cerruti é reproduzido em DDI, série 7, vol. 13, n. 327, Mussolini a Cerruti, 30 marzo 1933. A correspondência com a mensagem do Duce a Hitler é encontrada no arquivo do ASMAE, identificado como "prioridade absoluta, particular a Sua Excelência Cerruti". A esposa de Cerruti, a quem ele conheceu em Viena, era húngara e, embora ela não discuta isso em suas memórias, ao que parece vinha de uma família de judeus. Cerruti, 1953. Pacelli sabia que o Duce expressava essa desaprovação, assim como, muito provavelmente, o próprio papa.

46. ASV, AESG, pos. 643, fasc. 158, f. 5R, Orsenigo a Pacelli, 9 aprile 1933. A nota (sem data) sobre o protesto de Mussolini está em AESG, pos. 643, fasc.158, f. 8R. Mussolini reuniu-se com Chaim

Weizmann, o líder sionista, no fim de abril. Weizmann descreveu-lhe a campanha de perseguição aos judeus pelos nazistas naquelas primeiras semanas do governo de Hitler e disse que seu plano era tentar obter permissão para que um grande número de judeus da Alemanha migrasse para a Palestina. DDI, série 7, vol. 13, n. 480, "Colloqui fra il capo del governo Mussolini e Chaim Weizmann", 26 aprile 1933. No mês seguinte, um enviado italiano na Alemanha informou a Mussolini que os líderes nazistas estavam começando a reconsiderar sua campanha antissemita, dada a publicidade negativa que estava gerando. Ele escreveu: "Assim, o Duce, cujo pensamento expus com clareza a Hitler, tanto no passado quanto recentemente, começa a se mostrar certo." Se, como ele provavelmente pensou, Hitler estava prestes a suavizar as restrições sobre os judeus, logo os judeus teriam que ser gratos a Mussolini. DDI, série 7, vol. 13, n. 595, Renzetti q Chiavolini, Berlim, 14 maggio 1933.

Notavelmente, reagindo aos apelos de Mussolini, Franz von Papen, vice-chanceler alemão, em uma reunião com o Duce em Roma, em 10 de abril, assegurou-lhe que reconhecia "que a campanha contra os judeus foi um erro". Mussolini também aproveitou o encontro para enfatizar como era importante para o novo regime nazista manter boas relações com a Santa Sé. DDI, série 7, vol. 13, n. 401, "Colloquio fra il Capo del Governo e Ministro degli Esteri, Mussolini, e il Vice Cancelliere del Reich, Papen", Roma, 10 aprile 1933. No dia seguinte, Von Papen e Hermann Göring, respectivamente o escudeiro de Hitler e o presidente do Reich, reuniram-se com o papa no Vaticano. Não temos relato algum do que foi dito. *L'Osservatore Romano* apenas informou que a reunião aconteceu, sem que houvesse qualquer comentário ou explicação. "Nostre informazioni", OR, 13 aprile 1933, p. 1.

47. Nem o Vaticano, nem a organização dos bispos alemães protestaram contra as Leis de Nuremberg; tampouco expressaram

qualquer oposição à renovada campanha nazista para demonizar os judeus. Wolf, 2010, p. 217.

48. Ao mencionar esse assunto no Comício de Nuremberg de 1935, Joseph Goebbels falou dos planos secretos dos judeus para a "dominação mundial judaica".

49. Ledóchowski endereçou a carta a Pacelli, esperando que ele conseguisse convencer o papa da necessidade de uma encíclica. Na época, o governo nazista estava organizando um julgamento muito divulgado, acusando-os de exportar ilegalmente fundos para o exterior, mas de modo impressionante o líder jesuíta estava defendendo Hitler. Em julho, em uma conversa com Pignatti, Ledóchowski culpou Goebbels e Rosenberg — inimigos notáveis da Igreja Católica — pelos problemas, dizendo ao embaixador italiano que ele achava muito possível que Hitler não tivesse aprovado a campanha em curso contra as ordens religiosas. ASMAE, APG, b. 33, fasc. 1, Pignatti al ministero degli affari esteri, "Processi antireligiosi in Germania", 14 luglio 1936.

50. Ferdinand Lassale foi um dos fundadores do movimento socialista em meados do século XIX na Alemanha.

51. Fattorini, 2007, pp. 64-69.

52. Como explicar a aparente contradição de que os judeus controlavam tanto o capitalismo quanto o comunismo? A revista jesuíta argumentava que ambos tinham se desenvolvido a partir de "uma concepção econômica materialista de mundo, de origem judaico-puritana". Mas algo de nefasto estava em vigor, pois, apesar de todas as aparências, o socialismo nada mais era do que uma ferramenta que os judeus usavam como "um braço e um meio de destruição que favorece o cenário financeiro internacional".

53. "La questione giudaica", CC, 1936, IV, pp. 37-46.

54. CC, 1936, IV, pp. 83-85.

55. Herf (2006, pp. 95-96) cita a importância do trabalho de Pinkus (1988) sobre esse tema. Ver também AJC, 1939, pp. 56-59. Membros

dos órgãos do governo da União Soviética são relacionados numa lista em *The Statesman's Year Book* em 1935 e em 1938. Uma vez que Hitler estava se erguendo contra a ameaça judaico-comunista no fim de 1936, *La Civiltà Cattolica* recomendou aos seus leitores a obra *Ebrei, cristianesimo, fascismo* [Judeus, cristianismo, fascismo], de Alfredo Rosmanini, elogiando essa influente diatribe antissemita como "escrita com a sinceridade e o fervor da fé". Ela "pode fazer o bem entre as pessoas". "Uma coleção de artigos e ensaios sobre o perigo destrutivo do comunismo e do ateísmo, no qual o judaísmo representa um papel importante, e sobre os méritos do fascismo na defesa da ordem religiosa e social", começa sua resenha entusiasmada. E continua: "Notamos que a influência de diversos judeus como exploradores é bem conhecida." Aqui, a revista acrescentou uma referência a seu próprio artigo mais recente sobre o assunto. CC, 1936, IV, p. 252. Calimani (2007, p. 235) descreve a obra de Rosmanini como o primeiro livro intensamente antissemita a ser publicado durante a campanha antissemita do regime fascista.

CAPÍTULO 16: ATRAVESSANDO A FRONTEIRA

1.O embaixador francês, François Charles-Roux, relatou em 15 de fevereiro de 1935 que Dalla Torre lhe falara sobre a preocupação do papa com relação a uma possível invasão. Na época, Charles-Roux não pensou que Mussolini seria impetuoso a ponto de fazer isso. DDF, série 1, vol. 9, n. 226.

2. Quando Mussolini enviou duas divisões do Exército para a Somalilândia, em março, com a bênção de vários cardeais italianos em sua partida, o encarregado de negócios francês no Vaticano relatou que as bênçãos suscitaram vários comentários. DDF, série 1, vol. 9, n. 400, Truelle à Laval. Sobre a preparação militar, ver Del Boca, 2010, pp. 90-92.

3. ACS, MCPG, b. 172, Zanetti, 25 giugno 1935.
4. Bosworth, 2011, p. 171.
5. Tardini, 1988, p. 332; C. Wingfield, *Annual Report 1934*, 12 de janeiro de 1935, R 402/402/22, em Hachey, 1972, pp. 287-88, seções 138-40.
6. ACS, MCPG, b. 172, Zanetti, 19 giugno 1935.
7. McCormick, 1957, pp. 69-76.
8. DDF, série 1, vol. 11, n. 348, Charles-Roux à Laval, ministre des Affaires Étrangères, 24 juillet 1935. Meses antes, em fevereiro, Dalla Torre, editor de *L'Osservatore Romano*, falara ao embaixador francês sobre as preocupações do papa em relação aos planos de Mussolini para a guerra na Etiópia. DDF, série 1, vol. 9, n. 226, Charles-Roux à Laval, 15 février 1935. No fim de junho, o encarregado de negócios publicou o artigo do *Avennire*, que ele disse que refletia as opiniões do papa em relação à situação na Etiópia. DDI, série 8, vol. 1, n. 450, Talamo a Mussolini, 27 giugno 1935.
9. Ceci, 2008, p. 297; Ceci, 2010, p. 43. Ceci (2010) oferece uma excelente análise da evolução do posicionamento do papa sobre a guerra da Etiópia.
10. "Ele é muito amigável e cortês", escreveu o enviado britânico no Vaticano algum tempo depois em uma curta descrição de Pizzardo, "mas muito sobrecarregado e não muito habilidoso." R5802/5802/22, FCRSE, pt. 14, p. 155, Osborne a Halifax, 21 de junho de 1938.
11. Talamo ficou sabendo das novidades por Augusto Ciriace, chefe nacional da Ação Católica, que correu para lhe contar logo cedo pela manhã, num esforço de evitar maiores danos. Desde que Cesare de Vecchi fora apontado ministro da Educação, no começo daquele ano, Talamo estava fazendo as vezes de embaixador.
12. Tardini, 1988, p. 385.
13. Ibid., pp. 385-86.

14. *The Times* de Londres chamou atenção para as observações do papa de que "uma guerra de conquista, uma guerra ofensiva e injusta, seria indizivelmente horrível". "Views of the Pope on Abyssinia", *Times*, 2 de setembro de 1935, p. 11. *The Washington Post*, no mesmo dia, exibiu um artigo de primeira página intitulado "Pontiff Plans Plea to Il Duce to Avert War" [O pontífice planeja apelar ao Duce para evitar a guerra], curiosamente realçando o papel-chave que Tacchi Venturi representaria ao levar a mensagem de Pio XI a Mussolini. No dia seguinte, o jornal dedicou um editorial ao apelo do papa por paz, atribuindo uma citação bastante dúbia a Tacchi Venturi. "Pope to Emperor", WP, 3 de setembro de 1935, p. 8.
15. ASMAE, AISS, b. 56, fasc. 1, sf. 1b, Pignatti a Mussolini, 30 de agosto de 1935.
16. Relato de Verdier em Papin, 1977, p. 63.
17. Ibid., pp. 56, 62.
18. Bosworth, 2002, pp. 304-5.
19. MAEI, vol. 266, 269-71, Charles-Roux à président du Conseil, 17 septembre 1932. No entanto, ele se recusou a receber crianças fascistas usando suas camisas pretas e seus uniformes militares, pois a visão de crianças vestidas para a guerra lhe era repulsiva. De Rossi dell'Arno, 1954, p. 46.
20. "Per la celebrazione del decennale in Italia", OR, 3 novembre 1932, p. 1; debatido em MAEI, vol. 266, 29.497, Charles-Roux à président du Conseil, 3 novembre 1932. Há uma curiosa história por trás do artigo. Giuseppe dalla Torre, editor do jornal e talvez o único leigo que se sentia à vontade para usar roupas informais ao visitar o papa, aparentemente recusou um pedido do secretário de Estado para escrever o tributo. Agostino, 1991, p. 153. Mussolini estava bem convencido, com razão, de que Dalla Torre lhe era hostil. Charles-Roux fiava-se em Dalla Torre para obter informações privilegiadas sobre a visão do pontífice, e, durante a crise da Etiópia, Dalla Torre

expressou sua opinião de que os dois emissários de Pio a Mussolini, Borgongini e Tacchi Venturi, estavam nas mãos do Duce e filtravam muitas das críticas do papa na tentativa de ganhar as graças do ditador. DDF, série 2, vol. 1, n. 107, Charles-Roux à Flandrin, ministre des Affaires Étrangères, 27 janvier 1936. Sabendo do entusiasmo de Augusto Ciriaci pelo regime, Pacelli voltou-se a ele a fim de que elaborasse o artigo. Ciriaci assim o fez. Então Pio XI acrescentou bastante coisa por contra própria, concluindo o artigo. ASMAE, AISS, b. 21, fasc. 8, De Vecchi a Mussolini. Nem todos na Igreja apreciaram o panegírico a Mussolini, incluindo alguns dos colegas de Dalla Torre do *L'Osservatore Romano*. Eles se perguntavam o que viria a seguir. Será que o *L'Osservatore Romano* substituiria o seu emblema da tiara papal pelo símbolo fascista? ASMAE, AISS, b. 21, f. 8, Città del Vaticano, 3 novembre 1932.

21. ASMAE, AISS, b. 56, fasc.1, sf. 1c, Pacelli a Mussolini, 14 settembre 1935. De acordo com o relato de um informante, o papa enviou Tacchi Venturi à Inglaterra em uma missão secreta para fazer lobby com os católicos locais a fim de conseguir apoio ao governo italiano, por conta da forte oposição britânica aos planos de guerra de Mussolini. Mas ainda não foi encontrada nenhuma evidência que sugira que a viagem aconteceu. ACS, DAGR, b. 1320, informatore n. 52, Roma, 12 settembre 1935.

22. ASV, AESS, pos. 430a, fasc. 352, f. 49, 20 settembre 1935.

23. ASV, AESI, pos. 967, vol. 1, ff. 156r-159r. Nessa reunião com Charles-Roux, em 27 de setembro, o papa falou mais uma vez sobre seus medos de que um desastre acontecesse com a Itália e com Mussolini se o Duce fosse adiante com o plano de invasão. Ele se oferecera para encontrar-se secretamente com o ditador a fim de discutir como poderia ajudar a negociar uma saída da guerra, contou ele ao embaixador francês, mas Mussolini recusara. DDF, série 1, vol. 12, n. 254, Charles- Roux à Laval, 27 septembre 1935.

24. Citado em Milza, 2000, p. 724.
25. ACS, CR, b. 68, Tacchi Venturi a Mussolini, 3 ottobre 1935.
26. DDF, série 1, vol. 12, n. 412, Charles-Roux à Laval, 10 octobre 1935 (nota de rodapé 1).
27. Os originais do envelope e da carta de Pacelli ao rei são encontrados não no arquivo real em Londres, mas no do Vaticano. Esse fato conta a história. Uma mensagem escrita à mão no arquivo do Vaticano explica: "Carta assinada pelo cardeal Pacelli ao rei da Inglaterra em 3 de outubro de 1931. Nota: A carta foi a princípio aceita, e depois devolvida pelo diplomata britânico." ASV, AESI, pos. 967, vol. I, ff. 201r-208r. O primeiro-ministro britânico viu a tentativa do papa de se comunicar diretamente com o rei sobre uma questão relativa à política externa como uma brecha no protocolo diplomático.
28. Del Boca, 2010, pp. 104-7.
29. Federico, 2003, p. 590.
30. ACS, MCPG, b. 159, 1 febbraio 1935. Ao deixar seu cargo, De Vecchi foi reverenciado pelo papa, que o presentou com uma medalha dourada e um louvor esmerado. CC, 1935, I, pp. 423-24, 647. De acordo com um informante, Pio era afeiçoado a De Vecchi, e foi ele que mandou o jornal diário do Vaticano publicar um artigo laudatório sobre a partida do embaixador. ACS, MCPG, b. 159, informatore, Roma, 5 febbraio 1935. Ainda em 1932, o cardeal Pacelli já ouvia rumores sobre a substituição de De Vecchi e começou a especular quem poderia ser seu substituto. Ele deixara claro que achava De Vecchi um tipo um tanto medíocre. MAEI, vol. 266, 250-54, Charles-Roux au président du Conseil, 25 juillet 1932.
31. ASV, AESI, pos. 985, fasc. 658, ff. 23r-27r. Sobre a experiência diplomática de Pignatti, ver Casella, 2010, p. 185n1. Rumores sobre quem seria o substituto de De Vecchi corriam por toda parte em Roma. Muitos dos nomes mais ilustres do regime foram mencionados, de Federzoni a Alfredo Rocco, passando pelo genro de Mussolini,

Galeazzo Ciano. Antes de nomear Pignatti, o Duce buscara a aprovação do papa. O pontífice, por sua vez, contatou o monsenhor Luigi Maglione, seu núncio na França, que lhe garantiu que o conde era uma boa escolha, um católico praticante, bom pai, inteligente, modesto e honesto. ACS, MI, PP, b. 168, informatori, relazioni, 3 marzo, 22 marzo, 27 marzo.

32. Em suma, concluiu o novo embaixador, "o Santo Padre falou como um bom italiano". ASMAE, APSS, b. 25, fasc. 2, 13 ottobre 1935; Casella, 2010, p. 189.

33. H. Montgomery, *Annual Report 1935*, 9 de janeiro de 1936, R 217/217/22, em Hachey, 1927, pp. 322-23, seções 161-64; MAESS, vol. 37, 188-89, Charles-Roux, télégramme, Affaires Étrangères, 17 décembre 1935.

34. Garzonio, 1996; Rumi, 1996, pp. 38-39; De Vecchi, 1983, p. 219.

35. O informante advertiu que o comportamento do arcebispo era mais oportunista do que ideológico, acrescentando: "É melhor não confiar demais, já que o padre será fascista apenas enquanto lhe for interessante." ACS, MI, FP "Schuster", informatore n. 52, Milano, 3 gennaio 1935.

36. Saresella. 1990, p. 460.

37. Ceci, 2010, pp. 86-87.

38. Citado em Baudrillart, 1996, pp. 193-94 (5 mai 1936).

39. Em uma reunião em 24 de outubro — diante do fracasso dos esforços diplomáticos para evitar as sanções econômicas —, Mussolini disse a Tacchi Venturi que as esperanças do papa em relação à intervenção francesa para ajudar na mediação da disputa eram equivocadas. "Diga ao papa", falou o Duce, "que nossa amizade com a França acabou. Apenas a Alemanha nazista permanece amiga da Itália. Quem poderia imaginar", acrescentou Mussolini, "que nossos amigos há vinte anos (...) se tornariam nossos inimigos, e que

travaríamos amizade com nossos inimigos na época (...) Sabe lá Deus o que está acontecendo." ASV, AESI, pos. 967, vol. 2, ff. 80r-80v, "Udienza col Capo del Governo", 24 ottobre 1935, P.T.V.

40. DDI, série 8, vol. 2, n. 664, Pignatti a Mussolini, 19 novembre 1935.

41. Diggins, 1972, pp. 279-82. O editorial do *The New York Times* data de outubro de 1937. Diggins, 1972, pp. 276-78, 290-91, 317.

42. A demonstração ocorreu em 10 de novembro. Ceci, 2012, p. 95; Diggins, 1972, p. 107.

43. Em uma carta a Dino Alfieri, então subsecretário de imprensa e propaganda, o secretário fascista ítalo-americano da Unione Italiana d'America em Nova York enfatizou a importância dos esforços do padre Coughlin por lá. Enquanto a maioria dos americanos se opunha à guerra na Etiópia, os ítalo-americanos davam-lhe grande apoio, o que, somado aos esforços de Coughlin, teria impedido Roosevelt de conseguir aprovar suas sanções. Para seu imenso desgosto, disse ele, quando um cinejornal sobre a guerra foi exibido nos cinemas, as pessoas zombaram e assobiaram quando Mussolini apareceu na tela, mas aplaudiram as imagens dos etíopes. ACS, MCPR, b. 21.

Reunindo-se com Pacelli em 22 de novembro, Pignatti enfatizou como foi crucial o fato de o petróleo não ter sido adicionado às sanções — como proposto por alguns na Grã-Bretanha e em outros lugares — e a importância de os Estados Unidos não se unirem às sanções. Ele tornou a pedir a Pacelli que acionasse a rede diplomática da Santa Sé para ajudar no esforço de guerra. Ao chamar atenção para o bem que a Igreja poderia fazer nos Estados Unidos, ele elogiou o trabalho do padre Coughlin. Pacelli reafirmou ao embaixador italiano que o Vaticano estava fazendo tudo o que podia, mas acrescentou que, como Coughlin "já tinha se posicionado fortemente contra a Inglaterra e as sanções, não havia necessidade de incitá-lo mais". ASV, AESS, b. 430a, fasc. 362, f. 136. A notícia de que Coughlin

desempenhara um papel útil ao convencer o clero americano católico a apoiar a guerra na Etiópia foi transmitido ao subsecretário de imprensa e propaganda em 28 de novembro. ACS, MCPR, b. 21, "Appunto per S.E. il Sottosegretario di stato". Ao se encontrar com Pacelli mais uma vez, em 6 de dezembro, o embaixador italiano observou com satisfação tudo o que o padre Coughlin estava fazendo para influenciar o movimento americano a se opor às sanções. ASV, AESS, pos. 430b, fasc. 362, ff. 145/146. Sobre a história de Coughlin e as relações do padre com a Santa Sé, ver Fogarty, 2012.

44. Em 1935, o cardeal Dougherty, arcebispo da Filadélfia, queixou-se dizendo que Coughlin estava "agora bastante fora de controle". Acrescentou que o padre tinha se tornado "um herói na cabeça do proletariado e em especial dos membros daquela turba, que são de origem ou pertencem aos socialistas ou comunistas". Tendo em vida a inclinação antissemita de Coughlin, essa era uma caracterização um tanto quando peculiar. Fogarty, 2012, pp. 108-10. Uma parte da minha descrição é baseada no relato enviado a Roma pela embaixada italiana em Washington. ASMAE, AISS, b. 33, "Oggetto: Padre Coughlin", 22 ottobre 1936.

45. Luconi, 2000, pp. 11-12. A exaltação à guerra na Etiópia estava bem difundida pela comunidade ítalo-americana. Em abril de 1936, o vice-cônsul italiano em Providence, Rhode Island, vestiu uma camisa preta, distribuiu mais de setecentas alianças de aço. As doações de alianças de ouro naquela cidade foram tantas que o vice-cônsul entregou mais quatrocentas alianças de aço depois. Ceci, 2012, pp. 95-96.

46. Citado em Franzinelli, 1995, pp. 311-12.

47. De Felice, 1974, p. 761. As observações foram publicadas em *Il Popolo d'Italia*, 19 dicembre 1935.

48. De Rossi dell'Arno, 1954, pp. 69-70. No mês seguinte, o bispo de Ventimiglia dirigiu-se às mulheres da sua diocese, identificando "os

inimigos da Itália, os inimigos de sua grandeza e seu futuro" como "o bolchevismo russo, comunismo, maçonaria internacional, protestantismo inglês" (pp. 105-8).

49. ASV, AESI, pos. 967, vol. 2, ff. 187r-88v, Tacchi Venturi, "Relazione dell'udienza avuta col Capo del Governo", 30 de novembre de 1935. Renzo De Felice (1981, p. 291n85) concluiu que era provável que Tacchi Venturi tenha conduzido Mussolini a se submeter a teoria da conspiração "judaica internacional" contra o esforço de guerra na Etiópia.

50. ASV, AESI, pos. 967, vol. 2, ff. 257r-260r, Tacchi Venturi, "Relazione dell'udienza avuta con S.E. Mussolini", 14 dicembre 1935.

CAPÍTULO 17: INIMIGOS EM COMUM

1.Citado em Franzinelli, 1998, p. 137; Franzinelli, 2008, p. 258.

2. ASV, AESI, pos. 967, vol. 5, f. 186r, "Memoria d'archivio", 28 novembre 1935.

3. Brendon, 2000, p. 426.

4. ASV, ANI, pos. 23, fasc. 7, ff. 24r-27r, Borgongini a Pacelli, 18 dicembre 1935. A reunião acontecera no dia anterior.

5. ASV, AESI, pos. 967, vol. 5, f. 201r, "Istruzioni per Monsignor Roveda da impartire verbalmente ai vescovi d'Italia", 30 novembre 1935.

6. O cardeal Nasalli Rocca, arcebispo de Bolonha, encontrava-se entre aqueles que se sentiam desconfortáveis. "Além do fato de que me desfazer dos meus anéis de ouro não me é nem um pouco satisfatório", escreveu a Pacelli, "a questão está aparentemente resolvida, e só me resta pedir instruções para a bênção." Pacelli trouxe a carta de Nasalli para o papa, que disse estar tudo certo para a bênção

das alianças pelos párocos, mas que o próprio cardeal deveria evitá-la. ASV, AESI, pos. 967, vol. 5, ff. 217r-218r.

7. Ceci, 2010, p. 97. Em Mântua, o jornal local comunicou: "Àqueles que dão à Pátria dão a Deus!" Com muita fanfarra, Augusto Ciriaci, presidente nacional da Ação Católica, deu a Achile Starace, líder do Partido Fascista, seu relógio de ouro, o qual a organização dos homens da Ação Católica lhe deram de presente em seu décimo aniversário. Terhoeven, 2006, p. 102. Para mais detalhes, ver Terhoeven, 2006 e Ceci, 2010, pp. 94-101.

8. O papa não poderia estar satisfeito com Schuster, já que a ideia de um arcebispo doando símbolos sagrados do santo ofício ao Estado ofendia seu senso de posicionamento legítimo da Igreja. De acordo com um informante da polícia, o Vaticano apoiou a arrecadação das alianças de ouro e "as ofertas de ouro pelos bispos também é encarada de maneira positiva (...) Onde a restrição começa é no que diz respeito às cruzes peitorais, acreditando-se que (...) elas constituem algo sagrado". ACS, MCPG, b. 172, informatore, 11 dicembre 1935.

9. Terhoeven, 2006, pp. 102, 104, 105; Ceci, 2012, p. 92. Nobili, (2008, pp. 271, 275-76) dá outros exemplos de doações de objetos sagrados de ouro por bispos na Lombardia. Um cartão-postal popular de comemoração pelo Dia da Fé exibia a imagem de um Jesus de túnica, barbudo e de cabelo comprido, flutuando no céu sobre duas mãos enormes, uma tirando a aliança da outra. Acima, as palavras: "Pela santidade da Causa". Falasca-Zamponi, 1997, fig. 20.

10. O rei e a rainha foram na frente, colocando seus ornamentos de ouro no túmulo do Soldado Desconhecido no Monumento Nacional a Vítor Emanuel em Roma. O dramaturgo Luigi Pirandello deu sua medalha de ouro do prêmio Nobel, e outros membros da elite cultural da Itália seguiram seu exemplo. Milza, 2000, p. 731.

11. Terhoeven, 2006, pp. 118-19. Buscando fazer uma doação dramática, o Duce ofereceu a medalha de ouro comemorativa que o papa lhe dera quando o Tratado de Latrão foi assinado. Na verdade,

um exame da medalha papal revelou que não era feita de ouro, mas sim de um metal barato revestido de dourado. As novidades provocaram uma crise no escritório do PNF romano, onde seus membros discutiram, preocupados, se Mussolini deveria ser informado. Eles decidiram perguntar ao líder nacional do partido, Starace, que aparentemente informou de fato ao Duce. Terhoeven, 2006, p. 82.

12. O semanário diocesano de Turim, por exemplo, fez um alerta sombrio sobre uma conspiração maçônica aliada com o bolchevismo e o protestantismo, "ferozmente unidos contra a Itália, querendo fazer um ataque em conjunto contra a Itália e também a Santa Sé e o catolicismo". Citado em Reineri, 1978, pp. 170-71. Em 25 de abril, Pizzardo avisou mais uma vez a Pignatti sobre uma "campanha judaico-maçônica (...) que se movia paralelamente contra a Igreja e contra o fascismo". ASMAE, AISS, b. 81, fasc. 1, sf. 1, Pignatti, "Congresso dei 'Senza Dio' in Praga".

13. Como os Estados Unidos e por razões similares — a oposição da maioria dos protestantes —, o Canadá não possuía nenhum laço oficial diplomático com o Vaticano e, por isso, não tinha um núncio.

14. ASV, AESI, pos. 967, vol. 5, ff. 129r-131r, Pizzardo a Monsignor Andrea Cassulo, delegato apostolico, Ottawa, 26 dicembre 1935; ibid., ff. 132r-134r, Cassulo a Pizzardo, 11 gennaio 1936. Pizzardo compartilhou o relato do enviado canadense com Pignatti em 1º de fevereiro, ansioso para mostrar o tanto que o Vaticano estava trabalhando nos bastidores para ajudar no esforço de guerra de Mussolini. Ele relembrou ao embaixador italiano que o Vaticano instruíra previamente seu enviado ao Canadá a "apoiar o movimento a nosso favor entre esses católicos". Em seu relato posterior sobre a conversa, Pignatti correu para contar a Mussolini algo que ele achava que seria de seu interesse. O líder da ordem dos capuchinhos em Ottawa recebeu um relatório de seus companheiros capuchinhos na Etiópia, alegando que seus esforços para obter apoio para a invasão

italiana estavam sendo frustrados pela "propaganda anti-italiana dos judeus e maçons". DDI, série 8, vol. 3, n. 158, Pignatti a Mussolini, 1 febbraio 1936. Pouco depois de receber o relatório de seu enviado canadense, o secretário de Estado do Vaticano recebeu outra mensagem de Ottawa a respeito da conspiração que mirava a Igreja e a Itália, mas o remetente era uma fonte surpresa. Mackenzie King, primeiro-ministro canadense, recebera uma carta de "certo E. Pound de Rapallo", informando-lhe que "as sanções são o trabalho de um grupinho judeu internacional e foram um meio que eles encontraram de provocar uma guerra europeia". Até então, disse o primeiro-ministro canadense, não dera muita atenção à questão da influência judaica no Canadá, mas, dada a nova informação, agora examinaria a questão com cautela. Ele acrescentou, de acordo com uma nota do Vaticano, sua crença "de que o judaísmo possui elementos muitíssimo poderosos na Inglaterra e nos Estados Unidos, ambos em círculos governamentais e na opinião pública em geral". SV, AESI, pos. 967, vol. 2, f. 396r, "Appunto", Roma, 4 febbraio 1936. Não fica claro pelos comentários do primeiro-ministro canadense se ele estava ciente de que "E. Pound" era o famoso poeta Ezra Pound.

15. Como foi reportado pelo embaixador da Itália em Berlim e copiado pelo ministro das Relações Exteriores para a embaixada italiana na Santa Sé. ASMAE, APSS, b. 27, fasc. 1, 9 dicembre 1935. O enviado britânico no Vaticano estava também chateado. "Um dos resultados da seleção dos novos cardeais", ele relatou a Londres, "e muitos vão achá-lo infeliz (...) é que reajusta o equilíbrio da nacionalidade dentro do Sacro Colégio de um modo muito favorável à Itália." E acrescentou: "As poucas esperanças que resistiam, acalentadas vez ou outra com a possibilidade de o sucessor do papa ser estrangeiro, devem ser, deste modo, enfim descartadas." H. Montgomery, *Annual Report 1935*, 9 de janeiro de 1936, R 217/217/22, em Hachey, 1972, p. 322-23, seções 161-64.

16. Montgomery, *Annual Report 1935*, seções 161-64, 347; MAEI, vol. 267, 61-63, Charles-Roux à Flandrin, 14 mars 1936. Nesse relato sobre a nomeação dos vinte cardeais novos, Pignatti também notou a evidente ausência do arcebispo de Westminster, atribuindo-a ao descontentamento do Vaticano com as críticas do arcebispo aos esforços de guerra italianos e comentários que ele fizera sobre o papa. ASMAE, APSS, b. 25, Pignatti al ministro degli affari esteri, "Concistoro", telespresso n. 7.748/26, 22 novembre 1935. O Sacro Colégio tinha sido anteriormente reduzido a apenas quarenta e nove cardeais; com as novas introduções, restaria um para alcançar o limite máximo, setenta.

17. ACS, MCPG, b. 172, Roma, 21 novembre 1935. O governo brasileiro enviara seu embaixador para reclamar com Pacelli a respeito da falta de cardeais brasileiros, embora o Brasil tivesse o dobro dos católicos que havia nos Estados Unidos, que possuía quatro cardeais. Pacelli respondeu que não aceitaria o pedido do governo de transmitir seu argumento para o papa, já que o pontífice "enciumado com razão resguarda seu direito e sua liberdade exclusivos na escolha dos cardeais e, por isso, não poderia admitir que falassem de "desilusão" ou "pedidos" nessa questão nem fazer comparações com outros Estados". ASV, AESS, pos. 430b, fasc. 363, ff. 2/3, 3 gennaio 1936. O papa usara seu amplo número de nomeações para incluir uma que havia muito ele buscara conseguir, mas não queria chamar atenção para ela: o monsenhor Caccia Domimioni, companheiro milanês e assistente de longa data que ficara literalmente a seu lado por 30 anos, enfim ganhava seu chapéu cardinalício.

18. Pio não disse a ele que Ledóchowski incitara o papa a não realizar a nomeação. O superior geral jesuíta estava chateado com o fato de o prestígio de Tacchi Venturi estar eclipsando o dele e não poderia tolerar que seu colega jesuíta possuísse um status tão elevado. Martina, 1996, pp. 103-8; 2003, pp. 271-72.

19. ACS, MI, PS, Polizia Politica, b. 210, informatore n. 35, Città del Vaticano, 26 novembre 1929. O informante, Bice Pupeschi, alegou ter ouvido as queixas de Caccia em uma conversa com ele na noite anterior.
20. ACS, MI, PS, Polizia Politica, b. 210, informatore n. 52, Città del Vaticano, 21 ottobre 1930.
21. Ibid., informatore n. 293, Città del Vaticano, 27 marzo 1931. Caccia culpou Pizzardo por seus problemas, acreditando que ele era o informante do papa. No verão de 1931, uma nova rodada de recriminações seguiu-se às críticas de Caccia sobre a liderança de Pizzardo na Ação Católica. Em contra-ataque, Pizzardo desenterrou uma velha história em que Caccia — aparentemente católico em seus interesses sexuais, se ao menos esse relato for digno de confiança — tivera um filho com uma mulher, dona de uma loja na cidade. Como prova da declaração, Pizzardo alegou que o menino tinha um tique nervoso em seus olhos idêntico ao de Caccia. ACS, MI, PS, Polizia Politica, b. 210, informatore n. 40, Città del Vaticano, 30 agosto 1931.
22. ACS, MI, PS, Polizia Politica, b. 210, informatore n. 40, Roma, 12 settembre 1933. No ano seguinte, o "célebre informante do Vaticano" observaria, como mais uma evidência da impopularidade do papa em Roma, que, sendo "frio", ele quase nunca fazia algo para demonstrar preocupação com os prelados que sabia estarem doentes. ACS, MCPG, b. 158, luglio 1934.
23. De acordo com o relato de um informante, fora Pacelli que persuadira o papa a promover o voluntarioso monsenhor. ACS, MI, PS, Polizia Politica, b. 210, informatore n. 40, Città del Vaticano, 12 agosto 1934.
24. ACS, MI, PS, Polizia Politica, b. 210, informatore n. 390, Milano, 15 ottobre 1934.
25. FRSCE, n. 350, Osborne a Halifax, 21 de junho de 1938.

26. O papa fizera a sugestão por seu núncio. Em uma carta para Mussolini, de 28 de dezembro, Pignatti relatou que, em sua recente visita ao secretário de Estado do Vaticano, lhe fora garantido que o Vaticano estava fazendo tudo a seu alcance para encorajar a luta da Igreja na Irlanda e nos Estados Unidos a fim de fazer lobby a favor da Itália na guerra da Etiópia. Um dos funcionários do Vaticano — mais provavelmente Pizzardo — explicou que a única razão pela qual a maioria dos irlandeses apoiou Mussolini na guerra da Etiópia foi seu "senso de contraste em relação à propaganda inglesa protestante" contra a guerra. ASMAE, AISS, b. 56, Pignatti al ministro degli affari esteri, "Cattolici in Irlanda Stati Uniti e Canadà", n. 8.048/126.

27. Mussolini também pediu a Borgongini que dissesse ao papa que os maçons tinham se tornado os inimigos declarados do Duce, furiosos por ele ter destruído suas lojas e ocasionado a Conciliação com a Igreja. "Eles querem vingança", comentou Mussolini, "primeiro contra mim, para que possam depois voltar-se contra a Igreja." Mas "eles não vão ganhar". ASV, AESI, pos. 967, vol. 2, ff. 343r-346r, Borgongini, "Relazione dell'udienza avuta con S.E. Il Capo del Governo", 3 gennaio 1936.

28. "Coughlin Berates League of Nations", *Ludington Daily News*, 25 de novembro de 1935, p. 1. Mussolini foi avisado sobre o valor de Coughlin e, de forma mais geral, sobre o papel positivo que os católicos nos Estados Unidos desempenhavam opondo-se às sanções por meio de uma carta, em meados de novembro, enviada pelo presidente da Unione Italiana d'America. ACS, MCPR, b. 21, Casagrande di Villaviera, New York, a Dino Alfieri, 15 novembre 1935.

29. Em sua resenha sobre a biografia bastante crítica de Mussolini escrita por George Seldes, *Sawdust Caesar*, Gerar Francis Yates concluiu: "Deveria ser lido por todos aqueles que, por preguiça mental ou desgosto pela zombaria dos nossos parlamentares, suspiram

por uma ditadura (seja fascista ou proletária) como se fosse uma cura para todos os seus males." *America* 54, n. 16, (25 de janeiro de 1936), p. 382.

30. "New Jesuit Head Is a Russian Pole", NYT, 12 de fevereiro de 1915, p. 11; Pagano, 2009, pp. 401-2n.

31. Von Bülow, 2007, pp. 279-80. Outra indicação da visão geral do grande poder do líder da ordem jesuíta é o fato de que o superior geral dos jesuítas era comumente chamado de "papa negro", referindo-se tanto ao traje preto dos jesuítas e ao contraste — pelo menos na cabeça daqueles com uma inclinação à conspiração — entre o papa branco e puro com o papa conspirador negro.

32. Muñoz, 1942, pp. 5-6.

33. Convém lembrar que Ledóchowski deixara claro seu descontentamento para o editor da *Civiltà Cattolica*, Enrico Rosa, em outubro de 1922, quando Rosa escrevera o artigo em que atacava o fascismo. No verão de 1929, como consequência imediata do Tratado de Latrão, quando o papa estava chateado com Mussolini, o superior geral jesuíta estava mais uma vez furioso com Rosa por ele ter incitado críticas do papa. De acordo com um relatório secreto da polícia, ele enviou Rosa para um congresso na Espanha em uma tentativa de tirá-lo do caminho e dar tempo para ele se acalmar. ASMAE, AISS, b. 2, "Roma, 12 agosto 1929" e "Roma, 7 agosto 1929".

34. O homem que foi demitido a pedido de Mussolini, Wilfrid Parsons, S. J., tinha sido editor do semanário jesuíta por onze anos. Ele era inimigo de Charles Coughlin. Parsons foi substituído por Francis Talbot, S. J., um partidário de Coughlin e incentivador do fascismo. Gallagher, 2012.

35. Ledóchowski continuou a avisar que Anthony Eden, o ministro das Relações Exteriores, estava "nas mãos dos judeus, em especial aqueles Rothschild". ASMAE, AISS, b. 102. Uma cópia do mesmo relatório, assinada por Pignatti, é encontrada em ASMAE, APSS, b.

30. Logo depois da cerimônia de abertura da exposição da imprensa católica mundial no Vaticano em 12 de maio de 1936, Pignatti encontrou por acaso Ledóchowski, que estava encantando porque em suas observações o papa enfatizara a ameaça comunista. "Padre Ledóchowski", relatou Pignatti, "encara o judaísmo, aliado ao bolchevismo, como a origem de todo o mal que há e um grande perigo para nossa civilização." ASMAE, APSS, b. 33, fasc. 1, 13 maggio 1936.

36. De Felice, 1974, p. 701.

37. Ventresca, 2013, p. 104.

38. Mockler, 2003, pp. 74-85.

39. Brendon, 2000, p. 324. Em 7 de fevereiro, Borgongini encontrou o Duce em um "humor péssimo", furioso com a França. "Sim, a Inglaterra também é inimiga da Itália," disse ele, mas a França era pior, pois os traíra. Logo após a recente vitória eleitoral da esquerda, o novo ministro francês das Relações Exteriores "foi recebido pelos maçons na loja daquele porco Mandel, que, para evitar se chamar Jereboam de Rothschild, se chama de Mandel. Mas ele é um judeu, vendido para a Inglaterra, inimigo declarado da Itália". O Duce continuou a vociferar: "O governo é constituído por catorze maçons e três judeus. A maçonaria judaica — que, segundo os Protocolos dos Sábios de Sião, 'corrompem até os cachorros', isto é, os católicos — conseguiu transformar os franceses em idiotas." ASV, ANI, pos. 23, fasc. 8, ff. 4r-8r.

40. DDF, série 2, vol. 1, n. 447, Charles-Roux à Flandin, 17 mars 1936.

41. Milza, 2000, pp. 726-27. O mais fascista dos fascistas e praga do Vaticano, Roberto Farinacci teve concedido seu pedido de se juntar às forças aéreas na Etiópia. Sua chegada deu-se em fevereiro, mas ele não durou muito. Em abril fez uma pausa nos bombardeios às tribos indefesas e foi pescar em um pequeno lago. Sem equipamento de pesca, ele e seus camaradas decidiram usar as suas granadas de mão.

Talvez distraído com as brincadeiras dos amigos, ele segurou a granada por tempo demais, e ela explodiu em sua mão. Farinacci retornou à Itália algumas semanas depois para ser recebido como um herói e experimentou sua nova prótese de metal. O governo divulgou a história de que o bravo líder tinha sido ferido durante um exercício militar. Fornari, 1971, p. 161; Bottai, 2001, p. 102.

42. Mockler, 2003, pp. 133-42.

43. Mais tarde, naquela semana, Charles-Roux informou que Tacchi Venturi era um "*ami personnel*", um amigo pessoal, do ditador. DDF, série 2, vol. 2, n. 185, Charles- Roux à Flandrin, 8 mai 1936.

44. ACS, CR, b. 68, Tacchi Venturi a Mussolini, Roma, 6 maggio1936.

45. Ojetti, 1939, pp. 116-20; Morgan, 1941, pp. 188-91.

46. DDF, série 2, vol. 2, n. 287, Chambrun à Delbos, 10 juin 1936.

47. "Pope Gives Up All Exercise as 80th Year Approaches" e "Vatican Easter Quietest in Years", BG, 13 de abril de 1936, p. 2.

48. ASMAE, APSS, b. 31, Mussolini a Ambasciata presso la Santa Sede, Roma, telegramma in partenza, 14 maggio 1936.

49. ASV, AESS, pos. 430b, fasc. 363, f. 57, "Il Ministro d'Inghilterra", 15 maggio 1936.

50. DDI, série 8, vol. 4, n. 78, Pignatti a Mussolini, 19 maggio 1936. Pignatti conclui: "Eu também vou ficar de olho nas ações da Santa Sé para ser capaz, se for preciso, de direcioná-las a entrar em conformidade com a informação e as instruções do Ministério Real." DDF, série 2, vol. 2, n. 287, Chambrun à Delbos, ministre des affaires etrangères, 10 juin 1936.

51. De Felice, 1974, pp. 756-7.

52. DDI, série 8, vol. 4, n. 40, Pignatti a Mussolini, 14 maggio 1936.

53. Navarra, 2004, p. 86.

54. Citado em De Felice, 1974, p. 759.

55. O ditador também estava ficando cada vez mais cínico. Qualquer um ou qualquer coisa que ficasse em seu caminho tinha quer ser superada. Italianos precisam de música e bandeiras para mexer com eles, disse o Duce a um entrevistador estrangeiro em maio de 1936. "A multidão é desorganizada e dispersa como um rebanho, até que seja instruída e guiada", disse ele, usando uma de suas imagens favoritas. "Não precisam saber, precisam de fé, pois a fé move montanhas (...) A verdade é que a inclinação do nosso homem moderno a crer é absolutamente incrível!" Citado em De Felice, 1974, p. 799.
56. Galeotti, 2000, pp. 29-30.

CAPÍTULO 18: SONHOS DE GLÓRIA

1.Chiron, 2006, p. 371.
2. Citado por Pacelli em seu livro de notas, ASV, AESS, pos. 430a, fasc. 352, f. 81, 30 dicembre 1935. Sobre a campainha, ver Charles-Roux 1947, p. 13.
3. DGFP, C 4b, n. 482, embaixador Bergen ao ministro das Relações Exteriores Neurath, Roma, 4 de janeiro 1936. Pacelli estava ávido para evitar enfurecer Hitler e por isso sempre mostrou-se solícito ao lidar com o embaixador alemão. Mas, para os outros, de vez em quando deixava sua raiva aflorar. Em 1936, Anton Mussert, líder do partido nazista holandês, fora encontrá-lo e, na tentativa de cair nas graças de Pacelli, disse-lhe que duas forças estavam opondo-se efetivamente ao avanço do bolchevismo na Europa: Mussolini e Hitler. Pacelli atacou-o dizendo rudemente que, enquanto compartilhava a visão que tinha de Mussolini, não sentia a mesma admiração por Hitler. Mais tarde, ao apenas recontar essa conversa, Pacelli ficou tão enfurecido que as veias saltaram em seu pescoço. DDI, série 8, vol. 4, n. 316, Pignatti a Ciano, 19 giugno 1936.

4. DDF, série 2, vol. 3, n. 114, Charles-Roux à Delbos, ministre des affaires étrangères, 9 août 1936.
5. Em meados de agosto, em Madri, as igrejas que não tinham sido queimadas ou saqueadas estavam ocupadas por "milícias vermelhas". Canosa, 2009, pp. 63-69.
6. Entre outras ações, o governo adotou novas medidas de controle público sobre as posses da Igreja, expulsou os jesuítas do país e deu fim ao envolvimento das ordens religiosas na educação pública.
7. Kent, 1981, pp. 140-41. *L'Osservatore Romano* publicou muitos artigos lamentando os vários elementos da campanha anticlerical na Espanha.
8. Em reconhecimento do "excesso" ocorrido, o embaixador argumentou que em vários casos as armas dos rebeldes estavam sendo armazenadas em igrejas e mosteiros, e que a rebelião militar não deixou alternativa ao governo a não ser armar a população civil para que ela pudesse se defender, criando muitas das condições que o cardeal lamentava. ASV, AESS, pos. 340b, fasc. 363, f. 102, appunti di Pacelli, 12 agosto 1936. Ver também Brendon, 2000, pp. 374-75. Poucos dias depois, Pacelli recebeu um relatório do núncio em Madri. Nenhuma igreja tinha condições de funcionar, e as forças republicanas tinham ocupado a sede do arcebispo, o seminário e as imprensas de todos os jornais católicos. O arcebispo voara para um destino desconhecido, e os padres se refugiaram na casa de amigos e parentes, movendo-se constantemente "para evitar cair das mãos dos vermelhos". Muitos padres, considerados inimigos do povo, foram assassinados de forma brutal. O famoso monumento do Sagrado Coração de Jesus foi profanado e destruído. As poucas casas particulares onde missas eram celebradas em sigilo o faziam correndo um grande risco. ASV, AESE, pos. 889, fasc. 263, ff. 30r-32r, Silvio Sericano, Madri, 20 de agosto de 1936.

9. ASV, AESE, pos. 889, fasc. 264, ff. 74r-6r, Borgongini a Pacelli, 28 novembre 1936.
10. De Felice, 1981, pp. 358-89.
11. De Felice, 1981, pp. 390-91.
12. Em outubro, o papa, parecendo cansado e derrotado, disse a Charles-Roux que achava que Mussolini estava brincando com fogo ao ameaçar atar o destino da Itália ao da Alemanha em seu jogo de diplomacia arriscada com a França e Grã-Bretanha. MAESS, 38, 28-34, Charles-Roux à Delbos, ministre des Affaires Étrangères, 22 octobre 1936.
13. Micheler, 2005, pp. 113-14. Pacelli, enfurecido, disse ao embaixador italiano que, se os jesuítas fossem levados a julgamento, as repercussões seriam enormes e "a Alemanha inteira estremeceria". DDI, série 8, vol. 4, n. 613, Pignatti a Ciano, 24 luglio 1936. O papa queria que Mussolini intercedesse em prol dos jesuítas. No dia seguinte à sua reunião, o cardeal Pacelli chamou Pignatti para repassar instruções que acabara de receber do papa: Mussolini não deveria saber que ele estava agindo a pedido do papa. DDI, série 8, vol. 4, n. 636, Pignatti a Ciano, 27 luglio 1936. No mês seguinte, quando o embaixador italiano em Berlim, seguindo instruções de Roma, fez um apelo em nome das freiras austríacas e dos jesuítas, Pacelli agradeceu. DDI, série 8, vol. 5, n. 150, L'Incaricato d'affari presso la Santa Sede, Cassinis, a Ciano, 2 ottobre 1936.
14. "Os alemães", escreveu Grandi (1985, pp. 410-11), fizeram de Ciano "seu testa de ferro flexível". Ver Innocenti, 1992, pp. 14-16; Moseley, 1999, pp. 4-9; Morgan, 1941, p. 265; De Felice, 1974, p. 804; Brendon, 2000, p. 559. No entanto, o comentário de Grandi deve ser lido com cautela, já que ele achava que estava perdendo seu poder de influência sobre o Duce para Ciano. Sobre esse conflito, ver também o prefácio de Renzo De Felice para o diário de Ciano (2002, p. xiv).
15. Rauscher, 2004, p. 220.

16. Mais tarde, o repórter americano Thomas Morgan (1941, p. 265) escreveu sobre Ciano: "Na época em que ele estava engordando — o que era um perigoso augúrio, pois seu pai e sua mãe era um tanto monstruosos —, ele adotou a dieta da fruta, peixe e ave do Duce."
17. Milza, 2000, p. 737. Mas era difícil levar Ciano a sério, observou Phillips (1952, p. 188), pois "era impossível prender sua atenção por mais de uns minutos"; seus olhos vagavam constantemente buscando mulheres bonitas. Elisabetta Cerruti, esposa do embaixador italiano na Alemanha, retratou-o bem: "Embora não fosse atraente, sendo gordo demais para a idade e de alguma forma doentio, ele possuía certa beleza sem sofisticação e achava-se muito irresistível para as mulheres (...) As mulheres mais bonitas o perseguem sem pudor, competindo umas com as outras por um dos sorrisos dele. Era doloroso de ver." Citado em Moseley, 1999, p. 30.
18. Phillips, 1952, pp. 189-91.
19. Citado em De Felice, 1981, p. 273.
20. Bottai, 2001, pp. 109-10.
21. Baratter, 2008.
22. A descrição dramática de Giuseppe Bastianini sobre o rito é citado em De Felice, 1981, p. 283.
23. Navarra, 2004, pp. 64-65, 97.
24. Na Itália, a fé no Duce rivalizava com a fé em Jesus Cristo. A federação fascista de Ascoli Piceno, por exemplo, na edição de 22 de agosto de 1936 de seu periódico, *Eja*, recomendou: "Sempre tenha fé. A fé que você tem dedique a Mussolini, porque é algo sagrado (...) Tudo o que o Duce afirma é verdade. Ninguém contesta a palavra do Duce (...) Após recitar o "Credo" em Deus toda manhã, recite o "Credo" em Mussolini." Citado em Gentile, 1993, p. 127.
25. Bottai, 2001, p. 115; De Felice, 1981, p. 267.
26. Em 1938, sozinha, ela escreveu 1.810 páginas, rabiscadas em folhas soltas. Seus relatos dos telefonemas com Mussolini são tão cheios de

detalhes que, quando o inspetor-geral do Arquivo Italiano do Estado os examinou mais tarde, suspeitou que ela havia instalado um gravador em seu telefone. Petacci, 2010, p. 5; Festorazzi, 2012, p. 308.

27. Milza, 2000, p. 528; Monelli, 1953, pp. 153-56; Petacci, 2011, p. 423.

28. Aqui, compartilho diversas perspectivas articuladas primeiro por De Felice (1981, p. 277).

29. Estava levando um tempo para que Roma se acostumasse com a importância da Igreja americana, pois a Santa Sé por muito tempo considerava os Estados Unidos com um quê de atrasado. Havia apenas algumas décadas que as relações entre o Vaticano e a Igreja nos Estados Unidos eram conduzidas não pelo secretário de Estado, como em todos os países europeus, mas pela Congregação para a Propagação da Fé, que lidava com essas áreas — na maior parte Ásia e África —, consideradas remotas, o lar das missões em vez de igrejas instituídas. Pelos anos 1930, os Estados Unidos tinham solidificado seu lugar não só como o centro principal e próspero para romanos católicos e a Igreja como a única e maior fonte financeira de apoio à Santa Sé. Pollard, 2012.

30. Arnaldo Cortesi, "Papal Secretary of State Coming Here; Rome Speculates on Subject of Mission", NYT, 1º de outubro de 1936, p. 1; Cortesi, "Pacelli Reported Seeking Aid of U.S. in Anti-Red Drive", NYT, 2 de outubro de 1936, p. 1. A embaixada italiana em Washington relatou essas causas conjecturadas para a viagem a Ciano, mencionando que o próprio representante apostólico do Vaticano estava surpreso, perplexo e um tanto alarmado pela visita. DDI, série 8, vol. 5, n. 151, L'Incaricato d'affari a Washington, Rossi Longhi, al ministro degli esteri, Ciano, 3 ottobre 1936; e ibid., n. 160, Rossi Longhi a Ciano, 6 ottobre 1936. Para a especulação de Pignatti sobre as ambições papais de Pacelli, ver DDI, série 8, vol. 5, n. 170, Pignatti a Ciano, 7 ottobre 1936. Em novembro de 1934, Pacelli tinha sido o representante do papa no Congresso Eucarístico Internacional em

Buenos Aires, onde atraíra multidões enormes. A caminho de casa, parou no Brasil, onde discursou, em português, para Assembleia Nacional e Suprema Corte. Blet, 1996, p. 202.

31. Entre os diplomas honorários estão o de Georgetown ("Pacelli Urges World Peace, Blesses Many", WP, 23 de outubro de 1936, p. 1), Univerdade Fordham e Notre Dame ("Papal Aide Gets Notre Dame Honor", NYT, 26 de outubro de 1936, p. 18).

32. O partido político de Coughlin, o National Union of Social Justice [União Nacional da Justiça Social], estava concorrendo com um candidato contra Roosevelt — ou "Franklin Traidor Roosevelt, como o padre o chamava. Fogarty, 2012, p. 110.

33. Em setembro, Coughlin exigiu o uso de "balas" contra o presidente — algo pelo que, mais tarde, sob pressão, ele se desculpou — e acrescentou que Roosevelt era um "ditador" pró-comunista. D'Alessio (2012, pp. 133-34) faz citações de duas cartas de Cicognani a Pacelli, escritas em 9 e 10 de outubro.

34. Joseph Kennedy — um magnata dos negócios católico e pai de um futuro presidente — ajudou a organizar o encontro e participou dele. As preocupações de Pacelli com a ameaça comunista eram provavelmente intensificadas por seu foco na guerra civil na Espanha. O relato de Roosevelt a Florence Kerr em um jantar no Hyde Park, em 1943, é citado em Gallagher, 2008, pp. 87-88.

35. Observações sobre a viagem de Pacelli aos Estados Unidos são oferecidas por Gannon, 1962, pp. 106-16; Fogarty, 2012, p. 115; e D'Alessio, 2012, pp. 131-35. Irmã Pascalina acompanhou Pacelli aos Estados Unidos, assim como fora com ele para Buenos Aires dois anos antes. No entanto, em nome do decoro, ela viajara em um navio diferente e ficou em segundo plano. Schad, 2008, pp. 81-87.

36. ASMAE, APSS, b. 36, Ciano al ministero dell'interno, telespresso n. 69.1938, 7 dicembre 1936; Falconi, 1967, p. 226; Confalonieri, 1957, pp. 334-38.

37. Baudrillart, 1996, p. 364 (6 décembre 1936). O antigo amigo do papa Agostino Gemelli fazia visitas frequentes, uma vez realizando pessoalmente um eletrocardiograma. Venini, 2004, p. 201. Segundo Lazzarini (1937, pp. 142-43), em uma visita padre Gemelli ouviu o papa reclamar sobre a comida. O "terror magnifico", como Gemelli era conhecido, perguntou, em seu dialeto milanês, se ele poderia preparar-lhe uma refeição. Os olhos do papa brilharam. Gemelli, que diziam ser um excelente cozinheiro assim como excelente médico, encontrou uma cozinha por perto e logo reapareceu com um prato de *risoto à la Milanese*, feito com açafrão e cozido al dente. "O melhor", disse o papa ao devorar com alegria o risoto, "ainda é o que é feito em casa."

38. A nota à margem de Tardini nas anotações de Pacelli sobre seu encontro com o papa fala sobre essas visitas ao leito. ASV, AESS, b. 560, fasc. 592, f. 16r, 9 dicembre 1937.

39. Venini (2004, pp. 182-87) e Baudrillart (1996, pp. 364, 371, 378-79) discutem esses eventos em seus diários.

40. CC, 1937, I, pp. 182-83; OR, 4-5 gennaio 1937. O enviado britânico narrou todos os boletins de saúde prévios anunciados pelo Vaticano: D. G. Osborne, *Annual Report 1936*, 1º de janeiro de 1937, R 57/57/22, em Hachey, 1972, p. 365, seção 101.

41. Confalonieri, 1957, pp. 349-50.

CAPÍTULO 19: ATAQUE A HITLER

1.ACS, MCPG, b. 172, ff. 57-59, 28 gennaio 1937.

2. Nas palavras de Pignatti, "os cardeais alemães, boa parte dos norte-americanos e ingleses e quase todos os franceses não votarão em um cardeal que mostrou empatia pelo regime fascista. DDI, série 8, vol. 6, n. 456. Num relatório a Paris em meados de março, Charles-Roux, o embaixador francês, relembrou que desde o "breve, mas violento"

conflito sobre a Ação Católica em 1931, as relações entre a Santa Sé e o Estado fascista estavam mais brandas, pois os funcionários do Vaticano eram "com raríssimas exceções, totalmente italianos", e o clero italiano era quase unânime em seu entusiasmo por Mussolini. MAEI, vol. 267, 78-79, Charles-Roux à Ministre des Affaires Étrangères, 19 mars 1937. Charles-Roux dedicou o tamanho de seu extenso relatório à ânsia de que tanto o Sacro Colégio quanto a equipe principal administrativa e diplomática da Santa Sé se internacionalizassem e que o Vaticano se afastasse da dominação deslumbrada dos italianos. Sobre a imprensa católica, ver Conway, 1968, p. 171.

3. Como de costume, na missa de Páscoa em São Pedro, o corpo diplomático do Vaticano estava todo lá, com a notável exceção do embaixador alemão na Santa Sé, que boicotou a cerimônia. Baudrillart, 1996, pp. 456, 464-65 (22 mars 1937; 28 mars 1937); "Pope in Tears at St. Peter's", BG, 29 de março de 1937, p. 1.

4. Confalonieri, 1957, pp. 367-68; Venini, 2004, pp. 203, 208-9; Chiron, 2006, p. 414.

5. De Asvero Gravelli, citado em Bosworth, 2002, p. 339.

6. MAEI, vol. 70, 64-70, Charles-Roux à Delbos, ministre des Affaires Étrangères, 17 mars 1937.

7. Na América, ele escreveu: "Há uma forte antipatia difundida pelo regime nazista, do qual os judeus — que possuem posições importantes na mídia, na política, nas finanças — estão naturalmente tirando vantagem." DDI, série 8, vol. 6, n. 126, Suvich a Ciano, 4 febbraio 1937.

8. Luconi, 2004, p. 159. O caso do cardeal Schuster, chefe da arquidiocese mais importante da Itália, Milão, foi emblemático pela força e pelo amparo de alto nível que a Igreja deu ao regime fascista. Ao fazer tudo a seu alcance para angariar apoio à guerra na Etiópia, Schuster continuou, no ano seguinte, a cultivar relações íntimas com os fascistas milaneses, e muitos habitantes locais achavam que o líder

fascista da cidade se consultava com o cardeal antes de tomar qualquer decisão importante. ACS, MI, FP "Schuster", Milano 7 gennaio 1937. Em fevereiro, em um discurso ao qual estavam presentes os maiores fascistas e líderes militares de Milão, Schuster louvou Mussolini mais uma vez como o homem enviado por Deus, comparando-o a Constantino, o primeiro imperador romano a adotar o cristianismo. ACS, MI, FP "Schuster", Milano, 27 febbraio 1937.

9. A entrevista com Mussolini apareceu na primeira página do *Völkischer Beobachter*, 17 de janeiro de 1937. William Dodd, embaixador americano na Alemanha, enviou uma tradução para o inglês dos trechos para o secretário de Estado, NARA, LM192, rolo 6, 23 de janeiro de 1937, n. 3265.

10. ASV, AESI, pos. 855, fasc. 551, ff. 38r-39v, Tacchi Venturi a Pio XI, 2 marzo 1937.

11. Godman, 2004, pp. 133-54. *Mit brennender Sorge* foi precedido, uma semana antes, por uma encíclica denunciando o comunismo, *Divini redemptoris*.

12. Com o interesse de tentar manter-se em paz com Hitler, escreve o historiador Peter Godman, "o papa foi contra falar sobre o racismo, direitos humanos e questões aliadas nas formas diretas e detalhadas preparadas pelo Supremo Tribunal [da Inquisição]. Enfatizando seu desejo de 'reestabelecer a verdadeira paz na Alemanha', Pio XI sacrificou, em nome da concordata, o ataque imediato aos nazistas que, em 1937, Roma deveria ter lançado". Godman, 2004, pp. 146-47. As traduções oficiais para o inglês e o alemão da encíclica estão disponíveis em www.vatican.va. A versão italiana é encontrada em CC, 1937, II, pp. 216-30.

13. Godman, 2004, p. 149; Fattorini, 2007, p. 132.

14. Em sua carta a Pacelli, na qual relatava a decisão dos bispos de Berlim e Breslau de queimar os documentos, Orsenigo escreveu que quando outros bispos lhe perguntaram se eles deveriam fazer o

mesmo, ele respondeu que eles deveriam fazer o próprio julgamento. Na margem da carta de Orsenigo, Pacelli rabiscou uma observação: "O Santo Padre julga esta uma resposta fraca (...) Ele instrui que, em vez disso, você responda que eles devem queimar *sem questionamentos* tudo que puder causar problemas." Citado em Fattorini, 2011, pp. 123, 236n; ênfase por Pacelli no original.

15. Pignatti transmitiu a mensagem; seu memorando não cita diretamente Pacelli como a fonte, mas sugere: "A Santa Sé não quer que nenhum comentário na imprensa italiana enfatize que essa carta reflete a oposição do Vaticano ao nazismo." ASMAE, APSS, b. 35, Ministero degli Affari Esteri, "Appunto".

16. Pignatti disse que Pacelli, com quem ele encontrava com frequência, "não queria uma quebra nas relações e que andava animada ultimamente, depois de ver que o outro lado também hesitava em levar o embate para o próximo nível". ASMAE, AISS, b. 67, fasc. 9, Pignatti a Ciano, "Le tre Encicliche Pasquali," 1 aprile 1937. O encarregado de negócios italiano analisou a reação alemã à encíclica em um memorando enviado no dia seguinte a Ciano. Em 17 de abril, Ciano relatou ao embaixador italiano em Berlim os comentários de Pacelli sobre não querer que Hitler encarasse a encíclica como um ataque ao nazismo; ele anexou uma cópia do relato de Pignatti detalhando sua conversa com Pacelli. Ciano observou que os bispos alemães pressionaram o papa a preparar a encíclica, e o pontífice foi em frente "sem se preocupar com as consequências". Mussolini e seu genro estavam mais preocupados com as consequências que o repúdio do papa aos nazistas teria em seus próprios planos de aproximar a Itália mais ainda do Terceiro Reich. Mas continuaram convencidos de que o papa aprovava Mussolini e poderiam contar com ele para resistir àqueles na Igreja fora da Itália que queriam que denunciasse o fascismo junto com o nazismo. Como Pignatti disse: "Sei de uma fonte fidedigna que alguns conselheiros do

pontífice teriam achado bom que o documento papal atacasse todos os regimes totalitários. Pio XI rejeitou as sugestões."

"O cardeal secretário de Estado", relatou Pignatti na carta que Ciano enviara a Berlim, "não pediu explicitamente por uma intervenção em Berlim da parte de Sua Excelência, mas ele não escondeu de mim o grande desejo de que a Santa Sé seja auxiliada, nesse momento, a evitar uma ruptura e a facilitar uma acomodação." Ciano então foi ao ponto, dizendo a seu embaixador em Berlim: "Rezo para que Sua Excelência queira considerar a oportunidade de tomar uma atitude com esse governo no que diz respeito aos e dentro dos limites sugeridos pelo cardeal secretário de Estado." ASMAE, APG, b. 38, Ciano a Regia Ambasciata, Berlino, telegramma in partenza n. 740, 7 aprile 1937. Ao relatar o papel do Duce de incitar Hitler a não arriscar uma ruptura com o Vaticano por conta da encíclica, o *Boston Globe* estranhamente noticiou que Tacchi Venturi "levou o apelo do primeiro-ministro italiano para apreciação de Hitler". "Duce Aids Nazi in Vatican Row", BG, 16 de abril 1937, p. 11. Chenaux (2005) oferece vasta evidência para mostrar que o cardeal Pacelli nesse período "nunca parou de martelar a mesma mensagem", isto é, que *Mit brennender Sorge* não implica uma condenação do Estado nazista ou do Partido Nazista como tal, e que "a busca por um *modus vivendi* com o regime permanece sendo a primeira meta das políticas da Santa Sé no que diz respeito à Alemanha" (p. 264). Em 30 de abril, Pacelli enviou uma longa carta a Bergen rejeitando a interpretação hostil que o governo alemão fizera da encíclica. DGFP, série D, vol. 1b, n. 649.

17. DGFP, série D, vol. 1b, n. 650, "Memorandum by the Foreign Minister, Baron von Neurath", Roma, 4 de maio de 1937.

18. "Conversation between the Duce and Herr Frank, Palazzo Venezia", 23 de setembro de 1936, citado em Muggeridge, 1948, pp. 47-48.

19. "Mundelein Rips into Hitler for Church Attacks", CDT, 19 de maio de 1937, p. 7.
20. Mundelein nasceu e foi criado em Nova York; o pai vinha de uma família de origem alemã, a mãe, irlandesa-americana. Foi nomeado arcebispo de Chicago em 1914 quando tinha apenas 42 anos. Viajou para Roma em 1924 para receber seu chapéu cardinalício e em outra ocasião. Mundelein era bem conhecido do papa, que estava satisfeito com o suporte financeiro que continuava a vir com ele de Chicago. Mundelein também possuía uma relação próxima com Franklin Roosevelt, a quem tinha apoiada publicamente na época em que ele se tornara presidente, em 1933. Em 1934, a caminho de Roma, Mundelein visitou o presidente no Hyde Park. Ele continuou a visitar Roosevelt com regularidade durante os anos seguintes. O presidente via em Mundelein — o único cardeal americano fora do nordeste — alguém importante para seu empenho em angariar apoio católico. Kantowicz, 1983, pp. 220-36.
21. Essa é a versão das anotações de Mundelein comunicada pelo ministro das Relações Exteriores alemão para a embaixada alemã da Santa Sé. DGFP, série D, vol. 1c, n. 652, 21 maggio 1937. Pacelli pediu uma explicação sobre seu discurso. Mundelein respondeu escrevendo para o representante do Vaticano em Washington: "Dessa vez, sendo provocado pelas repetições diárias da imprensa dos assim chamados julgamentos da moralidade na Alemanha (...) Eu só me apressei a escrever o que se passava na minha cabeça e dei aos padres exatamente como escrevi." Citado em Trisco, 2012, p. 159. Os julgamentos começaram em 1935, mas foram suspensos pelos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936; Hitler ordenou que fossem retomados em 7 de abril de 1937, e pela época em que Mundelein fez seu discurso, ganhando muita publicidade na Alemanha. Centenas de padres católicos e membros de ordens religiosas foram a julgamento, acusados de ter "relações sexuais anormais" ou atraindo crianças para atos sexuais. As manchetes das primeiras páginas dos jornais alertavam

para a "degeneração moral" no clero católico e para "corruptores da juventude vestidos com batinas". Os padres e monges eram difamados por explorarem sua relação sacerdotal com as crianças com o intuito de participar de uma "fornicação anormal". Tendo em vista o empenho do governo alemão para acabar com o controle da Igreja Católica sobre a educação e as atividades para os jovens nas áreas católicas, a campanha era uma propaganda próspera para os nazistas. Ministro das Relações Exteriores alemão para a embaixada alemã da Santa Sé, DGFP, série D, vol. 1b, n. 642, 7 aprile 1937; Trisco, 2012, p. 153; Micheler, 2005, pp. 113-14. Os historiadores apresentaram quase de forma invariável esses julgamentos como evidência da perseguição do regime nazista à Igreja Católica e da homofobia nazista. Micheler, 2005, p. 113. Ambas sem dúvida eram verdade, mas a extensão de que o suposto comportamento tem alguma base de fato não foi examinado de forma sistemática.

22. DGFP, série D, vol. 1c, n. 655, Bergen para o ministro das Relações Exteriores alemão, Vaticano, 25 de maio de 1937; ibid., n. 657, Bergen para o ministro das Relações Exteriores alemão, Vaticano, 26 de maio de 1937; ibid., n. 658, Neurath para a embaixada alemã na Santa Sé, 27 de maio de 1937.

Duas semanas depois do discurso do cardeal Mundelein, o cônsul-geral italiano de Chicago o visitou. Em conversa amigável, o arcebispo expressou "sua admiração pelo Duce e pelo fascismo, afirmando que a Itália hoje é um país com o qual a Igreja pode contar de verdade". Em resposta à pergunta do cônsul, Mundelein admitiu que alguns padres católicos americanos tinham sucumbido à propaganda antifascista, mas garantiu-lhe que não eram muitos. ASMAE, APSS, b. 35, "Visita del R. Console Generale in Chicago al Cardinale Mundelein", telespresso 215.383, 8 maggio 1937.

23. Pacelli dividiu esses pensamentos com o cardeal francês Bauldrillart. Bauldrillart, 1996, p. 476 (7 avril 1937).

24. "Pope's Voice Fails As Health Wanes", NYT, 19 de maio de 1937, p. 9; "Pope Has Setback On 80th Birthday", NYT, 1º de junho de 1937, p. 25. Um informante, referindo-se ao persistente estado de saúde ruim do papa, retratou-o como "mais irritável e intratável do que nunca". ACS, MCPG, b. 172, fasc. 23, informatore, 15 maggio 1937.

25. Baudrillart, 1996 p. 536 (21 juin 1937).

26. As observações de Mussolini são feitas a Tacchi Venturi. ARSI, TV, b. 25, fasc. 1950, Tacchi Venturi a Pizzardo, 31 maggio 1937.

27. Fattorini, 2007, p. 95. Em dezembro anterior, Pacelli enviara o apoio do Vaticano a Franco, manifestando sua esperança para a vitória "rápida e total" do Generalissimo. Ibid., p. 96.

28. Nello, o irmão de Carlo Rosselli, também foi morto no ataque, por ter tido a infelicidade de visitar seu irmão na mesma hora em que os assassinos atacaram. Mussolini muito provavelmente sabia do plano de assassinado e o aprovava, embora nenhuma prova ainda tenha sido encontrada. Ao discutir o caso, ainda que admita que o Duce provavelmente tenha dado sua aprovação, De Felice (1981, pp. 420-21) aventa a possibilidade de que ele tenha ficado sabendo do plano só depois do ocorrido. Parece improvável. Sobre os três assassinos, ver Mack Smith, 1983, p. 8.

29. "Em Roma, as pessoas estão convencidas de que o papel um tanto predominante [de Pizzardo] terá um fim com a morte do papa. Ele é um trabalhador prodigioso, mas não está à altura, dizem, de seu papel nem pela inteligência, nem pela perspectiva." Com o papa enfermo no Castelo Gandolfo, Pizzardo "permanece o verdadeiro *padrone*" no Vaticano, relatou um informante da polícia. ACS, MCPG, b. 172.

30. Ele particularmente queria reforçar a última frase. Pizzardo queria reforçar as palavras *digno de nota* para descrever a ausência de atrito durante vários anos antes entre o Vaticano e o regime fascista: não houve caso algum de fricção, digno de nota ou não. A segunda

mudança que ele queria era substituir "tem ocorrido com frequência uma cooperação proveitosa entre ambos [o Vaticano e Mussolini]" por "tem sido comum para as duas autoridades procederem sob as bases de uma cooperação proveitosa".

31. A revista era *The Tablet*, e seu autor, padre Hilary Carpenter, era o prior dominicano do Mosteiro Blackfriars em Oxford. ASV, AESS, pos. 555, fasc. 588, 3r, ff. 5r, 23r-43r. Esse arquivo inclui uma carta de Carpenter reverenciando a solicitação eclesiástica superior e dizendo que mandaria uma retratação por suas visões antifascistas. A edição de 7 de agosto de *The Tablet* trouxe uma retratação do abade: "Fui informado autoritariamente de que estive enganado ao colocar fascismo e nazismo na mesma situação em relação à Igreja, como se ambos merecessem a mesma condenação (...) desde a Concordata de 1931 [*sic*] não apenas não houve casos de atrito entre a autoridade eclesiástica e o governo italiano, como também as autoridades procederam na maior parte do tempo seguindo juntas em uma cooperação proveitosa (...) Peço permissão para declarar minha aceitação total da informação acima." Citado em Chadwick, 1986, 12-13.

32. A fogosa e não muito estável Fontanges seguiu Charles de Chambrun, o embaixador francês na Itália, até o Gare du Nord, em Paris. Lá, puxou um revóvel e atirou nele duas vezes. Por sorte, sua perícia como assassina era inferior a seus outros talentos, e ela o feriu apenas de leve. Tronel, 2007; De Felice, 1974, p. 303n1.

33. Magda Fontanges, "My Love Affair with Mussolini", *Liberty*, 17 de agosto de 1940, parte 2, p. 40. Refere-se a abril de 1936.

34. Citado em De Felice, 1981, p. 276n41. Em 1927, escrevendo à irmã, Mussolini lhe contou que estava em uma dieta praticamente só de líquidos, devido a seus problemas estomacais, mas acrescentou: "Como nunca tive uma queda pelo pecado da gula, a abstinência me é indiferente." E. Mussolini, 1957, p. 121. O quanto de sua carne

Mussolini deu ao diabo é questão de debate entre seus biógrafos mais recentes, ou pelo menos entre aqueles que especulam sobre um assunto que os menos lascivos talvez ignorem. Em outro extremo, Nicholas Farrell, em sua biografia em 2000, *Mussolini: A new life* (citado por Baima Bollone, 2007, pp. 118-19), estimava que o Duce tivera relações sexuais com cinco mil mulheres, o que parece de fato muita coisa até para um garanhão ou alguém que só fizesse isso da vida. Outras estimativas parecem suspeitamente precisas, uma por Duilio Susmel (como informado por Cannistraro e Sullivan, 1993, p. 602n) somando 169 amantes.

35. O pároco local, ao ouvir sobre a chegada do ilustre visitante, correu para o cenário à beira-mar. O primeiro pensamento de Mussolini foi de que o clérigo desaprovaria o que tinha encontrado e apressou-se a assegurá-lo de que a dança era inofensiva. Mas o padre tinha outra coisa em mente: convidou o Duce para visitar sua igreja, onde ele mostraria a pobre estado em que se encontrava o órgão. O padre ficou radiante quando o generoso ditador lhe passou um maço de dinheiro para pagar pelos reparos muito necessários. Bottai, 2001, pp. 119-20 (4 settembre 1937).

CAPÍTULO 20: VIVA IL DUCE!

1. "Ninguém chega a Roma sem ou contra Berlim, ou a Berlim contra Roma!", proclamou o Duce (Rauscher, 2004, p. 224). O próprio Mussolini citou esses comentários durante sua viagem à Alemanha. DGFP, série C, vol. 6b, n. 568, Hassell a Weizsäcker, 7 de outubro de 1937.

2. Os comentários de Hitler para Ciano foram feitos em 24 de outubro. Kershaw, 2000, p. 25.

3. Milza, 2000, p. 754.

4. Caviglia, 2009, pp. 204-5.

5. Rauscher, 2004, p. 226.
6. Em 17 de setembro, Pignatti encontrou-se com o cardeal Pacelli, que pediu-lhe que instigasse Mussolini a tentar persuadir Hitler a melhorar as relações do governo alemão com a Igreja Católica. ASMAE, APG, b. 47, Pignatti a Ciano, "S. Sede e Reich", 17 settembre 1937. Uma parte do que caiu no conhecimento geral pode ser visto na manchete da matéria da segunda página no CDT em 23 de setembro, "Duce to Be Pope's Envoy to Hitler on Church Strife" [O Duce é o enviado do papa a Hitler sobre o embate com a Igreja].
7. "Se a Santa Sé tinha esperança em algum resultado da viagem de Mussolini a Alemanha que lhe seria também favorável, o Vaticano poderia enterrá-la, pois Mussolini evitou abordar o assunto de nossas relações com o Vaticano de toda forma." DGFP, série D, vol. 1d, n. 682.
8. Baudrillart. 1996, pp. 624-5 (1 octobre 1937).
9. ASMAE, APSS, b. 34, Pignatti a regio ministero degli affari esteri, telespresso, 4 ottobre 1937. Pignatti cita o artigo de M. Barbera em CC, quaderno 2.095. A própria relação do papa com o Duce continuou boa. Um dos sinais de sua cooperação foi o início de um enorme projeto de construção fora da praça de São Pedro. Anunciado por Mussolini no ano anterior como uma forma de comemoração pelo Tratado de Latrão, a obra demoliria os edifícios densamente povoados, becos e igrejas que tinham sido apinhadas entre duas ruas estreitas que iam do Tibre até a praça de São Pedro. Seriam substituídos por um amplo bulevar, chamado via della Conciliazione. A obra da construção começou só depois que o papa deu sua aprovação, e o pontífice foi fazer a inspeção do trabalho logo depois que Mussolini voltou da Alemanha. Insolera, 1976, pp. 130-31; Painter, 2005, pp. 68-70.
10. Pizzardo entregou a mensagem do papa ao encarregado de negócios italiano, que, ao repassá-la para Ciano, acrescentou outra preocupação: "A Itália corre o risco de ver o papa eleito ter

sentimentos muito diferentes daqueles que tinha o papa Ratti." DDI, série 8, vol. 7, n. 424, Venturini a Ciano, 12 ottobre 1937. Ciano enviou o texto desse memorando para o embaixador italiano na Alemanha. ASMAE, APG, "S. Sede, Reich e Fascismo", 14 ottobre 1937.

11. No final de dezembro, Pignatti, enquanto aguardava com Charles-Roux do lado de fora da biblioteca do pontífice para sua audiência de Ano-Novo anual com o papa, contou-lhe que o papa ainda estava "furioso" com o Mussolini por sua visita a Berlim. DDF, série 2, vol. 7, n. 393, Charles-Roux à Delbos, 29 décembre 1937.

12. Tisserant fez os comentários para o embaixador francês. DDF, série 2, vol. 7, n. 393, Charles-Roux à Delbos, ministre des Affaires Étrangères, 29 décembre 1937.

13. Isso foi noticiado na imprensa italiana também. Os arquivos do núncio italiano possuem um artigo recortado de um jornal, "Un discorso di Pio XI al Sacro Collegio", da edição de 25 de dezembro de 1937 do *Il Popolo di Roma*, ASV, ANI, b. 24, fasc. 14, f. 20r. Poucos dias depois, num encontro com o embaixador italiano, o papa, que parecia ter perdido mais peso, mas estava mais perspicaz do que nunca, encontrou um tempo nos cinco minutos de troca de felicitações de Natal para lhe dizer que "não se poderia esperar nada de bom da Alemanha". ASMAE, AISS, b. 115, Pignatti a Ciano, 28 dicembre 1937.

14. DDF, série 2, vol. 7, n. 374, Charles-Roux à Delbos, 20 décembre 1937; Baudrillart, 1996, p. 703 (28 décembre 1937).

15. Baudrillart, 1996, p. 731 (17 janvier 1938). O embaixador espanhol compartilhou a opinião de Ernst von Weizsäcker, chefe do gabinete de Relações Exteriores alemão: "Pacelli não apresenta uma verdadeira contrapartida a Pio XI, porque ele é totalmente desprovido de determinação e caráter." Rhodes, 1974, pp. 222-23.

16. De Felice, 1974, p. 299; De Felice, 1981, p. 280; Deakin, 2000; Innocenti, 1992, p. 169.

17. "Estamos às vésperas da guerra contra França e Inglaterra", disse-lhe Bufarini. "O regime precisa garantir que a nação esteja unida. Portanto não pode ficar parado enquanto jovens católicos dizem que a aliança com os alemães é anormal". ASV, ANI, pos. 24, fasc.14, ff. 6r-11r. Borgongini a Pacelli, 31 dicembre 1937.

18. Ciano acrescentou que Mussolini também estava chateado com os sinais de aproximação nas relações entre o Vaticano e o governo francês, que estava sob o controle de uma fronte popular de socialistas e comunistas desde 1936; a Alemanha nazista e a Itália fascista o encaravam como um inimigo implacável; Ciano disse ao núncio que na Espanha aviões e homens alemães lutavam ao lado dos italianos "pela causa da religião católica contra a da Espanha vermelha", a qual, disse ele, estava recebendo armamento do governo francês. Borgongini retorquiu lembrando a Ciano que a Conciliação de 1929 do governo italiano com a Igreja tinha beneficiado o governo "bastante, em especial na guerra na Etiópia, e acima de tudo ao contribuir com o prestígio italiano no exterior". Ciano não o contestou e concordou em falar com o Duce no dia seguinte e ver o que podia ser feito. Borgongini ofereceu-se para se encontrar com o Duce se fosse útil, mas Ciano rejeitou a ideia. Mussolini achou mais proveitoso lidar com Tacchi Venturi, algo que Ciano e Borgongini sabiam, mas nada disseram. ASV, ANI, pos. 24, fasc. 14, ff. 53r-58r., Borgongini a Pacelli, 4 gennaio 1938.

19. Uma carta subsequente, enviada uma semana depois, avisava aos padres que, caso não comparecessem, sua ausência seria "mal interpretada". Os dois convites por escrito, na parte de artigos de papelaria da "Competição Nacional de Grão e Granjas entre Padres", encontram-se nos arquivos do Vaticano em ASV, AESI, pos. 1.044, fasc. 722, ff. 60r-61r e 48r-48v.

20. ASV, AESI, pos. 1.044, fasc. 722, f. 45r, Francesco Niccoli, vescovo di Colle, a Mons. Domenico Tardini, Sostituito per gli Affari Ordinari, Segreteria di Stato, 16 dicembre 1937.

21. Antes de tomar uma decisão definitiva, o papa queria checar com o arcebispo de Údine, descrito como o principal orador do evento; o papa queria descobrir como ele tinha concordado em desempenhar um papel com tanto destaque. Pacelli repassou o pedido do papa a Rossi, acrescentando que, nos anos anteriores, bispos tinham participado dessas demonstrações patrióticas sem qualquer problema. A correspondência entre o cardeal Rossi e Pacelli é encontrada em ASV, AESI, pos. 1.044, fasc. 722, ff. 52r, 56r, 57r, 63r-64r. "As notícias são verdadeiras", respondeu o arcebispo Nogara. Mas "antes de concordar em participar e discursar, entrei em contato com o monsenhor Pizzardo (agora cardeal)" — Pizzardo fora nomeado cardeal no mês anterior — "que falou sobre isso com o Santo Padre (...) Ele obteve seu consentimento". Nogara acrescentou, com uma nota de preocupação: "Espero que isso não cause nenhuma complicação." Ibid., p. 70r. Presumivelmente Pizzardo pediu a aprovação do papa, o pontífice deu-a e então, por conta do estado em que sua mente se encontrava em alguns dias, ele esqueceu-se do assunto.

22. Em 30 de dezembro, em resposta a uma nova onda de dúvidas de cardeais nervosos, o papa informou ao cardeal Rossi que os bispos que recebessem o convite de um jornalista "não foram obrigados a aceitá-lo". ASV, AESI, pos. 1.044, fasc. 723, f. 4r.

23. Ibid., ff. 16r-17r, "Appunto", 30 dicembre 1937, com um comentário escrito a lápis: "preparado para o embaixador italiano, mas não entregue a ele". O embaixador italiano estava convencido de que o papa desaprovava o cardeal Rossi, ao saber que ele se opunha à participação dos bispos no rito fascista. No mesmo relatório a Ciano, Pignatti reiterou sua crença de que Pio XI fora o mais "italiano" entre todos no Vaticano. Para os fascistas e os que estavam no governo, ser "italiano" equivalia a dar apoio a Mussolini. O papa não apenas não

tentou impedir que o clero participasse da celebração, como também aqueles que receberam convites de seus prefeitos locais, como ocorreu com alguns, foram instruídos a não recusar. Um bispo — da Sicília — alegou ter recebido um convite apesar de não ter nada a ver com a batalha do grão, acrescentando, com pesar, "porque não tenho nem um metro de terra para plantar". No entanto, escreveu ele, "por conta dos convites recorrentes, acredito que é meu dever aceitar e ir a Roma". Ibid., p. 31r., vescovo di Agrigento, 30 dicembre 1937.

24. De Rossi dell'Arno, 1954, pp. 138-43. "Mussolini teve a oportunidade de pregar a bandeira católica no mastro da bandeira fascista", observou o enviado britânico na Santa Sé. FCRSE, part XIII, p. 11, Osborne a Eden, 12 de janeiro de 1938, R 495/495/2.

Três dias antes da reunião no Palazzio Venezia, o papa recebeu bispos e padres que tinham ido a Roma por causa do evento. O papa ficara numa posição constrangedora. O convite original aos padres e bispos afirmava que providências estavam sendo tomadas para que eles fossem recebidos pelo papa, embora na verdade nenhuma dessas providências tivesse sido tomada na época. O pontífice consultou a Congregação Consistorial, que, por meio de seu secretário, o cardeal Rossi, o aconselhou a não fazer uma recepção papal para o grupo, receando a impressão que poderia passar para o resto do mundo ao apoiar abertamente uma celebração de Mussolini. Mas o papa ignorou o conselho e, em vez disso, resolveu mostrar-se solidário ao clero, algo que ele sabia que agradaria Mussolini. ASMAE, AISS, b. 115, Pignatti al Ministero degli Affari Esteri, 15 gennaio 1938. Ele abençoou os padres, elogiou-os pelo bom trabalho com seus paroquianos rurais e louvando todo o bem que resultara da Conciliação. CC, 1938, I, pp. 277-79.

25. Essa citação, de *Völkischer Beobachter*, é encontrada nos arquivos do Vaticano, ASV, AESI, pos. 1.044, fasc. 723, f. 56r; a mesma citação foi enviada pelo embaixador italiano em Berlim para os ministros italianos

das Relações Exteriores e da Cultura Popular. ASMAE, APG, b. 47, 11 gennaio 1938. A citação de *La Stampa* é reproduzida na p. 53r.

26. O termo é de Innocenti (1992, p. 93). Dino Grandi (1985, p. 360), ex-ministro das Relações Exteriores e uma figura importante do regime fascista, retratou bem Starace: "Desprovido de inteligência e absolutamente inculto, incapaz de distinguir o que era importante do que era supérfluo ou, pior ainda, prejudicial, ele nutria uma adoração fanática por Mussolini e ouvia com arrebatada atenção os monólogos em que o Duce se lançava em suas instruções matinais."

27. De Felice, 1974, pp. 216-17; Innocenti, 1992, pp. 94-95; Petacci, 2011, p. 37.

28. Conway, 1968, pp. 158-59; Johnson, 1999, pp. 212-14.

29. Três telegramas de Pignatti a Ciano, encaminhados ao embaixador italiano em Berlim, narram esse episódio. ASMAE, APG, b. 46, Ciano, "Questione religiosa Germania-Vaticano", telespresso n. 210.989, 26 marzo 1938.

30. DDI, série 8, vol. 8, n. 130, Pignatti a Ciano, 10 febbraio 1938.

CAPÍTULO 21: HITLER EM ROMA

1.DDF, série 2, vol. 8, n. 422, Puaux, ministre de France à Vienne, à Paul-Boncour, ministre des Affaires Étrangères, 14 mars 1938.

2. NYT, 16 de março de 1938, p. 8; "Austria disappears", NYT, 14 de março de 1938, p. 14; *Times*, 15 de março de 1938, p. 14.

3. Charles-Roux 1947, p. 122; Passelecq e Suchecky 1997, pp. 50-51. Chiron, 2006, p. 448.

4. CC, 1938, II, p. 189.

5. A princípio, Mussolini colocou seu ministro para instruir a imprensa italiana a fazer a menor cobertura possível da invasão. "Não façam drama", foi dito aos editores. Mas, no dia seguinte, 12 de março, diante da nova realidade, Mussolini decidiu tirar proveito dela e

tentou preparar a população italiana para a nova situação. E assim as instruções do dia 12 de março eram: "As notícias devem ser objetivas, mas solidárias com relação ao novo estado das coisas." Tranfaglia, 2005, p. 248.

6. Como foi relatado por Mussolini para o rei em seu retorno de sua visita à Alemanha. DDI, série 8, vol. 7, n. 393, 4 ottobre 1937. Em 1937, tanto Pacelli quanto Pizzardo garantiram ao embaixador francês que Mussolini nunca permitiria de bom grado que Hitler tomasse a Áustria, mas o embaixador não estava tão certo disso. DDF, série 2, vol. 5, n. 232, Charles-Roux à Delbos, 8 avril 1937, e ibid., n. 297, Charles-Roux à Delbos, 17 avril 1937.

7. Lamb, 1997, pp. 206-7.

8. Baudrillart relatou sua conversa com o papa a Charles-Roux. DDF, série 2, vol. 9, n. 209, Charles-Roux à Georges Bonnet, ministre des Affaires Étrangères, 20 avril 1938. Ver também Charles-Roux 1947, p. 121.

9. DDI, série 8, vol. 8, n. 437, Pignatti a Ciano, 2 aprile 1938.

10. "Escutai, Ó, céus, as coisas que eu digo", proclamou o papa na primeira transmissão da rádio do Vaticano. "Que a terra dê ouvidos às palavras que saem de minha boca. Escutai essas coisas, todas vós, nações; dai ouvidos, todos os habitantes do mundo." Confalonieri, 1957, pp. 147-49; Agostino, 1991, pp. 66-67.

11. DGFP, série D, vol. 1d, n. 700, Bergen ao ministro das Relações Exteriores alemão, 4 de abril de 1938.

12. O papa relatou ao cardeal Baudrillart que o motivo da pressa de Innitzer para voltar à Viena era seu encontro com Hitler. DDF, série 2, vol. 9, n. 209, Charles-Roux à Georges Bonnet, ministre des Affaires Étrangères, 20 avril 1938.

13. Enquanto aguardavam a chegada do cardeal, o papa disse a Pacelli que, se o arcebispo entregasse sua demissão, ele a aceitaria. Durand, 2010.

14. "Nessa questão também", concluiu Bergen, "o papa permitiu-se ser influenciado por sua irritação mórbida com a Alemanha." DGFP, série D, vol. 1d, n. 702, Bergen ao ministro das Relações Exteriores alemão, April 6, 1938. A declaração foi publicada em *L'Osservatore Romano* em 7 de abril no original alemão; uma tradução para o italiano foi publicada no dia seguinte: "La dichiarazione dell'Episcopato Austriaco", OR, 8 aprile 1938, p. 1.

15. DDF, série 2, vol. 9, n. 125, Rivière, chargé d'affaires de France à Rome Saint-Siège, à Paul-Boncour, 6 avril 1938.

16. Baudrillart, 1996, p. 809 (3 avril 1938). O arcebispo de Viena, logo depois de sua desagradável viagem a Roma, correu para casa a tempo do plebiscito de 10 de abril. Obstinado e sem arrependimentos, ele caminhou até o local da votação, erguendo o braço na saudação nazista ao depositar seu voto a favor da anexação da Áustria ao Reich alemão. Qualquer que fosse o controle que o papa enfermo ainda tivesse sob seus altos prelados em território nazista parecia estar escapando de suas mãos. ASMAE, APSS, b. 39, ministero degli affari esteri a R. Ambasciata S. Sede, "Il plebiscito del 10 aprile", telespresso n. 217.705, 23 maggio 1938. No fim do mês, o novo regime — defendido com tanto entusiasmo pelo cardeal e seus bispos — ordenou que os professores e estudantes judeus austríacos fossem expulsos das escolas, médicos judeus dispensados dos hospitais, advogados judeus retirados da lista dos que tinham permissão para advogar, diretores de jornais judeus demitidos, proprietários de fábricas judeus expulsos e diretores e atores de teatro judeus dispensados. Placas nas quais se lia "Loja judaica" foram colocadas nas janelas frontais das lojas com proprietários judeus. Os fregueses católicos que tivessem a coragem de ignorar o aviso eram forçados a usar uma placa nas costas que proclama: "Eu sou um porco ariano." O cônsul-geral italiano em Viena relatou tudo isso para Ciano em 26 de abril. DDI, série 8, vol. 9, n. 10.

17. Mussolini percebeu que o papa poderia hesitar diante de tal movimento, preocupado com o fato de que qualquer coisa que minasse o governo nazista pudesse enfraquecer as forças anticomunistas, e ele reconhecia que alguns inimigos da Igreja ficariam animados com a excomunhão. Mas, ele acrescentou, "isso não tira a necessidade de fazê-lo".

18. O único relato que temos da conversa foi descoberto quando, após a abertura dos arquivos de Pio XI no Vaticano em 2006, as anotações escritas à mão pelo cardeal Pacelli de suas reuniões com o papa foram encontradas. ASV, AESS, pos. 430a, fasc. 355, f. 41, 10 aprile 1938.

19. ASMAE, APSS, b. 39, Ministero degli Affari Esteri, Roma, a R. Ambasciata presso S. Sede, "Contrasti fra Hitler e Vaticano", telespresso n. 200.305, 5 gennaio 1932.

20. Em meados de janeiro, o cardeal Pacelli comentou com ao embaixador francês que o Vaticano até então não recebera nenhum pedido por parte do governo alemão para marcar qualquer reunião. Tendo em vista a tensão da relação, ele achou improvável que fosse acontecer. Em uma conversa à parte, o monsenhor Tardini contou a Charles-Roux que, caso Hitler solicitasse uma audiência com o papa, ele não via de que forma o papa pudesse recusar-se a vê-lo. DDF, série 2, vol. 8a, n. 5, Charles-Roux à Delbos, ministre des Affaires Étrangères, 18 janvier 1938. No final de janeiro, Pignatti reiterou essa impressão: se Hitler requisitasse uma visita ao papa, o Vaticano não teria dificuldades em providenciá-la. ASMAE, AISS, b. 87, "Riservato", unsigned typed report, 24 gennaio 1938. Bergen, o embaixador alemão na Santa Sé, relatou que Pacelli sondou a respeito de uma visita de Hitler ao papa, se Hitler primeiro fizesse "uma declaração de acordo a respeito do tratamento dispensado a católicos e a Igreja Católica". O papa, disse Bergen, "definitivamente tem contado com uma vista do Führer." Mas, "para as diversas sondagens", informou, "manifesto-me em concordância com minhas instruções e não deixo margem para dúvidas de que uma visita está fora de

questão". DGFP, série D, vol. 1, n. 708, Bergen a Weizsäcker, 18 de maio de 1938. Mais tarde, relatou que o papa esperava que Hitler o visitasse e "teve essa esperança até o último momento". Ibid., 23 de maio de 1938, n. 710.

21. ASMAE, AISS, b. 87, Pignatti a Regio Ministero degli Affari Esteri, "Germania e Santa Sede", 21 gennaio 1938.

22. Nas semanas anteriores à visita, o papa ainda ligava com regularidade para o Duce pedindo que ele intercedesse em prol da Igreja junto ao Führer. Em 16 de março, o cardeal Pacelli escreveu para Mussolini para lhe informar sobre a gratidão do papa "por sua ação moderada com o chanceler do Reich alemão, *Signor* Hitler, e por sua intervenção na continuidade da política de perseguição religiosa na Alemanha". O papa, acrescentou Pacelli, estava grato pela intervenção de Mussolini, ainda mais por ter ocorrido na véspera da visita de Hitler a Roma. ASMAE, APG, b. 46, Pacelli a Mussolini, 16 marzo 1938. O rascunho dessa carta escrita à mão por Pacelli, com correções, é encontrada em ASV, AESG pos. 735, fasc. 353, f. 4r. Tacchi Venturi disse a Mussolini que o papa ficara "contentíssimo" ao saber que o Duce faria todo o possível para garantir que a perseguição católica — ou seja, a perseguição à Igreja Católica — não tivesse início na Áustria. ACS, CR, b. 68, n. 280.790, 17 marzo 1938.

23. O embaixador francês estava convencido de que, se Hitler quisesse ir, o papa o receberia. "Uma consideração prevalece sobre todas as outras na Santa Sé", observou ele, "que é a de não se fazer nada para piorar a situação dando ao governo nacional socialista o pretexto que os extremistas parecem estar procurando." DDF, série 2, vol. 8, n. 41, Charles-Roux à Delbos, Ministère des Affaires Étrangères, 26 janvier 1938. Embora Mussolini quisesse que Hitler visitasse Pio XI — se pudesse ter certeza de que tudo correria bem —, o Führer considerava a perspectiva desagradável. O ministro das Relações Exteriores alemão ficara em uma posição desconfortável ao explicar por que Hitler não

seguiria a tradição de visitar o papa. Em meados de fevereiro, o novo ministro das Relações Exteriores alemão, Joachim von Ribbentrop, sugeriu uma justificativa possível. Hitler estava indo a Roma a convite do rei da Itália, argumentou, "e não tinha motivo para visitar outros soberanos ou territórios não italianos nessa ocasião". Ao oferecer essa desculpa como justificativa, ele os aconselhou a não usarem o que outros estavam sugerindo que eles dessem como explicação lógica: o fato de que não tinham recebido convite algum do papa. "Parece-nos desaconselhável chamar atenção para o fato de que, no fim das contas, nenhum convite até então tenha vindo por envolver o risco de que o Vaticano talvez faça um convite." DGFP, série D, vol. 1d, n. 691, "Memorandum", assinado por Mackensen, com base em sua conversa com Ribbentrop, 14 de fevereiro de 1938.

24. ASMAE, APSS, b. 39, Ciano a Pignatti, "Viaggio in Italia di S.E. il Cancelliere Hitler", 26 marzo 1938, e Pignatti a Ciano, "Viaggio in Italia del Fuehrer", 2 aprile 1938.

25. ASMAE, APSS, b. 39, Pignatti a Ciano, telegramma n. 2.022, 7 aprile 1938. O papa e seu secretário de Estado estavam ansiosos para contar aos cardeais italianos que, se Hitler não visitasse o papa enquanto estivesse em Roma, não seria porque o papa se recusara a vê-lo, mas porque Hitler nunca solicitara um encontro. No dia da chegada de Hitler a Roma, o cardeal Pacelli enviou uma mensagem aos cardeais com esse propósito e anexou uma cópia do relatório de Borgongini sobre seu encontro com Buffarini no começo de maio, informando sobre a disposição do papa em se encontrar com Hitler. ASV, AESG, pos. 735, fasc. 353, ff. 26r-27r, "Circa l'omissione di una visita del Cancelliere del Reich Germanico al Santo Padre", assinalado "Sub secreto pontificio", 3 maggio 1937. Embora o papa estivesse disposto a receber Hitler, ele deixou claro que só o faria se Hitler indicasse sua intenção de acatar os termos da concordata que ele assinara.

26. As anotações de Pacelli sobre a reunião com Pignatti, 25 de março de 1938, em Casella, 2010, pp. 210-11.
27. ASMAE, AISS, b. 87, Pignatti a Ciano, 28 aprile 1938; CC, 1938, II, p. 368.
28. Confalonieri, 1957, p. 372.
29. Rauscher, 2004, p. 241.
30. Milza, 2000, p. 759; Gallagher, 2008, p. 71; Cerruti, 1953, p. 240. O embaixador americano na Itália descreveu Vítor Emanuel III apenas um pouco menos generoso, como "um homem magro e pequeno com pernas curtas também, uma face feia e um bigode eriçado, mas com certa dignidade, apenas de sua aparência insignificante. Phillips, 1952, p. 192. Foi Ciano (2002, pp. 86, 88-89) que, em seu diário, narrou as visões particulares do rei sobre Hitler. Ciano alegou que o rei fora "inútil e importuno" durante a visita do Führer. O embaixador americano mais tarde repetiu — e atestou a exatidão da — história que circulava por Roma de que, quando Hitler chegou ao Palácio Quirinal e viu seu quarto, perguntou se a cama fora feita por um criado ou uma criada. Ao saber que tinha sido um homem, ele insistiu que encontrassem uma mulher para arrumá-la de novo. Ele não dormiria em uma cama feita por um homem. Phillips, 1952, p. 214.
31. DDI, série 8, vol. 9, n. 53, Pignatti a Ciano, 5 maggio 1938.
32. O ânimo de triunfo da visita de Hitler foi exaltado pelas recentes vitórias das forças de Franco na Espanha, que no mês anterior tinha dividido a Espanha republicana em duas. De modo impressionante, foi enquanto Hitler estava em Roma que a Santa Sé fez um anúncio formal para nomear um núncio para o novo governo nacionalista na Espanha, e Franco enviou um embaixador ao Vaticano pouco depois disso. Kent, 1986, p. 457. A decisão de Mussolini de enviar tropas para lutar por Franco custou quase quatro mil mortos à Itália. De Felipe, 1981, p. 465.

33. Hitler despejou sua raiva por conta do constrangimento sobre Ribbentrop, que havia despedido o chefe nazista de protocolo.
34. O cônsul americano acrescentou que os convites para o jantar de gala tinham sido retirados de quatro mulheres por causa de seus "antepassados ou conexões judaicas". Uma delas, no entanto, "fez um protesto tão veemente, provando que não era judia, que o pedido de que não comparecesse ao jantar foi retirado em seu caso". NARA, LM192, rolo 5, John Putnam, U.S. cônsul-geral, Florença, a William Phillips, 21 de maio de 1938.
35. Mussolini não era muito de visitar museus, comentando em 1922 que nunca visitara um museu em sua vida. Boswell, 21 de maio de 1938.
36. Ciano, 2002, p. 89.
37. NARA, LM192, rolo 5, William Phillips, embaixador americano, Roma, a secretário de Estado americano, Roma, "Hitler's Visit to Italy", doze páginas de relato mais anexos, 13 de maio de 1938. As festividades em Florença são descritas no memorando "Memorandum of Visit of Their Excellencies Adolf Hitler and Benito Mussolini, May 9, 1938", do cônsul americano em Florença, 18 de maio de 1938, apêndice para o relato de John Putnam, cônsul-geral, citado na nota 34 acima. A avaliação do corpo diplomático britânico chegou à mesma conclusão: FCRSE, pt. 14, R 4789/43/22, p. 93, conde de Perth ao visconde de Halifax, 9 de maio de 1938.
38. DDF, série 2, vol. 9, n. 346, Charles-Roux à Georges Bonnet, 15 mai 1938.
39. CC, 1938, II, pp. 376–77.
40. ASV, AESG, pos. 735, fasc. 353, ff. 59r-60r, Il delegato vescovile, Curia ecclesiastica generale di Orte, alla segreteria di stato, Vaticano, 15 maggio 1938.

CAPÍTULO 22: UMA MISSÃO SURPREENDENTE

1.Provavelmente por meio de um artigo em *Civiltà Cattolica* que falou sobre ele: M. Barbera, "Giustizia tra le 'razze'", CC, 1937, IV, pp. 531-38. LaFarge também ganhou destaque em um artigo publicado em *L'Osservatore Romano* em 1932, falando sobre um trabalho que escrevera para a *America* sobre as tentativas dos comunistas de conquistar o apoio dos afro-americanos: "Diventeranno comunisti i Negri?", OR, 5 giugno 1932, p. 4. Detalhes sobre sua família são encontrados em Eisner, 2013.

2. Ficamos sabendo sobre a reação do superior-geral por conta de um documento encontrado nos arquivos que ainda não tinham sido inventariados de *La Civiltà Cattolica*, citado em Sale, 2009, p. 37.

3. O primeiro tipo de antissemitismo, escreveu ele, não era cristão, tendo por base ideias de diferenças raciais. Em contrapartida, "o segundo tipo de antissemitismo é permissível quando combate, por meios morais e legais, uma influência verdadeiramente prejudicial do segmento judeu da população nas áreas de economia, política, teatro, cinema, imprensa, ciência e artes". Mais perigosos eram os judeus liberais e mais inseridos, argumenta Gundlach, por "serem em sua maioria dados ao niilismo moral e sem qualquer laço nacional ou religioso, atuam no campo da plutocracia mundial assim como no bolchevismo internacional, assim liberam os traços mais escuros da alma do povo judeu expulso de sua pátria". A Igreja, em sua misericórdia, sempre se opusera a essa perseguição injusta dos judeus, mas havia muito apoiava medidas destinadas a proteger a sociedade europeia da influência prejudicial econômica e intelectual dos judeus. A tradução para o inglês está em Passelecq e Suchecky, 1997, pp. 47-49. Meu relato sobre os encontros de LaFarge com o papa e Ledóchowski tem base no excelente estudo de Passelecq e Suchecky. Ver também Eisner, 2013.

4. Citado em Starr, 1939, p. 118. Em 27 de maio, o *La Stampa* de Turim citou as mesmas linhas do livro de Belloc, em um artigo

antissemita notável alertando sobre o perigo judaico. "Il numero e il denaro", *La Stampa*, 27 maggio 1937, p. 1. Foi recortado e salvo pelo secretário de Estado do Vaticano. ASV, AESI, b. 1.031, fasc. 717, f. 88r.

5. A revista jesuíta então discutiu um livro recente e importante, *Israel, son passé, son avenir*, de um distinto católico holandês, Herrmann De Vries. Depois de seu exílio, escreve De Vries, os judeus historicamente passavam por cinco fases que se repetiam de modo contínuo ao serem expulsos de um país e fugirem para outro. Primeiro os judeus recebiam as boas-vindas, depois eram tolerados. Na terceira fase, enriqueciam, causando inveja nos outros. Isso resultava em uma reação popular contra eles, o que levava ao quinto estágio, uma tentativa de exterminá-los ou expulsá-los.

6. "La questione giudaica e il sionismo", CC, 1937, II, pp. 418-31.

7. CC, 1938, I, p. 460. No mês seguinte, *La Civiltà Cattolica* tornou a fazer seu alerta sobre o ímpeto judaico de dominar o mundo. Contrastava o antigo judaísmo bom, de onde se ergueu o cristianismo, com o judaísmo atual, "na realidade uma religião profundamente corrupta". Informava a seus leitores que "a mania fatal pela dominação financeira e política (...) é a causa real e profunda que faz do judaísmo uma fonte de desordem e um perigo permanente para o mundo". Uma ação defensiva era necessária. O melhor caminho seria seguir a tradicional mistura do papa de caridade com "prudência e medidas oportunas, isto é, uma forma de segregação apropriada para o nosso tempo". No mês seguinte, a revista lembrou aos leitores que "os judeus ainda merecem a aversão das pessoas por seus frequentes abusos de poder e por seu ódio direcionado ao próprio Cristo, sua religião e a Igreja Católica". "La 'teoria moderna delle razze' impugnata da un acattolico", CC, 1938, III, pp. 62-71, citado na p. 68.

8. O artigo do monsenhor Orlandi, "L'invasione ebraica anche in Italia" (*L'Amico del Clero*, vol. 20, n. 3, 1938), é bastante citado em

Miccoli, 1988, p. 866.

9. Mario Barbera, "La questione dei giudei in Ungheria", CC, 1938, III, pp. 146-53. 12 de abril de 1938, o núncio papal em Budapeste enviou a Pacelli um relatório sobre as novas leis, que determinavam cotas para a participação judaica nas profissões, nas finanças e nos negócios. Preocupado, notou que a nova lei tratava como judeus todos aqueles que tinham sido convertidos ao catolicismo e tinham sido batizados depois de 1919, assim como seus filhos batizados ao nascer. A Associação de Estudantes Universitários, à qual a maioria dos estudantes universitários católicos na Hungria pertencia, tinha acrescentado uma cláusula a seu estatuto declarando que "não via como incondicionalmente húngaros os judeus batizados e seus descendentes". No começo de maio, o cardeal Pacelli respondeu ao núncio, compartilhando sua preocupação: "O julgamento excessivamente geral que eles gostariam de conferir à insinceridade das conversões do judaísmo para o cristianismo que ocorreram desde 1919 parece estranho, arbitrário e contrário ao espírito de generosidade do povo húngaro." Pacelli concluiu: "Em particular, é de se esperar que, enquanto protegem os interesses da nação magiar, esse governo não se curve a medidas de severidade excessiva contra judeus e que os católicos húngaros nessas circunstâncias mostrem razoável moderação nesse aspecto". ASV, AESU, b. 77, fasc. 57, ff. 6r-9v, Angelo Rotta, nunzio, a Pacelli, Budapest, 12 aprile 1938; ibid., ff. 10r-10v, Pacelli a Rotta, 8 maggio 1938.

10. Maiocchi, 2003; Bottai, 2001, p. 125; Gillette, 2001, 2002a, 2002b.

11. Em um jantar diplomático em 18 de julho, Bottai (2001, p. 125) levantou o assunto do manifesto com Mussolini, que explicou com grande emoção: "Já estou farto de ouvir pessoas dizendo que uma raça que deu ao mundo Dante, Maquiavel, Rafael, Michelangelo é de origem africana.

12. Cannistraro e Sullivan, 1993, pp. 218-19. O principal biógrafo francês de Mussolini retrata Sarfatti como a influência mais importante em sua conversão pós-guerra à ideia de defender uma revolução nacionalista liderada por veteranos de guerra jovens. Quando ele se tornou primeiro-ministro, ela ajudou a convencê-lo de que ele poderia ser o novo César da Itália. Milza, 2000, pp. 257, 354. Sobre a influência de Sarfatti sobre Mussolini, ver também Urso, 2003.
13. Festorazzi, 2010, p. 96; Navarra, 2004, p. 68.
14. Ludwig, 1933, pp. 69-70. Mas, depois da visita de Mussolini à Alemanha em setembro de 1937 e sua aliança firmada com o Führer, os judeus italianos começaram a temer que ele pudesse tentar imitar as campanhas antissemitas de Hitler. Ciano, ao receber pedidos angustiados de judeus italianos, percebeu que os alemães nunca tinham levantado a questão com ele. "Tampouco acredito que seria de nosso interesse desencadear uma campanha antissemita na Itália. O problema não existe aqui. Eles são poucos e, com algumas exceções, são bons." Ciano, 2002, p. 32. No final de fevereiro de 1938, Mussolini escreveu uma mensagem para o ministro das Relações Exteriores italiano e negou que o governo estivesse planejando uma campanha antissemita. DDI, série 8, vol. 8, n. 162, "Nota n. 14 dell'informazione diplomatica", 16 febbraio 1938.
15. Grandi, 1985, pp. 443-44. Mas Rauscher (2004, p. 225) afirma que, durante a visita de Mussolini à Alemanha em 1937, ele informou Hitler de que logo estaria introduzindo medidas antissemitas na Itália.
16. Muitas obras discutem a questão de como a campanha antissemita de Mussolini em 1938 aconteceu. Fabre (2005) argumenta que Mussolini sempre fora antissemita. Mas De Felice (1981, pp. 312-13) sustenta que ele nunca fora um antissemita; foi só na guerra na Etiópia que ele ficou convencido de que uma conspiração judaica internacional estava se organizando contra ele, ao que ele começou a trilhar o caminho de um antissemitismo "político". Para outras

perspectivas, ver Israel, 2010, pp. 159-70; Matard Bonucci, 2008; e Vivarelli, 2009, p. 748.

17. CC, 1938, III, pp. 275-78.

18. O escritor de *La Civiltà Cattolica* era o padre Angelo Brucculeri. Entre outras publicações católicas que reproduziram o elogio à nova política racial de Brucculeri estava *La Settimana religiosa*, o semanário diocesano de Veneza. Perin, 2011, pp. 200-1.

19. "Il fascismo e i problemi della razza", OR, 16 luglio 1938, p. 2. Sobre o artigo de Brucculeri, ver Miccoli, 1988, p. 871. Manzini foi o editor de *L'Osservatore Romano* de 1960 a 1978; De Cesaris, 2010, p. 139. A aceitação da Igreja Católica Romana do antissemitismo é debatida de forma acalorada. Muitos procuram desenhar uma linha tênue entre o "antijudaísmo" com fundamentos religiosos e o "antissemitismo" com fundamentos raciais da Igreja que levaram ao Holocausto; falo sobre esse debate em Kertzer, 2001. Durante esses anos, era comum *La Civiltà Cattolica* e o resto da imprensa católica italiana se referirem aos judeus como uma "raça". Como se poderia esperar, em uma carta pastoral para a Páscoa de 1938, o patriarca de Veneza, o cardeal Adeodato Piazza, estigmatizou os judeus como uma "raça" coletivamente responsável pelo assassinato de Jesus. Condenados a vagarem pela terra, clamou ele, estavam "envolvidos nas seitas mais obscuras, desde a maçonaria até o bolchevismo". Citado em Perin, 2011, pp. 216-17.

20. Um grampo do governo apanhou essa ligação. ACS, MCPG, b. 166, grampo n. 5.102, Roma, 14 luglio 1938. A conversa era em alemão.

21. Exemplos do entusiasmo da imprensa alemã com a nova campanha racial italiana, relatados à mesa italiana da Santa Sé, são encontrados em ASMAE, AISS, b. 102, "Servizio speciale", Mônaco, 15 luglio 1938.

22. ACS, MCPG, b. 151, ministro di cultura popolare a Mussolini, 19 luglio 1938.
23. Curiosamente, em 1933, o entrevistador Emil Ludwig, ao ver Mussolini de perto, pensou na semelhança que ele possuía com Bórgia: "Agora ele está sentado diante de mim do outro lado da mesa. O *condottiero* César Bórgia, a quem descrevi uma vez em um palácio romano como o herói da Romanha, parece ter ressuscitado, embora use um terno escuro e uma gravata preta." Ludwig, 1933, p. 23.
24. As instruções do papa foram passadas para Borgongini por Pacelli. O papa Bórgia tinha sido anteriormente o assunto de tentativas vigorosas do Vaticano para censurá-lo. Em 1934, o papa ficou sabendo que a peça *Catarina Sforza*, na qual toda a corrupção de Alexandre VI era representada, ia estrear em Roma em abril. Ele despachou Tacchi Venturi para impedi-la de ser encenada. O governo fez o dramaturgo cortar por completo a primeira cena e fazer um corte radical em outra que foi considerada ofensiva pela Igreja. ASV, AESI, pos. 855, fasc. 549, ff. 4r-24r.
25. ASV, ANI, pos. 47, fasc. 2, ff. 124r-129r.
26. Ibid., ff. 132r-134r, Tacchi Venturi a Tardini, 15 giugno 1938.
27. A carta de Pacelli, enviada a Borgongini, manifestou sua satisfação ao receber notícias tão boas. ASV, ANI, pos. 47, fasc. 2, ff. 135r-136r, Pacelli a Borgongini, 22 giugno 1938. A Ação Católica continuou desempenhando o papel principal de avisar à polícia sobre livros, revistas, peças e filmes que a Igreja considerasse censuráveis. A organização nacional enviou instruções detalhadas para as secretarias diocesanas de moralidade de como operar uma rede de informantes, para garantir que nenhum obra ofensiva passasse despercebida pela polícia. ASV, AESI, pos. 773, fasc. 356, ff. 104r-115r. Quanto ao editor Rizzoli, ele sobreviveria e seguiria em frente para criar um império de editora e livraria — e nos anos pós-guerra entraria em conflito mais uma vez com o Vaticano. Em 1960, produziu um filme,

La Dolce Vita, dirigido por Federico Fellini, que seria condenado pelo *L'Osservatore Romano* e a princípio censurado na Itália.

28. NARA, M1423, rolo 1, n. 991, William Phillips ao secretário de Estado americano, Washington, "Physical Fitness Tests for High Fascist Party Officials", 7 de julho de 1938.

29. Petacci, 2010, pp. 131, 370.

30. Em particular, Pacelli disse a Pignatti, nada deveria ser feito para evitar o casamento entre um católico convertido do judaísmo e outro católico. Pacelli tinha razão para se preocupar, porque em 1935 as Leis de Nuremberg instituíram essa medida na Alemanha. Pacelli citou o texto da concordata que especificava que casamentos na Igreja eram considerados válidos civilmente e lembrou a Ciano que "o Direito Canônico reconhece como válido o casamento entre indivíduos batizados, a despeito de qualquer outra consideração". ASMAE, AISS, b. 102, Pignatti al ministro degli affari esteri, 20 luglio 1938.

31. ASMAE, APSS, b. 40, Pignatti, "Notizie sulla salute del Pontefice", telespresso n. 1.818/678, 11 luglio 1938. Pucci baseou sua descrição sobre a saúde do papa em sua conversa com o padre Gemelli, que visitara o papa recentemente.

32. DDI, série 8, vol. 9, n. 336, Pignatti a Ciano, 26 luglio 1938.

33. Ibid., n. 337, Pignatti a Ciano, 26 luglio 1938.

34. "La parola del Sommo Pontefice Pio XI agli alunni del Collegio di Propaganda Fide", OR, 20 luglio 1938, p. 1, republicado em CC, 1938, III, pp. 371-76.

35. ASV, AESI, pos. 1.054, fasc. 732, f. 19r.

36. Ciano, 2002, p. 113 (30 de julho de 1938). Borgongini disse ao embaixador italiano na Santa Sé que a Igreja sempre desencorajara casamentos inter-raciais, reconhecendo os "híbridos" que resultariam "da combinação dos defeitos das duas raças". Quanto à campanha antissemita, o que chateava o papa não era a perspectiva da ação do governo contra os judeus, mas sim que a Itália viesse a seguir o

tratamento alemão dispensado aos católicos convertidos, como se eles fossem judeus. Pignatti não deu uma resposta direta, apenas reafirmou para o núncio que uma campanha racial italiana seria diferente da nazista. ASV, AESI, pos. 1.054, fasc. 728, ff. 46r-48r, Borgongini a Pacelli, 2 agosto 1938. No dia seguinte, Borgongini contou a conversa diretamente para o papa.

37. ASMAE, AISS, b. 115, Pignatti a Ciano, 31 luglio 1938.

38. Citado em Papin, 1977, p. 62.

39. "De que se tem lembrança", observou Ledóchowski, "não houve um caso em que o papa perdesse a razão." ASMAE, Gab. b. 1.186, Pignatti a Ciano, 5 agosto 1938.

40. Ibid.

CAPÍTULO 23: O ACORDO SECRETO

1.CC, 1938, III, pp. 377-78.

2. ASV, AESI, pos. 1.007c, fasc. 695, ff. 70r-75r, "Progetto di una lettera del S. Padre a Mussolini circa Ebrei e Azione Cattolica", agosto 1938.

3. Ávido por aplacar Pignatti, Pacelli lhe contou que o papa acabara de mandar Tacchi Venturi com uma mensagem para Mussolini. Na carta, enquanto lamentava a recente violência contra a Ação Católica, o fazia com respeito, com "expressões de grande admiração e deferência pelo Duce". ASMAE, AISS, b. 102, Pignatti a Ciano, 6 agosto 1938.

4. Do relatório de Pignatti, de 8 de agosto de 1938, citado por Casella, 2010, p. 268-69.

5. O artigo citava a justificação detalhada de Mussolini sobre a campanha antissemita, incluindo suas observações de que "dizer que o fascismo imitou alguém ou algo é simplesmente absurdo (...) Ninguém pode duvidar de que o tempo é perfeito para o racismo italiano". A

revista não fez comentários sobre as observações do Duce. CC, 1938, III, pp. 376-78.

6. Os jesuítas trabalhavam melhor, aconselhou Pignatti, quando podiam "exercitar aquela ação secreta na qual eram mestres". ASMAE, AISS, b. 102, Pignatti a Ciano, 7 agosto 1938.

7. Mas Ciano estava mais otimista, acreditando que aqueles ao redor do papa estavam começando a falar com ele. "Quanto à questão da raça, o papa, que agora sabe quais são os termos de fato do problema", escreveu ele naquele dia em seu diário, "está começando a gritar." Ciano, 2002, p. 113.

8. Farinacci fez a acusação de que foi o cardeal Pacelli que persuadiu o papa a criticar a campanha racial. Em 3 de agosto, Farinacci repetiu a acusação em uma carta para Mussolini. Ele concluía perguntando a Mussolini: "Querido presidente, é verdade que a mãe do papa era judia?" E acrescentou: "Se for, que piada!" ACS, CR, b. 44, Roberto Farinacci, direttore, Il Regime fascista, Cremona, a Mussolini, 3 agosto 1938. Farinacci provavelmente apanhara a alegação de que o papa era judeu da imprensa alemã, que na época estava circulando essas histórias.

9. ASV, AESI, pos. 1.060, fasc. 749, ff. 14r-21r, Monsignor Giovanni Cazzani, vescovo di Cremona, a Farinacci, 17 agosto 1938.

10. ASV, AESI, pos. 1.060, fasc. 749, ff. 22r-26r, Farinacci a Cazzani, 18 agosto 1938.

11. Fabre (2012, pp. 109-10) recentemente publicara e analisara seu texto, encontrado nos papéis de Tacchi Venturi. ARSI, TV, f. 2143.

12. ASV, AESI, pos. 1.007c, fasc. 695, ff. 37r-39r, "Nota da me presentato al Duce la sera di venerdì 12 Agosto", Tacchi Venturi, 12 agosto 1938.

13. Sarfatti, 2006, pp. 19-41; Sarfatti, 2005, pp. 67-68. Em 1938, aproximadamente 21 por cento dos judeus que viviam na Itália eram refugiados de outros países, buscando escapar da perseguição.

14. ASV, AESI, pos. 1.054, fasc. 730, ff. 40r-41r. Anos antes da abertura dos arquivos do Vaticano para o papado, o padre Angelo Martini, S.J., teve acesso e relatou a existência desse documento. Embora tenha citado seu texto (Martini, 1963), ele ofereceu pouco contexto e o julgou "desafortunadamente tão genérico que não inspirava confiança". Miccoli, (1988, pp. 847-48), ao relatar a descoberta de Martini e seu comentário, e sem acesso ao arquivo na época, observou sua importância e descordou da tentativa de Martini de minimizá-la. Foi só na abertura dos arquivos do Vaticano em 2006 que o documento e aqueles que o cercavam ficaram disponíveis, e sua total importância, visível. De Cesaris (2010, pp. 160-61) argumenta que o documento deve ter sido rascunhado por Mussolini ou alguém próximo a ele no governo, e não por Tacchi Venturi ou qualquer um do Vaticano. Acho sua tentativa de distanciar o papa e o Vaticano da proposta não convincente. O documento reflete principalmente as propostas que o papa vinha fazendo a Mussolini nos dias anteriores.
15. "Gli Ebrei ed il Concilio Vaticano", OR, 14 agosto 1938, p. 2. Usei a tradução para o inglês oferecida pelo embaixador americano, que lamentou o fato de que o Vaticano parecia ter decidido não se opor à campanha racial na Itália. NARA, M1423, rolo 12, embaixador William Phillips ao secretário de Estado, "Progress of Racial Movement in Italy", August 19, 1938. Para um exame da correspondência entre o secretário de Estado americano e o embaixador italiano no que diz respeito à reação do papa à campanha antissemita italiana, ver Kertzer e Visani, 2012.
16. Fabre (2012, p. 119), que forneceu o estudo mais abrangente sobre o acordo de 16 de agosto, chega à mesma conclusão sobre a razão da explosão do papa.
17. ASV, AESI, pos. 1.007c, fasc. 695, ff. 41r-42r, memorando de três páginas escrito à mão sem assinatura, 18 agosto 2011. No fim do mês, discutindo o conflito com o governo sobre a Ação Católica em uma conversa com membros da embaixada francesa, Tardini considerou

Mussolini irrepreensível. A culpa, argumentou, era da "ala esquerda" do Partido fascista, em especial o líder do partido, Achille Starace. MAEI, vol. 267, 126, Charles-Roux à Bonnet, 29 août 1938.

18. MAEI, vol. 267, 94, Charles-Roux, 17 août 1938; e ibid., 95-96, 18 août 1938.

19. MAEI, vol. 267, 97, Charles-Roux, 18 août 1938. O ministro acrescentou que eles não deveriam se preocupar com as observações do papa sobre a Propaganda Fide, já que elas não refletiam a posição do Vaticano no que dizia respeito à campanha racial; eram apenas o produto de um momento em que o papa ancião estava de mau humor. Tranfaglia, 2005, p. 151.

20. MAEI, vol. 267, 102-3, Charles-Roux, 20 août 1938.

21. "Pope and Fascists Reach New Accord on Catholic Action", NYT, 21 de agosto de 1938, p. 1. Uma história parecida no *Los Angeles Times* daquele dia começava com: "Por meio de Pietro Tacchi Venturi, um mediador de 77 anos e padre jesuíta, premier Mussolini e papa Pio XI mais uma vez amainaram as diferenças entre a Igreja Católica e o partido fascista." "Pope and Duce Renew Peace", LAT, 21 de agosto de 1938, p. 2.

22. "Circa le relazioni tra l'Azione Cattolica Italiana e il Partito Nazionale Fascista", OR, 25 agosto 1938, p. 1. O recorte do *Messagero* encontra-se em AESI, pos. 1.007c, fasc. 695, f. 64r. O alvoroço no último minuto das negociações envolvendo o papa e o governo italiano é narrado no relatório de Cossato. ASMAE, AISS, b. 102, Cossato, 23 agosto 1938; e ibid., 24 agosto 1938.

23. ASV, AESS, pos. 430, fasc. 355, f. 70, 27 agosto 1938.

24. ASMAE, AISS, b. 102, Cossato, 22 agosto 1938.

25. Ele convocou Tacchi Venturi para dizer ao papa quão furioso estava. O encontro de Mussolini com o jesuíta estava em seu calendário, marcado para as 19h30 de 22 de agosto. ACS, CO, b. 3.136.

26. Ciano, 2002, pp. 117-18. Enquanto isso, Mussolini recentemente introduzira a exigência de que todos os empregados do governo usassem seu uniforme de trabalho, gerando uma porção de queixas. Ao saber da insatisfação, respondeu: "Lembrem-se: o hábito faz o monge!" Bottai, 1989, p. 131.

27. Os recortes são encontrados em ASV, AESI, pos. 1.054, fasc. 728, ff. 19r, 20r.

28. Ciano, 2002, p. 119. O papa tinha na verdade 81 anos na época.

29. O próprio Mussolini escolheu seu diretor, Talesio Interlandi, que o vinha pressionando havia anos para seguir o exemplo de Hitler e se posicionar contra os judeus da Itália.

30. Guido Landra, "Concetti del razzismo italiano", *La Difesa della Razza* 1, n. 1 (1938), p. 10.

31. Lamento dizer que muitos, incluindo o autor do artigo estarrecedor publicado na primeira edição, citada acima, eram antropólogos italianos.

32. O governo exigiu que todas as universidades providenciassem cópias de *La Difesa della Razza* para suas bibliotecas e convocou todos os professores a lerem-na com atenção e compartilharem com seus alunos a mensagem que ela transmitia. Jornais italianos eram igualmente orientados a citar as histórias da revista e usar seu material para os próprios artigos. Giuseppe Pensabene, "L'evoluzione e la razza. Cinquant'anni di polemiche ne 'La Civiltà Cattolica'", *La Difesa della Razza* 1, n. 1, 5 agosto 1938, pp. 31-33. Ver também Mughini, 1991, pp. 145-46. Israel, 2010, pp. 203-4; Cassata, 2008, p. 116; Tranfaglia, 2005, p. 152.

33. ASMAE, AISS, b. 102, Pignatti a Ciano, 29 agosto 1938.

CAPÍTULO 24: AS LEIS RACIAIS

1.“Os jornais diários citam a *Civilità Cattolica* ocupando uma posição de honra na luta atual contra os judeus, em especial pelos três artigos que publicou em 1890”, escreveram os jesuítas da revista. “Para falar a verdade, devemos notar que a campanha vigorosa, inspirada pelo espetáculo da invasão e da arrogância dos judeus, não pode levar crédito por ter ‘sabido como impor de modo fascista a questão racial’ (...) como *Il Regime Fascista* (28 de agosto) faria.” CC, 1938, III, pp. 559-61.

2. Ibid.; ênfase no original.

3. Enrico Rosa, “La questione giudaica e ‘La Civiltà Cattolica’”, CC, 1938, IV, pp. 3-16.

4. Matard-Bonucci. 2008, p. 309; Onofri. 1989, p. 153.

5. ASV, AESI, pos. 985, fasc. 671, f. 47r, “Appunto”, 1 settembre 1938.

6. Pacelli também escreveu para o cardeal Schuster — que, por ser arcebispo de Milão, tinha autoridade sobre o bispo de Como — e para o próprio arcebispo de Dom Mauri, o arcebispo de Turim. ASV, AESI, pos. 985, fasc. 671, f. 49r, Pacelli al Cardinale Schuster, 2 settembre 1938.

7. ASV, AESI, pos. 985, fasc. 671, f. 53r, Alessandro Macchi, vescovo di Como, 15 settembre 1938; ibid., f. 54r, Sac. A. Negrini, Como, 15 settembre 1938. Em relatório posterior, Pacelli ficou sabendo que o episódio inteiro poderia ser atribuído ao fato de que o líder do PNF em Aprica era o proprietário de um hotel no local e travava um conflito de longa data com as freiras que eram donas de uma construção ali perto. Nesse relato, o fascista exagerou as observações de Dom Mauri para constranger as freiras. ASV, AESI, pos. 985, fasc. 671, f. 60r, “Circa l’incidente sollevato in occasione del discorso tenuto in Aprica”.

8. Gallagher, 2008, pp. 72-73.

9. Phillips também estava convencido de que Mussolini não compreendia os Estados Unidos ou sua importância. Em suas memórias, ele reproduz uma carta que recebeu do presidente Roosevelt em 15 de setembro de 1938, na qual o presidente compartilhou sua visão. Roosevelt disse que a ignorância por parte de Mussolini e daqueles que o cercam em relação aos Estados Unidos o fazia se lembrar de uma conversa que o filho mais novo, Johnny, tivera com o ministro da Fazenda italiano. Quando o ministro sugeriu que o presidente fizesse uma visita a Mussolini, o filho de Roosevelt sugeriu que o Duce pudesse querer visitar seu pai em Washington. Quando o ministro pareceu achar a ideia esquisita, "Johnny lhe disse com toda a educação que os Estados Unidos tinham uma população três vezes maior e os recursos dez vezes maiores que a Itália e que o país inteiro caberia confortavelmente no estado do Texas". Phillips, 1952, p. 219.

10. ASV, AESI pos. 1.054, fasc. 731, ff. 8r-10r, "Appunto", Hurley, 3 settembre 1938.

11. Sale 2009, pp. 88-89; Fattorini 2012, p. 390. Para as implicações da frase do papa referentes ao direito legítimo à autodefesa do estado nesse contexto, ver Kertzer, 2001, pp. 279-80. No dia em que o papa fez seu apelo contra as leis raciais, o padre radialista Charles Coughlin escreveu para Mussolini oferecendo ajuda. Coughlin convidou o Duce a escrever um artigo para sua revista, *Social Justice*, que tinha milhões de leitores, na qual ele poderia "clarear" sua "atitude em relação aos judeus". Coughlin concluiu: "Desejo à Vossa Excelência as bênçãos de Deus e boa saúde e rezo para que o Império Italiano sob sua liderança esmague o comunismo." Mussolini decidiu não escrever o artigo. ACS, MCPR, b. 3, Coughlin a Mussolini, 6 settembre 1938; ACS, MCPR, b. 3, stampa estera, telegrama n. 16.848 a R. Ambasciata d'Italia, Washington, 18 ottobre 1938.

12. O jornal do Vaticano devotou apenas um parágrafo ao público, sem fazer referência alguma aos comentários sobre raça ou antissemitismo. "Il paterno elogio di Sua Santità ai pellegrini della Gioventù Cattolica del Belgio", OR, 9 settembre 1938, p. 1.
13. ACS, MCPG, b. 164, "Notizia fiduciaria", Roma, 7 settembre 1938.
14. Bottai, 2001, p. 137 (7 ottobre 1938).
15. Ibid., p. 133 (8 settembre 1938).
16. Ciano, 2002, p. 124 (10 de setembro de 1938); Lamb, 1997, pp. 206-7. Dois dias depois o rei falou diretamente com Buffarini Guidi, subsecretário de Assuntos Internos, em nome de seu médico. A concordância covarde do rei com as leis raciais estava de novo em pauta. O rei sentia-se desconfortável por conta do contato de vários altos oficiais militares judeus que lhe procuraram para reclamar da nova campanha antissemita. Quando Buffarini lhe contou que estavam sendo tomadas providências para eximir esses homens das leis, o rei respondeu: "Estou realmente feliz com o fato de que o presidente [Mussolini] tenha a intenção de fazer essas distinções, reconhecendo os méritos desses judeus, notáveis por sua lealdade à pátria." E acrescentou: "Eu tinha certeza de que a grande sensibilidade do presidente, sua profunda intuição e vasta generosidade conduziriam a esse modo de agir." Citado em De Felice, 1981, p. 492.
17. ASV, AESI, pos. 1.054, fasc. 727, f. 48r, 6 settembre 1938, Consegnato dal P. Tacchi Venturi per riferire al S. Padre, 6 settembre 1938; ibid., f. 46r, 7 settembre 1938, Segreteria di Stato di Sua Santità, 7 settembre 1938.
18. A Igreja, acrescentou o papa, prega que cristãos e judeus descendem da semente de Abraão, e que Abraão era o patriarca de todos. O papa passou suas instruções pelo cardeal Pacelli. A página está escrita à mão por Pacelli, do tipo encontrada nas anotações de suas audiências com o papa, mas não junto com o resto de suas anotações como secretário de Estado. ASV, AESI, pos. 1.054, fasc. 727, f. 45r,

"Udienza del 9 settembre 1938". A etiqueta da pasta do Vaticano que guarda o registro dessas conversas é revelador. Embora o papa tenha visto a questão por um ângulo diferente, sob as ordens de Pacelli a Secretaria de Estado permaneceu ciente de seu foco: "Instruções oficiais ao padre Tacchi Venturi para negociações com o chefe do governo a respeito da questão racial. Questão dos judeus que se converteram ao catolicismo". ASV, AESI, pos. 1.054, fasc. 727, f. 40r, settembre 1938. No mesmo dia, enquanto Tacchi Venturi reunia-se com Mussolini para discutir as leis raciais, Pignatti encontrava-se com Pacelli. Eles falaram sobre as contínuas reclamações do papa sobre o patrocínio do PNF às danças públicas das quais as garotas do proletariado participavam. ASMAE, APSS, b. 42, Pignatti a Starace, 10 settembre 1938.

19. ASV, AESI, pos. 1.054, fasc. 727, ff. 41r, 43r, 20 settembre 1938.

20. Ibid., fasc. 732, ff. 48r-48v, Cardinal Fossati, arcivescovo di Torino, a Domenico Tardini, 28 settembre 1938; ibid., f. 49r, Tardini a Fossati, 1 ottobre 1938; Tardini a Tacchi Venturi, 1 ottobre 1938.

21. Primo Levi, *The Periodic Table*, citado por Cavarocchi e Minerbi, 1999, p. 483.

22. A referência é ao diário de Sylvia Lombroso (Nidam-Orvieto 2005), p. 162.

23. Ibid., pp. 162-63.

24. Lamb, 1997, p. 221.

25. André François-Poncet, embaixador francês em Berlim, deixou uma descrição excelente da reunião; citado por De Felice (1981, p. 528). Édouard Daladier era o representante francês na conferência.

26. Lamb, 1997, figs. 12-13; Navarra, 2004, p. 38. Navarra aparentemente achava que era sábio não mencionar o fato de que, apesar de seus guarda-chuvas, os britânicos tinham fundado um império sólido.

27. "Mentre Milioni", 29 settembre 1938, http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/speeches/documents/hf_p-xi_spe_19380929_mentre-milioni_it.html. Pio XI não ficou satisfeito com o acordo de Munique. Ele reclamou com Charles-Roux sobre a falta de apoio francês à Tchecoslováquia e a vergonha de França e Grã-Bretanha concordarem com o desmembramento do país sem permitirem qualquer representação por parte da Tchecoslováquia nas negociações. Em uma audiência em 30 de setembro, o papa dividiu essa opinião com dois senadores italianos, que a repassaram para Mussolini. O Duce explodiu de raiva. O Santo Padre, observou ele, parece que não para de dar tiros no próprio pé. MAESS, vol. 38, 209-10, Charles-Roux, 5 octobre 1938.

28. Milza, 2000, pp. 762-63, Rauscher, 2004, pp. 261-64; Grandi, 1985, pp. 452-53; De Felice, 1981, p. 530. Várias obras recentes têm questionado a ideia de que as leis raciais eram impopulares na Itália e levaram a uma queda no apoio ao regime: Rigano, 2008; Pavan, 2010; Israel, 2010. Miccoli (2004, p. 25) nega que as leis raciais tenham minado o apoio católico italiano a Mussolini e estipula 1942 como data do declínio do apoio católico, quando a guerra começou a ir mal.

29. Kershaw, 2000, p. 123.

30. ASV, AESS, pos. 560, fasc. 592, f. 98v, Tardini, diario, 2 ottobre 1938. Schuster era mais um entre vários padres que louvavam Mussolini como homem enviado por Deus para salvar a Itália e a Europa. Uma ode enfadonha em particular a Mussolini como o novo Moisés foi o sermão feito pelo arcipreste da catedral de Campobasso em 7 de outubro. Piccardi, 1995, pp. 218-20.

31. Bottai, 2001, p. 136. Bottai, cujo diário registra as observações de Mussolini, era um proponente entusiástico das leis raciais.

32. Citado em Petacci, 2010, p. 421.

33. CC, 1938, IV, pp. 269-71.

34. DDI, série 8, vol. 10, n. 238, l'incaricato d'affari presso la Santa Sede, Fecia di Cossato, al ministro degli affari esteri, Ciano, 7 ottobre 1938.
35. ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 10r, 12r, 7 ottobre 1938.
36. Citado em Guasco, 2010, pp. 94-95.
37. DDI, série 8, vol. 10, n. 252, l'incaricato d'affari presso la Santa Sede, Fecia di Cossato, al ministro degli affari esteri, Ciano, 10 ottobre 1938.
38. ASMAE, AISS, b. 102, l'incaricato d'affari presso la Santa Sede, Fecia di Cossato, al ministro degli affari esteri, Ciano, 11 ottobre 1938. Ao citar seus relatórios anteriores informando Ciano sobre o forte apoio dos jesuítas à campanha antissemita, Cossato menciona seus relatórios de 5 e 17 de agosto. Essas datas são importantes porque, durante aquelas semanas, Mussolini formulava sua primeira lei antijudaica e estava ansioso para ter certeza de que a Igreja o apoiaria em sua campanha.
39. ASV, ANI, pos. 24, fasc. 14, ff. 160r-163r, Borgongini a Pacelli, 10 ottobre 1938. Uma nota nos arquivos do secretário de Estado do Vaticano, de 7 de outubro de 1938, faz uma referência de forma similar ao acordo de 17 de agosto entre Mussolini e Tacchi Venturi, tratando-o como em vigor. ASV, AESI, pos. 1.060, fasc. 747, f. 6r.
40. Tacchi Venturi a Monsignor A. Bernareggi, vescovo di Bergamo, 11 ottobre 1938, publicado em Presenti, 1979, p. 562.
41. "Tudo isso", informou Tacchi Venturi ao papa no dia seguinte, sempre ávido a fortalecer o Duce aos olhos do pontífice, "ele me disse mostrando o quanto sentia pelo fato de a questão ter levado tanto tempo, e queria proceder com o máximo de boa vontade." ASV, AESI, pos. 1.060, fasc. 747, f. 4r, Tacchi Venturi a Pio XI, 11 ottobre 1938.
42. ASV, AESS, pos. 560, fasc. 592, f. 107r, 10 ottobre 1938. O papa instruiu Tardini a anunciar os substitutos do líder do partido de Bérgamo e da Ação Católica dos membros do conselho da Ação

Católica rapidamente. Quando Tardini sugeriu dia 15, sábado, o papa respondeu: "Não, é tarde demais! E é um fim de semana. Faça tudo na sexta, dia 14." ASV, AESS, pos. 560, fasc. 592, ff. 107v-108r, 11 ottobre 1938. O bispo de Bérgamo não estava satisfeito em remover quatro dos mais valiosos e respeitáveis membros de seu conselho da Ação Católica, homens que sem dúvida queriam fazer o que quer que fosse mais benéfico para a Ação Católica. "Também penso que uma pequena mudança na guarda (para usar a terminologia fascista) nunca prejudicou nenhuma instituição", acrescentou ele. Tacchi Venturi a Monsignor A. Bernareggi, vescovo di Bergamo, 11 ottobre 1938, in Presenti 1979, p. 562.

43. ASV, AESI, pos. 1.060, pos. 747, f. 17r, l'incaricato d'affari presso la Santa Sede, Conte Carlo Fecia di Cossato, consigliere dell'ambasciata d'Italia presso la Santa Sede, a Domenico Tardini, 12 ottobre 1938; ibid., 18r-19r, Tardini a Fecia di Cossato, 13 ottobre 1938; ASV, AESS, pos. 560, fasc. 592, f. 108v, 12 ottobre 1938.

44. Das anotações de Tardini. ASV, AESS, pos. 560, fasc. 592, f. 106r, Tardini, 9 ottobre 1938. A frase do papa aqui é uma tradução livre; agradecimento a Lesley Riva. O italiano diz: "*Roba da frati! È proprio vero che: cappuccio e cotta sempre borbotta!*"

45. ASV, AESS, pos. 560, fasc. 592, f. 109r, 14 ottobre 1938.

46. Ibid., f. 112r, 15 ottobre 1938.

47. Ibid., f. 114r, 16 ottobre 1938.

CAPÍTULO 25: A BATALHA FINAL

1.Passelecq e Suchecky, 1997, p. 69.

2. ASMAE, APSS, b. 39, fasc. 1, Cosmelli, R. Ambasciata Washington, a Ciano, "Stati Unitie Cattolicesimo", 20 ottobre 1938. Discussão mais aprofundada em Kertzer e Visani, 2012.

3. Baruch, um ex-magnata de Wall Street, na época era um filantropo e parte da "equipe de confiança" de conselheiros de Franklin Roosevelt.
4. O embaixador americano informou tudo a Washington, acrescentando que policiais em Trieste tinham impedido pessoas de celebrarem o Dia de Colombo. Ele suspeitava de que eles tivessem recebido ordens de Roma, motivados pela crença de que Colombo era judeu e como uma maneira de sinalizar a insatisfação de Mussolini com os protestos do governo americano referentes às leis raciais. NARA, M1423, rolo 12, Phillips para o secretário de estado americano, "Anti-Jewish measures in Italy", n. 1.120, 21 de outubro de 1938.
5. ASV, AESS, pos. 560, fasc. 592, f. 117r, anotações de Tardini, 19 ottobre 1938. "Um memorando oficial é necessário para assegurar que há evidência de que a Santa Sé avisou o governo italiano sobre as consequências das leis raciais", escreveu Tardini. ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, f. 15r, Tardini appunti, 19 ottobre 1938.
6. Os comentários de Borgongini foram feitos a Tardini. ASV, AESS pos. 560, fasc. 592, ff. 119r-119v, Tardini appunti, 20 ottobre 1938.
7. ASV, AESI, pos. 1063, fasc. 755, ff. 20r-21r, Borgongini, Nunziatura Apostolica d'Italia, "Progetto di appunto", n. 6.480, n.d.
8. Aqui, a lápis, Tardini inseriu "muito" antes de "heterogênea".
9. Borgongini estava desesperado para chegar a um acordo. Se nenhuma daquelas propostas fosse considerada aceitável pelo governo, acrescentou ele, o Vaticano e o governo teriam que chegar a algum entendimento antes que as novas leis fossem anunciadas. ASV, AESI, pos. 1063, fasc. 755, ff. 22r-23r, Borgongini, Nunziatura Apostolica d'Italia, "Progetto di appunto", n. 6481, sem data.
10. Tardini deixou dois relatos escritos à mão um tanto diferentes desse encontro: ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, f. 36r, 23 ottobre 1938; AESS, pos. 560, fasc. 592, ff. 123v-125r, 23 ottobre 1938.
11. ASV, AESI, pos. 560, fasc. 592, f. 125v, 23 ottobre 1938.

12. O monsenhor Francesco Bracci, secretário da Congregação para a Disciplina dos Sacramentos, também estava presente.
13. O monsenhor Alfredo Ottaviani, até 1935 substituto do secretário de Estado e depois assessor no Santo Ofício, também estava na reunião. Os homens decidiram que, em qualquer discussão com o governo, três pontos tinham que ser comunicados: (1) Casamentos mistos — quer fossem entre católicos e não católicos ou entre dois católicos de raças diferentes — eram raros e "para o futuro o Santo Padre tinha planejado submetê-los a sua revisão". (2) O governo deveria concordar em reconhecer esses casamentos raros, se necessário usando o caminho da licença real. (3) Em qualquer caso, o governo deveria reconhecer que iria ofender gravemente o sentimento religioso — e aqui, quando o papa revisou o texto, acrescentou "e a lei natural" — se punisse aqueles que, por sentimentos conscienciosos, celebrassem tais casamentos. SV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, f. 40r, Tardini appunti, 23 ottobre 1938, seguido por suas minutas do encontro com a mesma data: 41r-45r. Sobre a aprovação do papa ao plano, ver ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 49r-50r, Tardini appunti, 24 ottobre 1938.
14. ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, f. 53r, Tardini appunti, 25 ottobre 1938.
15. Ibid., ff. 56r-59r, Tacchi Venturi a Mussolini, 26 ottobre 1938.
16. Ibid., ff. 61r-64r, Adunanza presso l'E.mo Sig. Cardinale Jorio, 27 ottobre 1938. Em sua audiência como papa no dia seguinte, Tardini levou consigo dados para mostrar como estavam falando de pouquíssimos casos. No ano anterior, informou ele ao pontífice, em mais de 377 mil casamento na Itália, apenas 61 precisaram da aprovação da Igreja para um casamento entre um católico e um não católico. Também não ocorreram muitos casamentos envolvendo judeus convertidos. Ibid., f. 72r, Tardini appunti, 28 ottobre 1938.
17. Antes, o nazistas tinham se preocupado com o impacto negativo que um anúncio como esse poderia ter nos Estados Unidos, mas agora

o ministro das Relações Exteriores alemão estava menos preocupado: a recente crise na Sudetolândia revelara quão fortes eram os isolacionistas nos Estados Unidos. Sua única preocupação era que o anúncio provocasse ira entre os judeus americanos, "mas a propaganda judaica na América contra a Alemanha e a Itália era forte apenas na parte leste, enquanto na parte oeste do país ia minguando cada vez mais. Era precisamente essa parte oriental dos Estados Unidos da América que exercia uma influência dominante na política externa". DGFP, série D, vol. 4, n. 400, "Conversation between the Reich foreign minister, Herr von Ribbentrop, and the Italian foreign minister, Count Ciano", Roma, 28 de outubro de 1938.

18. Dos documentos diplomáticos de Ciano: "Conversation between the Duce and the foreign minister of the Reich, Von Ribbentrop, in the presence of Count Ciano, Rome, 28th October 1938", em Muggeridge, 1948, pp. 242-46.

19. Citado em Ciano, 2002, 148-49.

20. ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 71r-83r, Tardini, "Appunto per l'Ufficio. Letto al Santo Padre," 29 ottobre 1938.

21. ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 76r-76v, Tardini appunti, 29 ottobre 1938.

22. CC, 1938, IV, pp. 371-72; Confalonieri, 1957, p. 379.

23. MAESS, vol. 38, 196-97, Charles-Roux, 27 septembre 1938.

24. ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 88r-89v, 30 ottobre 1938.

25. "Acostumado a ver Mussolini com muita frequência", observou Tardini naquele dia, Tacchi Venturi "era impressionado por seus bons atributos e sempre guardara uma profunda afeição por ele". Mas agora que Mussolini se recusava a recebê-lo, o jesuíta estava aborrecido. Embora esteja com a data daquele dia, Tardini na verdade só escreveu a anotação mais tarde, o que dificulta sua interpretação. Ele acrescentou: "Apesar das várias tentativas [de encontrar o Duce], Mussolini demonstrava que não confiava mais no P.T.V. Ele o recebia de vez em quando, mas quase nunca e com muita frieza. No fim, ele

não o encontraria mais de forma alguma." ASV, AESI, pos. 1063, fasc. 755, ff. 129r-129v, 31 ottobre 1938.

26. ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 130r-131r, 31 ottobre 1938. O bilhete de Tacchi Venturi sobre o encontro encontra-se em ARSI, TV, b. 28, fasc. 2159, "Promemoria da me letto a S.E. Buffarini il 31 ottobre 1938". Em meio ao afastamento de Mussolini do Vaticano, uma nota nos arquivos diplomáticos alemães relata um episódio dissonante. Em 1º de novembro, enquanto Mussolini e Ribbentrop viajavam de trem para Verona, o Duce fez um pedido especial. Poderia o ministro das Relações Exteriores fazer algo para melhorar a relação com a Igreja Católica na Alemanha? Sua própria relação com o Vaticano, confidenciou, tinha se tornado hostil por conta de sua recém-anunciada política racial, e ele estava ansioso para ver uma melhora nas relações das forças do Eixo com a Igreja Católica. Ele bateu tanto nessa tecla que Ribbentrop ordenou que o Ministério das Relações Exteriores preparasse um relatório sobre o que poderia ser feito para melhorar as relações com o Vaticano. O pedido de Mussolini produziu outro efeito: Ribbentrop decidiu deixar Bergen em Roma como embaixador da Santa Sé. Pacelli, durante meses, ficou preocupado com o fato de que Bergen seria substituído por um nazista radical. DGFP, series D, vol. 4, n. 468, "Memorandum by the Director of the Political Department", Woermann, Vienna, 3 de novembro de 1938.

27. ASV, ANI, pos. 9, fasc. 5, ff. 139r-141r, "Provvedimenti per la tutela della razza italiana".

28. Tacchi Venturi também lhes disse sobre a necessidade de rascunhar um novo texto para as instruções de casamento que a Congregação para a Disciplina dos Sacramentos dera à Igreja Católica na Itália. A nova redação que ele havia proposto proibia padres de realizarem casamentos religiosos se a nova lei racial não permitisse, exceto nos casos que envolviam "sentimentos conscienciosos muito sérios". Exatamente o que se queria dizer com essa última frase ficou sem

definição. Todos os presentes manifestaram sua aprovação. ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 139r-141r, "Adunanza presso l'E.mo sig. Card. Jorio", 2 novembre 1938.

29. "É óbvio que com um acréscimo desse", observou Tardini, "o governo teria aceitado plenamente o princípio da Santa Sé, isto é, de que o conceito de religião prevalece sobre o da raça." ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 149r-150v, Tardini appunti, 3 novembre 1938, ênfase no original.

30. ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 162r-164r, "Relazione del colloquio avuto con S.E. Buffarini il 3 novembre 1938", Tacchi Venturi; ibid., f. 171r, Tardini appunti, 4 novembre 1938.

CAPÍTULO 26: FÉ NO REI

1.ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 177r-178r, Pio XI a Mussolini, 4 novembre 1938.

2. Ibid., ff. 180r-181r, Tacchi Venturi a Mussolini, 4 novembre 1938. Na tentativa de tornar o papa benquisto pelo Duce, Tacchi Venturi acrescentou que o pontífice pensou a princípio em escrever diretamente para o rei, como manda o protocolo, mas, reconhecendo o tanto que o Duce fizera pela Igreja, decidira lhe dar a chance de ajustar as coisas primeiro.

3. A pedido do papa, Pacelli rascunhou as duas cartas, uma para o rei e outra para Mussolini. Um versão publicada da carta para o rei está disponível em DDI, série 8, vol. 10, n. 360, "Sua Santità Pio XI a Re Vittorio Emanuele III", 5 novembre 1938; o rascunho original escrito à mão de Pacelli, com correções, encontra-se em ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 184r-84v.

4. Poucos dias depois, Dino Grandi, que fora ministro das Relações Exteriores de Mussolini e depois seu embaixador na Grã-Bretanha, fez uma reflexão sobre a relação do rei com o Duce. "Por vinte anos",

observou, "o rei e Mussolini encararam-se como dois esgrimistas sobre a esteira, com suas espadas erguidas." Enquanto Grandi captura a prudência mútua dos dois homens, sua descrição é falha ao não observar que a luta é desigual — o rei estava sempre com medo de desagradar o Duce. Mas, apesar de seus temperamentos e vidas radicalmente diferentes e do servilismo do rei, eles compartilhavam uma profunda solidão, uma improvável química e uma visão turva de seus camaradas seres humanos. De Felice, 1981, pp. 14-15.

5. ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, f. 186r.

6. Mussolini comunicou sua resposta por meio de Buffarini. ASV, ANI, pos. 9, fasc. 5, f. 141r, Buffarini a Tacchi Venturi, 7 novembre 1938.

7. Ciano, 2002, pp. 151-52.

8. Fogarty, 1996, p. 562. Roosevelt ordenou que a nau capitânia da frota naval americana nas águas francesas fosse para Nápoles para comparecer às cerimônias em homenagem a Mundelein, e Phillips participou de um almoço a bordo oferecido pelo contra-almirante americano. "Nesse momento específico, quando a perseguição religiosa está crescendo, até na Itália", Roosevelt disse a Phillips, "a importância do que eu quero fazer não será ignorada pelos italianos, e acho que esse efeito não pode ser saudável." Phillips, 1952, pp. 222-23.

9. Antes de terminarem sua conversa, seu convidado de honra uniu-se a eles. O cardeal Mundelein disse a Ciano que estava certo de que falava em nome de todos os católicos americanos — "e muitos não católicos nos Estados Unidos" — no que dizia respeito a instigar o governo a manter seus compromissos com a Santa Sé. ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 200r-202v, Borgongini a Pacelli, 9 novembre 1938.

10. ASMAE, APG, b. 46, R. Ambasciata, Berlino, a Regio Ministero degli affari esteri, "Reazioni anti-Semite in Germania", 26 novembre 1938. O núncio papal, Cesare Orsenigo, também enviou um relatório

detalhado sobre a perseguição para o Vaticano, mas não há registro de qualquer palavra emitida pela Santa Sé em protesto. Wolf, 2010, pp. 205-6. A violência foi relatada também em CC, 1938, IV, pp. 476-78.

11. Perin, 2011, p. 207.

12. ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 203r-204r, Tacchi Venturi a Mussolini, 10 novembre 1938.

13. Fornari, 1971, pp. 185-86; *Il Regime Fascista*, 8 novembre 1938, p. 3

14. "La chiesa e gli ebrei in un discorso dell'on. Farinacci", *Il Giornale d'Italia*, 9 novembre 1938.

15. DDI, série 8, vol. 10, n. 390, Pignatti a Ciano, 12 novembre 1938.

16. O documento, possivelmente preparado por Tardini, tem o título "Action Taken by the Holy See on the Question of Racism" [Ação tomada pela Santa Sé na questão do racismo]. ASV, AESI, pos. 1.054, fasc. 738, ff. 34r-39r. Não possui data, mas refere-se aos eventos do dia 21 de setembro. No entanto, o arquivo é encontrado nos arquivos do Vaticano logo depois de um com a data de 4 de novembro de 1938, o que sugere uma data na primeira quinzena de novembro.

17. ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 212r-213r, Pacelli, telegramma per Parigi, San Sabastiano, Londres, 11 novembre 1938.

18. ASV, ANI, pos. 9, fasc. 5, ff. 162r-166r, Pacelli a Pignatti, 13 novembre 1938. No dia seguinte, Pacelli enviou um memorando para os cardeais da Cúria para deixá-los a par da situação, anexando diversos documentos para sua informação, incluindo duas das cartas obsequiosas de Tacchi Venturi para Mussolini, o texto da nova lei, as cartas do papa para Mussolini e para o rei com suas mudanças sugeridas na redação do artigo 7 da nova lei proposta, a resposta do rei e a carta de protesto de Pacelli para Pignatti em 13 de novembro. ASV, ANI, pos. 9, fasc. 5, ff. 143r-161r.

19. Reproduzido em Sale, 2009, p. 286.

20. "A proposito di un nuovo Decreto Legge", OR, 14-15 novembre 1938, p. 1. Em 16 de novembro, o embaixador britânico na Itália, D'Arcy Osborne, enviou sua análise sobre os protestos do papa para o visconde Halifax em Londres. Depois de resumir o artigo de *L'Osservatore Romano* e seu protesto sobre a violação da concordata, ele observou: "Será interessante ver se alguma coisa sai desse protesto, pois vai mostrar se Mussolini atribui uma importância maior às visões e influências dos fascistas mais extremos e seus confederados nazistas ou às dos católicos italianos. Suspeito que os protestos do Vaticano vão pesar, não por seus próprios méritos, mas por pura conveniência. E eu ficarei agradavelmente surpreso se as considerações de conformidade com o princípio fascista e a prática nazista não forem as vencedoras." FCRSE, pt. 16, outubro a dezembro de 1938, n. 58.
21. No dia seguinte, falando com Tardini, Pio XI narrou sua conversa com o velho jesuíta: "Ontem, o padre Tacchi Venturi veio aqui apenas para me dizer que o artigo causou uma boa impressão no governo. Mais ainda lhe disse umas poucas e boas!"
22. Se Pacelli evitou a situação esperando até que o papa se esquecesse do assunto, por conta de sua memória titubeante, ou convencendo o pontífice de que aquilo não era uma boa ideia, não fica claro ao lermos o relatório de Tardini, que é nosso único vislumbre com relação a essa conversa. Tardini apenas escreveu que Pacelli foi "bem-sucedido em evitar o problema". O relato escrito à mão de Tardini, datado de 15 de novembro de 1938, mas escrito algum tempos depois, encontra-se ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 321r-321v, 329r.
23. Charles-Roux, 27 février 1937, citado em LaCroix-Riz, 1994, p. 55.
24. ASMAE, AISS, b. 5, fasc. 1, sf. 5, "Lettera aperta a S. E. il Cardinale Schuster Arcivescovo di Milano", marzo 1930. Mais detalhes sobre o episódio são fornecidos em ACS, MI, FP "Schuster".

25. ASMAE, APSS, n. 314.682, Ministero degli Affari Esteri, "Appunto per la Dir. Gen. A.E.M. Uff. V", 1 settembre 1937.
26. Ferrari 1982, p. 590. ACS, MI, FP "Schuster", informatore n. 553, 27 novembre 1938. Como contou um informante da polícia, o choque em Milão provocado pelo ataque de Schuster veio "da convicção geral de que esse cardeal (...) era completamente ligado ao PNF e como tal também estava disposto a seguir a política racial". Ibid., 30 novembre 1938. Ver também ibid., informatore n. 37, 2 dicembre 1938.
27. ASV, ANI, pos. 9, fasc. 5, ff. 168r-169r, Pacelli a Pignatti, 22 novembre 1938.
28. Ibid., ff. 170r-171r, Pignatti a Pacelli, 29 novembre 1938.
29. O jornal em questão era *Il Popolo d'Italia*. No mesmo dia, o respeitado *Corriere della Sera* alegou que Roosevelt estava perdendo apoio popular nos Estados Unidos e previu que ele "em breve pudesse ser confrontado por uma reação violenta a favor do princípio da neutralidade americana e contra a influência traiçoeira judaica agora dominando a Casa Branca". Os artigos do jornal são todos citados por Reed em M1423, rolo 1, Edward L. Reed, encarregado de negócios interino, Roma, ao secretário de Estado, Washington, n. 1.184, 2 de dezembro de 1938.
30. Confalonieri 1957, p. 379.
31. DDI, série 8, vol. 10, n. 510, Pignatti a Ciano, 6 dicembre 1938.
32. ACS, MI, DAGR, b. B7-G, #81980-3, Milano, 4 dicembre 1938.
33. ACS, MI, DAGR, b. B7-G, #81984-5, Milano, 5 dicembre 1938; Israel, 2011, p. 62; Matard-Bonucci, 2008, p. 293.

CAPÍTULO 27: UMA MORTE CONVENIENTE

1.DDI, série 8, vol. 10, n. 539, Pignatti a Ciano, 12 dicembre 1938. Essas últimas palavras, também, estão sublinhadas no original.

2. Ciano, 2002, pp. 165-66.
3. Baudrillart, 1996, pp. 902-3.
4. "Parole di Padre", OR, 25 dicembre 1938, p. 1.
5. Pacelli recrutou Montini para ajudá-lo a tentar convencer o papa. ASV, AESI, pos. 1.063, fasc. 755, ff. 479r-479v, Tardini appunti, 24 dicembre 1938.
6. Em uma reunião na qual Ciano informou sobre a raiva do Duce, Borgongini defendeu o papa. Ele culpou as recentes tensões pelo apoio total de Mussolini aos nazistas, incluindo o inexplicável empenho do governo em minar a concordata ao banir os casamentos mistos. O papa, com suas generosas observações sobre o Duce em seus discursos para os cardeais, disse ele, estava fazendo sua parte para restaurar as relações harmoniosas que todos eles queriam tanto. Agora, cabia a Mussolini encontrá-lo no meio do caminho. ASV, ANI, pos. 24, fasc. 5, ff. 2r-6r, Borgongini a Pacelli, 28 dicembre 1938.
7. Ciano, 2002, p. 171 (1º de janeiro de 1939).
8. François-Bonnet, 31 de dezembro de 1938, citado em De Felice, 1981, pp. 571-72.
9. Petacci, 2010, pp. 445-46.
10. Petacci, 2011, pp. 21-35.
11. Ciano, 2002, p. 172 (2 de janeiro de 1939).
12. DDI, série 8, vol. 11, n. 6, Pignatti a Ciano, 3 gennaio 1939. Em janeiro também, Ciano e Mussolini encontraram com o embaixador americano para receber uma proposta do presidente Roosevelt. Em uma carta datada de 7 de setembro, Roosevelt pediu ao Duce que ajudasse a lidar com a crise humanitária gerada pelo grande número de judeus forçados a deixar seus lares da Europa, mas não tinham para onde ir. Roosevelt propôs que a Itália designasse uma região da Etiópia para criar um refúgio para os judeus. *Foreign Relations of the United States*, vol. 1, pp. 858-59, "President Roosevelt to the Chief of the Italian Government (Mussolini)", 7 de dezembro de 1938; e ibid.,

pp. 859-60, "Memorandum Elaborating the Points Referred to in President Roosevelt's Letter to the Chief of the Italian Government, 7 de dezembro de 1938". Mussolini respondeu que o governo italiano, dada sua posição em relação aos judeus, não poderia desempenhar tal papel, mas disse ao embaixador Phillips, de forma um tanto jocosa, que os Estados Unidos possuíam um vasto território e perguntou se não poderiam alocar uma região deles mesmos para os refugiados judeus da Europa. DGFP, série D, vol. 4, n. 424, embaixador na Itália para ministro das Relações Exteriores, 4 de janeiro de 1939; NARA, M1423, rolo 1, Edward Reed, Roma, para o secretário de Estado, 6 de janeiro de 1939, n. 1.238; DDI, série 8, vol. 11, n. 47, Vitetti ai Direttori Generali degli Affari Transoceanici, Roma, 11 gennaio 1939.

13. DDI, série 8, vol. 11, n. 26, Pignatti a Ciano, 7 gennaio 1939; ASMAE, AISS, b. 95, fasc. 1, sf. 1, Pignatti, 7 gennaio 1939.

14. Renato Moro (2005, pp. 51-55) oferece uma análise perspicaz de como até mesmo o cardeal Schuster, dos cardeais e bispos italianos o mais notável crítico da adoção das leis raciais por parte do regime fascista, manteve sua crença na benevolência do regime fascista italiano como tal. O problema foi o movimento de algumas correntes fascistas de transformar o fascismo italiano ao importar o que ele via como a ideologia pagã dos nazistas.

15. Charles-Roux, em seu relatório para o ministro das Relações Exteriores francês de 31 de dezembro de 1938, fez uma citação da edição do dia anterior. MAEI, vol. 267, 152-53.

16. O sermão do bispo sobre os judeus foi publicado em duas partes no jornal do Vaticano: "Un'Omelia del vescovo di Cremona, La Chiesa e gli Ebrei", OR, 15 gennaio 1939, p. 2; "L'Omelia del vescovo di Cremona, Perchè si accusa la Chiesa", 16-17 gennaio 1939, p. 2. A versão do sermão do bispo Lenten publicado em *L'Osservatore Romano* parece ter sido atenuada com a exclusão da frase

do bispo: "A Igreja nada disse e nada fez para defender os judeus e o judaísmo." Para uma discussão sobre essas mudanças, ver Binchy, 1970, pp. 622-23, e Bocchini Camaiani, 1989, pp. 62-63. Gallina (1979, pp. 523-24) reproduz uma parte do relatório do prefeito de Cremona, de 8 de janeiro, do sermão a Buffarini, descrevendo-o como um apoio forte à campanha antissemita fascista.

17. Bocci, 2003, pp. 501-5. Não era surpresa alguma que Farinacci pensaria em recorrer ao influente Gemelli para a tarefa de demonstrar forte apoio à Igreja pela campanha antissemita. A essência do que Gemelli dissera em Bolonha foi retirada do seu recente e muito divulgado discurso de abertura para o ano acadêmico de 1938-39 da Universidade Católica de Milão. Ele não apenas criticou ferozmente os "conluios judaico-maçônicos" com o inimigo, mas seu panegírico a Mussolini quase não poderia ser mais entusiástico: "Devemos formar a nova Itália, a Itália da era de Mussolini, essa 'juventude de Mussolini', como eles têm sido chamados, capazes de largar o livro e pegar um rifle para servir à pátria como soldados." Publicado na revista de Gemelli, *Vita e Pensiero* 15, n. 1, pp. 5-12, 1939, discutido em Bocchini Camaiani 1989, p. 48n14. As opiniões de Gemelli sobre os judeus estavam muito alinhadas com as do superior-geral jesuíta e *La Civiltà Cattolica*. Desde a época em que fundara a Universidade Católica, de tempos em tempos ele bradava raivosamente contra os judeus. Apenas poucos meses antes de seu discurso em Bolonha, ele escreveu a um amigo que a democracia ocidental era uma cortina de fumaça manipulada por uma conspiração "judaico-maçônica". Bocci, 2003, p. 523n14.

Gemelli era um santo terror, como foi o primeiro a admitir. Ele havia criado a Universidade Católica, lutara por ela e a considerara seu próprio feudo. Nesse processo, contara com o apoio forte do papa e das autoridades fascistas. "Tenho muitos defeitos", disse ele a uma plateia em 1931. "Reconheço todos eles. Sou violento, intimidador,

confuso." Mas Deus, prosseguiu, sabia como usar os defeitos das pessoas para Seus próprios fins. "Para fazer uma universidade é preciso um homem como eu. Até mesmo um tirano." Cosmacini 1985, p. 203.

O discurso inflamado antissemita de Gemelli, ao apoiar de forma oportuna os esforços de Farinacci para mostrar que as leis antissemitas do regime condiziam com os ensinamentos da Igreja, pode ter sido ainda mais esquálido. Há evidência de que, ao realizar os desejos de Farinacci, ele esperava ser nomeado para a Academia Italiana, a mais respeitada sociedade acadêmica honorária. No caso, Farinacci cumpriu com sua parte do acordo. Em 19 de março, ele recomendou a Mussolini com insistência que nomeasse Gemelli para a Academia. Farinacci estava convencido de Gemelli logo seria apontado como cardeal, e ter alguém como "verdadeiramente nosso homem" tão perto do pontífice seria, disse ele ao Duce, da maior utilidade. MAEI, vol. 267, 158-59, Charles-Roux à Georges Bonnet, 19 janvier 1939. Mussolini disse que "não é a hora certa" e não fez a nomeação. Nem Gemelli foi apontado como cardeal. Para uma discussão a respeito desse episódio, ver Bocci, 2003, pp. 506-8.

18. MAEI, vol. 267, 158-59, Charles-Roux à Georges Bonnet, 19 janvier 1939.

19. ACS, MI, FP "Gemelli", informatore n. 390 (= Arrigo Pozzi), "Gli umori del nuovo papaverso padre Gemelli. Una scena pietosa con Pio XI", Milano, 10 marzo 1939.

20. Nas primeiras semanas de 1939, *La Civiltà Cattolica* publicou um artigo refazendo a acusação de que os maçons era o maior inimigo da civilização cristã, aliados com o "judaísmo cosmopolita, que não era leal a nenhum país". Antonio Messineo, "L'internazionalismo cosmopolita e l'essere nazionale", CC, 1939, I, pp. 7-20, citado em Vian, 2011, pp. 131-32.

21. Venini, 2004, p. 251. Venini não faz menção a qualquer atrito entre o papa e Gemlli.
22. Riccardi, 1996, p. 536. A Itália possuía 274 dioceses, cada uma conduzida por um bispo ou arcebispo.
23. Pignatti, que ficou sabendo dessa troca por meio de Pacelli, de pronto informou a Ciano e pediu que os dois se encontrassem para discuti-la. ASMAE, AISS, b. 101, fasc. 1, Pignatti a Ciano, 11 gennaio 1939.
24. O monsenhor Montini, sabendo como Mussolini ficava sensível com os relatórios da insatisfação do papa com o governo italiano, enviou a Pignatti uma cópia do jornal do Vaticano. Mas Pignatti não ficou contente e lhe disse que o assunto não era do tipo que deveria ser tratado com comicidade. O Vaticano deveria ter emitido uma negação formal em vez disso. ASMAE, APSS, b. 44, fasc. 2, Pignatti a Ciano, 11 gennaio 1939. De 11 a 14 de janeiro, Ciano e Mussolini tiveram sua atenção desviada pela visita a Roma do primeiro-ministro e do ministro das Relações Exteriores britânicos. DBFP, 1919-1939, série 3, vol. 3, n. 500, pp. 517-30, R 431/1/22, "Conversations between British and Italian Ministers, Rome, January 11-14, 1939", e n. 502, pp. 531-40, R 546/1/22, "The Earl of Perth (Rome) to Viscount Halifax (Received January 23)", 19 de janeiro de 1939. Os dois visitantes britânicos participaram de uma breve audiência com o papa em 13 de janeiro. Chamberlain descreve o papa como se ele estivesse gozando de "razoável boa saúde". "British Statesmen Confer with Pope", NYT, 14 de janeiro de 1939, p. 5.
25. Na edição de Natal do *The New York Times*, a manchete da primeira página dizia: "Pius XI Deplores Fascist Hostility, Reveals Incidents", (25 de dezembro de 1938, p. 1). O artigo não é de todo preciso, já que a maioria dos jornais nos Estados Unidos, França e Grã-Bretanha estavam ávidos para retratar o papa como um inimigo

implacável das leis raciais e do regime fascista, omitindo as distinções que de fato eram feitas nos protestos papais.

26. DDI, série 8, vol. 11, n. 56, Pignatti a Ciano, 14 gennaio 1939.

27. No dia 19, Borgongini perguntou a Buffarini, subsecretário de Assuntos Internos de Mussolini, como o governo planejava celebrar o décimo aniversário. O líder fascista respondeu com rispidez: "Como vamos celebrar dadas as circunstâncias?" Mas, quando o núncio indicou todo o contentamento que a Conciliação gerara entre os italianos uma década antes e como estavam certos de esperar uma celebração principal, Buffarini admitiu: "Sim, sim, você tem razão, precisamos fazer algo." ASV, ANI, pos. 24, fasc. 14, ff. 174r-177r, Borgongini a Pacelli, 19 gennaio 1939.

28. Esses eventos estão registrados no relato de Tardini: ASV, AESS, pos. 576, fasc. 607, ff. 15r-15v, 17r.

29. Sale, 2009, p. 45.

30. Como o rascunho original, junto com o trabalho que Rosa fizera nele várias semanas antes, voltou para Ledóchowski, não sabemos. O padre Rosa pode ter contado o segredo a seu sucessor a editor do jornal, e nesse caso ele sem dúvida teria reunido o material imediatamente para enviar a Ledóchowski. Se não, o superior geral jesuíta, ao saber da morte de Rosa, pode ter enviado uma mensagem para levarem-no para ele.

31. Sale, 2009, pp. 45-47. O padre Sale, o primeiro a informar sobre a existência dessa correspondência em seu livro, em 2009, defende Ledóchowski e Rosa da acusação de tentarem impedir o papa de publicar uma encíclica denunciando o racismo e o antissemitismo. Ele argumenta (Sale, 2009, p. 47) que a questão deles com o rascunho era que LaFarge, por não ser familiarizado com o estilo peculiar das encíclicas papais, não tinha seguido o padrão apropriado. É muito difícil acreditar que essa tenha sido a principal preocupação deles.

32. "Un'Omelia dell'E.mo Patriarca di Venezia", OR, 19 gennaio 1939, p. 2.

33. ASMAE, AISS, b. 102, "Notizia fiduciaria", Roma, 19 gennaio 1939.
34. DDI, série 8, vol. 11, n. 102, Pignatti a Bastianini, 24 gennaio 1939.
35. ASV, AESS, pos. 576, fasc. 607, ff. 22r-23v, Tardini appunti, 22 gennaio e 1 febbraio 1939.
36. Ciano, 2002, p. 184 (1º de fevereiro de 1939).
37. Mussolini fez esse comunicado por meio de Pignatti. ASMAE, AISS, b. 101, Pignatti a Ciano, n. 414/133, 3 febbraio 1939. O relato de Pacelli sobre o encontro é encontrado em ASV, AESS, pos. 576, fasc. 607, f. 19r, 3 febbraio 1939.
38. ASV, AESS, pos. 576, fasc. 607, f. 20r, 4 febbraio 1939.
39. "Se, apesar de sua presença na Basílica de São Pedro", Pignatti alertou Ciano, "o papa ainda der vazão a seu mau humor, o mundo católico e as pessoas de bem sem dúvida vão perceber a justeza do governo real, mesmo que o papa responda de forma rude." ASMAE, AISS, b. 101, Pignatti a Ciano, n. 439/144, 4 febbraio 1939.
40. Bottai, 2001, p. 141.
41. ASV, AESS, pos. 576, fasc. 607, f. 21r, 6 febbraio 1939. Charles-Roux forneceu suas reflexões sobre a decisão de enviar Ciano em seu relatório de 8 de fevereiro para Paris. MAEI, vol. 267, pp. 165-66.
42. Papin, 1977, p. 49.
43. Confalonieri, 1957, pp. 385-386.
44. Tardini registrou as palavras do papa. ASV, AESS, pos. 576, fasc. 607, f. 102r.
45. Ibid.
46. Fattorini, 2007, p. 213.
47. Venini, 2004, p. 254.
48. Ciano, 2002, p. 187 (9 de janeiro de 1939).
49. Camille Cianfarra, "Pope Pius Is Dead at the Age of 81; Cardinals at Bedside in the Vatican", NYT, 10 de fevereiro de 1939, p. 1. Tais

relatos de segunda mão sobre as últimas palavras do papa são, é claro, notoriamente duvidosos.

50. "Death of the Pope", *The Times* (Londres), 11 de fevereiro de 1939, p. 12.

51. Chiron (2006, 463-64) descreve as últimas horas do papa.

CAPÍTULO 28: UMA NUVEM NEGRA SE DISSIPA

1.Charles-Roux, 1947, pp. 243-44.

2. Ciano, 2002, p. 188 (10 de fevereiro de 1939). O momento dramático da morte do papa, na véspera do dia em que ele faria o discurso para todos os bispos da Itália, o mesmo discurso que Mussolini temia que o denunciasse, serviu de inspiração para uma variedade de teorias da conspiração. A figura central dessas especulações era o pai de Clara Petacci, Francesco, um médico experiente no departamento médico do Vaticano. Por diversas razões, ligadas não apenas a Clara, mas a seu irmão — ele estava envolvido em vários incidentes financeiros duvidosos, aproveitando-se dos vínculos da família com Mussolini —, é possível que Francesco fosse vítima de chantagem. Observando que nos últimos dias do papa, seu médico particular, Aminta Milani, estava doente e acamado, os proponentes dessa teoria argumentam que, de alguma forma, Petacci pai tirou proveito de sua posição a fim de mandar o papa enfermo para a outra vida antes que ele pudesse fazer seu temido discurso no décimo aniversário do Tratado de Latrão. Em uma matéria de primeira página de 1972, o *The Times* de Londres noticiou que o cardeal Tisserant dissera a seus colegas mais íntimos que acreditava que o papa tivesse sido assassinado e suspeitava de Petacci. Como evidência a mais, foi alegado que Petacci ficara encarregado de preparar o corpo do papa para o funeral e, assim, poderia ter removido qualquer sinal de envenenamento. "Support for Theory of 1939 Killing of Pope",

Times, 23 de junho de 1972, p. 1. Em 2005, o historiador Piero Melograni ressuscitou a teoria. Antonio Carioti, "La morte sospetta di Pio XI. Stava per condannare il Duce", *Corriere della Sera*, 11 luglio 2005, p. 25. Embora o momento da morte do papa assuma um caráter duvidoso, não há, de fato, nenhuma evidência válida para sugerir que ele tenha morrido de outra causa que não uma natural. Mas a história é tão sensacional que continua reaparecendo, mais recentemente em Mauro Suttora, "Pio XI fu assassinato dal padre di Claretta?", *Corriere della Sera*, 17 maggio 2012.

3. Caviglia, 2009, p. 227 (10 febbraio 1939).

4. Durante as semanas anteriores, Pignatti aconselhou o regime a não fazer nada para fortalecer a influência das forças antifascistas entre os cardeais. Mas mesmo com o papa moribundo, Achille Starace, líder do PNF, exigia que o governo apresentasse um novo protesto: certos grupos da Ação Católica estavam envolvendo-se em atividades políticas. No dia seguinte à morte do papa, Pignatti escreveu para Starace, dizendo-lhe que não estava ansioso para levar essa questão ao Vaticano no momento. Na ausência de um papa, ela precisaria ser encaminhada ao Sacro Colégio, para os mesmos homens que votariam no sucessor do papa. Aparentemente, até mesmo o superfascista Starace valorizou a lógica do embaixador e, naquela noite, enviou um telegrama dizendo que compreendia. ASMAE, APSS, b. 42, Pignatti a Starace, 11 febbraio 1939, n. 545; ibid., Pignatti a Ciano, 12 febbraio 1939, n. 553.

5. Ciano, 2002, p. 189 (12 de fevereiro de 1939).

6. Petacci, 2011, pp. 52-53 (12 febbraio 1939).

7. ASV, ANI, pos. 1, fasc. 7, ff. 7r-9r, Borgongini a Monsignor Vincenzo Santoro, segretario del Sacro Collegio, 13 febbraio 1939. Santoro respondeu dois dias depois, confirmando que os bispos não tinham recebido nenhum documento secreto. Ibid., f. 10r, Santoro a Borgongini, 15 febbraio 1939. Pignatti também perguntou a Pacelli

sobre o boato e recebeu a mesma negativa. ASMAE, AISS, b. 101, Pignatti a Ciano, 13 febbraio 1939, n. 557.

8. Fattorini (2011, pp. 210-15) oferece uma versão em inglês do texto completo, publicando a versão original em italiano em Fattorini (2007, pp. 240-44). Para a análise da decisão de Pacelli de ocultar o discurso, ver pp. 187-93 da edição em inglês. O documento encontra-se em ASV, AESS, pos. 576, fasc. 606, ff. 147r-153r.

9. ASV, AESS, pos. 576, fasc. 607, f. 165r, appunto Tardini, "Materiale preparato da S.S. Pio XI per l'adunanza del 12 febbraio 1939", 12 gennaio 1941.

10. ASMAE, AISS, b. 101, Pignatti a Esteri-Gabinetto, 22 febbraio 1939, n. 23.

11. "Mentioned to Succeed Pius", BG, 11 de fevereiro de 1939, p. 3. A especulação do *Los Angeles Times* concentrava-se em Pacelli e Schuster como os dois principais candidatos ao papado na época da morte de Pio XI. "Italian Seen as Successor", LAT, 11 de fevereiro de 1939, p. 1.

12. "Nine Leading Candidates", NYT, 12 de fevereiro de 1939, p. 43. No dia seguinte, *The New York Times* ("5 Cardinals Lead in Vatican Contest", 13 de fevereiro de 1939, p. 1) ampliou o tema, argumentando que "as chances de a Cúria apresentar um candidato bem-sucedido ao papado eram pequenas". E acrescentou: "Se, por alguma coincidência, o próximo papa for um de seus candidatos, os cardeais Massimi e Tedeschini são os mais prováveis." De sua parte, *The Times* de Londres achou que o novo papa seria provavelmente italiano, mas escolhido entre aqueles considerados "não políticos". Além do mais, o papa seria escolhido não entre a Cúria do Vaticano, mas entre os arcebispos residentes. "Choosing a Pope", *Times*, 1º de março de 1939, p. 15.

13. ACS, MCPG, b. 169, Roma, 16 febbraio 1937.

14. ACS, MCPG, b. 170, Roma, 24 febbraio 1938. Sobre os poderes de Dalla Costa de operar milagres, ver os comentários do cardeal Verdier em Papin, 1977, pp. 53-54.
15. ASV, ANI, pos. 1, fasc. 7, Borgongini a Santoro, 16 febbraio 1939; ibid., f. 15r, Cardinal Belmonte a Borgongini, 18 febbraio 1939.
16. Fattorini (2007, pp. 221-22) também chama atenção para esse fato.
17. A seguir, em quantidade, embora distante, estavam os seis cardeais franceses. A Alemanha tinha quatro; Espanha e Estados Unidos possuíam três, cada. Mais nenhum país tinha mais de um cardeal e, desses, apenas quatro vinham de fora da Europa: um canadense, um argentino, um brasileiro e um sírio. O poder do Sacro Colégio estava concentrado em Roma: vinte e quatro dos cardeais viviam lá, todos com exceção de um — Eugène Tisserant — eram italianos, a maioria com posições na Cúria, no centro do poder do Vaticano. ASMAE, AISS, b. 95, 10 febbraio 1939; *Annuario Pontificio* 1940, pp. 71-72. Pio XI nomeara setenta e sete cardeais, dos quais quatorze tinham vindo do serviço diplomático do Vaticano, e outros vinte eram da Cúria. De resto, a maioria eram arcebispos residentes cujas arquidioceses eram dignas de ter um cardeal como arcebispo. Nem todos estavam vivos na época do conclave. Agostino (1991, pp. 29-30) escreve que vinte e sete residiam em Roma, mas aqui usei o número (vinte e quatro) encontrado depois de examinar os endereços listados no *Annuario* 1940.
18. O monsenhor Montini, insatisfeito com vários artigos ofensivos na imprensa nazista, planejava publicar uma história no *L'Osservatore Romano* criticando-os. Mas quando Pignatti reclamou com o cardeal Pacelli sobre o assunto, ele interveio para impedir a publicação. Bergen seguiu o conselho de Pignatti, e isso pode ser visto no telegrama que ele enviou para o ministro das Relações Exteriores alemão em Berlim, mais tarde no mesmo dia, contando sobre sua conversa e recomendando com insistência que a imprensa alemã

diminuísse o tom das críticas ao falecido papa e a qualquer cardeal de cuja boa-vontade eles precisavam. DGFP, série D, vol. 4, n. 470, Bergen ao ministro das Relações Exteriores, 18 de fevereiro de 1939.

19. Uma razão para o otimismo de Bergen era que, desde a morte de Pio XI, ele notara uma atmosfera muito mais harmoniosa no Vaticano. Vários cardeais haviam deixado claro que esperavam chegar a um acordo com o Reich. ASMAE, AISS, b. 95, Pignatti a Ciano, 18 febbraio 1939; também publicado em DDI, série 8, vol. 11, n. 197. O relatório de Pignatti a Ciano sobre essa conversa foi enviado a Mussolini.

20. ASMAE, AISS, b. 95, Pignatti, 21 febbraio 1939.

21. Ibid., Pignatti a Ciano, 25 febbraio 1939.

22. Ibid., Pignatti a Ciano, 26 febbraio 1939. Em 27 de fevereiro, Pignatti encontrou-se com o embaixador alemão para comparar observações. Dois dos cardeais alemães, tinham recentemente garantido a Bergen que adotariam uma "atitude conciliatória" no conclave. Pacelli, ao falar pouco tempo antes com um dos cardeais alemães, manifestara "intenções claras a favor da conciliação" entre os governos alemão e italiano. Pignatti pediu outra vez a opinião do governo nazista sobre a candidatura de Pacelli. Bergen respondeu que tinha informado ao Ministério das Relações Exteriores alemão de sua forte preferência por Pacelli e "não recebi nenhuma instrução contrária". Por isso ele concluiu que seu governo tinha uma opinião favorável do ex-secretário de Estado. De sua parte, o embaixador italiano compartilhou sua preocupação sobre o que os cardeais italianos fariam no conclave. Ele se reunira com vários deles, disse, e eles não eram muito afeiçoados a Pacelli. ASMAE, AISS, b. 95, Pignatti a Ciano, 27 febbraio 1939.

23. Baudrillart, 1996, pp. 963-65, 968 (20 février, 22 février, 24 février 1939).

24. Esse é o relato de Verdier sobre a conversa, em Papin, 1977, pp. 56-57.

25. Dois dos cardeais estavam muito doentes para comparecerem à Capela Sistina, então votaram de seus aposentos no Vaticano. Sobre a chegada dos cardeais norte e sul-americanos, ver "Liner to Be Held", NYT, 11 de fevereiro de 1939, p. 1; Camille Cianfarra, "Vatican Door Shut on 62 Cardinals as Conclave Opens to Elect Pope", NYT, 2 de março de 1939, p. 1.
26. Ventresca, 2013, p. 136.
27. Várias pessoas próximas do papa testemunharam que Pio XI queria que Pacelli fosse seu sucessor. Entre eles, o próprio Pacelli, que, logo após sua eleição, confidenciou ao cardeal Verdier: "Por duas vezes, Pio XI me disse: 'Você será meu sucessor.' Eu achava que deveria protestar, mas o Santo Padre acrescentou secamente: 'Sabemos do que estamos falando.'" O novo papa prosseguiu dizendo a Verdier que acreditava que Pio XI o enviara em suas missões ao exterior para melhorar suas chances de ser eleito. Papin, 1977, p. 62.
28. Baudrillart, 1996, pp. 973-76 (1 mars, 2 mars 1939); NARA, M1.423, rolo 2, Phillips ao secretário de Estado, relatório n. 1.316, 3 de março de1939.
29. DDI, série 8, vol. 11, n. 240, Pignatti a Ciano, 2 marzo 1939.
30. Ciano. 2002, pp. 195-96 (2 e 3 de março de 1939); Tranfaglia, 2005, p. 159.
31. Pio XII lembrou a Bergen de algumas observações que ele fizera no ano anterior na Congregação Eucarística em Budapeste: "Não é função da Igreja Católica", disse Pacelli (em alemão), "tomar partido em assuntos puramente temporários e em acomodações entre diferentes sistemas e métodos que podem surgir para superar os problemas urgentes do presente." DGFP, série D, vol. 4, n. 472, Bergen ao ministro das Relações Exteriores, 5 de março de 1939.
32. DGFP, série D, vol. 4, n. 473, Bergen ao ministro das Relações Exteriores, 8 de março de 1939.
33. Morgan, 1944, pp. 159-60.

34. ACS, MI, PS, Polizia Politica, b. 210, informatore n. 52, Roma, 15 de agosto de 1938. Em um relatório seis meses depois, o informante n. 571 acrescentou outra acusação: "Quanto aos círculos do Vaticano, os pederastas mais conhecidos seriam os cardeais Pizzardo e Caccia Dominioni. Dizem que Pizzardo tinha reações íntimas com jovens rapazes de Trastevere." ACS, MI, FP, FP "Pizzardo", 20 febbraio 1939. Como esse é o único informante (de que estou ciente) que fez essa acusação contra o cardeal Pizzardo, deve ser considerada como não provada.

35. NARA, M1423, rolo 2, Joseph Kennedy, Londres, para o secretário de Estado americano [Cordell Hull], 17 de março de 1939. Willian Phillips, embaixador americano na Itália, recorda-se em suas memórias que todo inverno ele dava um grande jantar dançante em homenagem a Ciano e sua esposa, Edda Mussolini. Apesar da presença dos diplomatas do exterior mais importantes em Roma, lembra-se Phillips (1952, p. 218), Ciano devotava toda a sua atenção a jovens mulheres atraentes que tinham sido convidadas, "dando pouca ou nenhuma atenção aos embaixadores e suas esposas ou aos italianos ilustres presentes".

36. "De todos os 'fatos' que ocorreram nesses anos fatais", escreveu Dino Grandi (1985, p. 459), "esse foi o mais crucial."

37. Ciano, 2002, pp. 203-4 (18 de março de 1939); Chenaux, 2005, p. 273; De Cesaris, 2010, pp. 251-53; Casella, 2010, p. 290. No mês seguinte, ao relatar a decisão do novo papa de retirar Pizzardo de sua posição e criar a comissão de arcebispos, Charles-Roux observou que a impressão em Roma era de que o papa fizera isso para cair "nas graças do regime fascista". MAEI, vol. 267, 172-73, Charles-Roux à Bonnet, 13 avril 1939. Os relatórios dos bispos sobre as relações entre as autoridades fascistas e os grupos locais da Ação Católica são encontrados em ASV, AESS, pos. 576, fasc. 607, ff. 179r-190v.

CAPÍTULO 29: RUMO AO DESASTRE

1.Emmanuel Mounier, citado em Ventresca, 2013, p. 149.

2. ASMAE, APSS, b. 42, Pignatti a Ciano, 21 aprile 1939.

3. Morgan, 1941, pp. 241-42; Chadwick, 1986, p. 56.

4. Fattorini, 2007, p. ix.

5. ASMAE, APSS, b. 43, Ministero degli Affari Esteri a Pignatti, 26 aprile 1939. Na mesma época, o gabinete de Ciano recebeu um relatório do consulado italiano em Munique, contando sobre a dramática mudança de atitude da imprensa local em relação ao novo papa. Antes, informou o cônsul, a imprensa alemã estava desconfiada de Pacelli, que julgavam ser muito próximo da antiga liderança do Partido Central de seu tempo e nostálgico quanto à época em que a Igreja era a influência política dominante na Baviera. Mas agora, diante de suas primeiras atitudes como papa, ele era encarado por um viés positivo. ASMAE, APSS, b. 43, "Atteggiamento nazionalsocialista nei confronti del nuovo Pontefice", Munich, 27 aprile 1939.

6. Bottai, 2001, p. 148 (19 maggio 1939).

7. Há uma vasta literatura sobre a ação papal contra a Action Française. Prévotat (2001) oferece um exame completo. Spadolini (1972, pp. 291-96) publicou o relato de Gasparri sobre a batalha.

8. ASMAE, APSS, b. 44, Pignatti a Ciano, 17 luglio 1939.

9. Pio XII também contou ao núncio que, como secretário de Estado, ele fizera tudo a seu alcance para impedir Pio XI de protestar contra a aparição da suástica durante a visita de Hitler, mas sem sucesso. ASMAE, APSS, b. 43, Tamaro, R. Legazione d'Italia, Berna, al R. Ministero degli Esteri, telespresso n. 3.461/1.236, 21 luglio 1939.

10. Papin, 1977, p. 67.

11. Parsons, 2008, p. 92.

12. Ventresca, 2013, pp. 153-54, 166.

13. ACS, MI, DAGRA, b. 1.320, Roma, 11 novembre 1940.

14. Salvatore Costanza, "Gli eterni nemici di Roma", *La Difesa della Razza* 2:16 (20 giugno 1939), p. 30; Mario de Bagni, "Cristo e i cristiani nel talmud", *La Difesa della Razza* 2:14 (20 maggio 1939), pp. 8-9; Carlo Barduzzi, "Cattolici e giudei in Francia", *La Difesa della Razza* 2:14 (20 maggio 1939), pp. 26-27; Cassata, 2008, p. 127.

15. Em 1º de abril, quatro dias depois de Mussolini fazer seu pedido, o papa Pio XII enviou um telegrama de congratulações para o general Franco. "Elevando nossos corações a Deus, nos regozijamos em Sua Excelência pela imensamente desejada vitória da Espanha católica." O novo papa concluiu oferecendo sua bênção a Franco e ao povo espanhol. Franzinelli, 1998, p. 173. Duas semanas depois, o papa voltou-se para o povo espanhol em um programa de rádio: "Com imensa alegria, dirigimo-Nos a vocês, filhos amados da Espanha católica, para expressar nossas congratulações paternais pelo presente de paz e pela vitória concedida por Deus para coroar o heroísmo cristão de sua fé e caridade, demonstrados diante de um grande e nobre sofrimento." Fattorini, 2007, p. 104.

16. ARSI, TV, b. 28, fasc. 2.228, Tacchi Venturi a Luigi Maglione, 28 marzo 1939. O embaixador italiano manifestou sua satisfação com o novo pontífice depois de seu encontro com ele em meados de novembro. O papa, disse ele a Ciano, "falou que nosso país lhe dá uma grande satisfação. Ele elogiou o espírito de religiosidade, moralidade e trabalho árduo dos italianos, insistindo em declarar-se satisfeito com tudo". Casella, 2010, p. 343.

17. Antonio Messineo, em CC, 1940, IV, pp. 216-19. A carta com as queixas, de Giorgio Del Vecchio, e a resposta de Tardini são discutidas por Sale (2009, p. 149), com base em correspondências encontradas nos arquivos da revista.

18. ADSS, vol. 9, 1974, n. 289, Tacchi Venturi au Cardinal Maglione, 10 août 1943.

19. ADSS, vol. 9, 1974, n. 296, Cardinal Maglione au Père Tacchi Venturi, 18 août 1943.
20. ARSI, TV, 36, n. 2660, Tacchi Venturi a Umberto Ricci, 24 agosto 1943. Essa carta também está publicada em ADSS, vol. 9, anexa a n. 317.
21. ADSS, vol. 9, 1975, n. 317, Tacchi Venturi au Cardinal Maglione, 29 août 1943.
22. Caretti, 2010, pp. 148-49.
23. ADSS, vol. 9, n. 368, cardeal Maglione, anotações, Vaticano, 16 octobre 1943.
24. Gilbert, 1985, pp. 622-23; http://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005189. Os judeus na Itália durante a guerra abrangiam aproximadamente 35 mil judeus naturais da Itália e dez mil refugiados recentes das áreas controladas pelos nazistas. A estimativa de conversões na Itália no período de 1938-1943 é de "Jews in Italy 04: Holocaust Period 1938-1945", *Encyclopaedia Judiaca* on-line, http://www.geschichteinchronologie.ch/eu/it/EncJud_juden-in-Italien04-holocaust1938-1945-ENGL.html.

EPÍLOGO

1.Santarelli, 1991; Romersa, 1983, pp. 269-73.
2. Ciano passara os últimos meses como o embaixador de Mussolini na Santa Sé.
3. Moseley, 1999, pp. 176-247.
4. Uma imensa literatura foi produzida em relação aos últimos dias de Mussolini. Meu relato aqui se baseia amplamente em Milza (2000, pp. 935-47) e Bosworth (2002, pp. 410-12). Parece que a carta que Mussolini teria escrito de Como para sua esposa pode ter sido uma invenção posterior de Rachele. Sobre isso, ver Luzzato, 1998.

5. Innocenti, 1992, pp. 116-17.
6. Pardini, 2007, pp. 439, 455-59; Festorazzi, 2004, pp. 260-61.
7. Innocenti, 1992, pp. 169-70.
8. NYT, 19 de março de 1956, p. 31. *The Washington Post* (19 de março de 1956, p. 26) noticiou que, enquanto o jesuíta morria como um homem sem importância, fora ele que "projetara o Tratado de Latrão" em 1929.
9. O panegírico de Gemelli para o papa, publicado em sua revista, *Vita e Pensiero*, fornece a interpretação mais fascista possível da solidariedade de Pio XI. O obituário termina, um tanto dissonante, com um peã não ao homem que em tese deveria estar sendo elogiado, mas a Mussolini, recordando "a gratidão que os católicos italianos deviam ao incomparável Homem, a quem Pio XI chamou de Homem que a Providência o fizera encontrar". Ranfagni, 1975, p. 216. O padre Coughlin, por sua vez, engajou-se em uma tentativa parecida de dar a Pio XI a imagem mais pró-fascista possível depois de sua morte. "Pius XI Saved Western Civilization from Reds, Declares Fr. Coughlin", BG, 12 de fevereiro de 1939, p. 8; "Coughlin Says Pope Was Europe's Savior", NYT, 13 de fevereiro de 1939, p. 2. Com as tropas dos Aliados afugentando os alemães de Roma em junho de 1944 e seguindo com sua marcha para o norte, o padre Gemelli — e muitos como ele — tentou desesperadamente convencer os vitoriosos de que nunca tinha sido um fascista. Em julho, em uma conversa com Dom Domenico Rigoni, um velho conhecido da época anterior a ascensão de Mussolini ao poder, ele mostrou argumentos que em breve seriam usados com qualquer um que o ouvisse: se ele tinha feito qualquer coisa para agradar Mussolini e os outros líderes fascistas, era apenas porque ele era forçado a agir assim para proteger a Universidade Católica; ele era de fato antifascista, um democrata cristão. Dom Rigoni o interrompeu: "Não, meu amigo. Você era um fascista e é inútil negar." CS, MI, FP "Gemelli", Milano, 10 luglio 1944.

10. Bocci, 2003, p. 505.
11. De modo misterioso, os documentos da comissão referentes a Gemelli logo em seguida desapareceram. Sobre o empenho de Gemelli para manter sua posição depois da guerra e o apoio que recebeu do Vaticano, ver Parola, 2003.
12. Phillips, 1952, pp. 231-33.
13. Ventresca, 2013.
14. Cornwell, 1999.

REFERÊNCIAS

Nota: Todas as referências a jornais, revistas e periódicos são citadas por completo ao fim das notas.

AGOSTINO, Marc. *Le pape Pie XI et l'opinion* (1922–1939). Roma: Ecole française de Roma, 1991.

ALVAREZ, David. *Spies in the Vatican: Espionage and Intrigue from Napoleon to the Holocaust*. Lawrence: University of Kansas Press, 2002.

AMAL, Oscar L. *Ambivalent Alliance: The Catholic Church and the Action Française, 1899–1939*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1985.

Annuario Pontificio per l'anno 1940. Cidade do Vaticano: Tipografia Vaticana, 1940.

ARADI, Zsolt. *Pius XI, the Pope and the Man.* Nova York: Hanover House, 1958.

AUBERT, Roger. "Le Cardinal Mercier aux conclaves de 1914 et de 1922". *Bulletin de la Classe des lettres et des sciences morales et politiques*, v. 11, pp. 165-236, 2000.

BAIMA BOLLONE, Pierluigi. *La psicologia di Mussolini*. Milão: Mondadori, 2007.

BARATTER, Lorenzo. *Anna Maria Mussolini: L'ultima figlia del Duce*. Milão: Mursia, 2008.

BAUDRILLART, Alfred. *Les carnets du cardinal Baudrillart (20 novembre 1935–11 avril 1939)*. Ed. Paul Christophe. Paris: Éditions du Cerf, 1996.
———. *Les carnets du cardinal Baudrillart (26 décembre 1928–12 février 1932).* Ed. Paul Christophe. Paris: Éditions du Cerf, 2003.
BAXA, Paul. "A Pagan Landscape: Pope Pius XI, Fascism, and the Struggle over the Roman Cityscape". *Journal of the Canadian Historical Association*, v. 17, pp. 107-24, 2006.
BEDESCHI, Lorenzo. *Don Minzoni il prete ucciso dai fascisti.* Milão: Bompiani, 1973.
BENDISCIOLI, Mario. "Paolo VI (Giovanni Battista Montini)". In: TRANELLO, Francesco e CAMPANINI, Giorgio (orgs.). *Dizionario storico del movimento cattolico in Italia*, v. 2, pp. 448-53. Milão: Marietti, 1982.
BEYENS, Eugène-Napoléon. *Quatre ans à Rome, 1921–1926; fin du pontificat de Benoît XV—Pie XI—les débuts du fascisme.* Paris: Plon, 1934.
BIFFI, Monica. *Mons. Cesare Orsenigo nunzio apostolico in Germania (1930–1946)*. Milão: NED, 1997.
BINCHY, David A. *Church and State in Fascist Italy*. Londres: Oxford University Press, 1970.
BIOCCA, Dario. "Casa Passarge: Gramsci a Roma (1924–6)". *Nuova storia contemporânea,* v. 26, n. 1, pp. 17-36, 2012.
BLET, Pierre. "Le Cardinal Pacelli, secrétaire d'état de Pie XI". In: LEVILLAIN, Philippe (org.). *Achille Ratti pape Pie XI: Actes du colloque organisé par l'École française de Rome, Rome 15–18 mars 1989*, pp. 197-213. Roma: École française de Rome, 1996.
BOCCHINI CAMAIANI, Bruna. "Chiesa cattolica italiana e leggi razziali". *Qualestoria*, v. 17, n. 1, pp. 43-66, 1989.
BOCCI, Maria. *Agostino Gemelli rettore e francescano: Chiesa, regime, democrazia*. Bréscia: Morcelliana, 2003.
BOSWORTH, R. J. B. *Mussolini*. Londres: Arnold, 2002.

———. *Whispering City: Modern Rome and its Histories*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 2011.
BOTTAI, Giuseppe. *Vent'anni e un giorno*. Milão: Garzanti, 1949.
———. *Diario: 1935–1944*. Ed. Giordano Bruno Guerri. Milão: Biblioteca Universale Rizzoli, 2001.
BOUTHILLON, Fabrice. "D'une théologie à l'autre: Pie XI et le Christ-Roi". In: LEVILLAIN, Philippe (org.). *Achille Ratti pape Pie XI: Actes du colloque organisé par l'École française de Rome, Rome 15–18 mars 1989*, pp. 293-303. Roma: École française de Rome, 1996.
BRENDON, Piers. *The Dark Valley: A Panorama of the 1930s.* Nova York: Knopf. 2000.
BRESSAN, Edoardo. "Mito di uno stato cattolico e realtà del regime: Per una lettura dell'*Osservatore romano* alla vigilia della Conciliazione". *Nuova rivista storica*, v. 64, pp. 81-128, 1980.
CALIMANI, Riccardo. 2007. *Storia del pregiudizio contro gli ebrei*. Milão: Mondadori.
CANALI, Mauro. *Le spie del regime*. Bolonha: Il Mulino. 2004a.
———. *Il delitto Matteoti*. Bolonha: Il Mulino. 2004b.
CANNISTRARO, Philip V., SULLIVAN, Brian R. *Il Duce's Other Woman*. Nova York: Morrow, 1993.
CANOSA, Romano. *Pacelli: Guerra civile spagnola e nazismo*. Roma: Sapere 2000, 2009.
CARACCIOLO, Nicola. *Tutti gli uomini del Duce*. Milão: Mondadori, 1982.
CARETTI, Paolo. "Il *corpus* delle leggi razziali". In: MENOZZI, Daniele e MARIUZZO, Andrea (orgs.). *A settant'anni dalle leggi razziali*, pp. 117-57. Roma: Carocci, 2010.
CARNAHAN, Ann. *The Vatican: Behind the Scenes in the Holy City*. Nova York: Farrar, Straus, 1949.
CASELLA, Mario. "Pio XI e l'Azione Cattolica Italiana". In: LEVILLAIN, Philippe (org.). *Achille Ratti pape Pie XI: Actes du colloque*

organisé par l'École française de Rome, Rome 15–18 mars 1989, pp. 605-40. Roma: École française de Rome, 1996.

———. "La crisi del 1938 fra stato e chiesa nella documentazione dell'archivio storico diplomático del ministero degli affari esteri." *Rivista di storia della chiesa in Italia*, v. 54, n. 1, pp. 91-186, 2000.

———. *Stato e chiesa in Italia dalla conciliazione alla riconciliazione (1929–1931)*. Galatina: Congedo Editore, 2005.

———. *Gli ambasciatori d'Italia presso la Santa Sede dal 1929 al 1943*. Galatina: Congedo Editore, 2009.

CASSATA, Francesco. *"La Difesa della Razza": Politica, ideologia e immagine del razzismo fascista*. Turim: Einaudi, 2008.

CASULA, Carlo F. *Domenico Tardini (1888–1961): L'azione della Santa Sede nella crisi fra le due guerre*. Roma: Edizioni Studium, 1988.

CAVIGLIA, Enrico. *I dittatori, le guerre e il piccolo re: Diario 1925–1945*. Ed. Pier Paolo Cervone. Milão: Mursia, 2009.

CECI, Lucia. "'Il Fascismo manda l'Italia in rovina': Le note inedite di monsignor Domenico Tardini (23 settembre–13 dicembre 1935)". *Rivista storica italiana*, v. 120, pp. 294-346, 2008.

———. *Il papa non deve parlare: Chiesa, fascismo e guerra d'Etiopia*. Roma: Laterza, 2010.

———. "The First Steps of 'Parallel Diplomacy': The Vatican and the U.S. in the Italo Ethiopian War (1935–1936)". In: KERTZER, David, GALLAGHER, Charles e MELLONI, Alberto (orgs.). *Pius XI and America*, pp. 87-106. Berlim: LIT Verlag, 2012.

CENTERWALL, Bror. "An Audience with the Pope". *Living Age*, (22 de maio), pp. 408-411, 1926.

CERRUTI, Elisabetta. *Ambassador's Wife*. Nova York: Macmillan, 1953.

CHADWICK, Owen. *Britain and the Vatican During the Second World War*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CHALINE, Nadine-Josette. "La spiritualité de Pie XI." In: LEVILLAIN, Philippe (org.). *Achille Ratti pape Pie XI: Actes du colloque organisé par l'École française de Rome, Rome 15-18 mars 1989*, pp. 159-70. Roma: École française de Rome, 1996.

CHARLES-ROUX, François. *Huit ans au Vatican, 1932–1940.* Paris: Flammarion, 1947.

CHENAUX, Philippe. "Il cardinale Pacelli e la questione del nazismo dopo l'enciclica 'Mit brennender Sorge' (1937)". *Annali del Istituto storico italo-germanico in Trento,* v. 31, pp. 261-77, 2005.

CHIRON, Yves. *Pio XI: Il papa dei patti lateranensi e dell'opposizione ai totalitarismi*. Cinisello Balsamo: Edizioni Paoline, 2006.

CIANO, Galeazzo. 1980. *Diario 1937–1943*. Edited by Renzo De Felice. Milão: Rizzoli.

———. *Diary 1937–1943*. Trad. R. L. Miller e U. Coletti-Perucca. Coedited by S. G. Pugliese. Nova York: Enigma Books, 2002.

COCO, Giovanni. "L'anno terribile del cardinale Pacelli". *Archivum historiae pontificiae*, v. 47, pp.143-276, 2009.

CONFALONIERI, Carlo. *Pio XI visto da vicino.* 3ª ed. Milão: Edizioni Paoline, 1957.

———. "Pio XI intimo". In: COLOMBO, Carlo, BASADONNA, Ernesto, RIMOLDI, Antonio e ROVERA, Virginio (orgs.). *Pio XI nel trentesimo della morte (1939–1969): Raccolta di studi e di memorie*, pp. 21-58. Milão: Opera diocesana per la preservazione e diffusione della fede, 1969.

———. *Pio XI visto da vicino*. Cinisello Balsamo: Edizioni Paoline, 1993.

CONTI, Fulvio. "Adriano Lemmi". *Dizionario biografico degli Italiani,* v. 64, pp. 345-348, 2005.

———. "Massoneria e sfera pubblica nell'Italia liberale, 1859–1914". In: CAZZANIGA, Gian Mario (org.). *Storia d'Italia, Annali 21, La Massoneria*, pp. 579-610. Turim: Einaudi 2006.

CONWAY, John S. *The Nazi Persecution of the Churches 1933–1945*. Nova York: Basic 1968.
COPPA, Frank J. "Mussolini and the Concordat of 1929". In: COPPA, Frank J. (org.). *Controversial Concordats*, pp. 81-119. Washington, D.C.: Catholic University Press, 1999.
———. *The Policies and Politics of Pope Pius XII: Between Diplomacy and Morality*. Nova York: Peter Lang, 2011.
COSMACINI, Giorgio. *Gemelli: Il Machiavelli di Dio*. Milão: Rizzoli, 1985.
D'ALESSIO, Giulia. "The United States and the Vatican (1936–1939)". In: KERTZER, David, GALLAGHER, Charles e MELLONI, Alberto (orgs.). *Pius XI and America*, pp. 129-54. Berlim: LIT Verlag, 2012.
DE BEGNAC, Yvon. *Taccuini Mussoliniani*. Ed. Francesco Perfetti. Pref. Renzo De Felice. Bolonha: Mulino, 1990.
DE CESARIS, Valerio. *Vaticano, razzismo e questione razziale*. Milão: Guerini, 2010.
DE FELICE, Renzo. *Mussolini il fascista*. Turim: Einaudi, 1966.
———. *Mussolini il fascista: L'organizzazione dello stato fascista, 1925–1929*. Turim: Einaudi, 1968.
———. *Mussolini il duce: Gli anni del consenso, 1929–1936*. Turim: Einaudi, 1974.
———. *Mussolini il duce: Lo stato totalitario, 1936–1940*. Turim: Einaudi, 1981.
———. *Mussolini il fascista: L'organizzazione dello stato fascista, 1925–1929*, 2ª ed. Turim: Einaudi, 1995.
———. *Mussolini il rivoluzionario, 1883–1910*. Milão: Mondadori, 2010.
DE GASPERI, Maria Romana. *De Gasperi: Ritratto di uno statista*. Milão: Mondadori, 2004.
DE GRAZIA, Victoria. *How Fascism Ruled Women*. Berkeley: University of California Press, 1992.

DE ROSA, Gabriele. *Storia del Partito popolare*. Bari: Laterza, 1958.
———. "Una lettera inedita di Cardinale Gasparri sul Partito Popolare". *Analisi e prospettive*, v.1, pp. 568-73, 1959.
DE ROSA, Giuseppe. *La Civiltà Cattolica: 150 anni al servizio della Chiesa, 1850–1999*. Roma: La Civiltà Cattolica, 1999.
DE ROSSI DELL'ARNO, Giulio. *Pio XI e Mussolini*. Roma: Corso, 1954.
DE VECCHI, Cesare M. *Il Quadrumviro scomodo: Il vero Mussolini nelle memorie del più monarchico dei fascisti*. Ed. L. Romersa. Milão: Mursia, 1983.
———. *Tra papa, duce e re: Il conflitto tra Chiesa cattolica e Stato fascista nel diario 1930–1931 del primo ambasciatore del Regno d'Italia presso la Santa Sede*. Roma: Jouvence, 1998.
DEAKIN, F. W. *The Brutal Friendship: Mussolini, Hitler and the Fall of Italian Fascism.* Londres: Phoenix Press, 2000 [1962].
DEFFAYET, Laurence. "Pie XI et la condemnation des Amis d'Israël (1928)". In: PRÉVOTAT, Jacques (org.). *Pie XI et la France*, pp. 87-102. Rome: École française de Roma, 2010.
DEL BOCA, Angelo. *La Guerra d'Etiopia*. Milão: Longanesi, 2010.
DIGGINS, John. P. *Mussolini and Fascism: The View from America*. Princeton: Princeton University Press, 1972.
DUCE, Alessandro. *La Santa Sede e la questione ebraica (1933–1945).* Roma: Edizioni Studium, 2006.
DURAND, Jean-Dominique. "Lo stile di governo di Pio XI". In: SEMARARO, Cosimo (org.). *La sollecitudine ecclesiale di Pio XI*, pp. 44-60. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticano, 2010.
EBNER, Michael R. *Ordinary Violence in Mussolini's Italy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
EISNER, Peter. *The Pope's Last Crusade*. Nova York: Morrow, 2013.
FABRE, Giorgio. *Mussolini razzista: Dal socialismo al fascismo: La formazione di un antisemita*. Milão: Garzanti, 2005.

———. "Un 'accordo felicemente conchiuso'". *Quaderni di storia*, v. 76, pp. 83-154, 2012.
FALASCA-ZAMPONI, Simonetta. *Fascist Spectacle*. Berkeley: University of California Press, 1997.
FALCONI, Carlo. *I papi del XX secolo.* Milão: Feltrinelli, 1967.
FATTORINI, Emma. *Pio XI, Hitler e Mussolini, la solitudine di un papa.* Turim: Einaudi, 2007.
———. *Hitler, Mussolini and the Vatican: Pope Pius XI and the Speech that Was Never Made*. Trad. Carl Ipsen. Cambridge, RU: Polity Press, 2011.
———. "The Repudiations of Totalitarianisms by the Late Pius XI". In: KERTZER, David, GALLAGHER, Charles e MELLONI, Alberto (orgs.). *Pius XI and America*, pp. 379-96. Berlim: LIT Verlag, 2012.
FEDERICO, Giovanni. "Sanzioni". In: DE GRAZIA, Victoria e LUZZATTO, Sergio (orgs.). *Dizionario del fascismo*, pp. 2:590-92. Turim: Einaudi, 2003.
FERRARI, Ada. "Ildefonso Schuster". In: TRANIELLO, Francesco e CAMPANINI, Giorgio (orgs.). *Dizionario storico del movimento cattolico in Italia*, pp. 2:586-91. Milão: Marietti, 1982.
FERRARI, Francesco L. *L'Azione Cattolica e il "regime".* Florença: Parenti, 1957.
FESTORAZZI, Roberto. *Farinacci, l'antiduce*. Roma: Il Minotauro, 2004.
———. *Margherita Sarfatti*. Costabissara: Colla, 2010.
———. *Clara Petacci*. Bolonha: Minerva, 2012.
FIORENTINO, Carlo M. *All'ombra di Pietro: La Chiesa cattolica e lo spionaggio fascista in Vaticano, 1929–1939.* Florença: Le Lettere, 1999.
FOGARTY, Gerald P. "Pius XI and the episcopate in the United States". In: LEVILLAIN, Philippe (org.). *Achille Ratti pape Pie XI: Actes*

du colloque organisé par l'École française de Rome, Rome 15–18 mars 1989, pp. 549-64. Roma: École française de Rome, 1996.
———. "The case of Charles Coughlin: The view from Rome". In: KERTZER, David, GALLAGHER, Charles e MELLONI, Alberto (orgs.). *Pius XI and America*, pp. 107-28. Berlim: LIT Verlag, 2012.
FONZI, Fausto. "Il colloquio tra Pio XI e Jacini il 25 marzo 1929". In: *Chiesa e società dal IV secolo ai nostri giorni: Studi storici in onore del P. Ilarino da Milano,* pp. 2:651-79. Roma: Herder, 1979.
FORNARI, Harry. *Mussolini's Gadfl y: Roberto Farinacci*. Nashville, Tenn.: Vanderbilt University Press, 1971.
FRANZINELLI, Mimmo. *Stellette, croce e fascio littorio: L'assistenza religiosa a militari, balilla e camicie nere (1919–1939)*. Milão: F. Angeli, 1995.
———. *Il clero del duce/ il duce del clero: Il consenso ecclesiastico nelle lettere a Mussolini (1922–1945)*. Ragusa: La Fiacciola, 1998.
———. *I tentacoli dell'Ovra*. Turim: Bollati Boringhieri, 2000.
———. "Il clero italiano e la 'grande mobilitazione'". In: BOTTONI, Riccardo (org.). *L'impero fascista: Italia e Etiopia (1935–1941)*, pp. 251-66. Bolonha: Il Mulino, 2008.
FRANZINELLI, Mimmo, e EMANUELE Marino. *Il duce proibito: Le fotografie di Mussolini che gli italiani non hanno mai visto*. Milão: Mondadori, 2003.
GALEOTTI, Carlo. *Mussolini ha sempre ragione: I decaloghi del fascismo.* Milão: Garzanti, 2000.
GALLAGHER, Charles R. *Vátican Secret Diplomacy*: *Joseph P. Hurley and Pope Pius XII*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 2008.
GALLINA, Giuseppe. "Il vescovo di Cremona Giovanni Cazzani e il suo atteggiamento di fronte al fascismo durante il pontificato di Pio XI". In: PECORARI, Paolo (org.). *Chiesa, Azione Cattolica e Fascismo nell'Italia settentrionale durante il pontificato di Pio XI (1922–1939)*, pp. 505-25. Milão: Vita e Pensiero, 1979.

GANNON, Robert I. *The Cardinal Spellman Story*. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1962.
GARZONIO, Marco. *Schuster*. Casale Monferrato: Piemme, 1996.
GENTILE, Emilio. *Il Culto del Littorio*. Roma: Laterza, 1993.
———. *La via italiana al totalitarismo: Il partito e lo stato nel regime fascista*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1995.
———. *Fascismo, storia e interpretazione*. Roma: Laterza, 2002.
———. *Contro Cesare: Cristianesimo e totalitarianismo nell'epoca dei fascismi.* Milão: Feltrinelli, 2010.
GIBELLI, Antonio. "Opera nazionale ballila". In: DE GRAZIA, Victoria e LUZZATTO, Sergio (orgs.). *Dizionario del fascismo,* vol. 2, pp. 67-71. Turim: Einaudi, 2003.
GILBERT, Martin. *The Holocaust: A History of the Jews of Europe During the Second World War*. Nova York: Henry Holt, 1985.
GILLETTE, Aaron. "The Origins of the 'Manifesto of Racial Scientists'". *Journal of Modern Italian Studies*, v. 6, pp. 305-23, 2001.
———. *Racial Theories in Fascist Italy*. Londres: Routledge, 2002a.
———. "Guido Landra and the Offi ce of Racial Studies in Fascist Italy". *Holocaust and Genocide Studies*, v. 16, pp. 357-75, 2002b.
GODMAN, Peter. *O Vaticano e Hitler*. Trad. Evandro Ferreira e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
GOETZ, Helmut. *Il giuramento rifiutato: I docenti universitari e il regime fascista*. Trad. Loredana Melissari. Milão: La Nuova Italia, 2000. (orig. alemão, 1993).
GRANDI, Dino. *Il mio paese: Ricordi autobiografici*. Ed. Renzo De Felice. Bolonha: Il Mulino, 1985.
GUASCO, Alberto. "Un termine e le sue declinazioni: Chiesa cattolica e totalitarismi tra bibliografia e ricerca". In: GUASCO, Alberto e PERIN, Raffaella (org.). *Pius XI: Keywords*, pp. 91-106. Berlim: LIT Verlag, 2010.

———. "Tra segreteria di stato e regime fascista: Mons. Francesco Borgongini Duca e la nunziatura in Italia". In: *Le gouvernement pontifical sous Pie XI: Pratiques romaines et gestion de l'universel*. Ed. Laura Pettinaroli. No prelo, 2013.

HACHEY, Theodore. *Anglo-Vatican Relations, 1914–1939: Confidential Annual Reports of the British Ministers to the Holy See*. Boston: G. K. Hall, 1972.

HERF, Jeffrey. *Inimigo judeu: propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto.* Trad. Walter Solon. São Paulo: Edipro, 2014.

HERMET, Guy. "Pie XI, la République espagnole e la guerre d'Espagne." In: LEVILLAIN, Philippe (org.). *Achille Ratti pape Pie XI: Actes du colloque organisé par l'École française de Rome, Rome 15–18 mars 1989*, pp. 499- 527. Roma: École française de Rome. 1996.

HIBBERT, Christopher. *Mussolini: The Rise and Fall of Il Duce*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008.

HILAIRE, Yves-Marie. "Le Saint-Siège et la France, 1923–1939: Charles-Roux, un ambassadeur de politique étrangère". In: LEVILLAIN, Philippe (org.). *Achille Ratti pape Pie XI: Actes du colloque organisé par l'École française de Rome, Rome 15–18 mars 1989*, pp. 765-73. Roma: École française de Rome, 1996.

IGNESTI, Giuseppe. "Jacini, Stefano." *Dizionario biografi co degli italiani*, v. 61, pp. 767-79, 2004.

INNOCENTI, Marco. *I gerarchi del fascismo: Storia del ventennio attraverso gli uomini del Duce*. Milão: Mursia, 1992.

INSOLERA, Italo. *Roma moderna*. Turim: Einaudi, 1976.

ISRAEL, Giorgio. *Il fascismo e la razza: La scienza italiana e le politiche razziali del regime*. Bolonha: Il Mulino. 2010.

JOHNSON, Eric A. *Nazi Terror: The Gestapo, Jews, and Ordinary Germans*. Nova York: Basic Books, 1999.

KANTOWICZ, Edward R. *Corporation Sole: Cardinal Mundelein and Chicago Catholicism.* Notre Dame: University of Notre Dame Press,

1983.
KENT, Peter C. *The Pope and the Duce: The International Impact of the Lateran Agreements.* London: Macmillan, 1981.
———. "The Vatican and the Spanish Civil War". *European History Quarterly*, v. 16, pp. 441-64, 1986.
KERSHAW, Ian. *Hitler*. Trad. Pedro Maia Soares. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
———. *Hitler: 1936–1945 Nemesis*. Nova York: Norton, 2000.
KERTZER, David I. *Ritual, Politics, and Power.* New Haven, Conn.: Yale University Press, 1988.
———. *The Popes Against the Jews: The Vatican's Role in the Rise of Modern Anti- Semitism*. Nova York: Alfred A. Knopf. 2001.
———. *Prisoner of the Vatican: The Popes' Secret Plot to Capture Rome from the New Italian State*. Boston: Houghton Mifflin. 2004.
KERTZER, David I. e VISANI, Alessandro. "The United States, the Holy See and Italy's Racial Laws". In: KERTZER, David, GALLAGHER, Charles e MELLONI, Alberto (orgs.). *Pius XI and America*, pp. 327–41. Berlim: LIT Verlag, 2012.
LACROIX-RIZ, Annie. "Le rôle du Vatican dans la colonisation de l'Afrique (1920–1938): De la romanisation des missions à la conquête de l'Ethiopie". *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, v. 41, pp. 29-81, 1994.
LAMB, Richard. *Mussolini and the British*. Londres: John Murray, 1997.
LAZZARINI, Luigi. *Pio XI.* Sesto San Giovanni: Edizioni Barion, 1937.
LEDÓCHOWSKI, Włodzimierz. *Selected Writings of Father Ledochowski*. Chicago: American Assistancy of the Society of Jesus, 1945.
LEVILLAIN, Philippe. "Achille Ratti Pape Pie XI (1857–1939)". In: LEVILLAIN, Philippe (org.). *Achille Ratti pape Pie XI: Actes du colloque organisé par l'École française de Rome, Rome 15–18 mars 1989*, pp. 5-13. Roma: École française de Rome, 1996.

LOISEAU, Charles. "Ma mission auprès du Vatican (1914–1918)". *Revue d'histoire diplomatique*, v. 74, n. 2, pp. 100-15, 1960.
LUCONI, Stefano. *La "diplomazia parallela": Il regime fascista e la mobilitazione politica degli italo-americani*. Milão: Angeli, 2000.
———. "Fascist Antisemitism and Jewish-Italian Relations in the United States". *American Jewish Archives Journal*, v. 56, pp. 51-77, 2004.
LUDWIG, Emil. *Talks with Mussolini*. Boston: Little Brown, 1933.
LUZZATTO, Sergio. *Il corpo del duce*. Turim: Einaudi, 1998.
———. *Padre Pio: Miracles and Politics in a Secular Age*. Trad. Frederika Randall. Nova York: Henry Holt, 2010.
LYTTLETON, Adrian. *The Seizure of Power: Fascism in Italy 1919–1929*. 2ª ed. Princeton: Princeton University Press, 1987.
MACK SMITH, Denis. *Mussolini*. Nova York: Vintage, 1982.
———. "Mussolini cent'anni dopo: quale eredità?" In: MACK SMITH, Denis (org.). *Mussolini, il Duce: Quattrocento immagini della vita di un uomo e di vent'anni di storia italiana*, pp. 5-10. Milão: Gruppo Editoriale Fabbri, 1983.
MACKINNON, Albert G. *Things Seen in Rome*. Londres: Seeley, Service & Co, 1927.
MAIOCCHI, Roberto. "Manifesto degli Scienziati razzisti". In: DE GRAZIA, Victoria e LUZZATTO, Sergio (orgs.). *Dizionario del fascismo,* v. 2, pp. 87-88. Turim: Einaudi, 2003.
MALGERI, F. "Chiesa cattolica e regime fascista". *Italia contemporânea*, v. 194, pp. 53-63, 1994.
MARGIOTTA BROGLIO, F. *Italia e Santa Sede dalla grande guerra alla Conciliazione: Aspetti politici e giuridici.* Bari: Laterza, 1966.
MARTIN, Jacques. "Témoignage sur le pontificat de Pie XI". In: LEVILLAIN, Philippe (org.). *Achille Ratti pape Pie XI: Actes du colloque organisé par l'École française de Rome, Rome 15–18 mars 1989*. Roma: École française de Rome, 1996.

MARTINA, Giacomo. *La Chiesa nell'età dell'assolutismo, del liberalismo, del totalitarismo,* v. 4, *La chiesa nell'età del totalitarismo.* Bréscia: Morcelliana, 1978.

———. "La mancata nomina cardinalizia del P. Tacchi Venturi. Relazione dell'interessato". *Archivium historicum Societatis Iesu*, v. 129, pp. 101-9, 1996.

———. *Storia della Compagnia di Gesù in Italia (1814–1983)*. Bréscia: Morcelliana, 2003.

MARTINI, Angelo. "Gli accordi per l'Azione Cattolica del 2 settembre 1931". *Civiltà cattolica,* I, pp. 574-91, 1960a.

———. "Pietro Gasparri Cardinale della Conciliazione". *Civiltà cattolica*, I, pp. 113-31. 1960b.

———. "L'ultima battaglia di Pio XI". In: MARTINI, Angelo (org.). *Studi sulla questione romana e la conciliazione*. Rome: Cinque Lune, 1963.

MARYKS, Robert A. 2011. *Pouring Jewish Water into Fascist Wine.* Leiden: Brill.

———. "The Jesuit Pietro Tacchi Venturi and Mussolini's Racial Laws". In: KERTZER, David, GALLAGHER, Charles e MELLONI, Alberto (orgs.). *Pius XI and America*. Berlim: LIT Verlag, 2012.

MATARD-BONUCCI, Marie-Anne. *L'Italia fascista e la persecuzione degli ebrei*. Trad. Andrea De Ritis. Bolonha: Il Mulino, 2008. (orig. francês, 2007.)

MCCORMICK, Anne. *Vatican Journal 1921–1954*. Nova York. Farrar, Straus and Cudahy, 1957.

MICCOLI, Giovanni. 1973. "La Chiesa e il fascismo." In: QUAZZA, Guido (org.). *Fascismo e società italiana*, pp. 185-208. Turim: Einaudi.

———. "Santa sede e chiesa italiana di fronte alle leggi antiebraiche del 1938". *Studi Storici*, v. 29, pp. 821-902, 1988.

———. "Chiesa cattolica e totalitarismi". In: FERRONE, Vincenzo (org.). *La Chiesa cattolica e il totalitarismo*, pp. 1-26. Florença: Olschki, 2004.
MICHELER, Stefan. "Homophobic Propaganda and the Denunciation of Same-Sex-Desiring Men Under National Socialism". In: DAGMAR, Herzog (org.). *Sexuality and German Fascism*, pp. 95-130. Nova York e Oxford: Berghahn, 2005.
MILZA, Pierre. *Mussolini*. Trad. Alessandra Bonrruquer e Gleuber Vieira, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, c.2012.
MOCKLER, Anthony. *Haile Selassie's War.* Nova York: Olive Branch Press, 2003 [1984].
MOLONY, John N. *The Emergence of Political Catholicism in Italy: Partito Popolare 1919–1926*. Londres: Croom Helm, 1977.
MONELLI, Paolo. *Mussolini: An Intimate Life*. Londres: Thames and Hudson, 1953.
MORGAN, Thomas B. *A Reporter at the Papal Court: A Narrative of the Reign of Pope Pius XI.* Nova York: Longmans, Green, 1939.
———. *Spurs on the Boot: Italy Under her Masters*. Nova York: Longmans, Green, 1941.
———. *The Listening Post: Eighteen Years on Vatican Hill*. Nova York: Putnam, 1944.
MORO, Renato. "Azione Cattolica, clero e laicato di fronte al fascismo". In: MALGERI, Francesco (org.). *Storia del Movimento Cattolico in Italia,* v. 4, pp. 87-378. Roma: Poligono, 1981.
———. "Cattolicesimo e italianità. Antiprotestantismo e antisemitismo nell'Italia cattolica". In: ACERBI, A. (org.). *La Chiesa e l'Italia*., pp. 307-39. Milão: Vita e Pensiero, 2003.
———. "Religione del trascendente e religioni politiche: Il cattolicesimo italiano di fronte alla sacralizzazione fascista della politica". *Mondo contemporâneo*, v. 1, pp. 967, 2005.

———. "Le chiese e la modernità totalitaria". In: FILORAMO, Giovanni e MENOZZI, Daniele (orgs.). *Le religioni e il mondo moderno,* v. 1, *Cristianesimo*, pp. 418- 51. Turim: Einaudi, 2008.

MOROZZO DELLA ROCCA, Roberto. "Achille Ratti e la Polonia." In: LEVILLAIN, Philippe (org.). *Achille Ratti pape Pie XI: Actes du colloque organisé par l'École française de Rome, Rome 15–18 mars 1989*, pp. 95-122. Roma: École française de Rome, 1996.

MOSELEY, Ray. *O Conde Ciano: sombra de Mussolini: seu genro e ministro do exterior.* Trad. Gleuber Vâieira. São Paulo: Globo, 2012.

MOTTI, Lucia. "Mussolini, Rachele". In: DE GRAZIA, Victoria e LUZZATTO, Sergio (orgs.). *Dizionario del fascismo* v. 2, pp. 197-200. Turim: Einaudi, 2003.

MUGGERIDGE, Malcolm, (org.). *Ciano's Diplomatic Papers*. Londres: Odhams Press, 1948.

MUGHINI, Giampiero. *A Via della Mercede c'era un razzista: pittori e srittori in camicia nera... lo strano "caso" di Telesio Interlandi.* Milão. Rizzoli. 1991.

MUÑOZ, Antonio. "Ricordo del padre Ledóchowski". *L'Urbe*, v. 7 n. 11-12, pp. 2-7, 1942.

MUSSOLINI, Benito. *Gli Accordi del Laterano*. Roma: Libreria del Littorio, 1929.

MUSSOLINI, Edvige. *Mio fratello Benito*. Florença: La Fenice, 1957.

MUSSOLINI, Rachele. *Mussolini: An Intimate Biography by His Widow*, as told to Albert Zarca. Nova York: Morrow, 1974.

MUSSOLINI, Romano. *My Father, il Duce*. San Diego: Kales Press, 2006 [2004].

NARDELLI, Fabio. *I periodici cattolici bolognesi e gli ebrei durante il periodo fascista*. Tesi, Università di Bologna, Facoltà di Scienze Politiche (relatore: Mauro Pesce), 1996.

NAVARRA, Quinto. *Memorie del cameriere di Mussolini*. Nápoles: L'ancora del mediterrâneo, 2004 [1946].

NENOVSKY, Nikolay, PAVANELLI, Giovanni e DIMITROVA, Kalina. "Exchange Rate Control in Italy and Bulgaria in the Interwar Period: History and Perspectives." Artigo n. 13, Second Conference of the South-Eastern European Monetary History Network. 2007.
NIDAM-ORVIETO, Iael. "The Impact of Anti- Jewish Legislation on Everyday Life and the Response of Italian Jews, 1938–1943". In: ZIMMERMAN, Joshua D (org.). *Jews in Italy Under Fascist and Nazi Rule, 1922–1945*, pp. 158-81. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
NOBILI, Elena. "Vescovi lombardi e consenso alla guerra: il cardinale Schuster". In: BOTTONI, Riccardo (org.). *L'impero fascista: Italia e Etiopia (1935–1941)*, pp. 267-85. Bolonha: Il Mulino, 2008.
NOEL, Gerald. *Pius XII: The Hound of Hitler*. Londres: Continuum, 2008.
ONOFRI, Nazario Sauro. *Ebrei e fascismo a Bologna*. Crespellano (BO): Grafica Lavino, 1989.
O'SHEA, Paul. *A Cross Too Heavy: Pope Pius XII and the Jews of Europe*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2011.
OJETTI, Ugo. *Cose viste 1934–1938,* v. 7. Milão: Mondadori, 1939.
ORLANDO, Vittorio Emanuele. *Rome v/s Rome: "A Chapter of My War Memoirs".* Trad. Clarence Beardslee. Nova York: Vanni, 1937.
OTTAVIANI, Alfredo. "Pio XI e i suoi Segretari di Stato". In: COLOMBO, Carlo, BASADONNA, Ernesto, RIMOLDI, Antonio e ROVERA, Virginio (orgs.). *Pio XI nel trentesimo della morte (1939–1969): Raccolta di studi e di memorie*, pp. 491-508. Milão: Opera diocesana per la preservazione e diffusione della fede. 1969.
PACELLI, Francesco. *Diario della Conciliazione: Con verbali ed appendice di documenti*. Edited by Michele Maccarrone. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticano, 1959.
PAGANO, Sergio. "Dalla porpora al chiostro. L'infl essibilità di Pio XI verso il cardinale Louis Billot". In: AUBERT, Roger, DELVILLE,

Jean-Pierre, JAČOV, Marko, COURTOIS, Luc, ROSART, Françoise e ZELIS, Guy (orgs.). *La Papauté contemporaine, XIXe–XXe siècles—Il Papato contemporaneo, secoli XIX–XX: Hommage au chanoine Roger Aubert*, pp. 395-410. Louvain-la-Neuve-Leuven: Collège Érasme, 2009.

———. "Presentazione". In: CHAPPIN, Marcel, COCO, Giovanni e PAGANO, Sergio (orgs.). *I «Fogli di Udienza» del Cardinale Eugenio Pacelli Segretario di Stato*, pp. xi-xxv. Cidade do Vaticano: Archivio Segreto Vaticano, 2010.

PAINTER, Borden. *Mussolini's Rome: Rebuilding the Eternal City.* Nova York: Palgrave Macmillan, 2005.

PAPIN, Chanoine. *Le dernier étage du Vatican: Témoignage de Pie XI à Paul VI*. Paris: Albatross, 1977.

PARDINI, Giuseppe. *Roberto Farinacci ovvero della rivoluzione fascista*. Florence: Le Lettere. 2007.

PAROLA, Alessandro. "Epurare l'Università Cattolica? Il processo per filofascismo a carico di Agostino Gemelli". *Passato e presente*, v. 21/60, pp. 81-91, 2003.

PARSONS, Gerald. "A National Saint in a Fascist State: Catherine of Siena ca. 1922–1943." *Journal of Religious History*, v. 32, pp. 76-95, 2008.

PASSELECQ, Georges e SUCHECKY, Bernard. *A encíclica escondida de Pio XI: uma oportunidade perdida pela Igreja diante do anti-semitismo*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PAVAN, Ilaria. "Fascismo, antisemitismo, razzismo. Un dibattito aperto." In: MENOZZI, Daniele e MARIUZZO, Andrea (orgs.). *A settant'anni dalle leggi razziali*, pp. 31-52. Roma: Carocci, 2010.

PEASE, Neal. 2009. *Rome's Most Faithful Daughter: The Catholic Church and Independent Poland, 1914–1939*. Athens: Ohio University Press.

PERIN, Raffaella. 2010. "Pregiudizio antiebraico e antiprotestante: Alcuni riflessi sull'atteggiamento della chiesa verso il fascismo". In:

GUASCO, Alberto e PERIN, Raffaella (orgs.). *Pius XI: Keywords*, pp. 147-62. Berlim: LIT Verlag.

———. "La Chiesa veneta e le minoranze religiose (1918–1939)". In: PERIN, Raffaella (org.). *Chiesa cattolica e minoranze in Italia nella prima metà del Novecento*, pp. 133-223. Roma: Viella, 2011.

PETACCI, Clara. *Mussolini segreto: Diari 1932–1938*. Ed. Mauro Suttora. Milão: Biblioteca Universale Rizzoli, 2010.

———. *Verso il disastro: Mussolini in guerra: Diari 1939–1940*. Milão: Rizzoli, 2011.

PHILLIPS, William. *Ventures in Diplomacy*. Boston: Beacon, 1952.

PICARDI, Luigi. *Cattolici e fascismo nel Molise (1922–1943)*. Roma: Edizioni Studium 1995.

PINCUS, Benjamin. *The Jews of the Soviet Union*. Nova York: Cambridge University Press, 1988.

PIRRI, Pietro. "Per una storia del Card. Pietro Gasparri". In: FIORELLI, L. (org.). *Il cardinale Pietro Gasparri*, pp. 31-61. Roma: Pontificia Università Lateranense, 1960.

PIZZUTI, G. M. "Da Benedetto XV a Pio XI. Il Conclave del febbraio 1922 nel suo significato politico-religioso e nei suoi riflessi sulla storia d'Europa del ventesimo secolo." *Humanitas*, v. 47, pp. 99-115, 1992.

POGGI, Gianfranco. 1967. *Catholic Action in Italy: The Sociology of a Sponsored Organization*. Stanford, Calif.: Stanford University Press,

POLLARD, John F. *The Vatican and Italian Fascism, 1929–1932.* Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

———. *The Unknown Pope: Benedict XV and the Pursuit of Peace*. Londres: Wellington House, 1999.

———. "American Catholics and the Financing of the Vatican in the Great Depression: Peter's Pence Payments (1935–1938)". In: KERTZER, David, GALLAGHER, Charles e MELLONI, Alberto (orgs.). *Pius XI and America*, pp. 195-208. Berlim: LIT Verlag. 2012.

POTTER, Olave. *The Colour of Rome*. Ilust. Yoshio Markino. Londres: Chatto and Windus, 1925.
PRESENTI, Antonio. "I contrasti tra il fascismo e la Chiesa nella diocesi di Bergamo negli anni 1937–1938". In: PECORARI, Paolo (org.). *Chiesa. Azione Cattolica e Fascismo nell'Italia settentrionale durante il pontificato di Pio Xi (1922–1939): Atti del quinto convegno di storia della chiesa, Torreglia, 25–27 marzo 1977*, pp. 535-63. Milão: Vita e Pensiero, 1979.
PRÉVOTAT, Jacques. *Les catholiques et l'Action Française: Histoire d'une condamnation 1899–1939*. Paris: Fayard, 2001.
PURICELLI, Carlo. "Le radici brianzole di Pio XI". In: LEVILLAIN, Philippe (org.). *Achille Ratti pape Pie XI: Actes du coloque organisé par l'École française de Rome, Rome 15–18 mars 1989*, pp. 25-52. Roma: École française de Rome, 1996.
RAFANELLI, Leda. *Una donna e Mussolini*. Milão: Rizzoli, 1975.
RANFAGNI, Paolo. *I clerico-fascisti: Le riviste dell'Università cattolica negli anni del regime*. Florença: Cooperativa editrice universitaria. 1975.
RATTI, Achille. *Climbs on Alpine Peaks*. Trad. J. Eaton. Boston: Houghton Mifflin, 1923.
RAUSCHER, Walter. *Hitler e Mussolini*. Trad. Loredana Battaglia e Maria Elena Benemerito. Roma: Newton and Compton, 2004. (orig. alemão 2001.)
REESE, Thomas J. *O Vaticano por dentro: a política e a organização da Igreja Católica*. Trad. Magda Lopes. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
REINERI, Mariangiola. *Cattolici e fascismo a Torino 1925–1943*. Milão: Feltrinelli, 1978.
RHODES, Anthony. *The Vatican in the Age of the Dictators, 1922–1945*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1974.
RICCARDI, Andrea. "Tardini, Domenico". In: TRANIELLO, Francesco e CAMPANINI, Giorgio (orgs.). *Dizionario storico del movimento cattolico in Italia, 1860–1980*, v. 3. Casale Monferrato: Marieti, 1982.

———. "Pio XI e l'episcopato italiano". In: LEVILLAIN, Philippe (org.). *Achille Ratti pape Pie XI: Actes du colloque organisé par l'École française de Rome, Rome 15–18 mars 1989*, pp. 529-48. Roma: École française de Rome, 1996.

RIGANO, Gabriele. "Note sull'antisemitismo in Italia prima del 1938". *Storiografia*, v. 12, pp. 215-67, 2008.

ROBERTI, Francesco. "Il Cardinal Pietro Gasparri—L'uomo—Il sacerdote—Il diplomatico—Il giurista". In *Miscellanea in memoriam Petri Card. Gasparri*. Pp. 5-43. Roma: Pontificia Universitas Lateranensis, 1960.

ROCHAT, Giorgio. *Regime fascista e chiese evangeliche: Direttive e articolazioni del controlo e della repressione*. Turim: Claudiana, 1990.

ROGARI, Sandro. *La Santa Sede e fascismo dall'Aventino ai Patti lateranensi.* Bolonha: Forni, 1977.

ROMERSA, Luigi. "Premessa" e "Conclusione." In: DE VECCHI, Cesare, *Il Quadrumviro scomodo*. Ed. Luigi Romersa, pp. 5-13, 265-73. Milão: Mursia, 1983.

RUMI, Giorgio e MAJO, Angelo. *Il cardinal Schuster e il suo tempo*. 2ª ed. Milão: Massimo-NED, 1996.

RUYSSCHAERT, José. "Pie XI, un bibliothécaire devenu pape et resté bibliothecaire". In: LEVILLAIN, Philippe (org.). *Achille Ratti pape Pie XI: Actes du colloque organisé par l'École française de Rome, Rome 15–18 mars 1989*, pp. 245-53. Roma: École française de Rome, 1996.

SALE, Giovanni. *Fascismo e Vaticano prima della Conciliazione*. Milão: Jaca Books, 2007.

———. *Le leggi razziali in Italia e il Vaticano*. Milão: Jaca Books, 2009.

SALVATORELLI, Luigi. *Pio XI e la sua eredità pontifi cale*. Turim: Einaudi, 1939.

SANTARELLI, Enzo. "De Vecchi, Cesare Maria". *Dizionario biografico degli italiani*, v. 39, pp. 522-31, 1991.

SARESELLA, Daniela. "Le riviste cattoliche italiane di fronte alla guerra d'Etiopia". *Rivista di Storia Contemporanea*, v. 19, pp. 447-464, 1990.
SARFATTI, Michele. *La Shoah in Italia: La persecuzione degli ebrei sotto il fascismo.* Turim: Einaudi, 2005.
———. *Gli ebrei nell'Italia fascista.* Turim: Einaudi, 2006.
SCADUTO, Mario. "Il P. Pietro Tacchi Venturi, 1861–1956." *Civiltà cattolica*, II, pp. 47-57, 1956.
SCHAD, Martha. *La signora del Sacro Palazzo: Suor Pascalina e Pio XII*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2008.
SCOPPOLA, Pietro. *La Chiesa e il fascismo: Documenti e interpretazioni.* Bari: Editori Laterza, 1976.
———. "La Chiesa e il fascismo durante il pontifi cato di Pio XI". In: SCOPPOLA, Pietro (org.). *Coscienza religiosa e democrazia nell'Italia contemporanea*, pp. 362-418. Bolonha: Il Mulino, 1966.
SELDES, George. *Sawdust Caesar: The Untold History of Mussolini and Fascism*. Nova York: Harper, 1935.
SPADOLINI, Giovanni, (org.). *Il cardinale. Gasparri e la questione romana, con brani dele memorie inedite.* Florença: Le Monnier, 1972.
SPINI, Giorgio. *Italia di Mussolini e protestanti*. Pref. Carlo Azeglio Ciampi. Ed. Stefano Gagliano. Turim: Claudiana. 2007.
STARR, Joshua. "Italy's Antisemites". *Jewish Social Studies*, v. 1, pp. 105-4, 1939.
STEIGMANN-GALL, Richard. *O santo Reich: concepções nazistas do cristianismo, 1919-1945.* Trad. Claudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
STURZO, Luigi. *Italy and Fascism*. Trad. Barbara Carter. Nova York: Harcourt, 1926.
TALBOT, George. *Censorship in Fascist Italy, 1922–1943*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2007.

TARDINI, Domenico. "Diario Inedito (1933–1936)". In: CASULA, Carlo Felice (org.). *Domenico Tardini, 1888–1961: L'azione della Santa Sede nella crisi fra le due guerre*, pp. 291-390. Roma: Studium, 1988.
TERHOEVEN, Petra. *Oro alla patria: Donne, guerra e propaganda nella giornata della fede fascista.* Bolonha: Il Mulino, 2006.
TISSERANT, Eugène. "Pius XI as Librarian." *Library Quarterly*, v. 9, pp. 389-403, 1939.
TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: Eugenio Pacelli, un uomo sul trono di Pietro*. Milão: Mondadori, 2007.
TOSCHI, Umberto. "The Vatican City State from the Standpoint of Political Geography". *Geographical Review*, v. 21, pp. 529-38, 1931.
TRAMONTIN, Silvio. "Pietro Tacchi-Venturi". In: TRANIELLO, Francesco e CAMPANINI, Giorgio (orgs.). *Dizionario storico del movimento cattolico in Italia,* v. 2, pp. 631-33. Milan: Marietti, 1982.
TRANFAGLIA, Nicola. *La stampa del regime 1932–1943: Le veline del Minculpop per orientare l'informazione*. Milão: Bompiani, 2005.
TRISCO, Robert. "The Holy See and Cardinal Mundelein's Insult of Hitler (1937)". In: KERTZER, David, GALLAGHER, Charles e MELLONI, Alberto (orgs.). *Pius XI and America*, pp. 155-94. Berlim: LIT Verlag, 2012.
TRONEL, Jacky. "Magda Fontages, maîtresse du Duce, écrouée à Mauzac (Dordogne)". *Arkheia, Revue d'histoire,* pp. 17-18, 2007.
TURI, Gabriele. *Il mecenate, il filosofo e il gesuita*. Bolonha: Il Mulino, 2002.
URSO, Simona. *Margherita Sarfatti: Da mito del dux al mito americano*. Veneza: Marsilio, 2003.
VAVASSEUR-DESPERRIERS, Jean. "La presse française à l'avant–veille du Conclave (24–28 janvier 1922)." In: In: LEVILLAIN, Philippe (org.). *Achille Ratti pape Pie XI: Actes du colloque organisé par l'École française de Rome, Rome 15–18 mars 1989*, pp. 125-45. Roma: École française de Rome, 1996.

VECCHIO, Giorgio. "Achille Ratti, il movimento cattolico, lo stato liberale". In: LEVILLAIN, Philippe (org.). *Achille Ratti pape Pie XI: Actes du colloque organisé par l'École française de Rome, Rome 15–18 mars 1989*, pp. 69-88. Roma: École française de Rome, 1996.

VENINI, Diego. *Venini, collaboratore di Pio il Grande: Diari 1923–1939*. Ed. Franco Cajani. Milão: GR Edizioni, 2004.

VENTRESCA, Robert A. "Irreconcilable Differences? Pius XI, Eugenio Pacelli, and Italian Fascism from the Ethiopian Crisis to the Racial Laws". In: KERTZER, David, GALLAGHER, Charles e MELLONI, Alberto (orgs.). *Pius XI and America*, pp. 285-302. Berlim: LIT Verlag, 2012.

———. *Soldier of Christ: The Life of Pope Pius XII*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2013.

VERUCCI, Guido. *La Chiesa nella società contemporanea*. Bari: Laterza, 1988.

VIAN, Giovanni. "La Santa Sede e la massoneria durante il pontificato di Pio XI". In: PERIN, Raffaella (org.). *Chiesa cattolica e minoranze in Italia nella prima metà del Novecento*, pp. 105-32. Roma: Viella, 2011.

VIVARELLI, Roberto. "Le leggi razziali nella storia del fascismo italiano". *Rivista storica italiana*, v. 121, pp. 738-72, 2009.

VON BÜLOW, Bernhard. *Memoirs of Prince Von Bulow*. Ed. Geoffrey Dunlop. Wilmington, Ohio: Frazer Press, 2007.

WILK, Stanislaus, (org.). *Achille Ratti (1918–1921), Acta Nuntiaturae Polonae*. Tomus 57, vols. 1-6. Roma: Institutum Historicum Polonicum, 1995–2000.

WOLF, Hubert. *The Pope and the Devil*. Trad. Kenneth Kronenberg. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2010.

WOLFF, Richard J. "Giovanni Battista Montini and Italian Politics, 1897–1933: The Early Life of Pope Paul VI". *Catholic Historical Review*, v. 71, pp. 228-247, 1985.

ZAMBARBIERI, Annibale. "Buonaiuti, Ernesto". In: TRANIELLO, Francesco e CAMPANINI, Giorgio (orgs.). *Dizionario storico del movimento cattolico in Italia 1860–1980,* v. 2, pp. 58-66. Milão: Marietti, 1982a.

———. "Colombo, Luigi". In: TRANIELLO, Francesco e CAMPANINI, Giorgio (orgs.). *Dizionario storico del movimento cattolico in Italia 1860–1980,* v. 2, pp. 112-17. Milão: Marietti, 1982b.

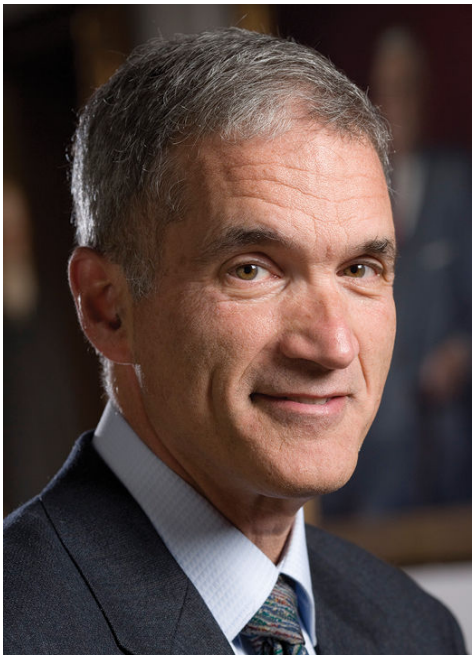
CRÉDITOS DAS IMAGENS

1. Archivio Bruni/Gestione Archivi Alinari (Mussolini); Archivi Alinari, Firenze (Pius XI).
2. L'Illustrazione Italiana, 19 de fevereiro de 1939.
3. Mondadori/Mondadori/Getty Images.
4. L'Illustrazione Italiana, 5 de novembro 1922.
5. Raccolte Museali Fratelli Alinari (RMFA)-collezione Malandrini, Firenze.
6. L'Illustrazione Italiana, 8 de outubro de 1922.
7. L'Illustrazione Italiana, 17 de fevereiro de 1929.
8. Archivum Romanum Societatis Iesu, Institutum Historicum Societatis Iesu, Archivio Fotografico Lamalle.
9. Archivio Bruni/Gestione Archivi Alinari, Firenze.
10. Caulfield McKnight Collection, Art, Architecture and Engineering Library Special Collections, University of Michigan.
11. Caulfield McKnight Collection, Art, Architecture and Engineering Library Special Collections, University of Michigan.
12. Caulfield McKnight Collection, Art, Architecture and Engineering Library Special Collections, University of Michigan.
13. Su concessione del Ministero per i Beni e le attività culturali, Archivio Centrale dello Stato, Fototeca, PNF, Ufficio propaganda, Attività del Duce, 1929.
14. L'Illustrazione Italiana, 30 de junho de 1929.
15. L'Illustrazione Italiana, 17 de junho de 1929.
16. L'Illustrazione Italiana, 14 de julho de 1929.
17. Raccolte Museali Fratelli Alinari (RMFA), Firenze.

18. Ullstein Bild / Archivi Alinari.
19. Caulfield McKnight Collection, Art, Architecture and Engineering Library Special Collections, University of Michigan.
20. La Domenica del Corriere, Fondazione Rizzoli Corriere della Sera.
21. DeA Picture Library, concesso in licenza ad Alinari.
22. Archivum Romanum Societatis Iesu, Institutum Historicum Societatis Iesu, Archivio Fotografico Lamalle.
23. Ullstein Bild / Archivi Alinari.
24. L'Illustrazione Italiana, 5 de março de 1939.
25. Su concessione del Ministero per i Beni e le attività culturali, Archivio Centrale dello Stato, Fototeca, PNF, Ufficio propaganda, Attività del Duce, 1937.
26. L'Illustrazione Italiana, 7 de novembro de 1937.
27. Su concessione del Ministero per i Beni e le attività culturali, Archivio Centrale dello Stato, Fototeca, PNF, Ufficio propaganda, Attività del Duce, 1937.
28. L'Illustrazione Italiana, 6 de março de 1938.
29. Su concessione del Ministero per i Beni e le attività culturali, Archivio Centrale dello Stato, Fototeca, PNF, Ufficio propaganda, Attività del Duce, 1934.
30. L'Illustrazione Italiana, 17 de março de 1938.
31. Istituto Luce, Gestione Archivi Alinari, Firenze.
32. Raccolte Museali Fratelli Alinari (RMFA), Firenze.
33. Keystone/ Hulton Archive/ Getty Images.
34. Reproduzido com a permissão do Archivio Famiglia Pignatti Morano.
35. Su concessione del Ministero per i Beni e le attività culturali, Archivio Centrale dello Stato, Fototeca, PNF, Ufficio propaganda, Attività del Duce, 1938.
36. Mondadori/ Mondadori/Getty Images.
37. La Difesa della Razza, 20 de novembro de 1939.

38. L’Illustrazione Italiana, 19 de novembro de 1939.
39. Stringer/ Hulton Archive/ Getty Images.
40. L’Illustrazione Italiana, 12 de novembro de 1939.

SOBRE O AUTOR



© Rene Perez

DAVID I. KERTZER é professor de ciências sociais, antropologia e estudos italianos na Universidade Brown, nos Estados Unidos. Autor de nove livros e ganhador do Prêmio Pulitzer em 2015, já recebeu duas vezes o Prêmio Marraro da Society for Italian Historical Studies — concedido aos melhores trabalhos sobre a história da Itália — e foi finalista do National Book Award. Kertzer mora com a esposa em Providence, no estado americano de Rhode Island.

LEIA TAMBÉM



O hotel na Place Vendôme
Tilar J. Mazzeo



Alerta vermelho
Bill Browder